

RAFAELA SALES GOULART

TRADIÇÃO COMO MISSÃO:

história da preservação da memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital
(SP)

ASSIS

2023

RAFAELA SALES GOULART

TRADIÇÃO COMO MISSÃO:

história da preservação da memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital
(SP)

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, como requisito para a obtenção do título de doutora em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientadora: Dra. Fabiana Lopes da Cunha

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Número do Processo: 88887.514199/2020-00

ASSIS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

G694t Goulart, Rafaela Sales
Tradição como missão : história da preservação da memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital (SP) / Rafaela Sales Goulart. — Assis, 2023
365 p. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Fabiana Lopes da Cunha

1. Historia oral. 2. Festas religiosas - Ourinhos (SP).
3. Festas religiosas - Palmital (SP). 4. Folia de Reis - Ourinhos (SP). 5. Folia de Reis - Palmital (SP). I. Título.

CDD 907.2



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE RAFAELA SALES GOULART, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 13 dias do mês de dezembro do ano de 2022, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de RAFAELA SALES GOULART, intitulada **TRADIÇÃO COMO MISSÃO: história da preservação da memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital (SP)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. FABIANA LOPES DA CUNHA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Historia / UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. REGINA DO REGO MONTEIRO DEABREU (Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UNIRIO, Profa. Dra. ELIZABETH JOHANSEN (Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UEPG/Ponta Grossa, Profa. Dra. CÉLIA REIS CAMARGO (Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. ZÉLIA LOPES DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL-Assis. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovada e, por unanimidade, a banca indicou o trabalho para publicação pela qualidade e ineditismo do mesmo. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. FABIANA LOPES DA CUNHA

Aos diversos trabalhadores da cultura do Brasil
E pelo direito à cultura e à memória

AGRADECIMENTOS

O que eu sou / eu sou em par / não cheguei / não cheguei sozinho
Lenine e Posada

Ao meu companheiro de vida: Michael, pela cumplicidade, respeito e por todo suporte emocional nesses últimos anos. Amo você!

À minha família: Fátima, Roberto, Renata, Roberta, Amanda, Pedro, Áurea, Benjamin, Alice, Angelo, Lindolfo, Eunice, Reinaldo, Maria, Silvio, Michelly e Dario, pelo amor, carinho e torcida sempre. Amo vocês!

Aos devotos e foliões que abriram as portas das suas casas para me receber e compartilhar parte de suas histórias de vida. Eu aprendi muito com vocês! Todo o meu respeito e afeto sempre!

À minha orientadora: Fabiana Lopes da Cunha, pelo respeito, amizade e compartilhamento de saberes. Obrigada por acreditar em mim desde o mestrado!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fundamental financiamento dessa pesquisa acadêmica (Nº do Processo: 88887.514199/2020-00). Viva a ciência no Brasil e viva os estudos nas áreas de história e cultura, inclusive, os de natureza local!

Às professoras: Célia Reis Camargo, Elizabeth Johansen, Regina do Rego Monteiro de Abreu e Zélia Lopes da Silva, pelas leituras atentas e generosas que fizeram do meu trabalho nas bancas de qualificação e defesa da tese. Muito obrigada pelo fortalecimento dessa pesquisa!

Às amigas construídas durante minha trajetória acadêmica, especialmente: Dilene, Jow, Camila, Val, Emilla, Diego, Celso, Milena, Vinícius e Aline, pelas conversas e trocas de experiências que vão além da “bolha”. Todo o meu carinho a vocês!

*A bandeira dos Três Reis oilarai
Vem parar em vossas mãos (2x)
Trazendo paz e saúde oilarai
A todos que aqui estão (2x)
Obrigado a mais um ano oilarai
Por cumprir sua missão (2x)
Vou falar com o senhor oilarai
Venha prestar atenção (2x)
Peço a vossa licença oilarai
Pra passar por seu portão (2x)
Caminhando, caminhando oilarai
Em forma de procissão (2x)
O que faz pra Santos Reis oilarai
Pai do céu dá a benção (2x)
Parabéns pelo casal oilarai
Por sua grande devoção (2x)
O que faz pra Santos Reis oilarai
Deus aumenta a porção (2x)
Vou parar a cantoria oilarai
Pra pegar em vossas mãos (2x)
Viva à Santos Reis
Viva!*

Foliões da Companhia de Reis Água das Anhumas – Palmital (SP)

GOULART, Rafaela Sales. **Tradição como missão**: história da preservação da memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital (SP). 2023. 365f. Tese – (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2023.

RESUMO

Esta tese procura compreender como as Folias de Reis foram preservadas em Ourinhos e Palmital, identificando os elementos – acontecimentos, instrumentos e ações – utilizados pelos sujeitos e grupos (Bandeiras de Santos Reis de Ribeirão Grande; Companhia de Reis Água das Anhumas; Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr.; Companhia de Reis Três Ilhas) na construção da sua memória e identidade. Para isso, inicialmente foram revisitados alguns debates acerca do recente processo de reconhecimento dos bens culturais de natureza imaterial, evidenciando os mecanismos institucionais (legislações, processos, projetos) que permitiram tal ação que impulsionou pesquisas acadêmicas sobre a temática a partir dos anos 2000, bem como o Processo de Instrução para Registro das Folias de Reis do Estado de São Paulo como patrimônio cultural do Brasil, iniciado em 2020. Procurou-se perceber como essa história refletiu no local de estudo, tangenciando legislações e políticas de preservação nos municípios. Ademais, a metodologia qualitativa da história oral foi escolhida para o levantamento de fontes diversas (entrevistas, faixas musicais transcritas, imagens, livretos, *podcasts* e vídeos) acerca das memórias das Folias de Reis em questão. Como resultado, a pesquisa não encontrou legislações e projetos municipais que visem o reconhecimento e salvaguarda de patrimônios culturais de natureza imaterial, mas apontou problemáticas na condução de políticas de preservação daqueles de natureza material, bem como evidenciou que a forma local de reconhecimento das Folias de Reis é feita somente em calendários oficiais que as identificam como tradições folclóricas e turísticas. Em meio a conexões sociais diversas, porém, esses reconhecimentos foram apropriados pelos sujeitos e grupos, contribuindo à defesa da memória e identidade das Folias de Reis enquanto tradições importantes aos municípios, bem como na elaboração de ações que deram autonomia aos grupos no que diz respeito aos direcionamentos da preservação da celebração, como no caso da criação de Associações e do estabelecimento de lugar próprio ao festejo. Tais constatações demonstram como algumas Folias de Reis estão sendo mantidas no interior do Brasil, apontando para a importância dos estudos acadêmicos locais e com metodologias qualitativas, na reflexão sobre as ações e demandas coletivas e culturais, tendo em vista o processo de constituição de futuras políticas públicas municipais na área do patrimônio cultural, sobretudo, em municípios historicamente recentes.

Palavras-chave: História; Festas religiosas – Ourinhos e Palmital (SP); História Oral.

GOULART, Rafaela Sales. **Tradition as a mission:** history of preserving the memory and identity of the *Folias de Reis* in Ourinhos and Palmital (SP). 2023. 365f. Thesis - (Doctorate in History) - Faculty of Sciences and Letters, Paulista State University, Assis, 2023.

ABSTRACT

This thesis seeks to understand how the *Folias de Reis* were preserved in Ourinhos and Palmital, identifying the elements – events, instruments, and actions – used by subjects and groups (*Bandeiras de Santos Reis de Ribeirão Grande; Companhia de Reis Água das Anhumas; Companhia de Reis Family Faceiros and Faceiros Jr.; Companhia de Reis Três Ilhas*) in the construction of its memory and identity. For this, initially, some debates about the recent process of recognition of cultural assets of an intangible nature were revisited, highlighting the institutional mechanisms (laws, processes, projects) that allowed such action that boosted academic research on the subject from the 2000s onwards, as well as the Instruction Process for the Registration of the *Folias de Reis* of the State of São Paulo as cultural heritage in Brazil, started in 2020. We tried to understand how this history was reflected in the study site, touching on legislation and preservation policies in the municipalities. Furthermore, the qualitative methodology of oral history was chosen to survey different sources (interviews, transcribed music tracks, images, booklets, podcasts, and videos) about the memories of these *Folias de Reis*. As a result, the research did not find legislation and municipal bill projects aimed at recognizing and safeguarding the cultural heritage of intangible nature. Thus, it pointed to problems in conducting policies for the preservation of those of a material nature, as well as showing that the local form of recognition of the *Folias de Reis* is done only in official calendars that identify them as folk and tourist traditions. In diverse social connections, however, these recognitions were appropriated by the subjects and groups, contributing to the defense of the memory and identity of the *Folias de Reis* as important traditions for the municipalities, as well as in the elaboration of actions that gave autonomy to the groups about the directions for preserving the celebration, such as the creation of Associations and the establishment of a proper place for the celebration. Such findings demonstrate how some *Folias de Reis* is being maintained in the interior of Brazil, pointing to the importance of local academic studies with qualitative methodologies, in the reflection on collective and cultural actions and demands, given the process of constitution of future municipal public policies in the area of cultural heritage, especially in historically recent municipalities.

Keywords: History; Religious celebrations – Ourinhos and Palmital (SP); Oral History.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DE FOLIAS DE REIS MANIFESTADAS EM MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO DE ASSIS, ESTADO DE SÃO PAULO. FONTE: WIKIPEDIA (IMAGEM EDITADA PELA AUTORA).	54
FIGURA 2: GRÁFICO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE OURINHOS/SP - 1950 A 2021. FONTE: IBGE.	79
FIGURA 3: GRÁFICO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE PALMITAL/SP - 1950 A 2019. FONTE: IBGE.	80
FIGURA 4: PRODUÇÃO AGRÍCOLA PAULISTA ENTRE 1950 E 2006 (ÁREA COLHIDA DE CAFÉ EM COCO, CANA-DE-AÇÚCAR, MILHO, SOJA E TRIGO).	81
FIGURA 5: "PROPORÇÃO DA ÁREA OCUPADA POR LAVOURAS DE CANA-DE-AÇÚCAR E POR DEMAIS LAVOURAS (TEMPORÁRIAS) NA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE MARÍLIA, ENTRE 1985 E 2009" (TSUKADA, 2011, P. 109).	87
FIGURA 6: EVANDRO FERREZIN, SEU NETO E A BANDEIRA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. BAIRRO RURAL DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS (SP), 17/02/19.	106
FIGURA 7: GENEALOGIA DA FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS A PARTIR DA FAMÍLIA PALMA.	110
FIGURA 8: CENTRO COMUNITÁRIO DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS EM OCASIÃO DE FESTA DE CHEGADA DA BANDEIRA DE SANTOS REIS. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. BAIRRO RURAL DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS – SP, 27/07/19.	115
FIGURA 9: PARTE EXTERNA DO CENTRO COMUNITÁRIO DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS EM OCASIÃO DE FESTA DE CHEGADA DA BANDEIRA DE SANTOS REIS. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. BAIRRO RURAL DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS – SP, 29/07/19.	115
FIGURA 10: "BAIRRO DE RIBEIRÃO GRANDE, OURINHOS/SP" (KODAMA, 2009, P. 228).	118
FIGURA 11: BANDEIRA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS (SP), 04/05/19.	118
FIGURA 12: PRESÉPIO DA COMUNIDADE DO BAIRRO DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS, EM OCASIÃO DA SAÍDA DA BANDEIRA DE SANTOS REIS. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE - OURINHOS, 04/05/2019.	126
FIGURA 13: AGRADECIMENTOS DO FESTEIRO EM OCASIÃO DO JANTAR DA FESTA DE SAÍDA DA BANDEIRA DE RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE, OURINHOS/SP, 04/05/2019.	132
FIGURA 14: PALHAÇO ENTREGA A BANDEIRA PARA A DONA DA CASA EM DIA DE ROMARIA. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. ÁGUA SUJA, SÃO PEDRO DO TURVO/SP, 18/05/2019.	134
FIGURA 15: PALHAÇOS SE AJOELHAM EM MEMÓRIA AOS FALECIDOS FAMILIARES DOS PROPRIETÁRIOS DA CASA. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO DO SUL/SP, 28/12/2019.	137
FIGURA 16: ROMEIROS DE RIBEIRÃO GRANDE NA FESTA DE SANTOS REIS DE 2019 - 1. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	143
FIGURA 17: ROMEIROS DE RIBEIRÃO GRANDE NA FESTA DE SANTOS REIS DE 2019 - 2. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	144
FIGURA 18: BRINQUEDOS NA FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	146
FIGURA 19: COMÉRCIO NA FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	147
FIGURA 20: MÚSICOS DE ESPÍRITO SANTO DO TURVO NA FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	148
FIGURA 21: COMPANHIA DOS FACEIROS (PALMITAL-SP) NA FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	148
FIGURA 22: INÍCIO DO TERÇO NA CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	149

FIGURA 23: CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	150
FIGURA 24: PROCISSÃO PARA O CENTRO DE LAZER DE FESTAS DA COMUNIDADE DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	150
FIGURA 25: CHEGADA DOS ROMEIROS NO CENTRO DE LAZER. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.....	151
FIGURA 26: FESTEIROS DE 2019 E 2020 – FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	152
FIGURA 27: A BANDEIRA E O MASTRO – FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	152
FIGURA 28: MASTROS E FOGOS NA FINALIZAÇÃO DA FESTA DE SANTOS REIS DE RIBEIRÃO GRANDE. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RIBEIRÃO GRANDE/OURINHOS - SP, 27/07/2019.	153
FIGURA 29: ANTÔNIO FERNANDES E SEU PARCEIRO DE COZINHA, ANTÔNIO CARLOS. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 10/01/2020. FOTO: RAFAELA SALES GOULART.	158
FIGURA 30: ENCARTE DO CD CIA DE REIS – ÁGUA DAS ANHUMAS DE PALMITAL – SP. PRODUZIDO POR MCK - COMERCIAL E REPRESENTAÇÃO FONOGRÁFICA LTDA, 2009. (CONTÉM 11 FAIXAS MÚSICAS).....	161
FIGURA 31: IMAGEM DE ZÉ EMÍDIO E DONA CHICA AO LADO DA BANDEIRA DA ANHUMAS (ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA). FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RESIDÊNCIA DE APARECIDO BENEDITO DA SILVA – PALMITAL (SP), 09/09/2019.	164
FIGURA 32: HELDER REIS COM SUA ANTIGA FARDA DE PALHAÇO E INSTRUMENTOS DA COMPANHIA DAS ANHUMAS (ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA). FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RESIDÊNCIA DE APARECIDO BENEDITO DA SILVA – PALMITAL (SP), 09/09/2019.	164
FIGURA 33: QUADRO DE COMEMORAÇÃO DE 60 ANOS DA CIA DE REIS ANHUMAS (ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA). FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RESIDÊNCIA DE APARECIDO BENEDITO DA SILVA – PALMITAL (SP), 09/09/2019.	165
FIGURA 34: ADÃO FACEIRO, A ESPOSA EVA E O SOBRINHO VALDECI (ATUAL GERENTE DA BANDEIRA DOS FACEIROS). RESIDÊNCIA DE ADÃO ALVES GONÇALVES – PALMITAL (SP), 24/01/2020. FOTOGRAFIA: RAFAELA SALES GOULART.....	168
FIGURA 35: BANDEIRA DOS FACEIROS (SEGURADA PELO GERENTE VALDECI) NA FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/20.	171
FIGURA 36: A NOVA GERAÇÃO DOS FACEIROS NA FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/20.....	172
FIGURA 37: ENCARTE DO CD DA CIA DE SANTOS REIS FAMÍLIA FACEIROS E FACEIROS JR. – A TRADIÇÃO DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO DESDE 1949. PRODUZIDO POR MCK - COMERCIAL E REPRESENTAÇÃO FONOGRÁFICA LTDA, 2019. (CONTÉM 14 FAIXAS MÚSICAS). ...	173
FIGURA 38: ESPAÇO DOS FACEIROS NA FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/20.	174
FIGURA 39: JOSÉ ELIAS FILHO (ZÉ DO POVO) E SEUS IRMÃOS. ACERVO PARTICULAR DE JOSÉ ELIAS FILHO.	179
FIGURA 40: O GERENTE DA COMPANHIA DE REIS TRÊS ILHAS, ANTÔNIO ANASTÁCIO DE ANDRADE (TONHO DO LORO), COM SUA BANDEIRA. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. RESIDÊNCIA DE ANTÔNIO ANASTÁCIO DE ANDRADE/PALMITAL (SP), 07/11/19.	181
FIGURA 41: VALTER BENEDITO DE OLIVEIRA (PÊ), A BANDEIRA DAS TRÊS ILHAS E O EMBAIXADOR LÉO MONTEIRO. FOTO: CARLOS REIS. ESTÂNCIA CAPIXINGUI – ÁGUA CAPIXINGUI/PALMITAL (SP), 10/01/15.....	183
FIGURA 42: O REGISTRO DOS PRIMEIROS FESTEIROS, FOLIÕES, “CANTADOR” E PALHAÇOS DE PALMITAL. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. PALMITAL (SP), 21/01/20.	184
FIGURA 43: ENCARTE DO CD DA CIA DE REIS TRÊS ILHAS - PALMITAL/SP, 2015. (CONTÉM 7 FAIXAS MÚSICAS).....	188

FIGURA 44: ENCONTRO DAS TRÊS BANDEIRAS DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: CARLOS REIS. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/2020.	190
FIGURA 45: JÚLIO LUZIO E FAMÍLIA CONVIDAM OS FIÉIS PARA FESTA DE REIS, QUE SERÁ REALIZADA NA ÁGUA DO PALMITALZINHO, NO DIA 10 DE JANEIRO DE 1998. SONDAGEM, Nº 45, PALMITAL, 10 JAN. 1998.	195
FIGURA 46: 17 MIL PESSOAS ESTIVERAM PRESENTAS NA FESTA DOS SANTOS REIS. SONDAGEM, Nº 46, PALMITAL, 17 JAN. 1998.	195
FIGURA 47: FESTA DE REIS RESISTE AO TEMPO. SONDAGEM, Nº 45, PALMITAL, 10 JAN. 1998.	197
FIGURA 48: HISTÓRICO DE “FESTAS E FESTEIROS DE PALMITAL-SP” – 1931 A 2015 (BIONDI, 2015, P. 14-15).....	202
FIGURA 49: “A FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL – SP” (BIONDI, 2015, P. 10-11).	204
FIGURA 50: A COMPANHIA DAS TRÊS ILHAS E O SEU MEIO DE TRANSPORTE NOS GIROS. FOTO: © REI SANTOS (TODOS OS DIREITOS RESERVADOS). PALMITAL/SP, 27/12/16.	215
FIGURA 51: CONVITE DA 65ª FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL – 2020.....	223
FIGURA 52: OS PALHAÇOS E OS DESAFIOS DO GIRO. COMPANHIA DAS TRÊS ILHAS – PALMITAL. FOTO: © REI SANTOS (TODOS OS DIREITOS RESERVADOS). PALMITAL/SP, 27/12/16.	229
FIGURA 53: ARMAZENAMENTO DO TRADICIONAL LOMBO DE PORCO NA FESTA DE REIS DE PALMITAL - 2020. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 10/01/2020.....	231
FIGURA 54: COZINHEIROS FINALIZANDO A FRITURA DO LOMBO DE PORCO NA FESTA DE REIS DE PALMITAL - 2020. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/2020.....	233
FIGURA 55: COZINHEIRAS NA FESTA DE REIS DE PALMITAL - 2020. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/2020.	233
FIGURA 56: COZINHEIROS TRABALHANDO NO CARREGAMENTO DA LENHA E NA FRITURA DO TORRESMO NA FESTA DE REIS DE PALMITAL - 2020. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/2020.	234
FIGURA 57: MISSA NA 65ª FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 10/01/20.	235
FIGURA 58: CATIRA NA 65ª FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: CARLOS REIS. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/20.....	236
FIGURA 59: O MESTRE DE CERIMÔNIAS (TÊ BIONDI) E OS FESTEIROS (BIJUCA E PATRÍCIA) DA 65ª FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. FAZENDA SÃO JOAQUIM – ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 11/01/20.....	239
FIGURA 60: PRESÉPIO DA FESTA DE SANTOS REIS DE PALMITAL. FOTO: RAFAELA SALES GOULART. ÁGUA DA ESPANHOLADA/PALMITAL (SP), 10/01/20.	243

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: INSTRUMENTOS MUNICIPAIS DE VIABILIZAÇÃO DE POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO EM OURINHOS E PALMITAL.	62
TABELA 2: EMPRESAS SUCROALCOOLEIRAS DA MESORREGIÃO DE ASSIS (GRIFO ÀS CIDADES QUE ATUALMENTE POSSUEM FOLIAS DE REIS) (SELANI, 2004, P. 133-136; TSUKADA, 2011, P. 105-106).....	91
TABELA 3: PIB DOS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO DE ASSIS COM FOLIAS DE REIS – GRIFO EM OURINHOS E PALMITAL. FONTE: IBGE, EM PARCERIA COM OS ÓRGÃOS ESTADUAIS DE ESTATÍSTICA, SECRETARIAS ESTADUAIS DE GOVERNO E SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS – SUPRAMA, 2018.....	94
TABELA 4: MEMBROS DA AMTRAC-PSP (2017 A 2019). FONTE: ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS DE PALMITAL – SP (AMTRAC-PSP), 27 JUL. 2017.....	207

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
O tema, o problema e alguns conceitos importantes à tese	16
História do projeto.....	30
Objetivos e estrutura da tese.....	37
PARTE 1 - AS FOLIAS DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA REVISÃO NECESSÁRIA	39
CAPÍTULO 1: O reconhecimento das Folias De Reis como patrimônio cultural <i>do e no</i> Brasil: percursos e percalços de uma história do tempo presente	40
1. 1 Os pedidos de Registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Brasil	40
1. 2 Estudos sobre as Folias de Reis no interior de São Paulo.....	53
1. 3 Instrumentos (oficiais) de reconhecimento do patrimônio cultural em Ourinhos e Palmital	60
PARTE 2 - AS FOLIAS DE REIS COMO MISSÃO: FORMAS DE PRESERVAÇÃO EM OURINHOS E PALMITAL	73
CAPÍTULO 2: Ourinhos e Palmital na história do Oeste Paulista: uma contextualização	74
CAPÍTULO 3: As Folias de Reis em Ourinhos: <i>jornadas no campo</i>	95
3. 1 Entre memórias da bandeira e festas da “Comunidade do Bairro Ribeirão Grande”: a construção identitária da Bandeira de Santos Reis em Ourinhos	100
3. 2 Formas de preservação da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos: documentações, descrições e impressões	117
3. 2. 1 O jantar de <i>saída</i> da bandeira.....	124
3. 2. 2 Da <i>romaria</i> à <i>entrega</i> da bandeira.....	132
3. 2. 3 A festa de <i>chegada</i> da bandeira e <i>coroação</i> dos festeiros.....	141
CAPÍTULO 4: As Folias de Reis em Palmital: encontros na história	156
4. 1 Entre sujeitos, Águas e instrumentos de memória: a construção identitária das Companhias de Santos Reis em Palmital.....	157
4. 1. 1 A Companhia de Reis Água das Anhumas	157
4. 1. 2 A Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr.....	167
4. 1. 3 A Companhia de Reis Três Ilhas	178
4. 2 Formas de preservação da festa de Santos Reis de Palmital: documentações, descrições e impressões	189
4. 2. 1 Do encontro das Companhias ao lugar da festa.....	189
4. 2. 2 A festa de Santos Reis de Palmital.....	210
4. 2. 3 Os <i>giros</i> das Companhias	211
4. 2. 4 <i>O encontro das bandeiras</i>	230
4. 2. 5 O leilão de gado.....	244
4. 2. 6 Associ(ações) à festa	245
4. 2. 7 Projetos a mais – Palmital como Capital Estadual/Nacional da Folia de Reis	254

CONCLUSÃO	259
FONTES	268
1. Atas, legislações, notas técnicas, processos e projetos.....	268
2. Entrevistas	271
3. Faixas musicais transcritas	273
4. Imagens	273
5. Livretos	274
6. Podcasts e vídeos.....	274
REFERÊNCIAS.....	276
APÊNDICE 1.....	291
APÊNDICE 2.....	296
APÊNDICE 3.....	301
Roteiro geral de entrevistas (aprovado pelo Comitê de Ética – UNESP/Assis).....	301
APÊNDICE 4.....	303
a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (aprovado pelo Comitê de Ética – UNESP/Assis)	303
b) Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Entrevista Oral e/ou Audiovisual (aprovado pelo Comitê de Ética – UNESP/Assis)	307
APÊNDICE 5.....	308
Relato de campo.....	308
APÊNDICE 6.....	312
Canto com mestre Zé Batista	312
APÊNDICE 7.....	313
Canto com mestre Arnaldo Borges e oração da Cleusa para início do terço (Bandeira de Ribeirão Grande – Ourinhos/SP)	313
APÊNDICE 8.....	315
Canto de encerramento da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande (mestre Arnaldo Borges – Bandeira de Ribeirão Grande – Ourinhos/SP)	315
APÊNDICE 9.....	317
Dados das Bandeiras de Ourinhos.....	317
Dados das Companhias de Palmital	321
ANEXO 1.....	330
Cópia de parte do livro “Folia de reis”, de Neide Rodrigues Gomes (1983, p.6-35), a qual contém transcrições de cantos/declamados feitos por mestres/embaixadores e outras peculiaridades da celebração em Palmital/SP.....	330
ANEXO 2.....	360
Folheto entregue no encontro das bandeiras de Assis – Palmital Capital Nacional.....	360
ANEXO 3.....	361
Folheto litúrgico distribuído na missa da festa de Santos Reis de Palmital/SP (11/01/2020).....	361
ANEXO 4.....	365
Folheto – Terço de Santos Reis.....	365

INTRODUÇÃO

O tema, o problema e alguns conceitos importantes à tese

A tese “Tradição como missão” foi elaborada a partir do estudo da memória e identidade das Folias de Reis ou Festas de (Santos) Reis presentes nos municípios de Ourinhos e Palmital, estado de São Paulo. Mas antes da problematização e história do projeto que definiram tal pesquisa, optamos por uma breve apresentação do tema, observando os mitos que embasam a devoção aos Santos Reis¹, bem como alguns usos da tradição festiva no Brasil.

No cenário brasileiro, são muitas as denominações atribuídas às *Folias de Reis*. Chamam-nas de *Festas de Reis*² ou de *Santo(s)*³ *Reis*, *Reisados*, *Ternos de Reis*, *Reis*, entre outras nomenclaturas que sinalizam pelo menos duas coisas. A primeira é que sua realização está relacionada à devoção e ao costume de se celebrar os “Reis”; e a segunda diz respeito à própria dinâmica sociocultural do festejo, aqui sumariamente exemplificada pelas formas de sua identificação no tempo presente, a depender do local em que são encontradas.

Em linhas gerais, nas celebrações, os grupos de foliões (*Bandeira* ou *Companhia* de Reis) saem de viagem (*giro* ou *jornada*) com objetos (bandeira, máscaras, espadas, instrumentos musicais) e personagens (*cantadores*, *bandeireiros*, *palhaços/bastiões*, *gerentes*, *festeiros*) que representam a história da jornada dos Três Reis Magos em direção ao local do nascimento de Jesus. No percurso, visitam casas de devotos que pagam suas promessas à bandeira (objeto simbólico criado através de promessa e que representa não só os milagres imaginados a partir da narrativa do encontro dos Três Reis Magos com Jesus, mas também a memória e identidade dos sujeitos e grupos que a carregam) e, como retribuição, doam a elas ofertas (pagas em donativos ou dinheiro) que são recebidas e abençoadas em nome dos Santos Reis. Ao final do ritual, geralmente realizado entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, tudo o que se arrecada é transformado em uma grande refeição que é compartilhada gratuitamente com a população (GOULART, 2016).

¹ Não se pretende buscar origens, somente explicar algumas narrativas que embasam a devoção no local de estudo, visto que os devotos se utilizam dessas histórias para respaldar e sacralizar a festa e suas tradições.

² Procurarei destacar no texto, em itálico, os termos e linguagens que considero próprias às Folias de Reis.

³ Alguns foliões chamam de *Santo Reis* os Três Reis Magos. Peculiaridades que mantereí no texto, caso venha transcrever trechos de entrevistas ou experiências em campo.

Acerca da temática, a literatura⁴ aponta um consenso de que tais manifestações possuem “(...) o mesmo mito fundador, visto que todas elas são encenações do episódio bíblico sobre a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus” (VICTORASSO, 2015, p. 75). A famosa, mas também breve e vaga passagem encontra-se no Novo Testamento (LANDAU, 2013, p. 13), mais especificamente no Evangelho de Mateus 2. 1-3 (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1703), cujo “(...) o objetivo maior da narrativa é ressaltar as investidas de Herodes e a presença dos magos, homens gentios, isto é, não judeus, que vão à procura do novo rei” (PINTO, 2021, p. 62). Nessa interpretação, os magos foram os primeiros a reconhecer a messianidade de Jesus no tempo de Herodes, o qual viu seu reinado ameaçado com a notícia do nascimento (Id., *Ibid.*, p. 66).

No livro “Os manuscritos perdidos dos reis magos”⁵, Brent Landau (2013, p. 14-15) aponta que as lacunas presentes na história dos magos permitiram que os primeiros cristãos já fizessem especulações sobre quem eram estes sujeitos e quantos, de fato, teriam visitado Jesus na ocasião do seu nascimento; ou mesmo sobre “o mistério da estrela” que aparece e desaparece do enredo narrativo oficial (assim como ocorre com o Anjo), sinalizando a chegada da criança ao mundo. Desse modo, os primeiros registros mais detalhados sobre tais assuntos, identificando inclusive os personagens: “Gaspar, Baltazar e Belchior”⁶, surgiram em “evangelhos apócrifos, hinos, sermões, mosaicos, entalhes de madeira e esculturas [...]” (LANDAU, 2013, p. 15). O autor, por exemplo, trabalhou com o apócrifo “Revelação dos Magos”⁷, que atribui ter sido criado antes mesmo do século V, sendo reproduzidas e circuladas versões similares de sua narrativa por toda Europa cristã medieval.

Consta em “A Revelação dos Magos”, por exemplo, a seguinte Profecia: “uma estrela de brilho indescritível aparecerá um dia, assinalando o nascimento de Deus em forma humana” (LANDAU, 2013, p. 19). No apócrifo, a Profecia teria sido herdada por Seth (um dos filhos de Adão⁸ e Eva) e repassada para os ancestrais dos magos que pertenciam a uma ordem mística da

⁴ A literatura consultada ficará visível ao longo do texto, apresentando-se parte dela no Apêndice 1 (estudos sobre a temática no estado de São Paulo). Destaco, de antemão, dois estudos de cientistas sociais referenciados em dissertações e teses contemporâneas sobre o assunto: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981; PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. *As Viagens dos Reis Magos*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

⁵ Ressalto a importância do estudo de Landau (2013), pois um dos pontos que me fizeram citá-lo nessa pesquisa foi o conhecimento de que o *cerimonialista* da festa de Palmital, Clayton Biondi, conhece o seu livro, produzindo releituras dele no espaço da celebração.

⁶ Landau (2013, p. 105) aponta que estes nomes aparecem na *Excerpta Latina Barbari*, uma tradução latina de uma crônica grega, do século VI.

⁷ A tradução do apócrifo para o inglês foi feita por Landau em 2008; já a sua versão em português, publicada no livro “Os manuscritos perdidos dos reis magos”, é de 2013.

⁸ “O próprio Seth ficara sabendo disso por seu pai, Adão, desde que a estrela havia pairado sobre a Árvore da Vida, iluminando todo o Éden, antes que o pecado de Adão fizesse a estrela desaparecer.” (LANDAU, 2013, p. 19).

terra semítica de Shir. Eles ficaram responsáveis por guardar e difundir a mensagem às próximas gerações, até que a estrela aparecesse. Tempos mais tarde, a estrela se revelou aos magos de diferentes formas (etapas diferentes da vida de Cristo) e eles compreenderam que a Profecia tinha se cumprido e, portanto, passaram a seguir os sinais que os guiaram a Belém (onde o nascimento ocorreu) e, depois, no retorno à Shir. Ao longo dessa viagem dos magos, por sua vez, conta-se que a estrela surgia para remover obstáculos, reduzir o cansaço e a percepção do tempo da longa caminhada, bem como para reabastecer os alimentos e para permitir visões de Cristo aos que dela se alimentavam (LANDAU, 2013, p. 18-23).

Acerca da chegada dos Magos em sua terra natal, o apócrifo diz ainda:

Os Magos presenteiam o povo com as bolsas cheias de alimentos que a estrela lhes produziu e convidam-no a compartilhar esses alimentos. As pessoas que comem imediatamente têm visões do Cristo celestial e terreno, e, assim, muitos da terra de Shir aceitam a fé proclamada pelos Magos. (LANDAU, 2013, p. 22).⁹

Para complementar a história de santificação dos Magos, no apócrifo narra-se que, em viagem missionária à terra de Shir, o apóstolo Tomé teria reconhecido a importância da história dos Magos, batizando-os (iniciando-os à comunidade cristã) e encarregando-os de pregar a sua história pelo mundo, de modo que, foi a partir disso, que eles começaram a realizar milagres (LANDAU, 2013, p. 22-23).

Além do exposto pelo apócrifo, a devoção aos magos também pode ser explicada pela hagiografia¹⁰ medieval e, nesse caso, encontrou-se o texto “A epifania do Senhor”, escrito por Jacopo de Varazze (2003) no século XIII, e publicado na coletânea “Legenda Áurea”. Nessa história, Jesus tinha 13 dias quando os “magos”, guiados pela “estrela”, encontraram-no. Nesse aspecto, conduziu-se a comemoração da Epifania (*epí*: “em cima”; *phanos*: “aparicação”) para 6 janeiro (dia de Reis), data em que: “a estrela apareceu no céu para indicar que Cristo era o verdadeiro Deus.” (VARAZZE, 2003, p. 149). Daí a explicação sobre o tempo de realização dos rituais das Folias de Reis, entre os dias 24/25 de dezembro a 6 de janeiro.

Varazze (2003, p. 150-156) também menciona os nomes latinos dos identificados “reis e sucessores de Balaão” – Gaspar, Baltazar e Melchior – explicando que eles foram chamados

⁹ Landau (2013, p. 23) aponta que o apócrifo “Revelação dos magos” inova a interpretação de que os magos seriam originários da Pérsia, Babilônia ou Arábia, problematizando o pertencimento dos mesmos ao Zoroastrismo: “o incidente muito estranho da comida que produzia visões de Cristo aos Magos e ao povo de Shir, dados os paralelos com o uso de substâncias alucinógenas em outras tradições religiosas” (LANDAU, 2013, p. 23).

¹⁰ A literatura hagiográfica contém relatos exemplares da vida de santos, os quais são compostos por uma mistura de evangelhos bíblicos, apócrifos e tradições orais.

de “magos”, pois eram “donos de grande sabedoria”¹¹. Reporta-se que os magos, também entendidos como “feiticeiros do faraó”, foram convertidos na revelação do nascimento de Cristo.

Sobre a data de comemoração do Natal na liturgia cristã, diz-se que foi iniciada no Ocidente e conduzida a partir do século IV no dia 25 de dezembro. De acordo com Pessoa e Félix (2007, p. 53), o estabelecimento do calendário de celebrações pela Igreja sobrepuja antigas tradições orientais onde se cultuavam deuses considerados pagãos (no Egito, por exemplo, cultuava-se o nascimento de Osíris – sol nascente – e, na Grécia, realizava-se a festa de Dionísio). Cáscia Frade aponta que as antigas festas realizadas no hemisfério norte no solstício de verão geraram, por exemplo, as conhecidas festas juninas; já as do solstício de inverno, geraram as natalinas. Nesse caso, o nascer do Sol, “[...] que é vida, que ilumina, que fertiliza, que purifica, foi associada à ideia de Cristo, a luz, o que salva”¹².

Complementando essas informações novamente à luz de “A epifania do senhor” (VARAZZE, 2003), chama-se atenção para o fim da sua narrativa, quando o autor evidencia o traslado dos restos mortais dos magos:

Seus corpos repousavam em Milão, numa igreja que é agora da Ordem dos Irmãos Pregadores, mas foram depois levados a Colônia. Anteriormente esses corpos tinham sido trasladados para Constantinopla por Helena, mãe de Constantino, depois foram transferidos para Milão pelo santo bispo Eustórgio, por fim o imperador Henrique transportou-os de Milão para Colônia¹³, às margens do Reno, onde são objeto da devoção e da reverência do povo. (VARAZZE, 2003, p. 156).

Como é possível perceber no trecho citado, o desfecho da história dos Magos garante certa veracidade e relevância sacra-cristã a eles, na medida em que se indica na escrita hagiográfica o transporte, a localização e a reverência às relíquias desde a época do imperador romano Constantino (288-337 d.C.), o qual oficializou o fim da perseguição aos cristãos¹⁴.

¹¹ Essa é a interpretação que aparece na Bíblia com relação aos “magos do Oriente” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1703), concepção apropriada pelos sujeitos praticantes das Folias de Reis estudadas, como se perceberá nos versos e músicas a serem apresentadas nos Capítulos 3 e 4 da tese.

¹² Ver entrevista com Cáscia Frade no documentário “Folia de Reis”, produzido em 2018 pela TV Brasil e dirigido por Carlos Colla e Henrique Lima: <https://www.youtube.com/watch?v=LpQgSe7Pem8>. Acesso: 29 out. 2022.

¹³ Com relação à transferência das relíquias dos Três Reis Magos de Milão à Colônia, Hilário Franco Júnior (VARAZZE, 2003, p. 156) faz uma ressalva dizendo que ela teria sido realizada “[...] pelo arcebispo Reinaldo de Dassel, chanceler do imperador Frederico Barba Ruiva, em junho e julho de 1164, provavelmente como punição pela insubordinação daquela cidade italiana ao poder imperial”.

¹⁴ Sobre esse assunto, consultar: GOMES, Francisco José Silva. *Peregrinatio e Stabilitas: monarquismo e cristandade ocidental do século VI ao VII*. Brasília: UNB, vol.9, nº 1/2, 2001, p. 85.

No livro “As viagens dos Reis Magos”, de Jadir de Moraes Pessoa e Madeleine Félix (2007, p. 53-110), tal assunto é abordado a partir, particularmente, da pesquisa de Félix com edificações, afrescos, celebrações e acervos que representam os magos na Europa Ocidental desde, pelo menos, o século IV. Entre os variados vestígios, destaca-se a descoberta dos supostos restos mortais dos magos em Milão¹⁵ – ou “invenção” das relíquias, terminologia utilizada pela própria Igreja – e seu traslado para a catedral de São Pedro em Colônia (na Alemanha do século XII), como acontecimentos que teriam consolidado os magos como Três Reis Santos no imaginário cristão ocidental. Dessa história teria surgido, por exemplo, o costume do cortejo com bandeiras nas celebrações e suas representações com roupas de nobres da época (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 54-56).

Adicionalmente ao que foi contado, traz-se algumas explicações acerca das Folias de Reis encontradas no “Dicionário do Folclore Brasileiro”, escrito por Câmara Cascudo na década de 1950. Nele, “Folia” é definida como uma dança e canto (com som de pandeiro ou adufe) do “Portugal velho”, sendo realizadas por “grupo de homens” que usavam “símbolos devocionais”. Uma diferença das folias brasileiras (tanto as do Divino quanto as de Santos Reis) para aquelas praticadas em Portugal, por sua vez, é que aqui elas passaram a possuir um “aspecto precatório”, sendo comum os grupos pedirem “esmolos para a festa” (CASCUDO, 1972, p. 402).

No mesmo livro há também a caracterização dos “Reis” como “festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.) dedicadas aos Três Reis Magos em sua visita ao Deus menino”; e de “Reisado” como uma “denominação erudita” à tal manifestação. De todo modo, nessas celebrações, as pessoas faziam visitas “cantando versos alusivos à data e solicitando alimentos ou dinheiro”, “tradição” que teria sido mantida no Brasil pelo colonizadores portugueses (*Id., Ibid.*, p. 774).

As considerações acima são interessantes porque demonstram como a devoção em torno dos Três Reis Magos reverberaram nos modos de celebrar o Natal e os Reis já no contexto europeu, de modo que algumas populações começaram a dar mais ênfase ao nascimento de Cristo e outras aos Reis Magos ou Santos Reis. A propósito do assunto, Cáscia Frade¹⁶ afirma

¹⁵ A descoberta teria acontecido especificamente em 1158, em ocasião da luta entre o imperador da Alemanha, Frederico Barbarossa, e o Papa Alexandre III. Em meio a essa disputa, os milaneses teriam descoberto três corpos bem conservados (que atribuíram aos Reis Magos) entre as ruínas de um antigo mosteiro – Basílica de Santo Eustórgio. Santo Eustórgio, por sua vez, havia sido enviado por Constantino para governar a cidade milanese, tendo recebido dele, como presente, esses supostos restos mortais reunidos pela sua mãe, Helena (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 56-57).

¹⁶ Ver entrevista com Cáscia Frade no documentário “Folia de Reis”, produzido em 2018 pela TV Brasil e dirigido por Carlos Colla e Henrique Lima: <https://www.youtube.com/watch?v=LpQgSe7Pem8>. Acesso: 29 out. 2022.

que a disseminação da catequese cristã entre os povos da Península Ibérica (Portugal e Espanha) popularizou-se naquele território, o que se denominou como Reisado, cujo foco se dá aos Reis.

Mas ainda com relação às hagiografias que embasam as piedades populares, outra observação parece pertinente. Segundo o historiador Hilário Franco Júnior (VARAZZE, 2003, p. 13), o enriquecimento dessas narrativas foi impulsionado pela própria Igreja, sobretudo a partir do desenvolvimento das cidades europeias medievais, e devido ao conseqüente aumento da circulação de pessoas e ideias, no contexto dos movimentos da Reforma e Contrarreforma.

Desse momento que marca a transição para uma chamada era moderna da história da Europa Ocidental, destaca-se também a constituição da Companhia de Jesus (ou Ordem dos jesuítas), o processo de conquista do “novo mundo” e, mais especificamente, o início da colonização portuguesa (atrelada ao padroado) nas terras hoje correspondentes ao Brasil. No percurso da colonização da América Portuguesa, por exemplo, uma das estratégias didáticas utilizadas para conversão dos povos pelos jesuítas foi uma espécie de teatralização dos preceitos católicos, com sermões (que misturavam livros da bíblia, apócrifos e hagiografias), músicas, instrumentos musicais (a exemplo da viola) e demais objetos e personagens que eram apresentados aos catequizados e, por eles, ritualmente incorporados. Tal método acabaria inculcando aspectos da cristandade entre as práticas e representações expressas pelas populações americanas (indígenas) e africanas, as quais se ressignificaram ao longo desse percurso de dominação territorial e simbólica, provocado pelo Império português (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 131-155).

Outro ponto a ser considerado dentro do campo das práticas e representações¹⁷ ligadas à evangelização cristã, a qual gestou a devoção a variados Santos no Brasil, é a ausência, durante séculos, da Coroa portuguesa na sua então Colônia americana. Esse distanciamento, atrelado aos poucos recursos e investimentos no amplo território conquistado e a falta de um controle institucional rígido, limitou o papel colonizador das Ordens Religiosas, promovendo a organização de confrarias e irmandades coordenadas por leigos. Luiz Gustavo Mendel Souza (2020) apresenta, por exemplo, que confrarias e irmandades da época do Brasil colonial eram utilizadas inclusive “[...] como espaços de negociações com os senhores de escravos e de instituições como a Igreja Católica e o próprio Estado”.

Nesse sentido, Martha Abreu (1999) demonstra que a trajetória histórica colonial resultou em um catolicismo específico no Brasil, híbrido, que condensou crenças e superstições

¹⁷ Roger Chartier (1990, p. 17) entende que as representações devem ser avaliadas em campos de conflito, pois só assim supõem os interesses de seus produtores, desmoralizando a neutralidade dos discursos e construindo práticas estrategicamente coniventes ao meio social.

das culturas que aqui se encontraram e se faziam em meio a negociações diversas. Fatores que caracterizaram a riqueza e as complexidades presentes nesse “catolicismo popular” refletido nas “[...] festas em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio, São João, aos Santos Reis, a Santana e a maior delas, celebrando o Divino Espírito Santo” (ABREU, 1999, p. 34-35), as quais foram analisadas pela historiadora a partir de fontes, sobretudo, do século XIX (pedidos de licença da festa, relatórios fiscais, portarias do governo, atas da Câmara, ofícios e correspondências, códigos de posturas, escritos sobre compromissos de irmandades, jornais, memórias de viajantes), dispostas em Arquivos e Bibliotecas do Rio de Janeiro.

Tal estudo tinha como temática central as Folias do Divino. Mas o exemplo torna-se oportuno porque sinaliza as ações institucionais (Igreja romana¹⁸, Estado republicano) sobre esse tipo de festividade, vinculando-as ao denominado catolicismo popular/leigo e às tradições (culturais, religiosas) nacionais.

Assim, o que se tem de documentação acerca dessas festividades, que passaram a ser registradas por memorialistas¹⁹ e folcloristas²⁰ como “expressões dos costumes e do espírito nacional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 135), surgiram, sobretudo, no século XIX, ao passo em que se tornavam também, principalmente a partir de meados do século XX, objetos de investigação de intelectuais das áreas das ciências sociais e humanas. Nessa trajetória as Folias de Reis puderam ser reconhecidas como folclore, tradição, cultura popular ou ainda, mais recentemente, patrimônio cultural. Pode-se dizer que elas (entre suas denominações citadas

¹⁸ De acordo com Martha Abreu (1999, p. 326), “Na segunda metade do século XIX, principalmente, parte da hierarquia eclesiástica iniciou um movimento de reforma da prática católica, entendida em seu sentido tridentino e romanizante, e marcada, além da maior aproximação com Roma, pela moralização do clero e dos fiéis”. Essa história teria afastado a Igreja Católica das devoções e festividades populares, algo que começaria a se reverter no início do século XXI, através de recomendações do Vaticano (Papa João Paulo II) e, mais especificamente, com a criação do “Diretório de Piedade Popular e Liturgia” e a partir dos “Princípios e orientações” que podem ou não ser acatados pelos bispos diocesanos. Segundo Elizabeth Johansen (2019, p. 216-217) “Alguns aspectos dos ‘Princípios e orientações’ do Diretório da Piedade Popular e Liturgia também foram destacados pelo Papa Bento XVI na sua fala de abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em 2007, e no seu discurso aos participantes da Assembleia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, em 2011. Tal discussão denota que a religiosidade popular é uma preocupação recorrente da igreja católica na atualidade, já que possui grande valor para a preservação da fé tradicional”. Os reflexos dessa história nas Folias de Reis em Ourinhos e Palmital estarão presentes nos Capítulos 3 e 4 da tese.

¹⁹ Sobre às Folias de Reis, destaque: ALENCAR, José de. A noite de Reis – Correio Mercantil. In: COELHO, José Maria Vaz Pinto. *Ao correr da pena* – pelo conselheiro José de Alencar. São Paulo: Typ. Alemã – Travessa do Comércio, 1874; DEBRET, Jean Baptiste. “Véspera de Reis”. In: _____. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*; Tomo II, Vol. III. Trad.: Sérgio Milliet. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975; MORAES FILHO, Mello. A noite de Natal e a Véspera de Reis. In: _____. *Festas e tradições populares no Brasil*. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2002.

²⁰ Sobre às Folias de Reis, destaque: CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972; CASTRO, Zaide Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. *Folia de Reis*. Cadernos de Folclore nº 16. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977; LIMA, Rossini Tavares de. *Folgedos Populares do Brasil*. São Paulo: Ricordi, 1962; SILVA, Affonso M. Furtado. *Reis Magos: História – Arte – Tradições: fontes e referências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial: 2006.

mais acima) passaram a fazer parte de um projeto maior: de construção, ou sistematização de memórias e identidades que comporiam, então, as particularidades do Estado nacional brasileiro (com suas especificidades étnicas e multiplicidades culturais). Havendo, nos primórdios dessa história, um certo pessimismo (ou marginalização intencional; o que Martha Abreu chamou de “busca da civilização”) com relação à continuidade desses tipos de expressões populares, frente às projeções republicanas de desenvolvimento e de modernização das cidades e interiores do Brasil.

Sobre o assunto, no artigo “Folia de Reis não é folia de rádio”, a socióloga Mônica de Carvalho (2010) utiliza as Folias de Reis da Freguesia do Ó para pensar os significados da preservação da celebração por aquele grupo na cidade de São Paulo, tendo em vista que, no mesmo local, criou-se um evento chamado “Revelando São Paulo”, no qual tal Folia se recusava a participar com a justificativa de que ele não contemplava os significados da festa (o ritual votivo feito pelo grupo no bairro e durante o tempo da Folia). A socióloga compara o evento, portanto, à memória de uma foliã que relata a apresentação da mesma Folia em um programa de rádio no passado (aproximadamente na década de 1940), algo que foi repreendido pelo mesmo motivo. Conclui, assim, que o que está em jogo nessas atitudes não são as possíveis mudanças a serem incorporadas nas Folias de Reis pelos seus praticantes, mas a própria defesa da sua identidade no tempo presente. Uma identidade que busca valorizar os modos de vida presentes no universo da celebração (aqueles que remetem à uma vida tranquila, sem pressa), algo que estava se modificando junto à própria cidade de São Paulo.

Para sustentar sua reflexão, a autora retomou um debate travado nas décadas de 1940 e 1960 entre folcloristas e cientistas sociais brasileiros, para então pensar as distintas formas de preservação (ou defesa da identidade) das Folias de Reis. Como o “Revelando São Paulo” foi criado em 1998 com o intuito de divulgar e “manter vivas as tradições da cultura popular existentes em todo o estado” (CARVALHO, 2010, p. 218), ele estaria vinculado à perspectiva de preservação que tinham os folcloristas acerca das tradições. Perspectiva criticada por intelectuais como Florestan Fernandes que, naquele período, participava de um movimento de consolidação do campo das ciências sociais no Brasil.

O intelectual torna-se então um porta-voz no artigo para demonstrar que a invenção do folclore no século XIX estava relacionada à filosofia positivista, que produzia explicações racionais sobre um tempo de transformações e de projeções de futuro, o que fazia da tradição um produto ou uma narrativa criada pela classe burguesa e importante aos ideais republicanos (de ordem e progresso). Nesse ínterim, parcela da população (o povo) que não se adequava a

tais avanços seria considerado como atrasado²¹. Dentro disso, a crítica feita aos folcloristas é que eles não consideravam – até pelo menos a década de 1990²² – os aspectos sociais e históricos que envolviam as culturas populares, de forma que seus estudos acabavam contribuindo com tal percepção deturpada sobre elas (CARVALHO, 2010, p. 222-224).

Feita essa consideração, vale dizer ainda que Florestan Fernandes considerava que, se essa visão sobre o folclore/tradição fora construída, é porque ela preenchia “alguma função social no processo de integração e continuidade do sistema social” (*Id., Ibid.*, p. 223), o que reforça a utilização de tal debate no artigo de Carvalho.

Juntando essas reflexões sobre folclore com aquelas que se havia levantado anteriormente através do estudo de Martha Abreu (1999), é possível absorver que, desse processo histórico, surgiram não só os registros escritos acerca das Folias de Reis e demais manifestações de tradição, mas também o aprofundamento do debate intelectual que, por sua vez, foi apropriado em políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil do final do século XX.

Ora, sabe-se que, apesar de a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (inicialmente denominado como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, é o principal órgão de gestão e preservação do patrimônio no Brasil) ocorrer na década de 1930, foi somente no final do século XX e, especialmente a partir dos anos 2000, com a implementação de políticas voltadas aos patrimônios culturais de natureza imaterial, que passou-se, então, a reconhecer e salvaguardar tais tradições. Tal como exposto no “Dicionário do Patrimônio Cultural”, vinculado ao *WebSite* do IPHAN²³:

Patrimônio Imaterial é um conceito adotado em muitos países e fóruns internacionais como complementar ao conceito de patrimônio material na formulação e condução de políticas de proteção e salvaguarda dos patrimônios culturais, sob a perspectiva antropológica e relativista de cultura. Usa-se, também, patrimônio intangível como termo sinônimo para designar as

²¹ No interior de São Paulo chamam de “caipiras”, termo que, antes utilizado de forma pejorativa (para caracterizar populações como atrasadas e preguiçosas), passou a fazer parte do repertório dos foliões, como maneira de reforçarem hoje os seus costumes e identidade com relação a tradições como as Folias de Reis.

²² Lembro aqui da Carta do Folclore Brasileiro produzida em 1995 (uma releitura da produzida em 1951), a qual define: “Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos”. Consultar documento em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/CartadoFolcloreBrasileiro1995.pdf>. Acesso: 31 out. 2022.

²³ Consultar tal descrição em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85/patrimonio-imaterial>. Acesso: 31 out. 2022.

referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações. [...] Destaca-se que as políticas de patrimonialização da cultura imaterial se fazem a partir do consentimento prévio e informado, e do diálogo do poder público com grupos, comunidades e segmentos sociais interessados nesses processos de pesquisa, instrução de Registro e salvaguarda de fatos culturais. A participação social nesses processos de produção de conhecimento, reconhecimento oficial e salvaguarda, é fundamental para o sucesso da política de patrimônio imaterial, posto que os bens dessa natureza só podem ser preservados por meio da ação de seus atores sociais, detentores dos sentidos e significados. São as pessoas, em suas práticas cotidianas, que atualizam permanentemente suas tradições e fazem espontaneamente a salvaguarda de suas referências culturais. Aos poderes públicos cabe a interlocução estreita com as bases sociais, no sentido da implementação dos processos de patrimonialização; em cada caso, em função e em respeito às dinâmicas socioculturais de cada grupo, atuando para facilitar os meios ou as condições de permanência. [...] Os patrimônios imateriais, como as festas e celebrações, as músicas, danças, comidas, saberes e técnicas próprias da diversidade cultural só se conservarão, efetivamente, se vivenciados pelas pessoas; pelos sujeitos com motivações em suas comunidades, em condições, com garantias, liberdade e interesses em vivenciar e preservar, de modo dinâmico e criativo, as expressões de suas identidades culturais. (VIANNA, 2016).

Elucida-se aqui que a expressão “patrimônio cultural imaterial” poderá ser utilizada na tese em função do histórico exposto no excerto. Entretanto, compreende-se que os bens e referências culturais de natureza imaterial/intangível (a exemplo dos saberes do fazer musical das Folias de Reis, ou daqueles que competem à cozinha da festa) ou material (a exemplo dos objetos e lugares, como por exemplo, as bandeiras de Santos Reis, os instrumentos musicais, uniformes, *fardas* entre outros instrumentos utilizados pelos grupos quando circulam pelas ruas, sítios, fazendas, casas, igrejas, barracões etc.) são inseparáveis. Segundo Ulpiano Meneses (2009, p. 30), eles se complementam visto ainda que os últimos funcionam como “vetor de significação” e de realimentação das ditas imaterialidades. Ressalta-se, dentro disso, que “a tradição não é radicalmente incompatível com a mudança, do mesmo modo que a modernidade não o é com uma certa continuidade” (BALANDIER, 1976, p. 101 e 102). Assim também o são os patrimônios culturais, arcabouços que fundamentam, sustentam e reatualizam símbolos, valores, costumes, o que contribui ao processo de constituição de memórias e identidades, pois os sujeitos²⁴ podem, a partir deles e com eles, diferenciarem-se (alteridade), reconhecerem-se e transformarem-se.

²⁴ Interessante pontuar aqui a própria utilização do termo “sujeito”, o qual está ligado ao “eu” ou aos “indivíduos” que são resultados de movimentos e “instituições da modernidade”. Nesse aspecto, quando analisa a questão da modernidade e identidade, Anthony Giddens (2002, p. 9) considera que a primeira impacta “a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais da nossa existência”. Dentro disso, o autor concebe que “O eu

Além da definição exposta, com a Constituição Federal de 1988 (Artigo 216) uma novidade se impôs às novas políticas de preservação do patrimônio cultural. Ou seja, os próprios sujeitos pertencentes a eles precisam participar do processo do seu reconhecimento e proteção. Aliás, isso se tornou um pré-requisito à identificação dos dinâmicos patrimônios culturais, pois precisam fazer sentido no presente, exercendo uma função dentro da sociedade.

Dessa forma, se Carvalho (2010, p. 223) problematizou “(...) com base em Florestan [que]: o que posteriormente se definiria como tradição era antes a concepção de mundo a orientar a ação social de todos os estratos sociais”; poder-se-ia dizer, hoje, que a tradição (ou o patrimônio cultural) das Folias de Reis não só continua funcionando enquanto costume e prática religiosa (transformadas pelos seus praticantes), mas estaria sendo reconhecida por essas terminologias pelos próprios sujeitos e grupos à elas pertencentes.

Vale ressaltar que, no artigo ora divulgado, Carvalho (2020) trabalha com um grupo identificado na cidade de São Paulo e, assim, considera o contexto de modernização daquele local como um fator de transformação e até de marginalização das Folias de Reis. Ao passo que no mesmo se cria um espaço específico para apresentações das culturas tradicionais do estado de São Paulo (o Revelando São Paulo), o qual poderia então ser considerado como um “lugar de memória”, utilizando-se da expressão de Pierre Nora (1993).

Nessa concepção sobre o evento, o lugar teria sido criado por uma necessidade de as pessoas terem acesso a um passado corrompido por um processo desenfreado de modernização. Como lugares de memória (a exemplo de museus, festas), serviriam para dar algum sentido de continuidade no tempo, visto o contexto de “aceleração da história” que esfacela os meios pelos quais se constituem as experiências da memória social (NORA, 1993, p. 7).

Acerca dessas problemáticas da memória e história, entre as discussões do livro “Regimes de historicidade”, François Hartog (2015) considera que tal aceleração (o “futurismo”) ou as crises do “regime moderno de historicidade” resultaram em uma nova experiência com o tempo: o “presentismo”. Inaugurado por movimentos históricos como a Revolução Francesa, no regime moderno de historicidade predominaria uma perspectiva progressista de tempo, de modo que o futuro era tomado como referência. Nesse regime, e conforme apontado previamente com a invenção do folclore, o passado não era considerado senão como um sintoma do atraso, algo que deveria ser superado pelo promissor futuro. No entanto, com o desdobramento do século XX, sobretudo após as experiências negativas com as

não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto-identidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações”.

guerras mundiais, revolução científica e toda a ameaça de uma guerra nuclear, desabrochou uma nova percepção do tempo que colocou o passado recente como alerta e o futuro como uma ameaça, reduzindo-se no presente as expectativas que até então se tinham sobre o amanhã, o que, por outro lado, redobra ainda a atenção e a responsabilidade sobre o que se faz hoje. Portanto, vive-se “um presente contínuo” (HARTOG, 2015, p. 250-256).

Para Hartog (2015, p. 194-195), esse presentismo teria refletido na própria concepção do patrimônio cultural e na sua utilização como um símbolo de identidade nacional (sobretudo no contexto europeu), ideia que discute utilizando inclusive o citado conceito de “lugar de memória”. Em suas palavras:

O apelo à noção de patrimônio não traduz mais somente uma tomada de consciência e uma resposta a uma ruptura, mas torna-se uma maneira de designar um perigo potencial e de enfrentá-lo, instaurando precisamente uma lógica patrimonial, que se proclama cada vez mais preocupada com a transmissão e que abre cada vez mais espaço ao patrimônio “imaterial”. (Id., Ibid., p. 251).

Com base no apresentado, como será que essas concepções acerca da memória e do patrimônio cultural se refletiram nos municípios onde hoje ainda se manifestam as Folias de Reis no interior paulista? E, especificamente, por quem e de que forma as Folias de Reis foram preservadas em Ourinhos e Palmital?

A hipótese é que as Folias de Reis foram preservadas pelos sujeitos que as compreenderam também como parte da tradição folclórica/cultural dos municípios, percebendo ainda o seu potencial turístico local, o que moveu ações dentre as quais se destaca a conquista de espaço físico próprio para realização das *festas de chegada* ou de *encontro das bandeiras* e, nesse aspecto, a autonomia dos grupos (*Bandeiras* ou *Companhias*) frente à manutenção da celebração em Ourinhos e Palmital. Assim, nesta pesquisa, será importante a observação dos usos que os próprios sujeitos (devotos/foliões) fazem da sua devoção, entendendo-a e identificando-a como uma tradição que se quer preservar²⁵. Daí a ideia de levar a expressão “tradição como missão²⁶” ao título da tese.

²⁵ Observa-se que sujeitos e grupos entendem e identificam as Folias de Reis como uma “tradição” da qual se sentem pertencentes. Para preservá-las, porém, não descartam as mudanças que precisam incorporar a elas na história. “A propósito: não esquecer que o verbo latino *tradere* deriva de *trans-dare*, dar através de, repassar, ressaltando, portanto, o contínuo” (MENESES, 2021, p. 354, grifos do autor).

²⁶ O termo “missão” é também utilizado pelos sujeitos envolvidos às Folias de Reis, para se referirem ao pagamento de promessas feitas aos Santos Reis. Ao término das celebrações, por exemplo, costumam dizer que cumpriram sua missão.

Para auxiliar na compreensão dos usos modernos da tradição, o historiador Eric Hobsbawm (2018) contribui diferenciando “costume” das “tradições inventadas”:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (...) A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (HOBSBAWM, 2018, p. 8-9).

Nessa leitura, as Folias de Reis podem ser definidas como costumes socialmente remodelados ao longo do tempo e espaço. Entretanto, na medida em que esses costumes são identificados, utilizados e defendidos como “tradição” (pelos sujeitos a ela pertencentes), há também uma produção que poderia ser entendida, agora, a partir das reflexões de Michel de Certeau (2014) em “A invenção do cotidiano”.

Certeau (2014, p. 41) apresenta a ideia de invenção (ou fabricação, produção) pelos “modos de proceder da criatividade humana” diante de uma economia produtivista e de uma sociedade do consumo, a qual ele e seu grupo de pesquisa observariam (no livro mencionado) em Paris na década de 1970. Portanto, o historiador procura desconstruir a suposição de que os “consumidores” seriam passivos, entendendo em suas práticas a “criatividade dispersa, tática²⁷ e bricoladora”. Em suas palavras:

Muitos trabalhos, geralmente notáveis, dedicam-se a estudar seja representações, seja os comportamentos de uma sociedade. Graças ao conhecimento desses objetos sociais, parece possível e necessário balizar o uso que deles fazem os grupos ou os indivíduos. Por exemplo, a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos

²⁷ “A ideia de tática inspira-se na análise que Detienne e Vernant realizam sobre a noção grega antiga de *métis*, forma astuciosa ou ardilosa de inteligência; trata-se formas de saber e conhecimentos práticos, que dependem de uma ocasião, ou momento oportuno (*kairós*) para serem colocados em ação.” (PEREIRA; MACHINI, 2016).

comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribuiu. (CERTEAU, 2014, p. 38).

Nessa direção, mas em um outro contexto, o passado, ou caráter tradicional das Folias de Reis a serem estudadas, pode ter sido apropriado, pelos sujeitos e grupos vinculados à devoção de leituras (não só de textos, mas de imagens, músicas) que contribuem à explicação e reforçam a crença sobre o início do mundo, com o nascimento de Jesus e visita dos Três Reis Magos (“os mitos de origem”), combinadas, por exemplo, com memórias herdadas dos antigos foliões e em vivências nas festas, ou mesmo em conversas com simpatizantes sobre a temática, e que, não necessariamente, ocorrem na ocasião e local da celebração. Certeau (2014, p. 48) considera, nesse aspecto, a “produção silenciosa” que permeia as práticas e que ocasiona “igualmente uma *“invenção de memória”*”.

Entende-se “(...) que a memória é, acima de tudo, uma construção continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (CANDAUI, 2014, p. 9). Assim como “Toda história é contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não só é inevitável como legítimo” (LE GOFF, 2013, p. 53). O que faz pensar o ato individual e coletivo de rememoração sobre uma tradição, bem como a identificação, preservação e defesa de uma considerada tradição, que é parte da memória e do patrimônio cultural de uma dada realidade, sendo reconhecida ou não pelas vias institucionais.

Para Célia Camargo (2006), preservar a memória equivale a construí-la, visto a seleção que o ato pressupõe. Para que um órgão de preservação da memória e do patrimônio cultural possa atuar nessa função, por exemplo, é preciso antes que desenvolva critérios para o reconhecimento. Ora, em uma realidade local quantos patrimônios/tradições não poderão existir? E quais deles seriam lembrados? Do mesmo modo ocorre quando um sujeito pertencente a uma Folia de Reis reconta a sua história. Para compartilhar as lembranças sobre o festejo ou mesmo sobre as particularidades do seu grupo, certamente terá que selecionar memórias e fazer negociações, o que também pressupõe a construção de identidades (POLLAK, 1992, p. 4-5).

Vale trazer aqui a reflexão sobre “memória-monumento”. Geralmente atribuída às instituições, pela escolha e até imposição de monumentos – a exemplo de celebrações e outros tipos de patrimônios culturais – tal memória, que pretende lembrar um passado glorioso e, por outro lado, ocultar suas contradições, pode ser utilizada para se analisar “uma memória individual sobre a qual se constroem os alicerces de uma identidade pessoal”, visto que funciona

“como um instrumento para que nos sintamos satisfeitos e em paz com nós mesmos, e portanto para que continuemos sendo o que temos sido” (PORTELLI, 2016, p. 48).

Ainda que nesta tese a memória seja trabalhada como um fenômeno social, visto a pretensão de escrever uma história acerca das Folias de Reis, pelos vestígios e versões produzidas sobre elas em Ourinhos e Palmital, sobretudo, a partir dos interesses daqueles que as mantêm vivas no presente; não poderá, então, desconsiderar as condições individuais dessa produção. É pertinente a fala do antropólogo Joël Candau (2014, p. 19): “Se a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais”, o que não quer dizer que, em meio às ações para manutenção das Folias de Reis, não tenham existido conflitos.

História do projeto

Toda aventura em história oral carrega em si uma trajetória que merece ser contada. Essa dimensão pública do processo é característica da história oral e procura dar fundamento social às consecuições. Apesar de ter o projeto como essência, as eventuais transformações no andamento da execução devem ser noticiadas, informando das razões que levaram às eventuais mudanças de rumo, pois, com o devido respeito aos ditames do projeto em história oral sempre há espaços para novidades. (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 39).

Desde a infância, já observava alguns *giros* de Folias de Reis pela minha cidade natal, Tarumã (SP), ou mesmo nas férias que passava na cidade em que morava meu avô materno (Francisco Sales da Cruz), Campinas (SP). Também ouvi histórias de que meu avô paterno (José Ferreira Goulart), em sua juventude, tocava violão em grupos devocionais que acercavam Tarumã. Inclusive, alguns dos seus primos ainda cantam ou tocam nas festas de Florínea (SP). De maneira geral, os familiares e conterrâneos que não participaram diretamente da celebração, já receberam bandeiras em suas casas, doaram *prendas* a elas, comeram a *comida de Santo Reis*, oferecida gratuitamente ao público na festa, ou simplesmente já ouviram as canções (com suas particulares *vozes*, das quais se destaca o *Gritinho*) e visualizaram alguma performance dos coloridos e curiosos *palhaços/Bastiões* que compõem os grupos, provocando risos e/ou desconfortos.

Apesar da “familiaridade”, o interesse pelas Folias de Reis surgiu após o término da minha graduação em História, quando passei a estudar manifestações culturais tidas como tradicionais e que se encontravam em minha região, o que poderia facilitar o próprio trabalho de campo e ainda proporcionar, a partir da perspectiva da cultura popular, algum tipo de material sobre a história local. Assim, é preciso ressaltar que a minha compreensão sobre as Folias de Reis enquanto um possível patrimônio cultural só foi estabelecido na medida em que me dediquei às experiências da especialização²⁸, mestrado²⁹ e doutorado.

Entre os resultados dessa aventura à qual inicialmente me dediquei a entender a temática em Florínea³⁰ (SP), seis deles foram determinantes às novas projeções de pesquisa qualitativa: 1º) a presença de uma memória coletiva que atrelava a criação da festa à fundação da própria cidade de Florínea no início do século XX, visto que seu primeiro festeiro (Sebastião Alves de Oliveira) doou terreno à constituição da mesma; 2º) a lembrança da quase ‘morte’ das Bandeiras de Santos Reis na década de 1970, por falta de *festeiros*; 3º) a reunião de duas Bandeiras de Santos Reis em uma Comissão informal de festas a partir da década de 1980, a qual passou a articular e organizar uma única celebração em Florínea; 4º) a estabilização da festa de *Encontro das Bandeiras* em um local público da cidade (Parque de Tradições), o qual foi constituído e configurado especialmente para a festa de Santos Reis, a partir da década de 1990; 5º) a criação da Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea, em 2013; 6º) e os limites (ausência) das políticas culturais daquele município em relação à salvaguarda da celebração (GOULART, 2016).

As observações revelaram assim que, tanto a memória construída sobre a festa, quanto as próprias reorganizações sociais e ressignificações para sua preservação até a contemporaneidade, deram-se em função dos desafios vivenciados pelos sujeitos e grupos desde que a celebração adentrou a realidade urbana daquele município, tornando-se parte da sua cultura.

Nesse sentido, as conclusões elencadas e amadurecidas após o término do mestrado fundamentaram o projeto de doutorado, sobretudo, aquelas atreladas aos impactos da

²⁸ Orientada pela professora Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (2012 a 2014 – UEM/Maringá), a especialização proporcionou uma introdução à história das Folias de Reis de Florínea. Desse trabalho resultou o artigo: PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; GOULART, Rafaela Sales. Histórias e memórias: a folia de reis de Florínea/São Paulo. *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 8, n. 2, p. 53-69, 2014.

²⁹ A pesquisa foi orientada pela professora Fabiana Lopes da Cunha (2013 a 2016 – UNESP/Assis) e financiada pela FAPESP, órgão que contribuiu à publicação do livro: GOULART, Rafaela Sales. Sentidos da folia de reis: um estudo da memória e da identidade da celebração popular em Florínea. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

³⁰ Estudar o festejo em Florínea e não em Tarumã, por exemplo, foi uma primeira escolha que tive que fazer no início do meu projeto de pesquisa. As Folias de Reis em Florínea apresentavam duas Bandeiras e muitos sujeitos envolvidos à sua preservação, quando comparado à realidade que se observava em Tarumã.

modernização agrícola no processo de desenvolvimento das cidades paulistas do Vale do Paranapanema, a partir da década de 1970. Tal história pareceu resultar ações similares à manutenção das festas em municípios do entorno de Florínea, o que poderia ser aprofundado (tanto as ações dos grupos, quanto dos poderes públicos municipais).

No mesmo ano em que defendi o mestrado, 2016, vinculei-me ao projeto de pesquisa “Angra Doce: potencial do desenvolvimento turístico e inserção regional no Pacto Global”, coordenado pela professora Fabiana Lopes da Cunha. O que acabou direcionamento meu plano de estudos sobre Folias de Reis presentes em municípios da recém designada região Angra Doce, sendo preliminarmente selecionados grupos festivos presentes nos municípios de Ourinhos e Salto Grande. Após o início do doutorado em 2018 e através do método de trabalho, no entanto, redirecionei meu foco de análise às Folias de Reis de Ourinhos e Palmital.

Sobre a mudança das Folias/municípios³¹, destaco dois motivos: o primeiro deles é que os devotos responsáveis pelo ritual de giro (ou *romaria*, nome também utilizado no local) da Bandeira de Santos Reis de Ribeirão Grande, do município de Ourinhos, eram praticamente os mesmos que o faziam em Salto Grande, Ribeirão do Sul e São Pedro do Turvo, o que notabilizava a convivência e parceria (CANDIDO, 2017) de grupos em prol das celebrações naquele território (BONNEMAISON, 2002; TEIXEIRA, 2006; RISSO, 2014); já o segundo, foi a observação da relevância que os primeiros entrevistados deram à Folias de Reis de Palmital (Companhia de Reis Água das Anhumas; Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr.; Companhia de Reis Três Ilhas), destacando sua grandiosidade (a quantidade de pessoas na festa) em termos regionais, bem como enfatizando a presença de jovens nos grupos que, aliás, eventualmente se apresentavam nas festas de Ourinhos e de Salto Grande, assim como em Encontros de Bandeiras de Folias de Reis (de caráter regional), como é o caso do promovido pela Secretaria de Cultura de Assis³².

³¹ No Apêndice 5 se encontra um relato de campo que conta minhas experiências em Salto Grande. Nele fica mais perceptível os porquês da minha mudança no enfoque do estudo, bem como a relevância da trajetória de pesquisa à construção da tese.

³² Os delineamentos e observações iniciais da pesquisa foram explorados nos artigos: GOULART, Rafaela Sales; CUNHA, Fabiana Lopes da. As folias de reis em Ourinhos e Salto Grande (SP): por que e como estudar? *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 12, n. 1, p. 42-53, 2018; GOULART, Rafaela Sales. História oral e história pública: relações a partir de folias de reis paulistas. In: Anpuh, 2019, Recife. *Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil*, 2019; _____. As folias de reis no interior paulista: formas de preservação do bem cultural no tempo presente. In: XV Encontro Estadual de História ANPUH RS - História e resistências, 2020, Passo fundo. *Anais do XV Encontro Estadual de História ANPUH RS - História e resistências*, 2020.

Ações comuns em prol das manifestações na mesorregião de Assis (SP)³³ foram também observadas nesse processo: a incidência de festas de *Encontros de Bandeiras* em datas que não coincidem entre si (excetuando-se as de Florínea e Cândido Mota, que ocorrem nos dias 6 de Janeiro); a reorganização do ritual festivo através de espaços físicos fixos (barracões em terrenos privados ou públicos, localizados em propriedades rurais ou urbanas) onde atualmente ocorrem as festas de *encerramento das bandeiras*; a participação de cantores e cozinheiros em bandeiras e festas distintas às que pertencem; as formas de identificação da celebração (através dos nomes de Águas e Ribeirões que originaram bairros rurais onde se consideram ter ocorrido a fundação das bandeiras; e dos nomes das cidades, quando a festa funciona como um evento de viés público e/ou turístico – caso dos *Encontros de Bandeiras*); a criação de Associações relacionadas à preservação das Folias de Reis, com registro em Cartório, Estatutos e cargos específicos (caso de Florínea, Assis, Cândido Mota, Palmital).

Das particularidades que atualmente diferenciam as Folias de Reis presentes em Ourinhos e Palmital, destaca-se, no primeiro caso: o calendário atípico da celebração da Bandeira de Ribeirão Grande, que se desdobra entre os meses de maio e julho, e a já sinalizada reunião de um grupo de músicos, no entorno dessa festa, para realizarem outras que aparentemente estão se enfraquecendo (perda de foliões); já no segundo, aponta-se a ênfase dada à festa de Santos Reis (Companhia de Reis Água das Anhumas; Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr.; Companhia de Reis Três Ilhas) de Palmital, sendo considerada a maior em termos de público festivo e em gênero de distribuição gratuita de alimentos, bem como o anseio da própria comunidade em obter o reconhecimento de Palmital como Capital Estadual e/ou Nacional da Folia de Reis (Projetos de lei nº 4/2018, nº 9866/2018 e nº 19/2020³⁴). Esses motivos se sobressaíram na seleção secundária de Folias/municípios, sobretudo, porque permitiam esclarecer significativas ações em prol da permanência da celebração no local, ao passo que, poderiam representar as transformações e demandas sociais dos grupos de Folias de Reis no tempo presente.

³³ No capítulo 1 deixarei explícito quais municípios manifestam Folias de Reis no interior de São Paulo, havendo na mesorregião de Assis somente três trabalhos acadêmicos sobre a temática: KODAMA, 2009; GOULART, 2016; SEGATELI, 2021.

³⁴ Consultar propostas no *WebSite* da Assembléia Legislativa do estado de São Paulo: PL 4/2018 (Luiz Carlos Gondim – PTB/SP): <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000201595>; e no Congresso Nacional: PL 9866/2018 (Walter Ihoshi - PSD/SP): <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2170393>; e PL 19/2020 (Coronel Tadeu - PSL/SP): <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2236336>. Acesso: 13 nov. 2022. Em 2021, constatou-se mais uma proposta em nível estadual: PL 314/2021 (Adriana Borgo - PROS/SP): <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000370493>. Acesso: 13 nov. 2022.

Vale dizer que, celebrações de *chegada* das bandeiras de Folias de Reis em Ourinhos e Palmital ainda ocorrem em terrenos privados localizados na zona rural, e em função da constituição das próprias Associações que, no caso de Ourinhos, desenvolveu-se em 2002 no entorno de interesses dos moradores da “Comunidade do Bairro Ribeirão Grande”; e em Palmital, em 2017, sob o interesse de fortalecer as Folias de Reis e resgatar as demais tradições culturais do município. Além desses locais, a circulação das *Bandeiras/Companhias* em ambientes/meios públicos e privados se faz, contemporaneamente, não somente nos *giros* que antecedem a *feira final* e dentro do ciclo celebrativo local, mas em eventos municipais locais, regionais e/ou estaduais em comemoração às manifestações de folclore e culturas tradicionais, ou mesmo em livretos, programas de rádio, etc (ações iniciadas em 2002), onde foliões e demais sujeitos que visam a valorização da tradição divulgam e reinventam seus costumes cotidianamente.

Aproveito o comentário acerca da criação das Associações e demais meios de preservação e divulgação das Folias de Reis para dizer que foram essas evidências que possibilitaram o recorte temporal da pesquisa, entre décadas de 2000 e 2020, ainda que algumas fontes façam referências a anos anteriores à 2000 ou posteriores a 2020. Essa escolha se deu justamente por entender que as documentações criadas e utilizadas pelos próprios sujeitos e grupos representam as ações para preservação daquilo que consideram como sua tradição.

Pontua-se, então, que, por essa trajetória de pesquisa, passei a reconhecer por “Folias de Reis e/ou “Festa de Santo (s) Reis” a celebração realizada em nome da devoção aos Santos Reis. Elas são compostas por todos os sujeitos que se relacionam à festividade em função do histórico de vida no campo e na festividade (os *foliões*³⁵ e devotos, ex-moradores dos bairros rurais e municípios e que hoje compõem o público das festas que envolvem a tradição) (*comunidade de destino*³⁶). Dentro dessa comunidade, existem “Bandeiras/Companhias” compostas por sujeitos que carregam e circulam com uma bandeira de Santos Reis, bem como aqueles que os recebem, trabalham pela festa de um local e que conhecem e compartilham suas memórias e identidades (*colônias*³⁷). Nas “Bandeiras ou Companhias”, por sua vez, existem

³⁵ Folião é também um devoto de Santos Reis; porém, optei por manter as duas nomenclaturas no texto, pois elas permitem uma distinção entre quem costuma levar as bandeiras para viagem (foliões) e aqueles que a recebem em suas casas (devotos). Os *foliões*, porém, desenvolvem papéis específicos na festa: *festeiro, palhaços/bastiões, gerentes, mestre/embaixador, contramestre*, entre outras denominações.

³⁶ “Comunidade de destino” é uma terminologia criada para o trabalho com a metodologia da história oral, sendo tal comunidade caracterizada por uma memória coletiva e “pela força do vínculo subjetivo existente entre pessoas afinadas em torno de motivações comuns, dramas e sofrimentos” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 95-96).

³⁷ “Colônia” seria a “fração representativa” da “comunidade de destino” (*Id.; Ibid.*, p. 101).

sujeitos que lideram a organização da festa, fazendo frente no processo de construção e preservação da sua memória e identidade no local (*redes*³⁸).

A distinção acima tornou-se necessária, pois mesmo que as celebrações tenham sido identificadas junto aos nomes dos municípios e estados onde se encontram no Brasil (sobretudo em eventos culturais, jornais, redes sociais, trabalhos acadêmicos etc.), os sentidos de pertencimento a elas transcendem os limites geográficos e político-administrativos desses locais, revelando uma tradição compartilhada para além de fronteiras. Ao passo que a apropriação de nomes dos bairros e dos municípios pelos grupos, por exemplo, reflete o processo de reconhecimento do local pela festa (CASSIANO, 1999; TEIXEIRA, 2006) e da festa no local, podendo gerar ações específicas para preservação das Folias de Reis na história do tempo presente.

Acerca dos problemas que envolveram o desenvolvimento do projeto de doutorado, destaco a pandemia da Covid-19. Por se tratar de uma pesquisa cujo eixo metodológico central é a história oral, pode-se dizer que o que se contou nos parágrafos anteriores foi resultado dos escassos levantamentos e da pouca experiência que pude obter em campo – especificamente com as Folias de Reis de Ourinhos e Palmital – até que nos isolássemos a partir de março de 2020. Por sorte, depois da aprovação do meu projeto no Comitê de Ética da Unesp de Assis no final de 2018, consegui ir a campo para participar de alguns giros e festas entre 2019 e início de 2020, momento em que levantei 20 entrevistas e demais fontes³⁹ junto aos grupos. As demais documentações incorporadas posteriormente a esse período foram então conhecidas com ajuda de alguns solícitos foliões que tinham acesso à internet e habilidades com as tecnologias, bem como aquelas que estavam disponibilizadas em portais eletrônicos.

Apesar dos percalços, em 2021 realizei a qualificação e a banca orientou-me de que as documentações já eram pertinentes para a conclusão da tese. Após essa etapa, porém, acabei descobrindo na página do IPHAN um recente Processo de Instrução para Registro das Folias de Reis do Estado de São Paulo como patrimônio cultural do Brasil, sendo que, até então, só tinha conhecimento daqueles referentes às Folias de Reis Fluminenses e ao Reisado de Pernambuco. Pela leitura dos desdobramentos do processo em São Paulo, eu e minha

³⁸ “Redes” são derivações da “colônia” e “devem ser sempre plurais porque nas diferenças internas aos diversos grupos residem as disputas ou as marcas alternativas que justificam comportamentos no interior de um mesmo plano organizativo” (*Id.*; *Ibid.*).

³⁹ Ao final do texto, essas fontes se encontram referenciadas em tópico específico. Algumas delas foram recortadas e compartilhadas ao longo da tese (em transcrições, imagens ou notas com endereços eletrônicos que permitem o seu acesso no *YouTube*) ou nos apêndices.

orientadora decidimos incorporá-lo na tese. Essa opção, por sua vez, resultou na reorganização da sua estrutura.

Detalhes sobre levantamento e organização das fontes

1 – Trabalho de campo (contato prévio com os possíveis participantes da pesquisa – líderes e personagens importantes aos grupos⁴⁰; acerto da documentação segundo Comitê de Ética/Unesp Assis⁴¹; agendamento e realização das primeiras entrevistas, e levantamento de outros contatos⁴²; participação nas festas e observação de outros potenciais entrevistados; relatórios de campo; levantamento de fontes textuais e audiovisuais);

2 – Transcrições das entrevistas e organização das fontes orais⁴³ (leitura das transcrições; escrita de relatório de entrevistas, contendo: observações do estudo de campo e aspectos memorialísticos dos entrevistados; sistematização dos dados acerca das Bandeiras/Companhias e dos entrevistados em Tabelas⁴⁴; complementação de informações e de fontes por telefone/internet, devido à pandemia);

3 – Seleção⁴⁵ e compreensão⁴⁶ das fontes conforme objetivos da tese.

⁴⁰ Por telefone, pela internet e presencialmente.

⁴¹ Ver roteiro geral de entrevistas e Termos de Consentimento nos Apêndice 3 e 4.

⁴² Recorreu-se à amostragem em *bola de neve* que, segundo João Oswaldo Dewes (2013), “[...] funciona a partir da indicação por parte de algum indivíduo da população de outros que também fazem parte, e assim sucessivamente, caracterizando-se num formato semelhante ao de uma bola de neve que vai acumulando os flocos de neve ao rolar e se tornando cada vez maior”.

⁴³ Ajudaram nesse processo: ALBERTI, 2003; 2010; MEIHY; SEAWRIGHT, 2020.

⁴⁴ É possível visualizar tais Dados no Apêndice 9. Alerto sobre a importância desse documento no que diz respeito aos dados dos entrevistados: idade, naturalidade, profissão, função na festa, entre outros. Por uma questão de seleção feita com base nos objetivos da tese, nem todos apareceram no corpo do texto.

⁴⁵ O levantamento das fontes orais tomou como pressuposto as considerações de Ecléa Bosi (1994, p. 81-84) acerca dos “velhos” (sua experiência de vida pode produzir uma narrativa com mais riqueza de elementos; as informações compartilhadas podem ser mais despreocupadas com filtros e comportamentos. Enfim, a ideia de que quando rememoram, os anciãos “trabalham”, cumprem uma função social) e “adultos” (sua experiência de vida não só é menor em relação aos anteriores, mas algumas atividades de trabalho e as formas de sociabilidade podem afetar seu tempo e desejo de rememorar e compartilhar algumas informações). Nesse sentido, procurei elencar pessoas com mais experiência na história dos grupos e festas, bem como aquelas que não tem muito tempo de experiência, mas que desenvolvem funções importantes nelas. A seleção dos sujeitos em si, deu-se pela observação de sua representatividade nos grupos e atuação direta na preservação da memória e identidade das festas no presente.

⁴⁶ Utilizo o texto “Documento/Monumento”, de Jacques Le Goff (2013), para entender as fontes como construções que carregam intencionalidades, o que requer problematização das condições de sua produção (autores, contexto e local de produção etc.). Quando tratar das fontes orais, procurarei explicar como as entrevistas foram desenvolvidas, local, envolvidos e demais informações que darão possibilidades para compreensão da produção documental e análises interpretativas. Essa observação se estende às fotografias produzidas por mim e que foram utilizadas no texto. Quanto à análise das fontes (em geral), utilizarei de teóricos que abordam a temática da memória e identidade, sobretudo: POLLAK, 1992; CANDAU, 2014; PORTELLI, 2016. Já quanto aos usos, ações, práticas, representações culturais e simbólicas, sobretudo: CASTELLS, 1999; MARIN, 2000; KOSSOY, 2001; MENESES, 2009; 2021; CERTEAU; 2014. Vale dizer que, no caso das imagens, quando não citei nomes de pessoas que estavam sendo nelas retratadas, é porque não obtive informações.

Objetivos e estrutura da tese

Objetivo geral

Compreender como as Folias de Reis foram preservadas em Ourinhos e Palmital, identificando os elementos – acontecimentos, instrumentos e ações – utilizados pelos sujeitos e grupos na construção da memória e identidade da tradição no local.

Objetivos específicos

- ✓ Levantar e discutir ações institucionais (legislações e projetos políticos e acadêmicos) que podem ter tangenciado e/ou contribuído à preservação das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital;
- ✓ Contextualizar Ourinhos e Palmital na história do Oeste Paulista, e pela perspectiva de quem trabalha com as Folias de Reis do local;
- ✓ Levantar documentação acerca da memória e identidade das Folias de Reis de Ourinhos e Palmital; e compreender como as festas foram preservadas no local, identificando e descrevendo os elementos – acontecimentos, instrumentos e ações – utilizados pelos sujeitos e grupos, para manutenção da sua tradição.

Estrutura

A tese foi dividida em duas partes. A primeira delas: “As Folias de Reis como patrimônio cultural: uma revisão necessária”, é composta por um único capítulo onde foram revisados e discutidos os contemporâneos mecanismos institucionais de reconhecimento das Folias de Reis, elucidando como eles tangenciaram políticas e se apresentaram em Ourinhos e Palmital.

Assim, o Capítulo 1: “O reconhecimento das Folias de Reis como patrimônio cultural *do e no* Brasil: percursos e percalços de uma história do tempo presente”, foi dividido em três tópicos. O primeiro deles aborda os avanços constitucionais e conceituais acerca do patrimônio cultural no Brasil, apresentando os principais mecanismos de preservação dos bens culturais de natureza imaterial e, nesse aspecto, apontando os desdobramentos do recente Processo de Instrução para Registro das Folias de Reis do Estado de São Paulo como patrimônio cultural do Brasil. Os problemas identificados nesse processo, por sua vez, foram discutidos no segundo tópico do texto, onde se fez um levantamento de pesquisas acadêmicas acerca da temática das Folias de Reis no interior paulista. A ideia foi apresentar alguns percursos metodológicos do presente estudo e identificar, através das demais pesquisas, quando e como as Folias de Reis

foram abordadas, bem como perceber como elas estão sendo mantidas em outros municípios do estado de São Paulo. Já no terceiro tópico, foi realizado um levantamento e uma discussão sobre os instrumentos oficiais de reconhecimento do patrimônio cultural em Ourinhos e Palmital, tendo como base a preservação daqueles que seriam seus possíveis bens culturais de natureza imaterial, como são os casos das Folias de Reis.

Já a segunda parte da tese: “As Folias de Reis como missão: formas de preservação em Ourinhos e Palmital”, foi dividida em três capítulos que pretenderam observar como tal história, contada na primeira parte do texto, pode ter se refletido nas formas de preservação das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital.

Para isso, o objetivo do Capítulo 2: “Ourinhos e Palmital na história do Oeste Paulista: uma contextualização”, foi o de apresentar uma história que está por trás dos patrimônios culturais oficialmente reconhecidos em Ourinhos e Palmital, procurando também contextualizar como o espaço de pesquisa foi transformado com o surgimento das cidades no início do século XX e o êxodo rural, sobretudo, a partir da década de 1970. Uma escolha que se deu também em função de que o “universo do campo” (rural) ainda é muito significativo às memórias e identidades das Folias de Reis. Alguns dados atuais acerca dos municípios também foram compartilhados para sinalizar a realidade local que se trabalha e onde se poderá, a partir de então, discorrer sobre formas de se celebrar os Santos Reis e de se preservar a tradição.

Assim, nos Capítulos 3: “As Folias de Reis em Ourinhos” e 4: “As Folias de Reis em Palmital”, a ênfase foi dada à construção das memórias e identidades das Folias de Reis e nas formas da sua preservação nos municípios paulistas. A estrutura narrativa de ambos seguiu os mesmos moldes. Iniciando-se pela escrita de um histórico dos grupos junto aos seus elementos memorialísticos e identitários que, pelas experiências em campo e compreensão das fontes, possibilitaram-me elencá-los como representativos à história das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital. Foram os casos de alguns acontecimentos, sujeitos, instrumentos e lugares (POLLAK, 1992) de valor cultural (MENESES, 2009). Em um segundo momento, as formas de preservação da celebração foram compartilhadas (documentos, invenções diversas), tentando identificar e compreender quais sujeitos e ações foram movidas para tal manutenção. Dentro disso, haverá uma descrição da festividade no local, evidenciando sua organização, personagens, funções e significados. Com a leitura desses capítulos, creio que se evidenciarão as diferenças e semelhanças nas formas de preservação das Folias de Reis em Ourinhos e em Palmital, sobretudo, pelos movimentos dos sujeitos que atuam na construção da memória e identidade dos grupos e da tradição no local e tempo presente.

**PARTE 1 - AS FOLIAS DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL:
UMA REVISÃO NECESSÁRIA**

CAPÍTULO 1: O reconhecimento das Folias De Reis como patrimônio cultural *do e no* Brasil: percursos e percalços de uma história do tempo presente

O caminho escolhido para o início dessa investigação é a discussão sobre recentes pedidos de Registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Brasil, ações que encaminharão um diagnóstico dos estudos sobre a temática especificamente no estado de São Paulo. A narrativa se findará com a averiguação dos instrumentos de reconhecimento (legislações e planos de governo) dos possíveis patrimônios culturais presentes em Ourinhos e Palmital, o que evidenciará alguns problemas e indícios para a construção da segunda parte da tese.

O objetivo geral deste capítulo é fornecer aos leitores um panorama das ações institucionais acerca das Folias de Reis que, pelo que se contará adiante, podem hoje ser identificadas e protegidas como patrimônios ou bens culturais de natureza imaterial.

1. 1 Os pedidos de Registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Brasil

Art. 216º Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.” (...)

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 1988).

Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. (...)

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. (...)

Art. 2º São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro:

- I - o Ministro de Estado da Cultura;
- II - instituições vinculadas ao Ministério da Cultura;
- III - Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal;
- IV - sociedades ou associações civis.

Art. 3º As propostas para registro, acompanhadas de sua documentação técnica, serão dirigidas ao Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que as submeterá ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural (BRASIL, 2000).

O conceito de “patrimônio cultural” e a menção à “natureza material e imaterial” dos “bens” que o integram, apareceram pela primeira vez em uma Carta Constitucional brasileira

no ano de 1988. Apesar da divisão em material e imaterial, pode-se dizer que “O bem, como indivíduo, é a substância concreta da coisa dotada de significado patrimonial e que integra o rol do patrimônio coletivo, herança selecionada por um povo para referenciá-lo e constituir o conjunto que atravessa a temporalidade de suas gerações.” (CARSALADE, 2005, p. 2). Os bens denotam valores e práticas sociais de seleção (MENESES, 2009, p. 32), são “(...) referenciais culturais dos povos, pela percepção dos bens culturais nas dimensões testemunhais do cotidiano e das realizações intangíveis” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 31-32). “Na verdade, qualquer bem produzido pela cultura é, tecnicamente, um bem cultural, mas o termo, pela prática, acabou se aplicando mais àqueles bens culturais escolhidos para preservação⁴⁷” (CARSALADE, 2005, p. 14). Assim, assume-se que: “(...) preservar a memória significa, sempre, construir memória” (CAMARGO, 2006, p. 45).

Em “O direito à memória: análise dos princípios constitucionais da política de patrimônio cultural no Brasil (1988-2010)”, Ricardo Fernandes (2011) aponta que os Artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, representam o reconhecimento jurídico dos direitos sociais à memória, “(...) que vão desde o direito à produção cultural, passando pelo direito de acesso à cultura até o direito à memória histórica.” (*Id., Ibid.*, p. 4). Especificamente no Parágrafo 1º do seu Artigo 216 (BRASIL, 1988), determina-se que o patrimônio cultural, que compreende a “memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, deverá ser promovido e protegido através de instrumentos de preservação específicos, levando em consideração também a municipalização das políticas de patrimônio e a participação da sociedade civil no processo de reconhecimento. Para o autor, tais princípios “(...) propiciam, na prática, a construção de uma política cultural para o patrimônio que enseje o exercício da cidadania a todos os brasileiros.” (*Id., Ibid.*, p. 3).

Em que pese o direito ao patrimônio cultural no Brasil, Ulpiano Meneses (2009, p. 33) ressalta que a grande novidade do Artigo 216 não é a “extensão do horizonte do patrimônio”, como recorrentemente se assume ao se destacar sua natureza imaterial, mas o “deslocamento da matriz” interpretativa do conceito. Em suas palavras:

⁴⁷ Vale dizer que no campo do patrimônio cultural há uma discussão acerca do conceito de “bem cultural”. De acordo com Guedes e Maio (2016), “Até os anos setenta, o termo bem cultural, se utilizado no sentido de bem protegido, estava mais próximo da ideia de patrimônio vinculado às primeiras décadas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de acordo com o qual os bens são vistos como aqueles associados a “fatos memoráveis da história do Brasil, quer pelo seu excepcional valor arqueológico quer pelos valores etnográfico, bibliográfico ou artístico”, incluindo os monumentos naturais, os sítios e as paisagens, delimitação das primeiras décadas de atuação da instituição, citados do Decreto-lei n.25 de 1937. O conceito, portanto, passa a ter sua reelaboração no exercício das práticas de preservação a partir da proposta apresentada por Aloísio Magalhães e sua equipe na década de setenta, que inseriu a cultura no âmbito das políticas sociais (ANASTASSAKIS, 2007, p.37)”.

Ao transferir a matriz do valor cultural do Estado para as práticas sociais de identidade, memória e ação, a Constituição introduziu na arena a figura do *sujeito*, porque somente sujeitos podem exercer, na ação, a identidade e memória. As coisas não têm consciência de si, de sua identidade, nem procuram inteligibilidade, sentidos e valores no seu existir. As coisas, apesar de contarem com trajetórias e biografia social, não têm consciência da operação do tempo sobre si e seu devir. Identidade e seu suporte insubstituível, a memória são atributos de sujeitos, agora transformados (ao menos na letra da lei) em protagonistas; as coisas são agora *referências*, mediações.” (MENESES, 2021, p. 345-346).

Como um fato social, passa-se a considerar os valores culturais (cognitivos, formais/estéticos, afetivos, pragmáticos/usos e éticos, que se combinam, transformam-se, entram em conflito) do patrimônio, os quais são criados pelos sujeitos que compõem e protagonizam uma sociedade (MENESES, 2009, p. 32-38). Mas elucidada:

É claro que o estado e o governo podem participar da criação desses valores, privilegiando ou marginalizando uns e outros, mas sempre no jogo das práticas sociais. Estas é que são o ventre gerador. O poder público, agora, tem um papel declaratório e lhe compete, sobretudo, proteção, em colaboração com o produtor de valor, a comunidade (...). Entretanto, mesmo sem qualquer intervenção do poder público, existe o “patrimônio cultural nacional”. (*Id.*, *Ibid.*, p. 34).

Há nos trechos a menção de que o reconhecimento de patrimônios culturais passa pelo “jogo das práticas sociais”, subentendendo que memória e identidade social são constituídas em um campo de negociações e disputas (POLLAK, 1989). De fato, o ato da patrimonialização requer seleção, diferenciações, valoração social e técnica, marginalização, exclusão e, por isso, o patrimônio cultural nacional (ou regional, local) existe independentemente de declaração do poder público e de reconhecimentos institucionais. De todo modo, a criação desses delineamentos no campo do patrimônio cultural passa pela esfera do político⁴⁸ (MENESES, 2009, p. 38) e, por isso, atenta-se à relevância da participação democrática no compromisso do que deve tornar-se um patrimônio cultural. Não por acaso, a Constituição Federal de 1988 chegou a levar “(...) a alcunha *Constituição Cidadã*” (CAMPOS, 2015).

Em “A matriz constitucional do Registro de bens imateriais no Brasil: a porção humana do patrimônio cultural”, Hermano Queiroz (2021) acrescenta que as conquistas constitucionais

⁴⁸ “Político, não no sentido partidário, mas no de *pólis*, a cidade dos gregos, isto é, aquilo que era gerido compartilhadamente pelos cidadãos; a expressão correspondente entre os romanos, *res publica*, representa a outra face da moeda: a coisa comum, o interesse público. A democracia garante direitos e acesso; a república, finalidade e responsabilidades. A cidadania haveria de ser obrigatoriamente democrática e republicana e instaurar direitos e as correspondentes obrigações.” (MENESES, 2009, p. 38).

ora observadas pelo campo político do patrimônio cultural foram “(...) pauta reivindicada por vários movimentos sociais⁴⁹ articulados nas décadas antecedentes⁵⁰ à Constituinte⁵¹, a exemplo dos movimentos negros” (QUEIROZ, 2021, p. 252-253) e indígenas.

Ao abordar os modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural no Brasil, em “A construção da memória na sociedade global. Identidades sociais: local X global”, Célia Camargo (2006) também considera os avanços dos movimentos sociais (globais) integrados ao discurso da Constituição de 1988 e na prática das políticas culturais nesse contexto. Todavia, problematiza:

O reconhecimento da pluralidade cultural em suas diferentes formas de expressão e de transmissão, baseado principalmente nas novas tendências da pesquisa historiográfica e das abordagens antropológicas sobre a interpretação das culturas, foi evidentemente um avanço notável para as políticas de proteção ao patrimônio cultural no Brasil, incluindo as diretrizes que envolvem a formulação das políticas públicas municipais na esfera cultural. No entanto, apesar de todo o processo de descentralização decorrente, ainda se observa a abordagem das particularidades e do universo local remetida à categoria legitimadora do espaço e da cultura nacional. (CAMARGO, 2006, p. 50).

Para sustentar sua afirmação, a historiadora faz uma discussão sobre a diversidade de informações e do uso em massa das novas tecnologias presentes na “sociedade global”, conceito que empresta de Renato Ortiz. Esses usos acabam criando “(...) novas identidades sociais que contrariam os modelos nacionais que, até então, nortearam a construção dos valores e sentimentos de pertencimento das sociedades” (CAMARGO, 2006, p. 50). Desse modo, “(...) a noção do outro, essencial na construção de identidades, se transforma. A presença das tradições populares se exerceria, portanto, como fato local, perpassadas agora pela totalidade

⁴⁹ Aqui se enquadra a definição de Manuel Castells (2018, p. 51-52): “(...) movimentos sociais: são ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso quanto de fracasso, transforma os valores e as instituições da sociedade”.

⁵⁰ No caso da importância do reconhecimento dos bens culturais de caráter imaterial, recorda-se ainda do papel dos folcloristas “(...) da Campanha, da Comissão e dos movimentos de Defesa do Folclore brasileiro, atualmente reunidos na figura do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP)”. A exemplo, o autor menciona que, da escrita e engavetamento do Anteprojeto de Mário de Andrade na década de 1930, à implementação do Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC) por Aluísio de Magalhães em 1975, os folcloristas teriam sido os responsáveis pela valorização das diversas expressões da cultura e tradição populares brasileiras (QUEIROZ, 2021, p. 255-256).

⁵¹ Yussef Campos (2015) reflete acerca da dimensão política do patrimônio cultural na Constituinte de 1987 e 1988. Ele apresenta que o ambiente democrático em tal contexto possibilitou a participação popular e a escuta das demandas de movimentos sociais (sobretudo, movimento negro e indígena) nas discussões que gerariam a Constituição de 1988. Por outro lado, demonstra que embora essa ação tenha permitido avanços, no caso do patrimônio cultural, sobre o reconhecimento de memórias e de culturas antes silenciadas pelo Estado, algumas considerações sobre a vinculação dos bens culturais à propriedade, por exemplo, foram deixadas de lado (pautas de quilombolas e indígenas foram suprimidas pelas de latifundiários).

das relações capitalistas”, o que não necessariamente universalizaria os valores e as práticas relacionadas à democracia e à cidadania na experiência local (*Id., Ibid.*, p. 50-51).

Doreen Massey (2000, p. 185) já afirmara, nesse aspecto, a relevância da busca por “um sentido global do local” ou de “uma consciência global do lugar” do tipo progressista; ou seja, levando em consideração as singularidades de um mesmo espaço (o qual não desconsidera as fronteiras geográficas imaginárias; como no caso da construção dos limites de um município, de uma mesorregião ou de uma região político-administrativa) em uma realidade capitalista, mas também as desigualdades e problemáticas dele quando intermediado por redes de comunicação que geram fluxos acelerados de informação e de pessoas, por exemplo.

Nessa direção, Regina Abreu (2015) aborda os “processos de patrimonialização” no Ocidente Moderno e, na década de 1980, localiza uma tendência ao fenômeno da “patrimonialização das diferenças”. Em suas palavras:

(...) particularmente com o lançamento pela UNESCO da Recomendação de Salvaguarda das Culturas Tradicionais e Populares em 1989, quando as políticas preservacionistas passam a ser normatizadas por fóruns internacionais, com a predominância da UNESCO, estimulando uma dinâmica globalizada de identificação, proteção, difusão e circulação de valores e signos patrimoniais. É neste período que se implanta o que estou chamando de tendência à “patrimonialização das diferenças”, em que a palavra de ordem, capitaneada sobretudo pela UNESCO, é que, “num mundo com tendência crescente à homogeneização” protagonizada pelo capitalismo globalizado e neoliberal, é preciso preservar, ou seja: conceder especial atenção à noção de singularidade ou de especificidade local. (ABREU, 2015, p. 69).

De acordo com a antropóloga, tal fenômeno seria incrementado com as definições e recomendações de Salvaguarda⁵² do Patrimônio Cultural Imaterial⁵³, igualmente promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2003 e promulgadas pelo Brasil em 2006. A diferença pontuada a partir daí foi a de que “os

⁵² “Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos.” (UNESCO, 2003).

⁵³ “Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável.” (UNESCO, 2003).

processos de globalização” geraram “um diálogo renovado”, mas também “o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento do patrimônio cultural imaterial devido, em particular, à falta de meios de salvaguarda” (UNESCO, 2003). Dessa forma, tal órgão internacional passou a reconhecer o papel das comunidades tradicionais (especialmente indígenas) e dos sujeitos, tanto na produção quanto na proteção e transmissão dos dinâmicos patrimônios culturais imateriais, até então “(...) mais conhecidos como *folclore e cultura tradicional (e popular)*” (ARANTES, 2021, p. 398).

No que se refere à problemática da cidadania⁵⁴ nesse contexto global, Regina Abreu (2015) averigua o que chama de “novos sujeitos do direito coletivo”. Uma vez que se estabelecem em redes favorecidas pelas novas tecnologias, representando “(...) agências locais, nacionais e internacionais e, sobretudo, movimentos sociais, organizações não-governamentais, coletivos de indivíduos oriundos de camadas populares” (ABREU, 2015, p. 69), esses sujeitos movimentam a cena pública e atingem as políticas de preservação do patrimônio até então direcionadas, exclusivamente, pelo Estado.

Na reflexão da autora, em defesa das diferentes memórias históricas (de sujeitos e grupos/movimentos que os representam) que formam a complexa sociedade brasileira, por exemplo, essas alianças em rede não só se popularizaram, mas capilarizaram no tecido social a categoria de patrimônio e a própria vontade de se patrimonializar as diferenças. Daí também a necessidade do conhecimento/familiarização e ação (utilizando-se de conexões feitas nas redes) diante dos instrumentos legais que viabilizam, pela lógica ocidental da patrimonialização, o reconhecimento e proteção dos patrimônios como tradições vivas e defendidas agora pelos sujeitos do direito coletivo, organizados e em redefinição junto aos movimentos sociais. Abreu (2015, p. 72-88) demonstra, inclusive, que a categoria “tradição”, nesse cenário, “ganha novos contornos e parece estar sendo construída social e politicamente no tempo presente, a partir de projetos de futuro”.

Vale trazer à tona três definições de identidade propostas por Manuel Castells (2018) no livro “O poder da identidade”: 1) identidade legitimadora; 2) identidade de resistência; e 3) identidade de projeto. A primeira delas seria “introduzida pelas instituições dominantes da

⁵⁴ A definição de cidadania que nos apropriamos nessa tese é: “Cidadania é o status daqueles que são membros de uma comunidade e são por ela reconhecidos. É, também, o conjunto de direitos e deveres que um indivíduo tem diante da sociedade da qual faz parte. Historicamente e genericamente, a cidadania tem uma referência espacial, constituída da relação dos indivíduos com um dado território (organização sociopolítica do espaço). Assim, cidadania é uma noção construída socialmente e ganha sentido nas experiências sociais e individuais. Por isso, será aqui compreendida com uma identidade social política. Ora, se identidade pessoal/individual é o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo, a identidade social são as características que o identificam perante as demais comunidades. E, em certa medida, a consciência de pertencer a algo maior, a um coletivo, a uma sociedade.” (COSTA; IANNI, 2018, p. 46-47).

sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais” (baseiam as sociedades civis; desdobram nacionalismos). A segunda “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência” (basicamente buscam se opor as primeiras). Já a terceira, seria uma espécie de complemento da segunda, com a diferença de que os atores sociais buscariam construir “qualquer tipo de material cultural ao seu alcance (...) uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.” (exemplo do movimento feminista) (CASTELLS, 2018, p. 55-56). Feitas as diferenciações, entende-se por identidade o “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais.” (CASTELLS, 2018, 57-58). O que demonstra que as definições de identidade não estão fechadas entre si.

Apesar da totalidade da obra de Castells (2018) ser um contraponto ao que se vinha discutindo até então, visto que se atenta à sobreposição de uma nova morfologia social (a sociedade em rede⁵⁵) sobre os interesses dos atores sociais e ação social (o poder dos fluxos, mais do que os fluxos do poder), suas considerações complementam as reflexões sobre o processo de reconhecimento das identidades sociais ao longo da história das políticas de patrimônio cultural em um contexto global. Nesse cenário, a velocidade das conexões e movimentos em rede, reforçam a defesa democrática do direito aos patrimônios e tradições até então deslegitimadas, ao passo em que pode produzir defesas por símbolos autoritários e tradições fechadas em si. É o que Stuart Hall (2011, p. 77-90) chamou de “o retorno da etnia” ao averiguar o fortalecimento das identidades culturais locais frente à desconstrução do nacional (Estados-Nação) ou “global” (descentramento do Ocidente).

De todo modo, foi esse contexto que permitiu o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial no Brasil que, aliás, antecipou as recomendações da UNESCO. No entanto, a patrimonialização do “imaterial” foi implementada nas políticas brasileiras de preservação somente depois de pouco mais de uma década da Constituição Federal de 1988, com o Decreto

⁵⁵ Importante dizer que “O poder da identidade” integra o segundo volume da trilogia “A Era da Informação: economia, sociedade e cultura”. A sociedade em rede, por seu turno, é “(...) caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra; por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.” (CASTELLS, 2018, p. 49).

nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) (BRASIL, 2000).

No segundo excerto que inaugura o presente texto, por exemplo, apresentou-se parte desse Decreto a fim de ressaltar que o reconhecimento dos dinâmicos patrimônios ou bens culturais pode ser solicitado por partes legítimas da sociedade brasileira (entre elas, “as Secretarias de Estado, de Município” e “sociedades ou associações civis”), sendo “acompanhadas de sua documentação técnica” e submetidas à avaliação do “Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural”. Se considerados pertinentes pelo órgão responsável por essas políticas de preservação no Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Brasil (IPHAN), os bens culturais seguem para Instrução por equipe técnica que, em parceria com os sujeitos dos bens culturais e sua anuência, elaboram e sistematizam documentação (Dossiê) que descreve suas especificidades e prevê medidas para sua salvaguarda. Analisados e aprovados para o Registro, os bens culturais são reconhecidos em Livros (que atualmente correspondem a Saberes, Celebrações, Formas de Expressão e Lugares⁵⁶) e salvaguardados com a chancela do IPHAN, atentando-se ainda à sua dinâmica e continuidade histórica, reavaliada a cada 10 anos⁵⁷.

Entre os bens culturais (ou patrimônios imateriais, nome utilizado no portal do IPHAN na internet) em Processo de Instrução para Registro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁵⁸, encontram-se os Reisados de Pernambuco (Processo: 01450.000868/2015-69; Proponente: Secretaria de Estado da Cultura de Pernambuco; Data: 27/01/2015), as Folias de Reis Fluminense (Processo: 01450.009901/2016-05; Proponente: Departamento Cultural da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Data: 09/02/2017) e as Folias de Reis do Estado de São Paulo (Processo: 01506.001650/2020-04; Proponente: Centro de Estudos da Cultura Popular – CECP; Data: 13/11/2020)⁵⁹.

A partir dos três pedidos de Registro, notou-se a presença do bem cultural em mais estados pertencentes à região Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. Dessa forma, houve a indicação de que os Processos em tramitação seguissem paralelamente para Instrução como

⁵⁶ Para mais informações sobre os Livros, consultar: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>>. Acesso: 28 set. 2022.

⁵⁷ Consultar Portaria nº 200, de 18 de maio de 2016, que dispõe sobre a regulamentação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI, em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria_n_200_de_15_de_mairo_de_2016.pdf>. Acesso: 28 set. 2022.

⁵⁸ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/426>. Acesso: 28 set. 2022.

⁵⁹ Através dos números dos Processos é possível consultar os seus desdobramentos em Pesquisa Pública no Sistema Eletrônico de Informações (SEI!), pelo seguinte endereço: <https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0>. Acesso: 28 set. 2022.

dois grandes blocos (1- Reisados e suas variações no Nordeste; 2 - Folias de Reis a serem definidas a partir do Rio de Janeiro e São Paulo), os quais foram avaliados como pertinentes e submetidos à Instrução pela diretoria da Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial (IPHAN, 2021, p. 5-7).

Já em “Análise preliminar das solicitações de Registro das Folias de Reis Fluminenses e das Folias de Reis do Estado de São Paulo” (IPHAN, 2021), divulgou-se que os Processos de Registro das Folias de Reis Fluminenses e do Estado de São Paulo seguiriam de forma conjunta em razão da proximidade entre objetos e suas respectivas comunidades detentoras. Na “Ata da 39ª reunião da Câmara Setorial de Patrimônio Imaterial” (IPHAN, 2021), por sua vez, foram feitas as seguintes considerações acerca das solicitações:

A indicação inicial é que esses processos sejam unificados e seja considerada a inclusão de polos representativos nos estados de MG, ES, GO, DF e possivelmente de PR, SC, MS e MT. Os debates sobre as universalidades e singularidades desses bens culturais serão importantes ao longo da instrução. Como mencionado sobre o Reisado, identifica-se costumes e símbolos em comum, como o ciclo natalino; a devoção aos Reis Magos; as festas profanas; e os símbolos de origem e renovação do Divino. Os processos descrevem as Folias de Reis como grupos de pessoas (foliões) organizadas por devoção ou para o pagamento de promessas, que saem em jornadas às casas de devotos no período natalino, distribuindo bênçãos e recebendo donativos. São comuns as seguintes etapas: preparação para a saída/ensaios; saída da Folia; Jornada/Giro; e Festa de Encerramento ou Arremate/Remate. Também se destaca as apresentações dos palhaços/bastiões e a importância da bandeira. Ficou evidente a continuidade histórica e a performance tradicional do bem. Contudo, constam poucos insumos sobre as permanências e transformações desse bem ao longo do tempo, pois a narrativa histórica apresentada focou na história dos municípios. Indica-se a necessidade de maiores estudos sobre a presença de mulheres nas Folias, assim como das comunidades negras que, segundo a bibliografia, constituem a maior parte dos detentores. Considerando que muitos grupos não se identificam com o termo “Folia” destacamos a importância de discutir, junto aos detentores, quais os termos mais significativos para a manifestação cultural. Assim, manifestamo-nos favoráveis à pertinência do processo de Registro das Folias de Reis como Patrimônio Cultural do Brasil.

O processo de Registro foi aprovado com ressalvas observadas na Nota Técnica N° 36/2021/COREG/CGIR/DPI (IPHAN, 2021). Nesse documento havia um breve histórico dos processos das Folias de Reis Fluminenses e do Estado de São Paulo, resgatando-se a informação de que o primeiro foi resultado da realização de um Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) feito mediante Acordo de Cooperação entre IPHAN/RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sendo o pedido inicial assinado pelos coordenadores da pesquisa. Apesar de haver no processo ofícios e cartas de anuência dos detentores dos bens

culturais fluminenses, como desdobramento, o IPHAN informou que a solicitação deveria ser feita por partes competentes; ou seja: “Ministro de Estado da Cultura, pelas instituições vinculadas ao Ministério da Cultura, pelas Secretarias Estaduais, Municipais e do Distrito Federal e por associações da sociedade civil”, conforme Art. 2º do Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000.

No caso de São Paulo, a proposta inicial levava o título de “Registro das Companhias de Folias de Reis do Estado de São Paulo, localizados em São José dos Campos”. Entretanto, ao lê-la, um técnico do IPHAN-SP indicou a mudança de seu nome para “Registro das Folias de Reis do Estado de São Paulo”, assinalando a presença de mais grupos que a praticam pelo interior paulista e que, dessa forma, poderiam ser agregados ao Processo.

A propósito, após receber o pedido do Centro de Estudos da Cultura Popular de São José dos Campos – CECP e com a carta de anuência de grupos de Folias de Reis localizados na região do Vale do Paraíba paulista (que também possuíam ligações com grupos do Sul de Minas Gerais), mais dois pedidos de Registro foram anexados ao Processo. O primeiro deles solicitava o Registro das Folias de Reis de Campinas (e-mail enviado diretamente à Superintendência do IPHAN/SP), sendo realizado por especialista cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas. Já o segundo, referia-se ao Registro de Folias de Reis do município de Ribeirão Preto e região (RIBEIRÃO PRETO, 2021), solicitado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ribeirão Preto.

Cabe aqui o adendo de que fui ter conhecimento do Processo de Instrução de Registro das Folias de Reis de São Paulo, e de seu desdobramento junto ao Processo de Registro das Folias de Reis Fluminenses, no início do ano de 2022. Mesmo assim, entrei em contato via e-mail com a Superintendência do IPHAN/São Paulo, mais precisamente em 10 de fevereiro, comunicando a presença do bem cultural em minha região de pesquisa e o interesse dos grupos na sua salvaguarda. Dois dias depois, um técnico respondeu que, naquele momento, estavam aguardando a alocação de recursos para dar continuidade à contratação da equipe de pesquisa e colocou-se à disposição para uma posterior discussão do processo, bem como de questões relacionadas à produção do material.

De todo modo, é importante utilizar as informações desse Processo para pontuar algumas diferenças entre as solicitações de Registro das Folias de Reis Fluminenses e do Estado de São Paulo. Diferentemente do que ocorreu no último, no Rio de Janeiro já havia sido realizado um mapeamento do bem cultural mediante metodologia do Inventário Nacional de

Referências Culturais (INRC)⁶⁰. Entretanto, conforme Regina Abreu e Marluce Magno (2017, p. 20-21), o instrumento compreendeu somente 15 dos 92 municípios do território estadual do Rio de Janeiro. Dessa forma, até então, o reconhecimento ocorreu somente com as Folias de Reis localizadas nos municípios vinculados ao primeiro Programa de Aceleração do Crescimento (PAC – Cidades Históricas)⁶¹, sendo desconsiderados, por exemplo, mapeamentos realizados por intelectuais como Cáscia Frade⁶², que indicavam a sua presença em outros municípios do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, no texto “Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso: o caso das Folias de Reis fluminenses”, Abreu e Magno (2017) discutiram a dificuldade de se aplicar a metodologia INRC, levantando problemas como: quais critérios utilizar no processo? Que valores atribuir aos bens culturais e como justificá-los? As autoras adicionam a informação, por exemplo, de que, somente no município de Valença, há uma variedade de grupos de Folias de Reis, analisando-os a partir das complexidades das expressões religiosas. Nesse caso, atentou-se à herança de práticas e crenças de origem africana ainda presentes no cotidiano local, o que precisaria ser levado em consideração no estudo de tradições religiosas atreladas ao que se chama de catolicismo popular (*Id., Ibid.*, p. 19).

Vale dizer que, tal texto e discussão, foram levados em consideração na “Análise preliminar das solicitações de Registro das Folias de Reis Fluminenses e das Folias de Reis do Estado de São Paulo” (IPHAN, 2021), além de outras contribuições acadêmicas acerca das especificidades do bem cultural, como no caso da tese de Daniel Bitter (2008): “A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis”, que aborda no Rio de Janeiro. Esta, por seu turno, estava adicionada a um levantamento bibliográfico feito na ocasião do INRC, anexo ao Processo referente às Folias de Reis Fluminenses.

No caso de São Paulo, o movimento pela patrimonialização das Folias de Reis partiu de uma instituição municipal vinculada ao folclore, sendo os demais pedidos igualmente advindos de Secretarias Municipais de Cultura e/ou Turismo de Campinas e Ribeirão Preto, municípios onde se perceberam ações públicas locais na sua preservação. Em Campinas, houve o Registro municipal dos grupos e festas como patrimônio cultural imaterial. Já em Ribeirão Preto, o

⁶⁰ O INRC pode ser consultado e aplicado segundo critérios disponibilizados no portal do IPHAN/Brasil: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>. Acesso: 27 set. 2022.

⁶¹ São eles: Itaboraí, Paraty, Mangaratiba, Angra dos Reis, Vassouras, Rio Claro, Quatis, São Pedro da Aldeia, Quissamã, Cabo Frio, Casimiro de Abreu, Petrópolis, Duas Barras, Santa Maria Madalena e Rio de Janeiro.

⁶² “A antropóloga Cáscia Frade acumula ampla vivência, tanto acadêmica quanto na condição de agente do poder público, no trato com as culturas populares no território fluminense. Em 2007, foi agraciada com o título de Folclorista Emérita, tanto pelo Conselho Nacional de Folclore (CNF), quanto pela UNESCO.” (ABREU; MAGNO, 2017, p. 20).

reconhecimento municipal do patrimônio cultural, histórico e imaterial foi dado, mais especificamente, ao “Encontro Nacional de Folia de Reis” (Lei Ordinária 13849/2016), destacando-se o caráter turístico do evento pelo resgate dos folclores e tradições evidenciadas a partir de 1992, sendo privilegiadas no Calendário Oficial do Município em 2002 e no seu Calendário Turístico em 2003 (RIBEIRÃO PRETO, 2021). Não se divulgou, porém, como essas políticas municipais funcionam nos locais, se há algum incentivo fiscal direto aos grupos etc.

No que confere aos estudos acadêmicos acerca das Folias de Reis no estado de São Paulo, o único presente no Processo era a dissertação de Célia Cassiano (1999): “Memórias itinerantes - Um estudo sobre a recriação das folias de reis de Campinas”, anexa à solicitação de Registro pela Secretaria Municipal de Cultura de Campinas. Esse estudo também foi utilizado na “Análise preliminar das solicitações de Registro das Folias de Reis Fluminenses e das Folias de Reis do Estado de São Paulo” (IPHAN, 2021), contribuindo à discussão sobre a presença e o papel das mulheres nas festas.

A menção aos estudos citados nos Processos de Registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Brasil é importante, porque é a partir deles que se indicam as possíveis mudanças ou permanências na história desse bem cultural, ou mesmo a sua presença em outros municípios e estados brasileiros, visto, inclusive, as diferentes nomenclaturas que ele pode receber (Folias de Reis, Reisados, Ternos de Reis etc.). Por outro lado, no trecho da Ata da 39ª reunião da Câmara Setorial de Patrimônio Imaterial (IPHAN, 2021) também se observou nas referências que a narrativa histórica acerca das Folias de Reis focou na história dos municípios, o que parece contraditório quando se leva em consideração que é nesse ambiente, local habitado pelos seus praticantes, onde as coisas ocorrem e onde eles precisam readequá-las para mantê-las ativas.

Nesse aspecto, lembra-se que, entre as propostas de Registro explanadas, a de São Paulo surtiu de organizações municipais, o que já é um dado que precisa ser considerado em função das suas possíveis influências no processo de preservação das Folias de Reis. Dentro disso, é curioso perceber que, apesar das três solicitações de Registro das Folias de Reis considerarem sua presença em municípios pertencentes ao Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo, em nenhum desses estados ela já é oficialmente considerada patrimônio cultural. No Brasil, aliás,

o único estado da federação que a reconheceu, ainda que não exclusivamente, foi Minas Gerais⁶³.

No Dossiê elaborado sobre as “Folias de Minas” (2016, p. 9), consta a informação de que muitas Folias já haviam sido identificadas em estudos feitos pelo próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, havendo em 2011 a solicitação de seu Registro pelo município de Presidente Olegário. Outra informação interessante é que, ao longo do processo de Instrução estadual, foram identificados cinco Registros dos bens culturais em esfera municipal.

Sobre o caso de Minas Gerais, Fábio Martins (2020) aborda em meio ao seu estudo de mestrado: “As Companhias de Reis e do Menino Jesus em Carmo do Rio Claro (MG): vivências e memórias, patrimonialização e manutenção do fenômeno”, que a gestão pública estadual do patrimônio cultural se desdobrou sobretudo pela consolidação da lei Robin Hood em 2009. Vinculada ao “ICMS⁶⁴ Patrimônio Cultural” (ICMS), o instrumento possibilitou ao IEPHA/MG o desenvolvimento de um importante e pioneiro programa político de preservação dos bens culturais municipais. Assim, as Folias de Reis de Carmo do Rio Claro, por exemplo, passaram a ser beneficiadas com repasses anuais de recursos pelo Instituto, sendo os municípios atuantes responsáveis pela prestação de contas via “(...) documentação que comprove sua efetividade na gestão de seus bens culturais através da promoção, preservação e ações de salvaguarda.” (MARTINS, 2010, p. 146).

Ainda segundo o autor, para aplicação de tal política de salvaguarda, tornou-se indispensável a criação de Conselhos Municipais de Patrimônio Cultural, visto que são responsáveis pela averiguação das demandas, destino e fiscalização dos recursos fiscais (repassados pelo estado mensalmente) para salvaguarda dos bens culturais municipais. Em contrapartida, a entrevista com conselheiros de Carmo do Rio Claro reportou alguns casos que redobram a relevância, mas também alguns problemas desse tipo de repasse de verba pública em nível local, como é o caso dos próprios gestores executivos quererem encaminhar tais verbas visando “marketing político” e a constatação de que parte dessas verbas estaduais tendem a ser “destinadas a projetos culturais que tem como foco as cidades mais representativas”, ou seja, mais próximas da capital mineira (MARTINS, 2010, p. 152-153).

⁶³ As “Folias de Minas” (Folias de Reis, do Divino, de São Benedito, São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição etc.) foram reconhecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA em 2017. Consultar: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/15-patrimonio-cultural-protetido/bens-registrados/229-as-folias-de-minas>>. Acesso: 17 set. 2022.

⁶⁴ Trata-se do Imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual e intermunicipal e de comunicação.

Nesse sentido, traz-se à tona a dissertação de Marluce Magno (2016): “Culturas populares, políticas públicas e patrimonialização: (des)encontros na Folia de Reis de Valença, Rio de Janeiro”, que gestou artigo anteriormente citado. Entre os apontamentos do seu trabalho com as Folias de Reis de Valença (RJ), destaco a organização dos grupos por ela analisados em uma Associação, bem como as negociações estabelecidas entre detentores dos bens culturais e poder público. A valorização das culturas populares no âmbito das políticas públicas (esfera federal, estadual e municipal), por exemplo, foi inclusive verificada através do “mestre-folião” Chico da Folia, liderança de um dos grupos de Folias de Reis de Valença e também presidente da Associação e do Conselho Municipal de Cultura. Como um mediador entre os grupos e as políticas públicas, Chico da Folia precisou se familiarizar com mecanismos institucionais de preservação de bens culturais, ainda que para isso tenha sido auxiliado por outros agentes como a própria pesquisadora. Magno (2016, p. 151) reporta ter solicitado ajuda para resolução de questões do Conselho, como no caso da sua integração com Sistema Nacional de Cultura e criação de um Fundo Municipal de Cultura.

Estudos como os de Magno (2016) em Valença (RJ) e Martins (2020) em Carmo do Rio Claro (MG) indicaram, portanto, a relevância de uma perspectiva local à análise das construções da memória e identidade, que não isoladas dos recentes movimentos políticos pela preservação das Folias de Reis, inicialmente observados pela “Instrução para Registro das Folias de Reis Fluminenses e do Estado de São Paulo como patrimônio cultural”. E, como nesse Processo de Instrução ainda não se constatou algum inventário do bem cultural especificamente, no estado de São Paulo (com levantamento bibliográfico sobre o assunto), julga-se importante uma revisão de literatura sobre a temática nele. Ainda que de forma panorâmica e restrita a estudos acadêmicos, o caminho será percorrido para respaldar as discussões sobre as formas de reconhecimento e preservação das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital.

1. 2 Estudos sobre as Folias de Reis no interior de São Paulo

Ao longo da pesquisa de mestrado: “Sentidos das Folias de Reis de Florínea (SP): memória, identidade e patrimônio (1993-2013)”, realizada entre os anos de 2013 e 2016, notei mais Folias de Reis presentes em municípios do entorno de Florínea (Figura 1). Esses grupos apareceram em entrevistas, vivências nas festas de Florínea e Tarumã, e em leitura da tese de Kátia Kodama (2009): “Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas”, que, com exceção do meu trabalho, era o único que discorria sobre a

manifestação cultural na mesorregião⁶⁵ de Assis (ao menos, o único encontrado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES). Já em 2018, no entanto, quando iniciei o doutorado na Pós-graduação em História da UNESP/Assis, conheci Aline Fabri Segateli (2021) e sua proposta de pesquisa sobre as Folias de Reis de Cândido Mota. Ademais, desde a elaboração do projeto de tese, busquei ampliar contatos e obter informações com pessoas que faziam as Folias de Reis em Ourinhos, Palmital, Salto Grande e Ribeirão do Sul, o que permitiu a seguinte elaboração:

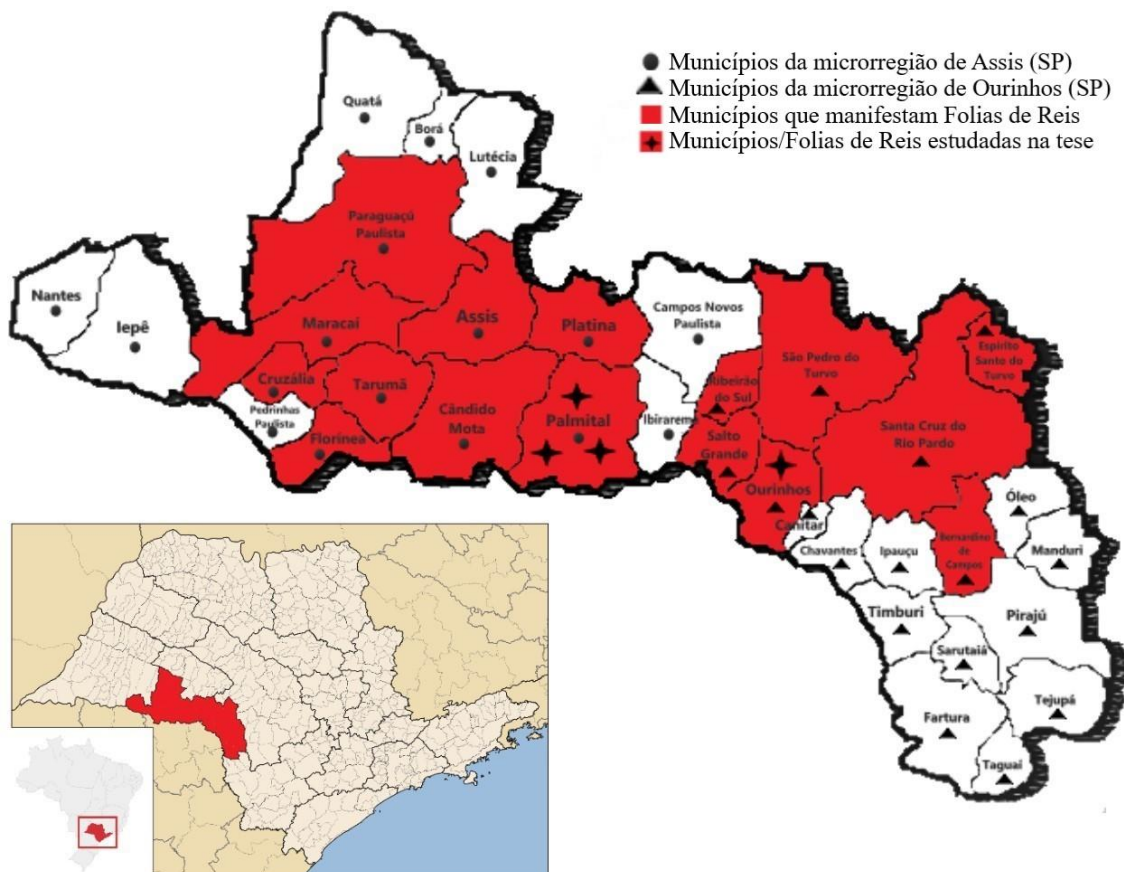


Figura 1: Localização de Folias de Reis manifestadas em municípios da mesorregião de Assis, estado de São Paulo. Fonte: Wikipedia (imagem editada pela autora).

Resultado da trajetória reportada, a Figura 1 identifica as Folias de Reis manifestadas em Assis, Bernardino de Campos, Cândido Mota, Cruzália, Espírito Santo do Turvo, Florínea, Maracá, Ourinhos, Palmital, Paraguaçu Paulista, Platina, Ribeirão do Sul, Salto Grande, Santa

⁶⁵ “Entende-se por mesorregião uma área individualizada em uma Unidade da Federação que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social como determinante, o quadro social como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial. Estas três dimensões possibilitam que o espaço delimitado como mesorregião tenha uma identidade regional. Esta identidade é uma realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou.” (IBGE, 1990, p. 8).

Cruz do Rio Pardo, São Pedro do Turvo e Tarumã⁶⁶, localizando-as ainda no interior do estado de São Paulo e, mais especificamente, na mesorregião de Assis. Do que foi mapeado, experienciei de fato as celebrações (Festas e Encontros de Bandeiras de Santos Reis) realizadas pelos próprios grupos praticantes e/ou pelas Prefeituras Municipais em Assis, Florínea, Ourinhos, Palmital, Ribeirão do Sul, Salto Grande e Tarumã.

Vale ressaltar aqui que meu trabalho não pretende averiguar a memória e identidade das Folias de Reis em todos os municípios em que ela foi destacada na mesorregião de Assis (Figura 1), somente me aproveitei das experiências em campo para produzir uma representação cartográfica que as localizem no interior do estado de São Paulo e Brasil. O espaço percorrido pelos grupos de Folias de Reis e o próprio pertencimento às bandeiras transcende tal delimitação⁶⁷ (isso será evidenciado nos capítulos 3 e 4).

Já em Revisão Sistemática de Literatura⁶⁸ (RSL) acerca da temática das Folias de Reis constatei 12 estudos que as localizaram em outros municípios do estado de São Paulo. Trata-se de 11 dissertações de mestrado (entre elas, o já citado trabalho de SEGATELI, 2021) e 1 tese de doutorado (a também citada tese de KODAMA, 2009), publicados entre os anos de 1999 e 2021, em Instituições de Ensino Superior públicas e particulares dispostas na Capital (São Paulo - 58,3%) e no interior paulista (Campinas, Araraquara e Assis - 41,6%). Os estudos vinculam-se a Programas de Pós-Graduação em Estética e História da Arte (1), Ciências da Religião (1), Comunicação (2), História (4), Multimeios (1), Música (2) e Sociologia (1).

Tal levantamento indicou a presença de 58 Folias de Reis localizadas em 27 municípios (bairros rurais e urbanos) do estado de São Paulo, demonstrando que a quantidade de grupos identificados pelos pesquisadores é superior ao que efetivamente se analisou. Victorasso

⁶⁶ Fiz contato via e-mail com secretarias de cultura, educação e/ou turismo de todos os municípios pertencentes à Região Administrativa de Marília (SP) e de municípios paranaenses do entorno de Palmital e Ourinhos. Nesse contato que objetivava tal mapeamento (com Formulário criado no *Google Forms*), somente obtive respostas de Andirá (PR), Maracaí (SP) e Santa Cruz do Rio Pardo (SP).

⁶⁷ Aqui concorda-se com José D'Assunção Barros (2009, p. 6), quando no texto “O lugar da história local”, ele diz: “A região, para a operação historiográfica, não é ponto de partida; frequentemente é o ponto de chegada”.

⁶⁸ Segundo Casarin et. al. (2020), RSL “é um estudo retrospectivo com dados secundários e objetiva sintetizar evidências sobre um problema/tema específico analisando publicações com dados primários de pesquisa”. Nesse caso as perguntas foram: “Quantos estudos acadêmicos investigaram as Folias de Reis em municípios paulistas? Quando, onde e como eles abordaram a temática? E como as denominaram e caracterizaram?”. Para a resolução das questões, em 16 de fevereiro de 2022 foi realizada uma busca sistematizada no Catálogo de Teses & Dissertações da Capes <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/), a partir dos descritores: (“folia de reis” OR “folias de reis” OR “Santos Reis” OR “Santo Reis” OR “terno de reis” OR “ternos de reis” OR “reisados” OR “reisado” OR “Companhia de Reis”). Com essa estratégia foi possível localizar 484 títulos de estudos, entre os quais foram selecionados 153 que apresentavam os citados descritores. A partir da leitura dos resumos dessas teses e dissertações, foram filtrados 13 que localizavam a temática no estado de São Paulo. Entretanto, como não consegui ter acesso a um deles, considerei para essa análise somente 12 estudos. O Apêndice 1 apresenta os dados bibliográficos da RSL e o Apêndice 2 oferece uma caracterização das Folias de Reis abordadas.

(2015), por exemplo, divulga a existência de 12 grupos em Olímpia, ao passo em que trabalha somente com a Companhia de Reis dos Fernandes, em função dela ser a mais antiga do município e de ter sido feita, ininterruptamente, de 1964 a 2014.

A diferença nos números pode ser explicada pelos métodos utilizados na maioria das pesquisas: história oral e etnografia. Segundo Verena Alberti (2008, p. 155), “A História oral (...) consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”. Para desenvolvê-la, bem como para observar e registrar diretamente as Folias de Reis, os pesquisadores deslocaram-se ao campo de estudo (casas dos praticantes, municípios das celebrações) e, nele, aplicaram a etnografia ao “(...) observar os atores sociais envolvidos, os procedimentos, as funções e as características que integram sua práxis” (MATOS, 2016, p. 19). Dessa forma, o contato entre quem pesquisa e o que se pesquisa resultou na construção conjunta de uma documentação (entrevistas, mapeamentos, fotografias, filmes, relatos em cadernos de campo etc.) e de resultados (como no caso da descoberta de Folias de Reis distintas em um mesmo município ou em municípios diferentes), muito embora os pesquisadores tenham seus objetivos projetados e, para desenvolvê-los, tornaram-se os responsáveis pela coleta, reunião, seleção e análise dos dados⁶⁹.

Aliás, como sinalizado acima, os métodos complementados com as reflexões teóricas permitem a compreensão de como os grupos ocupam e constroem seus próprios territórios a partir das Folias de Reis. Teixeira (2006, p. 116) explica que “um território surge somente a partir de uma *relação culturalmente vivida entre o grupo e o solo* onde habitam”. Nesse sentido, os elementos identitários que integram os grupos favorecem a desconstrução da ideia de que uma Folia de Reis pertença necessariamente a um município ou outro. Ao mesmo tempo em que pertencer a um território ou morar em um município são também elementos identitários que contribuem à própria diferenciação entre os grupos, e deles com aqueles que não necessariamente vivenciam as Folias de Reis ou moram em determinado local. É comum os foliões mencionarem sua Folia de Reis junto ao nome de um bairro ou cidade, não só para demarcarem sua identidade junto aos espaços, mas para exemplificarem à outras pessoas o local onde outros grupos podem ser encontrados.

⁶⁹ Importante dizer que os métodos em questão requerem tempo e investimento financeiro, pois para a construção documental são necessários instrumentos específicos como: transporte, câmeras fotográficas, aparelhos de gravação de áudio/vídeo, computadores e internet para armazenamento e tratamento de materiais digitais etc. Nesse aspecto, é igualmente relevante ressaltar o papel das bolsas de pesquisa nos empreendimentos acadêmico-científicos. Entre os estudos levantados na RSL, 66,6% foram financiados por agências estadual e federal de fomento à pesquisa (FAPESP, CAPES, CNPQ).

No que diz respeito aos objetivos dos estudos, em geral buscou-se compreender o significado das celebrações e dos seus símbolos e expressões em dados contextos, alguns restringiram suas descrições e análises sobre a temática aos territórios de circulação das bandeiras (principal objeto ritual dos grupos) (CASSIANO, 1999; MATOS, 2016; BUZZI, 2017), outros também procuraram observá-la junto às histórias dos municípios onde vivem os foliões (TEIXEIRA, 2008; VICTORASSO, 2015; GOULART, 2016; SEGATELI, 2021). Embora em alguns momentos concebidas como culturas populares subalternizadas (KODAMA, 2009) e resistentes à indústria cultural (GORZONI, 2013), em geral, as Folias de Reis foram compreendidas como práticas culturais dinâmicas, observando-se negociações, apropriações e readaptações protagonizadas ou intermediadas pelos seus praticantes, em espaços e meios diversos.

Os próprios suportes de memória dos grupos e, nesse caso, as fontes utilizadas nos trabalhos acadêmicos acusaram a dinâmica e atualização da tradição das Folias de Reis no tempo. Já em 1999, Célia Cassiano faz o seguinte apontamento sobre o que percebeu das Companhias de Reis da cidade de Campinas:

Em todos os grupos pesquisados, atualmente há uma grande ocorrência de registros sonoros, fotográficos e videográficos produzidos por eles mesmos. Este fenômeno característico das sociedades modernas ou "sociedades do esquecimento", nas quais a memória deve ser preservada em suporte material está interagindo, portanto, com o universo da tradição, e isto remete a reflexão sobre a transição da memória coletiva, baseada na vivência e na transmissão oral, para a memória registrada parcialmente na forma de sons e imagens. (CASSIANO, 1999, p. 189).

A autora não desconsidera a importância do papel desses novos instrumentos na manutenção da memória dos grupos; pelo contrário, assume-os como caminhos para construção das identidades, para o restabelecimento e fortalecimento dos laços de sociabilidade no presente, bem como para a redefinição de papéis desenvolvidos nas Folias de Reis. Nesse ponto, é importante dizer que, antes de discutirem os novos suportes de memória, os pesquisadores observaram a própria migração dos foliões à realidade urbana dos municípios (ainda que alguns deles permaneçam habitando bairros às margens dos centros) como um elemento determinante à reconfiguração das Folias de Reis. Nas escritas, o êxodo rural compõe, inclusive, uma espécie de marcador de memória no qual, por seu turno, não necessariamente se aprofundam as narrativas.

No entanto, chama-se atenção para dados como a modificação do calendário da celebração, sobretudo, em função das novas rotinas de trabalhos dos foliões no novo contexto.

Expressões como “A cidade é diferente do sítio” ou “o pouso dos foliões”, por exemplo, são sociologicamente analisadas por Teixeira (2008, p. 62-63) como uma tomada de consciência dos migrantes com relação ao tempo da cidade (linear) e o tempo do campo (cíclico). Sabe-se que no ambiente e cotidiano urbano o pouso dos foliões ou das bandeiras não mais acontece como antes, e isso em razão de muitos precisarem retornar às suas casas para irem ao trabalho no próximo dia, mas também pelos meios de transportes utilizados ao longo das jornadas (carros e ônibus), o que nesse caso facilita os giros/jornadas das bandeiras e agiliza as arrecadações do grupo. Esses sinais são percebidos nos estudos quando os entrevistados reportam as diferenças entre as antigas e novas práticas rituais.

Outro dado observado entre as pesquisas foi a criação, pelos próprios grupos ou por agentes ligados aos poderes públicos municipais, de ferramentas, espaços e formas de preservação das Folias de Reis, como no caso dos eventos culturais públicos e das Associações (de natureza formal ou informal).

A propósito dos nomes das Associações, chama-se atenção à utilização do termo “folclore”. Já no caso dos eventos culturais públicos, de caráter local ou intermunicipal/interestadual, nota-se que, promovidos pelos governos dos municípios ou do estado, visam a reunião e exposição de seus folclores ou culturas tradicionais, o que leva à participação dos membros das Folias de Reis. Alguns dos eventos foram criados exclusivamente a elas, normalmente chamados de “Encontro de Bandeiras de Folias de Reis”, e outros foram criados para divulgarem manifestações culturais distintas (exemplo do Revelando São Paulo).

A participação dos grupos nos eventos foi avaliada como positiva, apesar de haver o esclarecimento de que eles possuem significados distintos para os foliões. Esse sentido diferente tem relação com a ideia de que o local e o tempo do evento são diferentes daquele das Folia de Reis, o que descaracteriza a essência da tradição religiosa. Entretanto, o deslocamento e a apreensão de novas experiências e sociabilidades oferecidas nesses ambientes valorizam a existência dos grupos, ainda que eles saibam que, participar de um evento cultural, não garante a preservação do bem cultural (LOURENÇO, 2014; VICTORASSO, 2015; GOULART, 2016).

Outro ponto a ser considerado sobre a participação de eventos culturais é que, a partir dessas experiências, os grupos passaram a utilizar uniformes que representam suas respectivas Companhias ou Bandeiras e municípios. Victorasso (2015) conta, por exemplo, que em Olímpia há um pequeno repasse de verba para os foliões, o que, no caso do grupo por ele investigado, contribui à compra dessas vestimentas.

No que diz respeito às Associações, elas foram anunciadas por Cassiano (1999), Lourenço (2014), Victorasso (2015) e Goulart (2016), sendo documentado o ano de criação de duas delas: uma de Campinas, em 1984, e a outra de Florínea, em 2013. Apesar da constatação, somente Cassiano (1999) e o meu estudo analisaram essa ação como uma forma de preservação das Folias de Reis e de readaptação dos grupos em meio a realidade institucional dos municípios. De acordo com foliões de Florínea, por exemplo, a criação da “Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea” ocorreu quando se depararam com empresários que pediam um CNPJ para poderem contribuir com doações ou mesmo pelo entendimento de que a regulamentação poderia viabilizar auxílios públicos (GOULART, 2016).

Por outro lado, a desvalorização das Folias de Reis pelos poderes públicos ou ausência de políticas municipais específicas à sua salvaguarda (KODAMA, 2009; GORZONI, 2013; LOURENÇO, 2014; GOULART, 2016; SEGATELI, 2021), e a escassez de novos participantes para realizá-las no futuro (CASSIANO, 1999; GORZONI, 2013; MATOS, 2016), foram mencionados nas pesquisas como fatores de risco à sua continuidade. Nesse bojo, as produções reconheceram a importância das Folias de Reis para os indivíduos, grupos e locais de realização, bem como ressaltaram os significados e sentimentos de pertencimento e de coesão social que elas produzem. E mesmo que não projetados desse modo e dito com estas palavras, os estudos funcionaram como registros históricos sobre as memórias das Folias de Reis, entendendo-se como material para possível reconhecimento oficial da celebração. Nesse cenário, as pesquisas acabam integrando o processo de construção de uma memória das Folias de Reis ligada ao conceito de “identidade de resistência”, de Manuel Castells (2018).

Pode-se dizer também que a defesa das Folias de Reis nos documentos acadêmicos estiveram atentas aos limites das definições teóricas/acadêmicas a seu respeito, tendo em vista as complexidades que integram a dinâmica cultural no tempo. Outro ponto importante defendido nas conclusões dos estudos é a relevância da academia e do poder público estarem abertos ao diálogo com as comunidades foliãs, sobretudo, por observarem que já existem relações de alguns políticos locais no processo de transformação e manutenção das Folias de Reis, sendo elas consideradas parte folclore, tradição e/ou patrimônio cultural dos municípios (VICTORASSO, 2015; GOULART, 2016; SEGATELI, 2021). Sobre os problemas encontrados nas próprias legislações e no funcionamento das políticas locais acerca dos patrimônios culturais, porém, pouco foi dito.

Por fim, as experiências compartilhadas reforçaram a ideia de que os recentes avanços nas políticas de preservação do patrimônio cultural estão se refletindo na história das Folias de

Reis pelo interior do Brasil, mas resta saber também de que forma isso chegou nos municípios de estudo e como neles são percebidos.

1. 3 Instrumentos (oficiais) de reconhecimento do patrimônio cultural em Ourinhos e Palmital

O ato de patrimonializar implica conferir o estatuto de patrimônio para um bem material ou imaterial, a partir do reconhecimento de seu valor identitário, histórico, representativo de tradições culturais, entre outras singularidades que possam ser reconhecidas nos modos de viver de um grupo radicado em um determinado espaço e temporalidade. Portanto, o reconhecimento dos bens patrimoniais pressupõe uma tomada de decisão que visa garantir a sua proteção, conservação e preservação por intermédio de instrumentos legais (decretos e leis), que viabilizem o registro ou o tombamento, dependendo da tipologia do bem. (PELEGRINI, 2018, p. 89).

Os assuntos referentes à preservação do patrimônio cultural no estado de São Paulo competem à Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH), vinculada à Secretaria da Cultura, e ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT). A patrimonialização dos bens culturais de natureza imaterial a nível estadual, por sua vez, foi instrumentalizada com o Decreto nº 57.439/2011 que, assim como a legislação federal referente ao assunto, recentemente legitimou que a solicitação do Registro desses bens poderia ser feita pelos: “I - os entes políticos, instituições ou entidades do Poder Público; II - o Presidente ou os Conselheiros do CONDEPHAAT; III - as associações civis; IV - os cidadãos” (Artigo 2º) (SÃO PAULO, 2011).

No caso do reconhecimento dos patrimônios culturais por parte dos poderes públicos municipais, evidenciou-se a possibilidade de criação de legislações e órgãos específicos para atuação na área, sobretudo, com a inclusão do Artigo 216-A na Constituição Federal de 1988, pela Emenda Constitucional nº 71, de 2012. Com ele foi, portanto, criado o Sistema Nacional de Cultura e regulamentado que “Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão seus respectivos sistemas de cultura em leis próprias” (Parágrafo 4º) (BRASIL, 1988).

Importante lembrar que nenhum pedido de reconhecimento das Folias de Reis como patrimônio cultural do estado de São Paulo foi realizado em nível estadual. Isso só ocorreu no âmbito federal com solicitações que surgiram de instituições municipais de São José dos Campos, Campinas e Ribeirão Preto, conforme Processo 01506.001650/2020-04 (IPHAN, 2021). Por outro lado, pesquisas sobre a temática no interior paulista demonstraram a presença de pelo menos 58 Folias de Reis localizadas em 27 municípios (bairros rurais e urbanos), as

quais foram observadas em meio às transformações no tempo e espaços, o que também gerou constatações (ainda que não aprofundadas, pois não era o objetivo dos estudos) sobre as condições das políticas locais de preservação desse tipo de bem cultural. De todo modo, há que se considerar a recente história desses mecanismos de reconhecimento do patrimônio cultural e, nesse sentido, demonstrar de que forma eles aparecerem nas legislações e políticas de governo de Ourinhos e Palmital.

Para o levantamento dos dados locais recorri à “Pesquisa de Informações Básicas Municipais – MUNIC – Suplemento de Cultura”, disponível no portal eletrônico do IBGE (2014)⁷⁰; e aos portais das Câmaras Municipais de Ourinhos e Palmital, que dispõem de acervo digitalizado *online*⁷¹.

	Ourinhos	Palmital
Objetivos da política municipal de cultura	Entre as atribuições, prevê: “Tornar a cultura um dos componentes básicos para a qualidade de vida da população; Dinamizar as atividades culturais do município; Integrar a cultura ao desenvolvimento local; Preservar o patrimônio histórico, artístico e cultural” (IBGE, 2014)	Entre as atribuições, prevê: “Tornar a cultura um dos componentes básicos para a qualidade de vida da população; Ampliar o grau de participação social nos projetos culturais; Dinamizar as atividades culturais do município; Preservar o patrimônio histórico, artístico e cultural” (IBGE, 2014)
Legislação de proteção ao patrimônio cultural	<p>OURINHOS. Lei nº 4.813, de 8 de dezembro de 2003. <i>Dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos-SP</i>. Ourinhos: Câmara Municipal, 2003.</p> <p>OURINHOS. Lei Nº 5196/2007. <i>Altera dispositivos da Lei nº. 4.813, de 08 de dezembro de 2003 e dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos e dá outras providências</i>. Ourinhos: Câmara Municipal, 2007.</p> <p>OURINHOS. Lei Nº 6103/2014. <i>Altera dispositivo da Lei nº. 4.813, de 8 de dezembro de 2003 e dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos e dá outras providências</i>. Ourinhos: Câmara Municipal, 2014.</p>	<p>PALMITAL. Projeto de Lei nº 19, de 20 de abril de 2005. <i>Dispõe sobre o tombamento de bens imóveis no município de Palmital</i>. Palmital: Câmara Municipal, 2005.</p> <p>PALMITAL. Projeto de Lei nº 45, de 18 de julho de 2016. <i>Dispõe sobre o reconhecimento das provas equestres como Patrimônio Histórico e Cultural do município de Palmital e estabelece as normas para a realização das referidas provas e dá outras providências</i>. Palmital: Câmara Municipal, 2016.</p>

⁷⁰ Os dados desse banco foram levantados com os titulares dos órgãos gestores de cultura dos municípios, sendo a primeira e última divulgação datadas, respectivamente, em 2006 e 2014. Sobre Ourinhos, consultar: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ourinhos/pesquisa/10085/73042>>. Sobre Palmital, consultar: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/palmital/pesquisa/10085/73042>>.

⁷¹ A busca foi realizada por palavras-chave ou por datas e números das normas. Já no projeto de doutorado fiz um levantamento prévio sobre alguns documentos, entretanto, outras buscas foram posteriormente empreendidas sobretudo a partir das informações que recebia dos meus entrevistados. Ao final, acabei selecionando somente o que cabia à discussão da tese. Consultar Portal da Câmara Municipal de Ourinhos em: <<http://www.camaraourinhos.sp.gov.br/pesquisa-de-leis>>. Consultar Portal da Câmara Municipal de Palmital em: <<https://www.palmital.sp.leg.br/pesquisar-materias-legislativas>>. Acesso: 10 ago. 2022.

<p>Conselho Municipal de Cultura ou de Preservação do Patrimônio</p>	<p>OURINHOS. Lei nº 4.813, de 8 de dezembro de 2003. <i>Dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos-SP.</i> Ourinhos: Câmara Municipal, 2003.</p> <p>O “Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio” possui caráter consultivo, deliberativo e fiscalizador.</p> <p>Entre as atribuições prevê: “Inventariar e fazer o tombamento do patrimônio histórico e cultural; Propor a celebração de convênios ou acordos visando à preservação do patrimônio; Elaborar e dar parecer sobre projetos de lei que visam o tombamento; a preservação e a proteção do patrimônio; Emitir parecer sobre a realização de projetos que envolvam a preservação do patrimônio” (IBGE, 2014)</p>	<p>PALMITAL. Lei nº 2.156, de 16 de setembro de 2006. <i>Dá nova redação a Lei nº 1.250 que dispõe sobre criação do Conselho Municipal da Cultura e dá outras providências.</i> Palmital: Prefeitura Municipal, 2006.</p> <p>O Conselho Municipal de Cultura possui caráter consultivo, deliberativo e fiscalizador.</p> <p>Entre as atribuições, prevê: “Elaborar e aprovar planos de cultura; Acompanhar e avaliar a execução de programas e projetos culturais; Fiscalizar o cumprimento das diretrizes e instrumentos de financiamento da cultura; Propor, avaliar e referendar projetos culturais” (IBGE, 2014)</p>
<p>Fundo Municipal de Cultura</p>	<p>Instituído em 2009 e revogado em 2017 (IBGE, 2014) (Receita não encontrada)⁷²</p>	<p>Instituído em 2013 (IBGE, 2014) (Receita não encontrada)⁷³</p>
<p>Legislações e projetos que identificam as Folias de Reis</p>	<p>OURINHOS. Decreto Nº 5.791, de 3 de fevereiro de 2010. <i>Institui o Calendário Turístico do Município de Ourinhos para 2010.</i> Ourinhos: Prefeitura Municipal, 2010.</p> <p>OURINHOS. Plano Diretor de Turismo – 2016-2020. <i>Diário Oficial Eletrônico do Município de Ourinhos</i>, Ourinhos, ano XIII, Edição nº 1129, 28 nov. 2017.</p>	<p>PALMITAL. Lei nº 2.128, de 13 de fevereiro de 2006. <i>Dispõe sobre a criação do calendário Folclórico e Turístico do município de Palmital e dá outras providências.</i> Palmital: Prefeitura Municipal, 2006.</p> <p>PALMITAL. Lei Nº 2.972, de 02 de agosto de 2021. <i>Declara de Utilidade Pública a Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital-SP (AMATRAC).</i> Palmital: Câmara Municipal, 2021.</p> <p>PALMITAL. Projeto de Lei nº 13/2016. <i>Aprova o Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico de Palmital/SP e dá outras providências.</i> Palmital: Prefeitura Municipal, 2016.</p>

Tabela 1: Instrumentos municipais de viabilização de políticas de preservação em Ourinhos e Palmital.

Uma primeira observação a se fazer é que, apesar de optar por enquadrar os objetivos das políticas municipais de cultura e patrimônio cultural de Ourinhos e Palmital, levantados em 2014 pelo IBGE, não encontrei dados atualizados sobre o seu funcionamento, assim como não

⁷² O único dado orçamentário divulgado na plataforma governamental são os referentes a legislações anuais sobre Receita e despesa fixa do município, sendo investido na área da cultura o percentual de 2,00% no ano de 2006 (OURINHOS, 2005), 2,60% para o ano de 2014 (OURINHOS, 2013) (datas que equivalem ao da pesquisa do IBGE – MUNIC) e 1,40% para o ano de 2022 (OURINHOS, 2021).

⁷³ Encontrei somente a estimativa de despesa com a área da Cultura em 2022 o percentual de 1.01% (PALMITAL, 2021).

obteve informações sobre o pleno exercício dos Conselhos⁷⁴. Vale dizer, todavia, que as legislações que embasam o reconhecimento e as políticas na área dos patrimônios culturais em Ourinhos e Palmital estão a encargo, respectivamente, da Secretaria Municipal de Cultura (com secretário) e da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte, Lazer e Turismo (com diretor responsável pela área da Cultura) e dos Conselhos Municipais, ambos de caráter consultivo, deliberativo e fiscalizador. Cabe às primeiras, planejar e dirigir as ações do poder executivo, sendo criadas (com demandas exclusivas ou não) a depender da vontade da administração pública modificada a cada 4 anos. Já aos segundos, como previsto em suas legislações, cabe a aprovação (sob consulta do executivo) e fiscalização das políticas (TEIXEIRA, 2005, p. 21).

No texto “Instituições participativas de tutela do patrimônio cultural – os Conselhos de Política Cultural – desafios de implementação e efetividade”, Cláuber Gonçalves dos Santos (2020) faz uma importante reflexão acerca dos Conselhos no Brasil e pelos dados oferecidos em sua pesquisa, têm-se uma ideia do que se observa no local de estudo. O autor apresenta, por exemplo, que os órgãos existem somente nos estados do Acre, Amazonas, Ceará, Paraíba, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Distrito Federal. Já no caso dos municípios, somente 15,8% possuem Conselhos de patrimônio e 38,6% de políticas culturais (SANTOS, 2020, p. 123). Pelos números apresentados, entende que há um desinteresse em descentralizar o poder político nas áreas em questão, no entanto, compreende que isso está ligado à recente história da participação social nas políticas públicas, bem como na recente valorização das “potencialidades locais” e “identidades regionalizadas” na legislação brasileira (*Id., Ibid.*, p. 124).

Por esse raciocínio, nota-se que a maioria das legislações verificadas em Ourinhos e Palmital foram estabelecidas anteriormente ao Sistema Nacional de Cultura (BRASIL, 1989). Porém, a constituição das legislações locais e a sua aplicação em um “modelo sistêmico e integrado – como preconiza o sistema nacional de cultura”, por seu turno, poderia hoje ser pressionada pelos próprios cidadãos (ou seja, por aqueles que atribuem valores aos bens culturais). No entanto, essa cobrança dependeria também da apropriação do patrimônio cultural por parte das comunidades locais, o que demandaria investimento público na área da educação e cultura e em projetos de educação patrimonial para as comunidades. No caso do corpo de servidores e técnicos específicos da gestão de cultura, por exemplo, o estudo de Santos (2020, p. 124-128) já confirmou que há um baixo nível de investimento neles.

⁷⁴ Não consegui contato com secretário e diretor de cultura de Ourinhos e Palmital, porém fiz entrevista com dois vereadores desses municípios, os quais esclareceram algumas dúvidas acerca das políticas praticadas no local.

A propósito da construção e preservação da memória e patrimônio cultural em Ourinhos, em “Leis e políticas para a preservação da memória e do patrimônio cultural em Ourinhos: um breve inventário”, André Pires do Prado (2020) adiciona duas importantes problematizações sobre o assunto aqui discutido. A primeira concerne à própria noção de patrimônio impressa na Lei Nº 4.813/2003, que, ao dispor sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos no local, não abrange os já citados avanços conceituais sobre aqueles que poderiam ser considerados bens imateriais/intangíveis, não estabelecendo instrumentos para seu reconhecimento no município. E a segunda observação se refere à criação e composição da chamada “Comissão de Preservação do Patrimônio Histórico” (CMPPH). Como órgão consultivo, deliberativo e fiscalizador dos bens a serem tombados, ao mesmo tempo que a Comissão representa um avanço à prática da política de preservação no município, ela apresenta limites como a ausência de historiadores, antropólogos, entre outros pesquisadores e técnicos do campo do patrimônio em sua composição, o que dificultaria propostas de renovação sobre o que reconhecer e como se salvaguardar os diferentes patrimônios (suas dimensões culturais, artísticas, ambientais) presentes em Ourinhos.

Mesmo assim, Prado (2020, p. 55-57) considera a Lei nº 4.813/2003 como o dispositivo de memória mais importante no município, promovendo-se a partir dele o tombamento do “Espaço Cultural Luiz Carlos Eloy Junior – Casa dos Ingleses”, em 2010. Lembra-se, em meio a análise do Processo nº 17.813-1/2008, que o imóvel representa um período de “influência dos ingleses em Ourinhos e região, marcado pelo trabalho na ferrovia e pelo plantio do café”, o que, por outro lado, sinaliza o autor, valorizaria o município junto a uma memória oficial que remonta às ferrovias como símbolo do progresso no interior do Brasil. Ou seja, nenhuma novidade além do que Célia Camargo (2006, p. 50) havia problematizado mais acima, sobre uma abordagem “do universo local remetida à categoria legitimadora do espaço e da cultura nacional”.

A percepção de Prado (2017) surgiu em sua tese de doutorado: “O patrimônio na encruzilhada do sentido: dispositivos de memória entre a chancela e o afeto”, trabalho onde aprofundou a discussão sobre o polissêmico conceito de patrimônio, investigando os significados que lhe são atribuídos tanto pela perspectiva do poder público (espaço público-político), quanto das comunidades e grupos produtores de cultura (espaço público-comunitário). No primeiro caso, tais patrimônios seriam consagrados por dispositivos de chancela da memória (tais como as citadas leis e políticas na área) e, no segundo, seriam consagrados através dos valores afetivos (socialmente atribuídos; ou seja, a identificação com

crenças, costumes, lugares, entre outros fatores que remetem ao sentimento de pertencimento a um grupo/comunidade e que geram coesão social) (PRADO, 2017).

Desse esclarecimento encontrado no estudo do historiador, redobra-se a atenção sobre a importância, não só da representação de especialistas na área do patrimônio cultural em Comissões e Conselhos Municipais, mas, tão importante quanto, é a presença dos representantes dos bens culturais na sua composição (incluindo aqueles ligados ao que também se chama de cultura tradicional, tradições populares ou folclore, como no caso Folia de Reis), o que permitiria reconhecimento das diferenças presentes no local (e para além da área urbana dos municípios), bem como a construção democrática e coletiva das medidas para preservação dos seus patrimônios culturais.

Com relação às legislações acerca do patrimônio em Palmital, nota-se que elas visam a preservação de bens específicos: imóveis e provas equestres. No primeiro caso, legitima-se especificamente o tombamento de edificações localizadas no Pátio da Fepasa (antiga Estação da Estrada de Ferro Sorocabana). Já no segundo, a manifestação (também descrita como expressão) que representaria uma das tradições culturais de Palmital, está ligada ainda às festas de rodeio.

Diferente de Ourinhos, em Palmital, tais leis não estão fundamentadas em legislação que define especificamente os mecanismos de reconhecimento dos patrimônios históricos e culturais. Aliás, somente no primeiro caso há a menção ao instrumento jurídico de tombamento, previsto nas Constituições Federal de 1988 (Artigo 216) e Estadual de 1989 (Artigo 261); no entanto, o tombamento restringe-se aos imóveis, primeiros prédios de alvenaria de Palmital ligados à memória ferroviária, os quais representam o período de ocupação do oeste paulista, “última região desbravada por meio das ferrovias, participando ativamente no avanço da cultura do café” (PALMITAL, 2005).

Um dos autores desse Projeto de Lei Ordinária nº 19/2005 de Palmital, o vereador Homero Marques Filho (2022), apresenta que a sua criação foi auxiliada pelo trabalho de um amigo e historiador local: Rodrigo Modesto Nascimento.

Na dissertação “Poder público e patrimônio cultural: estudo sobre a política estadual de preservação no oeste paulista (1969 – 1999)”, Nascimento (2006, p. 10) analisou as “propostas de tombamento de bens culturais apresentadas por grupos ou segmentos sociais das cidades do oeste paulista⁷⁵ ao CONDEPHAAT”, concluindo que “a história presente não é reconhecida

⁷⁵ Ele aborda o patrimônio cultural especialmente nas cidades de Marília e Presidente Prudente, que junto a São José do Rio Preto e Araçatuba, representariam à época o potencial econômico do setor agropecuário e agroindustrial no oeste paulista.

como objeto de preservação, nem pelo poder público nem pela sociedade local”, havendo nas práticas locais de preservação do patrimônio cultural uma tendência a se reproduzir “as fórmulas federais, aplicadas ‘de cima para baixo’, sem considerar suas próprias particularidades e necessidades.” (*Id., Ibid.*, p. 9). Nesse sentido, o autor avalia que as políticas de tombamento do patrimônio cultural no estado de São Paulo, pelo CONDEPHAAT, teriam por muito tempo valorizado uma memória elitista da história nacional (exemplo da patrimonialização de casarões do período colonial e imperial brasileiro), o que acabou privilegiando “locais tradicionais, como por exemplo, a cidade de São Paulo, o vale do Paraíba e região de Campinas, como referenciais para a localização da memória paulista” (*Id., Ibid.*, p. 48).

Por outro lado, Nascimento (2006) também considerou as mudanças na concepção de patrimônio, refletidas nas políticas de preservação do CONDEPHAAT. Ele destaca como pioneiro na interiorização da patrimonialização o caso do Cemitério Japonês de Álvarez Machado, solicitado pela Delegacia Regional de Cultura de Presidente Prudente, em 1979. Além desse caso, identificou ainda os pedidos de tombamento que partiram do poder público de Assis e Maracaí (municípios próximos a Ourinhos e Palmital) na década de 1990. Na descrição do processo de reconhecimento da Capela e Túmulo do Menino da Tábua de Maracaí, por exemplo, nota-se que em sua justificativa utilizou-se do argumento do espaço como atrativo turístico, assim como visualizado no processo referente ao Cemitério Japonês (NASCIMENTO, 2006, p. 120-121).

Retomando a reflexão sobre Palmital, é interessante observar que, apesar das contribuições do historiador que refletiram na legislação de 2005, somente 11 anos depois e com suas devidas limitações, as provas equestres foram reconhecidas como uma tradição do município. Essa evidência reforça à conclusão de Nascimento (2006) sobre o descaso pelos patrimônios culturais nos municípios do oeste paulista, não só pela sua história recente, mas pelo desconhecimento do poder público e da sociedade civil sobre sua própria história.

Nesse bojo, Marques Filho (2022) justifica o pouco investimento no setor cultural (e consequentemente do patrimônio) pelo poder público apresentando alguns dados sobre o percentual reservado às outras áreas da administração pública de Palmital. Em números aproximados, cerca de 30% são geralmente destinados à área da saúde (do mínimo de 15%), 26% à educação (do mínimo de 25%) e menos de 3% à Cultura. O que gera uma conclusão de que “às vezes a cultura acaba sendo esquecida por conta dessas outras demandas”, bem como a concepção de que algumas normas (criação de legislações de Fundos e Conselhos) são estabelecidas de forma vertical, pressupondo que existem somente para o cumprimento de

protocolos do governo. Ou seja, aquela máxima de que a teoria nem sempre corresponde à prática.

Dentro disso, uma das formas para se investir em tradições existentes no município é a regulamentação dos próprios grupos/comunidades em Associações e, a partir disso, o seu reconhecimento como “utilidade pública” (PALMITAL, 2014). A propósito do assunto, Marques Filho (2022) citou o projeto de sua autoria que prevê tornar a Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital-SP (AMATRAC), como utilidade pública de Palmital (PALMITAL, 2021). Vale antecipar que a AMATRAC foi criada pelos foliões em 2017 (contarei sobre essa história e sobre as articulações de sujeitos no entorno de outros projetos de preservação das Folias de Reis no Capítulo 4). De todo modo, há a ressalva de que o governo já auxilia a manutenção das festas de Santos Reis com o empréstimo de maquinário para organização do recinto, banheiros químicos, barracas, entre outros elementos que auxiliam na infraestrutura do evento.

Como uma informação adicional, é preciso citar também as variadas Moções criadas por vereadores da Câmara Municipal de Palmital, realizadas para homenagear sujeitos e grupos vinculados às Folias de Reis. Segundo Marques Filho (2022), esta é uma forma de reconhecimento da importância dessa tradição à cidade, além de outras existentes, como a pioneira Lei nº 2.128, de 13 de fevereiro de 2006, que colocou a Festa dos Santos Reis no Calendário Folclórico Turístico do município de Palmital. Cabe informar que no Artigo 3º dessa mesma legislação é discriminado que o poder executivo “poderá firmar convênios com as Entidades e ou Associações, desde que estejam devidamente documentadas e aptas a exercerem as atividades folclóricas e tradicionais” (PALMITAL, 2006).

Nota-se, pois, que o reconhecimento das Folias de Reis no município parte da concepção de que ela compreende o folclore ou a tradição (religiosa) do local, sendo essas e outras manifestações utilizadas para composição do calendário turístico de Palmital (PALMITAL, 2006), como também de Ourinhos (OURINHOS, 2010). Um dado interessante que retoma algumas das justificativas dos proponentes de pedidos de patrimonialização de bens culturais materiais presentes nos processos do CONDEPHAAT, estudados por Nascimento (2006).

Saindo da perspectiva dos possíveis reconhecimentos municipais sobre as Folias de Reis, constatou-se que Palmital já havia sido identificada no Calendário de Eventos Oficiais do estado de São Paulo, criado pela Secretaria de Esportes e Turismo em 1996, bem como oficialmente reconhecida em 2009 no Calendário Turístico do Estado de São Paulo.

Na divulgação feita pelo Diário Oficial em 1996, oficializou-se o 6 de janeiro como dia da “Festa de Santos Reis”, uma “Festa Popular folclórica, composta da Bandeira de Santos Reis,

a qual percorre a zona rural do Município, entoando cânticos e arrecadando donativos”, promovida pela Prefeitura Municipal de Palmital (SÃO PAULO, 1996)⁷⁶. Já no Projeto de Lei de 2006 (SÃO PAULO, 2006) – transformado na já citada lei de 2009) –, expõe-se o seguinte:

A Festa de Santos Reis, tradicional evento folclórico-religioso de Palmital, já é considerado um dos maiores do Estado. [...] Essa festa conta com o apoio da Prefeitura Municipal, empresas e de grupos da comunidade que trabalham voluntariamente na preparação e na realização da celebração. (*Id., Ibid.*).

O trecho compõe parte do texto do projeto redigido pelo então deputado estadual Mauro Bragato⁷⁷, o qual justifica a relevância do evento no local a partir da movimentação e união percebida em Palmital no contexto da festa. Do mesmo deputado, encontrou-se um outro Projeto de Lei nº 207/2019, que classifica Palmital como município de interesse turístico (SÃO PAULO, 2019). Nele, revelam-se os “recursos naturais e as grandes festas folclórico-culturais” presentes no local⁷⁸ e, entre as últimas, ressalta-se a Festa de Reis que perdura há mais de 80 anos, recebendo “mais de 40 mil visitantes de todas as partes do Brasil”. Na justificativa do projeto aponta-se ainda:

O evento conta com 25 fornos e 25 grandes tachos para preparação dos alimentos arrecadados, conforme a tradição, tudo é feito à lenha. São preparados cerca de 1.500 kg de batata, 300 kg de feijão, 300 kg de arroz, 600 kg de macarrão, 400 kg de extrato de tomate, 1.500 kg de costela bovina, 1.500 kg de leitoa à passarinho, 1.000 kg de frango à passarinho, 11.200 kg de carne suína (que é feita em forma de lombo, tradição de longa data da festa). Como tempero utiliza-se 300 kg de sal grosso, 100 kg de alho, 120 kg de cebola. Cerca de 500 pessoas trabalham voluntariamente para preparar os alimentos e servir a população (*Id., Ibid.*).

A descrição demonstra o que se arrecada na festa, o modo de preparo da comida (a tradição à lenha, a tradição do lombo), bem como a quantidade de pessoas que trabalham voluntariamente na ocasião, o que, neste último caso, remonta aos valores de solidariedade praticados por meio da tradição religiosa. A descrição das características, por sua vez, indica a

⁷⁶ Além de Palmital, nesse documento é igualmente identificada a “Folia de Reis” de Cândido Mota, sendo promovida pelas famílias Oliveira e Martins (Salão de Festas da Água do Almoço).

⁷⁷ Mauro Bragato (PSDB) é natural de Lins. Estudou sociologia e, além de deputado estadual em São Paulo, foi prefeito de Presidente Prudente. Vale aqui a informação de que em 2010 o vereador Manoel Eduardo da Silva fez uma Moção endereçada ao Deputado Mario Bragato, agradecendo-lhe pela inclusão da festa de Santos Reis de Palmital no calendário turístico do estado de São Paulo. Nessa homenagem, ele o descreve como um participante assíduo da festa (PALMITAL, 2010). O vereador Homero Marques Filho (2022) também relatou em sua que o deputado costuma auxiliar o município com emendas parlamentares.

⁷⁸ No projeto há a menção ao carnaval, a Festa do Peão e Feira Agropecuária e Industrial – FAPIP, bem como ao mais recente festival de Rock Caramujo.

construção de uma espécie de inventário da celebração, algo igualmente observado em outros projetos de lei que serão posteriormente analisados na tese.

No que diz respeito à Ourinhos, encontrou-se o também recente Projeto de Lei nº 594/2020, que o classifica como Município de Interesse Turístico (SÃO PAULO, 2020). De autoria do deputado estadual Ricardo Madalena⁷⁹, entre os atrativos turísticos presentes em sua proposta encontram-se a Feira Agropecuária e Industrial de Ourinhos – FAPI, bem como festas religiosas como: Festa de São Cristóvão, Festa do Senhor do Bom Jesus, Nossa Senhora do Vagão Queimado e Festa de Reis. Embora o projeto reconheça a existência da Festa de Reis em Ourinhos, ele não apresenta uma descrição mais ampla sobre ela, como feito em Palmital.

Os indicativos de reconhecimento das Folias de Reis pelo seu valor turístico em Ourinhos e Palmital, por sua vez, levaram a consulta e constatação de planos diretores de turismo dos municípios (disponibilizados na internet). No caso de Ourinhos, a Festa de Reis foi classificada como evento religioso que ocorre no bairro rural do Ribeirão Grande (junto as já citadas Festa de São Cristóvão, Festa do Senhor do Bom Jesus e festa Nossa Senhora do Vagão Queimado), sendo demonstradas na descrição de sua atividade celebração de missa e almoço (OURINHOS, 2017)⁸⁰. Aqui cabe o adendo de que, além do poder público, a Igreja também passou a participar das Folias de Reis em Ourinhos (discutirei esse assunto no capítulo 3).

Já no Plano de Palmital, a Festa de Santo Reis é descrita como evento permanente, sendo o de maior tradição na cidade (também se apresenta a Festa do Divino, o Carnaval, a Festa de Peão e Feira Agropecuária e Industrial, Semana de Música e Rock Caramujo), pois ocorre há mais de 80 anos, e envolvendo um grande número de participantes (20 mil pessoas nos anos de 2013 a 2015)⁸¹. Apesar disso, do ponto de vista turístico, avalia-se ainda o “grande valor potencial, mas de médio significado real para o mercado turístico, capaz de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes regionais ou nacionais, em conjunto com outros atrativos próximos a este.” (PALMITAL, 2016, p. 59).

Esse pequeno inventário de legislações e projeções acerca da identificação e auxílio à manutenção das Folias de Reis contribui para a compreensão das condições das políticas de preservação dos bens culturais presentes em Ourinhos e Palmital e, nesse aspecto, confirma o que tínhamos como hipótese inicial de estudo. No entanto, era importante checar o que se tinha feito até então para que pudéssemos, a partir disso, utilizar de alguns desses dados para analisar as ações dos foliões diante dessa história.

⁷⁹ Ricardo Madalena (PL) é natural de Santa Cruz do Rio Pardo, município vizinho à Ourinhos.

⁸⁰ O documento se refere ao plano elaborado na gestão do prefeito Lucas Pocay (2016-2020).

⁸¹ O documento se refere à gestão da prefeita Ismênia Mendes Moraes (2013-2016).

Antes disso, cabe uma reflexão sobre os desafios que envolvem a patrimonialização de bens culturais como as Folias de Reis que, em meio a interesses econômicos e políticos, podem ser lembrados somente como um espetáculo desprovido de significados culturais. Em “O lugar da cultura popular nas políticas públicas: ações no campo do patrimônio imaterial”, Lia Calabre (2016, p. 253-263) utiliza o Jongo no Sudeste para discutir o papel das políticas culturais no processo de efetivação dos direitos culturais. A historiadora avalia os seus impactos positivos às comunidades, inclusive, entre as novas gerações de jongueiros que até então pareciam se distanciar da tradição, mas que, com o seu reconhecimento, passaram a valorizar suas ancestralidades e, portanto, contribuir com sua reinvenção e preservação. Como contraponto, sinaliza alguns riscos nesse processo, como o da espetacularização das tradições, ou a sua objetificação sem se levar em consideração as especificidades dos bens culturais e os interesses e autonomia dos seus detentores. Nesse aspecto, aponta que o financiamento exclusivo das atividades relativas ao patrimônio pelo Estado (leis de incentivo, editais públicos) pode também colocar em risco o futuro de um bem cultural, visto “um cenário de constante escassez e crise de recursos” (CALABRE, 2016, p. 263).

Portanto, o problema que se coloca é: até que ponto ou de que modo o reconhecimento das Folias de Reis faria sentido para os que a elas pertencem? Enviesada pelos avanços dos estudos e das ações políticas no campo do patrimônio cultural, talvez essa seja mais uma demanda intelectual e política (no sentido de um dever às memórias antes silenciadas), do que propriamente uma vontade comum entre os sujeitos fazedores das tradições. É preciso lembrar do que Alessandro Portelli (2016, p. 20) chamou de “arte da escuta”, refletindo sobre as entrevistas em história oral e sobre o processo de construção do conhecimento em meio às relações dialógicas, as quais pressupõem a responsabilidade de um narrador ao contar algo sobre um bem cultural, e do receptor em “abrir um espaço narrativo” com a sua escuta atenta. Em suas palavras:

(...) a entrevista estrutura-se sobre um solo comum que torna o diálogo possível, mas também se estrutura sobre uma diferença que a torna significativa. Seria um equívoco pressupor que só a similaridade permite que os entrevistados se expressem, que só a similaridade estabelece a “confiança” na qual o diálogo se funda. Por definição, na verdade, uma troca de conhecimento só tem significado se esse conhecimento não está previamente compartilhado – isto é, se entre os sujeitos envolvidos existe uma diferença significativa e um deles está em situação de aprendizagem. (PORTELLI, 2016, p. 13).

Pelo mesmo caminho da história oral, mas com o objetivo de contribuir ao debate na área da história pública, Michael Frisch (2016, p. 57-69) no texto “A história pública não é uma via de mão única ou De *A Shared Authority* à cozinha digital, e vice-versa”, argumenta em favor “de um entendimento mais dialógico da entrevista, do discurso histórico, e da própria confecção da história”. Na medida em que reflete sobre “o significado e sobre o lugar da história no presente”, Frisch (2016, p. 60) propõe “transcender as restrições de dicotomias como produção/consumo, historiador/plateia, pesquisa/produto”, visto que a própria confecção da história por aquele que entrevista e o que é entrevistado, por exemplo, possui “formas e bases distintas (da experiência em primeira pessoa à fundamentação em fontes cuidadosamente examinadas e em profundidade de pesquisa) e têm, cada uma, um tipo próprio de valor e de autoridade”.

Essas colocações podem contribuir não só a uma revisão de premissas dos campos acadêmicos (patrimônio cultural; história oral; história pública), mas em complemento, na elaboração de políticas públicas que visam corroborar à salvaguarda das Folias de Reis nos municípios, pois para identificar e proteger algo enquanto um patrimônio cultural, é fundamental que se estabeleça o diálogo com os sujeitos (autoridades dos saberes e fazeres que compreendem os bens culturais) para que, a partir disso, pesem-se os símbolos e valores a se reconhecer em uma sociedade.

Nesse ponto, as Instituições de ensino e as políticas públicas voltadas à área da educação e cultura são também salutares⁸², apesar de que, para se transmitir e adquirir conhecimento sobre o direito ao patrimônio e o dever da cidadania é fundamental a viabilização de outros direitos sociais, como à saúde (lembrada pelo vereador de Palmital), alimentação e trabalho digno para todos os cidadãos. Muitas promessas depositadas aos Santos Reis ou mesmo a ênfase dada à comida distribuída gratuitamente entre as Folias de Reis, algo muito lembrado pelos entrevistados (e conteúdo de projetos políticos na área do turismo), revelam a crença e a solidariedade nela presentes, ao passo em que são também indícios para reflexão sobre as condições de vida (de ontem e de hoje) de grande parcela da população brasileira, com suas complexidades e desigualdades históricas. Por essas e outras, os bens e tradições culturais que ainda fazem sentido no presente, o fazem por uma série de fatores. Por isso, deveriam ser

⁸² Lembro aqui do livro organizado pela historiadora Zélia Lopes da Silva (2014), sobre a “Memória dos catadores de materiais recicláveis de Assis (2001-2007)”, onde foi possível reconhecer algumas problemáticas enfrentadas cotidianamente por esses sujeitos essenciais à sociedade. Uma delas era o próprio silenciamento da sua história, à margem da memória oficial do município de Assis até, pelo menos, à iniciativa de se desenvolver o projeto universitário que resultou tal livro. Nesse sentido, nota-se o papel da Universidade e da educação que, nesse caso, viabilizou a valorização desses trabalhadores e trabalhadoras antes desprovidos até mesmo do direito à memória.

matéria de políticas e de diálogos públicos responsáveis sobre memória (selecionar o que lembrar e o que esquecer não significa apagar da memória⁸³), inclusive, no âmbito municipal.

Nesse sentido, avança-se para a segunda parte da tese com algumas perguntas: a preservação das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital possui relação com a história até aqui contada? Ou seja, como tal “reconhecimento das Folias de Reis como patrimônio cultural”, ainda que não aparente nas políticas de preservação dos municípios, foi apropriado pelos sujeitos e grupos na construção das suas memórias e identidades, bem como nas ações (a participação) para preservação dessa considerada tradição *de* Ourinhos e Palmital?

⁸³ Reflexão retirada do livro de Joël Candau (2014, p. 127-129), “Memória e identidade”.

**PARTE 2 - AS FOLIAS DE REIS COMO MISSÃO: FORMAS DE
PRESERVAÇÃO EM OURINHOS E PALMITAL**

CAPÍTULO 2: Ourinhos e Palmital na história do Oeste Paulista: uma contextualização

Este capítulo pretende contextualizar a história que está por trás dos patrimônios culturais oficialmente reconhecidos em Ourinhos e Palmital, observando-se como o espaço de pesquisa foi transformado com o surgimento das cidades no início do século XX e paulatino esvaziamento social do campo, dominado por monoculturas agrícolas.

Como se pôde visualizar na Figura 1, Ourinhos e Palmital estão localizadas na mesorregião de Assis, estado de São Paulo. A historiografia aponta que a exploração econômica desse oeste paulista, pela margem do Vale do Paranapanema⁸⁴, é resultado de um processo de expropriação e ocupação violenta do território das populações indígenas⁸⁵ que ali viviam, derrubada de florestas, demarcação e grilagem de terras, e compra e venda de terrenos para a promoção, sobretudo no início do século XX, da cafeicultura que, aliada à chegada da ferrovia Sorocabana, seriam os marcos do “progresso”⁸⁶ que desdobrou a fundação e emancipação de suas cidades.

Para as historiadoras Célia Penço (1980) e Maria do Carmo Sampaio Di Creddo (2003), a colonização e as consequentes migrações ao local até então identificado como “sertão desconhecido” são, portanto, reflexo dos impulsos capitalistas no mercado econômico internacional da segunda metade do século XIX. Momento em que o Brasil se destacava pelo potencial agrícola (vasta porção de terras férteis a serem desbravadas e clima propício para

⁸⁴ “O Paranapanema é um dos rios mais importantes de São Paulo. Ele marca os limites entre as regiões Sudeste e Sul, sendo divisor natural dos territórios pertencentes aos estados de São Paulo e do Paraná. Tem uma extensão total de 929 quilômetros em um desnível de 570 metros. Desenvolve-se no sentido geral leste-oeste até o rio Paraná em uma altitude de 239 metros, aproximadamente. Suas nascentes se localizam na serra Agudos Grandes, em Capão Bonito, próximo aos municípios de Eldorado e Ribeirão Grande, no Sudeste de São Paulo, a uma distância aproximada de 100 quilômetros da costa Atlântica, numa latitude de cerca de 900 metros acima do nível do mar.” (CARIGNATTO, 2010, p. 41). As cidades da mesorregião de Assis localizam-se no que se convencionou chamar de Polo Regional e Bacia Hidrográfica do Médio Paranapanema, ambas pertencentes a Região Administrativa de Marília.

⁸⁵ Em seu estudo, Célia Penço indica o território que hoje compreende as cidades de Ourinhos e Palmital como habitado pelas etnias Kaingang e Guaianá (PENÇO, 1980, p. 23). Já Sônia da Silva Rodrigues (2003) apresenta os Coroados (etnia Kaingang), Caiuás (filiação linguística Tupi-guarani) e Xavantes (etnia Oti-xavante) como antigos ocupantes do Vale do Paranapanema. Ainda segundo Rodrigues (2003, p. 13 apud GUIAVARA, 2007, p. 117), “[...] no momento que as frentes pioneiras estavam se estabelecendo na região, existiam três formas correntes de se estabelecer contatos com os indígenas da região que são: o aldeamento, a dada e as bandeiras. O Aldeamento foi a maneira encontrada pelo Estado de reduzir o índio a espaço estabelecido onde aprenderiam a cultivar a terra, a prática de ofícios e, o mais importante, seria catequizado e “civilizado” a fim de não mais oferecer riscos ao branco. As dadas eram as investidas que os fazendeiros e posseiros da região faziam contra as tribos indígenas com o claro objetivo de empurrá-los mais além da fronteira agrícola ou exterminá-lo. A bandeira contava com apoio do governo, não muito diferente da dada, apenas era destinada a capturar os índios e entregá-lo aos aldeamentos para que fossem catequizados, porém na eminência da resistência o índio também era eliminado”.

⁸⁶ Segundo Rodrigo Modesto Nascimento (2006, p. 36), a ocupação do oeste paulista está vinculada a um amplo projeto do poder público (federal e estadual) para dominar os espaços vazios do interior do país sob o discurso republicano de “ordem e progresso”, algo ainda presente na mentalidade daqueles que contribuem ou não ao reconhecimento dos seus patrimônios culturais na contemporaneidade.

lavouras) e com seu principal produto de exportação, o café, fonte de riqueza e poder político (PRADO JÚNIOR, 1994; CARIGNATTO, 2010, p. 46-48).

Nesse cenário, o decadente governo imperial brasileiro viu-se obrigado a reformular as leis que deveriam dar conta da questão fundiária nacional, ao passo em que promovesse a modernização de suas relações de trabalho. Como a escravidão já não era bem quista dentro do ideal liberal de civilização, enveredou-se à paulatina substituição da mão-de-obra africana/preta pela estrangeira (do imigrante/branco) e assalariada (sistema do colonato) (SMITH, 1990; COSTA, 1999), com a Lei de Terras (Nº 601/1850), a Lei Eusébio de Queirós (Nº 581/1850 – de extinção do tráfico de escravos africanos), e a Lei Áurea (Nº 3.353/1888 – de abolição da escravatura)⁸⁷. Esses fatores determinaram, por extensão, à República brasileira.

No que se refere à Lei de Terras de 1850⁸⁸, seu ponto alto foi a definição de que as terras devolutas (pertencentes ao poder público, sob domínio do Estado) só poderiam ser adquiridas através da compra. O problema é que tais terras precisavam ser demarcadas (separadas das particulares) e, para isso, embora a legislação estabelecesse prazos e medidas que dariam conta, por exemplo, da legitimação de terrenos já ocupados por posseiros, não havia total controle e fiscalização do amplo território público nacional. Este fator promoveu, como defendeu Célia Penço (1980), a “evaporação das terras devolutas no Vale do Paranapanema”.

Ainda de acordo com a historiadora, o primeiro proprietário de grande parte das terras do oeste paulista foi o mineiro José Teodoro de Souza. O pioneiro, todavia, teria ocupado tal território no decorrer dos anos de 1856, ou seja, após o estabelecimento da Lei de Terras (PENÇO, 1980). Para oficializar sua posse sem precisar comprá-la:

Ele aproveitou-se de algumas disposições do Regulamento da lei 601, baixado pelo Decreto nº 1318 de Janeiro de 1854. Os artigos nºs 91 e 92 estipulavam os prazos para o registro obrigatório da propriedade dizendo que eles seriam três: o primeiro de dois anos, o segundo de um ano e o terceiro de seis meses, todos a partir da data fixada pelo respectivo Presidente de cada Província do Império. Ora, em São Paulo, a data estipulada foi 1854. José Teodoro de Souza

⁸⁷ Importante se ter uma leitura crítica sobre essas legislações, pois mesmo que tratem da legalização da situação fundiária e da extinção do regime de escravidão nacional, não se pode esquecer que elas foram impulsionadas pelos interesses que englobam o sistema capitalista, o qual possui como sustentáculo a promoção de desigualdades sociais, visto que o capital produzido pela massa trabalhadora é, de fato, detido por poucos. É necessário também atentar-se para as políticas eugenistas e higienistas da conjuntura histórica de transição dos séculos XIX e XX, que sinalizavam para o domínio de populações brancas sobre outras, a partir da ideia de civilização. No caso brasileiro, acentua-se que a liberdade dada aos povos afro-brasileiros, por exemplo, não garantiu políticas que os reinserissem ao mercado de trabalho, pois naquele momento privilegiava-se a mão de obra branca estrangeira. Ao passo em que a Lei de Terras acabou produzindo o direito de pertença a propriedades, através da compra, por poucos (SCHWARCZ, 1993; LOURENÇO, 2001; DI CREDDO, 2010).

⁸⁸ Consultar Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850, em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm#:~:text=LEI%20No%20601%2C%20DE.sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais. Acesso: 12 out. 2020.

apresentou-se, então, perante o vigário de Botucatu e declarou ser dono de uma posse de terra desde 1847 e que a estava registrando, agora, em 1856, dentro, portanto, do limite imposto pelo regulamento. (PENÇO, 1980, p. 15).

Após registro na Paróquia de Botucatu, José Teodoro de Souza teria viabilizado a vinda de outros desbravadores mineiros ao território⁸⁹, até que sua propriedade, já com alguma infraestrutura, fosse repartida em lotes alienáveis. Antes disso, nos povoados e vilas formadas, cultivava-se roças de feijão, arroz, milho, batata e mandioca, e criava-se animais, sobretudo, porcos para serem transportados (a pé ou em carros de bois) e vendidos em Lençóis, Sorocaba ou Botucatu. Nesses locais, muito provavelmente, aproveitavam para trocar/comprar mercadorias que não possuíam (remédios, pólvora e sal) (PENÇO, 1980, p. 29-30). Sobre a ocupação regional pelos mineiros, Eduardo Giavara (2016, p. 155) aponta:

Os mineiros que compunham a primeira fronteira eram, em sua maioria, agricultores vindos com a família em busca de grandes porções de terras a baixo custo nas frentes de expansão. Vinham atraídas pela possibilidade de legitimarem uma posse sem a compra ou vinham com um pequeno capital, oriundos da venda de outras propriedades e jogavam toda a sua sorte na compra de vastas extensões de terras em lugares longínquos, depositando expectativas de fortuna e conseqüente mudança de posição social.

O primeiro povoado criado por José Teodoro de Souza foi o de São José do Rio Novo, que por muito tempo ficou conhecido como “Boca do Sertão” (PENÇO, 1980, p. 13-16). Além deste pequeno núcleo populacional que deu origem à cidade de Campos Novos do Paranapanema (1885) (hoje Campos Novos Paulista), o desbravador também fundou São Pedro do Turvo (1891) e Conceição do Monte Alegre (1896) (hoje Paraguaçu Paulista).

Importante ressaltar que tal “marcha capitalista” decorreu do movimento de reconhecimento das riquezas naturais (águas, solo roxo, flora, clima) presentes no interior do Brasil. Na tese “Viagem ao desconhecido: o olhar científico nas fronteiras do oeste paulista – 1886-1905”, Eduardo Giavara (2007) analisou relatórios de viagens feitas à região a partir da criação da Comissão Geográfica e Geológica (CGG) em 1886, e do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) em 1887. A própria constituição destes órgãos atendia, segundo o historiador, aos interesses de uma elite que, impulsionada por modelos científicos (positivismo, determinismo geográfico, darwinismo social), empreendeu o mapeamento desse interior a fim explorá-lo. O trecho a seguir remonta a perspectiva de viagem sobre o local:

⁸⁹ Coincidindo ao período de colonização do oeste paulista, a Guerra do Paraguai (1864-1870) também teria sido uma das causas da vinda de famílias mineiras à região, para fugirem do alistamento (MONBEIG, 1984, p. 135; ANDRADE, 2004, p. 54-55; CARIGNATTO, 2010, p. 43-46).

No dia 29 de Julho, após breve demora na foz do rio Pardo, entrámos na grande bacia do Salto Grande. Neste sitio ergue-se agora pequena povoação na margem paulista, destinada a prosperar em vista da sua posição e boa qualidade das terras que a circundam; mas são ainda em pequeno numero os seus habitantes, quasi todos mui pobres, e com pequenas lavouras de cereaes que apenas dão para o consumo local. [...] Por muito procurar, sempre conseguimos ahi alguma polvora e um pouco de farinha por alto preço, e uns poucos generos insuficientes para uma viagem atravez de uma região totalmente deserta e infestada de indios como a que iamos agora percorrer (SAMPAIO, 1889).

Giavara (2007, p. 31-34) demonstra que os mapeamentos desdobraram ainda um olhar preconceituoso sobre as populações encontradas (posseiros, meeiros ou parceiros, pequenos proprietários alheios ao mercado exportador; eram basicamente “fornecedores de gêneros alimentícios ou criadores de gado”). Nos relatórios, os sujeitos eram pejorativamente identificados como “caboclos” ou “caipiras”, entendidos como “preguiçosos”, “vadios” e “inadaptáveis à civilização”, o que passou a legitimar o discurso de dominação, modernização e desenvolvimento da sociedade, da agricultura e pecuária regional.

Um outro fator que contribuiu para com a ascensão das relações capitalistas no Vale do Paranapanema foi a oferta barata das terras em sua margem, o que acabou atraindo o olhar de fazendeiros, empresários e políticos para progressivos investimentos em culturas agrícolas para exportação (café, algodão, soja, cana-de-açúcar), empreendimentos que poderiam ser viabilizados por outro: a ferrovia.

Cabe mencionar que, quando os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana chegaram em Ourinhos (1908) e Palmital (1913), sua administração estava sob concessão da Sorocabana *Railway Company*, empresa privada representada por Percival Farquhar. Sobre este arrendamento realizado entre 1907 e 1919, o historiador Lucas Mariani Corrêa (2014) verificou-o como uma importante estratégia do governo republicano paulista, para a obtenção de crédito e levantamento de capital para política de valorização do café e de outras frentes agrícolas. Por outro lado, a ação também beneficiava influentes fazendeiros de café (também chamados de pioneiros), comerciantes e investidores que, através do moderno transporte, não só agilizavam o escoamento das produções desse interior paulista, mas reduziam custos e expandiam seus capitais (MILLIET, 1946; MATOS, 1974; MONBEIG, 1984).

Nesse aspecto, pode-se dizer que o surgimento de cidades na margem paulista do Vale do Paranapanema foi intensificado justamente pelo prolongamento da ferrovia na primeira

metade do século XX, no sentido Leste-Oeste do estado⁹⁰. Em “Poder político e representatividade partidária no Vale do Paranapanema: (1920-1930)”, Anna Maria Martinez Corrêa (1988, p. 53) demonstra que tal movimentação capitalista direcionou ainda a tomada do controle político da região pelos republicanos paulistas⁹¹. Dessas relações, nasceram Salto Grande (1911), Ipaussu (1915), Platina (1915), Assis (1917), Óleo (1917), Ourinhos (1918 - Lei nº 618), Palmital (1920 - Lei nº 1.693), Chavantes (1922), Bernardino de Campos (1923), Cândido Mota (1923), Maracaí (1924), Paraguaçu Paulista (1924) e Quatá (1925).

Já aos municípios não contemplados pela ferrovia, ainda segundo a historiadora, “restou apenas marginalidade e a decadência econômica”. Campos Novos Paulista, por exemplo, acabou perdendo em 1918 a sede da Comarca para Assis. Fato esse que teria levado à mudança do coronel José Machado daquela cidade para seu então distrito, Palmital, local em que desempenhou papel político importante, responsabilizando-se pela sua emancipação (CORRÊA, 1988, p. 58-135). Antes disso, no entanto, Janete Leiko Tanno (2004, p. 30-31) aponta que Palmital já tinha sido povoada por pessoas como João Batista Aranha (vindo de São Manoel provavelmente em 1886 e fundando a Água do Aranha), Manoel José Batista (instalando-se em 1891 na Água da Fartura), Joaquim Silvério da Cruz (instalando-se em 1898 na Água Clara) e Salvador Ricci (instalando-se em 1898 na Água da Anhumas). No livro “Palmital: memórias de uma cidade do interior”, a historiadora afirma ainda que foi a partir do momento em que a Sorocabana se fixou no povoado, em 1913, que a cidade passou a se desenvolver, sendo inicialmente conhecida como “Estação Palmital” (TANNO, 2004, p. 32).

A construção da ferrovia em Ourinhos, por sua vez, foi negociada por um dos seus fundadores, o coronel mineiro Jacintho Ferreira e Sá. De comerciante e transportador de mercadorias em Santa Cruz do Rio Pardo, ele comprou as terras da Fazenda das Furnas, de D. Escolástica Melchert da Fonseca (ARAÚJO; CUNHA, 2011, p. 41). A compra teria sido facilitada pelos contatos de Ferreira e Sá com o genro de D. Escolástica, “José Carlos de Macedo Soares, que seria deputado estadual, interventor em São Paulo e duas vezes ministro (Justiça e Relações Exteriores), um homem em evidência até a metade dos anos 50” (DEL RIOS, 2005, p. 18). Além de José Carlos de Macedo Soares, Jacintho Ferreira e Sá também conhecia outras pessoas influentes na política estadual, como Ataliba Leonel (chefe absoluto

⁹⁰ A construção de hidrelétricas no entorno do Vale do Paranapanema (Chavantes, Lucas Nogueira Garcez, Canoas I e Canoas II – juntas são responsáveis por 6% da geração de energia elétrica do estado de São Paulo) também impulsionou sua economia, impactando igualmente, na segunda metade do século XX, a sociedade e paisagem regional. Sobre os impactos socioambientais gerados pelas ferrovias e hidrelétricas, consultar: ALMEIDA, 1987; GIAVARA, 2001; ANDRADE, 2004; MASSEI, 2007; CARIGNATTO, 2010.

⁹¹ Sobre esse assunto, ver também: LOVE, Joseph. A locomotiva: São Paulo na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

da região da Sorocabana, dividia poder no estado com Washington Luís e Júlio Prestes) e João Baptista de Mello Peixoto (aliado de Ataliba, senador e duas vezes secretário estadual da Fazenda e Agricultura, liderava em Chavantes e região) (DEL RIOS, 2005, p. 17-18).

Em “Ourinhos: memórias de uma cidade paulista”, Jefferson Del Rios (2005, p. 18) complementa que Ourinhos surgiu tanto da “Fazenda Furnas”, propriedade do coronel Jacintho Ferreira e Sá, quanto das Fazendas “Lageadinho”, de Antônio de A. Leite (coronel Tonico Leite), e “Jacu” (também conhecida como “Ourinhos”), da família Costa Júnior. No entanto, ressalta a importância de Jacintho Ferreira Sá pelos seus contatos políticos, os quais proporcionaram a criação da estação Sorocabana no entorno da sua propriedade, visto também a pretensão política sobre a futura cidade, a qual doou lotes para formação, tornando-se seu prefeito entre 1923 e 1925 (DEL RIOS, 2005, p. 20).

Uma das particularidades da cidade de Ourinhos em comparação a Palmital, todavia, é que ela foi um importante entroncamento ferroviário entre os estados de São Paulo e Paraná já na primeira metade do século XX, sendo ponto de passagem para conquista do chamado Norte Velho paranaense (DEL RIOS, 2005, p. 53) e constituição de cidades como Londrina (em 1934) e Maringá (em 1948).

Segundo Kátia Kodama (2009, p. 50-52), desdobrada de Ourinhos em 1923, a Estrada de Ferro Noroeste do Paraná foi inicialmente articulada pelo coronel Antônio Barbosa Ferraz Junior (de Cambará/PR) e demais fazendeiros locais. Tal negociação, por sua vez, estendeu-se a sócios como o barão inglês Simon Joseph Frase, “[...] parceria que resultou na fundação da Brazil Plantations Syndicate Ltda, subsidiária da Companhia de Terras do Norte do Paraná” (KODAMA, 2009, p. 51). Este fator teria possibilitado o progressivo desenvolvimento urbano e demográfico de Ourinhos, inclusive, após a primeira metade do século XX, conforme gráficos abaixo:

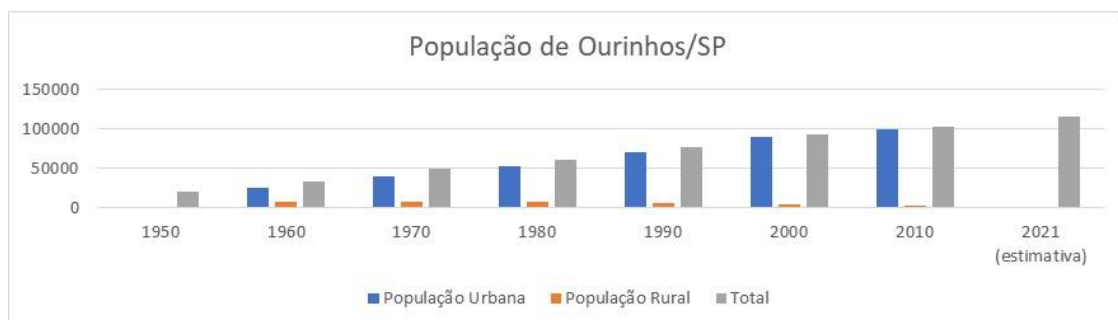


Figura 2: Gráfico da população urbana e rural de Ourinhos/SP - 1950 a 2021. Fonte: IBGE.

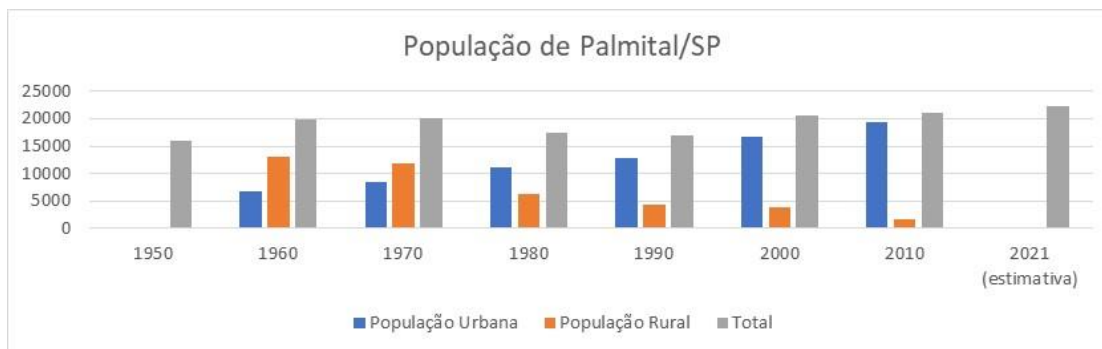


Figura 3: Gráfico da população urbana e rural de Palmital/SP - 1950 a 2019. Fonte: IBGE.

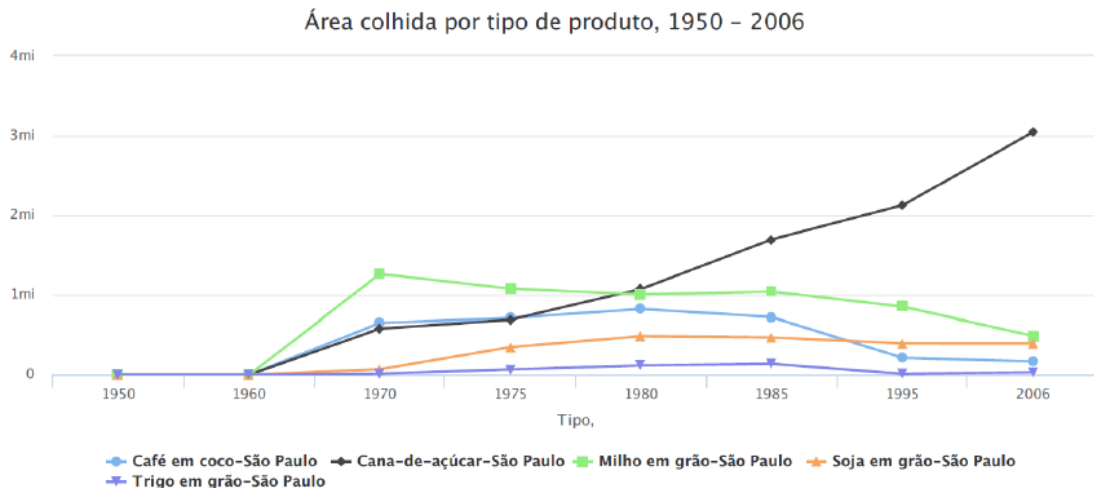
Apesar da ausência de números específicos sobre a população urbana e rural de Ourinhos e Palmital nos anos de 1950 e 2021, nas Figuras 2 e 3 é possível observar o significativo aumento populacional no período delimitado (Ourinhos possuía em 1950 o total de 21.085 hab. e em 2021 o total de 115.139 hab.; já Palmital possuía em 1950 o total de 15.933 hab. e em 2021 o total de 22.322 hab.). Nota-se que em Ourinhos (Figura 2) a população total ascendeu ao longo do tempo, destacando-se a urbana em detrimento de uma pequena constante rural, que passa a decair a partir dos anos de 1980.

Em Palmital (Figura 3), por seu turno, fica aparente a superioridade da população rural que, na década de 1960, contava pouco mais do dobro em relação à urbana. Ao passo que, a partir dos anos de 1970, observa-se o crescimento de habitantes da cidade, em detrimento do decréscimo de habitantes do campo. Dado que a diferenciaria de Ourinhos, tendo em vista o êxodo rural.

Outro ponto a ser observado em Palmital (Figura 3) é a diminuição do número total de habitantes entre as décadas de 1980 e 1990, bem como uma espécie de constante populacional total; ou seja, dos anos de 1960 a 2021, o município permanece contando entre 20 e 25 mil habitantes. Dentro desse mesmo período, por sua vez, Ourinhos (Figura 3) ultrapassou o dobro do seu número populacional.

Importante dizer que estradas rodoviárias (como a Raposo Tavares) substituíram paulatinamente as ferrovias na segunda metade do século XX, tornando-se importantes vias de transporte de cargas, principalmente, a partir da implementação do Programa Nacional do Alcool (Proálcool) em 1975 (SELANI, 2005; BERTAZI, 2014). Como uma política federal aliada ao Plano de Desenvolvimento do Oeste do Estado de São Paulo – PRÓ-OESTE e Programa de Expansão da Canavicultura para a produção de Combustível do Estado de São Paulo (PROCANA) (BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000, p. 85), a chegada do agronegócio da

cana-de-açúcar transformaria a produção agrícola de todo o estado de São Paulo, como ilustra o gráfico a seguir:



"1 - Os dados da série histórica disponibilizados nesta tabela são reflexo das publicações disponíveis à época. Especificamente para o ano de 1995, pequenas correções foram feitas após a publicação, o que pode ocasionar uma diferença mínima entre estes e aqueles disponíveis em outras tabelas cujos dados foram tabulados posteriormente à divulgação oficial.

2 - Nos censos de 1920 até 1996 foi levantada a produção de café em coco; no censo de 2006 foi levantada a produção de café em grão.

3 - A produção de laranja em 2006 está em mil frutos; para conversão utiliza-se o fator de 6,25 frutos por 1 Kg."

Figura 4: Produção agrícola paulista entre 1950 e 2006 (área colhida de café em coco, cana-de-açúcar, milho, soja e trigo).

A Figura 4 demonstra a ascensão da produção de cana-de-açúcar, sobretudo a partir de 1975 e 1980. Já depois desse período, o gráfico ainda representa uma queda do café, produto que já se produzia em menor escala quando comparado ao milho, por exemplo. Após 1985, por sua vez, os únicos produtos que continuaram ascendendo em termos de produção e colheita foram a cana-de-açúcar e a soja.

Englobando as memórias de vida e trabalho no local de pesquisa, alguns praticantes das Folias de Reis de Ourinhos e Palmital também recordaram seu passado. Nos trechos abaixo, percebe-se a lembrança de experiências no campo, com sua paisagem aos poucos transformada:

[...] na época, quando a gente era mocinho, a gente começou a ser com café, né. Naquele tempo só tinha café. Depois aí veio aquela geada de 75, que acabou com tudo; não só aqui, mas todo o estado de São Paulo e do Paraná. E depois a gente começou a plantar milho, arroz, feijão, tudo essas coisas. Até que um dia, aí já tava morando aqui no sítio, a gente inventou de plantar soja. Aí não deu [riso]. Aí plantamos 3 anos, colhi, aí abandonei. Arrendei as terras pra cana, arrendamento de cana. Aí ficou um pedaço aí onde tem umas vaquinhas aí, tira leite [...]. Ela faz queijo e eu vendo na cidade. Hoje mesmo eu fui. (BORGES, 2019).

[...] Hoje mudou a cultura, porque a evolução de maquinário foi evoluindo, né. Hoje planta soja, milho, que o maquinário colhe e não precisa ter muita mão de obra, né. Mas, antigamente, era milho, arroz e feijão (FERESIN, 2019).

[...] Eu fui em 74 e morei até 78 [...] Fui, porque na época, o meu pai era café...⁹² era as propriedades lá... porque o meu avô faleceu e depois ficou as partes, né. A doação que herdaram os tios, o meu pai, tio, tia e... e como era café, colonizado, para gente não tinha muito espaço de trabalho, né. Apesar que ele mexia com gado também, gado leiteiro e tal; mas eu, uma tia me incentivou para ir para São Paulo e eu fui, e fiquei 4 anos lá, trabalhando lá. Aí depois em 75 deu uma geada muito grande na região, né. Matou todo os cafés. Aí precisou erradicar. Aí meu pai queria que eu viesse para fazer um outro tipo de lavoura, né. Porque aí colono já não tinha como mais e para ele lidar como meeiro também já não... e de qualquer maneira já ia ter que adquirir maquinário e, então, também não queria. Aí eu sugeri para ele que a gente arrendasse para alguém, né. Para arrancar o café, fazer curva de nível, para fazer condução de solo e as coisas que precisavam para seguir uma agricultura já moderna, vamos dizer assim, né. Que na época ainda era convencional, não era 78, era 75, 76, ainda era convencional, não era plantio direto como é hoje, né. Mas, já tinha suas tecnologias, né. Mais avançada. Aí sugeri para ele que arrendasse para recuperar aquelas terras, para fazer curva de nível... arrancar os cafés com máquina mais pesada, né. E que depois que terminasse o arrendo eu viria. Ele topou de fazer isso, fomos em um vizinho que tinha uma fazenda vizinha lá, ele também concordou de arrendar e a gente acabou combinando e arrendamos para eles até 78... (NOGUEIRA, 2019).

A: [...] Em 75 foram tudo embora pra Sorocaba, Votorantim [...] Aconteceu uma geada muito grande aqui e matou a lavoura de café. E aqui era muito café, né.

R: Sim.

A: Aí matou a terra aí. Então, não ia dar mais café, não tinha mais, então foram tudo embora pra procurar serviço lá em São Paulo, né.

R: entendi.

A: Foram tudo embora.

R: Então foi por conta dessa geada no café então?

J: É! Dava muita geada.

A: Aí não deu, né. Não foi mais. O forte aqui era o café, né.

R: Sim.

A: O café, o arroz, a mamona, milho. Mas daí deu a geada, acabou o café, e aí então acabou...

J: A lavoura era muito difícil, agora que tá tudo mais fácil, né. Mas antigamente era muito difícil. Era arar com boi, essas coisas...

A: É, arar com boi [riso].

J: Não tinha aquela condição né.

R: Como que era? Tudo no braço?

A: Tudo no braço! Era feito na enxada, no enxadão e...

J: ...Não dava posição que nem agora. Quando eu fui já tinha trator, já tinha tudo. Mas o terreno era pouco, meus filhos foram crescendo e eu falei: “vamo embora!”.

⁹² Optei pelo uso da reticências (...) nas transcrições para demonstrar quando os entrevistados fazem pequenas pausas em sua narrativa, próprias de quando estamos rememorando e contando histórias.

R: Mas, quando... Que nem, nesse trabalho, né, com o café e tal, antes do senhor ir pra São Paulo [família de J], antes da família do senhor ir também pra lá [família de A], vocês eram proprietários de parte das terras aqui ou...?

J: Era proprietário.

A: É, cada um tinha um pedaço de terra. (FILHO, 2019).

O forte era o café, plantava no meio do café, do cafezal. A partir daí, que eu fui pra São Paulo, aí quando a gente voltou já não tinha mais café. Aí eu plantei cana, plantei soja, plantei milho, a cultura do momento na região aqui é essa. [OLIVEIRA, 2020].

[...] a região de Palmital era tudo cafeeiro. Depois que entrou a soja, o café foi caindo e então eles mudaram tudo pra soja. Soja e cana. Hoje é soja e cana, né. (FERNANDES, 2020).

Adicionalmente ao que fora reportado no gráfico (Figura 4), rememoraram-se o cultivo do arroz, mamona, feijão, além do milho, soja e cana-de-açúcar. Os últimos dois produtos, porém, parecem sobrepor-se às demais culturas agrícolas, pois requeriam uma especialidade e estrutura de plantio mais complexa do que a dos outros. Nesse sentido, sinalizam-se a “evolução” no campo sobretudo a partir da “geada de 75”, o que teria levado alguns trabalhadores a optar pelo arrendamento e/ou venda de parte de suas propriedades, ou mesmo a migrarem de seus bairros de origem e de trabalho para tentar a vida em cidades próximas à capital paulista, as quais prometiam mais oportunidades de emprego em várias indústrias. Por contratempos diversos, porém, nem todos conseguiram manter-se nas novas moradas, retornando aos municípios do interior.

Ainda que não explicitado em todos os trechos acima, percebe-se neles o que Michael Pollak (1992, p. 2) chamaria de “elementos constitutivos de memória” e que, nesse caso, foram fornecidos por pessoas que, de fato, viveram “acontecimentos” como a geada de 75. “Fato de memória” que parece determinar as transformações (chegada de maquinários, mudança de culturas agrícolas) observadas no “lugar” onde esses foliões passaram parte significativa das suas histórias de vida, e que permitem hoje a sua ligação pelas lembranças do trabalho, das festas etc. E ainda que essas memórias selecionem fatos (acontecimentos, vivências na zona rural) deixando outros de lado (silenciamento de experiências negativas, por exemplo), elas demonstram um “sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (*Id., Ibid.*, p. 204).

No que diz respeito à geada de 1975, evento climático ocorrido mais especificamente em 18 de julho de 1975, Caroline Oliveira (2017) aponta que ele foi retratado na imprensa do Norte do Paraná como a responsável tanto pelo fim da cafeicultura, quanto como propulsor da transformação da agricultura regional (que compreendeu também o local de estudo). Nesse

aspecto, a autora avalia a importância da construção do discurso do “desastre natural” na viabilização da mudança na ordem político-econômica nacional, visto que o café já não era o principal produto do capital agrícola brasileiro.

Em “Milagre econômico, agricultura e meio ambiente: uma história ambiental da microrregião de Assis (1968-1974)”, Denilson Carignatto (2010, p. 55) retoma essa ideia relacionando, ainda, a queda da produção de café com a crise de 1929. Desse modo, já na primeira metade do século XX, somou-se ao café as culturas de algodão, feijão, milho, mandioca e cana-de-açúcar. A propósito da última, a crise de 1929 também teria prejudicado o mercado de exportação do açúcar brasileiro (sobretudo nordestino), deslocando-o para o consumo interno, o que levou às primeiras investidas públicas sobre o álcool, combustível em substituição da gasolina importada, e o reposicionamento da produção sucroalcooleira para a região Centro-Sul (BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000, p. 12). Ainda assim, entretanto, a cafeicultura manteve sua marca na história regional devido a incentivos do governo, sobretudo, com a reativação do então Instituto Brasileiro do Café (IBC) em 1952.

Vale ressaltar que a força do café no interior de São Paulo, e mesmo no Norte paranaense, deve ser observada a partir de uma perspectiva político-econômica nacional, que possibilitou o desenvolvimento estratégico da infraestrutura local, introduzindo-a ao mercado capitalista internacional que, após a década de 1960, passou a valorizar produtos agrícolas como a soja e o trigo, sendo estes a nova pauta de exportação do governo brasileiro (CARIGNATTO, 2010).

Portanto, antes mesmo da geada de 1975, a monocultura do café já estava sendo substituída por lavouras variadas. Mas foi a partir da década de 1960 que a baixa demanda de consumo e preço do produto no mercado levou o Governo Federal, junto ao IBC, a considerar sua erradicação. O Programa de Redução da Quantidade de Cafeeiros, criado em 1962 pelo Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (GERCA), e o auxílio financeiro do Banco do Brasil para introdução de novas lavouras, são exemplos do plano de diversificação e comércio de outros produtos alimentícios (OLIVEIRA, 2017, p. 26-27).

Outro ponto a ser considerado nessa história de transformações da vida no campo é o Estatuto do Trabalhador Rural⁹³ que, sancionado em 1963 pelo então presidente João Goulart, contribuiu com a desarticulação do regime do colonato e de parceria, sinalizando uma possível

⁹³ Consultar Lei n.º 4.214 de 02 de Março de 1963 em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=4214&ano=1963&ato=bb0oXSq50MVRVVTa87>. Acesso: 30 jan. 2020.

reforma agrária e desdobrando o trabalho informal de diaristas (volantes), conhecidos como boias-frias (STOLCKE, 1986; CARVALHO, 1991).

Igualmente destacável foi o contexto político do Estado brasileiro após o golpe de 1964, que promoveu o chamado “milagre econômico” na onda desse processo de modernização e desenvolvimento industrial para produção agrícola em larga escala e para exportação. Não por acaso o Estatuto da Terra⁹⁴ foi promulgado no período do governo militar que, dentro do molde desenvolvimentista, contribuiu à expropriação das propriedades dos pequenos produtores e êxodo rural. Nesse bojo, na medida em que a mão de obra humana foi gradativamente substituída pelos maquinários (tratores, colhedoras) e atualizada por novas tecnologias da indústria química (fertilizantes, adubos, insumos, sementes modificadas), a concentração do poder sobre terras foi restringida (SERRA, 2001; CARIGNATTO, 2010; BERTAZI, 2014; OLIVEIRA, 2017). George Martine (1991, p. 10) demonstra, por exemplo, que entre 1960 e 1980 mais de 30 milhões de pessoas passaram a viver nas cidades brasileiras.

Com relação à “evolução” do cultivo de soja e trigo, especificamente, a Lei de Nº 5.444, de 05/11/1968, que dispõe a respeito da redução e isenção de impostos na exportação, pode ser citada como um outro exemplo do incentivo federal fundamental “[...] para transformar a microrregião de Assis na maior produtora de soja (com 90% da produção) e trigo (com 95% da produção) de São Paulo até 1975” (CARIGNATTO, 2010, p. 55). Dentro disso, o governo estadual e o Banco do Estado de São Paulo também contribuíram para o sucesso da implementação dos grãos.

Carignatto (2010, p. 56-57) defende que foi nesse momento de aliança entre governo federal e estadual e uma elite de latifundiários, que a região em voga passou por grandes impactos socioambientais, pois na ânsia de expandir seus lucros, os grandes produtores rurais compraram terras dos pequenos e/ou avançaram sua área de exploração em vegetações naturais. Para se ter uma ideia dos avanços estratégicos na agricultura, dentro de uma perspectiva nacional, o autor demonstra que entre 1967 e 1975 “A utilização de fertilizantes aumentou mais de seis vezes, a de defensivos quase quatro vezes e a de tratores em torno de três vezes.” (CARIGNATTO, 2010, p. 116).

Assim, se, de um lado, o campo era explorado economicamente com a larga produção de soja e trigo para exportação; de outro, as cidades precisaram desenvolver-se para abrigar a população que migrava das zonas rurais e que, de certa forma, precisava especializar-se para

⁹⁴ Consultar Lei n.º 4.504 de 30 de Novembro de 1964 em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=4504&ano=1964&ato=03cMTWE9UNVRVT5b>. Acesso: 30 jan. 2020.

compor a mão de obra das indústrias, o que arregimentaria a educação técnica, empregos e novas possibilidades de consumo e, portanto, circulação social e movimentação econômica.

Em Ourinhos, por exemplo, ao longo do século XX surgiram “comércios, escolas, bancos, empresas de comunicação, transporte e lojas automotivas”, o que estava relacionado com o processo de industrialização do estado de São Paulo e que se refletia no local, produzindo também “empreendedorismo imobiliário e loteamento de novos bairros” (PRADO, 2020, p. 41).

Nesse contexto, muitos foram influenciados pela promessa de novas oportunidades de vida e renda não só em cidades como Ourinhos, mas nos grandes centros urbanos próximos à capital São Paulo, como foi o caso dos antigos mestres Adolfo da Palma (Bandeira de Ribeirão Grande, Ourinhos) e José Elias Filho (Companhia de Reis das Três Ilhas, Palmital). Outros, por sua vez, passavam a habitar cidades interioranas como a própria Palmital, compondo a força de trabalho no setor de serviços, comércio e construção civil (como ocorreu com Aparecido Benedito da Silva – antigo gerente da Companhia de Reis da Água das Anhumas, Palmital; e Valdeci Alves Gonçalves – gerente da Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr., Palmital). Alguns ainda compunham (de maneira formal ou informal) a mão de obra necessária a empresas da área agrícola ou de montagem industrial, dessa e de outras regiões do Brasil (como Osvaldo José dos Santos – palhaço/bastião nas Festas de Santos Reis de São Pedro do Turvo e de Ourinhos).

Ademais, é importante lembrar daqueles que não se desfizeram totalmente de suas propriedades rurais, arrendando parte significativa delas às agroindústrias sucroalcooleiras locais (a exemplo de membros das famílias Palma e Borges – mestres e festeiros na Bandeira de Ribeirão Grande/Ourinhos; e de Antônio Fernandes – gerente de cozinha da festa de Palmital). Isso sem falar daqueles que aproveitaram do seu talento musical para formar dupla sertaneja e gravar músicas e discos em São Paulo, como no caso de Adão José Alves⁹⁵ (antigo mestre da Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr., Palmital).

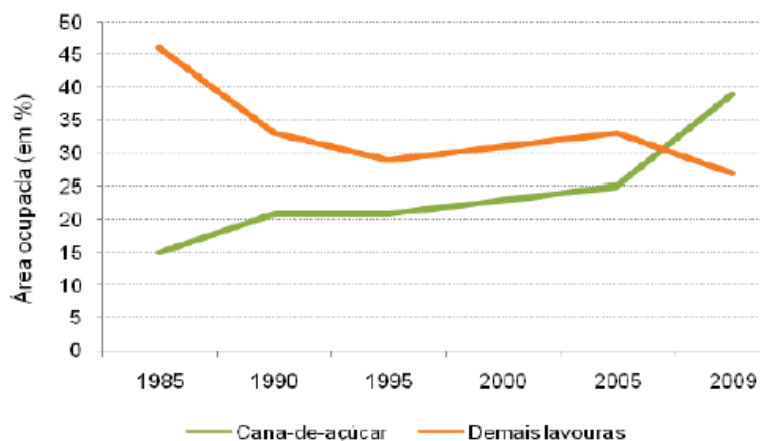
Ainda sobre o cultivo de grãos na mesorregião de Assis, lembra-se da constituição da Coopermota e Belagrícola. No caso da Coopermota, de acordo com o histórico do *WebSite* da empresa, ela foi fundada em 1958/59, sendo inicialmente uma cooperativa de cafeicultores da Média Sorocabana, com sede em Cândido Mota. Na década de 1970, no entanto, ela modificou

⁹⁵ Refiro-me aqui à dupla “Faceiro & Facinante” e a moda de viola “Segredo Divino”, de Waldeci Ferrari e Faceiro, gravada no LP “A sombra de Deus” (1987). A canção está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gGIM7zeI4pE>. Acesso: 14 jul. 2021. No mesmo LP se encontra músicas de Sebastião Victor, Lourival dos Santos, Tião Carreiro, Braz Victor, Fascinante, Tião Borges, Claudio Balestro, Tião do Carro, Dino Franco, Bambico, Benedito Sevierio e Tomaz.

seus interesses para soja e trigo e, com a crise nacional de exportação, nas décadas de 1980 e 1990, foi afetada regionalmente, passando a aderir à produção de milho em substituição ao trigo⁹⁶. Já na década de 1980, a empresa abrangeu a região com silos graneleiros em Palmital e Ipaussu. Sendo que, hoje, encontra-se em Assis, Campos Novos Paulista, Cândido Mota, Ibirarema, Iepê, Ipaussu, Palmital, Paraguaçu Paulista, Ribeirão do Sul, Santa Cruz do Rio Pardo e Maracáí.

A Belagrícola, por seu turno, é uma empresa de insumos agrícolas e comercialização de grãos com sede em Londrina, tendo sido fundada em Bela Vista do Paraíso, em 1985. Atualmente, também de acordo com seu *WebSite*, é referência no agronegócio brasileiro, atingindo o mercado internacional em 2017. Na região, possui silos/lojas em Ribeirão do Sul, Ibirarema, Palmital, Cândido Mota, Assis, Cruzália⁹⁷.

Segundo Evandro Feresin (2019), as empresas viabilizaram o cultivo de soja e milho para os pequenos produtores rurais na região de Ourinhos, pois fornecem sementes e adubos que são descontados na compra da produção. Na sua perspectiva, o surgimento das cooperativas confluiu com o momento em que houve o que chamou de “evolução do maquinário” (FERESIN, 2019).



Fonte: IEA, 2010. Org.: Claudia TSUKADA.

Figura 5: "Proporção da área ocupada por lavouras de cana-de-açúcar e por demais lavouras (temporárias) na Região Administrativa de Marília, entre 1985 e 2009" (TSUKADA, 2011, p. 109).

Mesmo com tais facilidades, como se observa na Figura 5, o produto que passou majoritariamente a ocupar a história local após a rememorada geada de 1975 foi a cana-de-

⁹⁶ No *WebSite* da empresa, anuncia-se que muitas cooperativas da região foram afetadas pelo governo Collor na década de 1990. Ver histórico em: <https://www.coopermota.net/historia>. Acesso: 05 mai. 2020.

⁹⁷ Ver histórico em: <http://www.belagricola.com.br/empresa/>. Acesso: 05 mai. 2020.

açúcar. Para Bray, Ferreira e Ruas (2000, p. 37), o crescimento exponencial dessa planta no Centro-Sul brasileiro se deu principalmente com a implementação do Programa Nacional do Álcool (Proálcool). No caso do estado de São Paulo, dados levantados por Cláudia Tsukada (2011, p. 55-56) apontam que o produto passou a preencher o total de 26,6% das áreas cultivadas – entre soja, milho, trigo, laranja e café – na década de 1980, chegando a 158,6% entre os anos de 1990 e 2009.

Com base em entrevista realizada com o engenheiro agrônomo Ricardo Kanthack, da Agência Paulista de Tecnologia do Agronegócio (APTA/Regional de Assis), Tsukada (2011, p. 103-106) complementa que, a partir dos anos 2000, as lavouras de cana-de-açúcar ocuparam uma área de produção superior à da soja, trigo e milho. Fato resultante, por exemplo, da extinção do Departamento Nacional do Trigo (CTRIN) pelo governo Collor, e da queda do preço da saca de milho e consequente endividamento dos produtores rurais da região de pesquisa, que, como alternativa, arrendaram suas terras a empresas do setor sucroalcooleiro. Outro ponto importante é que, mesmo com a extinção do IAA também na década de 1990, a cana fortaleceu-se no mercado internacional devido à alta nas cotações do açúcar entre os anos de 2005 e 2009 (TSUKADA, 2011, p. 109).

Para contextualizar a história da cana e do Proálcool antes dos anos 2000, Carignatto (2010, p. 59) afirma ainda que:

Na década de 1970, após o fracasso do *milagre*, a região fora, novamente, alvo da atuação do governo federal que, por força do Proálcool, influenciou a mudança do processo produtivo. O projeto do álcool fez com que grande parte das lavouras de soja e trigo fosse substituída por canaviais, mudando a dinâmica do trabalho e das relações entre homem e ambiente, mais uma vez na região de Assis.

Em “Uma história movida a álcool: impactos ambientais no contexto canavieiro paulista (1975 a 2003)”, Marcio Henrique Bertazi (2014, p. 26) problematiza tal história e expõe uma face dessa expansão e modernização da agricultura proclamada pelo Proálcool, a qual se traduziu na expulsão de populações do campo para as cidades, na violência contra trabalhadores rurais, no aumento da poluição atmosférica e utilização de agrotóxicos que contaminaram água e solo, promovendo erosão e prejudicando a qualidade de vida e de saúde pública. Impactos socioambientais comprovados pelo historiador mediante análise de fontes ambientalistas e técnicas (Revistas “Pau Brasil” e “Ambiente”) e de movimentos sociais (“Relatórios de Conflitos no Campo”, da Comissão Pastoral da Terra), que denunciaram tais sintomas

silenciados em nome do discurso do progresso e da “Revolução Verde”, iniciados no período do governo militar (BERTAZI, 2014, p. 26-27).

Ora, o bônus do investimento no combustível renovável fez desabrochar monoculturas de cana-de-açúcar pelo Brasil; porém, desdobrava-se disso o crescimento de uma indústria de agrotóxicos ligada ao monopólio de sementes e técnicas de produção, a qual contribuía tanto para o crescimento de empresas automobilísticas nas cidades (levando também a dinamização de empregos e renda não só em áreas que detinham o polo industrial do setor), quanto à potencialização da concentração de terras e domínio capitalista do campo, visto que alimentava o “[...] mecanismo de controle privado sobre os agricultores e suas liberdades de produção e de colheita” (BERTAZI, 2014, p. 280).

Criado em 14 de novembro de 1975 (Decreto nº 76.593), “O PROÁLCOOL é um programa federal, administrado pelo Ministério da Indústria e Comércio através da Comissão Executiva Nacional do Alcool (CENAL)” (BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000, p. 55), que revolucionou a história da produção sucroalcooleira e bioenergética brasileira, visto que atendeu a uma demanda não só nacional, mas internacional do mercado do setor de combustíveis automotivos, em um cenário de crise do açúcar e do petróleo.

Vale dizer que primeiras investidas públicas para a introdução do álcool como combustível automotivo surgiram já nos anos 30, com a criação da Comissão de Defesa da Produção de Açúcar e Alcool, transformada em 1933 no Instituto do Açúcar e Alcool (IAA) (Decreto nº 22.789). Esta autarquia do governo federal foi responsável, por exemplo, pela criação do Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar (PLANALSUCAR), em 1971, e pelo Programa de Apoio a Agroindústria Açucareira (Decreto-lei nº 1266, de 26/03/1973). O IAA, por sua vez, funcionou até 1990 (BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000).

Nessa conjuntura, em 1979 houve um acordo entre a ANFAVEA (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) e o Governo Federal, que garantiu a criação de um mercado e de subsídios para o setor da indústria automobilística brasileira, “[...] significando a redução de impostos e o compromisso, por parte do governo, das frotas de automóveis de órgãos públicos serem movidas a álcool” (SELANI, 2005, p. 133). Antes disso, estudos e negociações entre governo e grupos paulistas de usineiros e fabricantes de equipamentos industriais do subsetor, como o Zanini (Sertãozinho) e Dedini “Codistil” (Piracicaba), e órgãos como Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool (SIFAESP) e Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (COPERSUCAR), também já haviam sido realizados visando não só a implementação da política de combustível, mas a criação e/ou

modernização de destilarias e unidades armazenadoras de matérias-primas⁹⁸ (BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000, p. 48-49).

Com base nas pesquisas de Selani (2005, p. 133-136) e Tsukada (2011, p.105-106), a Tabela 1 foi organizada para ilustrar destilarias e usinas criadas na mesorregião de Assis antes e depois da implementação do Proálcool (com destaque para as cidades que possuem Folias de Reis na atualidade, segundo Figura 1):

Data de instalação	Nome	Cidade/sede	Observações
1919	Destilaria Água Bonita	Tarumã	Associada à União da Indústria de Cana-de-açúcar (UNICA)
1924	Destilaria Pyles	Platina	Associada à União dos Produtores de Bioenergia (UDOP)
1944	Usina Nova América	Tarumã	Associada à Cosan e UNICA
1951	Açucareira Quatá	Quatá	Associada à Copersucar e Zilor
1951	Usina São Luiz	Ourinhos	Associada à Copersucar e UNICA
1951	Destilaria Santo Antônio	Palmital	Associada à UDOP
1956	Destilaria São Joaquim (Tirolli)	Palmital	Não identificado
1957	Usina Nova América	Maracaí	Associada à Cosan e UNICA
1964	Usina Santa Rosa de Lima	Ipaussu	Foi vendida em 1973 para o grupo Jorge Giori (Usina Santalina – Quatá)
1978	Sobar S.A. Álcool e Derivados	Santa Cruz do Rio Pardo	Não identificado
1979	Pau D'alto	Ibirarema	Não identificado
1980	Coraci Ltda	São Pedro do Turvo	Não identificado
1984	Archângelo Ltda	São Pedro do Turvo	Não identificado
Déc. 1980	Agrest	Espírito Santo do Turvo	Associada à UDOP

⁹⁸ Consultar Artigos 1º e 2º do Decreto nº 76.593, de 14 de Novembro de 1975: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-76593-14-novembro-1975-425253-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso: 27 jan. 2021.

Déc. 1980	Cosan (Unidade Ipaussu)	Ipaussu	Associada à UNICA
Déc. 1980	Cocal	Paraguaçu Paulista	Associada à Copersucar, UDOP e UNICA
Déc. 1980	Cosan (Unidade Paraguaçu Paulista)	Paraguaçu Paulista	Associada à UNICA
2007	Comanche	Canitar	Associada à UDOP
Não identificado	Renascença	Ibirarema	Associada à UDOP

Tabela 2: Empresas sucroalcooleiras da mesorregião de Assis (grifo às cidades que atualmente possuem Folias de Reis) (SELANI, 2004, p. 133-136; TSUKADA, 2011, p. 105-106).

Das informações expostas na Tabela 2, importante frisar o surgimento da Usina São Luiz⁹⁹ em Ourinhos e da Destilaria São Joaquim (ou Destilaria Tirolli) em Palmital¹⁰⁰ já nos anos 50, mas notar as associações entre a maioria dos nomes de empresas da mesorregião de Assis com grupos como a Cosan e a Copersucar¹⁰¹, bem com a entidades como UDOP¹⁰² e UNICA¹⁰³, sobremaneira, após a década de 1980.

A Cosan Limited, por exemplo, surgiu na cidade de Piracicaba em 1936, mas comprou novas usinas para exportação de açúcar a partir de 1986, sendo que, em 2008, entrou para o mercado da distribuição de combustíveis e lubrificantes. Cláudia Tsukada (2011, p. 81) aponta ainda que, unidades da NovAmérica de Maracaí, Paraguaçu Paulista e Tarumã (Tabela 2) foram estrategicamente adquiridas pela empresa em 2009, surgindo daí a Raízen (segmento industrial e varejo) que, criada em 2011, é uma *joint venture* (associação de empresas/sociedades) entre a Cosan e a Shell. De acordo com seu *WebSite*, a Raízen é a segunda maior distribuidora de combustíveis e a principal fabricante de etanol de cana-de-açúcar do Brasil; e já no mercado internacional, é a maior exportadora individual de açúcar de cana¹⁰⁴. Desse modo, a fusão entre as empresas permitiu que a NovAmérica, por exemplo, fosse a principal distribuidora de cana-de-açúcar para unidades industriais de Tarumã e Caarapó.

⁹⁹ De acordo com Selani (2004, p. 200), a São Luiz era anteriormente um engenho de aguardente, transformando-se em Usina na década de 50, após adquirir cotas para produção de açúcar do IAA. Além da Usina, “[...] o Grupo Irmãos Quagliato atua em outros setores, como o investimento em propriedades rurais para pecuária, consolidando a empresa Agropecuária Quagliato. Mantém fazendas em São Paulo, Paraná, Goiás e Pará, sendo que neste último desenvolve um dos maiores projetos pecuários do Brasil.” (SELANI, 2004, p. 203).

¹⁰⁰ Nas entrevistas levantadas também foram mencionados nomes como: Bergamaschi, Cobianchi, São José e Santa Luzia, empresas que teriam declarado falência em Palmital. Sobre o assunto, no entanto, não consegui obter maiores informações, inclusive, em pesquisas na internet.

¹⁰¹ Maiores informações sobre a Copersucar em: <https://www.copersucar.com.br/>. Acesso: 17 fev. 21.

¹⁰² Maiores informações sobre a UDOP em: <https://www.udop.com.br/>. Acesso: 17 fev. 21.

¹⁰³ Maiores informações sobre a UNICA em: <https://unica.com.br/>. Acesso: 17 fev. 21.

¹⁰⁴ Ver histórico e estrutura societária da Cosan Limited em: <https://www.cosan.com.br/>. Acesso: 17 fev. 21.

Nesse mesmo sentido, criada em 1959, a Copersucar (Cooperativa de Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo) tornou-se uma grande comercializadora internacional de açúcar e etanol. E, apesar de ter contribuído para a criação de políticas federais como o Proálcool, tornou-se uma das maiores exportadoras do setor sucroalcooleiro a partir da extinção do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) na década de 1990.

Com relação à UDOP (União Nacional da Bioenergia) e UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), trata-se de organizações criadas por empresários do setor sucroalcooleiro com o propósito de levantar dados estatísticos, qualificar profissionais e estimular inovações tecnológicas, sobretudo no que tange à produção de biocombustível e bioenergia. É interessante refletir aqui que tais entidades privadas foram criadas respectivamente em 1985 e 1997, período em que a política e a economia brasileira tomavam novos rumos, engendrando-se à uma realidade mais próxima da chamada lógica do neoliberalismo¹⁰⁵.

Nesse aspecto, foi a partir desse momento que houve a suspensão, pelo governo federal, de financiamentos e subsídios para as novas destilarias do Proálcool (a partir de 1986), bem como a extinção das quotas de comercialização interna de açúcar (1988), a crise de abastecimento do álcool (1989), a extinção de órgãos como o IAA e do Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar (PLANALSUCAR) (1990) e a eliminação das quotas de produção de agroindústrias (1991). Ou seja, fatos que levaram as empresas a operarem e exportarem de maneira autônoma, transformando as destilarias em competitivas usinas de açúcar e álcool (BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000, p. 57-99; SELANI, 2004, p. 140).

Segundo Bertazi (2014, p. 96-97), foi após a fase de desregulamentação estatal do setor sucroalcooleiro, que o desenvolvimento da tecnologia *flexfuel* acabou promovendo uma nova

¹⁰⁵ De acordo com Octavio Ianni (1998, p. 28), “O neoliberalismo compreende a liberação crescente e generalizada das atividades econômicas, englobando produção, distribuição, troca e consumo. Funda-se no reconhecimento da primazia das liberdades relativas às atividades econômicas como pré-requisito e fundamento da organização e funcionamento das mais diversas formas de sociabilidade, compreendendo não só as empresas, corporações e conglomerados, mas também as mais diferentes instituições sociais. “Neo” liberalismo porque se impõe e generaliza em escala mundial, alcançando inclusive os países nos quais se havia experimentado ou continua a se experimentar o regime socialista ou o planejamento econômico centralizado. Sob o neoliberalismo, reforma-se o Estado tanto dos países que se haviam organizado em moldes socialistas como os que sempre estiveram organizados em moldes capitalistas. Realizam-se a desregulamentação das atividades econômicas pelo Estado, a privatização das empresas produtivas estatais, a privatização das organizações e instituições governamentais relativas à habitação, aos transportes, à educação, à saúde e à previdência. O poder estatal é liberado de todo e qualquer empreendimento econômico ou social que possa interessar ao capital privado nacional e transnacional. Trata-se de criar o “Estado mínimo”, que apenas estabelece e fiscaliza as regras do jogo econômico, mas não joga. Tudo isto baseado no suposto de que a gestão pública ou estatal de atividades direta e indiretamente econômicas é pouco eficaz, ou simplesmente ineficaz. O que está em causa é a busca de maior e crescente produtividade, competitividade e lucratividade, tendo em conta mercados nacionais, regionais e mundiais”.

força (demanda interna) para a produção de etanol (e conseqüentemente, das fronteiras agrícolas para cana-de-açúcar – caso da Raízen em Caarapó/MS) a partir de 2003.

Desse novo momento, é importante situá-lo também a partir de fatos internacionais, como o Protocolo de Kyoto¹⁰⁶ (ratificado no Brasil em 2002) e as perspectivas positivas do álcool no mercado, visto a elevação do preço do petróleo; e nacionais, como a criação da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) (Decreto nº 2.455, de 1998), autarquia federal vinculada ao Ministério de Minas e Energia (TSUKADA, 2011, p. 77-79). Conjuntura esta que desdobrou transformações à história social na mesorregião de Assis, bem como na história de suas Folias de Reis (como se constatará nos Capítulos 3 e 4).

A respeito da base do Produto Interno Bruto – PIB dos municípios da mesorregião na atualidade, nota-se na Tabela 3 que, com exceção de São Pedro do Turvo, o setor que desponta no local é o de serviços.

PIB a preços concorrentes (2018)						
Cidades	Agropecuária	Indústria	Serviços	Administração, defesa, educação, saúde pública e seguridade social	Impostos	PIB <i>per capita</i> (2018)
Assis	1,4	16,2	60,8	11,8	9,9	R\$ 32.443,00
Bernardino de Campos	11,5	18,2	43,1	20,2	7,0	R\$ 19.777,19
Cândido Mota	7,7	16,0	53,1	10,1	13,0	R\$ 37.372,60
Cruzália	17,9	2,9	55,0	13,3	10,9	R\$ 49.778,13
Espírito Santo do Turvo	26,8	5,6	32,4	29,0	6,1	R\$ 16.466,12
Florínea	22,1	3,5	50,9	12,8	10,7	R\$ 50.422,89
Maracá	17,3	13,9	46,5	14,9	7,4	R\$ 29.529,19
Ourinhos	1,5	15,8	59,5	14,3	8,9	R\$ 27.232,57
Palmital	14,7	12,3	49,8	13,3	9,8	R\$ 30.936,78

¹⁰⁶ Primeiro acordo ambiental internacional para controle dos gases de efeito estufa na atmosfera. O Protocolo foi assinado em Kyoto (Japão), na 3ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, datada em 1997. Maiores informações em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/protocolo-de-kyoto>. Acesso: 18 fev. 21.

Paraguaçu Paulista	9,4	22,8	45,7	11,4	10,7	R\$ 33.792,34
Platina	39,3	10,4	21,8	21,8	6,7	R\$ 26.801,38
Ribeirão do Sul	23,6	6,5	48,1	13,2	8,7	R\$ 33.392,70
Salto Grande	9,6	29,9	36,9	17,3	6,3	R\$ 23.885,16
Santa Cruz do Rio Pardo	6,4	24,8	48,1	9,6	11,2	R\$ 42.906,75
São Pedro do Turvo	40,7	8,0	28,6	17,9	4,8	R\$ 23.834,77
Tarumã	6,9	35,0	38,6	8,4	11,1	R\$ 52.291,48

Tabela 3: PIB dos municípios da mesorregião de Assis com Folias de Reis – grifo em Ourinhos e Palmital. Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUPRAMA, 2018.

Em Ourinhos e Palmital o setor de serviços representa, respectivamente, 59,5% e 49,8% do seu PIB (a preços concorrentes), sendo o segundo maior o da indústria (15,8%) em Ourinhos e o da agropecuária (14,7%) em Palmital (Tabela 3). Vale dizer que esses municípios apresentam a taxa de urbanização de 97,41 e 91,69, respectivamente, sendo a taxa média brasileira de 84,36, e a do estado de São Paulo, de 95,93 (IBGE, 2010).

Ainda segundo o IBGE (2010), Ourinhos apresenta a densidade demográfica de 347,78 hab./Km²; uma escolarização (6-14 anos) de 98,2%; o índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) de 0,778; e os dois maiores índices de religião são: 69.962 católicos (em suas variadas vertentes) e 24.917 evangélicos (em suas variadas vertentes). Já Palmital apresenta a densidade demográfica de 38,67 hab./Km²; uma escolarização (6-14 anos) de 97,2%; o IDHM de 0,746; e os dois maiores índices de religião são: 16.485 católicos (em suas variadas vertentes) e 3.459 evangélicos (em suas variadas vertentes) (IBGE, 2010).

Feita essa contextualização, uma das conclusões que já se poderia chegar é que, para manterem-se ativas no local, as Folias de Reis e seus sujeitos precisaram reinventar-se. Assim, se antes elas expressavam a religiosidade, o lazer e a sociabilidade existentes entre modos particulares de vida no campo, hoje elas representam a tradição daqueles que com ela se identificam nos municípios, ocupando nessa nova realidade, um lugar tal qual se pode simbolicamente atribuir e reservar a um patrimônio cultural.

CAPÍTULO 3: As Folias de Reis em Ourinhos: *jornadas no campo*

[...] o meu avô quando veio de Minas, ele veio casado. Mas, a sogra dele é quem comprou dois alqueires de terra lá na Fazenda Velha e falou para ele: “Ó, vai formar café lá para você começar sua vida”. Entendeu? Só que eu não sei como, porque naquela época ninguém tinha dinheiro para comprar terra. Eu sei que ele chegou a uma propriedade de 189 alqueire e, anexo, mais 90. Chegou quase 300 alqueires de terra ali. Agora, o jeito que ele comprou, eu não sei, porque diz que tinha um coronel lá que demarcava, falavam, né. [...] ele deve ter vindo em 1907, 1908, de lá, o meu avô. Aí, depois é que veio vindo, mais uns irmãos dele. Inclusive uns, depois daqui, foi para o Paraná [...] Então, aí foi aonde começou a abrir São Paulo, não é? Essas coisas, Estado de São Paulo, Paraná. Paraná foi depois ainda. [...] É onde deu muito mineiro aqui na nossa região por causa disso, né. (NOGUEIRA, 2019).

[...] quando a gente veio da Bahia, a gente foi pra região de Presidente Prudente. Quando a gente veio eu não me lembro, mas quando a gente foi pra região de São Pedro do Turvo, tinha um sítio muito grande né e escreveu, passou carta pro meu pai, que se ele quisesse vir trabalhar aqui, ele dava terra pra ele plantar uns 2 anos de graça. Aí ele veio né... disse que ele dava né, mas não foi bem dado, tinha que dar uma porcentagem pra ele, mas até então tudo bem né. Aí morou alguns anos lá e depois eles foram pra uma fazenda aqui na Água Suja [...] E lá a gente morou muitos anos com eles, eu era criança, mas eu me lembro bem. Aí depois de lá, nós mudamos pra região de Santa Cruz, pra outra fazenda chamava Água da Cachoeira lá onde nós moramos, mudamos lá. Aí de lá voltamos de novo aqui pro Ribeirão Grande. [...] Já era município de Ourinhos, nessa época eu tinha já uns 17, 18 anos [...] E eu casei e fiquei lá no sítio. Mas, agora já faz quase 40 anos que a gente tá aqui na cidade (LEITE, 2019).

Foi em busca de melhorias, isto, é... de terra... Em Minas lá era um estado muito grande, mais agricultores ainda por ser um estado maior que o estado de São Paulo. Mas, assim, de recursos bem mais fracos, né. Minas tinha muita terra, então... mas, São Paulo era aquela visão de melhoria pra todo mundo. “Vamos pro estado de São Paulo, vamos ganhar dinheiro no estado de São Paulo”. (LEITE, 2019).

Reunindo as memórias compartilhadas nessa pesquisa, é possível dizer que a “tradição” das Folias de Reis em Ourinhos, que nessa tese está se referindo aos primórdios de um “costume” (HOBSBAWM, 2018, p. 8-9) em um local, foi composta a partir do que se ouviu sobre o processo de povoamento da região oeste paulista por famílias mineiras, na transição dos séculos XIX e XX, as quais teriam trazido e a “re-territorializado” (TEIXEIRA, 2006) no ambiente rural.

Assim, os recortes de entrevistas¹⁰⁷ realizadas com pessoas que dão vida às Folias de Reis de Ourinhos tem como objetivo trazer versões da história e dos significados do bem cultural emitidos por quem está envolvido diretamente a ele, ainda que por motivos diferentes.

Outro ponto a ser ressaltado é que, mesmo sendo as Folias de Reis o assunto acordado para as entrevistas, as primeiras questões feitas com os (as) entrevistados (as) procuraram instigá-los a falar sobre suas histórias de vida (moradias, família, educação, trabalho). Caminho que possibilita a socialização no ato da entrevista (ALBERTI, 2013, p. 163) e a ambientação com o exercício do rememorar. Por outro lado, direciona à reflexão sobre como as relações com o passado podem ser ressignificadas em uma narrativa. Para Alessandro Portelli (2016, p. 47): “a memória é um trabalho constante de busca de sentido, que filtra os vestígios da experiência entregando ao esquecimento aquilo que já não tem mais significado na atualidade – mas também aquilo que tem significado demais”.

Acerca do conteúdo presente nos excertos, outra similaridade é que eles procuram então resgatar de que forma e situar o período em que suas famílias passaram a habitar a região de Ourinhos. A expressão “nossa região”, por exemplo, reforça ainda o sentido de pertencimento ao “lugar”, espaço territorializado¹⁰⁸ pelos habitantes¹⁰⁹, um local da vida cotidiana como explica Ulpiano Meneses (2009, p. 27):

O verbo *habeo* em latim significa possuir, manter relações com alguma coisa, apropriar-se dela. Com o acréscimo da partícula *it*, que indica reforço (como em *salio*, “dançar, pular” e *saltito*, “dar pulinhos”), o verbo *habito* acrescenta intensidade e permanência a essas relações. *Hábito*, *habitualidade*, expressam bem essa noção de constância, continuidade. Trata-se, portanto, de uma relação de pertencimento – mecanismo nos processos de identidade que nos situa no espaço, assim como a memória nos situa no tempo: são duas coordenadas que balizam nossa existência.

Retomando os excertos, percebe-se ainda que eles procuram justificar os motivos da migração à região de Ourinhos: busca de terras para plantar, de oportunidades de trabalho em sítios e fazendas. Indicam ainda que, embora São Paulo tenha sido referenciada como terra promissora, nem todos tiveram sucesso nela. Desse modo, as lembranças revelam algumas contradições do dito progresso na história que se contou no capítulo anterior. É o que

¹⁰⁷ O roteiro geral das entrevistas se encontra no Apêndice 3. Ressalta-se, porém, que algumas questões foram adaptadas ou modificadas em função da própria função que o (a) entrevistado (a) cumpria nas Folias de Reis.

¹⁰⁸ Além da referência ao estudo de Teixeira (2006), a definição de “território” com a qual trabalhamos nessa tese pode ser buscada em estudos como os de Bonneimason (2002) e Risso (2014).

¹⁰⁹ Os usos dos termos “habitar”, “habitantes”, estarão na tese conectadas a conceituação expressa por Meneses (2009, p. 27).

Alessandro Portelli (2016, p. 47-48) chamou de ocultamento das sombras quando avalia as “memórias-monumento”. Tipo de memória que serve para privilegiar alguns acontecimentos em detrimento de outros; ao passo que sinaliza, às vezes involuntariamente, os incômodos sobre o passado.

Nesse sentido, outro ponto curioso para pensar sobre as memórias, é que nem tudo o que se reportou nos excertos teria sido diretamente vivenciado. No primeiro caso, por exemplo, isso é explicitado com a expressão “diz que”, e com o dado de que o entrevistado nasceu em 1948.

Michael Pollak (1992), no texto “Memória e identidade social”, auxilia na reflexão sobre como a memória, fenômeno individual e particular, torna-se também coletiva, social, algo compartilhado. Nesse sentido, aponta alguns elementos que auxiliariam na sua constituição, como no caso dos acontecimentos, pessoas/personagens e lugares. Os “acontecimentos”, segundo o sociólogo, podem ser “vividos pessoalmente” ou “por tabela”, sendo, no último caso, compartilhados por um grupo em que uma “pessoa sente pertencer”, o que faz com que ela apreenda tal memória sem necessariamente ter vivenciado o acontecimento. Nesse caso, a depender da força da sua socialização e identificação, pode transformar-se ainda em uma “memória quase que herdada”. No caso das “pessoas/personagens” ou mesmo dos “lugares”, aplica-se a mesma explicação anterior. Pode-se recordar de uma pessoa ou de um local tendo-os conhecido ou não. Pollak (1992, p. 2-3) aponta ainda que, quando repetidos e, por vezes, combinados, esses elementos da memória passam a fazer parte da vida social, ainda que, para rememorarem, as pessoas tenham sido as responsáveis pelas seleções e possíveis negociações dessa memória.

Feita essa ponderação teórica que arregimenta a compreensão sobre os mecanismos de construção de um “lugar” ainda experienciado/compartilhado¹¹⁰, adiciona-se a informação de que a segunda e o terceiro entrevistados são mãe e filho, tendo nascido, respectivamente, em 1934 e 1962. E, ao contrário do primeiro entrevistado que mora em seu sítio¹¹¹, na Fazenda Velha (bairro rural do município de Salto Grande), ambos se mudaram para a cidade de Ourinhos há algum tempo, embora mantenham sua propriedade no bairro rural de Ribeirão Grande (município de Ourinhos), local onde se realiza a celebração da *saída e chegada da bandeira* de Santos Reis que, a propósito, teria sido fundada por seus familiares (os Palma).

Por morar na Fazenda Velha, por sua vez, o primeiro entrevistado apontou ainda que seus familiares mineiros (os Nogueira) também faziam festa e recebiam a bandeira em suas

¹¹⁰ Distinto do “lugar de memória” pensado por Pierre Nora (1993).

¹¹¹ Para a entrevista, entretanto, o entrevistado me recebeu na casa de sua filha em Salto Grande.

casas, contando que antigamente elas eram “mais caseiras”; ou seja, não tinham grande público tal como se observa hoje em dia. De todo modo, ele reforça que a “tradição das Folias de Reis” foi inaugurada na região pelos mineiros (NOGUEIRA, 2019).

Resgatando mais uma vez as considerações de Meneses (2009), quando o autor fala das duas coordenadas que balizam a existência: espaço e tempo, fica cada vez mais compreensível como as memórias foram então trabalhadas para dar significado (PORTELLI, 2016, p. 47) ao passado – longínquo, aquele que se viveu “por tabela” ou que se transformou em “herança” (POLLAK, 1992) – e, portanto, valorizar a tradição como parte importante à história da região a qual os foliões, aqueles que habitam, se sentem parte, reforçando sua identidade (MENESES, 2009). Algo fundamental para o reconhecimento de um “bem cultural” de caráter devocional que, antes de qualquer coisa, é “um bem, quer dizer, coisa boa. Boa de conhecer, de ver, de sentir, de experimentar como vínculo pessoal e comunitário e, finalmente, boa de usar, de praticar – pragmaticamente é um bom lugar para rezar” (MENESES, 2009, p. 28).

Reconhece-se então o “lugar” das Folias de Reis em Ourinhos a partir do seu “território¹¹² de *jornada*”, ou seja, aquele onde a bandeira circula junto ao seu grupo de Folia de Reis, combinando a ele os “acontecimentos” e “pessoas/personagens” de sua história (POLLAK, 1992, p. 2). Esse lugar transcende, portanto, as fronteiras municipais de Ourinhos, o que impediria considerações, por exemplo, de que a festa pertence ao município (desconsiderando o papel dos sujeitos que a fazem nele ou de outros sujeitos que se sentem pertencentes ao bem cultural e que não moram no local). Por outro lado, não se pode desconsiderar que, carregar o nome do município nos uniformes das Folias de Reis e relacionar a tradição a ele, é importante para a manutenção da festa no tempo presente, visto que pode trazer benefícios aos grupos (patrocínios, apoio político e financeiro no local).

Sobre a memória da fundação da bandeira e festa de Santos Reis em Ribeirão Grande pela família Palma (a que também teria fundado o bairro rural), por sua vez, é importante dizer que ela será assumida como uma “memória forte”; ou seja:

Denomino memória forte uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quando o grupo é menor. Uma memória forte é uma memória organizadora do sentido de que é uma dimensão importante da estruturação

¹¹² Concorde-se com Joël Bonneimason (2002, p. 101-102) quando este autor diz: “É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”. Dentro disso, “O entendimento do território na ótica cultural demanda uma direção de apropriação, não somente material e política do espaço, mas imaterial e simbólica.” (RISSO, 2014, p. 313).

de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade. (CANDAU, 2014, p. 44).

Tal memória dos primórdios da bandeira e festa, portanto, foi incorporada à história das Folias de Reis em Ourinhos, funcionando como “um [dos] elemento [s] constituinte [s] do sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 2) e, portanto, gerando identificação no tempo presente (CANDAU, 2014). Essa identificação, por seu turno, não necessariamente surgiu do laço consanguíneo com os Palma, mas pelo sentimento de pertencimento ao lugar da festa, concebido como aquele que reúne uma série de mecanismos que demonstram continuidade às Folias de Reis pelas experiências vivenciadas (ou “vividos por tabela”, utilizando a expressão de Pollak) e compartilhadas (usando aqui a reflexão de Candau) pela prática festiva e na história local. Então, ao “lugar/território de jornadas” se agrega a dimensão histórica vivenciada, compartilhada e ressignificada.

Nesse sentido, embora o histórico familiar, de trabalho, de lazeres e sociabilidades no campo possam contribuir ao processo de fortalecimento da identidade da tradição das Folias de Reis no tempo presente (algo que pode ser sentido entre turistas que compõem o público da festa, por exemplo), inclusive contribuindo para construção de novas territorialidades em espaços que não são da sua origem¹¹³, alguns acontecimentos, pessoas/personagens e lugares (POLLAK, 1992) precisam ser reconhecidos por aqueles que a praticam em determinado território/local, o que contribui à preservação da “memória forte” do grupo e, assim, à construção da sua memória e identidade junto às Folias de Reis (ainda que ela se modifique com o tempo no local a partir de novos acontecimentos, personagens e lugares).

Deve-se dizer que essas considerações acerca da memória e da identidade estarão incorporadas ao longo das próximas páginas acerca das Folias de Reis de Ourinhos e Palmital. Por tratar-se de um trabalho produzido, sobremaneira, a partir de memórias de expressão oral, próprias do tempo presente, o esforço será o de apresentar perspectivas sobre a história das Folias de Reis, ainda que procurando manter uma narrativa coerente e respaldada no respeito e no trato ético sobre as lembranças que foram compartilhadas na pesquisa¹¹⁴ (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020).

¹¹³ Aqui utilizo sobretudo TEIXEIRA (2006). Entretanto, entre os demais estudos levantados sobre as Folias de Reis no estado de São Paulo (Apêndice 1), os de Cassiano (1999), Victorasso (2015) e Goulart (2016) possuem perspectivas similares.

¹¹⁴ Importante dizer que nem sempre esses “pontos de vista” estarão explícitos no texto da tese, com a apresentação de dados e a referência daqueles que os produziram. Pelo compromisso com as fontes orais, alguns dados ficarão implícitos em problematizações e discussões teóricas. Aliás, esse foi um dos motivos que me levaram a escrever os capítulos anteriores.

Vale também considerar que, se as memórias foram compartilhadas, é porque se entendeu que elas, de certa forma, contribuiriam à preservação do bem cultural no local. Ora, se histórias da vida privada das pessoas “foram abertas” a uma pesquisadora que não pertence às Folias de Reis¹¹⁵, é porque essa presença, a de alguém de fora, valoriza o papel que elas cumpriram até então, não somente como devotas dos Santos Reis (o que é motivo de muito orgulho), mas como sujeitos atuantes na história de uma tradição. O que ajuda a pensar, por outro lado, o porquê das ações sobre a memória e identidade de um bem cultural compartilhado e, conseqüentemente, inventado (CERTEAU, 2014, p. 41) a partir das Folias de Reis e nos municípios de estudo.

Façamos, então, o exercício de rememorar pelo contato com o outro¹¹⁶.

3. 1 Entre memórias da bandeira e festas da “Comunidade do Bairro Ribeirão Grande”: a construção identitária da Bandeira de Santos Reis em Ourinhos

Segundo Ivo Batista Leite, foi o seu avô, Custódio Manuel de Paula, quem fundou a festa de Santos Reis de Ribeirão Grande, aproximadamente, em 1860. Ele conta ainda que a saída do seu bisavô de Minas Gerais, local de onde trouxe o costume de se cultuar os Santos Reis, está relacionada ao valor que as terras da região de Ourinhos possuíam naquela época. Ao rememorar o passado, Ivo complementa que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela sua família, hoje possuem uma propriedade rural no local, sendo cerca de 50% dela arrendada à Usina São Luiz, para plantação de cana-de-açúcar. De sua infância e adolescência, no entanto, Ivo recorda as vivências com a criação de gado de leite (“o forte” do seu pai, Acácio), porco e frango, e com o cultivo das lavouras de milho, arroz de várzea, feijão e mandioca. (LEITE, 2019).

¹¹⁵ Ou não pertencia até então, pois depois de travados os contatos e feitas algumas entrevistas, tornei-me alguém de confiança. Hoje participo de grupos de *WhatsApp*, recebo convites sobre saídas da bandeira e para outras atividades relacionadas às Folias de Reis. Lembro aqui de um convite que se estendeu a minha família. Recebi o convite e levei meus pais a uma festa, ato que parece ter corroborado ao fortalecimento dos laços de confiabilidade com o grupo. Experiência similar foi encontrada no livro de Portelli (2016, p. 12-13), “História oral como arte da escuta”, quando o autor narra a experiência de pesquisadora que realizava entrevista com mulheres que tinham passado por cirurgias de câncer de mama. Ele reporta, por exemplo, que no ato de uma entrevista a entrevistada não se aprofundou no assunto, mas que, quando a pesquisadora, com o gravador desligado, revelou a ela que também havia passado por tal processo, o assunto fluiu. Ou seja, “A autoridade, sempre implícita em uma situação de entrevista, também se deslocou”. Nesse aspecto, é importante ressaltar aqui a importância de alguns comportamentos tomados em campo, bem como dos dados que são coletados (em cadernos de anotações, por exemplo) e que devem compor a análise das fontes orais (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 114-125).

¹¹⁶ Os dados dos entrevistados (idade, profissão, escolaridade etc) de Ourinhos e Palmital estão presentes no Apêndice 9.

Mario Batista Leite, irmão de Ivo, acrescentou que seu pai, Acácio Batista Leite, contava que, no passado, a região era dominada pelo café e que o desenvolvimento local atraía pessoas, sendo a rede Sorocabana uma importante ferrovia, responsável pela vinda e distribuição da população no interior. Nesse aspecto, além dessa região paulista, o norte do Paraná também teria sido destino para os Palma. Sobre isso, Mario diz que, antes de se mudar para São Paulo em função de trabalho, seu tio, o finado mestre Adolfo da Palma, teria saído da zona rural de Ourinhos e se instalado por um período no Paraná, pois lá as terras eram mais baratas e propícias à agricultura.

As memórias acima foram escolhidas para iniciar esse novo tópico de texto porque resumem o que Candau (2014, p. 44) chamou de “memória forte”, pois, apesar de se tratar das lembranças de dois irmãos da família Palma, pode-se dizer que elas foram incorporadas à memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos. A propósito, além dos episódios da vida pessoal, percebem-se nas versões um breve histórico do local que, sentidos pessoalmente ou por tabela (POLLAK, 1992, p. 2), foram compartilhados no tempo presente.

Ao se atribuir a fundação de Ribeirão Grande à família Palma, que criou a bandeira de Santos Reis e iniciou a festa no local assim que chegou, os foliões costumavam identificá-la pelo nome do seu fundador e sobrenome da família: *a bandeira* ou *festa do Custodinho*, *a bandeira* ou *festa dos Palma*. Porém, na medida em que essa família e sua bandeira se encontraram com outras na região de Ourinhos, passou-se a chamá-la pelo nome do seu bairro rural (*a bandeira de Ribeirão Grande* ou *a festa de Santos Reis de Ribeirão Grande*), passando, com o tempo, a carregar também o nome de Ourinhos (*a bandeira de Ribeirão Grande, de Ourinhos* ou *a festa de Santos Reis de Ourinhos*).

Essas mesmas identificações sobre a bandeira e a festa ocorreram em Córrego Fundo, um outro bairro rural de Ourinhos onde a Folia de Reis teria sido trazida de Minas Gerais pela família Borges, mas que, por contratempos da história, não existe mais naquele local. Mesmo assim, é importante trazer à tona esse caso em função de que ele contribui à própria história da construção da memória e identidade da bandeira e festa em Ribeirão Grande, demonstrando as ações realizadas pelo grupo para sua preservação.

Segundo Arnaldo Borges Baptista, há cerca de 30 anos a bandeira de Córrego Fundo foi *enterrada* devido a não realização da festa pelo seu responsável na época, pessoa que, anos depois, veio a falecer. Com o fim da festa, os foliões que a frequentavam em Córrego Fundo passaram a compor o grupo e a festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Ele mesmo sempre esteve ligado às festividades desse seu bairro vizinho.

Desde a época do episódio rememorado, o *responsável* ou *dono da bandeira* de Córrego Fundo já não era o seu fundador. Depois de criada, ela possivelmente foi repassada entre sujeitos da própria família, como também a conhecidos que possuíam a devoção nos Santos Reis, aceitando a condição de dar continuidade à tradição. Nesse sentido, há histórias de sujeitos que já possuíam uma bandeira em sua família, mas que assumiram o compromisso com outra. Assim como histórias de sujeitos que não tem precedentes de culto familiar aos Santos Reis, mas que assumiram a *missão* de carregar e/ou guardar o objeto, tendo em vista a sua relação com o sagrado (a devoção), mas também em respeito às memórias e trajetórias de vida a que fazem lembrar a bandeira e o seu uso.

A missão nada mais é que pagar promessas. As promessas são pedidos/votos feitos aos Santos de devoção quando os sujeitos se veem deparados com situações que fogem do seu controle. Ao pedir algo, por sua vez, estabelece-se uma espécie de contrato com os Santos, algo que se fará como agradecimento. Portanto, quando o pedido é recebido, cumpre-se a promessa, o que a torna também um ex-voto. No caso das Folias de Reis, muitos ex-votos são anexados nas suas bandeiras (fotografias, objetos) e passam então a representar os milagres recebidos e, portanto, o poder dos Santos de devoção (Zaluar, 1983, p. 88-97).

O objeto bandeira é fundado (ou pintado, como preferem dizer alguns foliões) mediante promessa feita aos Santos Reis, o que lhe traz simbologia dentro do ritual, pois ela é a responsável por mediar o contato e o contrato dos devotos com o sagrado, com o sobrenatural, o divino (BITTER, 2008). Daniel Bitter (2008, p. 104) a identifica (assim como as máscaras dos *palhaços/bastiões*) como guia das Folias de Reis. Entre as teorias que estuda para fazer tal afirmação, encontra-se a de Krzysztof Pomian (1984, p. 64), que reconhece a atuação dos objetos “em lugares dedicados ao culto [...] dos deuses ou dos santos”, representando “o longínquo, o ausente” intermediado “entre o espectador que as olha e o invisível de onde veem”.

Mas, pensando a bandeira como um bem cultural das Folias de Reis, ela, assim como outros elementos da festividade, denotam a inseparabilidade no campo do patrimônio cultural do “material e imaterial” a que supõe o conceito de “patrimônio cultural imaterial” (Meneses 2009, p. 30-35). Ora, a bandeira é um dos objetos das Folias de Reis, mas que possui significados que, certamente, somente um devoto compreenderá. Um turista, por exemplo, pode até enxergar o objeto carregado na festa como algo representativo ao grupo, por outro lado dificilmente *sentirá* o porquê. Portanto, Meneses (2009) elenca alguns dos principais valores que compreenderiam esses bens culturais, tentando explicar a complexidade desses sentidos. Na sua elaboração, o “valor cognitivo” é aquele que permite com que o bem cultural seja tratado como uma espécie de documento onde, por ele, é possível se constituir conhecimento. Já o

“valor formal/estético” atua basicamente na percepção sensorial dos indivíduos, contribuindo na construção de significados. O “valor afetivo”, por sua vez, estaria mais relacionado às subjetividades e aos aspectos simbólicos que fundamentam um bem cultural, sua história, memória e identidade; esse valor estaria ligado àquilo que se chama de sentido/sentimento de pertencimento/pertença. Os “valores pragmáticos” seriam aqueles que se referem ao uso, desde que percebidos pelo sujeito como uma qualidade. Por fim, o “valor ético” estaria relacionado aos usos e às intencionalidades que giram no entorno dos bens culturais. Como é de difícil explicação, o autor incita uma reflexão de que o reconhecimento do direito a um bem cultural ou às diferenças culturais deve estar respaldado em direitos humanos (*Id., Ibid.*, p. 35-38).

No caso do enterro da bandeira do Córrego Fundo, ele não causou o fim da devoção aos Santos Reis na região de Ourinhos, visto a presença da bandeira de Ribeirão Grande. Mas a expressão *a bandeira foi enterrada*¹¹⁷ é forte, denota afetividade e cognição, representa certo enfraquecimento do costume da devoção, embora na prática designe o evento e o local onde ela parou de circular.

Nesse sentido, trago aqui as lembranças do atual responsável¹¹⁸ pela bandeira de Ribeirão Grande, Evandro Feresin, quando o questionei acerca do calendário atípico da celebração em Ourinhos, que ocorre em julho e não entre dezembro e janeiro.

E: Essa festa é feita em julho, porque tinham duas festas. Na época, eu era muito criança ainda, sabe? Tinha uma festa no Córrego Fundo, ali. Essa uma que nós fomos cantar ontem. Então, tinha um grupo lá... aquele tempo tinha muito cantador de Córrego Fundo e Ribeirão Grande. Então, saía daqui para Córrego Fundo e, do Córrego do Fundo, vinha para Ribeirão Grande. Tinha duas festas. E em dezembro não tinha jeito! Daí mudou uma para o meio do ano, que é a nossa. E, geralmente, ficou muito boa, porque no meio do ano, todo mundo já fez as colheitas, então tem uma renda melhor que a do fim do ano. E a de lá, foi indo, morreu a festa lá. Parou. Daí como a nossa estava para julho, ficou em julho, o que vai fazer? [riso]. E está até hoje. A turma achou bom também, acostumou com a festa.

R: E quando que a festa de lá parou?

E: A festa de lá faz muitos anos que parou. Faz uns 30 anos já. Agora, a que fomos cantar ontem lá, que tivemos um sonho com o homem que morreu, o dono da festa, apareceu para o filho dele. Daí, nós rezamos um terço ontem. O rapaz diz que vai fazer, mas vai fazer um terço só, sabe? Ele não vai fazer a festa não, vai fazer só um terço, fazer uma janta e cantar lá. [...]

R: O mesmo grupo e o mesmo funcionamento que tem em julho, assim, de cantar?

¹¹⁷ Ocorre de o objeto ser literalmente enterrado com seus donos ou herdeiros (um caso desses ocorreu em Palmital).

¹¹⁸ Conforme se evidenciará nas próximas páginas, além de responsável pela bandeira, Evandro se autodenominou mestre e contratinho (mais abaixo serão descritas o que são essas funções). Quando realizei a pesquisa de campo, notei que a responsabilidade de Evandro sobre a bandeira se estende aos caminhos do grupo nas romarias. Portanto, ele atua como um “gerente” (forma como se denomina a função em locais como Florínea e Palmital, por exemplo).

E: Isso. É o mesmo funcionamento, porque eles faziam essa festa.

R: Só teve o terço que o senhor falou?

E: É, o terço. Mas, tinha bastante gente, foi uma festa bonita lá. Levantou mastro, cantamos no mastro, passou a bandeira, muito bom! Igual a festa mesmo. Só que era um terço, mas no fim, virou uma festa.

Dentro da justificativa da mudança da festa de Ribeirão Grande para o mês de julho, Evandro também menciona a presença de muitos cantores “naquele tempo” (Evandro possui 68 anos), ao passo em que indica pela recente lembrança da participação no terço em Córrego Fundo (evento similar às festas de antigamente) as dificuldades de se manter as bandeiras no local (trabalho no campo – “colheita”; “renda melhor”). Se a festa de Córrego Fundo havia parado há aproximadamente 30 anos e, desde aquele período a de Ribeirão Grande já era feita em julho, isso demonstra que já faz algum tempo que os grupos negociam formas de manter suas tradições no local¹¹⁹. E é interessante observar como elas – as ações cotidianas em prol da manutenção do bem cultural – são narradas, como o sonho com o antigo dono da festa em Córrego Fundo, o que os teria levado a rezar o terço e a cantar o Reis novamente no local. Um pedido em sonho ao filho do ex-dono da bandeira, transformou-se em missão para o grupo: “tivemos um sonho com o homem que morreu, o dono da festa, apareceu para o filho dele”. Aqui se nota, sobretudo, os valores formais/estéticos e afetivos que envolvem o bem cultural (MENESES, 2009) e de como eles podem ser compartilhados entre o grupo que também é o responsável pelas *cantorias* na região.

Cabe evidenciar como Evandro explica as Folias de Reis, e observar como a explicação indica mais ações para sua preservação no local:

A Folia é uma benção. Eu sou criado na Folia de Reis, *eu sinto muito bem cantando para Santo Reis, ajudei muitas pessoas a cantar, como eu falei para você do... a receber graça de Deus, porque Deus está próximo, se Deus fez a graça é porque está próximo de nós, está junto de nós [...]. Então, por isso que eu sou... e é tudo para mim a Festa Reis, e como é! Essa bandeira aqui [mostra a sua bandeira], eu já tenho essa bandeira... quando a festa... que essa festa nossa, aqui, já parou. Eu era jovem ainda, um rapaz pegou lá e não fez mais [a Festa de Reis]. Depois ele sumiu, sabe? Sumiu com a bandeira, sumiu com tudo, parou a festa. Daí, o que aconteceu? Meu sogro, o Chiquinho Borges, falou assim: “Eu vou levantar essa bandeira”. *Deu uma seca, uma seca, não chovia de jeito nenhum, sabe?* E ele tem um primo que morava em São Paulo, que *cantava mais de mestre, já faleceu, em 2001 ele faleceu*. Ele falou: “Vamos levantar!”. Estava ele e meu sogro lá em Ourinhos, em um bar lá. Ele*

¹¹⁹ Lembrando que as outras festas em comemoração aos Santos Reis do entorno de Ribeirão Grande/Ourinhos são geralmente realizadas entre os meses de outubro e janeiro, sendo os cantores dessa bandeira praticamente os mesmos que cantam ou se apresentam nas festas das cidades de Ribeirão do Sul, Salto Grande, São Pedro do Turvo, Santa Cruz do Rio Pardo e Espírito Santo do Turvo.

estava tomando uma cerveja, meu sogro tomando uma cerveja, e sentado assim: “Vamos levantar a bandeira de Santo Reis?” Estava eu, meu sogro, o Acácio Batista Leite, que é o... onde está o Centro de Lazer lá, e o Adolfo e eu. Nós estávamos em cinco. *E eu era casado de novo nessa época*, já era casado essa época... O Acácio falou assim: “Eu dou uma novilha”, meu sogro falou: “Eu dou outra”. Pra sair a bandeira. Olha para você ver, para sair a bandeira duas novilhas cada um [riso]. E eu era casado de novo, eu falei: “Eu dou um capado para vocês, de cinco arrobas”. Ainda falei assim. *E não tinha bandeira. Eu falei: “Pode deixar que a bandeira eu arrumo”. E minha mãe pintava, fazia bandeira, sabe? Eu peguei um pano e mandei minha mãe fazer a bandeira. É isso aqui [mostrou sua bandeira].* Minha mãe hoje está com mal de Alzheimer, sabe? Mamãe não... Ela quem fez esse... e ela fez e fez essa bandeira. Mas, ela fez num pano branco, sabe? Minha mãe tá viva, graças a Deus, com 86 anos, 85 anos. E eu... *Fez a bandeira, e meu tio deu esse Divino [mostrou a imagem do Divino, no topo da bandeira]. Eu o coloquei na bandeira.* Daí, essa bandeira ficou comigo. Eu falei: “*Enquanto eu for vivo, eu cuido dela*”. Sabe? *E depois que eu morrer, aí não tem compromisso mais. Mas, aquele que quiser assumir ela, assume, sabe? Não tem ninguém... Se meus filhos quiserem ficar com ela... Ficou assim, ela está comigo até hoje.*

R: E o senhor lembra quando foi isso, mais ou menos. Quando que o senhor resolveu...?

E: ...meu filho é de 76. Acho que foi em 76, por aí, 1976. Porque eu era casado de novo, eu tinha só meu filho, o Élcio. A Eva já é de 84. E quem fez a festa foi o Acácio, meu tio. *Foi um festão. Mas fez na casa dele, sabe? Não tinha o Centro de Lazer nessa época. Fez na casa dele. Como era bom, nossa! Eu tenho saudade.* (FERESIN, 2019, grifos meus).



Figura 6: Evandro Ferezin, seu neto e a bandeira de Santo Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos. Foto: Rafaela Sales Goulart. Bairro rural de Ribeirão Grande/Ourinhos (SP), 17/02/19.

A crença em Santos Reis, em Deus e no Divino (Espírito Santo), bem como o afeto e orgulho sentido junto ao objeto simbólico das Folias de Reis estão representadas na Figura 6. Sem que eu tenha solicitado, ele trouxe a bandeira na varanda da casa de sua filha (local em que fizemos a entrevista) e, junto ao conforto e proteção que certamente o objeto lhe oferece, rememorou assuntos pontuais como os divulgados no excerto: a pintura pela sua mãe, o presente do Divino no topo da bandeira¹²⁰. Em sua narrativa, seu Evandro aponta personagens importantes à sua construção material, bem como à própria reconstituição da festa em Ribeirão Grande na década de 1970, momento que também é reportado por “vestígios datados de memória” (POLLAK, 1992, p. 3) como “a seca” e o “casamento” (fatos de memória, datas da vida privada) que servem também como marcos para lembrar. Percepções como essa me

¹²⁰ Inicialmente cogitei que a presença do Divino na bandeira e o fato da festa em Ribeirão Grande ser realizada no meio do ano, tinha alguma relação com a prática das Folias do Divino. Entretanto, isso não foi comprovado. A explicação da sua presença na bandeira é a que foi dada pelo Evandro (presente do seu tio), bem como a própria ideia de que o Divino auxiliou no reconhecimento de Jesus Cristo.

levaram a pedir uma foto sua com o objeto, ao final da entrevista. Para isso, entretanto, Evandro chamou seu neto para acompanhá-lo. Algo igualmente significativo, visto que pode representar o seu desejo em repassar às novas gerações o que se apreendeu e o que se acredita (algo também explicitado no excerto). Aliás, o neto já se veste de palhaço nas festas de entrega da bandeira em Ribeirão Grande, função que foi exercida pelo seu filho (que atuava em toda a jornada), mas que teve de ser interrompida em razão do trabalho.

No que diz respeito à data de criação do novo objeto na década de 1970, em comparação à data que se atribui o surgimento da festa no local (final do século XIX), a última é a que se consolidou na memória social, visto também o seu papel na sustentação da identidade do grupo no tempo presente¹²¹.

O motivo que levou a festa de Ribeirão Grande a ficar parada foi praticamente o mesmo que a teria enterrado em Córrego Fundo, mas com o adicional de que o então festeiro desistente teria sumido com a bandeira do bairro. Ademais, Evandro conta que o *mestre* Adolfo morava naquele período em São Paulo e que o *festeiro* do ano foi Acácio. Cabe a ressalva de que até pelo menos a época que Evandro se remete (antes dos anos 2000), o *festeiro* era responsável por ceder a sua casa e estrutura (barracão fixo ou barracas construídas com lonas, bambus) onde as festas e a comida eram preparadas, além de ser responsável por cozinhar e distribuir os alimentos arrecadados (tarefa feita por suas esposas, *as festeiras*, e demais mulheres) e, na falta de uma boa arrecadação da Bandeira nas *jornadas*, precisava complementar a renda da festa para servir os devotos que viriam para o encerramento das comemorações aos Santos Reis.

Sobre as dificuldades da função de *festeiro*, Francisco José Nogueira (2019), o *contramestre* (faz a segunda voz e toca violão ou bumbo) conhecido como Fiico, aponta que, em sua infância e juventude, apesar das Folias de Reis serem “mais caseiras” e, portanto, reservadas às famílias e aos moradores de um mesmo bairro rural, era muito difícil assumi-la, pois nos sítios não havia água suficiente para seus preparativos, ou mesmo energia elétrica; sendo a sua administração facilitada ao longo dos tempos, com o aumento do poder aquisitivo da população.

Nesse ínterim, outra consideração é que as memórias dos obstáculos enfrentados no passado foram compartilhadas pelos principais responsáveis pelas *jornadas* na região de Ourinhos: precisavam andar a pé de bairro em bairro, não tinham condições para retornarem às

¹²¹ Acerca das complexidades que envolvem a memória social: “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento (pessoais e políticas) constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada.” (POLLAK, 1992, p. 4).

suas casas para tomar banho e dormir, pousavam em paióis e tulhas, demoravam para fazer suas refeições (BAPTISTA, 2019; FILHO, 2019; NOGUEIRA, 2019; SANTOS, 2019). Isso sem falar que a dita “seca”¹²² pode também ter refletido no plantio e colheita das lavouras dos pequenos produtores rurais que faziam a festa naquele período, impossibilitando-os de assumirem o compromisso. Segundo José Teodoro de Araújo Filho (2019), foi somente com a “evolução dos tempos”, por exemplo, que os foliões puderam adquirir transportes que facilitaram suas viagens, possibilitando o aumento do território de visitas e das arrecadações. Aliás, para este mestre, o qual falaremos adiante, as maiores festas de Santos Reis da região na atualidade são as de Ribeirão Grande/Ourinhos e Palmital.

Importante destacar que os problemas com relação às festas no final do século XX estão também ligados à paulatina transformação do público que as frequentavam; ou seja, ao aumento de pessoas que participavam da celebração que encerra as jornadas da Folia de Reis, momento em que a comida arrecadada é servida.

Retomando os personagens da reerguida da festa em Ribeirão Grande, Evandro destacou o seguinte: Chiquinho Borges teve a ideia da retomada (Francisco Borges, provavelmente, fez promessa aos Santos Reis ou procurava ajudar alguém a cumpri-la), Acácio (Acácio Batista Leite, o proprietário do local onde a festa é atualmente feita, no chamado Barracão/Sede da Associação/Centro de Lazer da Comunidade Ribeirão Grande) cumpriria a função de *festeiro*, fornecendo sua casa para o “festão” (forma saudosa em que se recorda daquela festa, o que pode indicar o público significativo nela. Ou seja, uma grande quantidade de pessoas e/ou a presença de um público familiar, com pessoas próximas que, inclusive, podem não estar mais presentes; isso sem falar do evento em si, a importância de se retomar as festas no bairro), e o Adolfo (Adolfo da Palma, natural de Ribeirão Grande, morava e trabalhava em São Paulo) que cantaria de mestre e, só poderia vir cumprir essa função em suas férias no mês de julho (FERESIN, 2019).

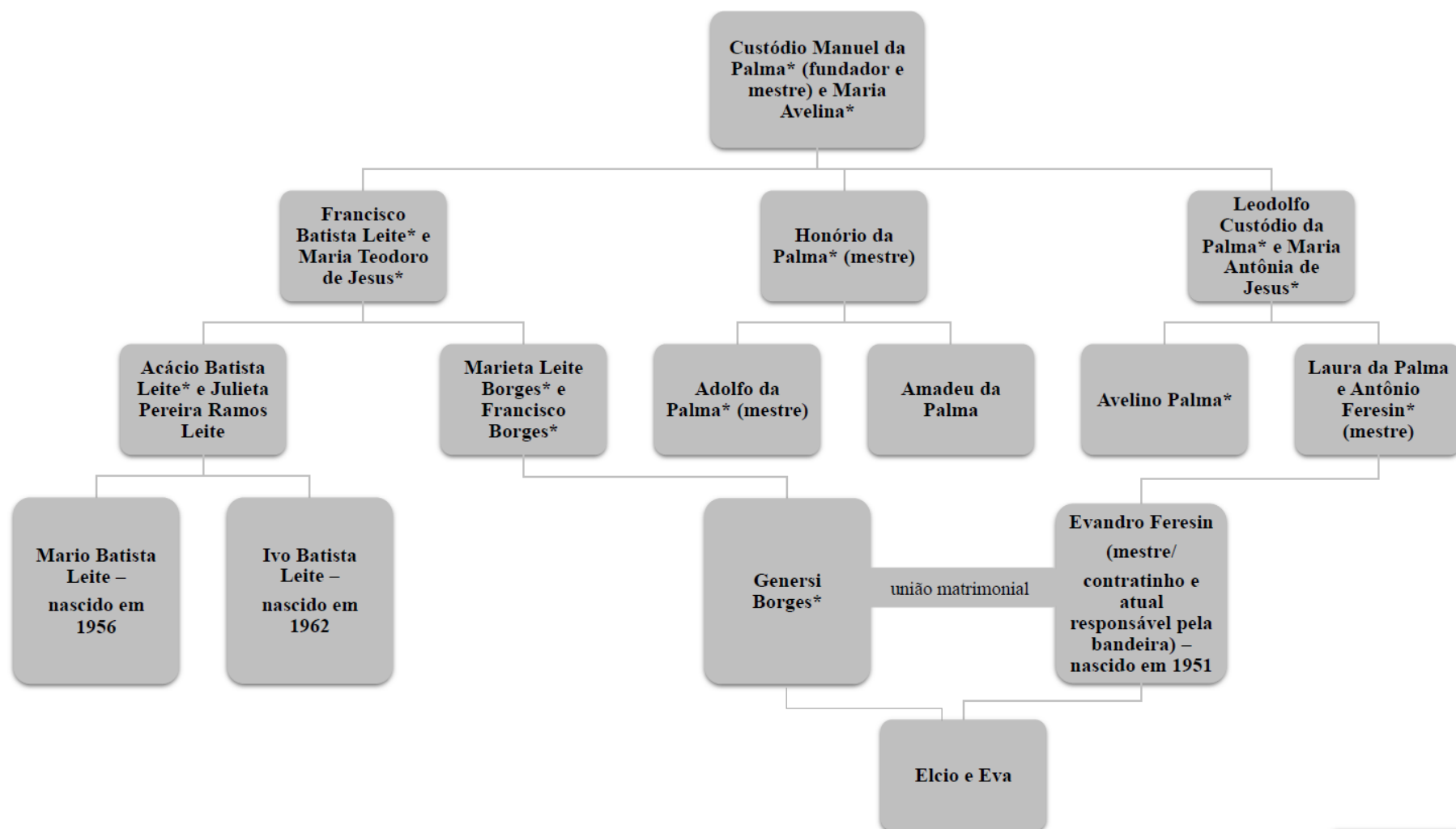
Sobre o evento, Fiico adiciona a informação de que Adolfo da Palma havia, naquela ocasião, feito uma promessa a Santos Reis para que se curasse da doença de Chagas. Dívida que foi alcançada, e que fez com que, a partir de então, passasse a vir cantar de mestre nas Foliás de Reis de Ribeirão Grande (NOGUEIRA, 2019).

Reforça-se, portanto, a explicação sobre a mudança do calendário festivo no local que, como apresentou Evandro, foi aceito por todos os envolvidos às Foliás de Reis, o que demonstra o respeito ao cumprimento da promessa, mas também os acordos para a permanência do festejo

¹²² Fenômeno que pode ter alguma relação com a “geada de 75”, reportada no capítulo anterior.

nesse calendário atípico, sobretudo, em função do tempo disponível (férias, folgas de trabalho) daqueles que compunham o grupo de cantores. Importante lembrar que os estudos acadêmicos levantados acerca da temática das Folias de Reis em São Paulo indicaram que a diminuição do tempo livre dos foliões em função do trabalho, impactou à periodicidade da celebração. Na coluna “Periodicidade” do Apêndice 2, é possível visualizar as alterações no calendário das festividades.

De todo modo, através das memórias anteriormente expostas e pelo que se contará sobre a construção do local da festa de Santos Reis em Ribeirão Grande/Ourinhos, optou-se então por criar um organograma que procura sintetizar a sua genealogia a partir da família Palma. Ele foi produzido com base nas entrevistas feitas com Evandro Feresin (2019), Mario Batista Leite (2019) e Ivo Batista Leite (2019), o que pressupõe uma seleção (da pesquisadora e dos entrevistados), a qual não pretende descartar a importância de outros nomes e famílias que, porventura, contribuíram para essa História.



*In memoriam

Figura 7: Genealogia da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos a partir da família Palma.

Como é possível observar no organograma (Figura 7), até a terceira geração da família Palma (de Custódio Manuel da Palma à Adolfo da Palma) houve uma herança direta (de pai para filho) no que diz respeito à função de *mestre*. Ao passo que o primo de Adolfo da Palma, Antônio Feresin, repassou seus saberes ao filho Evandro.

Em uma Folia de Reis, o *mestre* é aquele que assume o principal papel junto à circulação de seu grupo (composto por cantores, instrumentistas, palhaços/bastiões, festeiros e outros personagens que explicaremos mais a frente) e bandeira por um território onde, guiados pelo objeto simbólico, cumprem promessas e/ou levam proteção a devotos e foliões (visitados em suas casas e comércio), sendo em troca, arrecadados donativos/prendas (comida, bebida, dinheiro, produtos de limpeza) ofertados aos santos. Tal arrecadação, por seu turno, é convertida em uma grande refeição servida na festa que finaliza o ritual dedicado aos Santos Reis (GOULART, 2016).

A circulação do grupo e bandeira (o já citado *giro* ou *jornada*) é mais conhecida em Ribeirão Grande como *romaria*. Entre as responsabilidades do mestre, cabe então a elaboração de versos e músicas que remetam à chamada *Profecia*, a qual costuma ser cantada frente a presépios (por isso, a Profecia também é chamada de *Presépio*), a fim de contextualizar a história da vinda de Cristo, a natividade de Jesus e a visita dos Magos; sendo que, para isso, o personagem conta com os saberes apreendidos ao longo de sua trajetória na festa (tradição oral) e em estudos da “escritura” (textos bíblicos). Ademais, na hierarquia do grupo musical, o mestre é aquele que *desponta/canta na frente/ na ponta* (faz a primeira voz – a mais grave – das sete que, geralmente, compõem o grupo musical), tocando viola e improvisando suas criações, e/ou repetindo versos decorados, sobre eventos que se desdobram entre as andanças. Para se tornar mestre (a função de maior representatividade na hierarquia musical) há que se iniciar no *gritinho* e passar (portanto, saber) por todas as funções do grupo (falarei mais a frente sobre os componentes e suas funções na Bandeira de Ribeirão Grande).

Tendo compartilhado a responsabilidade do cargo desse personagem, Evandro Ferezin (2019) aponta que, apesar de ter assumido a função de mestre após a morte de Adolfo da Palma em 2001, tem cantado nas romarias como *contratinho* (que tem a função de fazer a quarta voz e tocar violão ou cavaquinho), ou em qualquer uma das demais *voz(es)/posições* que integram o grupo musical.

A partir da morte do mestre Adolfo, outro “fato de memória” (POLLAK, 1992, p. 2) da história da festa de Ribeirão Grande, o grupo de romeiros acabou ajustando o calendário de viagens na medida em que cantores/instrumentistas como Evandro, que prometeu cuidar da bandeira e manter a festa de Santos Reis até a sua morte, foram revezando tal função entre

amigos. Nessa parceria, pessoas como José Dias (que ajudava a cantar de mestre já no tempo de Adolfo da Palma), Arnaldo Borges Baptista (primo do finado Francisco Borges) e, posteriormente, José Teodoro de Araújo Filho (morador de São Pedro do Turvo), adentraram à história da festa em Ourinhos.

Em entrevista feita com José Teodoro de Araújo Filho (conhecido como Zequinha), o autodenominado *maestro* conta que passou a participar da Folia de Reis de Ribeirão Grande há cerca de 13 anos (FILHO, 2019). Sobre isso, verificou-se um vídeo gravado na festa de 2008, onde o então mestre Arnaldo Borges comenta sobre a união dos foliões e grupos da região nas festas:

Eu queria trazer aqui os nossos amigos, os nossos vizinhos, e esse ano eu consegui. Nós tivemos aqui a romaria de São Pedro do Turvo, que ela já tava ajudando nós, colaborando com nós. E tivemos o prazer também de receber o pessoal de Ribeirão do Sul, que também (...). E pela primeira vez que compareceu na nossa festa, o pessoal lá de Ubirajara... (DVD 2008, 01:51:06-01:51:34).

É importante reportar que tal filmagem de 2008 é um raro documento acerca das memórias sobre a festa em Ourinhos¹²³ e, por isso, um importante material para se pensar, sobretudo, os sentidos da sua produção. Trata-se de filmagens (caseiras, não profissionais) realizadas por pessoas que já conhecem o funcionamento do ritual das Folias de Reis, sendo geralmente solicitados pelos festeiros para se tornarem mais uma lembrança do evento. Nessa perspectiva, são literalmente compartilhados entre os foliões (empréstimos, presentes) e, para quem é de fora, torna-se representação dos momentos considerados relevantes ao ritual. Geralmente, filmam-se os lugares da festa e os momentos do ritual (jantar de saída da bandeira e festa de sua entrega e chegada em Ribeirão Grande). O foco é dado ao grupo que carrega a bandeira (apresentações musicais, danças dos palhaços, rezas, discursos como os do excerto, que encerram o evento), bem como na cozinha da festa e na *fartura* dos alimentos servidos.

Em pesquisa sobre as Folias de Reis de Campinas, Célia Cassiano (1999, p. 188-190) averigua a grande quantidade de registros sonoros, fotográficos e videográficos produzidas entre os grupos estudados, entendendo que essas documentações são próprias das sociedades

¹²³ Fora ele, há uma outra filmagem referente ao ano de 2004. O contato com o documento se deu por acaso, visto que os entrevistados não tinham materiais acerca das festas. Certo dia marquei com Evandro para acompanhar seu grupo em jornada, e até que eles chegassem no local combinado (no bairro rural Água Suja, município de São Pedro do Turvo), acabei conhecendo um primo seu, Lindolfo. Super solícito, ele não só me serviu um café, mas me apresentou os DVDs que tinha guardado consigo (filmagens das festas de 2004 e 2008). Uma curiosidade são os próprios diálogos realizados entre aqueles que filmam e os que são filmados, o que demonstra a informalidade da gravação e os laços de amizade entre os envolvidos.

modernas ou do “esquecimento”, que necessitam de suportes materiais para preservarem suas memórias visto que cada vez mais carecem das vivências e experiências sociais cotidianas. Mas, apesar da presente “necessidade de memória retiniana”, a autora avalia que os “registros não carregam um sentido de desaparecimento do passado, pois existe um componente social e coletivo que continua operando, desde a intenção de captura das imagens, até a forma de circulação e o destino que lhes é dado”. (*Id., Ibid.*, p. 190). Cassiano considera ainda que essas características mantêm uma dinâmica da memória oral, demonstrando uma continuidade com o passado no presente e possibilidades de adaptabilidades futuras no festejo, pois os materiais são revisitados, comentados. Isso sem falar que, a partir deles, há uma redefinição dos papéis desenvolvidos nos grupos, que passam a ter pessoas responsáveis por essa documentação¹²⁴ (*Id., Ibid.*, p. 191).

Retomando o excerto que trata de parte do discurso do mestre sobre a festa de 2008, percebe-se o seu teor simbólico pela divulgação pública dos grupos presentes, que estavam ali para se apresentar (inclusive, estavam vestidos com suas *fardas, uniformes*), e também para fortalecer as parcerias (“os nossos amigos, os nossos vizinhos”) que lhes dão possibilidades de preservar o bem cultural (“a nossa festa”), haja vista que os músicos se ajudam entre as romarias (o que serve como alerta para o futuro da festa). Tem-se no excerto um resumo dos valores culturais de um bem, como proposto por Meneses (2009), e a demonstração das “formas de solidariedade” estabelecidas nos “bairros” ou “agrupamentos territoriais”, como sugeriu Antônio Candido (2017). Em suas palavras:

Pode-se falar de autarquia, portanto, com referência ao bairro; não às relações de família no sentido estrito. E um dos elementos de sua caracterização era o trabalho coletivo. Um bairro poderia, deste ângulo, definir-se como o agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua. É membro do bairro quem convoca e é convocado para tais atividades. A obrigação bilateral é aí um elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento. (CANDIDO, 2017, p. 81).

A referência à Candido é pertinente pois explicita as relações sociais presentes nas Folias de Reis, construídas e alimentadas pela identificação com os costumes desse universo rural da celebração (o tempo do campo, as formas de sociabilidade). O que contribui à

¹²⁴ Ao contrário do que percebi na pesquisa realizada com os grupos de Folias de Reis em Florínea (GOULART, 2016) e Palmital, em Ourinhos não se constatou pessoas que cumprem especificamente essas funções, o que de certa forma explica a escassez de documentações (materializadas) no local.

manutenção da “memória forte” (CANDAUI, 2014, p. 44) de grupos como os de Ribeirão Grande, ainda que se percebam as mudanças executadas na festa, para lhe dar continuidade.

A vinda de cantores como o mestre Zequinha e seu irmão, Manuel Teodoro de Araújo, por exemplo, impulsionou uma nova mudança no calendário das romarias de Ribeirão Grande, que passaram a ser realizadas a partir do mês de maio e somente aos sábados (e as vezes domingos). Essa modificação foi atribuída à rotina de trabalho desses foliões (LEITE, 2019), mas também à necessidade de uma maior arrecadação para a festa de encerramento da bandeira, visto o progressivo aumento do público festivo no evento.

De acordo com Arnaldo Borges (2019), além da vinda de novos foliões (de São Pedro do Turvo¹²⁵, Ribeirão do Sul¹²⁶) para colaborarem com o grupo de Ribeirão Grande, passou-se a realizar nas festas os “Encontros de Bandeiras”, algo que se tornou comum após a construção do Barracão/Centro Comunitário no bairro rural.

As fotografias abaixo foram retiradas em ocasião da festa de Santos Reis de 2019, realizada no dia 27 de julho (último sábado do mês), a fim de ilustrar o local:

¹²⁵ No caso da atual condição da festa de São Pedro do Turvo, o mestre Zequinha faz algumas críticas com relação a falta de incentivo da prefeitura, sobretudo, com relação aos transportes que poderiam ser fornecidos para a realização das jornadas. Ele aponta que com exceção do espaço onde fazem a festa da cidade há quinze anos, que é da prefeitura, não recebem outro tipo de ajuda do poder público, o que tem inviabilizado a manutenção da Folia de Reis naquela cidade (FILHO, 2019).

¹²⁶ No caso da Festa de Ribeirão do Sul, atualmente o mestre Zequinha e os demais integrantes da romaria de Ribeirão Grande responsabilizam-se por realizar suas romarias e encontro final em função do mestre daquela cidade ter falecido recentemente. No entanto, há músicos pertencentes à Bandeira de Ribeirão do Sul que também ajudam nas romarias das demais Bandeiras. No caso da Festa de Salto Grande, por sua vez, tais músicos participam somente da celebração que encerra o ciclo celebrativo naquela cidade.



Figura 8: Centro Comunitário de Ribeirão Grande/Ourinhos em ocasião de festa de chegada da bandeira de Santos Reis. Foto: Rafaela Sales Goulart. Bairro rural de Ribeirão Grande/Ourinhos – SP, 27/07/19.



Figura 9: Parte externa do Centro Comunitário de Ribeirão Grande/Ourinhos em ocasião de festa de chegada da bandeira de Santos Reis. Foto: Rafaela Sales Goulart. Bairro rural de Ribeirão Grande/Ourinhos – SP, 29/07/19.

As Figuras 8 e 9 apresentam respectivamente a porta de entrada do Centro Comunitário de Ribeirão Grande e a sua parte externa. Como é possível averiguar nas imagens, o barracão é de alvenaria e coberto em parte com telhas de fibrocimento ondulada (Eternite) e com telhas metálicas de aço, e possui em seus fundos uma cozinha anexa, a qual dá saída para a parte externa, que apresenta somente uma cobertura, a qual abriga fornos e churrasqueiras onde são preparadas, sobretudo, as carnes servidas na festa. Da figura 8, destaca-se uma placa que contém

a seguinte identificação: “Comunidade do Bairro Ribeirão Grande”, acompanhada à representação dos Três Reis Magos. Já da Figura 9, destaca-se o improviso feito para cercar o espaço onde é preparada a comida da festa, sendo este reservado somente aos seus cozinheiros e, também, à refeição dos romeiros e principais sujeitos da festa na comunidade (a fotografia, porém, foi retirada em momento anterior a refeição).

No espaço, além da cozinha onde são guardados e preparados os alimentos arrecadados na romaria dos Santos Reis, houve a construção de banheiros e de um bar em que os festeiros podem comercializar bebidas nos dias das festas de saída e chegada da bandeira. Assim, a depender da renda no comércio, os personagens podem ressarcir suas despesas na festa, visto que atualmente precisam não só oferecer os jantares de saída da bandeira, financiando eventuais lacunas de arrecadação, mas fornecer o transporte (ou o combustível destes) dos cantores nas romarias. Por se tratar de uma função que, na essência, objetiva pagar uma promessa aos Santos Reis, ocorre da própria comunidade festiva contribuir com festeiros que, porventura, não tenham condições financeiras para realizá-la. Vale acrescentar aqui que, nas atuais celebrações, o festeiro precisa gerenciar as romarias; ou seja, organizar os locais de giro, agendar as refeições do grupo, convidar e transportar os músicos e palhaços, anotar e/ou estar ciente das arrecadações diárias, providenciando sua busca e guarda até o dia da festa de chegada da bandeira e coroação dos festeiros. E já nas semanas que antecedem a finalização do ritual, ele precisa também convidar e coordenar os cozinheiros e demais ajudantes da festa de encerramento, bem como monitorar o local onde ela ocorrerá. Toda essa obrigação atribuída aos festeiros, por sua vez, justifica o cumprimento da sua promessa com os Santos Reis.

Para explicar a construção do espaço onde as Folias de Reis passaram a ser realizadas a partir de 2002, Mario Batista Leite rememorou a criação da Associação de Moradores e Produtores do Bairro do Ribeirão Grande no final da década de 1980. Associação que, sob sua liderança, surgiu em razão da implementação de um programa de microbacias na região, que trouxe benefícios como: melhoria nas estradas, cursos, compra facilitada de implementos agrícolas e de maquinário rural. Segundo o folião, foi nesse contexto que a comunidade de Ribeirão Grande passou a ser mais assistida pelo poder público local, o que, posteriormente, também teria viabilizado a doação de parte da estrutura do Barracão (LEITE, 2019).

A construção, por sua vez, foi feita na propriedade da família de Mario (que é filho dos finados festeiros Acácio Batista Leite e Julieta Pereira Ramos Leite, conforme Figura 6) pelos moradores do bairro rural, havendo acordos para esse processo, bem como doação de materiais

e tempo de serviço¹²⁷. O trabalho coletivo ou em mutirão¹²⁸, como prefere dizer o folião, mais uma vez expressa os sentidos de solidariedade entre os habitantes do bairro, resultou, portanto, no espaço físico que abriga eventuais reuniões e as principais festas do local: a de São Sebastião (20 de janeiro), de Santos Reis (último sábado de julho) e a de Nossa Senhora da Aparecida (12 de outubro). Vale dizer que, diferentemente da festa de Santos de Reis, a maior de todas, as demais comemorações são restritas às famílias da comunidade, sendo nelas geralmente realizado um terço, o levantamento do mastro em homenagem aos santos e uma refeição (*Id.*, *Ibid.*).

3. 2 Formas de preservação da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos: documentações, descrições e impressões

Na tese “Iconografia no processo comunicacional da folia de reis: o avatar das culturas subalternas”, Kátia Kodama (2009) estudou as festas de Santos Reis de Ourinhos e região, analisando como as representações iconográficas são apropriadas dentro desses espaços rituais da cultura popular. Sua proposta demonstra como os considerados “elementos avatárticos” transitam, comunicam e fazem perdurar identidades ao longo da história, visto que podem “[...] significar transformação, transfiguração, metamorfose de uma entidade imaterial em entidade real que mantém a sua essência através dos tempos.” (KODAMA, 2009, p. 29). Entre as variadas imagens compartilhadas, chama atenção duas fotografias. Uma delas retratava “a bandeira de Santo Reis da Folia de Reis de Ribeirão Grande” e a outra, o próprio bairro rural. Ao compará-las, Kodama (*Ibid.*, p. 227, grifos meus) conclui que “a cena da Natividade, descrita na Bíblia, *pode ser compreendida pelos foliões* como acontecendo realmente no bairro onde a festa se realiza”. Essa visão se agrega ao que o antropólogo Daniel Bitter formulou para explicar a importância simbólica do objeto em uma Folia de Reis. Em suas palavras: “a *bandeira* é pensada como a própria materialização do *fundamento*, o conhecimento sagrado, mítico, que dá suporte às ações rituais de *foliões*, constituindo-se em um ponto de referência idealmente imutável” (BITTER, 2008, p. 21).

¹²⁷ Além do Barracão, existe na propriedade uma capela de São Sebastião (iniciada em 2006 e terminada em 2017) e um campo de futebol que, embora pertença à família Palma, possuem a finalidade de serem utilizados por todos os moradores do bairro (LEITE, 2019).

¹²⁸ Segundo Antonio Candido (2017, p. 82), o mutirão “Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho”. Para o autor, essa seria uma prática tradicional que exprime as formas de solidariedade da cultura do caipira.

As imagens a seguir representam o exposto pela autora, sendo a primeira imagem retirada da tese de Kodama (2009), e a segunda uma fotografia retirada por mim na festa de *saída da bandeira* de Ribeirão Grande, em 4 de maio de 2019:



Figura 10: "Bairro de Ribeirão Grande, Ourinhos/SP" (KODAMA, 2009, p. 228).



Figura 11: *Bandeira de Santos Reis de Ribeirão Grande*. Foto: *Rafaela Sales Goulart*. Ribeirão Grande/Ourinhos (SP), 04/05/19.

Como sinalizou Kodama (2009), a bandeira (Figura 11) compreende elementos considerados essenciais ao universo sagrado da festa, sendo eles materializados pela pintura dos Três Reis, Estrela, Jesus nascido na manjedoura, Maria, José, Anjo Gabriel, Espírito Santo

= pomba branca; e comunica dentro desse campo das representações¹²⁹, sua identidade local, visto a paisagem rural de Ribeirão Grande, com casas de alvenaria, cercas de madeira, estradas de terra roxa, vegetações e animais no estábulo. Além desses elementos elencados à explicação da narrativa bíblica, destaca-se também no objeto simbólico: a pomba dourada disposta em seu topo, envolta a um círculo de flores coloridas.

Vale dizer que as flores e fitas de cetim, bem como rosário e demais objetos anexados ao objeto, são comumente simbólicos, pois remetem a votos, pedidos/pagamentos de promessas. Em alguns casos, os foliões chegam a anexar no objeto a imagem de outros Santos de devoção. Alguns grupos chegam ainda a trocar de bandeiras ao longo do processo ritual, como se notou em Folias de Reis do Rio de Janeiro, mais especificamente na Companhia Sagrada Família, do Morro da Mangueira. Nessa Folia, do dia 24 de dezembro a 6 de janeiro, circula uma bandeira que representa os Três Reis Magos e, já entre os dias 7 e 20 de janeiro (dia de São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro), seu grupo coloca para viajar uma outra bandeira com a imagem de São Sebastião, outro Santo de devoção do grupo (MONTE-MÓR, 1992; BITTER, 2007).

Nessa leitura, poderíamos imaginar que a representação do Divino (a pomba colocada no topo da bandeira) no objeto poderia estar relacionada ao fato da festa de Santos Reis ser realizada naquele local entre os meses de maio e julho; ou seja, fora do ciclo em que ela é geralmente celebrada, sobretudo, na Região Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. No entanto, a hipótese de que as Folias de Reis poderiam ter sido englobadas às Folias do Divino em algum momento da história da festa estudada, preliminarmente pensada no projeto de pesquisa, foi desconstruída pelo que se contou no tópico acima.

¹²⁹ Nessa tese, a análise da utilização e/ou leitura das imagens será guiada especialmente pelo texto: “Ler um quadro em 1639, segundo uma carta de Poussin”, escrito por Louis Marin e publicado em livro do mesmo autor: “Sublime Poussin”. No texto, como o próprio nome o diz, Marin (2000) faz uma análise da leitura do quadro “O maná” através da carta que Poussin (o autor, pintor) escreveu e endereçou a pessoa que o encomendou. Nessa carta, Poussin dava dicas de leitura da obra, bem como orientava como ela deveria ser enquadrada e exposta em um ambiente. Ao final do texto se conclui à “regra da apropriação” ou “regra da leitura” que “o sentido mais elevado se opera no desvio entre o visível, o que é mostrado, figurado, representado, encenado, e o legível, o que pode ser dito, enunciado, declarado; desvio que é ao mesmo tempo o lugar de uma oposição e de uma troca entre ambos os registros, desvio a partir do qual convém colocar a pergunta do quadro, desse quadro *O maná*, na medida que “maná”, “*mann-hu*”: “o que é isso?”, tenha sido a pergunta feita pelos hebreus diante dessa coisa esbranquiçada, açucarada, granulosa, e com a qual nomearam a coisa, leram o acontecimento miraculoso. “Maná”, o “que é isso?”, coisa desconhecida, inominável, ilegível, mas visível no quadro, pergunta à qual responde, invisível, fora do quadro, o “isto é meu corpo” da fórmula eucarística, onde se articula *legivelmente*, no mistério, uma palavra comível; esse invisível que só poderia se reconhecer se, entrando no quadro, o espectador imaginar-se na extrema esquerda do primeiro plano como esse personagem que contempla e admira em silêncio.” (MARIN, 2000, p. 37, grifos do autor). Vale dizer aqui que na citação a expressão “extrema esquerda do primeiro plano” refere-se a forma ocidental de leitura (da esquerda para direita), o que se leva em consideração nas análises da disposição de personagens em um quadro (sua relevância, primeiro plano) (*Id.*, *Ibid.*, p. 31). Algo que não se poderá utilizar, em meio as fotografias e imagens dispostas nessa tese, para analisar pelos enquadramentos os seus possíveis significados, visto que tratam de imagens que buscam ilustrar o “universo” local das Folias de Reis.

Vale lembrar, porém, que dentro da história contada sobre a reerguida da celebração na época do mestre Adolfo da Palma (a pessoa que marcou a memória dos foliões e que nos possibilitou pensar uma nova fase da festa em Ribeirão Grande), Evandro Ferezin (2019) assumiu a responsabilidade de criação do objeto bandeira, sendo a pintura do seu pano realizada por sua mãe, Laura da Palma Feresin (que infelizmente, segundo ele, sofria do mal de Alzheimer quando o entrevistamos em 2019), e o Divino, presente de seu tio Avelino Palma, um objeto adicionado à bandeira para enfeitá-lo, mas que ainda permite a rememoração, pelo objeto, das ações pela continuidade da tradição no local. Tradição aqui entendida como algo que se transforma, embora pareça “idêntico ao precedente” (HOBSBAWN, 2018, p. 9).

Mas é interessante retomar às imagens acima, pelos seus usos. Em ambos os casos houve a intencionalidade de representar o território da festa (Figura 10) e sua dimensão simbólica junto ao objeto sagrado das Folias de Reis (Figura 11). As representações imagéticas foram, portanto, apropriadas para evidenciar o que mais acima se chamou de “território de jornadas”, demonstrando o sentido de pertencimento dos foliões ao lugar das *romarias*, pois nele é que as práticas das Folias de Reis se fazem e, através dele, dos contatos com habitantes (famílias que moram nas casas representadas) e pelos acontecimentos vivenciados, que as memórias se constituem e são transmitidas (até por tabela) (o que explica o uso da Figura 10). Algo que foi materializado na bandeira (Figura 11), agregando a ela esse significado. Ao falar sobre a subjetividade presente em uma fotografia, “memória cristalizada”, Boris Kossoy (, p. 158) portanto afirma: “imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram”.

Porém, no texto de Kodama (2009) essa construção do território da festa, e suas relações com a memória e identidade do grupo, não foram feitas a partir da perspectiva dos foliões. Ou seja, como se associou tal representação junto a sua história, ou como e porque ter-se-ia levado o território da festa ao seu guia, a bandeira (Figura 11)? Assim, embora tenha entendido que ali a cultura popular resistia, pela arte e pela viva forma de comunicabilidade (percebidas nas relações entre o território da festa e sua representação no objeto bandeira), a utilização das imagens junto ao texto acabou emitindo certa nostalgia com relação à tradição das Folias de Reis (a fotografia – Figura 10 – tornou-se uma representação bucólica e romântica), tendo ainda em vista a leitura de que a “cultura popular” era historicamente marginalizada pelo poder público local. O que não é totalmente equivocado, se o que se observa são os atuais instrumentos de reconhecimento da cultura e patrimônio cultural no local e a prática das políticas públicas no setor (conforme se apresentou no Capítulo 1). De todo modo, a própria discussão sobre o

que é popular e erudito¹³⁰ é “espinhosa” (ABREU, 1999), isso sem falar da questão do reconhecimento do patrimônio cultural (quem diz o que é patrimônio/bem cultural e quem o sente e preserva, de fato) (MENESES, 2009).

Dito isso, e como já foram demonstradas no subtítulo anterior tais construções da memória e identidade da bandeira e festa em Ribeirão Grande/Ourinhos, falta agora observar como os sujeitos fazem para preservar sua tradição, de modo que essa narrativa não se esqueça da sua ativa participação na história. Para isso, entretanto, utilizarei de minhas experiências junto ao grupo de Folias de Reis que não se iniciaram em Ourinhos.

Em leituras precedentes à tese (mas que se complementaram com a discussão levantada sobretudo pelos estudos acadêmicos sobre a temática no Capítulo 1) e pesquisa de campo, pude entender o sentido sagrado ou *fundamento*¹³¹ da festa para os devotos (em que pese a devoção relacionada às leituras bíblicas¹³²), apreendendo os papéis desenvolvidos pelos seus personagens e os significados atribuídos aos objetos simbólicos (GOULART, 2016). Como colocado em “Nota técnica” referente ao Processo de Instrução para Registro das Folias de Reis Fluminenses e do Estado de São Paulo (IPHAN, 2021, p. 1), há nas Folias de Reis universalidades, continuidades, assim como singularidades e, portanto, transformações. Como não se pretende aqui um inventário da festa (embora o trabalho e documentação levantada auxilie o processo), tampouco para além do local de estudo, o que se fará é uma construção narrativa da celebração a partir das *jornadas*, *giros* ou *romarias* com a bandeira, que se iniciam pela *saída* e se encerram com a *chegada* das *bandeiras* e *Bandeiras*. Momentos significativos e presentes, por exemplo, nas próprias construções das memórias dos grupos, quando gravam ou fotografam o evento e depois compartilham suas representações.

De todo modo, o fundamento ou “domínio do conhecimento ritual” (BITTER, 2008, 19) precisa ser retomado nesse texto a partir de alguns *mestres* (os principais responsáveis por saber e transmitir esse fundamento pelas músicas, versos, dando coesão ao ritual praticado pelo

¹³⁰ Não é minha intenção entrar nessa discussão. Mas há uma reflexão pertinente feita por Martha Abreu (1999, p. 27-29) no livro “O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900”, onde se alerta sobre os dualismos e simplismos que tal leitura pode ocasionar.

¹³¹ “Categoria nativa central, *fundamento* diz respeito a um conjunto de práticas e saberes considerados primordiais, absolutos e oriundos de um espaço-tempo imaginário. Esse conhecimento vem do princípio do mundo, freqüentemente coincidente com o tempo do nascimento de Jesus. Designa a razão última da circulação da *bandeira*, da festa, das dádivas e até mesmo do *palhaço*. É através deste conceito, aproximado ao de sagrado, que se opera o controle de todas as atividades do grupo envolvido, especialmente na sua dimensão moral.” (BITTER, 2008, p. 37, grifos do autor). O termo “fundamento” não costuma ser proferido pelos devotos pertencentes à Bandeira estudada.

¹³² Talvez a força dessas leituras bíblicas no local de estudo esteja ligada mais diretamente à presença de párocos e da Igreja na festa, algo que não é exclusivo do local, visto a recente abertura da Igreja às piedades populares. De todo modo, não tenho materiais suficientes nessa pesquisa para comprovar tal hipótese. Daí também a opção pelo trabalho com as construções das memórias e identidades, a *priori*, pela perspectiva dos foliões.

grupo). O excerto a seguir explica essa ideia, justificando também a mudança da denominação “Folias de Reis” para “Festa de Santo Reis”, expressão que seria mais respeitosa¹³³:

R: [...] Agora eu vou perguntar mais a respeito das Folias de Reis mesmo, dessa celebração. Vocês aqui reconhecem a festa como Folia de Reis mesmo? Ou como Festa de Reis, ou como Terno de Reis, ou algum outro nome?

E: Falava Folia de Reis, mas nós fala “Festa de Santo Reis”, porque o Espírito Santo merece ser tratado com bastante carinho, porque o Espírito Santo é o Deus vivo nosso, que conduz a nós. Deus dá... sem Deus nós não vive. Nós vive com a graça de Deus e o Espírito Santo é o espírito de Deus, né? Então a gente tem muita fé no Espírito Santo e cultiva essa tradição por causa do Espírito Santo, por causa do Espírito Santo da bandeira. Os Três Reis também, lógico. Eles foram visitar Jesus. Mas quem iluminou os Três Reis foi o Espírito Santo, pela luz, pela estrela. Era o Espírito Santo que estava ali. Então, já era o Espírito Santo que já tava caminhando... (FERESIN, 2019).

A propósito do desuso do termo “Folia”, em pesquisa sobre a Companhia de Reis Fernandes, de Olímpia (SP), Pedro Victorasso (2015, p. 103) aponta que seus entrevistados apresentaram justificativa similar, embora utilizem a categoria *foliões* para se autodenominarem nela, o que também ocorre em Ribeirão Grande. No entanto, observou-se, por exemplo, que o próprio mestre Evandro fez uso das duas expressões na entrevista (reparar transcrição em páginas anteriores). Retomando o estudo supracitado, aponta-se que o uso do termo “festa” é feito para a “festa da Chegada da Bandeira, pois na visão deles, o que fazem durante o giro não é festivo, mas sim devoção, uma missão. Por diversas vezes eles disseram que durante o giro estão trabalhando para Santos Reis.” (*Id., Ibid.*). Informação pertinente para se refletir sobre o que, de fato, os grupos querem preservar em uma Folia de Reis e como isso é comunicado em suas narrativas. Mais do que o uso ou não dos termos “Folia”, “festa”, “Companhia”, “Bandeira”, o compromisso é com a sua manutenção (do giro/romaria). Isso torna-se uma missão que, por sua vez, precisa ser construída a partir de uma imagem que se considera adequada ao contexto local.

Vale acrescentar outro trecho da entrevista com o mestre Evandro¹³⁴, quando ele explica que a bandeira “é a dona da festa”, sendo os “Três Reis” e o “Espírito Santo” equiparados em seu entendimento sobre a simbologia do objeto:

¹³³ Aqui encontramos o motivo que me tem levado a identificar as Folias de Reis em Ourinhos também como Festa de Santo(s) Reis. Mas, persistirei na eventual utilização da expressão “Folias de Reis” em função das demais identificações feitas sobre ela pelos entrevistados.

¹³⁴ Lembro aqui que Evandro contou que prefere cantar de *contratinho*, embora assumo o título de mestre porque é o responsável (gerente) pela bandeira desde a década de 1970. Vale dizer também que desse período de reerguida da bandeira em Ribeirão Grande até 2001, seu principal *mestre* era Adolfo da Palma.

R: Qual é o elemento principal da festa, que o senhor acha?

E: É a bandeira, ela é a dona da festa.

R: A bandeira simboliza o que?

E: Os Três Reis, o Espírito Santo. Que é a partida dos Três Reis, que saíram do Oriente para encontrar Jesus... que eles estão na bandeira, os Três Reis. Então, eles saíram de Belém para chegar no menino Jesus e a estrela... surgiu uma estrela! A estrela veio. Quando Herodes veio, que eles foram até o Herodes, a estrela sumiu, desapareceu a estrela. Por quê? Porque ele é traidor, ele queria matar o menino Jesus. Então, a estrela apagou. Herodes falou para eles: “Vocês vão e quando vocês acharem o menino, vocês voltam para me avisar onde está, porque eu quero adorar também”. E eles foram, deixaram Herodes e saíram. Quando eles saíram no caminho, a estrela brilhou de novo. O Espírito Santo falou para eles não voltar para o mesmo caminho, voltar por outro. Você sabe dessa história, ou não? [riso].

R: O senhor pode me falar?

E: Eles voltaram, porque o Espírito Santo avisou eles para não voltarem pelo caminho, porque Herodes queria matar o menino. Daí eles voltaram por outro caminho. Ele ficou furioso, ficou furioso porque os Reis não vieram avisar. Foi aonde ele mandou matar todas as crianças, mandou matar todos os meninos de dois anos de idade. Dois anos para trás, mandou matar. Você viu que crueldade? Maldade, né? Mas, veio o anjo novamente e falou para José e Maria que fugisse com o menino para o Egito, porque Herodes queria matar o menino. É tudo isso, está tudo na bíblia, na bíblia sagrada isso daí (FERESIN, 2019).

Na versão fornecida, fica perceptível a interpretação sobre o Capítulo 2 do livro de Mateus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1705-1706). Nessa história bíblica, no entanto, não há a menção do Espírito Santo ou da pomba, mas uma citação de que os “magos” teriam sido avisados em sonho para não retornarem a Herodes, ao passo que o “anjo” se manifestara em sonho à José, aconselhando a fuga de sua família para o Egito e, posteriormente, seu retorno para Nazaré. Nos Capítulos 1 e 2 do livro de Lucas (*Id.*, *Ibid.*, p. 1787-1791), por sua vez, o Espírito Santo aparece, atuando em tal narrativa, como responsável pela encarnação de Jesus no ventre de Maria, o que sinaliza à sua divindade, sendo que, no Capítulo 3 do livro de Mateus (*Id.*, *Ibid.*, p. 1708), ele se revela como “pomba” para Jesus, após seu batismo.

Retomando a interpretação de Evandro, teria então um outro motivo para o Espírito Santo (a pomba) ter sido colocado no topo da sua bandeira, tendo em vista seu papel na iluminação dos caminhos dos Três Reis (como luz, estrela) e na salvação de Jesus das crueldades de Herodes, o que possibilitou o milagre de Deus em todo esse processo de revelação do Cristo. A partir disso, e pela bandeira, os devotos seriam guiados. Ao carregarem o objeto nas romarias, por sua vez, levam consigo a narrativa sagrada que se impõe como um elemento primordial à festa. Portanto, a narrativa é comunicada ao longo do ritual (do jantar de saída à festa de chegada da bandeira e coroação dos festeiros) e pode ser reinterpretada através da própria pintura do seu pano, pelas músicas, versos e bate papos compartilhados entre

celebrações e, como se pôde apreender com o mestre Evandro, a partir de objetos que lhe são anexados, os quais reavivaram memórias de relações de parcerias (episódio de reerguida da festa) e de afeto (a pomba, presente do tio de Evandro), que compreendem e dão sentido à histórias de vida na festa e, portanto, ao bem cultural. Daí os significados atribuídos ao objeto sagrado nas “Folias” ou “Festa de Santo Reis”.

Nesse ponto, é interessante retornar à frase de Evandro com relação às terminologias da festa: “Falava *Folia de Reis*, mas nós fala *Festa de Santo Reis*” (FERESIN, 2019) para apontar que Evandro atuou como ministro de eucaristia na Paróquia da comunidade de Ribeirão Grande desde 2001, experiência que pode ter sido agregada às releituras sobre a festa e bandeira. Ademais, o desuso do termo “Folia” e a própria utilização do termo “romaria”, para identificar as jornadas do grupo junto à bandeira, podem sinalizar relações estabelecidas entre os foliões de Ribeirão Grande e Igreja no cotidiano da festa de Santos Reis desde o início do século XXI, sobretudo, após construção do Centro Comunitário do bairro em 2002, local onde passou-se a realizar a festa *de saída* e de sua *chegada da bandeira*, passando também a se realizar uma missa nesse último momento da celebração.

Por outro lado, o uso da identificação mais respeitosa sobre a festa e o conhecimento de Evandro sobre a bíblia reforçam sua Bandeira e o seu papel¹³⁵ nela (como responsável e mestre). Foi nesse sentido que as memórias de Evandro deram também suporte a esse texto, viabilizando conexões de “fatos de memória” importantes à (re)construção das memórias e identidade da festa no local. No entanto, não se pode perder de vista o papel dos filhos de Acácio Batista Leite e Julieta Pereira Ramos Leite nos rumos da preservação da tradição no local, pois eles são ainda os proprietários do lugar onde a festa está sendo realizada em Ribeirão Grande/Ourinhos desde o início do século XXI.

3. 2. 1 O jantar de *saída* da bandeira

O jantar de *saída* da bandeira marca o início da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos. Ele é organizado pelos festeiros coroados no ano precedente e realizado no Centro Comunitário do Bairro de Ribeirão Grande. Para a celebração, geralmente realizada no sábado posterior ao Dia das Mães, no mês de maio, são convidados familiares e amigos dos festeiros, e demais pessoas que fazem parte da tradição no local. Eventualmente, aparecem simpatizantes do festejo, os quais são bem recebidos pelos devotos, primeiro porque, para eles,

¹³⁵ Importante dizer que quando liguei na Associação da Comunidade para saber sobre as Folias de Reis (para então começar meu projeto de estudos no local), o primeiro contato que me passaram foi o de Evandro.

a união do povo é a essência da festa, e segundo, porque a vinda de novas pessoas valoriza e visibiliza a prática, o que pode contribuir à sua preservação.

O cardápio da refeição é composto por churrasco de carne de boi, porco e frango fritos no tacho, batatas ao molho e/ou maionese, arroz, macarrão, virado de feijão, salada de repolho e algum doce caseiro. O preparo, por sua vez, requer uma equipe que, a pedido dos festeiros, divide-se em subgrupos para cortar os alimentos, assar e fritar as carnes e fazer os demais cozimentos. Além disso, algumas pessoas são direcionadas para fazer a limpeza do local, reorganizar o presépio e acertar o cerimonial religioso do terço.

Tanto a refeição inicial, quanto as demais despesas de transporte com os foliões na romaria, ficam a encargo dos festeiros, o que requer um planejamento do seu orçamento particular. Para amenizar suas despesas na festa, os festeiros vendem bebidas (água, cerveja e refrigerante) no bar do Centro Comunitário. Sobre esse assunto, Mario Batista Leite (2019) conta que outra possibilidade de ajuda financeira é a busca de patrocínios que, conseqüentemente, vem acompanhada de banners ou faixas com propagandas ou parabenizações à tradição (de representantes de comércios, do poder público). Ademais, como se trata de “uma comunidade muito unida”, ocorre de seus próprios membros organizarem-se para ajudar os festeiros a cumprirem sua promessa aos Santos Reis.

Em ocasião do jantar de 4 de maio de 2019 estavam presentes cerca de 150 pessoas, iniciando-se a cerimônia aproximadamente às 17 horas, com a reunião do grupo de músicos e palhaços em frente ao presépio, que simboliza a chegada e a adoração dos Três Reis ao menino Jesus, sendo essa representação material exposta no interior do Centro Comunitário ao longo do ano.

A fotografia a seguir ilustra o presépio formado pela imagem dos Três Reis Magos (identificados como Gaspar, Belchior e Baltazar, os “Três Reis do Oriente” são representados de forma: idade, cor da pele, tamanho), Jesus (Jesus recém-nascido e Jesus já crucificado), José, Maria, Anjo Gabriel, pastores e animais (camelos, ovelhas, boi), além de imagens de santos de devoção da comunidade, como é o caso da Nossa Senhora da Aparecida. Acima do presépio, encontra-se um balão em formato de estrela (a Estrela do Oriente) e o galo que, segundo os versos das músicas, abriu suas asas e cantou para anunciar o nascimento do Rei dos Judeus, o salvador. Na fotografia também fica perceptível todo o carinho depositado nesse altar-presépio, com flores, panos, velas e demais decorações que alegrem e tornam especial o cenário simples em que se imagina ter ocorrido o nascimento do menino-Deus. Não por acaso, a bandeira de Ribeirão Grande, a guia dos devotos, aguarda nesse local a sua retirada para a saída às romarias.



Figura 12: Presépio da Comunidade do Bairro de Ribeirão Grande/Ourinhos, em ocasião da saída da bandeira de Santos Reis. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande - Ourinhos, 04/05/2019.

A partir da reunião dos devotos e foliões nesse ambiente sagrado, a bandeira passa a ser segurada pelos festeiros que, junto aos presentes, ouvem a saudação/adoração ao presépio, que se chama de *Presépio*, *Declamado* ou *Profecia*. Tal música, cantada pelo grupo de romeiros, foi filmada¹³⁶ e transcrita (com indicações de algumas particularidades: nome da função de quem profere, instrumentos musicais presentes no dia e observações sobre movimentos do grupo), como se notará abaixo:

- 1- Meu amigo, irmão festeiro, aqui contigo eu vou cantar olêlarai – *mestre (viola)*
 Ôi escuta que eu vou cantar ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)* (Nessa ocasião, o mestre Zequinha ajuda na função do *contramestre*)
 Ôôô – *tala (viola), contratala*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 2- Vai chegando no presépio ai, para a mãe poder saudar olêlarai – *mestre (viola)*
- 3 - Ôi para “nóis” poder saudar ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratala*
 Aiii – *grito (2 pessoas)* (Observou-se o grupo aproximando-se do presépio, os palhaços sem suas máscaras, e os festeiros segurando a bandeira em frente ao presépio)

¹³⁶ É possível visualizar a saudação ao presépio, realizada pelo mestre José Teodoro de Araújo Filho (Zequinha), no link: <https://www.youtube.com/watch?v=vS0faLFRGGM>. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Bairro rural de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP, 04/05/19.

4 - Eu levei nossa bandeira, pra no presépio apresentar, vou pedir pros companheiros, para o presépio saudar ai ai – *mestre*

Para o presépio saudar ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

5 - A cidade está de pé, ai com o nome de Nazaré, existia uma virgem, por estar de muita fé ai ai – *mestre (viola)*

Por estar de muita fé ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

6 - Cidade de Nazaré, era onde ela vivia, tua beleza vinha de dentro e seu nome era Maria ai ai – *mestre (viola)*

Seu nome era Maria ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

7 - O anjo então saudou Maria, um gesto feito de agir, tú és divina entre as mulher, o senhor está contigo ai ai – *mestre (viola)*

O senhor está contigo ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

8 - Maria não entendeu, pro serviço prometido, o que ia ser concebido, que era o prometido ai ai – *mestre (viola)*

que era o prometido ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

9 - Abre asa e canta o galo, quando o salvador nasceu, os anjos cantou lá longe, já nasceu o menino Deus ai ai – *mestre (viola)*

já nasceu o menino Deus ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

10 - E apontou a estrela, ai que vinda do Oriente, é o sinal que foi nascido, nosso Deus onipotente ai ai – *mestre (viola)*

nosso Deus onipotente ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

11 - Maria segue o caminho, com divina devoção, escapou do reis Herodes e da tua traição ai ai – *mestre (viola)*

e da tua traição ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

12 - Abençoada era a árvore, foi que Maria se escondeu, a vingança do demônio, que ia matar o filho seu ai ai – *mestre (viola)*

que ia matar o filho seu ai ai – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*

Ôôô – *tala (viola), contratala*

Aiii – *grito (2 pessoas)*

- 13 - Abençoado era o caminho, foi que pegou nosso senhor, também foi libertador, pra escapar dos traidor aiai – *mestre (viola)*
 pra escapar dos traidor aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 14 - Encontraram no caminho, um batalhão de soldados, São José falou pra virgem, vamos ser interrogado aiai – *mestre (viola)*
 vamos ser interrogado aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 15 - Encontrou o rei dos judeus, o que é que vem aí, é o filho Jesus, que nasceu pra nos servir aiai – *mestre (viola)*
 que nasceu pra nos servir aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 16 - Escute o rei dos judeus, o senhor pode passar, se for o Divino Santo, nós não ia lhe faltar aiai – *mestre (viola)*
 nós não ia lhe faltar aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 17 - Ocorrido do presépio, foi na cidade de Belém, [inaudível] e da sua mãe também aiai – *mestre (viola)*
 e da sua mãe também aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 18 - Os Três Reis do Oriente, caminharam sem parar, cada um levou um presente, para o menino Deus saudar aiai – *mestre (viola)*
 para o menino Deus saudar aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 19 - Foi na hora da visita, vocês podem ajoelhar, que do céu é o Reis Santo, lá do céu vai abençoar aiai – *mestre (viola)* (*aqui os palhaços se ajoelham, o que os sinaliza como os próprios Santo Reis – soltam rojões*)
 lá do céu vai abençoar aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 20 - Santo Reis fez a visita, seu presente ofereceu, que esse é o rei dos judeus aiai – *mestre (viola)*
 que esse é o rei dos judeus aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*
- 21 - Hoje que faz a visita, seu presente também deu, mirra foi por ser homem, ouro e incenso por ser Deus aiai – *mestre (viola)*
 ouro e incenso por ser Deus aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
 Ôôô – *tala (viola), contratata*
 Aiii – *grito (2 pessoas)*

22 - Santo Reis deixou seu nome, o primeiro é Gaspar, o segundo é Belchior e o terceiro é o Baltazar aiai – *mestre (viola)*
o terceiro é o Baltazar aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
Ôôô – *tala (viola), contratata*
Aiii – *grito (2 pessoas)*

23 - Vou voltar pra nossa terra, por caminho diferente, pra enganar o reis Herodes e tornar ao Oriente aiai – *mestre (viola)*
e tornar ao Oriente aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
Ôôô – *tala (viola), contratata*
Aiii – *grito (2 pessoas)*

24 - Voltaram pra vossa terra, que na luz no Santo Espírito, foi na paz de sua terra, chegaram no dia 6 aiai – *mestre (viola)*
chegaram no dia 6 aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
Ôôô – *tala (viola), contratata*
Aiii – *grito (2 pessoas)*

25 - No dia 6 de janeiro, nesta data é festejado, que o menino nasceu, pra salvar nossos pecado aiai – *mestre (viola)*
pra salvar nossos pecado aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
Ôôô – *tala (viola), contratata*
Aiii – *grito (2 pessoas)*

26 - Já saudei o seu presépio, já cumpri com a obrigação, vocês podem levantar, tira o joelho do chão aiai – *mestre (viola) (Palhaços levantam)*
tira o joelho do chão aioi – *contramestre (cavaquinho), contrato (caixa), contratinho (violão)*
Ôôô – *tala (viola), contratata*
Aiii – *grito (2 pessoas)*
Viva viva!

A música entoada pelo mestre Zequinha apresenta 26 versos que dialogam com os elementos ora representados no presépio, assim como dialogam com leituras da narrativa bíblica¹³⁷ que, misturadas à tradição oral acerca da devoção, constituem todo o embasamento da festa de Santos Reis¹³⁸. A partir dessa canção, nota-se a relevância atribuída à figura do *mestre*, visto que é ele quem “puxa os versos” e os demais músicos e personagens da romaria, contextualizando todo o público da festa sobre sua história.

Na canção propriamente dita é apresentada toda a imaginação social do que foi o milagre da vinda de Cristo (o salvador/Deus onipotente), sendo este gerado no ventre de uma virgem que, após concebê-lo, fugiu junto à (São) José, pois seu filho estava ameaçado de morte pelo Rei Herodes, o qual não permitiria a existência de um Rei mais poderoso, naquele local e tempo.

¹³⁷ Os versos do mestre Zequinha demonstram releituras dos textos bíblicos de Mateus 2-3 (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1705-1706) e Lucas 1-2 (*Id., Ibid.*, p. 1787-1791), sendo as interpretações sobre a história e significados da festa similares a aquelas apresentadas mais acima, a partir do mestre Evandro.

¹³⁸ Já fiz uma contextualização da história da devoção e da sua chegada no Brasil na Introdução da tese que aponta, por exemplo, algumas das explicações sobre os dias de realização das festas.

Em versões consultadas sobre a festa¹³⁹, na história da fuga surgem personagens como os guardas convertidos do rei Herodes que, na festa, são representados pelos palhaços/bastiões. Daí, por exemplo, a orientação dada a eles no vigésimo sexto verso, para se levantarem, pois desde o início da chegada do grupo no presépio, eles prontamente se colocaram e permaneceram de joelhos frente ao menino Jesus, o que demonstra o gesto de conversão – de reconhecimento da divindade de Jesus – no presépio. Já suas roupas e máscaras, serviriam para distrair possíveis ameaças a Jesus, estas surgidas na história da fuga ao Egito. Suas máscaras, inclusive, devem ser retiradas quando os personagens se deparam com a imagem de Jesus ou com o presépio, sinalizando que, diante do salvador, até os mascarados (aqueles que já estiveram a serviço do mal) se arrependem. Outra informação a se adicionar sobre os palhaços é que, ao longo de todo ritual, ao menos um deles deve ficar próximo a bandeira, o que representa sua guarda/proteção a ela (e conseqüentemente a Jesus), visto que o objeto não só orienta os caminhos dos personagens da festa (como se fosse a própria Estrela Guia), mas simboliza o menino-Deus e sua família.

Ainda sobre os versos transcritos, nota-se também uma não linearidade narrativa em tal história, sendo que, por exemplo, após a citada trama da fuga, retoma-se no décimo oitavo verso, ao momento em que os Três Reis adoraram Jesus com seus presentes. A partir daí, no entanto, anunciam os nomes desses personagens reconhecidos como Santo Reis (Gaspar, Belchior e Baltazar), assim como a orientação dada aos palhaços para que estes se ajoelhem. Nesse ponto, o curioso é que os palhaços podem ser entendidos como os próprios Magos (que, no caso, são os sujeitos que se converteram à Cristo e colaboraram à fuga de Jesus), variação interpretativa que se notou nas explicações sobre esses personagens nas entrevistas. Dentro dessa segunda versão, aponta-se ainda que, após enganarem Herodes (vigésimo sexto verso), Santo Reis retornou e chegou no Oriente no dia 6, momento em que teriam feito a festa. Daí a explicação do dia de Reis em 6 de janeiro e, ao mesmo tempo, a contradição com a data a que passaram a realizá-la em Ribeirão Grande em função da ajuda de cantores que também pertencem a outras bandeiras, como é o caso do mestre Zequinha (que como já se demonstrou, aprendeu a função de mestre em Bandeira de São Pedro do Turvo, local onde a festa está aparentemente enfraquecida).

Para suas cantorias, por seu turno, os músicos da romaria formam um círculo onde se respeita uma hierarquia de vozes/posições chamadas de *mestre/maestro* (canta a primeira voz e toca viola), *ajudante/contramestre* (canta a segunda voz e pode tocar viola, violão, cavaquinho

¹³⁹ Falo aqui dos estudos levantados na tese acerca do tema das Folias de Reis.

ou bumbo/caixa), *contrato/contralto/contratão* (canta a terceira voz e pode tocar bumbo/caixa), *contratinho* (canta a quarta voz e toca cavaquinho), *tala* (canta a quinta e toca violão ou bumbo/caixa), *talinha* (canta a sexta voz e toca pandeiro) e *grito/fininho* (canta a sétima e última voz) (BAPTISTA, 2019; FERESIN, 2019; FILHO, 2019; NOGUEIRA, 2019). Tal identificação, a quantidade de cantores no grupo e em cada uma das vozes do grupo, bem como os instrumentos utilizados nas músicas, variaram nas entrevistas concedidas e nas observações em campo¹⁴⁰. Os demais músicos/vozes/posições, entretanto, precisam ter “bom ouvido” e “fôlego”; ou seja, habilidades para entenderem os sinais e as palavras do seu mestre/maestro, repetindo os versos de forma nítida e encaixando suas vozes em uma sequência sonora que se inicia do tom mais grave (o do mestre/maestro) ao mais agudo (o do grito/fininho).

Depois dos versos de Saudação e saída da bandeira, um terço organizado por mulheres foi iniciado. Seus mistérios, por sua vez, foram anunciados em cantoria orientada pelo mestre Arnaldo Borges Baptista. Tal momento foi, em parte, filmado¹⁴¹ e transcrito:

1 - Pra nós louvar a Santos Reis e o nascimento de Jesus oi ai
e o nascimento de Jesus oi ai
Ôôô
Aiii
2 - A Jesus e Santos Reis, suas as benção quero pedir oi ai
suas as benção quero pedir oi ai
Ôôô
Aiii
3 - Que abençoe vosso festeiro e todos nós que estamo aqui oi ai
e todos nós que estamo aqui oi ai
Ôôô
Aiii
4 - Agora chamo a rezadeira, para o terço vir rezar oi ai
para o terço vir rezar oi ai
Ôôô
Aiii
5 - E a todos aqui presentes, para nos acompanhar oi ai
para nos acompanhar oi ai
Ôôô
Aiii
Viva.

Dos versos acima é importante destacar a chamada da rezadeira para o terço (quarto verso), visto que essa é uma das funções que integra o ritual da Bandeira de Ribeirão Grande.

¹⁴⁰ Entre os levantamentos feitos nas pesquisas das Folias de Reis do estado de São Paulo também se notam essas variações.

¹⁴¹ O canto para anunciar o terço (mestre Arnaldo Borges) pode ser visualizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=X98PHKXs7xc>. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande - Ourinhos/SP, 04/05/19.

À rezadeira cabe a orientação do terço nas ocasiões de saída, chegada e de entrega da bandeira na festa de coroação dos festeiros. Na última ocasião, sobretudo, sua liderança se estende à outras mulheres que desenvolvem o papel da decoração dos ambientes sagrados (presépio, local da missa, capela) e das demais rezas e músicas realizadas em romaria com andor, conforme se verá mais à frente.

Finalizado o ritual religioso com o terço, o público festivo deslocou-se para a parte externa do Centro Comunitário, local onde o jantar foi servido. Antes da refeição, porém, o festeiro Ivo agradeceu a presença dos companheiros que já o ajudaram e que ainda ajudariam a fazer a Festa de Santos Reis (como ilustra a fotografia – Figura 13). Além dos agradecimentos e homenagens ao público presente naquela ocasião, orações e canções foram entoadas pelos músicos da romaria, a fim de abençoar a mesa farta de alimentos e de louvar o momento de união comunitária. Em seguida, uma fila se formou para a retirada dos alimentos e, o jantar em si, desdobrou-se com músicas de rádios dos carros, bebidas vendidas no bar e muita conversa e diversão entre os presentes.



Figura 13: Agradecimentos do festeiro em ocasião do jantar da festa de saída da bandeira de Ribeirão Grande/Ourinhos. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande, Ourinhos/SP, 04/05/2019.

3. 2. 2 Da romaria à entrega da bandeira

As romarias de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos são realizadas aos sábados e, eventualmente, nos domingos e feriados posteriores ao jantar de saída da bandeira. Em geral, das 9 até às 18 horas, a bandeira e os romeiros circulam em casas de devotos dos Santos Reis, que pertencem aos bairros rurais e urbanos de Ourinhos e de cidades do seu entorno (São Pedro

do Turvo, Ribeirão do Sul, Campos Novos Paulista, Ibirarema e Salto Grande). Os almoços são previamente marcados pelos festeiros, que também se responsabilizam por alugar um micro-ônibus ou kombi/perua, e pagar um motorista para buscar e levar os músicos e palhaços de São Pedro do Turvo, bem como para transportar os demais foliões que ajudarão na romaria e que não possuem transporte próprio.

Na romaria de 18 de maio de 2019 foi observada a presença de devotos que, com seus meios de transporte particulares, acompanharam a circulação da bandeira e contribuíram com a boa caminhada do grupo, seja disponibilizando-se para carregar o objeto ou a sacola com bebidas para servir os foliões (água, conhaque e demais bebidas que, inclusive, podem ser ganhadas ao longo do dia), seja ajudando os festeiros na anotação dos donativos/prendas arrecadadas e no carregamento das arrecadações (que pode ocorrer no próprio dia de visita ou mesmo em data posterior). Além disso, o que se percebeu é que alguns romeiros também auxiliaram nas músicas e na própria função do palhaço, quando os membros oficiais se sentiam cansados.

Vale dizer que o caderno utilizado nas romarias para a anotação dos donativos/prendas é de propriedade dos festeiros, não constituindo um livro único e de controle da Bandeira. Desse modo, eles podem ou não ser utilizados à futuras prestações de contas, o que também me impediu de ter acesso a um possível histórico com tais informações.

Voltando às romarias, tanto no ambiente urbano quanto no rural, é costume os acompanhantes do grupo estacionarem seus carros em um determinado local e seguirem a bandeira a pé. No caso das cidades, ocorre ainda desse grupo (que varia a quantidade de acompanhantes ao longo das romarias) ser convidado a entrar em casas onde não houve um agendamento prévio, quebrando o protocolo de visitas que, geralmente, é feito em casas de pessoas acostumadas a receber a bandeira. Nos caminhos percorridos, no entanto, um dos palhaços precisa estar à frente do grupo, de modo a proteger sua bandeira e a oferecer a sua visita e a dos romeiros aos lares. A fotografia a seguir demonstra uma chegada da bandeira na casa de uma devota moradora da Água Suja, bairro rural de São Pedro do Turvo. Nela, ilustra-se que o objeto foi, inclusive, entregue por um dos palhaços.



Figura 14: Palhaço entrega a bandeira para a dona da casa em dia de romaria. Foto: Rafaela Sales Goulart. Água Suja, São Pedro do Turvo/SP, 18/05/2019.

Ao adentrarem no ambiente particular dos devotos, os romeiros geralmente se organizam em um círculo que, em músicas, saúda e dá boas-vindas aos presentes no local, assim como versa sobre possíveis presépios, imagens de santos, acidentes do percurso, doenças, falecimentos, nascimentos, boa colheita, chuva, milagres etc. Depois de uma primeira roda de música entremeada a brincadeiras, conversas e danças dos palhaços, os últimos assumem novamente o diálogo com proprietários das casas, solicitando uma doação que é repassada para o mestre/maestro, o qual faz uma nova rodada de versos cantados em agradecimento a ela.

Um trecho da também chamada *visitação* foi filmado¹⁴², sendo sua música transcrita:

1-Deus te salve casa santa e a hóstia consagrada “olêlarai”
 “Ôi” e a hóstia consagrada “ai” “ôi”
 Nessa linda moradia, onde Deus faz a morada “olêlarai”
 “Ôi” onde Deus faz a morada “ai” “ôi”
 Os Três Reis está chegando, senhora foi encontrar “olêlarai”
 “Ôi” senhora foi encontrar “ai” “ôi”
 Eu notei que é devota, só no jeito de olhar “olêlarai”
 “Ôi” pelo jeito de olhar “ai” “ôi”
 Vem trazendo a boa nova, o seu lar abençoar “olêlarai”
 “Ôi” o seu lar abençoar “ai” “ôi”
 Faz visita e pede oferta, pra nossa festa fazer “ai”
 Pra nossa festa fazer “ai” “ôi”
 A oferta que der “ai”, cantaremos com prazer “ai”

¹⁴² O ritual de visita nas romarias pode ser visualizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=gnhAtSWaXjM>. Vídeio: Rafaela Sales Goulart. Água Suja, São Pedro do Turvo/SP, 18/05/2019.

Cantaremos com prazer “ai” “ô”

[...]

2- Vamos agradecer a oferta “ai”, sendo ela em alimento “ai”

Sendo ela em alimento “ai ai” “ô”

Os Três Reis lhe dê fartura “ai”, pela sua casa adentro “ai”

Pela sua casa adentro “ai ai” “ô”

Deve ser abençoada “ai”, toda as horas e os momentos “ai”

Toda as horas e os momentos “ai ai” “ô”

[...]

3- Vamos agradecer a oferta “oilai”, que foi dada repetido “ai”

Que foi dada repetido “ai ai” “ô”

Deve ser recompensada “oilai”, pelo nosso Santo Reis querido “ai”

Pelo nosso Santo Reis querido “ai ai” “ô”

[...]

4- Vamos agradecer a oferta nesse dia e nessa hora,

os Três Reis “ponhando bento” com Jesus de Pirapora “olararei larai”

com Jesus de Pirapora “oi” “ô”

Vou tornar a agradecer pela oferta que foi feita, deve ser bem ajudada com Divino Santo Reis “olararei larai”

com Divino Santo Reis “oi” “ô”

[...]

5- Vamos agradecer a oferta, uma oferta a agradecer

deve ser recompensada por o Santo Reis verdadeiro “olararei larai”

o Santo Reis verdadeiro “oi” “ô”

Vou tornar a agradecer de todo o meu coração

os Três Reis “ponhando bento” com a Virgem da Conceição “olararei larai”

com a Virgem da Conceição “oi” “ô”

[...]

6- Essa senhora deu a oferta “olêlarei olêlarai”

essa senhora deu a oferta “olêlarei olêlarai”, a nota de dez reais

a nota de dez reais “olêlarei olêlarai” “ô”

O Santo Reis pague as oferta “olêlarei olêlarai”

nossos Três Reis pague as oferta “olêlarei olêlarai”, nosso pai celestial “olarai”

nosso pai celestial “olêlarei olêlarai” “ô”

[...]

7- Se despede da bandeira “ôlarai oi”, ela tem que viajar “ai”

se despede da bandeira “ôlarai”, ela tem que viajar “oi ai” “ô”

O Divino bateu asas “ôlarai oi”, nós temos que viajar “ai”

o Divino bateu asas “ôlarai”, nós temos que viajar “oi ai” “ô”

O Divino da bandeira “ôlarai oi”, transformou-se num pombinho “ai”

o Divino da bandeira “ôlarai”, transformou-se num pombinho “oi ai” “ô”

E soprou nos meus ouvidos “ôlarai oi”, pra nós seguir nosso caminho “ai”

e soprou nos meus ouvidos “ôlarai”, pra nós seguir nosso caminho “oi ai” “ô”

Senhora dona da casa “ôlarai oi”, canto com meu coração “ai”

senhora dona da casa “ôlarai”, canto com meu coração “oi ai” “ô”

Você fica convidada “ôlarai oi”, pra festa na Barra do Ribeirão “ai”

você fica convidada “ôlarai”, ... na Barra do Ribeirão “oi ai” “ô”

Viva viva!

No vídeo disponibilizado em nota, percebe-se que na visita havia dez músicos, ocupando (inicialmente) três deles a posição do *grito/fininho*, dos quais dois, tocavam o bumbo e o pandeiro, sendo a viola e o violão tocados, respectivamente, pelo mestre e contramestre. Na

gravação, percebe-se também o som de espadas sendo batidas, sendo estes provenientes da dança dos palhaços. Outra observação interessante é a forma como o mestre Zequinha conduz sua performance com a viola, fazendo lembrar Tião Carreiro, um consagrado nome da história da música sertaneja. As palavras destacadas na transcrição da música, por seu turno, lembram versos e melodia presentes em canções como “Calix Bento”¹⁴³ (composição de Tavinho Moura, sendo um dos intérpretes: Milton Nascimento) e “Reisado”¹⁴⁴ (composição de Teddy Vieira, sendo um dos intérpretes a dupla: Pena Branca e Xavantinho), as quais são baseadas em expressões do folclore brasileiro. Ademais, vale dizer que a filmagem contemplou uma das primeiras visitas do dia, o que evidencia a quantidade e o “fôlego” dos cantores diante da câmera.

O ritual ora descrito é feito de forma semelhante nas demais casas visitadas. Em geral, o grupo inicia e segue seus cânticos até que as doações se findem e que o palhaço avise ao mestre sobre o encerramento das arrecadações. Assim, mais uma vez o mestre é guiado pelo palhaço, para que este faça seus últimos agradecimentos e, eventualmente, o convite à festa de Ribeirão Grande (também chamada de Barra do Ribeirão). Ao final das músicas, também ocorre de os donos da casa servirem lanche e bebidas para os romeiros.

Vale dizer que as canções que se criam nessas rodas musicais podem surgir tanto da experiência, subjetividade e percepção do mestre, quanto da orientação dada a ele e aos demais presentes na Bandeira. Na imagem a seguir (Figura 15), por exemplo, o grupo foi informado de que, naquela casa, os devotos haviam perdido um ente querido. Em memória ao falecido, os palhaços se colocaram de joelhos e o mestre entoou versos em sua homenagem, solicitando, em certo momento da canção, que eles se colocassem em pé novamente.

¹⁴³ Ouvir “Calix Bento” em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ryuWc91WPg>. Acesso: 11 out. 2022.

¹⁴⁴ Ouvir “Reisado” em: <https://www.youtube.com/watch?v=EKKXveuXzwfc>. Acesso: 11 out. 2022.



Figura 15: Palhaços se ajoelham em memória aos falecidos familiares dos proprietários da casa. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão do Sul/SP, 28/12/2019.

Além das músicas e da troca de músicos e de instrumentos ao longo das romarias, a performance dos palhaços também varia. Além de cumprirem a obrigação de retirarem suas máscaras e de se arrependem frente aos possíveis presépios, assim como de pedirem a própria entrada do grupo nas casas, esses personagens costumam receber desafios feitos pelos proprietários das casas, o que geralmente ocorre em locais onde a oferta é grande, com doação de uma grande quantia de alimentos, incluindo cabeça de gado ou de porco¹⁴⁵. Nesses momentos, tais personagens exercem seus saberes sobre a própria Profecia e retomam costumes que envolvem a tradição, reproduzindo falas, versos, danças diferenciadas¹⁴⁶ e lutas que hoje consideram como palhaçadas. Os gestos e expressões representam todo o imaginário que envolve a celebração, servindo também como forma de agradecimento ou mesmo como maneira de redimirem possíveis erros cometidos e que são apontados pelos doadores.

Ao recordar “as provas” que já enfrentou na função de palhaço, Osvaldo José dos Santos (2019) conta:

¹⁴⁵ A performance do palhaço ao receber uma leitoa como doação pode ser visualizada em: <https://www.youtube.com/watch?v=R9Ne-bx7okM>. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Água Suja, São Pedro do Turvo/SP, 18/05/2019.

¹⁴⁶ Uma das danças feitas pelos palhaços é conhecida como “corta jaca”. No *link* a seguir é possível consultar tal performance feita por palhaços na festa de Santo Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos: <https://www.youtube.com/watch?v=kOebW3EeocI>. Fonte: DVD 2008, 02:15:00-02:15:40, editado por Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos, 26/07/2008.

[...] a Barra tinha um home lá, nós chegava lá: “ô patrão, dá licença?”. “Pode chegar!”. Mas ele não ponhava a cara pra fora, ele tá dentro da casa, se fosse um paiacinho, quarquê paião mais simples, chegava, chegava e já tramava o paião no canto. O que que ele fazia: ele chegava a vesti roupa de paião e esperava lá dentro. Então, quer dizer, vai encontrar dois, quer dizer, vai dá briga. A gente fala briga, mas é... tudo nas brincadeira né. [...] Esconder dinheiro na parede, naquele tempo escondia. E ocê tem que tá... o paião tem que tá atento a tudo isso. [...] se pergunta “Ah não, adonde cês vem vindo?”. [...] tem que responder: “Nós vem vindo do Oriente e tal”. Eu enrolo bastante pra depois responder né, mas eu respondo, mas eu enrolo bastante pra fazer graça né. “Ah patrão, nós vem de muito longe, tamo cansado já, donde nós veio e tal...”. “Não, mas eu quero saber da onde que vem então”. Então, daí eu respondo [...] “Nós vem vindo do Oriente”. “Ah tá bom, então tá bom”, aí fica naquilo. Agora tem outros que pergunta: “E pra donde cês vai?”, tipo se a gente não entende: “Ah, nós vai seguindo pra cá, pro bairro, nós vamo na casa de fulano”, né. Tá errado tamém! “Pra onde cês vai?”. “Nós vai pra Belém”.

Oswaldo conheceu as Folias de Reis através de seus tios (Vergílio Pedroso; Ataliba Pedroso – contrato; Zé Pedroso – maestro/viola; Zeca Pedroso; Abel Pedroso), primos e amigos (Zé Lopão – maestro; Gonçalves) do bairro de Piracanjuba, no município de São Pedro do Turvo. Começou a se vestir de palhaço aos 15 anos de idade, idade em que muitos jovens entravam nas companhias. Segundo o folião, seu tio Vergílio o teria trancado no quarto com mais alguns garotos e, de lá, só saíam se estivessem vestidos. Este era um costume dos mais antigos, prender umas 5 ou 6 crianças no quarto, sendo que 2 delas saíam de lá vestidas e as outras aguardavam a Companhia sair da casa para serem liberadas. Isso era feito para que os palhaços não fossem reconhecidos durante o giro. Uma curiosidade contada por Oswaldo é que os foliões não saíam de viagem sem levar seus litros de pinga, inclusive, diz que seu próprio tio Vergílio levava um picuá com a bebida e, embora essa fosse uma de suas funções no grupo, todos o respeitavam muito.

Atualmente, Oswaldo é o responsável pela Folia de Reis de São Pedro do Turvo, atuando também na função de palhaço. O folião comenta que a festa está em processo de registro na prefeitura de São Pedro do Turvo. Entretanto, os festeiros aguardam a assinatura de um folião para findarem esse processo. Afirma ainda que, nos últimos tempos, tem sido difícil realizar as festas na cidade, sobretudo, pelos gastos com transportes nas viagens e por não haver uma nova geração interessada na tradição.

Oswaldo aponta a importância da função do palhaço numa *Companhia*. Além de pedir o *gitório* (*prendas*), ele é o guardião da bandeira e, portanto, deve conhecer bem seu papel. Para isso, o folião aponta que anota algumas experiências apreendidas em festas e também o que

conhece assistindo TV, missa ou ouvindo rádio. Tais informações ajudam nos seus estudos e memorização sobre dados da festa, o que é pertinente caso haja desafios a serem enfrentados nas visitas, conforme ele contou no excerto.

As doações maiores e as brincadeiras, por seu turno, geralmente ocorrem nas casas onde são oferecidos os almoços, pois são nelas que o grupo pousa por um tempo maior. Nessas ocasiões, a ritualística é mais extensa e muitas vezes exige a participação de mais cantores e palhaços, pois precisam criar versos específicos para cada movimento da bandeira, dos foliões e de seus instrumentos no local (músicas e performances que remetem à chegada, bênção do almoço, guarda dos instrumentos para o almoço e sua retirada após, fartura e agradecimento da refeição). Após o almoço, que também é intermediado por muita prosa e, inclusive, por modas sertanejas e pagodes¹⁴⁷, iniciam-se as arrecadações, o que faz os foliões literalmente cantarem e dançarem por horas conforme os desejos dos proprietários da casa.

De acordo com Ivo Batista Leite (2019), nas romarias são visitadas uma média de 7, 9 casas por dia, totalizando 90 a 100 casas em toda a jornada. O último dia de viagem, por sua vez, ocorre junto à realização de um “jantar de entrega/encerramento da bandeira”, sendo sua ritualística semelhante ao já descrito “jantar de saída”. Vale dizer que, em 2019, tal evento foi realizado em 20 de julho, data em que oficialmente se inauguraram os preparativos para o encerramento da celebração, conhecida entre a comunidade de Ribeirão Grande como a “festa de chegada da bandeira e coroação dos festeiros”, onde se compartilham, de forma pública e gratuita, os alimentos arrecadados pelos romeiros.

Assim, a semana precedente à festa final exige uma grande e responsável equipe de trabalho, pois funções diversas precisam ser desenvolvidas: os chamados *puxadores de prendas* buscam as arrecadações nas casas dos doadores (aqueles que não a entregaram nas romarias) e as depositam nas dependências do Centro de Lazer; os festeiros e seus ajudantes compram alimentos e materiais que, porventura, não foram levantados na romaria; alguns cozinheiros fazem a matança e limpeza de animais, enquanto outros preparam os alimentos a serem cozinhados; foliões higienizam, organizam e decoram o Centro Comunitário e a Capela do bairro rural.

Muitos desses integrantes responsabilizados pelos preparos e organização da celebração moram no bairro rural de Ribeirão Grande ou em sítios e cidades próximas ao local. Aqueles que precisaram mudar-se para cidades distantes, por sua vez, aproveitam as férias do mês de

¹⁴⁷ É possível ver um trecho de um pagode tocado pelo mestre Zequinha e por um dos seus ajudantes na romaria, em: <https://www.youtube.com/watch?v=OaaRYu1aFmg>. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão do Sul/SP, 28/12/2019.

julho para viajar ao interior, a fim de participar e ajudar na festa, como é o caso de alguns membros da família Palma. Outro destaque a ser dado sobre essa semana que antecede “o encerramento da bandeira” é que, por precisarem estar no Centro de Lazer, a equipe de trabalho acaba realizando suas refeições no local, o que já faz desses momentos uma festa.

Na sexta-feira anterior ao dia em que se encerra o ritual, no entanto, tornou-se comum a reunião do grupo que integra a Bandeira para um jantar no Centro Comunitário. Assim como no jantar da saída da bandeira, este momento é prestigiado por convidados da própria comunidade, destacando-se a presença de representantes públicos. No dia 26 de julho de 2019, por exemplo, o prefeito de Ourinhos e um dos seus vereadores jantaram no local.

A propósito, em sua página na rede social *Facebook*, Lucas Pocay (prefeito entre 2017-2020 e 2021-2024) postou no dia 31 de julho de 2019 o vídeo que sua equipe produziu na ocasião do jantar¹⁴⁸. O título da publicação é: “Visita na organização da Festa de Reis – Parabéns a todos que se dedicam em manter a tradição e muito obrigado pelo carinho recebido”. Ao longo de 1:43 minutos de gravação, ele protagoniza a cena no evento, com cumprimentos ao público, parada para fotos, abraços e essa circulação da pessoa do prefeito permite ainda que se possa visualizar o local da festa e pontos específicos nele, como presépio, cozinha, pessoas cozinhando, alimentos a serem servidos. A montagem do vídeo é acompanhada pela música “25 de dezembro” e, em momentos específicos, ela é interrompida. É o caso dos minutos 00:55 e 1:00, curto tempo em que aquele que seria coroado como novo festeiro (a realizar a festa de 2020) disse: “Ele nos ajuda, ele nos apoia”, ao passo em que está abraçado com mais foliões e com o prefeito. Outro momento que chama atenção do vídeo são os minutos 1:37 e 1:43, onde o prefeito aparece jantando a comida de Santos Reis.

O apoio da prefeitura à festa não foi negado pelos foliões nas entrevistas (empréstimo de máquinas e materiais que auxiliam na infraestrutura da festa). No entanto, é preciso dizer que, entre o que se levantou de documentação acerca das possíveis intervenções do poder público no local, com exceção da menção à Festa de Reis em Ribeirão Grande, que está no calendário de festejos e no plano turístico recente da cidade, nada mais foi constatado. Sobre esse assunto, o então vereador de Ourinhos, Ariovaldo de Almeida Silva (2019), aponta que a comunidade já solicitou o seu apoio na festa. Entretanto, para isso precisaria de documentação para intervir utilizando-se de seus contatos em Brasília. Na sua percepção, tal articulação contribuiria para a preservação dessa importante “festa folclórica” (forma como a identifica).

¹⁴⁸ Lucas Pocay (prefeito de Ourinhos desde 2017) e Ari da Autoescola (vereador na época) aparecem em vídeo realizado no jantar do dia 26 de julho de 2019. Consultar: <https://www.facebook.com/watch/?v=673438353081263>. Acesso: 10 out. 2022.

3. 2. 3 A festa de *chegada* da bandeira e *coroação* dos festeiros

No último sábado do mês de julho, às 3 horas da manhã, rojões abrem a festa de chegada da bandeira e de coroação dos novos festeiros de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos. Depois disso, os alimentos começam a ser cozidos, assados e fritos, sendo armazenados em caixas térmicas e recipientes variados, maneira encontrada para preservá-los com uma boa temperatura e condição, até que o almoço seja servido ao público às 12 horas, aproximadamente. Os pratos que compõem a festa são: macarrão, virado de feijão, arroz, maionese, salada de repolho, carne de boi assada e porco e frango fritos no tacho.

Antes da refeição, no entanto, o padre responsável pela Paróquia a qual pertence o bairro rural de Ribeirão Grande reza uma missa. O culto da eucaristia da Igreja Católica foi adicionado à festa de Santos Reis em voga, após a construção do barracão da Associação em 2002. Assim, costuma-se realizar o cerimonial dentro desse Centro Comunitário, entre 10 e 11 horas, e, após seu término, a Bandeira faz a sua chegada no presépio.

Para a festa em 27 de julho de 2019, o Centro de Lazer foi decorado com bandeirinhas e arranjos coloridos de papel crepom. Houve o enfileiramento de cadeiras que permitiram a disposição do público frente ao altar, sendo este composto por uma mesa e cadeiras que, organizadas atrás desse altar, abrigariam o pároco e seus seminaristas, bem como o grupo de romeiros, com seus músicos, palhaços e festeiros de Santos Reis. Frente ao altar da celebração, havia um corredor onde os celebrantes e convidados iriam passar. Essa passagem foi forrada com papel kraft pardo e, parte do altar, com tecido branco. Ao lado do altar encontravam-se músicos que cantariam as canções da Igreja. Um pouco atrás deles, e ao lado do altar, o presépio continuava no seu cantinho tradicional do Centro de Lazer. Nesse dia de festa de entrega da bandeira, no entanto, ele dispunha de imagens que representavam somente os Três Reis, a Sagrada Família (Jesus, Maria e José), o anjo Gabriel, pastores e seus animais, e galo. Ao seu lado, havia um andor com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito e, na parede, próximo ao altar, encontrava-se um banner que anunciava os festeiros daquele ano. Conforme vídeo gravado na abertura da missa de 2019 e disponibilizado em *link*¹⁴⁹, a ordem de entrada para o cerimonial foi a seguinte: festeiros de 2019 com a bandeira de Santo Reis de Ribeirão Grande; festeiros de 2020 com o mastro de Santo Reis a ser hasteado após a coroação dos

¹⁴⁹ Consultar vídeo de abertura da missa – festa de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos, em: <https://www.youtube.com/watch?v=AUPnPvGqdPg>. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos, 27/07/2019. Na filmagem é possível captar a supracitada decoração do ambiente.

mesmos (ritual que finaliza a festa, o qual descreveremos mais à frente); músicos da romaria, uniformizados e com seus instrumentos musicais; palhaços da romaria com suas fardas, porém sem suas máscaras, e demais palhacinhos que costumam compor a cerimônia final a fim de cumprir promessas de suas famílias ou simplesmente para implementar o colorido e a alegria do dia; padre e seus seminaristas.

Para a missa em si, foi escolhida uma leitura que referenciava a história de Natividade de Jesus. Nesse aspecto, a homilia do sacerdote procurou anunciar a relevância da vinda de Cristo junto à visita dos Magos, bem como a importância do trabalho de evangelização dos devotos de Santos Reis na tradicional festa, a qual relaciona a um catolicismo popular/leigo (visto que os Santos Reis não são oficialmente reconhecidos pela Igreja). Antes de terminar a missa, porém, o padre não só anunciou que a refeição seria caridosamente servida pelos devotos, mas cedeu a palavra para que os festeiros (atuais e aqueles que seriam coroados) pudessem falar. Assim, o festeiro de 2019 fez seus agradecimentos aos presentes; e já o festeiro de 2020 (festa não realizada devido à pandemia do Covid-19), deu seu testemunho sobre a experiência sagrada que vivenciou ao longo das romarias daquele ano, sendo que, em seus últimos dias, fora-lhe revelado o dever de “pegar a festa de Santo Reis”.

Após tais discursos, o pároco retomou a palavra e, em suas últimas declarações, disse esperar retirar a bebida alcoólica do espaço da festa. Ideias que parecem desconhecer, ou querer modificar, algumas das ações empreendidas pelos devotos e foliões ao longo da história da festa de Santos Reis no local. Como já se disse, a venda de bebidas (com ou sem álcool), assim como o aluguel do espaço externo do Centro Comunitário para barracas de comércio, acaba contribuindo ao ressarcimento das despesas da Bandeira e, portanto, para a manutenção da tradição no local.

Aqui abrimos um parêntese para lembrar dois pontos importantes: o primeiro diz respeito à abertura da Igreja Católica às chamadas “piedades populares” a partir do século XXI, o que está relacionado à tentativa da instituição de acolher e “preservar a fé tradicional” (JOHANSEN, 2019, p. 216-217). Já o segundo, são as relações do mestre Evandro e demais sujeitos atuantes na festa de Santos Reis em Ribeirão Grande, como é o caso da rezadeira Creusa. Sendo esses os intermediadores do diálogo e dos acordos do grupo com a Igreja, no que se refere a possíveis disputas no entorno do local da festa. O que se percebe, porém, é que dificilmente as ações do grupo com relação à preservação da sua festa, bem como no caso da comercialização de bebidas que contribuem ao próprio financiamento da mesma, serão desfeitas no local.

Retomando a descrição da festa, terminada a missa e antes de saírem para seu almoço, os músicos da romaria e os demais devotos e simpatizantes da festa se reuniram no entorno do presépio e lá cantaram seus versos em agradecimento ao público e ao almoço, assim como posaram para fotos que registravam aquele importante momento. Duas dessas fotografias foram tiradas por mim e, conforme perceber-se-á, a maioria dos romeiros encontravam-se fardados com uma camisa branca, que apresentava a seguinte identificação: Festa de Reis – Ribeirão Grande – Ourinhos/SP.



Figura 16: Romeiros de Ribeirão Grande na festa de Santos Reis de 2019 - 1. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.



Figura 17: Romeiros de Ribeirão Grande na festa de Santos Reis de 2019 - 2. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.

Na Figura 16, Evandro Feresin (mestre e/ou contratinho e responsável/gerente da bandeira de Ribeirão Grande) destaca-se na imagem vestindo camisa vinho (figura 16). Ao seu lado, ajoelhado e vestindo camisa azul marinho, apresenta-se Mario Batista Leite (ex-festeiro e um dos herdeiros da propriedade da família Palma, onde se localiza o Centro Comunitário, e da tradição da festa iniciada por seus antepassados). Já na Figura 17, na ponta direita da fotografia, vestindo camiseta listrada em azul marinho e vermelho, encontra-se um dos festeiros de 2019, Ivo Batista Leite (irmão de Mario, também pertencente à família Palma). Ao lado de Ivo, por sua vez, pode-se visualizar o mestre José Araújo Filho (mestre Zequinha, de São Pedro do Turvo) e, na esquerda dele, vestindo camiseta azul turquesa, o irmão de Ivo (morador de São Paulo, era outro festeiro daquele ano, junto à Ivo e sua esposa Marilene), que pôde se deslocar à Ribeirão Grande/Ourinhos na fase final da festa.

Além dos registros em campo, filmes de celebrações realizadas nos anos de 2004 e 2008 (DVDs) contribuiriam para que se percebessem algumas continuidades e diferenças na ordem do que se poderia chamar de cerimonial religioso da festa. O material audiovisual, por seu turno, nos foi emprestado em ocasião das romarias, quando conheci um dos primos dos Palma. Em geral, os materiais são encomendados pelos próprios devotos, sendo elaborados com equipamentos e em condições que não se encaixam a uma filmagem profissional. Nos vídeos, apresentou-se a filmagem do que os festeiros consideram como os principais momentos da festa, sendo contemplados: trechos da ritualística religiosa presente desde o jantar de saída da

bandeira à sua entrega e coroação dos festeiros; a paisagem da festa junto aos fazeres da cozinha e os alimentos servidos na festa; alguns depoimentos de personagens da festa (festeiros, mestres etc.) e de pessoas conhecidas entre o público, sendo as falas frequentemente relacionadas à importância da tradição festiva. No material, identificaram-se também os seguintes festeiros: Odair e Alaíde (festa de 2004), Paulo e Rose (festa de 2005), Alexandre e Eva (festa de 2008) e Fátima Palma e Cláudio (festa de 2009), e os seguintes mestres: José Dias e Arnaldo Borges.

Na ocasião da festa de chegada da bandeira de 2004, por exemplo, destacou-se da filmagem a música do mestre da época, José Dias (conhecido como Zé Batista), o qual anunciava a busca do andor na “casa do Antônio Leiteiro”, cerimonial que daria início à festa daquele dia¹⁵⁰. A busca seria “comandada” pela “Dona Creusa” (a rezadeira) que, após cantorias do mestre, e já na casa de Antônio, iniciou um terço desdobrado em “procissão” de retorno ao Centro Comunitário, onde, a partir daí ocorreria a missa e, depois, o almoço (espaço externo do Centro Comunitário) e a cerimônia de Saudação ao presépio (espaço interno do Centro Comunitário), que contempla a saída do barracão para coroação dos novos festeiros (espaço externo do Centro Comunitário).

A ritualística ora descrita foi também evidenciada no filme da festa de 2008. Nessa ocasião, porém, a missa aparentemente não ocorreu, sendo que, após o almoço (que contemplava a apresentação de duplas sertanejas), houve uma nova procissão (da casa de um morador do bairro ao Centro de Lazer), a qual reiniciaria o cerimonial religioso que se findaria com a coroação dos festeiros¹⁵¹.

Ainda conforme vídeo de 2004, observou-se que o andor de Nossa Senhora Aparecida e de São Benedito, elemento particular da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande, é carregado à frente da procissão. Antes dele, aparecem a bandeira e o mastro de Santos Reis, carregados respectivamente pelos festeiros de 2004 e pelos festeiros de 2005. Atrás dos objetos, por sua vez, caminhavam os músicos, palhaços e demais devotos e foliões.

Sobre a peculiaridade da procissão com andor, Creusa da Palma (2020) conta que observa tal costume desde quando se mudou para Ribeirão Grande, em 1982. Com relação à origem do ato, no entanto, a rezadeira diz ter ouvido de sua mãe uma história de que, no passado, os romeiros esqueceram de carregar o São Benedito, o que teria acarretado uma estranha

¹⁵⁰ O canto com mestre Zé Batista pode ser consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXafYPaj-7c>. Fonte: DVD 2004, 00:48:08-00:51:24, editado por Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos, 31/07/2004. O canto foi transcrito por mim e se encontra no Apêndice 6.

¹⁵¹ Consultar canto do mestre Arnaldo Borges e oração da Cleusa para início do terço, após almoço, em: <https://www.youtube.com/watch?v=vmrKb7GYFmg>. DVD 2008, 00:56:26-01:06:06, editado por Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos, 26/07/2008. A transcrição do canto e da reza está disponibilizada no Apêndice 7.

tempestade no meio do procissão, que fez com que os fiéis retornassem para buscá-lo. Depois do ocorrido, nunca mais saíram em qualquer caminhada sem a sua presença. A Nossa Senhora Aparecida, por sua vez, estaria relacionada a outra tradição local, sendo costume realizarem a festa em comemoração a ela e ao dia das crianças, nos feriados de 12 de outubro¹⁵².

Retomando a festa de 2019, seu almoço foi servido entre às 12 e 15 horas, aproximadamente. Nesse momento, com a abertura do bar do festeiro e com a distribuição gratuita dos alimentos, observou-se o aumento do público no local, que passava a apreciar o momento festivo com músicas variadas, advindas de um aparelho de som disponibilizado pela própria organização do evento, e de carros particulares com seus sons. Além desses atrativos, no local havia barracas que comercializam doces e salgados, bem como espaços de diversão para crianças.

A Figura 18 ilustra brinquedos inflados no campo de futebol, localizado na frente do Centro Comunitário. Já a Figura 19 mostra algumas barracas localizadas ao lado do Centro Comunitário e em frente à tenda, onde se servem as refeições da festa.



Figura 18: Brinquedos na festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.

¹⁵² Infelizmente, não consegui mais documentações (inclusive, entrevistas) que reportassem esse assunto.



Figura 19: Comércio na festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.

Ao fundo da Figura 19, percebe-se alguma movimentação de parte do público da festa, que se direcionava à fila de retirada dos alimentos. Na estrutura externa do Centro Comunitário (Figura 9), recebia-se separadamente os devotos que participaram da organização do evento.

Para melhor abrigar os presentes, os foliões de Ribeirão Grande optaram por alugar alguns equipamentos, bem como solicitar da Prefeitura Municipal de Ourinhos, amplas coberturas de lonas, mesas e cadeiras. Segundo os entrevistados nessa pesquisa, além desse auxílio, o poder público local costuma contribuir com eventuais ajustes nas estradas que dão acesso ao bairro rural, o que auxilia no deslocamento do público que atualmente frequenta a festa.

Finalizado o almoço, o grupo de Santos Reis de Ribeirão Grande e as demais Bandeiras convidadas ao evento, adentraram ao Centro de Lazer e, nele, iniciaram suas cantorias no presépio. Sobre isso, é importante dizer que, sobretudo, após a construção do Centro Comunitário, tornou-se comum o encontro e a apresentação de distintos grupos de Folias de Reis no local. Aliás, já nas filmagens realizadas em 2008, por exemplo, estiveram presentes na festa de Ribeirão Grande/Ourinhos, as bandeiras de Ribeirão do Sul, São Pedro do Turvo e Ubirajara. Em 2019, por seu turno, observou-se as bandeiras de Palmital (Companhia dos Faceiros), Ribeirão do Sul, Santa Cruz do Rio Pardo e Espírito Santo do Turvo.

As fotografias a seguir foram feitas a fim de ilustrar a disposição dos músicos, próximos ao presépio do Centro de Lazer, bem como a sua uniformização, sendo essa uma explícita forma de identificação dos devotos e foliões pertencentes à determinadas Folias de Reis próximas à

cidade de Ourinhos. Nas Figuras 20 e 21, respectivamente, encontram-se as Companhias de Espírito Santo do Turvo e a da Família Faceiro, de Palmital.



Figura 20: Músicos de Espírito Santo do Turvo na festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.



Figura 21: Companhia dos Faceiros (Palmital-SP) na festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.

Após a louvação ao presépio, os músicos e devotos se encaminharam à Capela, local onde seria iniciada a já mencionada reza e procissão com andor. Nesse ponto, outra ressalva a se fazer é a própria presença da Capela em Ribeirão Grande, sendo ela construída a partir de doações e de trabalhos coletivos (sua obra foi finalizada em 2008, aproximadamente), tal como a Centro Comunitário. Esse novo espaço, por sua vez, é dedicado à São Sebastião, padroeiro da Comunidade de Ribeirão Grande, sendo significativamente menor do que o Centro Comunitário (dedicado aos Santos Reis), fatores que indicam a permanência da realização da missa no último espaço.

Tal como descrito acima, a procissão com andor é mediada pela rezadeira Creusa, a qual aparece com um avental azul e camiseta branca, frente ao altar da Capela (centro da Figura 22), onde se encontra o andor. As imagens a seguir representam o trajeto da procissão com o andor, contemplando a saída dos festeiros da Capela de São Sebastião (Figura 23), o caminho dos romeiros (Figura 24) e a sua chegada ao Centro Comunitário (Figura 25).



Figura 22: Início do terço na Capela de São Sebastião. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.



Figura 23: Capela de São Sebastião. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.



Figura 24: Procissão para o Centro de Lazer de festas da comunidade de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.



Figura 25: Chegada dos romeiros no Centro de Lazer. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.

Da Figura 25, destaca-se particularmente a presença de outras mulheres que compõem as rezas da festa que, mesmo dedicadas ao Santos Reis, parecem render nesse momento registrado uma ênfase a outros santos de devoção dos moradores de Ribeirão Grande, o que demonstra um grande encontro de devoções e tradições no local. Ademais, vale dizer que, nesses registros fotográficos, apresentam-se pessoas que, significativamente, integram a organização da festa, bem como a sua manutenção atual na comunidade.

Após rezas e músicas, bandeira e mastro de Santos Reis são carregados ao lado externo do Centro Comunitário para que, a partir daí, seja iniciada a coroação dos novos festeiros. Para o momento, os presentes no festejo se reúnem próximos aos romeiros que, em suas canções, anunciam todo o processo ritual: reunião do público para a coroação dos festeiros; a distribuição da corrente (feita com papel crepom colorido) e sua abertura em um grande círculo; a entrada dos festeiros nela; a entrega do presente oferecido aos festeiros (flores); a coroação dos novos festeiros e a troca de bandeira e mastro entre eles (Figura 26); a colocada da bandeira no mastro (Figura 27); a retirada dos instrumentos para o início de discursos; reinício das canções com o anúncio do levantamento do mastro; levantamento do mastro, fogos e canções para o encerramento da festa (Figura 28).



Figura 26: Festeiros de 2019 e 2020 – Festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.



Figura 27: A bandeira e o mastro – Festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.

Nas Figuras 26 e 27, é possível perceber que os festeiros e palhaços da festa permanecem no centro do círculo formado por uma corrente de papel crepom. Segurando tal corrente, os demais devotos e foliões contemplam, unidos, a finalização desse momento sagrado à festa. Da Figura 26, por sua vez, destaca-se a imagem presente no mastro que, assim como na bandeira de Santos Reis de Ribeirão Grande, apresenta a uma pomba (em dourado) que representa a

iluminação do Divino Espírito Santo, na cena de adoração dos Santos Reis ao menino Jesus. Ao ser hasteado (Figura 28), o mastro impõe-se ao público e, mais próximo ao céu, o objeto torna-se mais um elemento que compõe e faz lembrar a devoção ao Santo Reis no bairro rural ao longo do ano. Com esse mesmo sentido, é possível visualizar ainda na Figura 28, a presença de outro mastro que, nesse caso, foi levantado na última festa de Nossa Senhora Aparecida, em sua homenagem.



Figura 28: Mastros e fogos na finalização da Festa de Santos Reis de Ribeirão Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 27/07/2019.

Antes do hasteamento do mastro, cerimonial que integra a queima de fogos no local, canções são novamente entoadas pelo mestre. Além disso, ele pode dar a palavra a quem queira falar no microfone, conforme notou-se em filmagem feita na festa de 2008¹⁵³. Dos discursos que já surgiram nessas ocasiões, dois deles chamaram atenção:

¹⁵³ É possível consultar o canto de encerramento da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande (mestre Arnaldo Borges) de 2008, em: <https://www.youtube.com/watch?v=LQhmbhebS18>. Fonte: DVD 2008, 01:26:47-01:42:22, editado por Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos, 26/07/2008. A transcrição do canto encontra-se no Apêndice 8.

[...] isso porque vivi até os meus 23 anos aqui, meu pai fazia muitas festas de reis. Isso pra mim é uma grande felicidade e eu tô muito feliz de saber que vocês mantêm essa tradição de Santo Reis, que isso é uma coisa muito bonita, gente. Eu moro numa cidade grande e lá não tem essas festas, que aqui junta os amigos, junta os parentes, junta tudo. Olha pessoal, vocês estão de parabéns, felicidades a todos vocês, que Deus abençoe, que continue por muitos e muitos anos [palmas]. Parabéns a todos vocês. (DVD 2004, 01:48:48-01:49:16).

Eu quero falar o seguinte: essa festa não é só feita pelos festeiros. Se a gente não tiver a colaboração de todos, de vocês que eu respeito muito, que é essa romaria, a gente não vai conseguir fazer essa festa. E a gente pega a festa, porque acredita realmente em Santo Reis, e quer, gosta muito, e quer, é isso que a gente quer, fazer a festa pela fé que a gente tem em Santos Reis. Então eu quero desde já convidar a todos e pedir a ajuda de todos, de todos que estão aqui, da romaria, das cozinheiras, de todos, de todos mesmo. Eu vou agradecer muito e vou orar, pedir muito a Deus e a Santo Reis, pra que dê bastante saúde e paz pra cada um que está aqui, para que o ano que vem possa estar aqui de novo, junto com a gente. (DVD 2008, 01:50:00-01:50:55).

A primeira versão transcrita foi proferida por uma turista presente na celebração de 2004. Conforme seu depoimento, após anos de mudança para a cidade grande, ela faz questão de retornar ao ambiente rural no qual nasceu e viveu até os seus 23 anos, para reviver e rememorar costumes que fizeram parte da sua história. Além da explícita valorização da tradição, nota-se que, para ela, a festa também se transformou em um atrativo turístico. Uma ressalva a se fazer é que, quando mostrei a imagem dessa depoente aos entrevistados da comunidade, eles não a reconheceram. Assim, mesmo que a foliã não seja natural do local, a experiência por ela vivenciada, naquele dia de festa, resgataram-lhe sentimentos de saudosismo, familiaridade, pertencimento. Ela encontrou-se com o “lugar da festa”, conforme explicitado mais acima.

No que diz respeito ao segundo excerto, trata-se de uma fala da festeira Fátima (irmã de Ivo e Mario, pertencente à família Palma e uma das herdeiras da propriedade onde se localiza o Centro Comunitário) que, coroada em 2008 junto ao seu marido Cláudio (palhaço nas romarias de 2019), responsabilizou-se pela festa de Santos Reis de Ribeirão Grande em 2009. Do seu relato, destaca-se a ênfase da importância atribuída aos romeiros, cozinheiras e demais ajudantes da festa. De acordo com a festeira, sua função na Bandeira não seria possível sem os demais sujeitos, visto, por exemplo, a necessidade da arrecadação de víveres para alimentar o público que passou a frequentar a festa. Ademais, é importante frisar que Fátima pertence à família Palma, o que reforça o seu carinho e devoção pela celebração local.

Embora os depoimentos representem visões de pessoas distantes e próximas das vivências da festa no bairro rural, é importante reafirmar também, a partir do que vivenciamos

na festa de 2019, que, apesar das mudanças observadas pela história contada acima, sobretudo no que diz respeito às funções dos mestres e festeiros, bem como a própria reorganização do calendário ritual, as ações pela preservação da festa de Santos Reis em Ribeirão Grande continuam restritas ao contexto dos que convivem na comunidade.

Com relação aos últimos momentos da festa de 2019, vale dizer que, após os discursos e retomada da performance musical que, nesse caso, englobou o levantamento do mastro junto ao som de muitos rojões, uma última roda de cantoria foi feita para convidar o público à festa posterior, o que de fato encerrou o ritual sagrado à celebração. Após esse momento, por sua vez, houve o aumento do som das músicas dos carros e iniciou-se uma espécie de baile que se prolongou pela noite. Para alimentar essa festa, o restante da comida preparada para o almoço ficou sobre as mesas do barracão externo do Centro Comunitário. Assim, os presentes puderam refazer seus pratos de refeição para continuar suas comemorações no local, ou mesmo levá-los para suas casas.

Outra observação a ser feita é que, no domingo, costuma-se prolongar esses últimos momentos de festa com um almoço feito no Centro Comunitário. Para essa denominada “soqueira”, ou seja, refeição onde se utiliza sobras de alimentos da festa do dia anterior, reúnem-se os familiares e amigos mais próximos dos festeiros e à Comunidade de Ribeirão Grande (LEITE, 2019).

CAPÍTULO 4: As Folias de Reis em Palmital: encontros na história

As coisas não têm consciência de si, de sua identidade, nem procuram inteligibilidade, sentidos e valores no seu existir. As coisas, apesar de contarem com trajetórias e biografia social, não têm consciência da operação do tempo sobre si e seu devir. Identidade e seu suporte insubstituível, a memória são atributos de sujeitos, agora transformados (ao menos na letra da lei) em protagonistas; as coisas são agora referências, mediações. (MENESES, 2021, p. 345-346).

Para Ulpiano Meneses, não é a categoria “imaterial” presente no Artigo 216 da Constituição Federal (1988) a grande novidade para o campo do patrimônio cultural no Brasil, mas sim a ideia de que os patrimônios têm agora a possibilidade de serem constituídos, povoados e, por isso, tornam-se “referências” próprias de “humanos em ação”. Assim, o reconhecimento de um patrimônio cultural precisa levar em consideração a problemática da identidade e do seu suporte, a memória, visto que ambas são “produto de relações humanas” (*Id., Ibid.*). Vale dizer, nesse aspecto, que tanto a identidade quanto a memória não podem ser interpretadas como algo homogêneo, estático, pois as próprias interações entre os sujeitos (e dos sujeitos consigo mesmos) são conflituosas, constroem-se em meio às diferenças e dinâmica sociocultural (*Id., Ibid.*, 352-353).

Em nossa proposta de pesquisa, que é a de compreender as formas de preservação das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital, tornou-se fundamental a observação sobre as interações dos sujeitos que a fazem, bem como a própria identificação daqueles que possuem liderança *nas e entre as* Bandeiras/Companhias, visto que elas são responsáveis pela festa e, também, que a festa em si é um espaço onde se convergem interesses diversos.

Para a identificação de lideranças das três Companhias de Reis de Palmital, é importante trazer aqui a concepção de rede. Para Manuel Castells (1999, p. 566), “Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos”. Nessa perspectiva, a festa pode representar uma *rede* onde se entrecruzam sujeitos (*nós*) que se relacionam por fatores distintos, redes distintas: devocionais, culturais, profissionais, políticas, econômicas. Em Palmital, os sujeitos que integram *redes* ficarão perceptíveis quando apresentarmos as formas de preservação das Folias de Reis.

Nesse pressuposto, as páginas a seguir remeterão ao histórico das Companhias de Santos Reis presentes em Palmital (Companhia de Reis Água das Anhumas, Família Faceiro e Faceiro

Jr. e Água das Três Ilhas)¹⁵⁴. Ele foi organizado a partir das memórias dos sujeitos envolvidos na sua história (ainda que muitos dos seus protagonistas não estarão explicitados no texto), bem como das experiências e documentações levantadas em trabalho de campo, as quais permitiram uma seleção de acontecimentos, personagens e lugares (POLLAK, 1992) considerados importantes à identidade e preservação da assinalada tradição *no* e *do* município.

Ao contrário do que se fez em Ourinhos, aqui não foi possível a construção de uma genealogia da festa através de uma família, o que ocorreu em função dos problemas vivenciados nessa pesquisa (trabalho de campo impactado pela pandemia), que não permitiu um contato maior com aquela comunidade para levantamento dos dados necessários a tal arte. Outro fato é que em Palmital são muitos os componentes/famílias que integraram a história das suas três bandeiras/Companhias.

Ademais, a narrativa procurará apresentar-se de forma respeitosa aos testemunhos do passado da festa e trabalhadores do seu presente (BOSI, 1994).

4. 1 Entre sujeitos, Águas e instrumentos de memória: a construção identitária das Companhias de Santos Reis em Palmital

4. 1. 1 A Companhia de Reis Água das Anhumas

¹⁵⁴ Optei por organizá-los em ordem alfabética, sendo os nomes das Cias observados nas capas dos CDs que eles produziram. Algo que será apresentado ao longo dos seus breves históricos.



Figura 29: Antônio Fernandes e seu parceiro de cozinha, Antônio Carlos. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 10/01/2020. Foto: Rafaela Sales Goulart.

[...] Até a parte do meu pai é uma história mais longa, que os meus bisavós eram português, tem a foto deles aí. Eles vieram de Portugal e ataram [atracaram] no Porto de Santos e ali os fazendeiros iam atrás dos estrangeiros, porque os estrangeiros eram tudo trabalhador, né. E, então, pra colher café. Mas demorou pouco tempo em São Manuel. Aí, ele queria ir pro sertão e vieram pra cá. (FERNANDES, 2020).

Iniciamos este capítulo com Antônio Fernandes, mais conhecido por Toninho Fernandes, que é hoje a pessoa que se responsabiliza pela cozinha da festa de Santos Reis de Palmital e é também o mais antigo folião da Cia. Na fotografia, ele abraça o seu “parceiro na lida”, Antônio Carlos, no local onde a festa foi organizada no ano de 2020, na Água da Espanholada (bairro rural de Palmital). A intenção da fotografia era a de registrar¹⁵⁵ aquele que gerencia¹⁵⁶ o trabalho que resulta a tão citada “comida dos Santos Reis”, que alimenta o grande público presente nas festas do local. Similar ao da festa de Ribeirão Grande/Ourinhos, o

¹⁵⁵ Ao analisar as memórias, percebi que Antônio é um personagem que representa a cozinha e comida da festa, o que é muito citado porque agrega valor tradicional a ela; ou seja, esses elementos atuam diretamente na construção identitária da festa e não necessariamente da Companhia da Água das Anhumas. Porém, no caso dela, ele é o mais antigo folião e, nesse aspecto, ajuda no processo de rememoração da sua fundação no bairro rural.

¹⁵⁶ “Gerente de cozinha” é o nome da função no local.

barracão possui, porém, um tamanho maior e é cercado de bambus que ajudam a isolá-lo. O espaço dispõe de fornos, churrasqueiras e pias com água potável, construídas com a finalidade de acomodarem a cozinha da festa. Em 2020, o local era também a Sede da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – SP (AMTRAC-PSP que foi criada em 2017 por membros das Companhias de Reis para, como o próprio nome diz, manter as tradições culturais de Palmital. A propriedade da Água da Espanholada, por sua vez, pertence ao presidente da AMTRAC, Eduardo Antônio Tirolli.

No que diz respeito ao excerto que inaugura o texto, Antônio Fernandes (2020) referia-se ao histórico da sua família paterna, que teria vindo de longe para povoar o local onde ele nasceria. Ao lembrar das histórias que avô e pai compartilharam, Antônio parecia dar sentido à sua própria história, bem como à das Folias de Reis em Palmital, na medida em que pertence à Bandeira (não se refere ao grupo como “Companhia”) da Água das Anhumas, sendo sua primeira função nela a de *escrivão*. Ele explica que um *escrivão* precisa ser de confiança, porque é o responsável por anotar o que se arrecada para a festa e, eventualmente, precisa até carregar o dinheiro que deve ser entregue ao *gerente* (aquele que gerencia, organiza o grupo; responsável pelo que se arrecada; presta conta aos festeiros e, hoje, à Associação). Além de nascer na Água das Anhumas em 1940, Antônio viu nela nascer a sua Bandeira, no final da década de 1950.

Ainda sobre esse passado, Antônio conta que seus avós migraram de São Manuel (SP) para o então “sertão” paulista e, nele, adquiriram propriedade na Água da Fartura, local onde trabalharam em lavouras agrícolas e multiplicaram a família. Na região de Palmital, seu avô João Fernandes conheceu e se tornou compadre de Vicentinho¹⁵⁷ e, através desse festeiro pertencente à Bandeira da Família Leiteiro, de Cândido Mota, passou a celebrar os Santos Reis, gerenciando por anos tal Bandeira. O costume das Folias de Reis na sua família iniciou-se, assim, a partir dessa relação de amizade que se transmitiu ao pai de Antônio e, dele, às suas filhas (*Id., Ibid.*).

A partir de memórias como as compartilhadas acima, Mario Gonçalves de Oliveira Júnior (2019) (o conhecido Juninho ou Mario Reis) compreende que a história da sua Companhia (termo que ele utiliza para se referir ao grupo) confunde-se com a da família

¹⁵⁷ Vicentinho é o pai de Toninho Leiteiro, famosos festeiros da Cia Estrela do Oriente de Cândido Mota/SP. Segundo Aline Segateli (2021, p. 23), “A Companhia *Estrela do Oriente* fundada em 1928 por Vicente Modesto de Oliveira (Vicentinho da Laje) foi conduzida por ele durante 30 anos, de 1928 a 1958, ano de sua morte. Em 1961, as atividades foram retomadas por seu filho, Antônio Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro), e este mantém vivas as práticas até os dias de hoje com auxílio de seus filhos, amigos e familiares.” Além de festeiro, Toninho leiteiro teve atuação política no local como vereador (mandatos de 1983-1988 e 2001-2004). Um dado interessante é que o recorte temporal da dissertação de Segateli (2021, p. 48) foi baseado nessa vida política do folião, pois a partir de 1983 ela observa que se passou a documentar a festa nos jornais locais.

Leiteiro, de Cândido Mota. Ele atribui que os vínculos de amizade, trabalho e a proximidade espacial entre os bairros¹⁵⁸ permitiram, então, os desdobramentos dessa tradição no local. Aliás, ele conta que seu bisavô, Guerino Jangarelli, morava na Água das Anhumas e chegou a fazer duas festas por lá. No entanto, Mario também nos conta que, da sua família, somente ele teria dado continuidade à tal tradição (“o ritual, a crença”), depois de aproximadamente 14 anos do falecimento do seu bisavô. Mario iniciou-se na festa, a partir de foliões que admirava, como no caso de Antônio Tucci e José Lopes (hoje já falecidos), e tornou-se um *mestre*; ou seja, o principal responsável por transmitir, entre músicas e versos, o que mais acima se chamou de “domínio do conhecimento ritual” (BITTER, 2008, 19).

Tratando mais especificamente da fundação da bandeira da Anhumas no final da década de 1950, cristalizou-se nas memórias os nomes de José Delfino da Silva (o finado Zé Emídio; primo da mãe de Antônio Fernandes) e de sua esposa, Francisca Dias da Silva (finada dona Chica). O motivo, por sua vez, decorreu do pagamento de uma promessa realizada aos Santos Reis para a cura de um filho seu. Assim, em 1959, Zé Emídio e dona Chica pintaram e benzeram uma bandeira em Aparecida do Norte¹⁵⁹ (SP), realizando com ela a festa celebrada na Água da Aldeia (bairro vizinho à Água das Anhumas) (JÚNIOR, 2019; SILVA, 2019; FERNANDES, 2020).

De acordo com Aparecido Benedito da Silva (2019) (o conhecido Ditinho), ex-gerente da Companhia, no ano de 1960 a festa foi realizada pelo seu avô, José Pedro da Silva (compadre de Zé Emídio)¹⁶⁰. Aparecido recorda que, naquele período, a gerência da Companhia era feita por “Zé Izidoro”, tendo ela permanecido ativa até meados da década de 1970¹⁶¹. Sobre suas primeiras experiências nas Folias de Reis, porém, Aparecido aponta que foi Antônio Fernandes quem o convidou para ser escrivão da Companhia de Cândido Mota (Toninho Leiteiro). Assim, seu contato com o costume foi se constituindo até que, já casado com Rozilda (filha de Zé Emídio), resolveram reerguer na década de 1980 a bandeira de Zé Emídio e dona Chica.

Portanto, a retomada da Companhia da Água das Anhumas, que teria ficado parada entre meados das décadas de 1970 e 1980, resultou na reconstituição das suas memórias a partir

¹⁵⁸ Essa versão também foi compartilhada em entrevista concedida por Mário (minutos 11:00 a 14:08), disponível no canal Passaporte Paulista (título do vídeo: “Palmital: capital das Folias de Reis de SP”, data de postagem: 12/04/20), no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Oy7YQ64KJV4&t=1108s>. Acesso: 10 jun. 20.

¹⁵⁹ No seu estudo sobre as Folias de Reis em Campinas, Cassiano (1999, p. 81) aponta que os grupos daquela cidade costumam levar ex-votos (objetos oferecidos aos Santos e anexados nas bandeiras) ao santuário de Aparecida do Norte, onde, aliás, apresentam-se anualmente.

¹⁶⁰ Os fatos de memória, “acontecimento e personagem” (POLLAK, 1992, p. 2), ajudaram o folião no processo de rememoração da data do festejo.

¹⁶¹ Dessa formação inicial, Mario Júnior (2019) identifica “Gidião” como embaixador, folião que, segundo ouviu dos mais antigos da Companhia, vinha de São Paulo para cantar na festa.

de músicas, por sua vez, divulgadas em meios de comunicação (rádio, internet). Abaixo, encontra-se um exemplo dessa ação:



Figura 30: Encarte do CD *Cia de Reis – Água das Anhumas de Palmital – SP*. Produzido por MCK - Comercial e representação fonográfica Ltda, 2009. (Contém 11 faixas musicais).

Ficha Técnica

Fotos: Frederico Ramos, Alex Silva, Vânia Domeni

Vocais: José Lopes, Mário Junior, Lourival Carvalho, Nilson Carlos, Roberto Nunes, Eduardo Gomes, Clayton Biondi, Reinaldo Custodio, Lazaro Batista, Pedro Albonetti, Luis Polizel, Thiago Carvalho, Fabio Luchetti.

Percussão: Alex Silva, Juscelino Martins

Violão: Nilson Carlos, José Lopes

Viola: Lourival Carvalho, Mário Junior

Arranjo: Clovis Barbosa

Participação Especial: Emerson Reis, Helder Reis, José C. Tusco

Gerência da Bandeira: Rosaldo dos Santos, Pedro Franco, Benedito Silva.

A Cia de Santos Reis das Águas das Anhumas de Palmital – SP foi formada no ano de 1958¹⁶² pelo casal Francisca e José Emídio e desde esta data, entre os dias 25/12 a 06/01, percorre as residências do nosso município anunciando o nascimento de Jesus, levando uma mensagem de Paz, amor e fé e arrecadando prendas para a grandiosa festa de Santos Reis. (transcrição do texto do Encarte do CD *Cia de Reis – Água das Anhumas de Palmital – SP* – Figura 30).

É possível visualizar no encarte do CD “Cia de Reis – Água da Anhumas de Palmital – SP”, o breve histórico da Companhia (transcrito acima) e duas imagens que a representam. Na capa do encarte (à esquerda na Figura 30) posam para fotografia aqueles que compõem o grupo de músicos da Cia de Reis que, naquele ocasião, estavam reunidos na casa de Aparecido Benedito da Silva (genro do casal de fundadores da Cia), local onde a bandeira e demais

¹⁶² Provavelmente a bandeira e grupo foram criados em 1958 e a festa realizada no dia 6 de janeiro de 1959. O que fez com que mais acima se recordasse a última data.

instrumentos do grupo permanecem ao longo do ano. No centro da imagem encontram-se José Lopes e Mário Júnior (que, a propósito, estão diante da bandeira), antigo e atual mestre da Cia, respectivamente; e sentado na extremidade direita da imagem encontra-se Aparecido. No verso do encarte (à direita na Figura 30), a fotografia representa os componentes da Cia (em número maior, e com a presença de mulheres, crianças e dos personagens *palhaços/bastiões*; a propósito dois deles são crianças) na ocasião do *giro* da bandeira, momento do ritual em que o grupo circula com o objeto sagrado para pagarem as promessas dos devotos (na fotografia se encontram, por exemplo, em uma casa de visita) e, deles, receberem ofertas. Ao comparar as duas fotografias, percebe-se ainda diferentes *fardas* ou *uniformes* que o grupo costuma usar, sendo a cor amarela¹⁶³ utilizada em seus lenços e golas das camisetas, a forma como se distinguem das demais Cias de Reis presentes em Palmital.

Outra curiosidade do encarte é a “ficha técnica” (transcrita acima), que procura destacar os sujeitos envolvidos na produção documental (fotógrafos), musical (músicos, instrumentistas, responsável pelo arranjo) e organizacional (gerentes), isso sem falar das participações especiais. De 2009, o CD contém 11 faixas musicais e, dentre elas, destaca-se a de número 1: “Homenagem da Companhia”, de Lourival Carvalho (compositor e intérprete):

A Companhia das Anhumas vem de longa tradição,
 Zé Emídio e dona Chica formaram essa união “olarilarai” (formaram essa união “oilarai ôi”).
 Assumiram a mensageira e reuniram o batalhão,
 Das saídas de bandeira só ficou recordação “olarilarai” (só ficou recordação “oilarai ôi”)
 Foram pro reino da glória deixando a geração,
 Os familiares e amigos quem deu a continuação “olarilarai” (quem deu a continuação “oilarai ôi”).
 Agradeço os dois gerentes e também os folião,
 Aqueles que catam prenda, os cozinheiros e o escrivão “olarilarai” (os cozinheiros e escrivão “oilarai ôi”).
 E muitos que colaboram fazendo a doação,
 E para os nossos festeiros fica a nossa saudação “olarilarai” (fica a nossa saudação “oilarai ôi”).
 E pra quem nos aplaude fica nosso aperto de mão,
 E que Deus nos abençoe nessa sagrada missão “olarilarai” (nessa sagrada missão “oilarai ôi”).

¹⁶³ Nas entrevistas realizadas não se soube explicar os significados dessas cores para o grupos ou mesmo quando ela começou a ser utilizada. Mas, em dois livros conhecidos pelos foliões no local se encontra a informação sobre as “cores dos Santos Reis”: branca (representa São José, pai de Jesus), azul (representa a Virgem Maria, mãe de Jesus), vermelha (representa o rei Baltazar, aquele que ofertou incenso à Jesus), verde (representa o rei Gaspar, aquele que ofertou mirra) e amarela (representa o rei Melquior/Belquior, aquele que ofertou ouro). Fontes: BUENO, 2002, p. 17; BIONDI, 2015, p. 9.

Essa música narra a história da fundação da *bandeira* (“a mensageira”) e da Cia (“o batalhão”), e conta que a nova “geração”, formada por familiares e amigos, assumiram a “sagrada missão” de dar continuidade a essa “longa tradição”. Além disso, como se costuma fazer entre os giros, os versos agradecem as pessoas envolvidas: gerentes, foliões, os catadores de prendas, cozinheiros, escrivão e aqueles que fazem a doação, o que demonstra a relevância do grupo e daqueles que os recebem, no processo de preservação das Folias de Reis. Dentro disso, é interessante perceber que a tradição a que alude a canção é anterior à data de criação da Cia, podendo representar que a devoção aos Santos Reis existe no local (e fora dele) há muito tempo, bem como a própria história dos Santos Reis.

Entre aqueles que cumprem a “missão” no grupo, destaco aqui: Helder Reis da Silva, pois ele é filho de Aparecido e Rozilda e, portanto, neto dos fundadores da bandeira. Helder conta que iniciou sua trajetória nas Folias de Reis vestindo-se de *palhaço*, tarefa que também cumpria seu irmão Emerson. Hoje ele é um dos seus gerentes (ocupando a função que era do seu pai). Vale dizer que Helder é casado com Isabel Carvalho, cuja família pertence ao festejo (os Carvalho¹⁶⁴), e hoje possuem duas filhas: Júlia Carvalho Reis da Silva e a Maria Clara Carvalho Reis da Silva. Uma curiosidade compartilhada em sua entrevista é que o sobrenome “Reis” foi dado a ele em função da devoção de seus pais, gesto que repetiu com suas filhas que, a propósito, já compõem as “Estrelas de Maria”¹⁶⁵, sendo uma delas apaixonada por viola (SILVA, 2019).

As fotografias abaixo retratam parte do acervo material da família Silva, demonstrando o cuidado que se possui com a memória da bandeira e Companhia de Reis da Água das Anhumas.

¹⁶⁴ São parte da Companhia: Lourival Carvalho (contramestre, compositor de canções e cantor em outras posições da folia) e os filhos Thiago (contrato, contramestre) e Tatiane (bate caixa e participa das estrelas de Maria); Nilson Carvalho (contramestre, contratata e demais posições) e o filho Gabriel (contrato, contratata, toca viola, violão, sanfona e cavaquinho); Anastácio; Eurides; Cida (SILVA, 2019).

¹⁶⁵ Falarei desse simbólico grupo mais à frente.



Figura 31: Imagem de Zé Emídio e dona Chica ao lado da bandeira da Anhumas (acervo particular da família). Foto: Rafaela Sales Goulart. Residência de Aparecido Benedito da Silva – Palmital (SP), 09/09/2019.



Figura 32: Helder Reis com sua antiga farda de palhaço e instrumentos da Companhia das Anhumas (acervo particular da família). Foto: Rafaela Sales Goulart. Residência de Aparecido Benedito da Silva – Palmital (SP), 09/09/2019.



Figura 33: Quadro de comemoração de 60 anos da Cia de Reis Anhumas (acervo particular da família). Foto: Rafaela Sales Goulart. Residência de Aparecido Benedito da Silva – Palmital (SP), 09/09/2019.

Para a ocasião da entrevista¹⁶⁶, Helder me recebeu na casa dos seus pais, e o local que ele escolheu para gravarmos foi justamente o quarto onde sua família guarda o acervo material da Companhia. No caminho a esse ambiente, passamos pela sala de jantar onde, sobre um altar com as imagens da Sagrada Família (José, Maria e Jesus) e dos Três Reis Magos, encontrava-se a bandeira. Na Figura 31, é possível visualizar o objeto centralizado na parede. Do seu lado esquerdo, encontra-se uma fotografia (projetada em um *banner*) dos seus avós, os fundadores da bandeira e Cia. Já ao seu lado direito, dois objetos que representavam a Sagrada Família e o Espírito Santo – pomba branca, bem como um quadro com “Oração para os avós”. Na bandeira propriamente dita estão anexadas várias fitas coloridas (com escritos de agradecimentos pelas graças recebidas), fotografias (de pessoas que receberam as graças), broches e flores que, nesse caso, servem para enfeitá-la. Aliás, quem cumpre essa função, bem como a de elaborar lembrancinhas e broches entregues aos foliões é a sua mãe, Rozilda.

Quando pergunto a Helder sobre o significado da bandeira, ele o exemplifica através da própria pintura feita em seu pano: “os Reis” (primeiro plano) que caminham em direção à Belém guiados pela estrela (segundo plano). Assim, ela representa o guia do grupo, que caminha sempre à sua frente. Já no que diz respeito ao palhaço/bastião, Helder o entende como o guardião da bandeira. Aqueles que “dentro da história da tradição” ajudaram “Nossa Senhora, São José e o menino Jesus” na fuga para o Egito, “fato esse que é citado na bíblia”. Nesse aspecto, nas Folias de Reis eles representam os soldados convertidos do rei Herodes, que se disfarçaram (roupas e máscaras) para contribuírem para tal fuga (SILVA, 2019).

Após o término da nossa entrevista, Helder mostrou-me ainda a *farda* que ele usou e que hoje guarda como lembrança (Figura 32). Além dela, também assinala a quantidade de instrumentos musicais dispostos na parede, bem como as lembrancinhas que sua mãe faz, algumas fotografias e, particularmente, um quadro¹⁶⁷ que seu pai encomendou para comemorar os 60 anos da Cia de Reis (Figura 33). Esse quadro funcionará no texto como uma nova forma de representação genealógica da festa, no caso, feita somente a partir da Companhia de Reis das Anhumas e através da família Silva. Diferentemente do observado em Ourinhos, a própria Cia registrou sua trajetória. Nele, encontram-se fotografias que procuram representar essa história, hoje centralizada na sua pessoa, bem como nos seus pais e família (aliás, essa é a imagem que se visualiza no centro do quadro, fotografia tirada em frente à capela da Água das Anhumas).

¹⁶⁶ Cabe dizer que para construir essa narrativa onde se evidenciam minhas percepções e trabalho de campo, utilizei de anotações que fazia na ocasião das entrevistas e vivências em festas.

¹⁶⁷ Vale ressaltar aqui que, de forma alguma é minha intenção deixar de lado aqueles que, porventura, também contribuíram à trajetória da Cia. O que ocorreu é que, em meio à documentação obtida na pesquisa, precisei ainda fazer algumas seleções que se alinhavam aos meus objetivos de pesquisa.

Nota-se que a disposição das fotografias seguiu uma orientação, da esquerda para a direita, até que se chegasse nesse centro (a guia). Esse caminho percorrido pode representar o espaço e tempo que o grupo percorreu, desde os primórdios da festa no campo, a imagens dos seus avós; do seu pai em frente à uma caminhonete que passou a auxiliar no carregamento das prendas; o momento em que a festa passou a ser valorizada por alguns representantes políticos de Palmital; o espaço onde antes improvisavam a cozinha do festejo; os *giros* no campo; a devoção individual e coletiva; o grupo de músicos; o grande grupo que acompanha a bandeira nos dias atuais, enfim, uma reunião de registros que ainda são revisitados e, portanto, vivos. Seriam esses os sinais (mais evidentes) da tradição como missão?

Para finalizar, elenca-se uma consideração feita por Boris Kossoy (2001) acerca do significado das imagens, visto que ela auxiliou, junto ao já citado Marin (2000), a compreensão das fotografias e demais representações aqui dispostas. Aliás, a apreensão se estende para a leitura de objetos como a bandeira, bem como a análise das expressões corporais e das seleções de quem os apresenta. Em suas palavras:

O significado mais profundo da vida não é o da ordem material. O significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito. O significado é imaterial; jamais foi ou virá a ser um assunto *visível* passível de ser retratado fotograficamente. O vestígio da vida cristalizado na imagem fotográfica passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreendam os elos da cadeia de fatos *ausentes* da imagem. Além da verdade iconográfica. (KOSSOY, 2001, p. 123-124, grifos do autor).

Apesar dessa consideração, há que se lembrar que a organização da ordem material, como se viu a partir das imagens acima, também pode representar muito do que é “imaterial” aos sujeitos e grupos, contribuindo à manutenção dos significados das Folias de Reis na medida em que são compartilhados e utilizados para mediar memórias, fortalecendo a identidade social das Companhias, as que fazem a tradição existir.

4. 1. 2 A Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr



Figura 34: Adão Faceiro, a esposa Eva e o sobrinho Valdeci (atual gerente da bandeira dos Faceiros). Residência de Adão Alves Gonçalves – Palmital (SP), 24/01/2020. Fotografia: Rafaela Sales Goulart.

Quando se fala em Bandeira/Companhia dos Faceiros pela região de Palmital, um dos nomes mais lembrados é o de Adão Faceiro (Figura 34). Tal fama se deve tanto à sua longa trajetória junto as Folias de Reis¹⁶⁸, do Divino e de São Gonçalo, quanto pelas suas destacadas habilidades na arte de compor versos, tocar viola e cantar músicas sertanejas. Nos idos da década de 1980, inclusive, o folião chegou a gravar um disco quando compunha a dupla “Faceiro e Fascinante”¹⁶⁹.

No documentário “Reis – violeiros de Palmital”¹⁷⁰ (2013), dirigido por Mario de Almeida, o folião declara que com 6 ou 7 anos de idade aprendeu a tocar viola sozinho, ou

¹⁶⁸ O vídeo disponibilizado no YouTube por Loro de Carvalho, demonstra o embaixador Adão Faceiro cantando em um dos giros de sua Companhia: <https://www.youtube.com/watch?v=RCWmcVyFFF8&t=103s>. Acesso: 19 abr. 21.

¹⁶⁹ Ouvir música “Segredo Divino” (Waldeci Ferrari e Faceiro), do disco “A sombra de Deus” (1987): <https://www.youtube.com/watch?v=gGIM7ze14pE>. Acesso: 14 ago. 2020.

¹⁷⁰ O documentário é resultado de estudo de caso sobre as relações dos músicos das Folias de Reis de Palmital com a viola caipira. A produção retrata os saberes e fazeres no entorno do instrumento musical. Na legenda do vídeo do canal “Maravilha filmes”, encontra-se o seguinte: “Sinopse: Em Palmital, no interior do Estado de São Paulo, violeiros e foliões de Santos Reis revelam a tradição e a renovação da viola caipira na festa que se perpetua por mais de oitenta anos e que é considerada a maior do gênero no país”. Além disso, constam os festivais em que o documentário circulou após a sua criação em 2013: “Festival do Filme Etnográfico do Recife, Recife, Brasil, 2013; Days of Ethnographic Film, Liubliana, Eslovênia, 2014; CineDocumenta, Ipatinga, Brasil, 2014; FECIN Festival de TV e Cinema do Interior, Muqui, Brasil, 2014; Days of Ethnographic Cinema, Moscou, Rússia, 2014; Segundo Encuentro Académico de Antropología Audiovisual, San Cristobal de las Casa Chiapas, México, 2014. Pelo que observei em campo, essa produção é motivo de orgulho para os foliões das Companhias em Palmital. Consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=HcpsKrRaz94>. Acesso: 14 ago. 2022.

melhor, observando os ensaios dos seus irmãos que na época possuíam uma dupla sertaneja. Assim, quando todos saíam da sua casa, Adão adentrava ao quarto onde ficava o instrumento, repetindo “as posições” apreendidas¹⁷¹.

Adão José Alves (2019) afirma que é proveniente de uma família de Folia de Reis e que, portanto, o amor pela celebração é algo que “vem de sangue”. A propósito, menciona que seus tios lhe contaram que sua avó materna, Chiquinha, já fazia suas festas lá “nas Minas Gerais”. Porém ao transferirem-se de Silvianópolis para Água Clara e Água Nova (bairros rurais de Palmital), trouxeram consigo a tradição para Palmital.

Adão nasceu e morou na Água Clara por um período, sendo que parte de sua família, o que inclui a avó, mudou-se para Pedra Branca, no Parará (ALVES, 2020). As datas das mudanças e demais informações pontuais sobre a história de vida de Adão não foram questionadas, pois na ocasião em que o entrevistei, ele apresentava um estado de saúde muito debilitado, o que me levou a sair do roteiro de entrevista pré-estabelecido. Outro ponto a ser dito, é que seu sobrinho, Valdeci, e a esposa de Adão (Figura 34) acompanharam a nossa entrevista/conversa, contribuindo com seu processo de rememoração.

Em entrevista concedida a Helder Reis, em 13 de setembro de 2013, Adão Faceiro explica que a primeira festa de Santos Reis de sua família foi realizada no ano de 1920, sendo ela feita pela avó Chiquinha, com uma intenção para que as coisas dessem certo na Água Nova. Naquela gravação, recentemente disponibilizada em *Podcast*¹⁷², conta que ele nasceu em 1939 e que com 10 anos já era *contramestre* (tocando cavaco) junto com Gonçalo Jeremias e Satílio (foliões provenientes de Campos Novos Paulista). Estes nomes foram rememorados como os embaixadores da Bandeira naquele tempo. O folião também comenta sobre sua primeira *embaixada* com 18 anos de idade, contando que ela resultou de um acidente cometido aos então embaixadores da Bandeira, que ao passarem mal com a comida da festa, precisaram ser internados por três dias. Nesse meio tempo, Adão foi solicitado para substituí-los na *jornada*.

As memórias compartilhadas sobre os primórdios da Companhia dos Faceiros e de sua longa trajetória hoje são repassadas, sobretudo, pelo *gerente* da Companhia e sobrinho de Adão: Valdeci Faceiro. Quando questionado sobre tal história, Valdeci Alves Gonçalves (2020)

¹⁷¹ Consultar trecho da entrevista em “Reis – violeiros de Palmital”, nos minutos: 00:08:17-00:08:57. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HcpsKrRaz94>. Acesso: 14 ago. 2020.

¹⁷² Esta e outras entrevistas feitas sobre a temática das Foliás de Reis de Palmital foram disponibilizadas por Tê Biondi, em Plataformas de Podcasts do Programa de rádio Viva Santos Reis. Fonte: 2013.09.13 - Adão Faceiro e José Carlos Tusco falam das tradições! Muito conteúdo! Entrevistados: Adão Faceiro e José Carlos Tusco. Entrevistador: Helder Reis. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2013-09-13---Ado-Faceiro-e-Jos-Carlos-Tusco-falam-das-tradies--Muito-contedo-eqmdvh>. Acesso: 10 ago. 2021.

apresenta os nomes do avô materno, Angelino Alves (antigo festeiro), e do irmão de Angelino, Silo (antigo embaixador) que, segundo ele, fundaram a bandeira no ano de 1949, na Água do Pau d'Alho (Palmital). Este bairro rural, inclusive, passou a ser conhecido como Água dos Faceiros, em função do avô levar o apelido de “Faceiro”. Tal denominação foi estendida à toda família e Companhia de Santos Reis a qual pertence (GONÇALVES, 2020).

Outras informações sobre Angelino José Alves foram encontradas em Projeto de Lei nº 27/2002¹⁷³, onde se apresenta o vínculo do “Faceiro” e de toda a sua família com a história agrícola e musical de Palmital. Destaca-se no texto do projeto de Lei que os Faceiros difundem o nome da cidade em eventos culturais e artísticos por toda a região. Ademais, o documento reafirma a origem de Angelino à cidade de Silvionópolis (MG), apontando que ele havia nascido em 10 de janeiro de 1900 (e falecido com 94 anos de idade) e migrado junto à família para a Água Clara em 1910. Uma curiosidade destacada é a de que o apelido de Angelino foi herdado do seu pai, “[...] que em vida sempre manteve uma postura alinhada e trajava roupas elegantes da época”. Também se compartilhou que, do casamento com Maria de Jesus, teve oito filhos, entre os quais: Adão José Alves. Já do segundo casamento com a avó de Valdeci: Ana Egídia Alves (após mudança da Água Clara para Água do Pau D'Alho), teve mais oito filhos (PALMITAL, 2002).

Com essas informações, é importante dizer que, independente da data de fundação da bandeira e tradição pela família, memória que se vincula às vivências nas Águas de Palmital, o que se deve levar em consideração são os sentidos de pertencimento a elas: as ações feitas para dar continuidade às Folias de Reis no local.

Nesse aspecto, é interessante retomar a breve entrevista/conversa com Adão, quando, em certo momento de sua fala, rememora que sua “Bandeira” nunca parou, mesmo quando “passou apertado” com a falta de cantores (ALVES, 2020). Aliás, seu sobrinho Valdeci ressalta que a bandeira da família nunca parou sua jornada, pois seu tio carregava a tradição dos Faceiros pela região¹⁷⁴, cantando em Ribeirão do Sul, Platina, São Pedro do Turvo, entre outras localidades em que a festa é realizada (GONÇALVES, 2020).

Com relação ao nome: “Companhia de (Santos) Reis Família Faceiros e Faceiros Jr.”, esse foi criado e registrado por Valdeci em 2008, no cartório de Palmital. O *gerente* justifica esse fato pela recente criação de um grupo de jovens foliões (Faceiros Jr.) por seu filho, Kaique

¹⁷³ O vereador responsável pelo projeto foi José Antônio dos Santos Pimenta. Infelizmente, não consegui contactá-lo.

¹⁷⁴ O costume de levar a bandeira da família para outras festas foi observado entre as novas gerações da Companhia (ex.: Figura 21), o que faz pensar a preservação do “território de jornadas” pela Cia.

Gonçalves. E embora tenham uma única bandeira e Companhia, precisavam legitimar sua história no local, visto a herança da tradição que perdura de geração a geração. A propósito do legado familiar, Valdeci orgulha-se em dizer que o filho entrou para o grupo de músicos da Companhia com a mesma idade que seu tio Adão Faceiro, assumindo com 16 anos a responsabilidade do cargo de *embaixador* e *guardião/dono* da bandeira (GONÇALVES, 2020).

As fotografias abaixo foram feitas em ocasião da Festa de Santos Reis de 2020, com o propósito de demonstrar essa Companhia particularmente citada pelos entrevistados em Ourinhos e Santo Grande.



Figura 35: Bandeira dos Faceiros (segurada pelo gerente Valdeci) na festa de Santos Reis de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/20.



Figura 36: A nova geração dos Faceiros na festa de Santos Reis de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/20.

Nas Figuras 35 e 36 encontram-se no palco da Festa de Santos Reis de Palmital de 2020, os músicos da Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr, identificados com os lenços e golas da camiseta na cor verde. Naquele momento posterior à missa realizada no mesmo local, o grupo se apresentava cantando como de costume a música “25 de dezembro”¹⁷⁵, a qual é solicitada por algumas famílias quando saem de jornada. Percebe-se em meio ao público da festa que a música (com instrumentos musicais – destaque a sanfona – e arranjos particulares) e o grupo em si (formados por jovens foliões e foliãs) alegre e contagia o ambiente (palmas e pessoas cantando), visto também a catira que dançam seus *palhaços/batiões* (entre eles uma mulher – Figura 36).

Particularmente a Figura 35 demonstra a ideia da tradição sendo repassada entre gerações, quando ao lado de um jovem cantor (Kaio Faceiro) que também tocava o bumbo (toques de percussão particulares às Folias de Reis), estão cantores mais antigos da Companhia. Já na Figura 36 encontra-se Kaique Faceiro (à direita, tocando pandeiro) e, atrás dele, alguns cantores posicionados da forma como costumam cantar nas jornadas (em um meio círculo que forma as vozes que ficam, na linguagem dos foliões, “pra trás”). Devo dizer que me chamou atenção a catira que se unia ao som da sanfona.

Essa impressão do que se viu (e se sentiu naquele ambiente), por sua vez, traz certa compreensão da ação do Registro do nome da “Companhia Faceiros e Faceiros Jr” pelo gerente.

¹⁷⁵ Na ocasião, gravei o áudio da canção cantada pela Família Faceiro de Palmital-SP, o qual pode ser consultado através do *link*: https://www.youtube.com/watch?v=D_BK_9LqkXU.

O grupo é atrativo, possui suas particularidades em meio às demais Companhias do local (que, por sua vez, também possuem jovens músicos e instrumentistas, mas que não têm – ou até então não tinham – o mesmo espaço para apresentação na festa, com exceção do momento final de *encontro das bandeiras*) e, por isso, precisaria legitimar a sua presença não só no espaço festivo, mas para além dele.

Outra iniciativa observada foi a produção de um CD gravado em comemoração dos “70 anos de Bandeira” da “Cia de Santos Reis Família Faceiros e Faceiros Jr.”:



Figura 37: Encarte do CD da Cia de Santos Reis família Faceiros e Faceiros Jr. – A tradição de geração para geração desde 1949. Produzido por MCK - Comercial e representação fonográfica Ltda, 2019. (Contém 14 faixas musicais).



Figura 38: Espaço dos Faceiros na festa de Santos Reis de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/20.

Na capa do CD (à esquerda da Figura 37) encontra-se a bandeira da Companhia que, similar com a da Companhia Água das Anhumas, alude à imagem dos Três Reis Magos (que podem ser identificados pelas coroas e presentes em mãos) em direção ao Palácio de Herodes (informações que se encontram em faixa musical 14¹⁷⁶ – “Poema sobre o nascimento de Jesus”, de autoria de Adão Faceiro); bem como o nome da Cia e a data de sua fundação (1949). Já na contracapa (à direita da Figura 37) estão dispostas fotografias com os fundadores da bandeira (Ana e Angelino), Adão Faceiro com sua viola (parte superior), a Companhia em jornada em um ambiente rural, os Faceiros Jr. em uma apresentação (parte inferior) e crianças já uniformizadas tocando uma viola (centro). Optando-se pela leitura da imagem da contracapa ainda da esquerda para a direita, percebe-se os fundadores da Companhia e, abaixo, a própria; e do outro lado, o *mestre* Adão sobre os novos músicos da Cia; ou seja, “A Tradição de Geração para Geração – Desde 1949”.

O CD é comercializado na festa de Santos Reis de Palmital e em outros eventos onde costumam se apresentar pela região¹⁷⁷. Na Figura 38 é possível visualizar a barraca verde montada pela Cia na festa, com a finalidade de comercializar os CDs, bem como abrigar alguns Faceiros. Sobre ela encontram-se três *banners*¹⁷⁸. O primeiro deles (à esquerda da Figura 38) contém a mesma imagem disposta no encarte do CD, com os fundadores da bandeira dos Faceiros e, no seu lado oposto, a da Companhia; bem como a frase: “Cada dia é uma dádiva, uma oportunidade de transformar sonhos em realidade e por mais esse ano de jornada, nós da Companhia Família Faceiro e Faceiro Jr. agradecemos aos amigos e familiares por estarem ao nosso lado completando 70 anos de bandeira”. A mensagem define, então, o momento de comemoração compartilhado e de gratidão aos amigos e familiares que contribuíram à sua longa jornada no local. Já no segundo *banner* (à direita da Figura 38), nota-se, em meio ao que aparenta ser o “logo da Cia” (o mesmo encontrado no encarte do CD – Figura 37), as imagens do seu antigo (Adão) e novo mestre (Kaique), ambos com seu instrumento principal: a viola. Aliás, a viola de Kaique está enfeitada com fitas que remetem às Folias de Reis.

Com relação ao maior e centralizado *banner* exposto no local (Figura 38), em seu topo, a Cia é identificada e, logo abaixo, na primeira linha de imagens (da esquerda para direita), encontram-se: a bandeira dos Faceiros; Kaique Faceiro ao lado de uma bandeireira (o que pode

¹⁷⁶ Falarei mais a frente sobre esse poema que costumam chamar de “Profecia”.

¹⁷⁷ Um exemplo aparece na Figura 21, onde o Cia se encontra na festa de Santos Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos. No “relato de campo” do Apêndice 5 há também uma fotografia com o grupo cantando a *chegada* da bandeira na festa de Salto Grande.

¹⁷⁸ Lembro aqui da imagem dos fundadores da bandeira da Água das Anhumas, projetada em *banner* (Figura 31). Isso pode sinalizar a produção personalizada desses materiais para circulação em ocasiões como a festa de Santos Reis.

representar que ele está ajudando com sua música a pagar uma promessa ou mesmo anunciando o significado da festa junto a ela), novamente a imagem dos seus fundadores (no centro); os fundadores da bandeira; e os componentes da música da Cia em uma apresentação (fora da festa de Santos Reis). Abaixo dessa linha há mais uma série de imagens que representam a história do grupo, com fotografias de festas realizadas em bairros rurais, personagens e objetos nos diferentes momentos de jornada nas festas, familiares e amigos, entre outras. Porém, não há uma aparente organização nas suas disposições, o que tanto pode representar um certo desconhecimento/descuido sobre a trajetória do grupo ou mesmo uma maior preocupação com o que inaugura a imagem, em seu topo (aqueles que iniciam a tradição e aqueles que estão à frente dela).

Nesse sentido, elenca-se tal construção como representativa à memória e identidade dos Faceiros, entendendo, pelo que se contou mais acima, que Adão (um dos mais antigos, respeitados e lembrados foliões de Palmital e região, mas já em sensível estado de saúde) cumpriu sua *missão* na bandeira. Aliás, ele compartilha essa mensagem em nossa entrevista/conversa, apresentando que passou o que sabia a Kaique, para que o sobrinho desse continuidade à tradição.

Entre as 14 faixas musicais criadas pelos foliões no CD, destacamos aqui um “Hino Homenagem ao folião mestre Adão Faceiro” (faixa 12), *embaixada* (criada e cantada na primeira voz pelo *embaixador/mestre*, aquele que “puxa” as demais *vozes*/músicos da Companhia) por Kaique Gonçalves e que alude à ideia acima exposta:

Embaixador Adão Faceiro aiai, agora quero falar aiai
 Adão Faceiro ai, agora quero falar/agora quero falar ai
 É o mestre da bandeira aiai, nós temos que respeitar aiai
 É o mestre da bandeira ai, nós temos que respeitar/nós temos que respeitar ai
 Muitos anos de jornada aiai, ele veio completar aiai
 Muitos anos de jornada ai, ele veio completar/ ele veio completar ai
 Muitas histórias da bandeira aiai, ele tem pra nos contar aiai
 Muitas histórias da bandeira ai, ele tem pra nos contar/ ele tem pra nos contar ai
 Foi o Angelino Faceiro aiai, quem veio a começar aiai
 Foi o Angelino Faceiro ai, quem veio a começar/quem veio a começar ai
 Se passaram alguns anos aiai, tio Adão a representar aiai
 Se passaram alguns anos ai, tio Adão a representar/tio Adão a representar ai
 Nisso veio Espírito Santo aiai, sua mente iluminar aiai
 Nisso veio Espírito Santo ai, sua mente iluminar/sua mente iluminar ai
 Tocava muitos corações aiai, fazia lágrimas rolar aiai
 Tocava muitos corações ai, fazia lágrimas rolar/ fazia lágrimas rolar ai
 Essa é a homenagem ao nosso mestre aiai, de todo os familiar aiai
 Essa é a homenagem ao nosso mestre ai, de todo os familiar/de todo os familiar ai.

No momento da nossa entrevista/conversa, Adão lembrou que encontrou dificuldades no passado com falta de músicos na Bandeira e contou que, quando encontrou Kaique, o sobrinho começou a cantar de contramestre e “não largou mais”. O folião acredita que o sobrinho tem o mesmo “dom” que ele; ou seja, ambos recebem “mensagens do Anjo”, o que os ajuda na elaboração das músicas da Folia. Nesse aspecto, além do histórico que a música resgata da tradição pelos nomes dos fundadores e de Adão, nota-se na transcrição a menção ao Espírito Santo (aquele que iluminava e fazia o mestre Adão, com seu canto, despertar emoções).

Nota-se pela música transcrita a admiração do sobrinho pelo seu tio Adão e como isso ajudou na construção de sua identidade como folião e músico sertanejo. Em sua entrevista, Kaique Gonçalves (2020) contou que, com 7 anos de idade, ganhou a primeira viola do seu tio Adão. Na época, passou a fazer aulas no Projeto Guri de Palmital, o que contribuiu com seu aperfeiçoamento musical. Hoje, além de cantar nas Folias de Santos Reis (que passou a *embaixar* a partir de 2015) e do Divino, o jovem mestre também possui uma dupla sertaneja junto com seu primo Kaio (*contramestre* da sua Companhia).

Sobre os demais componentes da Companhia, Kaique aponta que, além dele, cantam mestres/embaixadores, como: Lucas, Kaio, Tiãozinho Florêncio, Leco (apelido de Paraná), Tito Faceiro, Cido Mariano¹⁷⁹. Para ele, esses cantores mais antigos acabam contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem dos novos foliões, o que não quer dizer que eles não precisem estudar e ter o “dom”. O folião então compartilha que faz pesquisas sobre a história dos Santos Reis no *Google* e na Bíblia, mas que, no momento da festa, sente o Espírito Santo (o que Adão chamou de “anjo”) descer para contribuir com a criação das suas *trovas* (GONÇALVES, 2020).

Vale trazer aqui a consideração de Michael Pollak quando o sociólogo avalia que a imagem que uma pessoa constrói de si, para si e para outrem, é “para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.” (1992, p. 5). Observa-se, por exemplo, que mesmo percebendo que as renovações dos costumes são importantes, ambos os embaixadores, Adão e Kaique, replicam a sacralidade que envolve a função cumprida na Bandeira, o que reforça a identidade do grupo pela figura e “dom” daquele que se responsabiliza por pagar as promessas dos devotos em nome dos Santos Reis, cumprindo com sua missão.

¹⁷⁹ Nas três Companhias de Santos Reis de Palmital, existe o costume dos músicos se revezarem para cantar, visto que as jornadas são muito cansativas (geralmente cantam do dia 25 de dezembro a 6/7 de janeiro, das 08:00 às 22:00 horas).

Ademais, para Kaique o histórico do tio como músico sertanejo é igualmente importante à sua carreira musical que, aliás, foi influenciada pelo tio (que lhe deu a primeira viola) e pelo pai (que não é músico, mas que lhe deu a segunda viola), mas também impulsionada pela formação instrumental de Kaique e de outros jovens foliões de Palmital, no Projeto Guri. E talvez essa última característica, assim como as inovações à festa (como criação e comercialização de discos; o revezamento de músicos que se identificam com a devoção, mas também com a música sertaneja), tenham dado a ela o diferencial observado por *festeiras* como Maria Rosa Gonzalez:

E nós não temos embaixador, nem aqui em Ribeirão do Sul, nem aqui em Salto Grande. Como lá em Palmital está acontecendo essa coisa maravilhosa, que eu fiquei muito emocionada de ver aqueles jovens e eles tem uma força de vontade. Eles tiveram vontade, porque veio do avô, do bisavô, do avô, do pai, dos tios e agora está os sobrinhos, está os filhos dos Faceiros, porque a família dos Faceiros é que nem a nossa, né? Tem avô, tem bisavô, tem o pai, tem os tios e aqueles jovens, eles têm força de vontade. É preciso força de vontade dos jovens também. Eles precisavam aprender, porque os velhos vão enfraquecendo ou vão morrendo e tem os novos para se entrosar no meio da gente. E a gente acha muita dificuldade de achar essas pessoas que tem a vontade de aprender. E precisa de incentivo também, porque sem apoio e sem incentivo a gente não consegue. (CAMPOS, 2019).

No trecho, por sua vez, Maria Rosa fazia uso do exemplo da Família Faceiro para sinalizar que, em Salto Grande, a Folia de Reis se enfraquecia tanto pela falta de jovens nela interessados, quanto pela falta de investimentos na área cultural.

4. 1. 3 A Companhia de Reis Três Ilhas



Figura 39: José Elias Filho (Zé do povo) e seus irmãos. Acervo particular de José Elias Filho.

A história da Companhia de Reis das Três Ilhas é recordada por muitos foliões a partir “dos Monteiros”, família que povoou um dos bairros rurais de Palmital, o Córrego dos Monteiros, e que lá teria fundado a bandeira e feito as primeiras festas de Santos Reis. Mas, de acordo com o mais antigo *embaixador* do grupo, José Elias Filho (2019), o conhecido Zé do Povo, embora sua bandeira tenha carregado por muito tempo o nome dos Monteiros, quem cantava para ela pertencia basicamente à sua família (os Elias) e às demais que habitaram a “Água dos Monteiros” e seu entorno, como foram os casos das famílias de Loro (Laurentino Anastácio de Andrade) e Joaquim do Tel.

Em nossa entrevista¹⁸⁰, José exemplificou as relações e influências de sua família na Bandeira de Santos Reis através da fotografia que o retratou (no centro da Figura 39) junto aos irmãos e amigos. Na época, ele tinha cerca de 18 anos (a foto então seria de 1949) e, junto ao irmão Mário (à esquerda da Figura 39), um habilidoso instrumentista do local, cantavam nas festas de Santos Reis, mas também em rádios da região. Algo que ele chega a lembrar é que recebeu convite para ir embora para São Paulo, para seguir carreira na música, porém, foi impedido pelo pai porque tinha que ajudar a criar os demais irmãos. A propósito dessa recordação, vale atentar-se também à fotografia, algo raramente feito naquele tempo e local de

¹⁸⁰ Tanto o filho de Laurentino Anastácio de Andrade (Loro): Antônio Anastácio de Andrade (Tonho do Loro), quanto Valter Benedito de Oliveira (Pê Mariano), estavam presentes na ocasião. Em função disso, embora José Elias Filho tenha liderado a narrativa, digamos assim, seu primo (Tonho do Loro) e amigo (Pê Mariano) contribuíram à rememoração de alguns assuntos, como foi o caso, por exemplo, de datas e nomes referentes a festas em que o grupo cantou (caso da feita pelo pai de Tonho do Loro em 1956).

sua produção. Ela torna-se simbólica por isso e, portanto, pelo que intenciona retratar: os músicos. Ademais, pela cena e cenário fotográfico, percebe-se que os músicos estão em uma festa (bem trajados para um momento em que a música deve estar presente) realizada em um ambiente simples (casa de madeira) e familiar (pessoas querendo aparecer no registro de um momento especial). É uma festa de família (ELIAS FILHO, 2019).

Por influência do pai e avô, José e seus irmãos começaram muito cedo a sair nas Bandeiras de Santos Reis. Ele, por exemplo, tinha 12 anos quando iniciou sua jornada cantando “pra trás”, no *grito*, em uma festa realizada “pelos Candinho”, na Água Bonita (bairro rural de Palmital). E, assim como ocorre com praticamente todos os músicos de Folias de Reis, a experiência acumulada entre vivências nas Bandeiras, permitiu com que ele avançasse nas posições musicais até assumir a função de *embaixador/mestre*, a qual cantaria até mudar-se para São Paulo, em 1979 (*Id., Ibid.*).

Além da festa dos Candinho, na Água Bonita, Zé do Povo relembra de alguns festeiros (e bairros rurais) para os quais sua Bandeira cantou: Antônio Biazão (Água Bonita), Laurentino Anastácio de Andrade (Loro), Alfredo Elias, Zé do Povo, Mario Elias, Nofre Bernardo (Água do Cascalho), Bertulino (Água do Pouso), Lázaro Bueno, Mané Moço, Jorge Alves de Moraes e Batista Bento de Oliveira. Além deles, aponta que cantou também nas festas de Neguetão (no estado do Paraná), Toninho Fernandes (pertencente à Bandeira das Anhumas), Zé Careca, para os Luzias, Dedé Aguilhera, Zé Miguel e nas duas festas de Cunha Bueno (*Id., Ibid.*).

José conta que, quando não faziam festa nos bairros rurais próximos à sua casa, seu grupo viajava, por exemplo, para a Água Nova, Anhumas e Pirapitinga, para poderem cantar e ajudar outras Bandeiras (*Id., Ibid.*). Seu relato, nesse sentido, integra-se aos de outros antigos foliões de Palmital, compreendendo a ideia de que, no passado, havia um número superior de bandeiras de Santos Reis na região, bem como o costume e a colaboração local entre foliões e grupos para a realização das celebrações. Sobre isso, José aponta ainda que, embora somente a sua família conseguiria formar uma Bandeira, era muito difícil a jornada e, com o tempo, passou-se a ser difícil encontrar “cantador” em função das mudanças vivenciadas na história local. Com o tempo, as coisas foram ficando difíceis para que mantivessem lavouras nas suas pequenas propriedades rurais, o que justifica a sua mudança à São Paulo no final da década de 1970. Em suas palavras: “os filhos crescendo... o sítio aqui era pequeno e então eu fui embora [...] Fui trabalhar, trabalhar no Conhaque Presidente. Trabalhei 15 anos. [...] Aí aposentei e vim embora” (*Id., Ibid.*).

Com relação à guarda da bandeira dos Monteiros, o atual *gerente* da bandeira, Antônio Anastácio de Andrade (2019), recorda que o objeto ficou sob os cuidados de seu pai (Laurentino

Anastácio de Andrade – Loro) até 1965, ano em que falecera. Após esse momento, Antônio guardou o objeto por alguns anos, mas depois resolveu levá-la ao túmulo do pai, prestando-lhe uma homenagem póstuma. Apesar disso, continuou seu trabalho na festa.

Portanto, a fotografia a seguir (Figura 40) procura representar os vínculos devocionais de Antônio com os Santos Reis, valores culturais (MENESES, 2009) construídos e mantidos junto aos amigos, no local e Bandeira. Algo que se observou no trabalho de campo. A propósito, quando levei o folião para sua casa, no retorno da entrevista que seria então feita somente com José Elias Filho, Antônio convidou-me para entrar para que pudesse conhecer sua bandeira: a bandeira das Três Ilhas.



Figura 40: O gerente da Companhia de Reis Três Ilhas, Antônio Anastácio de Andrade (Tonho do Loro), com sua bandeira. Foto: Rafaela Sales Goulart. Residência de Antônio Anastácio de Andrade/Palmital (SP), 07/11/19.

Em decorrência da atitude do folião, Valter Benedito de Oliveira (2020), o conhecido Pê Mariano, conta que, para sua Companhia continuar celebrando os Santos Reis, Geraldo de Souza – devoto que também contribuía com a bandeira das Anhumas – assumiu a responsabilidade de colocar uma bandeira que havia pintado há tempos, para viajar no lugar daquela que foi “enterrada”. Acontecimento que teria feito com que a bandeira em que participavam os Elias e os Andrades fosse associada ao nome da Água das Três Ilhas (bairro

rural de Palmital), visto que Geraldo pertenceu ao local. Mas, ainda de acordo com o ex-gerente da Bandeira¹⁸¹, a oficialização do nome “Três Ilhas”, bem como das demais Companhias de Santos Reis do local, ocorreu em razão da festa de Santos Reis ter sido “registrada na Cultura” (OLIVEIRA, 2020).

Conforme apresentado no final do Capítulo 1, o instrumento jurídico que reconheceu as festas dos Santos Reis em Palmital foi a Lei nº 2128/2006 criada na gestão do então prefeito (e também folião), Reinaldo Custódio da Silva (Nardão). Nela, além da possibilidade do registro das “festas folclóricas e comemorações tradicionais do município de Palmital”, estabelecia-se que, aquelas organizadas e regulamentadas pelas Entidades/Associações, poderiam firmar convênio com o poder executivo, o que viabilizaria o apoio da Prefeitura e da Câmara Municipal de Palmital, o qual, por sua vez, deveria ser divulgado nos eventos festivos (PALMITAL, 2006). Entretanto, essa legislação não registrou o nome das três Companhias/Bandeiras, somente da festa. Retornarei a esse assunto oportunamente.

Passados alguns anos após a substituição dos nomes e caminhando para completar 50 anos de bandeira, Geraldo de Souza resolveu encerrar sua jornada, levando o estandarte à Aparecida do Norte. Cumprida sua “missão”, pediu que Valter pintasse uma nova bandeira para dar procedência à tradição do grupo no local (OLIVEIRA, 2020).

¹⁸¹ Apesar de dizer-se ex-gerente, observa-se nas ações de Valter uma liderança quanto a Bandeira. Pode-se dizer que ele compartilha com Antônio Anastácio de Andrade (Tonho do Loro) a gerência da Cia de Reis Três Ilhas. Valter possui 71 anos e atualmente é trabalhador rural.



Figura 41: Valter Benedito de Oliveira (Pê), a bandeira das Três Ilhas e o embaixador Léo Monteiro. Foto: Carlos Reis. Estância Capixingui – Água Capixingui/Palmital (SP), 10/01/15.

Na Figura 41 é possível observar Valter sendo documentado ao lado da nova bandeira em ocasião da festa de Santos Reis de 2015, momento em que ele ainda atuava como gerente da Companhia das Três Ilhas. Ao seu lado direito, encontrava-se Leonardo Monteiro, atual embaixador do grupo. A fotografia foi feita pelo fotógrafo Carlos Reis, um simpatizante do festejo no local. Percebe-se que ele procurava enquadrar o responsável pela bandeira das Três Ilhas na imagem, mas também seu grupo de cantores (incluindo uma mulher) com os seus distintivos de cor vermelha (lenços e golas das camisetas que, a propósito, levam os nomes da prefeitura e de empresas que a patrocinaram). Ademais, a imagem retrata o cerimonialista do evento, Clayton Biondi (extrema direita da Figura 41 – Clayton pertencente à Companhia da Água das Anhumas), bem como pessoas que participavam, assistiam e também fotografavam a apresentação pelo celular (parte central e inferior da Figura 41).

Sobre a entrada de Valter na Companhia das Três Ilhas, ele a localiza em 2002, ano em que havia retornado de São Paulo¹⁸² e, por ser familiarizado tanto com as Folias dos Santos Reis quanto com as do Divino, foi convidado por Geraldo para contribuir com tais festividades e, desde então, procurou resguardá-las, sobretudo quando seu falecido companheiro (Geraldo de Souza) deixou tal responsabilidade a ele. E, apesar de Valter ter morado um tempo na capital, recorda-se que na infância saía da Água do Meio com seu avô, Tônico Mariano, para levar

¹⁸² Em nossa entrevista, Valter relatou que se mudou com a esposa para São Paulo no início da década de 1970, em busca de melhores condições de emprego (OLIVEIRA, 2019).

prendas (porcos, galinhas) na Água das Anhumas, bairro que costumava ter mais festas no período. Além disso, Valter lembra que seu avô cantava como contrato e, já o pai, vestia-se de palhaço, sendo que ficava todo o período de jornada fora de casa (OLIVEIRA, 2020).

Para complementar sua história nas Folias de Reis de Palmital, ele apresentou ainda o seguinte registro:

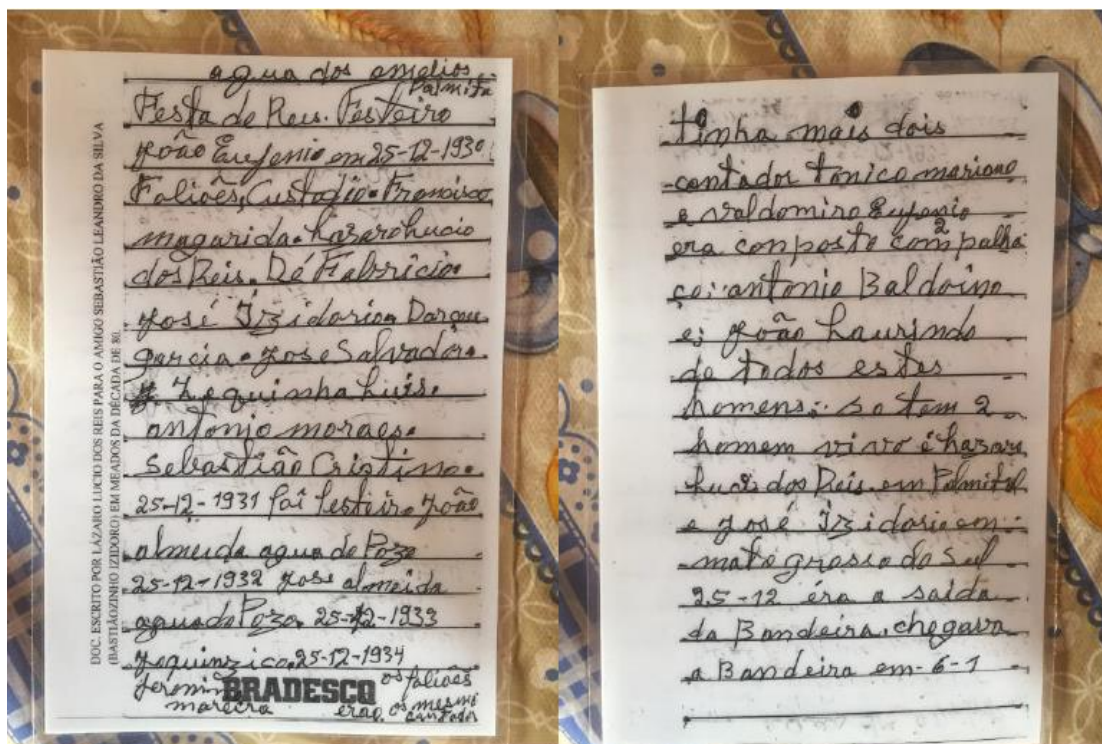


Figura 42: O registro dos primeiros festeiros, foliões, “cantador” e palhaços de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Palmital (SP), 21/01/20.

Na Figura 42 é possível ver o registro informal (em função de estar escrito à mão e em folhas de agenda) daqueles que teriam sido os primeiros festeiros, foliões, “cantador” e palhaços de Palmital, bem como datas e localizações das festas: 25/12/1930 – Água dos Américos, 25/12/1931 e 25/12/1932 – Água do Pouso, 25/12/1933 e 25/12/1934 – sem localização. Observa-se que a data anotada referia-se à saída da Bandeira que, por sua vez, chegava no dia 06/01, momento em que se encerrava a jornada.

Valter mostrou o documento¹⁸³ porque ele comprova o nome do seu avô, o “cantador Tônico Mariano”, junto daqueles que seriam os fundadores dessa história das Folias de Reis em Palmital: João Eugenio, João Almeida, José Almeida, Joaquinzico, Jeronimo Moreira,

¹⁸³ Ele dizia: “está tudo registrado aí”.

Custódio, Francisco Margarida, Lázaro Lucio dos Reis, Dé Fabrício, José Izidoro, Darceu Garcia, José Salvador, Zequinha Luis, Antonio Moraes, Sebastião Cristino, Tonico Mariano, Valdomiro Eugenio, Antonio Baldoino e João Laurindo.

De acordo com Valter, essas anotações foram dadas a ele como presente, justamente em função da recordação ao nome do seu avô, Tonico Mariano. Quem as forneceu foi a mãe do ex-prefeito Nardão (Reinaldo Custódio da Silva) (OLIVEIRA, 2020). Desse modo, o folião teve o cuidado de as plastificar para aumentar a durabilidade do registro.

Lázara Custódio da Silva era cunhada de José Izidoro (nome que aparece entre os foliões da anotação)¹⁸⁴. Ademais, percebe-se na lateral da imagem (à esquerda da Figura 42) uma espécie de catalogação do documento¹⁸⁵ com as seguintes informações: “Doc. Escrito por Lázaro Lucio dos Reis para o amigo Sebastião Leandro da Silva (Bastãozinho Izidoro) em meados da década de 1980”.

O interessante dessas anotações guardadas com cuidado por Valter, é que elas reportam informações compartilhadas no livro de Cunha Bueno (2002) e de Clayton Biondi (2015), o que, somando-se a esse registro de antigos foliões (o que lhe dá autoridade) feitos já na década de 1980, contribuem à memória sobre o surgimento das festas de Santos Reis de Palmital já na década de 1930. Assim, não só a produção dos registros, mas seu uso tático¹⁸⁶ pelos foliões, acabam contribuindo à construção identitária da tradição no local, sendo as “Águas” (que remetem aos primórdios da festividade no campo) mais apropriadas aos nomes das Companhias, do que os de famílias ou mestres específicos. Ademais, embora a história demonstre alguns interesses distintos sobre essa memória e identidade no local, foi possível notar o sentimento de pertença aos bairros rurais em que os foliões nasceram e/ou viveram (até por tabela, para usar a expressão de Pollak) e revisitaram pelas festas, o que traz coesão aos grupos e à tradição no local.

Mas, retomando especificamente as memórias da Companhia de Reis das Três Ilhas, além dos nomes explanados até aqui, um dos foliões mais recordados entre os entrevistados é

¹⁸⁴ No momento em que realizei o trabalho de campo, Lázara e outros foliões citados na Figura 41 já eram falecidos.

¹⁸⁵ Fui efetivamente ler esse detalhe quando analisava a fotografia (que havia feito ao final da entrevista com Valter), momento em que percebi também que se tratava de um xerox de uma montagem (anotações da agenda + tira com informações digitadas sobre autor, endereçamento e data).

¹⁸⁶ Para exemplificar o conceito de “tática”, Michel de Certeau aponta a “sucata” como resultante desse “tipo de operação” que investe em um desvio do sistema industrial, embora se faça a partir dele. Em suas palavras: “Como na literatura se podem diferenciar ‘estilos’ ou maneiras de escrever, também se podem distinguir ‘maneiras de fazer’ – de caminhar, de ler, produzir, falar etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (por exemplo, o sistema da indústria), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro (é o que acontece com a ‘sucata’). Assimiláveis a *modos de emprego*, essas maneiras de fazer criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes.” (CERTEAU, 2014, p. 87, grifos do autor).

o do ex-embaixador João Bigode¹⁸⁷. No Documentário “Reis – Violeiros de Palmital”, de Mário de Almeida (2013), o próprio João narra brevemente como assumiu sua função:

A primeira viola que eu peguei e cantei o primeiro verso, porque eu vinha brincando pelas estradas, naquele tempo a gente andava tudo a pé. E ele parou e falou: olha, nós vamos dar uma chegadinha aqui. Deu a viola na minha mão, eu vim brincando, chegamos numa casa, as pessoas: “ô João Bigode, canta”. Eu cantei, foi a primeira vez que eu peguei a viola da mão Atílio Faceiro, tio do Adão Faceiro. Isso aí já faz 53 anos, por aí, 54 anos.¹⁸⁸

A experiência contada pelo ex-embaixador estava enviesada pela temática do documentário feito por Mário, cujo enfoque foi dado à viola nas Folias de Reis. Por isso, conta a maneira como, em geral, os foliões iniciam sua carreira nas bandeiras. Algo narrado como natural, por acaso. No entanto, como também aparece na fala de João, a “estrada”, ou seja, ao longo *jornadas* das Bandeiras é que se apreendem as habilidades com as danças (dos palhaços), músicas, instrumentos, versos, enfim. Dentro disso, os *embaixadores* compartilham que é ouvindo, observando e entrosando-se com os sujeitos mais antigos da Bandeira, que se ganha o respeito deles e dos demais componentes (JÚNIOR, 2019).

Como ocorreu com João Bigode, seu sucessor na embaixada: Leonardo Jesus Monteiro¹⁸⁹ (conhecido como Léo Monteiro), relata como adentrou às Três Ilhas:

Então, realmente eu não comecei como *embaixador*, eu comecei como *palhaço*, na verdade né. E... tinha uma pessoa lá que eu gostava muito de ver cantar, que chamava João Bigode, que foi um dos grande embaixador da bandeira nossa. E eu vestia de palhaço e via aquilo, tipo, sentia vontade, sentia vontade, mas eu era muito novo ainda. Apesar que não tem idade pra isso, né. Mas, na época eu era muito novo, só via e gostava muito. E, com o passar do tempo, quando eu completei meus... 20 anos, eu acho, 20 anos eu acho, aí eu comecei pegar uma viola, ir perto, até que um dia ele chamou e falou: ó, vem aqui, vem aqui que eu vou te ensinar, porque você vai ficar no meu lugar. Tanto que aquilo eu achei que era brincadeira dele né, eu falei: ah, capaz. Aí ele foi me ensinando, ensinando, ensinando. Aí Deus resolveu chamar ele e, resumindo, eu fiquei no lugar dele como embaixador, e tô até hoje, e pretendo ir por mais muitos anos.

Leonardo recorda que, desde os 5 anos de idade, frequenta as Folias de Reis de Palmital, tendo seu pai (José Antônio Monteiro) lhe apresentado a elas. No entanto, fica perceptível que

¹⁸⁷ Infelizmente, João Bigode faleceu em 2015.

¹⁸⁸ O trecho foi transcrito por mim. Mas é possível consultá-lo em “Reis – violeiros de Palmital”, nos minutos: 00:08:58-00:09:31. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HcpsKrRaz94>. Acesso: 14 ago. 2022.

¹⁸⁹ Importante dizer que, em função da pandemia, as informações obtidas com esse folião foram estabelecidas via contato pelo WhatsApp.

o encanto de Léo pela celebração foi despertado ao longo das jornadas, sobretudo, com a música do mestre João Bigode. Nesse sentido, um ponto interessante apresentado por Leonardo é que sua experiência na Bandeira proporcionou-lhe o contato com a viola, instrumento que lhe tornou um embaixador e, também, um músico do gênero sertanejo¹⁹⁰. Caso parecido com o que ocorreu com Kaique Faceiro e demais jovens foliões pertencentes às Companhias de Palmital.

Falando de música, a Companhia das Três Ilhas também gravou CD com suas *toadas* particulares, sendo uma delas (Faixa 7) homenagem à memória do gerente Geraldo de Souza e do embaixador João Bigode, embaixada por Léo Monteiro:

Mas que hora abençoada
 nós viemos aqui cantar (2x)
 Mas que hora abençoada
 nós viemos aqui cantar (2x)
 Pra lembrar dos companheiros
 que presente não está (2x)
 Pra lembrar dos companheiros
 que presente não está (2x)
 Que já foi morar com Deus
 Eles vão nos escutar (2x)
 Que já foi morar com Deus
 Eles vão nos escutar (2x)
 Pro Geraldo e João Bigode
 Que estão em bom lugar (2x)
 Pro Geraldo e João Bigode
 Que estão em bom lugar (2x)
 Um era embaixador
 e outro já foi gerente (2x)
 Um era embaixador
 e outro já foi gerente (2x)
 Estão lá no céu cantando
 Com outros componentes (2x)
 Estão lá no céu cantando
 Com outros componentes (2x)
 No lugar que estiver
 Nós vamos sempre lembrar (2x)
 No lugar que estiver
 Nós vamos sempre lembrar. (2x)

¹⁹⁰ Léo contou que atuou em dupla sertaneja durante 10 anos, chegando a gravar CD. A música “Vírus do amor” é um exemplo do trabalho que desenvolveu junto à Marcos. A canção pode ser ouvida em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q0tNiRhpzyg>. Acesso: 22 abr. 2021.



Figura 43: Encarte do CD da Cia de Reis Três Ilhas - Palmital/SP, 2015. (Contém 7 faixas musicais).

Na transcrição da Faixa 7 do CD da Cia de Reis Três Ilhas – Palmital/SP, percebe-se o valor que se atribui a esses personagens da Companhia das Três Ilhas que entregaram a missão da Companhia nas mãos de Valter (ex-gerente) e de Leonardo (atual embaixador). Vale lembrar, no entanto, que o falecimento de Geraldo de Souza e de João Bigode foi no ano de 2015, mesma data de criação do CD. A respeito disso, Valter contou que o CD foi uma iniciativa sua, financiada por ele. Daí também a simplicidade do encarte, quando comparado aos anteriormente vistos.

A informação dada pelo folião, por sua vez, demonstra que a ação da gravação das músicas tornou-se uma forma de autopromoção e definição das identidades das Companhias de Santos Reis no local e fora dele, visto outro fato: a criação do programa de rádio “Viva Santos Reis”, que funcionou entre 2011 e 2016 e foi reinaugurado em 2021. Falarei oportunamente sobre o assunto.

No que compete às fotografias que compõem a capa e contracapa do encarte, aquela à esquerda da Figura 43, demonstra o grupo de músicos em jornada (visita na casa de devotos), e em um momento em que estavam sendo fotografados por mais de uma pessoa (os foliões olham em diferentes direções). À esquerda dessa fotografia, com sua viola, encontra-se o embaixador Leonardo e no oposto dela, à direita, encontra-se Valter (que embora não olhe para quem está tirando a foto, fica mais visível na imagem). Já à direita da Figura 43, a imagem representa a Companhia (palhaços e músicos), ainda em jornada, fazendo uma *meia lua*¹⁹¹, performance que costumam fazer nas casas em que almoçam ou jantam e que consideram tradicional. Mas o curioso das imagens escolhidas ao encarte do CD, é que, ambas, não

¹⁹¹ Explicarei seu significado mais abaixo.

apresentam Geraldo Souza, João Bigode e a própria bandeira da Companhia. Nesse aspecto, outra informação a se acrescentar é que um dos filhos de Valter se veste de palhaço e, possivelmente, essa foi a razão da escolha da fotografia do verso do CD.

Assim, o encarte torna-se representativo à memória e identidade da Companhia de Reis das Três Ilhas, pois contém na capa aqueles personagens que liderariam a sua missão a partir de 2015 e, em seu conteúdo, aqueles eleitos para representar sua história ligada ao bairro rural das Três Ilhas.

Por fim, pelo que se averiguou nesse histórico das *Bandeira/Companhia* das Anhumas, dos Faceiros e das Três Ilhas, eles se relacionam em função das transformações históricas vivenciadas e compartilhadas no local através das festas, mas também se diferenciam quando se observam as ações movidas para a manutenção das bandeiras e tradição festiva. Como se verá adiante, o encontro das bandeiras e Companhias de Santos Reis em Palmital, para realização de uma única festa, evidencia um empreendimento maior na preservação da tradição no local. Lembrando aqui que, preservar memória é construir memória (CAMARGO, 2006, p. 45).

4. 2 Formas de preservação da festa de Santos Reis de Palmital: documentações, descrições e impressões

4. 2. 1 Do encontro das Companhias ao lugar da festa

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-europeia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado. [...] O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária e involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela viva são testemunhos escritos. [...] O termo latino *documentum*, derivado de *docere*, “ensinar”, evoluiu para o significado de “prova” e é amplamente usado no vocabulário legislativo. (LE GOFF, 2013, p. 485-486).



Figura 44: Encontro das três bandeiras de Santos Reis de Palmital. Foto: Carlos Reis. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/2020.

A fotografia recorda a festa de Santos Reis de Palmital, caracterizada pelo encontro das suas três bandeiras (da esquerda para a direita, na Figura 44, está a bandeira da Cia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr, Cia de Reis da Água das Anhumas, Cia de Reis Três Ilhas). Ela foi retirada por Carlos Reis, cidadão palmitalense e um dos fotógrafos (observar que os sujeitos olham para lados diferentes) que costuma documentar as festas do local. O registro foi feito no dia 11 de janeiro de 2020, na Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital. Na imagem, momento após o cerimonial do encontro das bandeiras e Companhias, aparecem alguns dos sujeitos importantes à preservação da memória e identidade da festa em Palmital (da esquerda para direita: Cido Faceiro – canta como embaixador na bandeira dos Faceiros; Valdeci Alves Gonçalves – gerente da bandeira dos Faceiros; Kaique Gonçalves – embaixador e dono da bandeira dos Faceiros; Antônio Anastácio de Andrade – um dos gerentes da bandeira das Três Ilhas; Júlio César Tusco do Carmo – festeiro de 2020, pertencente à bandeira das Três Ilhas e prefeito de Campos Novos Paulista; Helder Reis da Silva – um dos gerentes da bandeira das Anhumas; Patricia Tusco – festeira de 2020, filha de foliões, cozinheira na festa e esposa de Júlio; Júlio César do Carmo Júnior – filho dos festeiros de 2020, pertencente à bandeira das Três Ilhas; Eduardo Tirolli – filho de foliões, presidente da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – AMTRAC-PSP; e Clayton Biondi – contratinho da bandeira das Anhumas, mestre de cerimônias e leiloeiro da festa e secretário da AMTRAC-PSP). O

enquadramento procura centralizar as três bandeiras de Santos Reis da cidade que, junto aos três *palhaços/bastiões* (objetos e personagens simbólicos que falarei mais adiante) ajoelhados, podem transmitir a mensagem da tradição mantida, sobretudo pelos sujeitos fardados (foliões uniformizados e personagens típicos à festa) e, ao mesmo tempo, ressignificada em Palmital pela festa do *Encontro de Bandeiras*. Dentro disso, cabe assinalar que, entre os palhaços, existem dois jovens foliões (entre eles uma mulher) e um adulto que não mora no local, mas que se veste na festa para cumprir promessa. Já do cenário, destaca-se a cobertura de lona, colocada ali para aquela ocasião.

Acerca do “encontro das bandeiras”, já em pesquisa realizada com os grupos de Florínea, ouvi histórias de que, antigamente, duas ou mais bandeiras de Santos Reis não poderiam se encontrar nas jornadas/giros, devido os desafios e brigas que surgiam nessas ocasiões. Contou-se, por exemplo, que, se o encontro ocorresse, haveria uma luta entre os palhaços e, depois, uma disputa musical entre os mestres, sendo que, ao final, o grupo vitorioso poderia aprisionar os instrumentos, fardas e até a bandeira do grupo em desvantagem (GOULART, 2018, p. 123). No entanto, os próprios entrevistados que versaram sobre tal “desencontro” não o haviam testemunhado, sendo essa uma narrativa “vvida por tabela” (POLLAK, 1992, p. 2), mas repetida para enaltecer a paz e a união entre as novas Bandeiras de Folias de Reis que, nesse caso, circulam para pagar promessas e levantar donativos posteriormente confraternizados em uma festa final que, em Florínea, também se chama de “encontro das bandeiras” (GOULART, 2018, p. 128).

Quando perguntei sobre os eventuais (des)encontros das bandeiras para os antigos foliões de Palmital, obtive as seguintes respostas:

R: E antigamente, as Bandeiras podiam se encontrar ou não?

J: Encontrar?

R: É.

J: Não, encontrar não. Encontrar, é... poder pode, mas não é bom porque perde muito tempo.

R: Como assim perde muito tempo?

J: é porque tem que cantar um pro outro. Então ficavam duas, três horas cantando e sem ganhar nada. Como é que faz, né? Porque tem que arrecadar. Então, tem que evitar encontro de bandeira. (FILHO, 2019).

A: Eu também ouvia falar, mas eu nunca vi encontro nenhum, porque o povo passou a ser amigo.

R: Sim.

A: Então, diz que antigamente um encontrava com o outro, e aquele que tinha mais sabedoria pra cantar, tomava aquela bandeira e era obrigado a unir com ele pra fazer a festa. Mas, eu não tenho conhecimento de nada disso. (FERNANDES, 2020).

As respostas acima foram fornecidas por José Elias Filho (antigo embaixador da Cia de Reis da Três Ilhas), nascido na Água dos Monteiros, em 1931, e por Antônio Fernandes (folião da Cia de Reis da Água das Anhumas e coordenador da cozinha da festa), nascido na Água das Anhumas, em 1940. Elas abordam o que se considera como antigos costumes nas festas, alguns deles vivenciados, como no primeiro caso e, no segundo, o que se ouviu falar. O primeiro, dito por um ex-embaixador, aponta o tempo que se “perdia” em arrecadação cantando (e apesar dos bairros rurais serem populosos, o que poderia gerar arrecadações, tinham que andar a pé no tempo do giro); o segundo, dito por um ex-escrivão, valoriza a sabedoria daquele que canta (embaixador), ao passo em que não considera o possível “enterro da bandeira” que esse encontro causaria, pois, em todo caso, uniam-se para fazer a festa. Aponta-se também que, apesar dos pesares, parecia prevalecer o respeito entre aqueles que se encontravam. Algo que até hoje deve sustentar uma festividade como essa, apesar das diferentes bandeiras. No encontro, deve prevalecer o respeito entre foliões e a responsabilidade com a missão.

Mas, fato é que, hoje, as Companhias agilizam suas viagens e a festa através: dos meios de transporte e ampliação do território de visitas (ônibus alugados, carros próprios); pela negociação dos bairros visitados em meio a esse território compartilhado¹⁹²; pela maior quantidade de pessoas nas Companhias (entre eles, músicos – inclusive embaixadores – que revezam nas *contorias*); e pela organização da infraestrutura da festa (um lugar adequado a ela, três Cias, uma Associação, apoio do poder público e de empresários locais).

Sobre a data de reunião das três Companhias na cidade, Antônio Fernandes (2020) recorda que a iniciativa pioneira dessa união teria ocorrido em uma festa realizada por seu amigo: Batista do Tel. Na ocasião, Batista do Tel convidou os integrantes da bandeira das Anhumas para cantarem na sua Água (Água da Corredeira/Três Ilhas), sendo o evento encarado como um exemplo de fortalecimento dos laços sociais entre os envolvidos e como uma solução aos problemas da “festa que aumentava muito”. Com o “casamento” das bandeiras, os grupos teriam a possibilidade de dividir o território de visitas, alcançando os objetivos de cumprir a missão (ajudar a pagar as promessas do “povo”) e as arrecadações. Em suas palavras:

[...] por causa da festa aumentar muito, uma bandeira só não tinha condições de fazer o trecho que o povo queria [...]. Sabe o que acontece? Ele vinha ajudar a cantar aqui na bandeira das Anhumas e ele tinha muita amizade com o povo

¹⁹² No apêndice 9 é possível visualizar em tabela com os “dados das Companhias”, os bairros visitados por cada uma delas.

aqui¹⁹³, *sabe*. Então ele chamou *o povo daqui* pra cantar *lá* e reuniram. E aí foi uma ideia que... fizeram um casamento, *né*. (FERNANDES, 2020, grifos meus).

Na Figura 48 é possível observar que a festa reportada ocorreu em 1962, sendo que, nos anos de 1967, 1976, 1977, 1983, 1988 e 1993, há igualmente a menção de dois *festeiros* e *Águas* em uma única celebração. Assim, apesar de José Elias Filho e Antônio Anastácio de Andrade (FILHO, 2019) – foliões igualmente antigos na festa e pertencentes à Cia de Reis da Água das Três Ilhas – terem lembrado em entrevista que as três bandeiras de Palmital haviam se reunido há aproximadamente 40 anos, concorda-se que tais ações foram resultantes da ampliação do público das Folias de Reis, algo que teria ocorrido a partir da década de 1960.

Em todo caso, a consideração de que a reunião ocorreu aproximadamente na década de 1980, pode ser trabalhada a partir de um livreto de autoria de Neide Rodrigues Gomes¹⁹⁴ (1984): “Folia de Reis”, o qual foi publicado pelo então deputado federal, Antonio Henrique Bittencourt da Cunha Bueno (*o festeiro* de Palmital em 1984)¹⁹⁵. A propósito, além dessa produção, Cunha Bueno também publicou outra em 2002, quando pela segunda vez foi festeiro em Palmital¹⁹⁶. Em ambas as ocasiões a festa ocorreu no dia 6 de janeiro (hoje ocorre no sábado após essa data), na Água do Matão (bairro rural de Palmital onde a família de Cunha Bueno possui a Fazenda Boa Esperança).

Entre as peculiaridades do impresso de 1984, destaca-se que nele não se identificam nomes às bandeiras/Companhias, mas aponta-se que existiriam e que fariam a festa no local “4 Folias, também chamadas de Bandeiras, cujos Embaixadores são Aldevino Miguel Fernandes, Antonio Tuccio, Adão José Alves e Ataliba Nogueira de Souza”¹⁹⁷, sendo que “os foliões não usam uniformes, apenas um lenço no pescoço, com a cor que identifica a sua Bandeira.” (GOMES, 1984, p. 28). Ademais, divulgou-se a arrecadação daquele ano: “15 vacas, 1000 frangos, patos e perus, 100 leitões, 20 carneiros, 4 sacas de arroz, 2 de feijão, macarrão, tomate, além de condimentos como sal, alho, cebola, pimenta e outros.” (*Id., Ibid.*, p. 35).

¹⁹³ Interessante notar o sentimento de pertencimento do folião à sua bandeira e ao bairro rural. Ao passo em que localiza como “lá” a outra bandeira, festa e bairro. Ademais, expressões como “sabe” e “né” podem indicar dúvidas.

¹⁹⁴ Quando tentamos contato com a autora, descobrimos que, infelizmente, ela havia falecido.

¹⁹⁵ Cunha Bueno também foi Secretário da Cultura do Estado de São Paulo, entre os anos de 1979 e 1983. Ver biografia de Cunha Bueno disponibilizada no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-henrique-bittencourt-da-cunha-bueno>. Acesso: 19 abr. 21.

¹⁹⁶ As duas publicações de Cunha Bueno, bem como aquela referente às memórias de Palmital (TANNO, 2004), foram gentilmente emprestadas a mim pela professora Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama.

¹⁹⁷ No Anexo 1 estão disponibilizados os versos colhidos com os embaixadores da época e algumas peculiaridades da festa.

Os dados ora levantados provavelmente surgiram de observações em campo e de entrevistas realizadas com os embaixadores, bem como com João Batista Correa – na época era gerente da Bandeira do embaixador Antonio Tuccio (Água das Anhumas) – e com Dona Francisca – foliã que cuidava e enfeitava a bandeira que dizia ter 25 anos (lembrando que Dona Chica e seu esposo fundaram a Bandeira da Água das Anhumas) (GOMES, 1983, p. 28-29). Vale dizer que, pelo que se conheceu nas memórias das Companhias em Palmital, Aldevino Miguel Fernandes (*in memoriam*) pertenceu à Companhia das Três Ilhas, Antonio Tuccio (*in memoriam*) à Companhia das Anhumas e Adão José Alves à Companhia dos Faceiros. Já o senhor Ataliba Nogueira de Souza, identificado no livro como embaixador pertencente à Água do Prata, não foi reconhecido entre foliões entrevistados nessa pesquisa.

Como se percebe, não se constatou no livreto informações acerca de quando o costume da reunião das Bandeiras tornou-se comum em Palmital, embora ele tenha indicado o encontro de quatro Folias para uma única festa naquele ano. Ademais, diante dos dados sobre a arrecadação, dá-se uma ideia de que o público da festa naquele período já era significativo, como apontaram os entrevistados.

Além desse documento de 1984, duas notícias do jornal local “Sondagem – a informação com seriedade”, já extinto no local, dão mais informações acerca da festa em Palmital¹⁹⁸. Elas estão datadas, respectivamente, em 10 e 17 de janeiro de 1998:

¹⁹⁸ Faço a ressalva de que o periódico em si não foi utilizado como fonte nessa pesquisa, visto que se trata de fotocópias gentilmente fornecidas pelo professor palmitalense Marcos Antonio Paludeto, que soube da pesquisa (por mim) e, portanto, compartilhou o que tinha acerca do assunto da festa (no caso, as cópias das capas e das páginas que tratavam do assunto). Optei por utilizá-las aqui em função do conteúdo (presentes, sobretudo, nos números 45 e 46 do jornal) e por saber da raridade desses documentos sobre a festa no local. Vale dizer que o jornal pertencia à Paludeto e ao comerciante Eduardo Budini. Ele era de circulação semanal e teve 87 números ao longo de sua existência no ano de 1998. Mais informações em: <geornal.com.br/2019/12/24/capas/>. Acesso: 11 out. 2022.



Figura 45: Júlio Luzio e família convidam os fiéis para festa de reis, que será realizada na Água do Palmitalzinho, no dia 10 de janeiro de 1998. Sondagem, Nº 45, Palmital, 10 jan. 1998.



Figura 46: 17 mil pessoas estiveram presentes na Festa dos Santos Reis. Sondagem, Nº 46, Palmital, 17 jan. 1998.

O número 45 do exemplar divulga o convite à “Grandiosa festa em louvor aos Santos Reis” (à direita da Figura 45), que, naquele ano, seria realizada no sábado do dia 10 de janeiro (portanto, já no sábado após o dia 6 de janeiro), pelo festeiro “Júlio Luzio e família” e na “Água do Palmitalzinho”. Já no número 46, igualmente abaixo da manchete do jornal, apresenta-se a notícia de que “17 mil pessoas estiveram presentes na Festa dos Santos Reis” em 1998 (à direita da Figura 46). Além do título que já chama atenção ao público, a imagem colocada logo abaixo dele complementa o que se noticia; ou seja, a “multidão” concentrada na Fazenda Cândida – Água do Palmitalzinho, local onde “foram servidos mais de quinze mil quilos de comida”.

Particularmente, no número 45, em sua página 7 apareceram duas matérias intituladas: “Festa de Reis resiste ao tempo – marcada pela história bíblica e pelo misticismo, ‘Santos Reis’ sobrevive como a festa mais tradicional de Palmital” e “Festa de Santos Reis em Palmital – por Lázara e Sebastião Leandro da Silva”. A Figura 47 as retratam:

SONDAGEM

PÁGINA 07

FESTA DE REIS RESISTE AO TEMPO

Marcada pela história bíblica e pelo misticismo, "Santos Reis" sobrevive como a festa mais tradicional de Palmital.

A Festa de Santos Reis baseia-se na história bíblica dos três Reis Magos: Belchior, Baltazar e Gaspar, que, após o nascimento de Jesus, partem ao encontro do "Menino Deus".

No Brasil, trazida pelos imigrantes europeus, a festa de Reis foi assimilada à cultura brasileira, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, onde a festa é popularmente conhecida como "Festa do Divino".

Em Palmital, segundo Sebastião Leandro da Silva, 75 anos, a Festa de Reis surgiu em Palmital no ano de 1932, na Água da Aldeia, na propriedade de Gerônimo Moreira da Silva.

Sebastião da Silva, conhecido carinhosamente por "Bastãozinho do Izidoro", acompanha, desde os 12 anos de idade, as transformações da "Festa do povo", "Antigamente havia apenas uma bandeira que percorria as propriedades rurais para cantar e arrecadar as prendas. Porém, visando realizar uma festa maior, o número de 'bandeiras' aumentou para duas e, conseqüentemente, para três".

Outra mudança significativa que ocorreu foi o fim da separação entre as pessoas. "Há cerca de 30 anos, as pessoas que doavam as novilhas e leitões tinham privilégios na festa, ou seja, tinha acesso a melhor comida e ficavam isoladas do restante do povo. Atualmente, felizmente não ocorre mais esta separação, a festa é para todos, sem separações, todos desfrutam do mesmo alimento, de maneira igualitária e sem discriminações", comenta Sebastião.

Mistério! Está é uma palavra

FESTA DE SANTOS REIS EM PALMITAL

por *Lázara e Sebastião Leandro da Silva*

A primeira Festa de Reis realizada em Palmital aconteceu no ano de 1931, na Água da Amélio e o festeiro foi João Eugênio.

Na ocasião, o Mestre dos foliões era Custódio José da Silva Evaristo. O Contra-Mestre era João Amâncio Ferreira (Joãozinho do Dunga), Moisés Custódio da Silva, João Laurindo, Chico Margarida, Jorge Inácio, Tonico Mariano, Sebastião Cristino, Valdomiro Eugênio, Salvador Pinheiro, Sebastiãozinho Feliciano compunham, com vozes e acordes sonoros, os vocais. Ao solo de violas, eram entoados os mais lindos versos de saudação ao "Deus Menino". Os palhaços eram Antonio Balduino e João Laurindo. O povo que assistia o ritual cristão, confraternizava com muita paz, amor e fé, numa prova de igualdade e com o pensamento voltado para Deus Pai Criador.

Este grupo de foliões foram responsáveis pela realização das seguintes festas: 1932 e 1933, na Água da Pousa; o festeiro foi João Almeida Ferreira.

1934, na Água da Aldeia; o festeiro foi Joaquim Luiz de Oliveira.

1935, na Água do Aldeia; o festeiro foi Gerônimo Moreira da Silva.

Nos anos seguintes, o folião mestre, Custódio José da Silva seguiu com o exército brasileiro para Europa, motivado pela Segunda Guerra Mundial. Por mais de uma década, a Festa de Reis não foi realizada, ficando "adormecida" dentro de cada folião.

Após uma pausa de 17 anos, em 1952, na propriedade do Senhor Otaviano Teodoro, na Água do Goiapá, a Festa de Reis foi novamente "despertada", prosseguindo com a tradição que matem-se viva até os dias atuais.



As bandeiras de "Santos Reis" visitaram dezenas de residências em Palmital e na região

FIQUE POR DENTRO ...Folia de Reis e Festa de Santos Reis

- * A Festa de Santos Reis faz parte da liturgia desde os primórdios do nascimento de Jesus, sempre lembrado no primeiro domingo depois do Ano Novo.
- * Folia de Santos Reis é uma festividade exclusivamente brasileira, surgida no período colonial, por volta de 1530. Naquela época, os escravos e a plebe criaram a própria forma de simbolizar a data, tendo em vista a dificuldade de entendimento das missas, rezadas em latim.
- * A Igreja jamais reconheceu a Folia de Santos Reis como festa litúrgica, apesar de toda devoção e fé centralizada na comemoração. Numa interpretação da doutrina católica, a festa é fruto da religiosidade popular.
- * Comemorado a distância da porta da Igreja, A Folia de Santos Reis até hoje é um folclore que ganha característica próprias, atípicas da doutrina. Os motivos são os mesmos: as formas de expressão que são diferentes.

(Texto extraído do Jornal "Voz da Terra", 07-01-98)

Centro Veterinário Animais & Cia.
ração p/ gado leiteiro e suínos
(Pedrinhas Paulista)
Av. Regional da Lapa, 671 | fone: (018) 351-2344
celular: 975-4672

PASTELARIA O KOMILÃO

Tol.: (018) 351-1907

A PASTELARIA MAIS COMPLETA DA CIDADE

PESK-PAG CASSIANO

Venha, e traga toda a família para pescar: PACUS, TAMBAQUIS, CARPAS e PIAUS.

Mult mensagem
Mensagens fonadas para todas ocasiões!!!
Presenteie quem você gosta com Mensagens de amor e carinho!
Demonstração gratuita!

Computadores atualizados e professores qualificados.

TÔ FELIZ! TÔ NA...



Figura 47: Festa de Reis resiste ao tempo. SONDAGEM, Nº 45, Palmital, 10 jan. 1998.

Conforme exposto na Figura 47, os textos sobre a Festa de Reis de Palmital ocupam toda a página do jornal. Junto a eles, encontram-se três fotografias que retratam a visita de uma bandeira à casa de um devoto (A bandeira de "Santos Reis" visitou dezenas de residências em Palmital e região), bem como um antigo casal de foliões de Palmital (Lázara Custódio da Silva

e Sebastião Leandro da Silva), que no jornal são identificados como colaboradores e historiadores da “Festa de Santos Reis”.

As matérias foram escritas a partir de pesquisas sobre o tema. No centro da imagem, por exemplo, há um quadro informativo: “Fique por dentro... Folia de Reis e Festa de Santos Reis”, texto que redator extraiu do jornal “Voz da Terra” – 07/01/98. Mas o conteúdo acerca da festa de Palmital, por sua vez, foi escrito com base em histórias contadas por Lázara (70 anos) e Sebastião (Bastiãzinho do Izidoro, 75 anos). Do que se apresentou, destacam-se aspectos como: o surgimento da festa no início da década de 1930, momento em que havia apenas uma bandeira que percorria os bairros rurais; a ausência das festas entre meados da década de 1930 a meados de 1950, por conta da ida do mestre Custódio José da Silva para a Segunda Guerra Mundial¹⁹⁹; o fim da separação entre o público na festa, que, há 30 anos, privilegiava o acesso à comida para quem doava novilhas e leitoas; os aspectos “místicos”, como o não aparecimento de insetos e animais durante a matança e preparo dos alimentos; o azar dos festeiros e envolvidos à celebração se, porventura, fizessem a festa sem respeito aos Santos e com fins lucrativos. Atenta-se ainda ao dado de os entrevistados Lázara e Sebastião terem nascido, respectivamente, em 1923 e 1928, havendo Sebastião mencionado que acompanhava a festa de Santos Reis desde os 12 anos de idade (ou seja, desde 1935).

Do que brevemente se apresentou pelo livreto e jornal, percebe-se o processo de construção da memória e identidade da festa feita a partir de observações na realidade local, mas sobretudo dos testemunhos (falas de antigos foliões) sobre ela, o que dá legitimidade ao que se escreve e se divulga em Palmital e região, também, através dos documentos formados por imagens (KOSSOY, 2001, p. 159) que cristalizam a mensagem de resistência da tradição no tempo.

A escolha por trazer esses documentos (o conteúdo em si) ao texto procura sinalizar os usos das Folias de Reis por figuras políticas, como é o caso de Cunha Bueno ou mesmo pelos próprios foliões: Lázara e Sebastião (ainda muito lembrados em entrevistas que realizei com foliões de Palmital), logo que eles aceitam sua imagem e história serem divulgadas. A notícia publica a história da festa sendo transformada e indica, para nossa pesquisa, como devoção e festa vão ganhando espaço em suportes materiais que contribuem à identificação da festa como uma tradição de Palmital. Nos documentos, por exemplo, cita-se a importância da religiosidade

¹⁹⁹ O embaixador da Companhia de Reis da Água das Anhumas compartilhou essa história em nossa entrevista, apontando ainda que ela foi contada pela mãe de Nardão (JÚNIOR, 2019). Reinaldo Custódio da Silva, o Nardão, é filho de Lázara e Sebastião, e foi prefeito em Palmital no tempo em que a festa foi reconhecida no calendário oficial do município como tradição folclórica e turística (PALMITAL, 2006).

para essa comunidade, procurando anunciar suas características culturais locais, sua grandeza (quantidade de participantes e de alimentos doados e servidos gratuitamente).

Nesse sentido, retoma-se a segunda publicação de Cunha Bueno, de 2002, intitulada “Festa dos Santos Reis - Palmital 2002”. Ao contrário do livreto de 1984, na capa deste há somente a referência ao deputado e a indicação do patrocínio: “Todos os homens de boa vontade que crêem no Menino Jesus”. Já no verso, consta o nome da gráfica onde o impresso foi feito: Nova Página Indústria Gráfica, São Paulo. Ao longo da publicação, encontra-se uma “Mensagem” escrita pelo deputado, bem como tópicos que falam sinteticamente sobre: “A história dos Santos Reis”, “A Folia e sua origem”, “O sentido da Folia”, “O significado dos presentes”, “A Bandeira da Folia”, “As cinco cores dos Santos Reis”, “O Presépio”, “O Folião”, “A importância do Palhaço”, “A cozinha, o trato e o leilão”, “Curiosidades” e “Os festeiros de Palmital”.

Por essa breve apresentação e pelo que se notou em seu conteúdo, pode-se dizer que o levantamento dos dados foi realizado com base em referências gerais sobre a temática, com exceção dos três últimos tópicos que parecem ter sido elaborados através de observações sobre jornadas, festa ou mesmo de entrevistas.

Sobre “A cozinha, o trato e o leilão”, por exemplo, anuncia-se que no ano de 2000 (festeiro Pedro Luchetti) compareceram mais de 20 mil pessoas na festa²⁰⁰, sendo em suas jornadas arrecadado: “96 garrotes, 301 leitoas, 1.010 frangos, 18 carneiros, além de cabritos, patos e demais alimentos” (BUENO, 2002, p. 22). Nesse mesmo tópico do livreto, consta que o leilão era realizado “após o encontro de Bandeiras [...] para venda dos animais que não foram utilizados no almoço”. Sua arrecadação, por sua vez, era doada para entidades assistenciais, isso sem falar da doação das cestas básicas para famílias carentes (*Id., Ibid.*, p. 23).

Do impresso, destaco também parte final da “Mensagem” do deputado, onde se percebe o convite a dois eventos (festa e exposição), agradecimentos e seu sinal de pertencimento à Palmital²⁰¹ (“nossa casa”):

Para esta festa, julguei oportuna a impressão deste texto e a realização da exposição Passado e Presente da Festa de Santos Reis, contribuindo para futuras pesquisas e registrando, também, a cultura religiosa de nossa gente. O meu melhor agradecimento à todos que colaboram para a concretização deste

²⁰⁰ Para fins comparativos, informa-se que o “Encontro Nacional de Folias de Reis de Ribeirão Preto (SP)”, realizado em 2010, contou com a presença de cerca de 20 mil pessoas (BARROS; REZENDE, 2011, p. 24).

²⁰¹ Vale dizer que os pais de Cunha Bueno são nascidos na região de Palmital. Seu avô, José Joaquim Bittencourt, é considerado um dos fundadores da cidade. O envolvimento do festeiro com a festa de Palmital, como o próprio conta em mensagem de abertura do livreto da festa de 1984, era um desejo do seu pai.

evento, esperando encontra-los, no próximo dia 12 de janeiro de 2002, aqui em nossa casa” (BUENO, 2002, p. 4).

Na dissertação de Aline Fabri Segateli (2021, p. 87): “Patrimônio cultural imaterial? memória e religiosidade popular expressas nas representações da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, em Cândido Mota/SP (1983-2019)”, esse mesmo excerto é citado quando a historiadora analisa livreto de 2017, produzido pela Companhia que ela investiga naquele município. No local, o livreto funciona como convite da Companhia para sua festa de Santos Reis em Cândido Mota; convite feito em nome do festeiro Toninho Leiteiro e família²⁰². Comparando o livreto de Cândido Mota com o de Cunha Bueno (2002), a única diferença da mensagem que os inaugura é a troca de nome do local e data de realização da festa.

Outras citações demonstradas na dissertação, como é o caso da explicação dos presentes oferecidos pelos magos (SEGATELI, 2021, p. 40) ou mesmo o teor do Patrocínio (*Id., Ibid.*, p. 83) ora citado pelo livro de Cunha Bueno (2002), demonstram que o livreto distribuído pela Companhia de Cândido Mota em 2017 era uma cópia. No entanto, Segateli (*Id., Ibid.*, p. 82) trouxe o dado de que a responsável pela sua impressão foi a filha de Toninho Leiteiro, sendo a ação movida por uma promessa²⁰³. O que traz compreensão à frase de gratidão expressa no Patrocínio e ao ato da apropriação dos textos e distribuição entre os devotos. Talvez essa seja uma prática comum no local.

Além da intenção devocional, ao circular entre os devotos, esses textos passam a informar sobre a “tradição da festa de Santos Reis”, contando histórias para além daquelas que se encontram na bíblia, o que pode fortalecer e gerar mais identificações com a mesma²⁰⁴. Em conversa como uma foliã, por exemplo, ela me explicou que o que se coloca na bandeira (fitas, fotografias) não se retira até que caia pela intervenção dos Santos Reis. O que significa sua benção. Esse relato de campo, por sua vez, pode ser encontrado entre as curiosidades contadas no livro de Cunha Bueno (2002, p. 26). Nesse sentido, olhando para a realidade que estuda, Segateli (2021, p. 80) resume: “Tal livreto está composto pelos elementos que os sujeitos,

²⁰² Diferente do que se observou em Palmital, Cândido Mota teve um único festeiro (Toninho Leiteiro) entre 1961 e 2015 (SEGATELI, 2021, p. 106). Toninho herdou a bandeira do seu pai e, por isso, a liderou ao longo desses anos. Hoje, seus filhos assumem sua liderança. Um adendo a se fazer, é que Toninho exerceu mandatos de vereador no local, o que, para Segateli (*Id., Ibid.*, p. 15), teria dado “maior visibilidade ao evento” visto que, a partir então (meados da década de 1980), a Companhia do festeiro e a festa passaram a ser noticiadas nos impressos locais.

²⁰³ Ao contrário de mim, Segateli (*Id., Ibid.*, p. 82) conseguiu entrevistar a foliã que distribuiu os livretos para pagar a graça que recebeu dos Santos Reis.

²⁰⁴ Aproveito para trazer um relato de campo. Em conversa como uma foliã, ela me explicou que o que se coloca na bandeira (fitas, fotografias) não se retira até que caia pela intervenção dos Santos Reis. O que significa sua benção. Esse relato, por sua vez, foi encontrado entre as curiosidades contadas no livro de Cunha Bueno (2002, p. 26).

praticantes da Festa de Reis em Cândido Mota, consideram importantes de serem preservados, divulgados e colocados em prática”.

Ainda sobre o excerto, repara-se que nele há a divulgação de uma exposição que seria feita em Palmital por Cunha Bueno. Sobre o assunto, há uma Moção Nº 2/2002²⁰⁵ direcionada à Cunha Bueno, feita pelo então vereador Clayton Biondi (Tê Biondi), que expressa a gratidão ao deputado federal na divulgação da “manifestação folclórico/religiosa”, visto a distribuição de livretos sobre a festa e a explanação de fotos de todos os seus festeiros²⁰⁶. Entre os festeiros, dois são da família do vereador: Brás Biondi (pai) e Charles Biondi (irmão). Suas festas foram realizadas em 1985 e 1996, respectivamente.

Clayton é de uma família de foliões pertencentes à Companhia de Reis da Água das Anhumas. A propósito, desenvolve na Cia a função de contratinho (6ª voz do grupo de cantores da Cia); já na ocasião da festa de *encontro das bandeiras* de Palmital, cumpre a função de cerimonialista (aquele que narra o encontro das bandeiras) e leiloeiro. Ademais, o folião tornou-se secretário da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – AMTRAC-PSP, entidade que ajudou a articular e criar em 2017.

Das informações obtidas no livreto e exposição de Cunha Bueno em 2002, Clayton elaborou seu próprio livreto chamado “Festa de Santos Reis Palmital-SP – Cultura, Tradição e Fé”. Dessa publicação de 2015, chama-se atenção ao histórico das “Festas e Festeiros de Palmital – SP”:

²⁰⁵ PALMITAL. Moção Nº 2/2002. *Parabenizando O deputado federal Cunha Bueno, festeiro de Reis de 2002, pela realização da exposição “Passado e Presente da Festa de Santos Reis”*. Palmital: Câmara Municipal, 2002.

²⁰⁶ Não consegui acesso as fotos.

Festas e Festeiros de Palmital-SP

1931 - João Eugênio - Água dos Américos
 1932 - João Almeida Ferreira - Água do Pouso
 1933 - João Almeida Ferreira - Água do Pouso
 1934 - Gerônimo Moreira da Silva - Água da Aldeia
 1935 - Não se realizou festividade (luto)
 1936 - Joaquim Luiz de Oliveira - Água da Aldeia
 1937 - Salvino Alves de Lima e Raimunda Maria Rita - Água Sumida
 1938 a 1955 - Não se realizou festividade
 1956 - Otaviano Pinheiro da Silva - Água do Goiapá
 1957 - Vadoca de Góes - Água do Santo Antônio
 1958 - Antônio Luiz da Silva - Água das Anhumas
 1959 - José Emídio da Silva - Água da Aldeia
 1960 - José Pedro da Silva - Água do Goiapá
 1961 - Roque de Oliveira - Água do Fínico
 1962 - Felício Franco - Água das Anhumas e Batista do Tel - Água da Corredeira
 1963 - Sebastião Luiz da Silva - Água das Anhumas
 1964 - Guerino Jangarelli - Água das Anhumas
 1965 - Amador Luís Ferreira - Água do Goiapá
 1966 - Adolfo Serafim - Água das Anhumas
 1967 - Onofre Bernardes - Fazenda Cascalho e Clarindo de Almeida - Água do Paris
 1968 - Bertulino Bueno - Água do Pouso
 1969 - Lázaro Bueno - Água do Pouso
 1970 - Manoel Moço - Água do Barreirã
 1971 - Guerino Jangarelli - Água das Anhumas
 1972 - Francisco Eugênio - Água das Anhumas
 1973 - Antônio Fernandes - Água do Goiapá
 1974 - Evaristo Marques da Silva - Água dos Aranhas
 1975 - Não se realizou a festividade
 1976 - Sebastião Pinheiro de Góes - Água das Anhumas e Geraldo Souza - Água das Três Ilhas
 1977 - Antônio Fernandes - Água do Goiapá e Lázaro Salvino - Água das Três Ilhas
 1978 - Otávio Cardoso - Água das Três Ilhas
 1979 - Ernesto Paulo Tusco - Água do Goiapá
 1980 - José Bento - Água da Corredeira

1981 - Francisco Guito - Água da Figueirinha
 1982 - Idalecio Gabriel Gonçalves - Água do Meio
 1983 - Reinaldo Cestari - Água das Três Ilhas e José Rezende de Góes - Água do Macuco
 1984 - Deputado Cunha Bueno - Água do Matão
 1985 - Braz Biondi - Água Nova
 1986 - José Gabriel Gonçalves - Água da Corredeira
 1987 - Reinaldo Cestari e Joaquim Alves - Água da Corredeira
 1988 - Pedro Alexandre da Silva - Água do Goiapá e Edgar Luzio - Água do Palmitalzinho
 1989 - Geraldo de Souza - Água das Três Ilhas
 1990 - Mariano Francisco dos Santos - Água das Anhumas
 1991 - José Pedroso - Água da Corredeira
 1992 - Antônio Osmar da Silva (Viçoso) - Água do Palmitalzinho
 1993 - José Fernandes Júnior - Água da Aldeia e Aldivino dos Santos e Altair Castiliano - Fazenda Cobianchi
 1994 - João Carlos Orlandi - Água do Guarani
 1995 - José Aguilera Serrano (Dedé) - Água do Garani
 1996 - Charles Biondi - Água Nova
 1997 - Cleusa Angelina Orlandi - Água dos Américos
 1998 - José Júlio Luzio - Água do Palmitalzinho
 1999 - João Batista de Oliveira (Batista) - Fazenda Oliveira - Ibirarema/SP
 2000 - Pedro Luchetti - Água dos Aranhas
 2001 - Não se realizou a festividade
 2002 - Deputado Cunha Bueno - Água do Matão
 2003 - José Fernandes Júnior
 2004 - 2005 - Não se realizou a festividade
 2006 - Ângelo Zanetti - Água do Capixingui
 2007 - Antônio Tirolli - Água da Espanholada
 2008 - Sebastião Leandro da Silva - Água da Espanholada
 2009 - Manoel Eduardo da Silva (Mané Eugênio) - Água da Espanholada
 2010 - Eduardo Tirolli - Água da Espanholada
 2011 - José Fernandes Júnior - Água da Espanholada
 2012 - Não se realizou a festividade
 2013 - Ângelo Zanetti - Água do Capixingui
 2014 - José Cláudio Zanetti e Gel Zanetti - Água do Capixingui
 2015 - Pedro Paulino e Família - Água do Capixingui

14

15

Figura 48: Histórico de “Festas e Festeiros de Palmital-SP” – 1931 a 2015 (BIONDI, 2015, p. 14-15).

Na Figura 49 é possível notar o acréscimo dos dados referentes aos festeiros e Águas onde a festa fora realizada a partir de 2002. Na imagem divulgam-se as informações já compartilhadas por outros foliões, bem como as datas em que a festividade não ocorreu. Vale dizer que os foliões costumam dizer que a tradição em Palmital foi iniciada na década de 1930. No entanto, conforme pude notar em convite da festa que acompanhei em 2019/2020, nele se apresentam os 65 anos de sua história (Figura 51).

Seguindo a lógica das publicações, acrescentarei a seguir as informações referentes aos festeiros e Águas onde a festa foi realizada após 2015. Os dados foram colhidos nas entrevistas com os foliões.

- 2016 - José Lázaro Tusco, Maria Inês Thomé Tusco e Cláudio Donizete Tusco – Água do Capixingui;
- 2017 - Francisco Tirolli e Dirce Tirolli – Água da Espanholada;
- 2018 - Eliseu A. Scorsioni e Regina Célia Góes Scorsioni – Água da Espanholada;
- 2019 - Valter Benedito de Oliveira (Pê Mariano) e Maria José da Silva de Oliveira – Água da Espanholada;

- 2020 - Júlio César do Carmo (Bijuca) e Patrícia Tusco do Carmo – Água da Espanholada;
- 2021-2022 - Não houve festa devido à pandemia (Covid-19)²⁰⁷.

Sobre esses dados, destaco dois pontos. O primeiro deles diz respeito ao enfoque das publicações de Cunha Bueno (2002) e de Clayton Biondi (2015) aos personagens *festeiros*, visto que em Gomes (1984), por exemplo, a atenção era dada aos *embaixadores* das, então, quatro bandeiras de Palmital. E o segundo diz respeito aos locais das festas que, a partir de 2006, passaram a ser realizadas somente em dois bairros rurais: Água do Capixingui e da Espanholada. Nenhum deles refere-se ao nome das três Companhias de Palmital. Aliás, a partir de 2017, ela estabilizou-se na Água da Espanholada até que, de lá, saíria para um recinto próprio obtido pela Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – AMTRAC-PSP.

Pode-se dizer que a menção aos festeiros e a longa duração da tradição da festa em Palmital sinalizam uma preocupação com seu futuro, pois são esses personagens que, até pelo menos o ano de 2007²⁰⁸, disponibilizavam sua propriedade para o festejo que se ampliava em termos de público e que, nesse sentido, precisava de uma boa infraestrutura para ocorrer. Por outro lado, entre os festeiros do histórico constam: Braz Biondi (antigo vereador e prefeito de Palmital), Cunha Bueno²⁰⁹ (candidato a deputado federal em 2002), Ângelo Zanetti (vice-prefeito em Palmital na gestão 2012-2015, junto à prefeita Ismênia Mendes Moraes) e de Júlio Cesar do Carmo (prefeito de Campos Novos Paulista), o que pode denotar o espaço da festa para promoção política dos sujeitos.

Na vizinha Cândido Mota, Aline Segateli (2021, p. 47) observa, por exemplo, que por serem de família foliã muito conhecida naquela cidade, os festeiros da Companhia “Estrela do Oriente”, Toninho Leiteiro e seu filho, teriam obtido notoriedade entre o eleitorado local que também é praticante da manifestação cultural e religiosa.

Com essa consideração não se quer menosprezar a devoção dos festeiros e políticos, mas apontar a devoção e a festa como pontos de encontro. Nesse encontro, relações sociais

²⁰⁷ Mario Reis aponta que, embora não tenha havido festa em 2021, os foliões de sua Companhia resolveram passar somente a bandeira (plastificada e higienizada com álcool em gel) nas casas dos devotos. Essa informação pode ser consultada em evento sobre Folias de Reis, organizado pelo Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa (CEDAP). Consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=mo80OUC0X-0&t=289s>. (mins. 01:35:18 – 01:37:53). Acesso: 21 out. 2021.

²⁰⁸ O festeiro de 2007 é pai do proprietário da Fazenda da Água da Espanholada. Após sua festa em 2007, por sua vez, percebe-se nomes de outros festeiros que não necessariamente pertencem a família Tirilli.

²⁰⁹ Tanto nas eleições de 1986 para deputado federal (eleito) quanto nas de 2002 para senador (não eleito), Cunha Bueno obteve o primeiro lugar no número de votos pelo município de Palmital, obtendo respectivamente, 1137 em 1986 e 8432 em 2002. Para se ter uma ideia, a população da cidade somou na década de 1980: 17355 habitantes; e na década de 2000: 20697 habitantes. Consultar dados eleitorais em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/moveleitoral/index.php>. Acesso: 20 abr. 21.

podem ser estabelecidas e fortalecidas, fazendo com que interesses distintos se entrelacem e gerem “prestígio social” (DA MATTA, 1997, p. 76). E parte dessa representatividade em meio às Folias de Reis, por exemplo, deve-se também às ações movidas para sua preservação. A produção documental sobre a tradição, por exemplo, é encarada pelos foliões como uma forma de reconhecimento e valorização do seu costume. Algo que nem sempre é visto entre os representantes políticos, se formos pensar em termos de gestão de políticas públicas culturais.

Por outro lado, como tratado no Capítulo 1 da tese, a produção desse tipo de política precisa levar em consideração toda a sociedade (seja a nível local, regional, nacional) e, portanto, suas diferenças e demandas culturais internas (CALABRE, 2016, p. 263). Sem a devida observação e escuta, a elaboração e aplicação de políticas culturais pode fazer dos bens culturais meros produtos turísticos sem sentido à sua comunidade.

Quanto a importância da infraestrutura do local das festas de encontro das bandeiras de Palmital, motivo para sua estabilização em fazendas específicas a partir de 2006, o livreto de Clayton Biondi (2015) traz algumas dicas:



Figura 49: “A festa de Santos Reis de Palmital – SP” (BIONDI, 2015, p. 10-11).

A Figura 49 reporta parte do conteúdo do livreto elaborado por Biondi (2015). Trata-se de uma montagem de fotografias (autoria: Alex Anhumas/Carlos Reis) que procuram retratar momentos da festa de *encontro das bandeiras*, bem como sua grandiosidade. À esquerda e topo da Figura 49 encontra-se a vista aérea da Estância Capixingui, local onde a celebração foi organizada em 2014. Nela é possível observar a quantidade de carros e a estrutura do lugar que, segundo a legenda, reuniu mais de 40 mil pessoas. Logo abaixo, encontram-se duas fotografias que retratam a cozinha e o local onde os alimentos são servidos pelos 500 voluntários que trabalham no evento. A propósito, a legenda menciona que são servidos mais de 18 mil quilos de alimentos. Ao lado direito da Figura 49, por sua vez, encontra-se, no topo da imagem, o retrato da missa realizada no local, que inaugura o cerimonial do dia festivo. Logo abaixo, retrata-se a ocasião do encontro das três bandeiras de Palmital, destacando-se também a figura dos palhaços, personagens atrativos aos participantes, pelo seu colorido e brincadeiras.

Além das imagens e da escrita de outras especificidades acerca da festa no local, Biondi (2015, p. 13) aponta que ela “é uma tradição de mais de 80 anos no município de Palmital”, sendo “Considerada a maior festa do gênero no mundo, no ramo de distribuição gratuita de alimentos, por ter números surpreendentes no que se refere à sua cozinha”.

Os documentos abordados, sobretudo, a partir da década de 1990, demonstram a construção de uma “memória-monumento” (PORTELLI, 2006, p. 48) sobre as festas de Santos Reis de Palmital (no caso, sobre a festa de *encontro das bandeiras*, que encerra o cerimonial) com base na sua comida/cozinha. Ou melhor, nos “números surpreendentes” sobre o que se arrecada e é servido ao grande público que a festa passou a contemplar desde o final do século passado. Essa construção, por sua vez, parece recair na problemática que se levantou acima, sobre o uso da festa enquanto produto turístico, sendo ele realizado por sujeitos (*nós*) que transitam entre as *redes* da devoção/festa e da política local/regional.

Como narrado ao longo do texto, o encontro das bandeiras não foi por acaso, ele ocorreu em função do enfraquecimento dos grupos com a perda dos foliões/cantores que precisaram mudar-se para outras localidades. Assim, a percepção compartilhada nas entrevistas é que a festa precisou de um suporte do poder público; e, ao que tudo indica, este suporte veio de figuras públicas específicas, vinculadas à devoção/festa. Por outro lado, também se compartilhou que a festa precisava estabelecer certa autonomia com relação ao poder público, visto que se conhece os seus limites.

Assim, pelo observado em pesquisa e pelo que ainda se narrará nesse texto, alguns sujeitos atuam diretamente nessa frente de preservação da festa, levando em consideração seu potencial turístico regional. O que em geral é bem aceito entre as Companhias, sobretudo,

quando a proposta de compra de um Recinto próprio à celebração tornou-se realidade em 2020. Antes disso, porém, uma Associação²¹⁰ precisou ser organizada para que o dinheiro arrecadado pelas Companhias pudesse ser convertido em alimentos à população, doação a entidades filantrópicas locais, e também reservado para tal investimento. Algo que antes não se tinha controle.

Assim, em 27 de julho de 2017 realizou-se uma reunião entre membros das três Companhias de Santos Reis de Palmital e, dela, criou-se a Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – SP (AMTRAC-PSP), com sede na Rodovia Nelson Leopoldino, Km 12, CEP 19970-000, Palmital-SP, mesmo local onde a festa de *encontro das bandeiras* foi realizada entre os anos de 2007 e 2011 e de 2017 e 2020. Vale mencionar agora que o proprietário da Fazenda São Joaquim (Água da Espanholada – Palmital), o qual foi festeiro de Santos Reis em 2010, Eduardo Tirolli, cumpre a função de presidente do órgão de direito privado e sem fins lucrativos desde sua fundação. O que explica a estabilização da festa no local a partir de 2017 e, de certa forma, explica também a construção documental ora detalhada.

Seguem abaixo, os nomes (e funções) dos que compõem tal entidade:

Nome	Nome da função na AMTRAC-PSP (2017 a 2019)
Eduardo Antônio Tirolli	Presidente
José Lázaro Tusco	Vice Presidente
Clayton Biondi	1º Secretário
Aparecido Benedito da Silva	2º Secretário
Fábio Calório Pereira	1º Tesoureiro
Luiz Carlos Albonete Garcia	2º Tesoureiro
Helder Reis da Silva	Conselheiro
Mário Gonçalves de Oliveira Júnior	Conselheiro
André Ricardo Nunes	Conselheiro
Valdeci Alves Gonçalves	Conselheiro
Rosaldo José dos Santos	Conselheiro
Antônio Fernandes	Conselheiro
Clayton Biondi	Conselheiro
Valdinei da Silva Domeni	Conselheiro
Ângelo Horácio Zanetti	Conselheiro
Leandro César Martins	Conselheiro
César Augusto Serafim Pinheiro	Presidente do Conselho Fiscal
Jubraim Tomé	Conselho Fiscal
José Carlos Tusco	Conselho Fiscal

²¹⁰ Consultar dados da Associação em: <http://cnpj.info/Associacao-de-Manutencao-das-Tradicoes-Culturais-de-Palmital-Sp-Amtrac-Psp>. Acesso: 14 abr. 2021.

Lourival José de Carvalho	Suplente Conselho Fiscal
Francisco Antônio Tirolli Calandrielo de Paula	Suplente Conselho Fiscal
Leandro de Jesus Monteiro	Suplente Conselho Fiscal

Tabela 4: Membros da AMTRAC-PSP (2017 a 2019). Fonte: Ata da Assembleia geral de Constituição da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – SP (AMTRAC-PSP), 27 jul. 2017.

Entre os nomes, encontram-se os de festeiros e foliões já citados no texto. Mas destaco que, dos *gerentes* das três Companhias de Palmital, são conselheiros somente aqueles que pertencem à Companhia de Reis da Água das Anhumas e da Companhia de Reis da Família Faceiros e Faceiros Jr. Com relação à Companhia de Reis Três Ilhas, consta-se o nome do seu atual *embaixador* como suplente do conselho fiscal.

Notou-se que houve certo conflito travado no contexto de constituição da entidade, não necessariamente pelo ato em si, mas entre algumas pessoas que integram Companhias distintas. No entanto, notou-se também que alguns desentendimentos acabaram sendo deixados de lado em prol da festa (*colônia*).

Sobre os motivos de criação, papel e objetivos da criação da Associação em 2017, seus idealizadores apontam o seguinte:

[...] como antigamente muita gente mandava, era assim, eu fazia a festa, eu que tomava conta do dinheiro. Ah, se sobrava também o dinheiro, eu fazia o que eu queria com ele, não era assim passado de um para outro sabe. Se a gente tivesse uma organização aí de uns 20 anos atrás, a gente já tinha uma grande estrutura. (JÚNIOR, 2019).

[...] ela serve para organizar como vai ser a festa, como que o festeiro vai poder fazer a festa, que é uma pessoa totalmente independente da Associação, que é escolhido aleatoriamente todo ano [...]. E ela serve também para tratar se existe uma sobra da festa, seja ela sobra financeira ou não, e principalmente com a Constituição de uma Associação, a existência de um CNPJ e um registro, nós podemos pleitear ainda mais o incentivo cultural, através de verba do estado, verba do município, verba do governo federal, para fazer isso funcionar. Então, o objetivo era organizar sobras, ter alguém que resolva os problemas. Não que dê ordem e que mande, mas que resolva os problemas. E principalmente conseguir buscar os recursos que são voltados para a cultura no país, para as tradições e tudo mais. (BIONDI, 2019).

[...] a ideia da Associação foi o que? Foi dividir um pouco mais as tarefas e trazer um pouco mais de clareza à Festa de Reis. Trazer uma prestação de conta melhor... e com isso você adquirir credibilidade, você tem credibilidade. Hoje nós temos as reuniões anuais né, que são feitas com datas já pré-determinadas né, que nós fazemos as reuniões. Todos os assuntos são colocados em ata, é tudo muito bem organizado na Associação. Nós temos orgulho! A reunião as vezes tem horas que se torna até chata porque nós

fazemos tudo o que manda o protocolo, não fugimos de nada. “Ah não, vamos deixar, não vamos ler a ata não”. Não! É lido a ata. Na hora de prestar conta é conferido. Eu cheguei ver festeiro de apresentar nota de uma caixinha de *band-aid* que vai custar, não sei quanto que vai custar, deve custar 4 reais. Então, com isso a gente prova para as pessoas que aquela doação dele é bem empregada. Eu acho que nada mais justo que isso, como Associação fica muito mais fácil, você divide tarefa, se não tudo isso ficaria pra uma pessoa só. (SILVA, 2019).

Como se nota nas falas dos entrevistados, com a criação de um CNPJ, além da busca por um incentivo financeiro externo, que seria viabilizado por políticas e verbas públicas, a AMTRAC-PSP contribui com a organização interna da festa, sendo ela a nova gestora do seu capital e caixa. Desse modo, a mudança pode transformar também as funções desenvolvidas pelos personagens *festeiros* e, de certa forma, as próprias representações dos *gerentes* das Companhias e do presidente da Associação, pois afinal, todo o movimento da festa deve agora passar pelo aval da entidade.

O trecho da entrevista do *gerente* da Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr., Valdeci Alves Gonçalves²¹¹, transparece tal ideia:

Antigamente, o festeiro ele era uma peça-chave pra ser uma festa realizada. Ele tinha que correr atrás de tudo, tudo, tudo era o festeiro. Hoje nós temos uma Associação que a gente montou. Então, a Associação já tem em mãos todos os dados. O festeiro hoje, ele é um pagador – porque nós da companhia, nós somos pagadores de promessas, a função nossa é pagar promessas, somos pagadores de promessas. Hoje o festeiro, hoje qual que é a parte do festeiro hoje: correr atrás de patrocínio, local da festa e acompanhar as três Bandeiras, conversar com os três gerentes e com o presidente da festa. (GONÇALVES, 2020).

Percebe-se no trecho uma explicação da função primeira das Companhias: pagar promessas. Nesse sentido, se antes o festeiro cumpria sua promessa (já com a ajuda das Cias) realizando a festa praticamente sozinho; hoje as Companhias, em parceria com a Associação, conseguem cumpri-las em todos os sentidos (pagam as promessas e financiam a festa). Além disso, na fala do gerente é indicado que o festeiro precisa ser uma pessoa bem aceita pelo grupo ou, pelo menos, saber conversar com ele. Narrativa que sinaliza possíveis conflitos de poder já vivenciados no passado, muito provavelmente pela falta de prestação de contas ou pelo uso da festa para fins de autopromoção.

²¹¹ Valdeci possui 43 anos e atualmente é construtor civil.

O antigo gerente da Companhia das Anhumas, Aparecido Benedito da Silva (Ditinho) (2019), expressa que a criação da AMTRAC-PSP foi fundamental para o esclarecimento do quanto se arrecadava em uma festa de Palmital e, nesse aspecto, para a melhoria da sua administração e no encaminhamento de sua renda, que pode ser convertida à manutenção da celebração. Nesse sentido, interessante resgatar aqui um trecho da entrevista feita com o filho de Ditinho e atual gerente da Companhia das Anhumas, Helder Reis da Silva²¹²:

[...] a Festa de Reis já é um patrimônio histórico, né. Ele é imaterial, mas ele é um patrimônio cultural nosso. É um patrimônio cultural, é um patrimônio religioso e eu acho que isso tem que ser conservado, assim como você conserva uma obra de arte. A Festa de Reis precisa! E eu acho que o nosso maior patrimônio, que nós temos hoje, é a nossa cultura. Por outro lado, nós precisamos também daquilo que é material, no caso, hoje, para gente seria muito bom a gente ter um recinto. Esse seria um divisor de águas para Festa de Reis, né? Porque você poderia fazer um barracão voltado pra isso, com banheiro, com uma estrutura pra cozinha melhor, um estacionamento melhor, uma estrutura pra ambulância, enfim, eu acho que isso seria muito importante. E a gente também vê essa ideia, pra a gente poder conservar também a nossa tradição, porque a festa tá crescendo, a cada ano ela fica um pouco maior. (SILVA, 2019).

Além da consideração sobre a relevância da festa enquanto patrimônio histórico e cultural, a fala do folião indica a importância do próprio esforço coletivo (Companhias de Santos Reis de Palmital) em prol da sua preservação na cidade. Ademais, sua entrevista revela que, apesar de cada personagem da festa possuir funções específicas e importantes ao sentido sagrado da celebração, o futuro do bem cultural depende de um trabalho associativo, o qual não pode se desvincular das novidades do tempo presente, que, nesse caso, encaminham-se ao viés do turismo religioso e cultural (SILVA, 2019).

Dentro disso, é importante compartilhar que a mais nova conquista dos foliões de Palmital, depois de três anos de existência da AMTRAC-PSP, foi a compra de um terreno de três hectares na Água Nova/Palmital. Uma reportagem do Jornal da Comarca, publicada em 02 de abril de 2020, comunica as declarações do presidente da Associação sobre a aquisição do espaço que será batizado como “Estância Santos Reis”:

Segundo Eduardo Tirolli, a aquisição de uma área própria para a Festa de Reis é a concretização de um antigo sonho dos integrantes das Companhias. Ele enfatizou que a compra da fazenda, que está em fase de conclusão da averbação no serviço de registro de imóveis, foi viabilizada pelo empenho dos

²¹² Helder possui 35 anos e atualmente trabalha como projetista e vendedor de irrigação.

foliões e dos voluntários que ajudaram na realização das últimas festas, que tiveram boas arrecadações e garantiram os recursos para a compra da propriedade.²¹³

O presidente da AMTRAC-PSP é também proprietário da Destilaria São Joaquim (Tirolli), empresa sucroalcooleira da região Oeste Paulista (Tabela 2). Tal empresa localiza-se na Água da Espanholada (bairro rural de Palmital), local onde a Festa de Santos Reis estabilizou-se entre 2017 e 2020. Nesse sentido, Eduardo Tirolli também pode ser entendido como um sujeito (*nó*) que integra a *rede* empresarial local/regional, que apoia a manutenção do bem cultural. Esse apoio está relacionado ao histórico familiar de Eduardo, devoto e *festeiro* em 2010. Seu pai, por sua vez, foi festeiro em 2007 (Figura 48).

Dessa trajetória, vale ressaltar que as memórias sobre as dificuldades vivenciadas no passado possibilitaram “encontros na história” das Folias de Reis em Palmital; isto é, a união de sujeitos das Companhias; a união das Companhias para uma única festa; a reunião de interesses para constituição da AMTRAC-PSP; a compra do novo lugar da festa de Santos Reis de Palmital.

4. 2. 2 A festa de Santos Reis de Palmital

[...] a gente tenta imitar aquilo que os reis fizeram. Que é o que? Adorar o menino Jesus [...] é o maior motivo que nós temos hoje para acreditar nessa tradição. Sabemos que tem as adversidades durante a história, principalmente na nossa cidade, ela chegou a ser proibida de entrar na cidade, isso a gente escuta os nossos avós contarem né, que eles eram marginalizados né, porque era uma manifestação folclórica até então. Então não se via como religião, então é.... E aí com o decorrer da... dos anos, os anos se passaram e veio a evolução e, é claro, tudo muda pra melhor. Hoje a festa de Reis em Palmital, eu posso dizer que é uns eventos ou senão o evento mais esperado da cidade, né. Hoje nós temos orgulho de andar com uma bandeira de Reis dentro da cidade, nós somos bem recebidos, é um orgulho imenso você tá andando com a Companhia de Reis, você tá cantando numa casa, você olha do lado, a casa do lado já tá com os portão aberto esperando pra você ir cantar. Isso pra gente, olha, é um orgulho que, talvez, eu não teria palavras para descrever. E assim como uma das coisas que me chamam muita atenção, eu fico muito feliz, eu acho que isso é o... eu já ouvi de algumas pessoas: mas, o que você ganha com isso? Eu vou falar o que que é o meu pagamento: eu... uma das coisas que me dá mais prazer é eu chegar na Festa de Reis e ver aquela mesa e, ali, todo mundo é igual. Todo mundo é igual ali. Não que seja mais importante ou

²¹³ Ver notícia completa em: <https://jornaldacomarca.com.br/associacao-compra-area-para-instalacao-de-recinto-permanente-da-festa-de-reis-em-palmital2/>. Acesso: 15 abr. 2022.

menos importante a posição social da pessoa, pode colocar ela num degrau acima ou num degrau abaixo, mas **lá na Festa de Reis todos são iguais.** (SILVA, 2019, grifo meu).

O trecho acima remonta à devoção aos Santos Reis, mas também à função social da Festa de Reis enquanto *lugar* (MENESES, 2009) de comunhão e partilha entre seu público que, por vezes, compreende pessoas e interesses diferentes. Aponta-se no relato à tentativa de reconhecimento dessa tradição na cidade de Palmital, a qual, lembrada enquanto espaço estratificado e desigual, já marginalizou tal folclore desvalorizado por representar a religiosidade e a cultura de sua população rural. Nesse sentido, a narrativa da Festa de Reis enquanto espaço igualitário – ainda que hoje ela possa compreender significados distintos, pelo fato de abranger um grande público – traduz o sentimento de comunidade expresso pelos seus pertencentes: a busca pela preservação do bem cultural em Palmital.

Apesar de ressaltarem o público das festas, é importante dizer que se notou uma compreensão entre os foliões de que nem todos os que frequentam a Festa de Santos Reis de Palmital reconhecem ou querem entender os seus significados religiosos (mesmo eles sendo legitimados pela Igreja Católica). Entende-se que a sociabilidade e a diversão condensam as presenças no dia d’o *encontro das bandeiras* (como veremos adiante), assim como se compreende o “peso” do palco da festa diante do distinto público.

Assim, apesar de culturalmente pertencer a uma parcela da população palmitalense, a festa de Santos Reis de Palmital tornou-se objeto de negociações e demandas públicas municipais. Se antes ela tinha um caráter particular, vinculada essencialmente à religiosidade de famílias e amigos das Águas (como se notou nos históricos das Companhias), hoje ela ganhou a identidade municipal. Para isso, entretanto, precisou adequar-se à realidade contemporânea percebida no local.

As reformulações e ressignificações constituídas em prol das Folias de Reis em Palmital continuarão a ser compartilhadas através das memórias e das observações em pesquisas de campo, transformadas agora em narrativa sobre o bem cultural.

4. 2. 3 Os *giros* das Companhias

[...] a festa, ela não é só um dia de festa, aqui em Palmital ela é uma festa que começa no dia 25, porque tem as bandeiras andando todo dia; e ela vai até o dia da festa, e depois até o dia do leilão. (BIONDI, 2019).

Definitivamente, uma festa de Santos Reis não se limita a um dia (n' *o encontro das bandeiras*), tampouco ela pode ser pensada e organizada durante *os giros das Companhias*, embora sejam neles apreendidos e praticados os saberes da celebração.

Antes das Companhias de Reis de Palmital saírem de viagem com suas bandeiras, no dia 25 de dezembro, membros da AMTRAC-PSP encontram-se em quatro reuniões (ordinária e extraordinárias) anuais, onde prestam contas da festa e discutem assuntos diversos, como: escolha de festeiros e/ou possibilidade da equipe da AMTRAC-PSP fazer a festa na ausência deles, planejamento do cardápio da festa, busca de patrocinadores²¹⁴.

Para se ter uma ideia sobre tal organização, em reunião de 06 de dezembro de 2018, por exemplo, notou-se que os associados já haviam escolhido os festeiros que fariam as celebrações em 2019 e 2020, sendo pontuado um novo ritual, data e local de coroação dos primeiros (*Missã de Envio das Companhias* – 08/12/2018 – Igreja de Nossa Senhora de Fátima). Além disso, averiguou-se que a própria Associação financiaria a compra dos porcos para os tradicionais lombos recheados, sendo o dinheiro investido, devidamente devolvido ao seu caixa após o leilão de gado²¹⁵.

Dados como estes validam o recente papel da entidade associativa na administração e manutenção da celebração em Palmital, visto que ela assume o papel antes desenvolvido e liderado, sobretudo, pelos festeiros. Como já demonstrado, embora esses personagens ainda sejam entendidos como os responsáveis pela celebração, ganhando brilhantismo nela, o que de fato ocorre é a eleição pela Associação daquele que tenha responsabilidade para cumprir o que essa equipe previamente planejou e direcionou, dando ainda o espaço para que os festeiros possam tão somente cumprir a sua promessa aos Santos Reis.

Já havíamos constatado tal modificação no papel desenvolvido pelo festeiro em pesquisa realizada em Florínea/SP (GOULART, 2018). Naquela cidade, no entanto, a festa ocupou um espaço público para sua realização, diferente do que se observou em Palmital, onde a AMTRAC-PSP comprou seu próprio Recinto em 2020. Uma comparação interessante para avaliarmos a própria dinâmica histórica e os caminhos da celebração no tempo presente.

Com relação à *Missã de Envio das Bandeiras*, não se precisou o ano em que tal foi aderida pelo grupo, mas trata-se de um cerimonial realizado por um dos párocos de Palmital, dentro da Igreja Católica, sendo nele recebidas as bandeiras pertencentes às três Companhias da cidade, as quais são abençoadas para o início do giro. Além dela, sabe-se que as missas que inauguram o evento do *encontro das bandeiras* já ocorriam desde, pelo menos, a década de

²¹⁴ Fonte: Ata da Reunião Extraordinária – 26/09/2018.

²¹⁵ Fonte: Ata da Reunião Ordinária – 06/12/2018.

1990 (Jornal Sondagem, nº 46, Palmital, 17 jan. 1998). Vale dizer que, atualmente, a AMTRAC-PSP doa cerca de 20% da sua arrecadação à Igreja (SILVA, 2019). A arrecadação, por sua vez, compreende a soma dos donativos (alimentos, bebidas, dinheiro, gado etc.) levantados pelas três Companhias de Reis ao longo dos giros, com o que se multiplica delas; ou seja, com a comercialização de bebidas e de espaços de comércio no terreno da festa, bem como com *o leilão de gado*. Falarei desse evento adiante.

Sobre a ideia de que a festa é feita pelo povo e para o povo, versam alguns foliões:

[...] Então, que eu já tava cantando e participando das festas foi do seu Antônio Biazão, na Água Bonita²¹⁶. Era cercado com bambu nas mesa de refeição, então ficava o palhaço no portão. Se tinha 150 prato, só entrava 150 pessoa. Então entrava aquelas 150 pessoa, o palhaço já segurava o povo ali até que, quando não saísse aqueles 150, não pegava mais 150. Então hoje, que você tava me perguntando, a coisa foi evoluindo ano por ano. Que o nosso povo é bom. Palmital tá de parabéns em tudo. Porque o nosso povo é doador e tem amor. E acredita que nós existe, Deus e os Reis. Então essa festa vem valorizando e vem crescendo anos a anos, que hoje, se nós formos contar os pratos pra entrar pra dentro, como é que nós faria?²¹⁷

[...] a Folia de Reis significa tudo! Quando eu falo em Companhia de Reis eu me emociono. Às vezes eu choro, eu chorei muito, já chorei muito porque eu alembro às vezes do passado né, quando existia, como eu falei pra você, os avós, os pais né e hoje, meu pai passou pra mim e quando eu lembro, já tá na mão do meu filho, já tá na mão da minha neta já. Então por isso que bate a emoção, porque eu me sinto muito feliz em trabalhar para companhia de reis e ver aquelas pessoas na festa comendo, aquelas pessoas menos favorecidas da sorte. Eu não vou dizer, assim, pobre. Então eu fico de braço cruzado, eu, a minha esposa, vendo aquelas pessoas mais pobre comendo aquele pedaço de carne gostoso ali, aquele prato de macarrão, aquele prato de arroz, aquele prato com leitoa, aquele prato de frango, comendo ali. Então eu me sinto muito feliz de saber que aquilo ali são as dificuldades que a gente teve nas viagens, na estrada, tomando chuva, sol, perdendo o sono, passando nervo, canseira, mas para dar aquela alegria pra aquelas pessoas naquele dia. (SILVA, 2019).

O povo dá, o povo come no dia da festa. Come branco, preto, qualquer um que chegar come à vontade [...] Festa de igreja se dá a prenda, mas você tem que comprar lá para você comer [...] e a Festa de Reis não. A Festa de Reis você dá a doação que você deu e todo mundo come (ELIAS FILHO, 2019).

²¹⁶ Em entrevista feita com conhecido Zé do Povo, fora reportado que a tal festa feita na Água Bonita, por Antônio Biazão, ocorreu aproximadamente em 1955, o que se diverge dos dados encontrados em: BUENO, 2000, p. 30; BIONDI, 2015, p. 14.

²¹⁷ Trecho da fala de Adão Faceiro: 09:18-20:07. Fonte: 2013.09.13 - Adão Faceiro e José Carlos Tusco falam das tradições! Muito conteúdo! Entrevistados: Adão Faceiro e José Carlos Tusco. Entrevistador: Helder Reis. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2013-09-13---Ado-Faceiro-e-Jos-Carlos-Tusco-falam-das-tradies--Muito-contedo-eqmdvh>. Data de acesso: 07 jun. 2021.

Dos trechos acima, o primeiro deles testemunha a diferença entre as celebrações do passado e presente, identificando as seleções feitas nas festas dos tempos de outrora, quando a doação/refeição era limitada (pelo cercado de bambu), não havendo naquele momento a destacável infraestrutura (barracão aberto em fazenda) e organização social (Companhias/AMTRAC-PSP) tal qual se observa hoje. Ademais, a menção sobre a distribuição gratuita de alimentos para o povo, ressalta a ideia da festa enquanto um espaço que, independentemente de condições sociais excludentes, integra uma comunidade.

Dito isso, o que de fato é mantido desde os primórdios da festa em Palmital é a saída das bandeiras para seu giro, no dia 25 de dezembro, data em que se acredita que os Reis Magos teriam avistado a “estrela” e, a partir dessa guia comparável ao objeto bandeira, deixaram suas moradas para encontrarem e adorarem o menino Jesus. Assim, o chamado *giro/jornada*, que reconstitui tal viagem, geralmente se inicia com a reunião dos membros das três Companhias após o horário de almoço, no dia de Natal, encontrando-se cada grupo em uma casa específica. Nessa ocasião, costumam realizar um terço e/ou cantorias que buscam benzer e abençoar os caminhos que se abrirão às bandeiras (e aos seus foliões) até o dia 7 a 9 de janeiro, momento em que encerra o ritual²¹⁸.

A extensão do prazo após o 6 de janeiro (dia de Reis), por sua vez, foi uma modificação incluída no giro devido às demandas de arrecadação e busca das prendas/donativos pelas variadas casas e sítios visitados pelas Companhias. A mudança também se atribuiu ao fato de que escolheram fazer a festa final em um sábado (variando a data anual de sua realização), justamente para proporcionar a presença de um público mais amplo na celebração. Dentro disso, outro ponto a se mencionar é que muitos foliões de Palmital reportaram em suas memórias, participações em Bandeiras e festas de bairros rurais distintos, inclusive no território de Cândido Mota (Água da Laje e Pirapitinga) e de Platina (Água do Prata), fator que possivelmente influenciou na reformulação do calendário das festas pela região.

Sobre os horários e os caminhos percorridos pelas Companhias após o dia de Natal, vale dizer que eles são orientados pelos seus *gerentes*. Em geral, o giros são realizados entre 8 e 22 horas e são facilitados com o aluguel de um ônibus e o pagamento de um motorista.

²¹⁸ Dentro do calendário do giro, as Companhias de Palmital estabeleceram uma folga no dia 1 de janeiro.



Figura 50: A Companhia das Três Ilhas e o seu meio de transporte nos giros. Foto: © Rei Santos (Todos os direitos reservados). Palmital/SP, 27/12/16.

Em Palmital ocorre ainda de as bandeiras terem até dois *gerentes* (caso da Companhia de Reis da Água das Anhumas e das Três Ilhas), o que possibilita o revezamento de todas as atividades. Vale dizer que, além da logística de visitação, que inclui o agendamento dos locais onde os grupos realizarão o café da manhã, almoço, café da tarde e janta (organizada entre os demais gerentes, para não haver encontros entre as três bandeiras durante os giros), estes personagens precisam eventualmente buscar/levar membros de sua equipe, que não consigam se deslocar até o ponto combinado para a saída da bandeira nos dias de giro ou que precisem sair mais cedo das jornadas. Junto aos mestres/embaixadores, os gerentes cumprem a tarefa de organizar e manter uma harmonia no grupo, sendo também responsáveis por fazer o pagamento de salário aos foliões que necessitam, assim como o abastecimento dos transportes utilizados nas caminhadas e a manutenção de alguma outra eventual despesa.

Devido à necessidade de haver mais cantores nas Companhias, passou-se a contratar alguns foliões, sendo-lhes pago um salário de R\$ 1100,00 por giro. De acordo com Valdeci Alves Gonçalves (2020), a Companhia dos Faceiros costuma contratar cerca de cinco foliões entre os trinta que ela possui. Já Valter de Oliveira (2020) apresenta que a Companhia das Três Ilhas pagou, em 2019, quatro foliões entre os cinquenta que compõem o grupo. Além disso, comenta-se que, no início do giro, quando ainda não há dinheiro no caixa das Companhias, os gerentes precisam retirar do seu bolso o dinheiro para reparos em instrumentos musicais,

gasolina, entre outras despesas, sendo tal financiamento reembolsado a ele após as arrecadações. Nesse aspecto, aponta-se a importância, por exemplo, da solicitação de notas fiscais para tudo o que consomem durante o giro (GONÇALVES, 2020).

Nesse último caso, o gerente precisa estar em sintonia com o chamado *vice gerente* (que também pode ser entendido como *capitão*²¹⁹) e/ou com o *escrivão* (pessoa responsável por anotar tudo o que é doado à Companhia – mantimentos, gados, porcos, galinhas, dinheiro, produtos de limpeza etc. – bem como notificar posteriores datas para busca das prendas que não são entregues no dia), certificando-se do controle das finanças (entradas e saídas), visto que ao final do giro, precisa prestar contas ao festeiro e à Associação (GONÇALVES, 2020).

No dia 3 de janeiro de 2020, pude acompanhar um giro realizado pela Companhia da Água das Anhumas e a primeira impressão obtida foi a da presença de jovens na bandeira²²⁰, o que confirmava falas de entrevistados em Ourinhos e o próprio depoimento de foliões de Palmital sobre as dificuldades que encontraram no passado, o que exigiu a busca por novos foliões, bem como a flexibilização dos mestres/embaixadores quanto às formas de transferência dos seus saberes sobre a festa.

Acerca do assunto, Zé do Povo relata: “[...] eu achei que ia parar porque ia acabar os cantador, mas tão voltando tudo de novo, a molecada vem... não pode parar” (FILHO, 2019). Tonho do Loro, por seu turno, complementa a fala do antigo mestre: “[...] alguns vem atrás, outros nós vai atrás pra incentivar pra cantar, né?” (*Id., Ibid.*). Uma outra versão, a de um mestre com 36 anos, aponta ainda:

Os embaixador antigo não queria nem ensinar os mais novos com medo de perder o lugar. Nitidamente a gente chegou na conclusão que era isso, porque era um *status*, sei lá o que que era, que eles achavam que era isso e eles eram mestre, né? Então, se tinha um querendo aprender, eles falavam que não podia. Eu escutei isso, escutei de embaixador aí velho, já tá até falecido (JÚNIOR, 2019).

Nos trechos das entrevistas fica perceptível que as possíveis omissões dos saberes pelos mestres mais antigos, sobretudo, aos jovens que não eram diretamente atrelados às suas famílias, caíram por terra quando se percebeu que a única forma de manter a Folia de Reis era

²¹⁹ Trecho: 01:35:43-01:39:00. Fonte: 2021.05.09 - Programa Viva Santos Reis - Dia das Mães - Gerente e Capitão. Apresentadores: Tê Biondi e Helder Reis. Palmital: Viva Santos Reis, 9 mai. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2021-05-09---Programa-Viva-Santos-Reis---Dia-das-Mes---Gerente-e-Capito-e10i08k>. Data de acesso: 01 jun. 2021.

²²⁰ No dia, cerca de 30 a 40 pessoas saíram pela manhã com a bandeira das Anhumas, sendo 50% desse público composto por jovens. Ao longo do giro, no entanto, a quantidade de foliões vai sendo fomentada.

através do incentivo a uma nova geração de foliões. Assim, além da busca por novos foliões ser algo em comum entre as Companhias do local, no caso das Anhumas, a iniciativa ainda se estendeu para espaços institucionais, através de cursos criados e ministrados pelo mestre Mario Reis, mediante o *Projeto Novos Foliões* (JÚNIOR, 2019). Oportunamente comentarei sobre essa iniciativa.

Segundo Mario Reis, há cerca de dois anos, notou-se a vinda de adolescentes à sua Companhia, o que fez com que seus responsáveis formulassem alguma função para elas. As *Estrelas de Maria*, por exemplo, resultaram da observação da chegada de mulheres ao grupo, o que levou seus responsáveis a inventarem uma função a elas no giro: a louvação das mesas de refeições (já anteriormente feita pelos homens), de modo que hoje são entendidas como um braço da Folia (JÚNIOR, 2019).

Nos trabalhos de campo foi observado que muitas dessas mulheres (jovens ou não) – sejam elas parte das Estrelas de Maria ou aquelas pertencentes às demais Companhias de Palmital (Faceiros e Três Ilhas) – estão tocando instrumentos musicais (pandeiro, caixa e cavaquinho) e revezando-se entre *vozes/posições* (*gritinho, contratinho, tala*) importantes a este conjunto fundamental para a manutenção do giro; isso quando não se vestem de palhaço/bastião, recitando versos que antes eram proferidos somente por mestres. Na opinião do gerente Helder Reis, a participação feminina nas bandeiras está relacionada ao contexto atual, onde as mulheres estão conquistando seu espaço, inclusive, nas Foliias de Reis, lugar anteriormente dominado por homens (SILVA, 2019).

Segundo Neder e Franco (2019, p. 189), “Tradicionalmente a estrutura da Folia de Reis é androcêntrica e excludente em relação à participação feminina nas esferas de visibilidade e poder da manifestação”. Nesse sentido, apesar da importante fala de Helder, deve-se dizer que sua mãe e tia, por exemplo, desenvolvem funções nas Companhias e festa (fazem lembrancinhas, fardas, cozinham) já tem algum tempo. Porém, essas funções/participações não tem a mesma visibilidade com relação aos cargos ocupados nas músicas das Foliias. Dos trabalhos levantados sobre a temática no estado de São Paulo, por exemplo, apesar das mulheres serem citadas como *cozinheiras, bandeireiras, palhaças* ou mesmo ocupando as *posições* musicais, o único trabalho que divulga uma *embaixatriz* de Foliias de Reis foi a dissertação feita por uma: Priscila Maria Ribeiro Buzzzi, da Companhia de Reis dos Prudêncio, de Cajuru (BUZZI, 2017). Por outro lado, há casos pelo Brasil onde as Foliias de Reis são formadas exclusivamente por mulheres (GONÇALVES; FUNARI, 2010).

No caso de Palmital, a invenção do grupo Estrelas de Maria e a presença de mulheres nas Companhias está ligado ao lugar da mulher na história do tempo presente, mas também à necessidade de manutenção do bem cultural nele.

Outra informação sobre a aproximação de jovens (mulheres e homens) à celebração foi sinalizada por Kaique Faceiro (2020). Com 19 anos, o mais novo *embaixador* e *donos de bandeira* de Santos Reis de Palmital conta que sua identificação com as músicas de Folias de Reis tem relação com seu histórico familiar (Família Faceiros) que, por sua vez, despertou nele a paixão pela viola. Ao ganhar o instrumento do tio Adão Faceiro, Kaique recorda das primeiras aulas cursadas no Projeto Guri (professor Clóvis Barbosa²²¹) e em aulas particulares com o amigo Gabriel Violeiro, jovem que também participava das Folias de Reis de Palmital, e com quem Kaique já teve dupla sertaneja. Vale acrescentar ainda que Kaique frequentou o Projeto Novos Foliões, de Mario Reis, tendo recentemente fundado na Companhia dos Faceiros, os chamados “Faceiros Junior”. Sobre esta iniciativa, menciona que sua ideia foi a de atrair uma nova geração de foliões, tendo em vista a preservação da tradição em Palmital. Assim, o jovem passou a reunir-se com os amigos, seja na ocasião dos giros ou em encontros informais durante o ano, para compartilhar seus conhecimentos musicais com eles (GONÇALVES, 2020).

Através das experiências ora compartilhadas, é possível dizer que uma das *redes* que perpassam o bem cultural está relacionada a música. Esta que atrai os jovens violeiros ao longo do ano e que, portanto, reforçam sociabilidades. Mas isso não é uma novidade. Se retornarmos ao histórico das Companhias, perceberemos que os embaixadores também costumavam ter suas duplas sertanejas.

Por outro lado, as vivências na festa são importantes para prática dos saberes e fazeres que lhes conferem sacralidade. A exemplo, Kaique chama atenção para a importância de se conhecer a história dos Três Reis Magos, bem como do menino Jesus, da virgem Maria, de São José e do anjo Gabriel na celebração; ou seja, elementos que compõem as músicas e os movimentos das Companhias no giro. O que o jovem embaixador disse ter aprendido com os foliões mais velhos, entre os quais destaca a figura de Adão Faceiro (GONÇALVES, 2020).

Tais movimentos das Companhias no giro, ou melhor, o *giro* em si, contempla todo o processo de peregrinação dos grupos junto as suas bandeiras, imprimindo ao ritual “previamente definido”, um sentido de início (a *saída* da bandeira), meio (andanças, as visitas feitas no percurso) e fim (a festa de *chegada* ou *encontro da bandeiras*) (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 8).

²²¹ Segundo Kaique, Clóvis possui um estúdio musical em Palmital, local onde são produzidas as músicas gravadas nos CDs dos foliões dessa cidade (GONÇALVES, 2020).

Com relação à história dos Três Reis Magos, Adão Alves Gonçalves (Adão Faceiro, Companhia de Reis Família Faceiro e Faceiros Jr.) conta, em meio aos versos, como a aprendeu e reinventou:

[13:20-26:30] Então quando a estrela apareceu, o galo berrou, os animais manifestaram, que Jesus era nascido. Aí veio o Reis... entra, entra pastorinha por este Belém sagrado, pra visitar o menino Deus, os animais se abocejavam. Até a pastorinha não sabia onde ele tava... Até os animais tiveram um entendimento, adorar o Jesus menino, era hora do nascimento... Aí eles chegaram, aqueles que tavam ali... o Anjo Gabriel foi avisando, e eles foram vendo. Eles tavam dormindo, tiveram um sonho profundo, que na terra já havia um suplente Deus do mundo. Os Três Reis se alevantaram... cada um saiu sozinho, saíram dos seus países, cada um saiu sozinho. Depois de viajarem muito, eles foram, se encontraram no caminho. Eles eram astrólogos, todos astros eles sabiam, por isso eles foram avisados a hora que Deus nascia... os próprios Reis trocavam uma ideia assim, eles seguiram o outro, o poder divino aí, né... Aí o Gaspar saiu sozinho numa longa caminhada, foi encontrar o Melquior na segunda encruzilhada, os dois Reis se encontraram, essas palavras foi falada, vamos encontrar o Melquior [*Baltazar*] na terceira encruzilhada. Os três reis se encontraram perante a estrela da guia: vamos visitar Jesus, José e Maria? Eles responderam junto: Vamos! Aí a estrela afastou deles, eles foram de peito aberto, sem nada pra falar com Herodes, conseguiram falar com Herodes, eles ficaram quatro dia preso... [*esquece o restante*]. **Esses dias atrás eu fui fazer uma entrevista com um pessoal assim, colegaiadinha que gosta de ver eu falar, né?... Mas, teve um trecho que eu tive que pular, a cabeça não ajudou. E pra mim adquirir essas profecias, eu era novo, eu fui na Aparecida do Norte... no tempo daquele padre... padre Víto. Cheguei na Aparecida, fui de ônibus, cheguei na Aparecida do Norte cinco horas, já tava com medo de ter começado a missa. Desci do ônibus, já fui pra dentro da igreja, quando terminou a missa, eu já fui falar com o padre Víto, sobre o que eu tava querendo, o que eu tava precisando. Ele ficou todo contente de ver o que eu queria. Aí ele falou: ó menino, você atravessa a rua, do outro lado é a casa dos padres aposentados, dos capuchinhos, e lá eles têm padre de sobra e com tempo pra te atender, e eles gostam muito de te ensinar. Aí eu atravessei a rua, passei para o outro lado, eles sentaram, fizeram uma mesa redonda assim de padre, de bispo e capuchinho, esses frei. Aí cada um explicava um pedaço e eu fui resumindo na cabeça, cheguei e fiz a montagem...** [*relembra a história*] Só que o reis, o Herodes segurou os magos preso lá quatro dias. No quarto dia ele soltou... Quando eles orientaram os reis magos pra seguir viagem, eles disseram: se eles encontrassem o menino, volte imediatamente, que o rei tá querendo é matar o inocente. Então eles foram e o... reis da terra lá, ele tinha muito poder também sobre a terra, ele mandava mesmo. O que ele mandasse era ordem, é igual o presidente da República aqui pra nós. Mas ele tinha o vice rei dele, do Herodes mesmo, que era o homem da confiança dele, quando ele liberou o povo de Deus, liberou o povo dele também, cada um saiu de um lado, não sabia o que fazer. Ele pegou e chamou o vice reis e falou: Eu tô enganado, porque os reis magos não voltaram e não

vai voltar por aqui. E você vai informar, onde é que você encontrar, você volte pra nós ir lá imediatamente, pra nós matar ele antes de sair do lugar que ele nasceu. Mas já tava no meio da fazenda, não tinha onde comprar nada, só tinha uma cabana que é aonde ficava os pastores, tinha porco. Aí o vice reis foi no barro dos porcos, lá se... barro e só ficou parecendo o olho e a boca. E voltou pra trás e falou: podemos ir que eu já tô preparado. O povo não ia com ele, se visse o vice reis lameado de barro daquele jeito, né? Ia ser diferente, ele voltou... liberou o povo dele. Aí chamou o exército que era todo mundo ali daquela terra, que o exército tinha tudo. Chamou todos os soldados do exército e falou assim: agora vocês é que vai. Os reis magos voltou por outro caminho, o vice reis... o vice reis já tava lá com ele... um homem macho, filho de Maria, de dois anos abaixo, vocês mata tudo. Ei, aquilo foi um golpe pro povo... Aí na frente, que Deus liberou o povo, já era no deserto lá, não tinha onde esconder, Maria virou uma árvore, e naquela árvore ela se transformou em flores, um grande número de flores, e cobriu o jumento e cobriu ele. Ali os Herodes passaram, falando deles, mas não conheceram. Aí, mais a frente, diversas tropas, não era só uma, já vinha outra tropa do Herodes. Aí o anjo São Gabriel virou uma pedra. Não vê que todos os presépios têm a pedra? Tem a árvore, tem a pedra? É o símbolo da profecia. Aí atrás daquela montanha, daquela pedra, eles se esconderam e os maldosos passaram. Dali depois já tava perto do Egito, da onde eles atravessaram o rio. Chegaram lá no Egito, já tavam livres dos judeus... ficaram morando até que Herodes morreu. Os soldados do rei voltou sem encontrar ninguém e o povo de Deus ficou com eles... Aí veio a morte, porque o dinheiro não compra a morte. Aí Herodes morreu. E Herodes tinha uma filho que chamava Heraldino, que assumiu o lugar do rei... Aí Deus falou pro anjo... agora você pode e lá falar pro Anjo São Gabriel pra buscar Jesus, José e Maria, e pode voltar pra terra, pra casa deles, que Herodes já morreu e o Heraldino tá chamando. O Heraldino filho acreditava no nascimento... (ALVES, 2020, grifos meus).

Vale ressaltar que, na entrevista/conversa feita com Adão, ele estava em um estado de saúde debilitado. Por isso, esqueceu-se de parte da história que contava. Mas apesar das dificuldades, fez questão de narrar o que podia. Então, considere importante trazer parte dela ao texto, sobretudo, pela pausa destacada no trecho, onde o folião narra como aprendeu a história que contava. O que gerou o “Poema do Nascimento de Jesus”, que costuma ser proferido quando as Companhias se encontram com presépios.

“O tempo do padre Vitor” em Aparecida perdurou entre as décadas de 1950 e 80²²², o que nos sinaliza também o tempo da experiência compartilhada por Adão Faceiro, nascido em 1939. O fato de memória (POLLAK, 1992, p. 2) é interessante para uma reflexão sobre o motivo que levou o mestre a ir buscar mais conhecimento sobre tal história no Santuário de Aparecida. Uma busca que pode estar relacionada às dificuldades que se tinha no passado, quanto ao

²²² O padre Vitor Coelho de Almeida foi muito popular entre romeiros do Brasil. Ver depoimentos sobre o missionário redentorista em: https://www.youtube.com/watch?v=w_BA4AdLd08. Acesso: 10 nov. 2022.

compartilhamento dos saberes nos cargos de representatividade nas Folias; ou mesmo a busca para potencializar o prestígio individual neles. Por outro lado, um outro dado trazido por Adão é sobre os momentos de crise que ele vivenciou na bandeira por falta de músicos, fator que teria levado o mestre a ensinar sua arte a novos foliões.

Nesse sentido, em meio às histórias, é possível perceber as ações empreendidas pelos sujeitos da festa para valorização e manutenção do bem cultural no local. E mais: o Poema resultado dessa história é motivo de orgulho na Companhia de Adão, que fez questão de gravá-lo em um CD; um moderno suporte de memória que possibilita, por sua vez, novos usos, leituras e invenções (CERTEAU, 2014) da também conhecida *Profecia*.

Mas retomando os giros das bandeiras, sua execução foi facilitada com os meios de transportes (ônibus e carros particulares). Diferente do que foi relatado sobre as experiências no passado, onde as viagens eram feitas a pé ou em carroças, tratores, caminhonetes e caminhões, hoje as Bandeiras circulam pelos seus setores com a ajuda do meio de transporte, o qual viabiliza a presença de um número maior de pessoas, otimizando as visitas e arrecadações pelos bairros urbanos e rurais de Palmital e região. De acordo com o gerente dos Faceiros, por exemplo, sua Companhia visita cerca de 25 a 30 casas a cada dois dias (GONÇALVES, 2019).

A média de visitas ora apresentada coincide com o número de casas em que a Companhia de Reis da Água das Anhumas visitou no dia 3 de janeiro de 2020. Naquela ocasião, no entanto, pude observar um tempo maior dedicado às casas da Água da Fartura, um dos bairros rurais de Palmital, que ainda apresenta uma boa quantidade de moradores. Mesmo assim, vale dizer que, antes de viajarmos para tal Água, também visitamos casas da Água Clara e percorremos 5 casas no espaço urbano do município. E, por algumas delas, apresentaram um número significativo de ofertas, presépio e até café da manhã, as visitas também exigiram um tempo maior para que os foliões realizassem suas cantorias e declamações.

No vídeo gravado e disponibilizado em *link* do *Youtube*²²³ é possível visualizar os agradecimentos feitos por um dos quatro mestres que atualmente atuam nos giros da Companhia das Anhumas. Nele, percebem-se os movimentos do grupo com a bandeira, seus instrumentos musicais (viola, violão, caixa, pandeiro, cavaquinho e bandolim), as roupas (uniformes dos foliões: camiseta verde com gola amarela – cor que representa a bandeira das Anhumas –, a maioria deles vestem calças jeans e botas estilo *country*; *Estrelas de Maria*: camiseta rosa com detalhes em amarelo, calças jeans e botas estilo *country*; palhaços: calças, batas e chapéus feitos, geralmente, de tecido de chitão, e botas estilo *country*), as danças e pedidos dos palhaços,

²²³ Consultar filme feito em giro da Companhia das Anhumas: https://www.youtube.com/watch?v=Bolt_vGBo9c. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Palmital, 03/01/20.

a anotação das prendas pelo escrivão, as intervenções do gerente na Companhia (quando este pede que o mestre cante em prol do pedido de um dos antigos foliões, o qual solicita a intercessão dos Santos Reis para cantar novamente no grupo), isto sem falar na já citada presença do público jovem, com seus modos distintos de cantar, tocar e de se comportar. Aliás, a distinção das formas/ritmos de cantar e tocar dentro de um único grupo podem ser observadas a partir da comparação dos vídeos que serão compartilhados via *Youtube*, ao longo do texto. Vale lembrar que tal material foi gravado e aqui disponibilizado em *links*, nas notas, com o propósito de divulgar algumas características da festa estudada, complementando também, a nossa narrativa.

De modo geral, as chegadas nas casas dos devotos e simpatizantes das celebração ocorrem por intermediação de um dos palhaços (o guardião da bandeira), o qual se responsabiliza por chamar seus proprietários, oferecendo-lhes a bandeira de Santos Reis. Se houver interesse por parte dos *patrões/padrinhos* e *patroas/madrinhas* (devotos que recebem a bandeira) em recebê-la, o objeto é imediatamente transferido a eles, podendo em seguida, a Companhia adentrar ao ambiente privado. Enquanto o grupo musical se organiza em círculo para iniciar suas cantorias, os devotos costumam carregar a bandeira para o interior de sua casa, a fim de benzê-la. Se houver algum presépio no local, os palhaços precisam retirar suas máscaras, aguardando a chamada musical dos mestres, para que então declamem a já citada Profecia.

O grupo musical é composto por sete *vozes/posições* (1ª voz: mestre/embaixador, 2ª voz: contramestre, 3ª voz: contrato – braço direito dos mestres/embaixador, 4ª voz: tala, 5ª voz: contratala, 6ª voz: contratinho – voz que caseia com o contrato, 7ª voz: contratipe/gritinho) que, nas músicas da Folia, apresentam-se do timbre mais grave ao mais agudo²²⁴.

Os mestres/embaixadores atuam tanto na construção dos versos que se esclarecem mediante o tom das demais vozes, sobretudo, através da potência vocal do *contrato*, quanto na organização geral do grupo dentro das casas e demais ambientes visitados. Já os palhaços, um deles precisa se posicionar ao lado daqueles que receberam a bandeira, pois precisará dialogar com os devotos ao longo de todo o cerimonial. Se a bandeira foi levada para o interior da casa, a Companhia precisa cantar para que ela seja trazida ao círculo (pois ela é o guia sagrado da folia), assim como cantar para que o(s) palhaço(s)/bastiões(s) apareçam para intermediar os

²²⁴ Fonte: 2021/05/30 - Depoimentos sobre Contrato (Contralto). Apresentadores: Tê Biondi e Helder Reis. Palmital: Viva Santos Reis, 30 mai. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2021mai30---Depoimentos-sobre-Contrato-Contralto-e11siqa>. Data de acesso: 11 jun. 2021. Vale dizer que as sete vozes ou o sistema mineiro de músicas de folias de reis foram observadas em grupos de Goiás, São Paulo e Minas Gerais (MOREYRA, 1983).

diálogos de ofertas, pedidos, promessas dedicadas e/ou graças realizadas. Aliás, tais momentos e movimentos dos corpos são envoltos à emoção (MENESES, 2021). Rememoram-se promessas cumpridas, milagres realizados, ou mesmo a lembrança nostálgica sobre um passado que não volta e sobre pessoas que não mais estarão presentes nos giros. Nesse último aspecto, a propósito, há uma costumeira solicitação de que os mestres cantem aos falecidos, o que faz com que os palhaços respeitosamente se ajoelhem, simbolizando o pesar de toda a Companhia.

Ao final de cada oferta, novos versos de agradecimento são cantados, e quando não há mais o que se oferecer/pedir, uma última cantoria é feita para a retirada da bandeira e encerramento da visita do grupo. Fechada a música, um dos palhaços/bastião faz o convite da festa para aquele (a) que recebeu sua bandeira.

65ª FESTA DE

Santos Reis

DE PALMITAL - 2020

“E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus porque vimos a sua estrela no oriente e viemos a adorá-lo.” Mt 2, 1-2

Convite

Os festeiros Bijuca, Patricia e família têm a satisfação de convidar você e sua família para participar e compartilhar da Festa de Santos Reis que será realizada no dia 11 de janeiro de 2020, na Fazenda São Joaquim de propriedade da família Tivoli, localizada na Av. da Esplanada, Palmital - SP.

O evento deve iniciar às 08:30, a celebração da Santa Missa será às 09:00, e às 12:00 teremos o Encontro das Bandeiras. Sua presença é muito importante para abulhantar a nossa festa.

Apoio:

Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital

Secretaria de Educação e Cultura

Prefeitura Municipal de Palmital-SP

Figura 51: Convite da 65ª Festa de Santos Reis de Palmital – 2020.

Cabe dizer que, nos locais onde ocorrem as refeições dos grupos, a ritualística é incrementada com elementos que esclarecem os significados sagrados atribuídos às Folias de Reis. No almoço oferecido à Companhia das Anhumas, por exemplo, registrou-se uma *Meia Lua*, a qual antecedeu a *chegada da bandeira* em barracão do Banespinha²²⁵.

Em entrevista concedida ao Programa de Rádio Viva Santos Reis, realizado no dia 23 de outubro de 2011, Adão Faceiro não somente apresenta o significado da “Meia Lua”, mas aprofunda sua representatividade quando a descreve junto a elementos como o “vice-reis” e a “árvore”:

[...] Quando os reis saíram das garras de Herodes, que visitaram o menino Jesus (que o Tê fala a abertura, no... menino Jesus), e... eles estavam em sono e o anjo Gabriel falou que eles não podia voltar pela mesma estrada, que o Herodes não podia saber aonde que tava o menino Jesus. O anjo Gabriel veio e acordou os reis: - Vamos embora daqui, que não podemos ficar e não podemos voltar para o mesmo caminho. É o que você falou, nós fazemos uma meia lua para uma chegada numa janta, num almoço. E o anjo Gabriel, tiraram os reis fazendo uma meia lua pra ir embora... porque saíram escondido do Herodes... eles fizeram aquela meia lua pra o reis Herodes não perceber por onde eles passaram. E aquela meia lua, legítima, era pra sair. O anjo Gabriel tirou o menino Jesus, é... na meia lua, indo embora. E nós fazemos pra chegada... mas, tudo é válido, tudo é bonito, né? [...] Quando os reis não voltaram pra anunciar nada, o Herodes tinha o vice-reis que era o homem da confiança dele. Então, ele chamou o vice-reis e mandou: - Vai e encontra e volta imediatamente que nós vai acabar com ele com uma espada. O presente do Herodes para o menino Deus era a espada, para matar o menino lá onde nasceu. Mas o vice-reis era temente, ele acreditava no salvador do mundo, que ele vinha libertar o povo. Então ele chegou e ajoelhou no pé da virgem Maria, beijou a mão da virgem, ajoelhou no pé do menino Jesus, no pé do São José, beijou a mão do São José e falou: - Vocês levanta! Maria cata seus paninhos, que nada eles tinham, né?... José pega teu jumentinho, que eu vou tirar vocês agora! Eu sou espião de Herodes, mas vim aqui pra salvar vocês. Como era no campo, era na fazenda, não tinha nada o que comprar e nem tempo de fazer nada de pessoar, ele foi no barro dos porcos e lá ele se lameou de barro, só ficou o olho e a boca. E saíram de dia para o povo não conhecer ele, né? Quando ele não voltou pra anunciar nada, aí foi que o... Herodes mandou a cavalaria cercar as barreiras. Então o palhaço do Santo Reis é um só, é o vice-reis, que foi o palhaço que se lameou no barro dos porcos. Hoje nós ponha bastante palhaço porque é bonito e todo mundo é uma tradição, o pessoal vem pagando promessa pra vestir de palhaço, criancinha já vem vestindo de palhaço, pagando pela graça recebida. Então, cada um foi fazendo de uma maneira e foi aumentando, né? [...] Porque eles viajaram e tinha umas distância pra ele passar pro Egito, pro vice reis passar Jesus pro Egito, então

²²⁵ Visualizar a performance da Meia Lua e Chegada para almoço. Cia Água das Anhumas – Palmital, em: https://www.youtube.com/watch?v=9pwK_77N4kg. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Banespinha - Palmital/SP, 03/01/20.

aí veio de encontro, porque o Herodes se viu enganado, soltou a cavalaria, fechou as barreiras e soltou a cavalaria pra encontrar. Então aí, quando eles não tinham pra onde se esconder mais, a Maria virou uma árvore e transformou em flores, e o menino Jesus foi embaixo, o jumentinho, e eles passaram e não perceberam. E a árvore de Natal é o símbolo da profecia.²²⁶

Em sua narrativa, o antigo mestre da bandeira dos Faceiros revela que o correto seriam os grupos de Santos Reis fazerem a *Meia Lua* na saída das visitas, pois, na performance, elas representam um disfarce utilizado para fuga de Jesus das maldades do rei Herodes. Entretanto, como uma representação colocada em prática até a contemporaneidade, há um entendimento de que ela possa se readequar/ressignificar de acordo com as realidades e necessidades do seu público (caso do aumento do número de palhaços nas Folias de Reis). Nesse aspecto, talvez a própria menção a um vice-reis, personagem que não aparece na Profecia de Adão, possa ter sido uma tentativa de se explicar (seja pelo próprio folião ou por outros de quem ouviu e herdou tal explicação) a presença do palhaço e de toda a sua curiosa indumentária e comportamento.

Dentro da significativa memória de Adão, os palhaços de Folia de Reis seriam a representação do “vice-reis” e espião de Herodes, o qual deveria entregar a “espada como presente” à Jesus. No entanto, como este homem acreditava na vinda do salvador do mundo, reconhecendo-o no recém-nascido, fez exatamente o contrário do que o rei lhe pediu. Como um servo, ajoelhou-se diante do menino e de sua família (ato encenado pelos palhaços frente aos presépios), contribuindo para a fuga de toda a família ao Egito (*Meia Lua* feita por todo o grupo, o qual é organizado atrás da bandeira). E, como um sábio, lambuzou-se inclusive de lama dos porcos (máscara dos palhaços) para disfarçar sua identidade, facilitando sua passagem junto à família pelas barreiras arquitetadas pelo Herodes (desafios propostos aos palhaços durante o giro).

Um último aspecto a ser ressaltado dessa explicação de Adão é a presença do anjo Gabriel em determinados momentos da história, bem como a ideia de que Maria obteve dons divinos para se transformar em árvore. Elementos estes contemplados nos presépios montados pela população devota e onde os grupos de Folias de Reis, ao se depararem com eles, precisam obrigatoriamente retomar tal narrativa em forma de cantorias (mestres e embaixadores) e declamações (palhaços/bastiões).

²²⁶ Trecho da entrevista: 02:07-05:41. Fonte: 2011.10.23 - Adão Faceiro, entrevistado, Programa Viva Santos Reis. Entrevistado: Adão Faceiro. Entrevistadores: Loro Carvalho e Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 05 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2011-10-23---Ado-Faceiro--entrevistado--Programa-Viva-Santos-Reis-epvs0f>. Data de acesso: 03 jun. 2021.

Um releitura da história da *Meia Lua* é também contada por Valdeci Alves Gonçalves (2020), o qual, no passado, assumiu a função de palhaço:

Aquela meia lua que eles fizeram, saíram enganando, aí foram tudo em cima pra ver e pra tirar o menino Jesus dali, aonde José e Maria saiu por outro caminho, e de longe a tropa já vinha, a Maria virou uma árvore, que a árvore florescia, que escondeu o menino Jesus, que os judeus passou e não percebia, pode escutar o presépio que lá fala. Aí andando mais na frente, aí a tropa passou, de novo a virgem seguia, mas já era quase de tardezinha, de novo a tropa já vinha, José virou uma pedra que a eles escondia, a pedra era grandona, passou, passou os judeus do lado, nem percebia, né. Aí chegando no pé da serra, foi a hora que eles viraram, a tropa de novo já vinha, José virou uma pedra que a eles escondia, aí até que eles chegaram no Egito lá, lá eles ficaram livres dos judeus né, que lá ficou morando até que Herodes morreu. Então é isso aí, até um dia de tardezinha, um anjo foi avisar, pode voltar pra Belém, pra sua terra Natá. Porque daí ele já tava morto, aí não tinha mais nada, que foi aonde ele voltou. Mas tinha o reis né, ainda tinha os outros reis que ficaram, porque aí Jesus começou fazer os milagres dele né, que tava ali naquele propósito né, mostrando que Deus existia, que é aonde que eles crucificaram e ele morreu pra salvar nós.

Comparando as explicações do antigo mestre e de seu sobrinho, percebe-se que o último alude exatamente aos ensinamentos do presépio (preservados no “Poema do Nascimento de Jesus”), (re)criado para dar sentido à performance da Folia de Reis. Interessante que, sobretudo, a partir da fala ritmada de Valdeci, observa-se a importância dos saberes adquiridos nos giros/jornadas, momentos relevantes à escuta, observação e apreensão, de forma repetida, dos versos e movimentos que integram todos os elementos simbólicos da celebração.

Além da *Meia Lua*, o vídeo ora apresentado demonstra uma outra cantoria feita pela Companhia das Anhumas, a qual é orientada por um novo mestre, ritmo musical e diálogos entre o grupo e aqueles que ofereceram o almoço. Após a entrada da bandeira no recinto e os devidos cumprimentos entre seu público, por seu turno, houve a reunião das Estrelas de Maria no entorno da mesa de refeições, local em que se posicionaram para cantar o “Bendito”²²⁷.

Conforme mensagem da música cantada, bem como o próprio nome de quem as canta, as Estrelas de Maria, reforça-se a presença de importantes elementos da tradição popular, dos quais destaca a estrela, Maria e os anjos, que remontam à ideia de revelação/iluminação, concepção e gratidão, tanto pela vinda de Cristo ao mundo quanto pela reprodução de suas

²²⁷ Visualizar filmagem das Estrelas de Maria, da Companhia das Anhumas, cantando e louvando a mesa de almoço servida em giro: <https://www.youtube.com/watch?v=5hPu7tBjrtw>. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Banespinha - Palmital/SP, 03/01/2020.

graças que, inclusive, refletem-se na fatura de alimentos fornecidos àqueles que apreendem e transferem tal mensagem (LANDAU, 2013).

Muitos foliões concordam que a comida da festa é sagrada, sendo os Santos Reis os responsáveis pelo milagre da sua multiplicação e fatura. Portanto, não só o ato de se alimentar na festa garante a proteção aos fiéis, mas o próprio ato de doação de alimentos ou do tempo de trabalho na cozinha da festa, garante a benção dos Santos. Assim, o alimento torna-se no ritual um elemento de grande representação, sendo utilizado como troca, tanto para o pagamento de uma promessa, quanto para o pedido de mais proteção ou de uma nova “graça”.

Retomando a descrição do observado no giro da Companhia das Anhumas, após a refeição, os foliões descansaram e interagiram com os convidados dessa pequena festa, a qual, por sua vez, é geralmente prestigiada pelos festeiros, párocos e representantes públicos locais. Nos vídeos disponibilizados, inclusive, evidencia-se o grande número de pessoas que integram os almoços e jantares de Santos Reis, somando a estes, um público que pode variar de 60 a 200 pessoas (ou mais). Nessas ocasiões também podem ocorrer promissoras arrecadações de cabeças de gado, o que exige horas dos grupos em cantorias de agradecimento e brincadeiras dos palhaços. Portanto, além da oferta gratuita de alimentos, os espaços de almoços e jantares do giro tornam-se pontos de encontro importantes à sociabilidade e negociações entre comunidade local, assim como, em uma proporção maior, ocorrem nas ocasiões da festa de *encontro das bandeiras* e *n’o leilão de gado*.

No que compete às interações entre aqueles que oferecem as refeições e os grupos de Folias de Reis, Kaique Faceiro conta sobre desafios que podem ocorrer e que exigem grande sabedoria e jogo de cintura dos mestres/embaixadores da Companhia. A propósito, apresenta o ABC, que foi o seu primeiro teste enquanto embaixador:

[...] O A foi a lei que o Moisés escreveu, que são os 10 mandamentos da sagrada lei de Deus. O B foi a bendita mão que fez o bem, que foi por guia de uma estrela, que os 3 reis chegaram em Belém. O C foi quando em Belém chegaram e gritaram “viva o menino salvador”.

R: Sim.

K: é isso que é o A, o B e o C.

R: Aí, no caso, você que canta?

K: Isso, na verdade, eu faço a chegada, eu falo que tem o ABC ali, mas quem desmancha eles, que eles montam uma flor né, eles montam o A cheio de flor, as vezes eles ponham dinheiro embaixo das flor para os palhaços, quando desmancha. Então aí eu passo, eu cantando eu passo para os palhaços, falo que eles vão saudar, caso eles não conseguirem, aí eu tenho que saudar.

R: Aí você tem que saudar.

K: Aí eu tenho que saudar, que falar o significado de cada um.

R: Sim.

K: Mas, a maioria é tudo os palhaços que falam, eu passo pra eles e ele fazem o verso falando o ABC.

A fala de Kaique revela que, a depender da escolha dos padrinhos/madrinhas, os palhaços também podem ser desafiados durante o giro das bandeiras. O mestre Zé do Povo complementa: “O palhaço tem que ser que nem eu, saber como eu sei, pra ele não enroscar em lugar nenhum. Se não chega numa casa e começa com muita pergunta, muita coisa e ele não sabe nada, como é que faz?” (ELIAS FILHO, 2019).

Nas versões dos mestres, nota-se a relevância do saber dos palhaços na Folia de Reis. Há versões que narram que, antigamente, a bandeira podia ficar presa nas casas onde os desafios não eram cumpridos, o que podia ocasionar, inclusive, no enterro de uma bandeira ou simplesmente no atraso das visitas e arrecadações do grupo. Costuma-se contar também que, como o palhaço é o guardião da bandeira (em função de sua representação enquanto um ex-guarda de Herodes que acabou contribuindo para a salvação de Jesus), nos giros do passado, ele precisava dormir ao lado do objeto, mantendo sua guarda e vigilância a todo momento da viagem.

A Figura 52 ilustra palhaços da Companhia de Reis das Três Ilhas desmanchando alguns desafios em jornada realizada no ano de 2016. Na imagem, percebe-se que há um número maior de palhaços, os quais são supervisionados pelo contramestre e mestre da bandeira (ao fundo). Além disso, observa-se que o céu já estava escurecendo no momento do registro, o que sinaliza uma chegada do grupo para um jantar.



Figura 52: Os palhaços e os desafios do giro. Companhia das Três Ilhas – Palmital. Foto: © Rei Santos (Todos os direitos reservados). Palmital/SP, 27/12/16.

Um outro desafio feito aos palhaços de Santos Reis de Palmital e disponibilizado em Canal do *Youtube*²²⁸ chamou a atenção, pois tratava-se da brincadeira “pega do garrote”, geralmente realizada em festas de Rodeio. Sobre as possíveis aproximações entre os modos de se celebrar a Festa de Reis e de Rodeio em Palmital, no entanto, não houve uma menção direta nas entrevistas. Para além da possibilidade da brincadeira proposta, sobretudo, em casas onde são realizadas doações de cabeças de gado, o que se observou entre os elementos da festa foi somente o estilo *country* na vestimenta dos integrantes de todas as Companhias da cidade, com suas botas/botinas, chapéus/bonés, bem como dos modos de narrativa do presépio feita pelos palhaços, com entonações que lembram locuções de rodeio.

Outro ponto importante de se ressaltar, nesse sentido, é o apreço dos membros da festa pela moda de viola e música sertaneja, que também é tocada entre refeições realizadas nos giros, na festa de encontro das bandeiras e no programa de rádio Viva Santos Reis. Junto às músicas, houve ocasiões em que elas foram movimentadas junto à catira, a qual, inclusive, parece ter sido incorporada (no caso, os pontilhados dos pés) entre as danças dos palhaços de Folias de Reis.

²²⁸ Um vídeo disponibilizado no Canal de “Mario Reis / Cultura Tradicional”, retrata tal ocasião vivenciada pelos membros da bandeira das Anhumas, na propriedade do ex-prefeito de Palmital, Bráz Biondi (in memoriam): <https://www.youtube.com/watch?v=upr8UJDUnS0&t=150s>. Acesso: 10 nov. 2022.

Em vídeos disponibilizados no *Youtube* foi possível notar e comparar um momento de descontração, após refeição feita no giro de Folia de Reis dos Faceiros em 2000 (onde uma dupla toca uma moda de viola para os catireiros dançarem)²²⁹, com a dança realizada pelos palhaços do mesmo grupo, em uma apresentação por eles realizada no encontro de bandeiras da cidade de Assis, no ano de 2020²³⁰.

A propósito da catira, vale dizer que, na ocasião do giro documentado em 03 de janeiro de 2020, observou-se a participação da “Família Dú Catira” (Itapevi/SP) no mesmo, sendo ela homenageada nos versos improvisados do mestre Paulão, na retomada à bandeira das Anhumas após o almoço²³¹. Além da homenagem em cantoria, é possível notar no vídeo a já citada comunicação do mestre para com seu também chamado *Batalhão* e com o público (a exemplo, solicita a vinda da bandeira e dos palhaços ao círculo; pede para a família Dú Catira beijar a bandeira para obter a benção dos Santos Reis), bem como a dança dos seus palhaços.

Evidenciados os elementos que integram as três Companhias de Reis de Palmital, que se assemelham em termos do ritual de giro/jornada, encaminha-se ao ponto final de suas sagradas viagens: o *encontro das bandeiras*, que em 2020 ocorreu em 11 de janeiro (Figura 44).

4. 2. 4 O encontro das bandeiras

Antônio Fernandes (2020) relembra das “festinhas” que fez na Água do Goiapá nos anos de 1973 e 1977, mencionando que, na primeira, convidou um padre (cujo nome não se recorda) para rezar uma missa na sua celebração e, em troca, ajudou na construção da porta da Igreja dos Tomé. Naquele tempo, narra o folião, os próprios festeiros cediam suas propriedades rurais para o evento que não reunia a proporção de pessoas, tal como se observa hoje em Palmital.

Apesar de não se reconhecer como “muito bíblico”, o folião acredita na seguinte passagem: “[...] quando o menino Jesus nasceu, que os Reis foram visitar, fizeram uma festa. Quem podia ajudar os pobres comer...” (FERNANDES, 2020). Dentro disso, teve a ideia de montar um presépio na cozinha da festa, o qual serve como um altar onde, diariamente, toda a equipe de cozinheiros que ele coordena, reza durante os 7 ou 8 dias que antecedem a grande festa do *encontro das bandeiras*. Ainda, segundo o coordenador de cozinha, sua equipe conta

²²⁹ Consultar vídeo de catira dos faceiros: <https://www.youtube.com/watch?v=uCMhzHYn-Sw>. Acesso: 10 nov. 2022.

²³⁰ Consultar vídeo de catira do palhaço da família Faceiro: <https://www.facebook.com/watch/?v=361097171024104>. Acesso: 10 nov. 2022.

²³¹ Consultar cantoria do mestre Paulão, da Companhia das Anhumas, em: <https://www.youtube.com/watch?v=WuzN1Jgm6e4>. Vídeo: Rafaela Sales Goulart. Banespilha - Palmital/SP, 03/01/2020.

com aproximadamente 70 a 80 voluntários que trabalham desde o transporte à matança dos porcos, preparo e limpeza de todos os pratos servidos, organização do recinto etc. O gerente da Companhia das Anhumas aponta que a soma de trabalhadores voluntários na festa resulta uma média de 300 pessoas (SILVA, 2019).

Para exemplificar o tamanho da celebração em Palmital, Toninho Fernandes (como carinhosamente é chamado) apontou que, na festa de 2020, foram servidas cerca de 25 mil pessoas, sendo utilizados, em valores aproximados, 120 (80 quilos) porcos (para o tradicional lombo recheado), 550 quilos de macarrão, 200 pacotes de arroz, 1500 quilos de batata, 500 quilos de costela (para a carne com batata), 1000 litros de óleo, 40 metros de lenha, isto sem falar nos frangos, leitoas, feijão, molho de tomate, temperos etc. (FERNANDES, 2020).

Apesar das remodelações da festa, segundo os foliões, algumas de suas peculiaridades foram preservadas, sendo por eles valorizadas enquanto tradição. A primeira dessas particularidades é o próprio local onde a festa final segue sendo realizada: barracões em “Águas”; e a segunda é o preparo de alguns alimentos nela compartilhados.

No que diz respeito à comida da festa de Palmital, Toninho Fernandes (2020) menciona o tradicional lombo de porco recheado. Ele justifica a existência e permanência desse alimento, em razão da facilidade de sua conservação, mesmo levando em consideração a grande quantidade preparada.



Figura 53: Armazenamento do tradicional lombo de porco na festa de reis de Palmital - 2020. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 10/01/2020.

Toninho Fernandes (2020) conta sobre as artes da cozinha (CERTEAU, 2014), apontando que o primeiro passo é a desossa da carne e o corte dos lombos, trabalho feito por açougueiros profissionais cedidos gratuitamente de mercados da cidade. Após o corte, o lombo é furado por mulheres que possuem experiência nessa função e, em seguida, a costura final pode ser realizada por qualquer pessoa que tenha a boa vontade de contribuir com a festa. Dessa etapa, o lombo segue para fase em que é ferventado e frito por outro grupo de habilidosos cozinheiros que, por fim, depositam-no em caixas grandes, onde permanecem conservados sob sua gordura até as 2 horas da manhã do dia em que a celebração final é realizada. Nesse horário, iniciam a fritura do lombo e o cozimento dos demais alimentos (arroz, carne com batatas, feijão, frango à passarinho, macarrão, leitoa frita, torresmo) que são armazenados em embalagens térmicas até serem servidos.

Ainda sobre o preparo do prato, percebe-se todo um processo que demanda tempo, trabalho coletivo e habilidades artesanais próprias de um saber que foi estabelecido a partir das dificuldades vivenciadas na realidade do campo; um saber herdado culturalmente e que ainda é transmitido. Nas fotografias a seguir, enquadraram-se tais aspectos citados a fim de ambientar sobre parte da organização e do local onde a festa é feita contemporaneamente. A expressão de alegria entre os presentes nas imagens suaviza o cansaço e a intensidade do trabalho na festa, demonstrando-se o orgulho de se pertencer a este universo comunitário onde a missão com os Santos Reis começa a ser cumprida.



Figura 54: Cozinheiros finalizando a fritura do lombo de porco na festa de reis de Palmital - 2020. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/2020.



Figura 55: Cozinheiras na festa de reis de Palmital - 2020. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/2020.



Figura 56: Cozinheiros trabalhando no carregamento da lenha e na fritura do torresmo na festa de reis de Palmital - 2020. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/2020.

Toninho Fernandes (2020) diz que todo esse processo de preparo da comida de Santos Reis é feito por uma equipe de cerca de 70 a 80 voluntários (alguns deles são pagadores de promessa) e requer aproximadamente uma semana de antecedência à festa final. Acrescenta ainda que, antes disso, ele precisa providenciar lenhas que serão utilizadas nos fornos e fazer os últimos reparos no próprio local da realização da festa.

O transporte dos trabalhadores para o recinto, por sua vez, tem sido proporcionado pela Prefeitura Municipal de Palmital, assim como o eventual patrocínio de camisetas (uniformes dos foliões) e do caminhão/aparelhagem de som utilizada no evento (FERNANDES, 2020). Já com relação aos tachos, talheres, toalhas e demais recipientes utilizados no preparo dos alimentos, que antigamente eram emprestados entre os vizinhos dos bairros rurais, mas que hoje pertencem à AMTRAC-PSP, sua guarda fica sob responsabilidade do próprio coordenador da cozinha.

Cabe um adendo de que, quando as Bandeiras encerram seus giros no dia 7 ou 8 de janeiro, o transporte da equipe da cozinha passa a ser feito pela AMTRAC-PSP (FERNANDES,

2019). Lembra-se também que todos os trâmites e financiamentos atribuídos aos festeiros (que, inclusive, precisam ser assumidos por eles caso a Prefeitura não ajude), podem ser facilitados pela entidade citada, a qual ressarcе todas as despesas particulares da festa após acerto d’o *leilão de gado*. Na entrevista feita com Antônio Fernandes (2019), ele apresenta ainda que, no tempo do prefeito Nardão e da vice-prefeita Ismênia, a Folia de Reis obteve verba pública para ajudar na festa.

Como orientou o convite (Figura 51), a 65ª Festa de Santos Reis de Palmital foi realizada no dia 11 de janeiro de 2020 e teve seu início às 08:30 da manhã, sendo às 09:00 horas realizada uma missa com os dois párocos locais e com um bispo. Seu ritual não se difere do que comumente se ocorre em uma igreja, mas assim como se narrou sobre a celebração religiosa na festa de Ourinhos, as leituras bíblicas utilizadas nessas ocasiões referem-se à história dos Magos (sobretudo aquela referente ao livro de Mateus, cujo trecho se encontra no convite da festa) e a ideia de comunhão e eucaristia²³², de modo que as evangelizações passam a dar sentido a todo “trabalho” realizado pelas Companhias e suas bandeiras, do giro ao seu encontro, onde a mesa é farta e gratuita.



Figura 57: Missa na 65ª Festa de Santos Reis de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 10/01/20.

²³² No Apêndice 3 é possível visualizar o folheto litúrgico distribuído na missa da festa de Palmital/SP (11/01/20).

Do altar onde a missa era realizada (FIGURA 57), destaca-se a presença das famílias dos festeiros, do prefeito de Palmital, dos párocos locais e do bispo, o que demonstra uma representativa aliança entre foliões (Companhias e AMTRAC-PSP), poder público municipal e Igreja Católica, no contexto da festa na cidade²³³.

Após o término da missa e da bênção dos párocos sobre o almoço que seria aberto ao público (que aumentou nesse horário), houve duas apresentações no palco. A primeira delas foi a da família Dú Catira (Itapevi-SP), com moda de viola e catira²³⁴; e a segunda foi a da música “25 de dezembro”, pela Companhia dos Faceiros²³⁵.



Figura 58: Catira na 65ª Festa de Santos Reis de Palmital. Foto: Carlos Reis. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/20.

Além das apresentações em si, houve uma breve contextualização do grupo convidado à festa, destacando-se o discurso proferido por Dú Catira:

²³³ Importante dizer que mesmo sendo prefeito de Campos Novos Paulista, o festeiro de 2020 considera-se pertencente à Companhia das Três Ilhas em função de ter sua história atrelada a tal bairro rural de Palmital. Além dessa figura pública, ao palco da festa também subiu o assessor do deputado Coronel Tadeu (PSL), autor do Projeto de Lei que pretende tornar Palmital a Capital Nacional da Folia de Reis. Antes do ritual de encontro das bandeiras, inclusive, este sujeito discursou acerca da importância de tal proposta. Acesso: 09 jun. 2020.

²³⁴ Em vídeo disponibilizado no Canal Dú Catira, no *Youtube*, é possível visualizar a apresentação mencionada: <https://www.youtube.com/watch?v=YMhUIH6c3Ws>. Acesso: 10 nov. 2022.

²³⁵ Na ocasião, gravei o áudio da canção cantada pela Família Faceiro de Palmital-SP, o qual pode ser consultado através do *link*: https://www.youtube.com/watch?v=D_BK_9LqkXU.

[...] Nós somos lá de São Paulo-Capital, Itapevi, e nós tem um grupo de catira, folia de reis e nós mexemos com tropeirismo também. E aí nós fizemos o giro da bandeira em novembro e a turma aqui da Anhumas foi lá nos ajudar, e fez o convite pra nós estar aqui. Nós chegamos aqui na cidade o dia 3, tamu aqui desde o dia 3 fazendo a jornada aí com eles, e dançamos catira em alguma janta, algum almoço. Não pudemo encontrar a Companhia de reis do Faceiro, eu quero mandar um abraço pra eles também que são grande amigo da gente, o Valdeci, por conta que nós tava envolvido com isso aí, e das Três Ilhas também, parabéns a todos vocês. Então, eu acho que essa festa só tá acontecendo por conta dessas três Companhias de reis... por conta que têm uma tradição muito bonita. E a família Dú Catira hoje, nós luta pela cultura, pela tradição, pra não deixar ela morrer. Eu, todo ano eu viajo, eu vou em grandes folias de reis, como Mozambi em Minas, São José do Rio Preto, Fernandópolis, Santa Fé do Sul, nós viaja muito. E, todo ano, era pra nós vim aqui, mas nunca dava certo de vim aqui, e esse ano nós tá podeno prestigiar essa festa. E sempre foi falado. Eu já vim aqui na jornada, mas a festa eu nunca tinha visto, e eu quero dar os parabéns pra Palmital, que Palmital eu acho que entra no livro dos recordes aí como a maior festa de reis do Brasil mesmo, porque não no mundo, porque é mais no Brasil que tem festa de reis, né. Mas o legado nosso não é mostrar qual que é a maior, qual que é a menor, o legado nosso é a amizade, é a confraternização e a religião, que foi falado aqui na missa aqui, que eu... que eu escutei bem homilia do padre, é... Deus e os Santos Reis se anima não com o grupo rachado e sim com o grupo aumentado. Então, aqui hoje, nós estamos falando num sentido só, que o sentido só é Deus, os Santos Reis, os Santos Reis chegou na sua terra de volta e foi feito isso, uma festa. Vocês imagine nós, quando sai das nossas casas, vão a serviço ou vão fazer alguma coisa e fica 12 dias fora de casa. Quando você volta, a família da gente faz aquela festa, né. E é isso que foi feito quando os três reis fez a viagem. Essa festa é o dia de reis, é o dia que eles chegaram de volta, é a festa. Então, Palmital, não vou falar o nome de Companhia, mas as três Companhia de parabéns. Tá de parabéns os munícipes, os devotos que recebeu as bandeiras. Isso é muito importante para nossa tradição, pra nossa cultura nunca acabar. Eu queria mandar um abraço pro Osvaldo Quinta, o Tião Quinca, foi o que me trouxe aqui há 10 anos atrás. Osvaldo eu não sei aonde ele tá aí, ele tá com a turma de Osasco, que nós é de lá de perto. Então, as Maria, que andou com nós aí né. Então, hoje aqui, nós vamos mostrar um pouquinho, que nunca teve aqui na festa, é a primeira vez, é a dança de catira. O catira veio da dança dos tropeiro, dos boiadeiro, né. O catira na verdade, tem uns que fala que é de Minas, outros falam que é de Goiás, mas na verdade, o catira é brasileiro, o catira é de todos nós, né. O catira é daqueles pouso de boiada que, depois que parava, chegava e jantava, aí dançava o catira. Naquelas festa de reis de antigamente, eu fiquei sabendo aqui, andando na jornada aí, que aqui temos grandes grupos de catira, né. É... como que chamava, Tê? É os Bailarinos né? [isso] É os bailarinos né. Eu tive aqui, com os Cacique e Pajé, e eles lembraram disso aí. Então o catira é a dança do caipira, é a dança do sertanejo de raiz, e nós não podia deixar de tá de fora dessa. Queria mandar um abraço também ao nosso amigo Mello e a Cíntia, lá de Alexandria lá, que sempre tá presente, sempre tá recebendo a família Dú Catira. E falar pra vocês que se Deus nos dar vida e saúde, primeiramente Deus né, porque nós não faz nada sem Deus. O ano que vem nós tá de volta aqui pra prestigiar essa festa, que é uma festa de tradição, e isso não pode

deixar de parar nunca, né. Agradecer ao prefeito, agradecer a polícia militar aí que tá dando esse apoio, porque a gente precisa do poder público pra poder tá apoiando uma festa grande dessa, né. Nós não tamu falando de uma festa de 10 pessoa, tamu falando de uma festa de 30 mil pessoa, né, ou mais, né... [...] Eu entrei com essa mala aqui, vocês pensaram que era dinheiro que tinha aqui dentro, né. Essa mala aqui era do meu avô, quando viajava, não comprando boi, né. Ele viajava aí pelas bandas de 50, mais ou menos, né. E dentro dessa mala aqui, eu trouxe uma coisa, que eu espero, que se vocês gostou, gostar do grupo, que o grupo vai fazer a apresentação. Nós mandamos fazer esses adesivos, ‘cês sabe que negócio de cultura caipira, cultura popular, a gente anda pelejando, né. Então nós fizemos esse adesivo, e vai ser vendido aqui...²³⁶

A narrativa traz uma série de informações das quais ressalta-se uma outra aliança percebida na ocasião da festa de Palmital. Tal aliança pode ser entendida como uma recente *rede* constituída por foliões atrelados à causa do resgate e preservação da cultura e tradição caipira (sertanejo de raiz), sendo sua narrativa construída com base na identidade e história regional/nacional. Um ponto interessante nesse movimento é o reconhecimento das particularidades culturais entre os grupos (semelhanças e diferenças entre as catiras, Folias de Reis ou cavalgadas/tropeirismo, por exemplo) de cada cidade do país (em Palmital mencionou-se a quantidade de pessoas na festa final, por exemplo), o que, por sua vez, pode ser apropriado entre os grupos que permitem-se vivenciar tal troca e experimentação cultural (inclusive com a ressalva da religião e dos Santos Reis), como fez a Família Dú Catira nas jornadas junto à Companhia das Anhumas.

Outro ponto de destaque da narrativa é a menção da importância do poder público (prefeito e polícia militar) nesse tipo de festividade, tanto ao que compete à clara declaração da segurança, mas também à implícita cobrança sobre reconhecimento e financiamento (apoio) público às demandas culturais da população. Sobre essa última consideração, os próprios grupos criam estratégias de autofinanciamento para manterem-se ativos. A Família Dú Catira, por exemplo, criou um adesivo que faz referência à sua tradição.

Retomando a descrição da paisagem da festa de *encontro das bandeiras* de Palmital, após as citadas missa e apresentações, os presentes na festividade puderam fazer sua refeição no barracão ou mesmo apreciar o comércio instalado no local, do qual se destacava, em termos de movimento e consumo, a barraca de bebidas patrocinada pela Brahma e gerenciada pela própria AMTRAC-PSP. As demais barracas, apesar de não estarem ligadas diretamente à entidade, precisam pagar um aluguel a ela.

²³⁶ A declaração de Dú Catira foi gravada e transcrita, em parte, pela pesquisadora. O áudio da gravação pode ser consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=-YeSmAYye-c>.

Além das bebidas e alimentos comercializados, no espaço havia barracas que variavam desde a venda de brinquedos para crianças à venda de trator para agricultores, isso sem contar com os postos de segurança (polícia militar) e de saúde (ambulâncias equipadas e com profissionais de saúde), os quais representavam as intervenções do poder público na festa e a tranquilidade de seu ambiente que oferecia mais do que o contato com a tradição cultural advinda da devoção aos Santos Reis, trazendo possibilidades de negócios, lazer e diversão ao público que ali se encontrava.

Para o restabelecimento do momento sagrado da festa, às 12:00 horas, iniciou-se o ritual do encontro das bandeiras, o qual foi narrado pelo *mestre de cerimônias*, Clayton Biondi. Antes de iniciar sua locução, que ocorreu como uma espécie de evangelização popular, Tê Biondi (nome como é conhecido no local) convidou os festeiros, os demais foliões das Companhias e o público em geral para aproximarem-se e organizarem-se no entorno do palco (Figura 61).



Figura 59: O mestre de cerimônias (Tê Biondi) e os festeiros (Bijuca e Patrícia) da 65ª Festa de Santos Reis de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Fazenda São Joaquim – Água da Espanholada/Palmital (SP), 11/01/20.

A estrutura do palco organizado para o Encontro das Companhias e das suas bandeiras subdividia-se em três caminhos reservados às Companhias de Reis das Anhumas, Faceiros e

Três Ilhas. Assim, ao passarem por eles e pelos três arcos neles colocados, os grupos encontraram-se numa encruzilhada. Essa performance, por sua vez, remonta à narrativa declarada mais acima (ALVES, 2020), onde o antigo mestre Adão Faceiro divulgou a história de como os Três Reis Magos, guiados pela estrela, teriam se encontrado para saudar e adorar o menino-Deus.

Toda essa criativa narrativa foi declarada publicamente por Tê Biondi ao longo d' *o encontro das bandeiras*:

Em Salmos, se nós procurarmos, lá está escrito e hoje nos cantamos aqui na missa, que todos os reis se curvarão diante dele e todas as Nações o adorarão. E depois de milhares e milhares de anos, quando os estudiosos seguiram uma estrela, buscando a verdade do nascimento do Messias, que foi por muitos e muitos anos prometido, eles chegaram em Belém e encontraram o pequenino menino Jesus. E a profecia se concretizou. Nós, foliões de Santos Reis, que são estes homens e mulheres que vocês vão ver, que estão aqui agora anunciando o nascimento de Deus menino, pois imaginem que em lugares desse planeta, que existem pessoas que não tem nem ideia que Jesus Cristo é nascido, por isso é importante seguirmos anunciando o nascimento de Jesus Cristo. Nós, esses homens e mulheres, são pagadores de promessas, são eles que pagam a promessa do festeiro, que fazem a sua intenção e que vem entregar nesse dia a festa de reis. Às vezes, é preciso fazer de uma maneira que desagrade a uns, desagrade a outros, mas a jornada nunca pode parar, porque o objetivo do folião é pagar a promessa do festeiro. E é cansativo, porque sair das 7 da manhã às 10 da noite da sua casa, e deixar a família e seus filhos, não é fácil. Mas nós temos a boa nova pra contar, nós foliões de Santos Reis, e eu trago pra vocês: Jesus Cristo é nascido, ele nasceu para nos salvar e nos deu exemplo, ele poderia ter nascido em um castelo dourado, ele poderia ter nascido com toda a sua riqueza na sua frente, mas quis Deus que o filho dele, o único filho dele, viesse a terra para compor o sangue da nova e eterna aliança, para fazer com que ele viesse dar um exemplo. Então, Jesus Cristo nasceu dentro de uma estrebaria, dentro de uma cocheira. O imperador César Augusto assinou um decreto para fazer um recenseamento e todos tinham naquela época que se apresentar, porque naquela época, a lei era obedecida por todos. Muita gente foi a Belém, São José e a Virgem Maria também foram, porque eram daquela região. E quando lá chegaram, não se tinha mais lugar para se hospedar. Eles foram indicados para que fossem em algum lugar que ali, porque ali devia ter algum lugar para eles ficarem, e por isso eles chegaram em uma choupana, em uma manjedoura, e aí vem o exemplo do presépio. Jesus Cristo – e eu falo isso aqui e todo ano eu me emociono – porque Jesus Cristo nasceu numa cocheira, Jesus Cristo nasceu dentro de um cocho, onde a vaca comia, o cavalo comia. E eu vou falar por mim, porque eu não tô aqui pra falar por ninguém: que as vezes eu tenho o meu orgulho pessoal, a gente quer crescer materialmente; e eu falo isso por mim, mas isso acontece comigo e pode tá acontecendo com mais pessoas, porque isso é da essência do ser humano, nós essencialmente somos pecadores. Quando Jesus Cristo nasceu, então os Magos do Oriente que já vinham acompanhando aquela jornada, aquela estrela que um dia apareceria para conduzi-los, levou, aquela estrela levou eles até o nascimento do menino Jesus. E isso vai acontecer aqui hoje,

o presépio está aqui do lado, Jesus Cristo é nascido, como nós dissemos. Então os Magos saíram em caminhada, e vieram cada um deles de um canto do mundo, pois é assim que a profecia diz, que cada nação o adorará. Quando chegaram naquele lugar e viram a pobreza daquele menino, sequer titubearam em saber que aquele ali era o Messias salvador. Na viagem deles, que foi de longos dias, longos meses, eles vieram acompanhando a estrela, porque eram estudiosos. Porém, quando chegaram em Jerusalém, a estrela perdeu o brilho, a estrela sumiu e eles, em Jerusalém, pararam pela primeira vez. Por isso as bandeiras, que cada uma representa dos três reis, vão parar no primeiro arco. Essa é uma das interpretações. Chegando em Jerusalém, procuraram o castelo onde morava o rei daquele lugar, porque eles imaginaram que ali teria nascido o rei. Chegando no castelo do rei que, na época, era Herodes, pararam pela segunda vez na jornada deles. E por isso as bandeiras vão parar no segundo arco, que é a segunda parada que os reis fizeram. Rei Herodes, dentro da sua ganância e da sua raiva, que existe até os dias de hoje, com bem disse o santo padre hoje na missa, pediu aos reis magos: vão vocês procurar esse rei nascido – porque antes disso ele fez a confirmação com os estudiosos da lei, eles disseram que era verdade. Então ele disse aos reis: vão procurar o rei que é nascido e volte para me avisar que eu também quero adorá-lo, o que era mentira. Os reis magos saíram daquele lugar, quando encontraram, saindo de Jerusalém, a estrela surgiu de novo. E a bíblia diz: ao observar a estrela, eles sentiram uma alegria muito grande. Seguiram a estrela onde parou onde estava o menino nascido. E a bíblia diz: entraram na casa onde estava o menino, ajoelharam-se diante dele e o adoraram, e ofereceram presentes – ouro, incenso e mirra. Quando eles chegavam onde estava o menino, eles pararam pela terceira vez. Por isso as bandeiras param a terceira vez no terceiro arco. Essa é uma das interpretações que nós temos. E eles ofereceram ouro, ofereceram incenso, ofereceram mirra. Por que ouro? Pois o ouro, é para o rei. Por que o incenso? Porque é a divindade de Jesus Cristo, é o rei que veio do céu. E por que a mirra? Porque apesar de ser o rei e ser o divino, ele passaria pela parte de morte. E assim, eles saíram daquele lugar. Mas avisados por divinas revelações, não voltaram a Herodes, que ficou enfurecido. E eles foram embora fazendo uma meia lua. E por isso a meia lua, quando a bandeira chega para almoçar na casa de cada um de vocês, pra desviar o caminho do rei Herodes, não voltar naquele rei que queria matar. E Herodes ficou possuído pelo ódio e pela raiva, e mandou – e essa data ainda é comemorada até o dia de hoje, essa data ela é lembrada até o dia de hoje – mandou-se matar todas as crianças de dois anos pra baixo, diante da fúria que ele teve. Tem um verso de bastião que diz ainda que: os soldados de Herodes chegavam no bercinho das crianças, a levantava pelo bracinho, e atravessavam com a espada, e as inocentes nem sabiam do que morriam. E hoje nós temos no dia 27 de dezembro o dia dos Santos inocentes, que nós comemoramos, que nós relembramos, por aqueles que morreram sem nome, aquelas crianças mortas por rei Herodes. E esses soldados continuaram, mas quando chegaram aonde estava Jesus Cristo, viram e foram tocados pelo Divino Espírito Santo, se ajoelharam e se arrependeram dos pecados. E ali, se lamearam, diz a tradição, do barro dos porcos, e saíram fazendo festa e folia, e chamando atenção e estripulia, para que protegesse pra que onde aquele menino fosse passar. E por isso eles estão aqui hoje, os soldados arrependidos do rei Herodes, que quando chegam lá no presépio, eles se desmascaram, porque eles não são, lá na frente, soldados de Herodes. Por isso eles estão aqui hoje, pra fazer a folia, pra chamar

atenção pra que todos olhem pra eles, pra que o menino Jesus passe por outro caminho e tenha a salvação. São eles também que, porque deles também nós vamos falar aqui no nosso encontro, dos soldados arrependidos do rei Herodes. Se você veio aqui pra buscar, se você veio aqui pra entregar, Santos Reis que te ilumine, porque o pequenino das palhas sempre nos honra. E Deus deixou escrito nas sagradas escrituras: na vida nós sempre teremos desilusões. Entretanto, também está na bíblia que na vida, apesar de sempre termos desilusões, nós nunca seremos desamparados, porque Jesus Cristo é o único rei e o único digno de louvor, toda honra, toda glória, ontem, hoje e para sempre.²³⁷

A narrativa de Tê Biondi explica ao público os significados atribuídos à Festa de Santos Reis de Palmital, destacando-se mais uma vez a ideia de que nela há uma grande doação (material e imaterial) protagonizada pelo povo, que independe de classes, raças e, inclusive, de bandeiras. Nesse sentido, sua fala exalta a ideia de que celebrar os Reis é revisitar o que se conhece, o que se acredita e o que se reconstruiu sobre sua história, compartilhando (ou evangelizando) a ideia de que eles, enquanto sujeitos de nações distintas, reuniram-se em prol de uma causa que lhes era justa; ou seja: visitar e reconhecer o verdadeiro rei (representado por Jesus Cristo) que, ao contrário dos reis de riqueza e poder (representado por Herodes), nasceu em berço pobre, sofrendo em vida todo o descaso de uma sociedade desigual, mas que, apesar de toda esta história, exerceu sua solidariedade para com o outro.

Da narrativa citada, destaca-se ainda uma interessante junção de leituras sobre versículos bíblicos provenientes dos livros de Salmos, Mateus, Isaías (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019), Profecia que circula no local (exemplo do “Poema do Nascimento de Jesus”, de Adão Faceiro) e de livros acadêmicos que contam sobre a história dos magos, mais especificamente, “Os manuscritos perdidos dos reis magos”, de Brent Landau (2013), publicação que Tê Biondi informou-me que conhecia.

Ao final dessa locução do *encontro das bandeiras*, o palco foi liberado para que as Bandeiras fizessem suas cantorias e declamações ao presépio, momento em que, mais uma vez, reportou-se à memória dos Três Reis e do nascimento de Jesus, bem como se expressaram os sentimentos de gratidão pelos giros/jornadas e pelas arrecadações que proporcionaram o grandioso encontro. Nesse momento, em geral, as Companhias fizeram uma cantoria de chegada/abertura, em seguida um de seus palhaços declamaram o presépio e, por fim, os músicos cantaram a despedida. Nas apresentações, observou-se o revezamento de mestres

²³⁷ A narração pode ser consultada através do *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=vwSmdTTZ4m8>.

(assim como acontece durante o giro), ocorrendo das letras funcionarem como um “repente” em homenagem a pessoas ou situações vivenciadas na celebração.



Figura 60: Presépio da Festa de Santos Reis de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Água da Espanholada/Palmital (SP), 10/01/20.

Via de regra, a ordem de apresentação das despedidas é previamente estabelecida por sorteio, ficando estabelecido no ano de 2020, o seguinte: 1ª Companhia de Reis Três Ilhas²³⁸, 2ª Companhia Família Faceiros e Faceiros Jr.²³⁹ e 3ª Companhia das Anhumas²⁴⁰. Vale dizer

²³⁸ Ouvir a apresentação das Três Ilhas em: <https://www.youtube.com/watch?v=YQbPeQvXcBM>.

²³⁹ Ouvir a apresentação dos Faceiros em: <https://www.youtube.com/watch?v=Op3UaiFhxAY>.

²⁴⁰ Ouvir a apresentação das Anhumas em: <https://www.youtube.com/watch?v=d0lraFyyzSw>.

que, se houver festeiros para a próxima festa (caso que não ocorreu em 2020), a última Companhia que se apresentou faz o seu anúncio e coroação.

4. 2. 5 O leilão de gado

[31:45] Ah mudou porque evoluiu muito, a festa divulgou demais né. Então aquele tempo fazia festa assim e não precisava comprar a quantia de porcos que tem que comprar hoje pra fazer a festa. Antigamente fazia com aquilo que ganhava só. Ganhava muita leitoa, muito frango, então fazia com aquilo que arrecadava. Agora hoje a festa teve que mudar porque ganha muito, fala boi, mas é bezerro, boizinho, mas um boi é maior. Então, isso aí tem que fazer um leilão, porque o que garante a despesa da festa é o leilão. [...] No meu tempo, não tinha leilão, eles vendia. Vamos supor, o gado sobrou, vendia, chamava um comprador de boi e vendia, que aquele dinheiro repassava o resto das despesas. Aí depois com a divulgação do tempo, criou o leilão, então foi uma maneira mais prática né. (FERNANDES, 2020).

Apesar de não saber precisar a data de início do leilão de gado na Festa de Santos Reis de Palmital, o gerente da cozinha sinaliza alguns motivos de sua criação: o crescimento da festa na cidade e arrecadação de gados (bezerros) nos giros das Bandeiras; e a necessidade de administração da renda dessa arrecadação que subsidia despesas com a própria festa.

Dessas considerações sobre a “evolução” da festa, destaca-se a sua dimensão pública em Palmital. Se, antigamente, a Folia de Reis restringia-se a servir o que se arrecadava, o que, por sua vez, delimitava a festa de Companhias a um público específico; na atualidade, este controle do público (que doa e que come na festa) tornou-se um desafio para seus praticantes que, negociando o espaço das Companhias e da festa, precisaram organizar-se de modo a repensar os próprios acordos informais que as envolviam no passado. Dentro disso, não se pode perder de vista a relevância do encontro e união das Companhias para uma única festa e a criação da AMTRAC-PSP em 2017, que permitiu, por exemplo, o esclarecimento do seu lucro e a escolha do seu direcionamento pelos associados que, no caso, representam os interesses das três Companhias.

Em 21 de janeiro de 2020 pude acompanhar o Leilão de Gado na Fazenda São Joaquim (Água da Espanholada – Palmital), mesmo local onde ocorreu a festa de *encontro das bandeiras*. Tratava-se de um almoço gratuito (com praticamente os mesmos pratos servidos na citada festa, visto que é uma espécie de “soqueira” daquela), onde se observou a presença de um público de, aproximadamente, 500 pessoas atreladas basicamente às Companhias e a AMTRAC-PSP, Igreja Católica, poder público palmitalense e demais integrantes da sociedade

civil de Palmital e região, dos quais se destacam fazendeiros e empresários (alguns destes, com cargos políticos locais).

Antes da mesa do almoço ter sido liberada para que uma fila se formasse para retirada da refeição, houve uma fala de agradecimento dos festeiros de 2020, bem como a benção feita pelos párocos sobre a comida e sobre o público presente. Todos esses discursos foram mediados pelo *leiloeiro* rural, Tê Biondi, o qual, após o almoço, iniciou seu trabalho naquele evento que, a propósito, desde 2018 é feito na modalidade virtual, em razão de exigências da Defesa Sanitária Animal da região de Assis²⁴¹.

O prazo para pagamento das cabeças de gado arrematadas no leilão é de até 8 meses após a realização do evento, sendo sua renda esclarecida em reunião de prestação de contas da AMTRAC-PSP. Nesse sentido, mesmo que o festeiro tenha que prestar contas à entidade sobre o que gastou e rendeu do giro das Companhias até o leilão de gado, o reembolso de suas despesas, quando não feito só com o dinheiro arrecadado naquele ritual, é realizado pela AMTRAC-PSP somente após o fechamento da arrecadação do leilão.

4. 2. 6 Associ(ações) à festa

Art. 2º – A Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – SP, tem como missão e fim institucional apoiar, divulgar e realizar iniciativas voltadas para o desenvolvimento social, artístico, tradicional, folclórico e cultural das comunidades de Palmital – SP e região.²⁴²

[...] ela chama-se Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital. Ela foi feita, assim, para que? Para que se tivesse um outro evento e fosse preciso alguém ajudar aquilo acontecer, ela também estaria à disposição. Por exemplo, se fosse o caso de usar lá para a festa do Divino, para receber verba ou para as pessoas membros dela irem lá, apesar de ser um outro grupo de pessoas que organiza aquela festa, ela serviria para isso. Se fosse para fazer a Festa do Peão, se fosse para fazer a festa de alguma igreja, se fosse para cuidar e se organizar para realizar a Recomenda das Almas. Esse ano nós fizemos, uma coisa que existiu tão forte como as festas de reis, cada Água tinha seu grupo de Recomendadas e há aproximadamente uns 30 anos atrás isso já acabou em Palmital. Não que acabou total, agora, ela já morreu desde 30 anos atrás. E esse ano nós reunimos algumas pessoas que compõem essa Associação, que é uma maneira de se aproximar, por isso nós estávamos sempre ali, “vamos fazer a Recomenda das almas”. Então também serviria para isso, mas não é que ela iria assumir a Festa do Divino, a Festa do Peão, ela não está para assumir o lugar de ninguém, ela está se alguém vier pedir

²⁴¹ Fonte: Ata da Reunião Extraordinária – 21/11/2018.

²⁴² Fonte: Estatuto da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – SP. Palmital – SP, 27 de julho de 2017.

uma ajuda para ela poder desenvolver essa atividade e resgatar essas tradições: Recomenda das Almas, enfim, Festa de Reis e tudo mais. (BIONDI, 2019).

Entre os objetivos da AMTRAC-PSP, conforme explicitou seu secretário, Clayton Biondi (2019), localiza-se a possibilidade do seu auxílio na organização e preservação não apenas da Festa de Santos Reis (que foi o objetivo prático da Associação), mas de outras manifestações culturais que se encaixam às ditas tradições de Palmital e região, como no caso da Festa do Divino Espírito Santo, Festa do Peão e Recomenda das Almas.

Nas entrevistas realizadas com os foliões de Palmital, em especial quando se questionava sobre a existência de outras festividades no município e suas eventuais participações nelas, a Festa do Divino foi destacada em função de apresentar, em geral, o mesmo ritual de arrecadação de donativos tal como é feito pelas Companhias de Reis, sendo inclusive as visitas, os ritmos musicais, a louvação à mesa de alimentos e a festa final muito parecida com ela²⁴³.

Na Folia do Divino de Palmital há apenas uma bandeira (vermelha, com a imagem de uma pomba branca que representa o Divino Espírito Santo/Divino Pai Eterno), um grupo de músicos (com a base de 7 vozes, liderada pelo embaixador) e seu calendário festivo (flexível a cada ano), geralmente, inicia-se nas semanas/meses que antecedem o dia de Pentecostes, data em que sua festa de encerramento é realizada na Água da Corredeira (bairro rural de Palmital) (JÚNIOR, 2019; GONÇALVES, 2020).

Em entrevista concedida a Clayton Biondi, Geraldo de Souza (2012) (que também era gerente da Companhia de Reis Três Ilhas) revelou que a tradição do Divino datava do ano de 1976 e, desde aquela época, veio “correspondendo” sobretudo pelas doações e pela união de músicos das três Companhias de Reis, entre os quais destaca os nomes de Paulão, Adão Faceiro, Manequinho e de uma nova geração que por ele estava sendo “abraçada para embaixar”: Juninho e Nilson²⁴⁴.

Na mesma ocasião da entrevista, Clayton Biondi (2012) (mais conhecido no local como Tê Biondi) registra outro áudio que retrata as falas que antecederam o almoço oferecido por Reinaldo Custódio da Silva (Nardão), na sua propriedade em Platina-SP. Desse momento, além

²⁴³ Consultar vídeo de chegada da bandeira do Divino (25/05/2019), em: <https://www.facebook.com/tatianecristina.virgilino/videos/2379880728743307/>.

²⁴⁴ Fonte: 2012.05.26 - Geraldo de Souza falou conosco sobre a tradição da Festa do Divino Espírito Santo. Entrevistador: Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2012-05-26---Geraldo-de-Souza-falou-conosco-sobre-a-tradio-da-Festa-do-Divino-Esprito-Santo-eqmcv1>. Acesso: 15 abr. 2022.

da música de louvação à mesa de refeições (que é a mesma cantada nos giros das Companhias de Reis), é interessante destacar o discurso do então prefeito de Palmital:

Boa tarde a todos, né. Sejam todos bem vindo aqui, certo? É um prazer, uma satisfação a gente receber vocês aqui. Isso não é diferente, é desde a época do papai, da mamãe, do Zezo, nossa família sempre aqui acolheu. Papai foi cantador também junto com vocês, certo? Nós procuramos, assim, sempre manter a tradição. Eu mesmo, na prefeitura eu tenho feito o máximo pra gente continuar com essa cultura de Palmital. E eu acho que eu pude colaborar com isso, certo? Esperamos que outros, que depois de mim virão, que também colabora, porque é muito importante pra nós, nós manter essa cultura. Eu tô deixando o governo, mas a gente criou um fundo lá, certo? É um recurso que é pra fazer os futuros foliões, certo? É uma verba que nós temos lá, em Convênio com a Caixa Econômica Federal, e nós vamos enviar esse projeto aí pra Câmara, certo? Legalizar, porque o recurso, nós já conseguimos o recurso. Então agora só falta organização. Então, é um início, certo? De uma coisa que nós vamos continuar mantendo em Palmital. E o que eu puder ajudar por fora aí, como cidadão também, eu quero continuar ajudando. Então, parabéns a todos vocês, sejam bem vindos e o almoço tá aí servido a vocês. Muito obrigado!²⁴⁵

No excerto, há importantes sinalizações sobre o papel e os limites das políticas municipais no processo de valorização e salvaguarda das culturas e tradições populares existentes em cidades como a de Palmital, algo já percebido no primeiro capítulo da tese. No entanto, vale destacar aqui o vínculo do prefeito com esse tipo de festividade, na qual perdura sua história familiar e que, portanto, desperta nele o sentimento de pertencimento a tal cultura, assim como ocorre com os demais foliões e cidadãos que se identificam e admiram a devoção do Divino ou dos Santos Reis. Nesse aspecto, fica evidente no discurso que as ações políticas em prol das festas estão concatenadas inicialmente à essa identificação e, em um segundo momento, a uma boa organização e administração das verbas para Cultura, o que poderá auxiliar um trabalho de formação dos novos foliões. Dessa fala, também, fica implícita a busca por apoio político entre os presentes.

Vale dizer que Reinaldo Custódio da Silva ocupou o cargo de prefeito em Palmital, junto a vice Ismênia Mendes Moraes, durante as gestões de 2005 a 2008 e 2009 a 2012. Sendo que, entre 2013 e 2016, a prefeitura da cidade foi assumida por Ismênia Mendes Moraes e o vice Ângelo Zanetti. Sobre a última gestão, por sua vez, destaca-se a promoção e financiamento do

²⁴⁵ Fonte: 2012/05/26 - Louvação da Mesa - Mário Reis, Geraldo Souza, Reinaldo C. da Silva e Sr. Alípio. Entrevistador: Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Trecho: 01:49-03:12. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/20120526--Louvao-da-Mesa---Mrio-Reis--Geraldo-Souza--Reinaldo-C--da-Silva-e-Sr--Alpio-eqmdcl>. Acesso: 15 abr. 2022.

Projeto Novos Foliões, o qual foi encabeçado por Mario Gonçalves de Oliveira Júnior, o embaixador da Companhia de Reis da Água das Anhumas.

Mario²⁴⁶ conta que, em 2013, Ismênia o convidou para escrever e desenvolver este trabalho cultural junto à comunidade de Palmital, sendo ele aplicado através da Prefeitura Municipal até o ano de 2016²⁴⁷. Após a experiência, ele reelaborou seu plano de ação e conseguiu um novo financiamento em 2017, agora junto ao Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo (PROAC)²⁴⁸, o que possibilitou dar continuidade na promoção e valorização de novos foliões em cidades da região de Palmital. Com esta experiência, sobretudo no que tange à divulgação das festas de Santos Reis, o embaixador chamado de “Juninho” ou de “Mário *Reis*”, tornou-se ainda mais conhecido pelo último nome, que pretende referenciar seu vínculo às Folias de Reis (JUNIOR, 2019).

Sobre o objetivo do Projeto Novos Foliões, seu autor destaca:

[...] o objetivo desse projeto é trazer novos foliões mesmo, trazer mais pessoas pra tá ajudando na Companhia de Reis, tá ensinando, tá trazendo a tradição, tá trazendo o que é o que não é o ritual, a crença, como é que funciona, como se veste de palhaço, porque... pra pessoa aprender sozinho, vai demorar muito tempo né. E quem tiver interessado é mais fácil de dar... e o intuito do projeto é isso aí, ajudar as Folias de Reis, reestruturar, manter, isso aí, fomentar e ajudar, e pra que sempre exista uma Folia de Reis. (JÚNIOR, 2019).

Retomando os áudios da festa do Divino, gravados por Clayton em 2012, destaco também a menção ao nome do festeiro daquele ano, Alípio, e do novo embaixador, Mario Reis²⁴⁹, além da notificação sobre a data da festa de Encontro das Companhias e das suas bandeiras, que ocorreria em 02 de junho. Vale dizer que, conforme Lei nº 2128/06, assim como a festa de Santos Reis, a do Divino também compõe o calendário municipal de “Festas Folclóricas e Comemorações Tradicionais do município de Palmital”, estabelecida na gestão do então prefeito Reinaldo Custódio da Silva (Nardão) (PALMITAL, 2006).

²⁴⁶ Mario possui 36 anos e atualmente é microempreendedor individual.

²⁴⁷ Vale dizer aqui que não referenciamos esse Projeto no tópico 1. 3 “Instrumentos (oficiais) de reconhecimento do patrimônio cultural em Ourinhos e Palmital”, pois não encontramos documentos materiais que aludem a sua aplicação no local. No entanto, ele pode ser entendido como uma política pública municipal de preservação das Folias de Reis em Palmital.

²⁴⁸ Edital PROAC Nº 23/2017 – “Concurso de Apoio a Projetos de Promoção das Culturas Populares e Tradicionais no Estado de São Paulo”. Consultar: http://201.55.6.39/StaticFiles/SEC/edital/23_rf17_.pdf. Acesso: 18 jun. 2022.

²⁴⁹ Fonte: 2012.05.26 - Mário Reis, o Juninho, fala da Jornada da Festa do Divino Espírito Santo. Entrevistador: Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2012-05-26---Mrio-Reis--o-Juninho--fala-da-Jornada-da-Festa-do-Divino-Esprito-Santo-eqmcri>. Acesso: 14 jun. 2021.

Outro dado importante a se ressaltar sobre a festa do Divino é que, com o falecimento de Geraldo de Souza em 2015, a Comissão informal da celebração deu procedência à sua organização na cidade. Inclusive, de acordo com um dos seus organizadores, Valter Benedito de Oliveira (2020) (gerente da Companhia de Reis Três Ilhas), a festa tem crescido a cada ano, sendo uma das suas novidades a reza de um terço mensal em louvor ao Divino.

O costume de rezar o terço ocorre entre os foliões pertencentes às três Companhias de Reis de Palmital, sendo realizado o terço de Santos Reis há pouco mais de 3 anos, nas últimas quintas-feiras de cada mês (BIONDI, 2019). A escolha da data, por sua vez, foi sugerida pelo padre Adriano, para que o terço não se chocasse com outros eventos da Igreja em que, porventura, os foliões também participassem (SILVA, 2019).

Helder Reis da Silva (2019) conta que a ideia de realização do terço de Santos Reis já havia surgido nos primeiros anos em que ele e Tê Biondi apresentavam o Programa de Rádio Viva Santos Reis. No entanto, os planos só foram efetivados recentemente, ocorrendo o primeiro terço na sua casa. Para a ocasião que reuniu cerca de 50 a 60 pessoas, foi doado por uma tia de Helder as imagens dos Santos Reis, bem como a de São Sebastião e Santo Antônio (padroeiros das duas Paróquias de Palmital), para que elas peregrinassem durante os encontros que, via de regra, são realizados em novas casas sorteadas à cada mês (SILVA, 2019). Sobre o ritual em si, os cinco mistérios rezados fazem alusão ao nascimento de Jesus e a viagem dos Reis Magos, segundo o Evangelho bíblico de Mateus 2²⁵⁰ (BIONDI, 2019).

Além da festa do Divino e dos terços do Divino e dos Santos Reis, a festa de São Sebastião (em que há leilão de gado), de Santo Antônio (ou Festa Junina), a dança de São Gonçalo e a Recomenda das Almas também surgiram nas entrevistas. Nos últimos dois casos, no entanto, parece haver mais um esforço para resgatá-las, como apontou Clayton Biondi (2019), do que a sua efetiva prática na atualidade.

No caso da Recomenda das Almas, por exemplo, em 2012 Clayton captou um áudio onde ele e Loro de Carvalho (Lourival José de Carvalho) questionavam seus companheiros de Folias, sobretudo, o mestre Adão Faceiro, sobre a antiga manifestação religiosa rural²⁵¹. Nesse aspecto, após tal conhecimento, puderam reproduzir o cerimonial na Água da Espanholada

²⁵⁰ Consultar descrição dos mistérios no “Folheto – Terço de Santos Reis”, disponibilizado no Anexo 4.

²⁵¹ Segundo Adão Faceiro, a Recomenda é uma reza para as almas (acompanhada dos instrumentos musicais: matraca e um reco-reco) realizada na semana santa. Nesse período, os grupos costumavam sair para visitar casas e fazer orações. O áudio sobre a Recomenda das Almas foi disponibilizado via *Podcast* e pode ser consultado em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2012-04-15---Recomenda-das-Almas-foi-o-assunto-do-Ado-Faceiro--Loro-Carvalho-e-T-Biondi-er7uet>. Data de acesso: 14 jun. 2021

(Palmital), em 2019²⁵². Método parecido foi averiguado a partir de entrevista feita a Adão Faceiro, por Mário Reis, sobre a dança de São Gonçalo²⁵³, a qual foi reproduzida em seu Projeto Novos Foliões²⁵⁴.

Interessante observar aqui que os registros feitos e disponibilizados por Clayton foram iniciados em 2011, mesmo ano em que ele e Loro de Carvalho inauguraram um Programa sobre Folias de Reis na Rádio Regional de Palmital. Aliás, foi nesse mesmo ano que Loro de Carvalho passou a divulgar audiovisuais sobre a temática em voga, no seu canal no *Youtube*²⁵⁵.

No que diz respeito à ideia de criação do Programa Viva Santos Reis, Clayton Biondi (2019) conta:

Foi de 2011 a 2016, uma coisa assim, 17. Lembrando que essa ideia não era minha, um dia eu tava em Penápolis, com meu pai, minha avó materna e avô é de lá, minha mãe é de lá, e a gente estava andando no carro e escutando um programa de rádio e falando de folia de reis esse programa de rádio, de Festa de Reis. Aí esse tio meu que morava lá falou: “olha, esse cara aí tem esse programa todo domingo e fala de Folia de Reis”. Eu era pequeno, 8-10 anos, eu não me lembro o que que falava no rádio, mas que era o último dia do programa, o programa ia sair do ar naquele dia, eu não sei por qual motivo. Meu pai ainda foi lá e falou: “não, vamos lá na rádio conversar com esse cara, porque eu gosto desse negócio de Folia de Reis”. Foi lá conversar com o cara, falou e deu entrevista e enfim, e era o último dia. E eu fiquei com isso, “puxa vida, um programa...”, e eu até não sei, como eu não ouvi o programa, eu não sei em qual rádio que era... eu fiquei pensando que aquilo era uma boa ideia. E se Palmital se orgulha de falar, de fazer a maior Festa de Reis e tal, então porque só falar de Santo Reis de 25 de dezembro a meados de janeiro, não! Palmital tem que falar de Santos Reis o ano inteiro.

Como apresenta o folião, sua inspiração veio de uma viagem realizada na sua infância, momento em que conheceu um programa de rádio sobre Folias de Reis, onde seu pai, Braz

²⁵² Ver audiovisuais disponibilizados no canal do YouTube de Mario Reis / Cultura Tradicional – “Recomenda das Almas na Espanholada Palmital SP”: <https://www.youtube.com/watch?v=kA5fn0Z8TTw>. Data de acesso: 14 jun. 2021; “Recomenda das Almas Igreja da Espanholada”: <https://www.youtube.com/watch?v=4EXezMLfxNk&t=4s>. Acesso: 14 jun. 2021.

²⁵³ Segundo depoimento de Adão Faceiro, a forma como se paga uma promessa a São Gonçalo (protetor dos violeiros) é através da música e dança. Para isso, o embaixador toca a viola, improvisa os versos em saudação a São Gonçalo, Nossa Senhora e o menino Jesus. Já os demais envolvidos ao grupo o acompanham em direção ao Santo, em uma espécie de marcha. No entanto, no retorno não podem virar de costas para o Santo. Consultar “Mestre Adão Faceiro vivências da Dança de São Gonçalo” em: <https://www.youtube.com/watch?v=IPxnwkeEU2EE&t=68s>. Acesso: 10 nov. 2022.

²⁵⁴ Consultar “Dança de São Gonçalo” em: <https://www.youtube.com/watch?v=wuM5wTEzyUw>. Acesso: 10 nov. 2022.

²⁵⁵ Consultar canal de Loro Carvalho em: <https://www.youtube.com/user/lorocarvalho/featured>. Acesso: 10 nov. 2022.

Biondi²⁵⁶, deu uma entrevista. Desse modo, a ideia central do Programa Viva Santos Reis era falar sobre a festa ao longo do ano. E, de fato, esse projeto foi cumprido entre os anos de 2011 e 2017²⁵⁷, tendo sido reiniciado em 2021.

Quando realizei a entrevista com Tê Biondi em 2019, o folião já afirmava haver um novo projeto para reinauguração do programa de rádio e, de fato, este foi ao ar em 31 de janeiro de 2021, pela rádio Escuta FM (92,1) de Assis²⁵⁸. No primeiro programa dessa nova temporada, por exemplo, ele solicitou que pessoas envolvidas na história da festa, bem como em projetos e pesquisas sobre a temática, como era o meu caso e o do cineasta Mario de Almeida (produtor do documentário “Reis: violeiros de Palmital”) (*redes* culturais e acadêmicas), encaminhassem-lhe uma mensagem de áudio para que ele divulgasse na rádio²⁵⁹. Tal divulgação pode ser conferida nas redes sociais do Viva Santos Reis (*Facebook*²⁶⁰ e *Instagram*²⁶¹) e em *Podcasts* (*Anchor by Spotify*)²⁶² onde são reapresentados os programas da rádio, além de eventuais entrevistas e encontros já realizados no passado (como os apresentados nesse texto), ou demais materiais (músicas, entrevistas) repassados por outros grupos de Folias de Reis do Brasil, que contribuem com a audiência do programa.

Vale mencionar que o Viva Santos Reis toca muitas toadas criadas e gravadas pelas próprias Companhias de Palmital e região, apresentando curiosidades sobre personagens das Bandeiras, “causos” e informações diversas acerca da festa. Assim, muito provavelmente o programa acabou servindo como um porta-voz de músicos/foliões locais, visto que seus nomes são divulgados junto às músicas e CDs das Companhias e eventuais duplas sertanejas. Com exceção dos CDs gravados em 2008 e 2009 pela Companhia das Anhumas, a qual pertence

²⁵⁶ Braz Biondi (*in memoriam*) foi festeiro de Santos Reis em Palmital no ano de 1985 (BUENO, 2003) e foi político em Palmital (prefeito de Palmital entre 1989 e 1992). No *podcast* divulgado por Tê Biondi: “2011.10.23 - Adão Faceiro, entrevistado, Programa Viva Santos Reis”, Adão Faceiro menciona que Braz Biondi teria proporcionado a ele uma viagem para São Paulo, onde apresentou na RTC às folias de reis de Palmital. Consultar *podcast* em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2011-10-23---Ado-Faceiro--entrevistado--Programa-Viva-Santos-Reis-epvs0f>. Acesso: 18 jun. 2021. Sobre a apresentação na RTC, infelizmente, não obtive mais informações ou acesso a documentos.

²⁵⁷ O programa Viva Santos Reis foi inicialmente apresentado na rádio Regional de Palmital por Tê Biondi e Loro Carvalho e, posteriormente, por Tê Biondi e Helder Reis. O encerramento do Programa se deu em função de compromissos dos apresentadores (SILVA, 2019).

²⁵⁸ O Programa Viva Santos Reis vai ao ar todos os domingos, das 07:30 às 09:30 da manhã. Conferir página da Rádio Escuta FM em: http://www.escutafm.com.br/?fbclid=IwAR0lrjfMHjs48Fujmvfi_QjqWLO0zCPpPMGKbtF2oXitEUuLt7D8ieYqWC8. Acesso: 16 jun. 2021.

²⁵⁹ É possível ouvir a primeira edição do programa de 2021 em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2021-01-31---Estreia-do-Programa-Viva-Santos-Reis---Apresentao-T-Biondi-e-Helder-Reis-epsi7r>. Acesso: 16 jun. 2021.

²⁶⁰ Conferir página em: https://www.facebook.com/programavivasantosreis/?ref=page_internal. Acesso: 16 jun. 2021.

²⁶¹ Conferir página em: <https://www.instagram.com/vivasantosreis/>. Acesso: 16 jun. 2021.

²⁶² Conferir página em: <https://anchor.fm/clayton-biondi>. Acesso: 16 jun. 2021.

Clayton Biondi, Loro de Carvalho e Helder Reis, por exemplo, os demais CDs dessa e das outras Companhias de Santos Reis de Palmital, ou seja, dos Faceiros (2019) e das Três Ilhas (2015), foram produzidos após a criação do Programa de rádio.

Para além das celebrações e ações culturais locais que envolvem as Folias de Reis de Palmital, no entanto, os entrevistados mencionaram suas participações em eventos regionais e estaduais de Encontros de Bandeiras de Santos Reis, que ocorrem nas cidades de Assis, Ribeirão Preto, São José dos Campos, São Paulo, entre outras.

Em 8 de fevereiro de 2020, por exemplo, participei do Encontro de Bandeiras de Assis, evento onde estiveram presentes as três Companhias de Reis de Palmital. Na ocasião, os grupos presentes apresentaram suas bandeiras e músicas ao público presente (maioria eram foliões das próprias bandeiras), em um tempo entre 10 e 20 minutos. Vale dizer que, nesse dia, Clayton Biondi distribuiu um folheto que anunciava a busca de Palmital como Capital Nacional da Folia de Reis, solicitando a participação da população regional nesse Projeto (o folheto chega a sugerir que a população falasse com seu deputado federal, o que contribuiria com a fluidez do processo)²⁶³.

A propósito de sua experiência no Encontro de Bandeiras de Folias de Reis de Assis, Antônio Fernandes (2019) apresenta que foi nesse local que ele conheceu foliões de Londrina, o que lhe proporcionou contatos e laços de amizade que possibilitaram, inclusive, ajuda nas festas de Palmital. Valter Benedito de Oliveira (2020), por seu turno, compartilha que os próprios organizadores do encontro em Assis, sobretudo, na época em que ele era realizado na FICAR (Feira Industrial Comercial de Assis e Região), os convidavam para participar do evento, solicitando, inclusive, mulheres para o trabalho na cozinha daquela festa.

Ainda acerca das participações em eventos em outras cidades, Mario Reis aponta:

O tempo que a minha esposa era secretária, então vinha bastante coisa, e ela já intermediava, desde 2007 que voltou aí, a gente tá participando do Revelando São Paulo, de encontro, coisas que aparece aí a gente vai. A gente já foi em bastante lugar representar né. [...] Através disso aí a gente conseguiu outros caminhos, outras fontes de ajuda. A gente sempre tá indo, uma vez por ano aí, quando solicitado a gente vai. (JUNIOR, 2019).

Além de apresentar as possibilidades de contatos em eventos como o “Revelando São Paulo” e “Encontros de Bandeiras”, o folião indica em seu relato dois pontos importantes, ou

²⁶³ Ver folheto no Anexo 2.

seja, a importância da Secretaria de Cultura estar articulada com estes programas que permeiam a cena cultural para além da própria cidade; e a importância dos programas culturais (estaduais) chegarem a cidades do interior paulista, como no caso de Palmital, o que dá visibilidade a elas e aos próprios grupos que detêm os saberes culturais²⁶⁴.

Outra consideração observada na entrevista concedida por Mario Reis, a qual parece seguir este sentido da visibilidade e de constituição de novos caminhos através da participação de eventos e da divulgação das Folias de Reis através das redes sociais, foi quando ele compartilhou seu primeiro contato com Mario de Almeida, produtor do documentário “Reis: os violeiros de Palmital”, de 2013²⁶⁵.

De acordo o folião, Mario de Almeida teria entrado em contato com a Prefeitura de Palmital em 2012 e na ocasião, por sua esposa trabalhar no local como secretária, esta coincidência teria facilitado o conhecimento entre ambos. Assim, as conversas sobre a festa por telefone e em função de Mario de Almeida, de fato, ter realizado seu trabalho sobre a temática da viola caipira junto às Folias de Reis de Palmital, resultaram em uma relação de amizade entre ambos, o que fez com que o folião ouvisse um conselho do cineasta de concorrer, por exemplo, ao edital do PROAC em 2017, com o Projeto Novos Foliões (JUNIOR, 2019). Projeto que, como visto acima, deu certo. Por outro lado, pode-se dizer agora que o folião somente conheceu e concorreu ao edital do PROAC por intermédio do amigo, o que levanta a reflexão sobre até que ponto, os sujeitos que preservam as Folias de Reis no interior do Brasil, sabem da sua relevância enquanto patrimônio/tradição cultural que deve ser preservado por direito.

No que diz respeito ao “Reis: os violeiros de Palmital”, em si, trata-se de um filme que foi muito comentado pelos foliões de Palmital na ocasião das entrevistas realizadas com eles, demonstrando-se um trabalho que não somente contribuiu com a divulgação e valorização da festa de Santos Reis de Palmital, para além da própria cidade, mas atuou positivamente na autoestima daquela comunidade festiva, após as gravações feitas entre 2012 e 2013.

Nessas trajetórias das três Companhias de Palmital, relações entre foliões e Bandeiras da região (Figura 1) foram construídas, o que possibilitou, inclusive, contribuições não apenas

²⁶⁴ É possível consultar filmagens da Companhia da Água das Anhumas participando do Revelando São Paulo (Edição São José dos Campos – 2010), no canal do YouTube de Mario Reis / Cultura Tradicional. Destaco aqui uma dessas apresentações em que a Companhia explica os nomes das vozes que compõem sua folia: <https://www.youtube.com/watch?v=cdCWGTpMYrY&t=348s>. Acesso: 18 jun. 2021.

²⁶⁵ No blog “Viola na Tela”, Mario de Almeida conta sua experiência de gravação do documentário na festa de Santos Reis de Palmital de 2012/2013. Consultar: <https://violanatela.com/2013/01/>. Acesso: 18 jun. 2021. Já o documentário está disponível na página do *YouTube* do produtor: <https://www.youtube.com/watch?v=HcpsKrRaz94>. Acesso: 14 ago. 2020.

nas festas de Encontros de Bandeiras, mas em giros/jornadas de Reis e do Divino em Cruzália (JUNIOR, 2019; OLIVEIRA, 2020; GONÇALVES, 2020).

Vale mencionar aqui que todas as Companhias de Reis de Palmital possuem hoje suas páginas nas redes sociais e em plataformas digitais (*Facebook e/ou Instagram e/ou Youtube*), para divulgação de suas especificidades que não se circunscrevem somente ao campo religioso, mas cultural. A Folia de Reis, dessa maneira, tornou-se um bem cultural transmitido de diferentes formas e meios, o que contribui para sua manutenção no tempo presente. E, embora apresente suas memórias atreladas ao universo rural (antigos foliões, Águas – bairros rurais e instrumentos), os grupos demonstram-se dispostos a transformar suas ações para que a festa permaneça ativa no local.

Como se constatou, todo movimento em prol das Folias de Reis iniciou-se antes mesmo da criação da AMTRAC-PSP (2017); ou seja, a partir de ações implementadas e negociadas entre os sujeitos pertencentes às Folias de Reis, os quais contribuíram com a manutenção e divulgação da festa até a contemporaneidade, destacando-a como a maior celebração em termos de público e de distribuição gratuita de alimentos. Dessa maneira, o que torna a festa de Santos Reis de Palmital tal como ela foi descrita são as ações comuns para sua preservação no local, seja através de livretos, terços, projetos culturais e acadêmicos, Programas de Rádio, CDs, viagens para participação em eventos diversos, redes sociais, entre outras reorganizações que nascem da criatividade dos foliões e das relações sociais no entorno da tradição.

4. 2. 7 Projetos a mais – Palmital como Capital Estadual/Nacional da Folia de Reis

Entre 2018 e 2021, quatro Projetos de Lei que objetivam conferir o título de Capital Estadual e Nacional das Folias de Reis foram submetidos à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e à Câmara dos Deputados. Atualmente, estão tramitando um em cada Órgão, os outros dois foram arquivados²⁶⁶.

O PL (Projeto de Lei nº 314/2021) mais recente foi submetido pela deputada Adriana Borgo/PROS - SP²⁶⁷. Ele atualmente encontra-se em regime de tramitação ordinária e, em sua justificativa, apresenta um pequeno histórico com relação à devoção e à Festa de Reis, apontando como especificidade em Palmital a tradição presente no município há 77 anos (mantida por três bandeiras – Anhumas, Faceiros e Três Ilhas), bem como a grandiosidade da

²⁶⁶ O primeiro PL arquivado foi submetido em 2018 pelo deputado estadual Luiz Carlos Gordim (SÃO PAULO, 2018). Já o segundo, de 2021, foi submetido pelo deputado federal Marcos Itohshi (BRASÍLIA, 2018).

²⁶⁷ Consultar biografia da deputada estadual em: <<https://www.al.sp.gov.br/deputado/?autor=1000000332>>. Acesso: 10 nov. 2022.

feira (uma das maiores do país, cerca de 30 mil visitantes a cada edição, comida farta, 500 pessoas trabalhando para preparação) que movimenta o turismo cultural (SÃO PAULO, 2018).

A essa altura, tal justificativa pode parecer familiar porque remete ao processo de construção documental (*memória-monumento*) sobre a tradição da festa em Palmital, a partir de sujeitos específicos. E de fato é.

O seu idealizador em Palmital foi Clayton Biondi, que como já se percebeu, vem atuando na construção da memória e identidade das Folias de Reis em Palmital desde pelo menos o ano de 2011, quando junto ao seu parceiro Loro, criaram um programa de rádio que buscava falar dos Santos Reis ao longo do ano, e não somente dos dias 25 de dezembro a 6 de janeiro (ou melhor, até *o leilão de gado*). Mas, antes de apresentar sua ideia quanto ao projeto, é importante dizer que quando realizei a entrevista com Clayton ele possuía 41 anos e atuava como advogado há 15. A propósito, ele contou um pouco sobre sua profissão no trecho a seguir que, por sua vez, era resposta de um questionamento sobre os citados projetos:

[...] eu pensei que nós poderíamos ter um orçamento próprio e, para conseguir um orçamento próprio, precisa passar pra uma formalidade. E aí, por acaso, eu já tinha ouvido falar da Capital Nacional do Alimento, que é Marília, da Capital Nacional do ovo, que é Bastos, a Capital Nacional do... Tem tudo quanto é coisa, é um símbolo somente. E eu tava pensando um dia em casa, a festa tava pra chegar, e eu ainda falei: olha, vou dar uma olhada, ver se existe uma Capital Nacional de Folia de Reis. E o título em si: Capital Nacional da Folia de Reis, não existe, e também não existe a Capital Estadual da Folia de Reis no estado de São Paulo. É uma coisa que ninguém pensou a respeito. E, pra fazer, se tiver um título desses resolve muita coisa? Não! Mas, abre uma porta, que é pra chegar lá na Secretaria da Cultura, no Ministério da Cultura, e dizer: “olha, nós somos representantes lá da Capital Nacional da Folia de Reis e viemos aqui” – ou Estadual, “e viemos aqui – pedir a verba da Cultura pra...” Não precisa explicar todo ano isso, porque todo ano tem que fazer o projeto e mandar pra lá, explicar o que acontece. Quando já tem um reconhecimento, já facilita. Só de ter a Festa de Reis de Palmital incluída no Calendário Estadual Cultural do Estado de São Paulo, já facilita, porque a gente chega no governo estadual e fala: “Olha, essa festa já está incluída no calendário, foi feita por lei. Tá incluída no Calendário Cultural do Estado de São Paulo”, enfim, já foi reconhecida. Então, isso abre portas dentro da administração pública. E aí eu, por acaso, fui dar uma olhada ver se existia e percebi que na Câmara não tinha, não tinha lei federal que tratava disso, não tinha lei no estado que tratava disso. Existe uma Capital Nacional do Folclore, que eu acho que é Olímpia, não tenho certeza. O que mais se aproximou foi Olímpia, e eu rezava para não ter [*risos*], porque a ideia era boa. E claro que isso lá na frente é turismo religioso. Uma das facetas do turismo eu trabalho ali em Campos Novos, que é uma estância turística já faz anos. E uma das facetas do turismo é o turismo religioso, igual acontece em Aparecida, igual acontece... enfim, outras cidades que exploram, entre aspas, o turismo religioso. Então eu pensei nisso e falei: “nossa, isso tem que dar certo”. E fiz

um ofício solicitando um deputado e ainda liguei... já existia a Associação... (BIONDI, 2019).

É curiosa, mas a ideia de Clayton estava fundamentada em projetos que ele já havia pensado e articulado, sobretudo, em razão de trabalhar como advogado em uma estância turística, bem como do “sonho”, como disse um dos demais idealizadores da Associação, de fazer com que a festa de Palmital se tornasse reconhecida pelo turismo religioso/cultural que, de fato, movimentava parte significativa da população local e regional. Além do exemplo dado por Clayton sobre Aparecida, um outro exemplo que surgiu foi conhecido na cidade de Bandeirantes (PR), próxima à Palmital, que possui o Santuário de São Miguel Arcanjo²⁶⁸ (SILVA, 2019).

No trecho, embora o considere como uma formalidade, Clayton demonstra como um título pode vir a contribuir com a manutenção das Folias de Reis em Palmital. Ele sinaliza que verbas já foram destinadas a ela somente pelo fato de estar incluída no Calendário Oficial do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2006), mecanismo oficial de reconhecimento já citado no Capítulo 1 da tese. No trecho, conta-se ainda que, ao se constatar a não existência do título, Clayton, também secretário da Associação, logo enviou ofício e ligou a um deputado.

Em 2020, esteve presente na festa de Santos Reis de Palmital o assistente do deputado federal Coronel Tadeu/PSL - SP²⁶⁹ (autor do PL que foi aprovado, porém, com parecer substitutivo). Clayton o chamou no palco do evento, e o assistente explicou ao público do evento a importância do PL. O PL em si foi então apresentado no dia 4 de fevereiro de 2020, poucos dias após a festa, meses depois da entrevista que realizei com Clayton, mês antes de “explodir” a pandemia da Covid-19. Ou seja, o que se constatou abaixo foi praticamente em pesquisa sobre os desdobramentos das ações legislativas sobre a proposta ora citada²⁷⁰.

O interessante é que o texto do PL (Projeto de Lei nº 19/2020) proposto se difere dos anteriores (aqueles que foram arquivados: BRASÍLIA, 2018; SÃO PAULO, 2018). Sua ementa “Reconhece a Folia de Reis, como manifestação cultural nacional, e eleva essa atividade à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro”; e não divulga, em primeira instância, o título de “Capital Nacional da Folia de Reis” à Palmital. Proposta que aparece especificamente no Artigo 2 (BRASÍLIA, 2020).

²⁶⁸ Consultar página do Santuário em: <https://www.smarcanjo.com/home>. Acesso: 10 nov. 2022.

²⁶⁹ Consultar biografia do deputado federal em: <https://www.camara.leg.br/deputados/204514>. Acesso: 10 nov. 2022.

²⁷⁰ Tais desdobramentos podem ser consultados em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2236336>. Acesso: 10 nov. 2022.

Na justificativa do PL constam dados sobre a emancipação de Palmital em 1919, cidade localizada na região do Vale do Paranapanema, a qual apresenta “uma zona essencialmente agrícola”. Ademais, aponta-se à longa duração da tradição festiva (século XIII) que se encontra presente “em diversas regiões do país”, bem como à tradição observada na cidade (mais de 80 anos), o que permitiria dizer que a festa em Palmital é “a maior festa dos santos reis do mundo no ramo de distribuição gratuita de alimentos” (*Id., Ibid.*).

Como dito acima, o PL foi aprovado com substitutivo proposto pela relatora, Dep. Áurea Carolina. Antes de justificar sua proposição, a deputada reconheceu a relevância da celebração como manifestação da cultura nacional e bem integrante do patrimônio cultural brasileiro, visto que possui longa história mantida pelos grupos de Folias no Brasil, local onde é muito presente em seu estado, Minas Gerais, mas também em Espírito Santo e São Paulo. Em Minas, ela chega a citar o Registro estadual realizado pelo IEPHA em 2017 (BRASÍLIA, 2021).

No entanto, ela argumenta que a proposta do reconhecimento é prerrogativa do IPHAN e do seu Conselho Consultivo e, “portanto, matéria do Poder Executivo, que possui estrutura e os meios para realizar as pesquisas necessárias para a avaliação do bem” (*Id., Ibid.*), conforme também se apresentou no Capítulo 1 dessa tese. Já com relação ao título de Capital Nacional, a relatora aponta que, apesar da relevância da festa em Palmital, há outros municípios que manifestam as Folias de Reis pelo Brasil, o que significa que o Artigo 2º do PL, por exemplo, desconsideraria a presença das demais manifestações culturais que se direcionam ao culto dos Reis Magos. Nesse sentido, o substitutivo aprovado passou então a reconhecer “a Folia de Reis como manifestação da cultura nacional, fixando a responsabilidade do Poder Público com seu fomento, valorização, difusão e salvaguarda” (*Id., Ibid.*).

Pelo parecer ora consultado é possível perceber o desconhecimento do proponente do PL quanto às funções do IPHAN no Brasil, bem como sobre os critérios para o reconhecimento de um município como Capital Nacional. Particularmente sobre o primeiro caso, algumas ações de respeitáveis pesquisadores (a exemplo de Marcia Sant’Anna, Hermano Queiroz, Antônio Arantes, Ulpiano Bezerra de Meneses) e entidades da área do patrimônio cultural no Brasil, sinalizam parte do problema que ocorria no Brasil quando o PL fora proposto. Das ações, destaco a organização do *I Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro, iniciativa do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)*, criado em 2019. A organização em si, segundo seu idealizador, visava “fazer frente ao desmonte das políticas de preservação do patrimônio cultural, o que ganhou fôlego no país a partir do início do Governo Bolsonaro” (ANDRADE, 2021, p. 9-10), tendo em vista:

A extinção do Ministério da Cultura e a posterior vinculação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ao Ministério do Turismo; as sucessivas nomeações de pessoas sem a devida experiência profissional ou formação para ocupar importantes cargos na direção e nas superintendências do IPHAN; a significativa redução do orçamento federal destinado ao IPHAN nos últimos dois anos; a extinção de todos os comitês gestores de sítios patrimônio mundial, exigidos pelos compromissos assumidos pelo Brasil junto à Unesco; o esvaziamento da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC); as ameaças aos povos e comunidades tradicionais decorrentes da desregulação da proteção ambiental e da revisão de direitos adquiridos por indígenas e quilombolas nas últimas décadas são algumas das ações implementadas nos últimos dois anos que colocam em risco políticas públicas instituídas ao longo de mais de oitenta anos e a própria salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro. (Id., *Ibid.*, p. 10-11).

Como apontado pela relatora do PL, as políticas de preservação do patrimônio cultural do Brasil são de responsabilidade do Governo Executivo e, no caso, ela se referia à Instituição Federal que cuida desses assuntos, o IPHAN, que, conforme exposto no excerto, foi recentemente vinculado ao Ministério do Turismo, bem como a chefias que não possuem experiência técnica para avaliar, por exemplo, a relevância de um patrimônio cultural para determinada sociedade, privilegiando aquilo que, já no Capítulo 1, chamou-se de “arte da escuta” (PORTELLI, 2016), que, aplicada ao caso do patrimônio, seria a criação de políticas públicas que tomam como pressuposto o diálogo com os grupos detentores dos bens culturais visando compreender o bem cultural. Assim, procura junto à comunidade estabelecer o seu reconhecimento e salvaguarda. Como se trata de um processo delicado, tendo em vista toda a diversidade cultural presente no país, ou mesmo em um único estado e município, para funcionar, essas políticas precisam de investimento público.

Feita essa recapitulação, a discussão recai-se novamente ao turismo; especificamente, ao problema de tornar-se um bem cultural mero produto econômico quando se descuida das demandas levantadas pela população que lhe pertence. Não se quer dizer com isso que as Folias de Reis de Palmital podem se transformar em espetáculo desprovido de seu sentido sagrado, mas levantar uma reflexão de que as mudanças a serem feitas e adotadas nas festividades e tradições culturais em geral, devem levar em consideração a observação e escuta das necessidades sociais locais.

O presente Capítulo demonstrou que, em Palmital, há um ativo movimento em prol da preservação das Folias de Reis que remonta desde, pelo menos, a década de 1980. Entre as ações movidas por sujeitos que integram redes diversas, percebeu-se ainda o diálogo, conflitos (implícitos na narrativa) e negociações. No presente, pelo observado em trabalho de campo, o movimento está pautado em uma busca comum: a preservação da tradição em Palmital.

CONCLUSÃO

As festas organizadas em torno da crença nos Santos Reis são antigas. Os sujeitos e grupos que a manifestam em Ourinhos e Palmital, estado de São Paulo, atribuem seu surgimento no local entre o final do século XIX e início do XX. Mesmo contexto em que as também chamadas Folias de Reis passaram a ser documentadas por memorialistas e folcloristas como tradição que caracterizaria a essência da memória e identidade nacional brasileiras, algo que, com o progresso dos tempos, poderia se perder, cair em desuso, representar o atraso. Essas concepções acerca do folclore e da cultura popular passaram a ser problematizadas, sobretudo, com o surgimento das ciências sociais no Brasil, em meados do século XX. Considerava-se que, tais manifestações, transformavam-se junto à dinâmica social e que o fato delas, até então, serem tomadas como folclore, representava um tempo e um projeto moderno nacional, próprios de uma elite (os representantes da cultura erudita). Tais assuntos foram debatidos por folcloristas e por cientistas sociais e das humanidades até que, no final do século XX, foi aparentemente superado, ou melhor, foi renovado a partir de outras problematizações.

Como visto e alertado na introdução dessa tese, não era interesse o aprofundamento de tal assunto. Na verdade, ele foi utilizado para exemplificar como surgiram os primeiros registros acerca das Folias de Reis, até que se cogitasse que elas poderiam ser reconhecidas como patrimônio cultural de natureza imaterial. Nessa trajetória, percebeu-se que os registros sobre as festas (os mitos que fundamentam a devoção aos Santos Reis, as tentativas de compreensão sobre como teriam vindo de Portugal e aqui se transformado etc) eram eles mesmos próprios de um tempo em que a memória e a identidade tornaram-se preocupações internacionais, momento conturbado aos Estados Nacionais. De todo modo, foi nesse contexto que as políticas de patrimônio cultural foram reformuladas no Brasil, permitindo com que muito do que até então era esquecido pelo Estado, pudesse junto a ele, reconhecer-se.

Foi nesse sentido que autores como Célia Camargo (2006), Regina Abreu (2015), Ulpiano Meneses (2009; 2021) foram trazidos à discussão para demonstrar que a novidade do Artigo 216 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) foi, fundamentalmente, a mudança da matriz nas políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil. Se antes era o Estado que dava a chancela do que era ou não era patrimônio, com a carta patrimonial, entraram em cena os sujeitos (os “sujeitos do direito coletivo”, como propôs Regina Abreu) e mais, as ações desses sujeitos que representam a memória e a identidade brasileira, no reconhecimento e proteção dos patrimônios, sejam eles de natureza imaterial ou material.

Separação que Meneses (2009) inclusive critica, porque só dificulta a compreensão dos valores culturais dos mesmos.

Mas, o que essa discussão tinha de relação com as Folias de Reis de Ourinhos e Palmital? O que primeiro pensei quanto a isso foi a minha relação com o objeto de pesquisa, ou melhor, a minha intenção de pesquisa era própria desse tempo que comentei há pouco. Própria de leituras que fazia na faculdade e que foram aprofundadas depois que iniciei a pesquisa com as Folias de Reis. Mas, fato foi que, as experiências com os participantes da festa, fizeram-me perceber que a intenção deles em continuar cumprindo sua missão devocional com os Santos Reis, fez com que modificassem alguns dos seus costumes no local, bem como a própria identidade da festa junto aos municípios que habitavam. No estudo desenvolvido sobre as Folias de Reis em Florínea, percebeu-se as negociações feitas entre foliões e alguns representantes políticos (também devotos de Santos Reis), algo que, naquela cidade, gerou a construção pela prefeitura municipal de um espaço próprio a essa celebração, embora pudesse ser aberto à outras tradições da cidade. O espaço chama-se Parque de Tradições. Por outro lado, não se notaram políticas culturais consistentes acerca da preservação dessas possíveis tradições no local (GOULART, 2016).

De todo modo, o estudo de caso levou à percepção sobre a atuação dos sujeitos e grupos na preservação da festa, bem como a visualização de movimentos similares acerca da preservação por grupos de Folias de Reis em cidades vizinhas. Por isso, o interesse na continuidade da pesquisa sobre a temática nessa região, embora precisasse escolher locais específicos para estudá-la, visto as complexidades da festa e dos métodos de trabalho. Entre os motivos, em Ourinhos chamou atenção a mudança da data de realização do festejo para julho e, já em Palmital, além das referências dos primeiros entrevistados da pesquisa com relação à grandiosidade daquela festa, chamando também a atenção o fato daquela cidade ter o interesse de tornar-se a Capital Estadual/Nacional das Folias de Reis. Tais ações demonstram especificidades observadas no campo de pesquisa e o interesse dos grupos em manterem sua tradição nos municípios, ainda que remodelando-a.

Nesse sentido, a tese objetivou compreender como as Folias de Reis foram preservadas em Ourinhos e Palmital, identificando os elementos – como acontecimentos, instrumentos e ações – utilizados pelos sujeitos e grupos (Bandeiras de Santos Reis de Ribeirão Grande; Companhia de Reis Água das Anhumas; Companhia de Reis Família Faceiros e Faceiros Jr.; Companhia de Reis Três Ilhas) na construção da sua memória e identidade.

Para essa compreensão, no entanto, era preciso que também se analisassem as políticas de preservação daqueles municípios, procurando entender possíveis diferenças na condução das

políticas e projetos do poder público nessas localidades. Daí a necessidade de revisitar, na primeira parte da tese, o recente histórico de implementação das políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil que, por sua vez, desdobrou três processos de Instrução para Registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Brasil: Reisado de Pernambuco (2014), Folias de Reis Fluminenses (2016) e Folias de Reis do Estado de São Paulo (2020). A ideia era saber, então, como isso poderia ter se refletido nos locais de estudo, sobretudo, em Palmital, cidade que aspira o reconhecimento estadual/nacional da sua considerada tradição.

Na medida em que abordamos tal assunto, tendo como enfoque o Estado de São Paulo, despertou-se também a necessidade de um mapeamento sobre estudos acadêmicos que abordavam a temática no interior paulista, para saber quando esses estudos se iniciaram, bem como quais eram as características de preservação das Folias de Reis apontadas por eles. Encontraram-se somente 12 estudos, 11 deles trabalhados no texto (publicados entre 1999 e 2021), mas que não se aprofundam nos problemas das legislações e do funcionamento das políticas municipais acerca de bens culturais como as Folias de Reis, apesar de terem possibilitado uma observação sobre similares formas de manutenção das celebrações nas outras localidades. Outra observação a se fazer sobre os estudos é que eles contribuem ao processo de construção de uma memória das Folia de Reis ligada ao conceito de “identidade de resistência”, de Manuel Castells (2018).

No que diz respeito aos instrumentos (oficiais) de reconhecimento do patrimônio cultural em Ourinhos e Palmital, o que se constatou foi, na verdade, a ausência deles especificamente na área do patrimônio cultural de natureza imaterial. Aliás, o próprio reconhecimento do patrimônio cultural de natureza material encontra dificuldades nos municípios visto os poucos recursos na área cultural, bem como de um aparente desconhecimento acerca da relevância de um patrimônio cultural e das formas de elaboração das políticas públicas nesse setor. Nesse aspecto, uma constatação foi a de que as Festas de Santos Reis foram registradas pelos poderes públicos locais, porém, como folclores e tradições que compunham o calendário turístico dos municípios, sendo esta uma forma de política cultural local que, por sua vez, não leva em consideração a participação dos sujeitos e, portanto, de suas demandas culturais no processo de reconhecimento, tampouco intencionou um plano de salvaguarda sobre o que se registrou. Em Ourinhos tal ação ocorreu através do Decreto Nº 5.791, de 3 de fevereiro de 2010, e em Palmital, da Lei nº 2.128, de 13 de fevereiro de 2006. Uma diferença entre os dois locais, por sua vez, é que Palmital estipulou em sua legislação que as entidades ou Associações devidamente documentadas poderiam firmar convênio com a

Prefeitura Municipal para obtenção de apoio. O prefeito que tomou essa iniciativa no município, a propósito, é um folião de uma considerada tradicional família de Santos Reis.

Outra legislação relacionada à festa em Palmital foi Lei N° 2.972, de 02 de agosto de 2021, que declarou como “Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital-SP (AMATRAC)” (criada pelos foliões em 2017), como de utilidade pública. Sobre isso, um dos seus autores disse que essa era uma das formas com que o poder público local poderia contribuir com a cultura na cidade e, no caso, com a tradição das Festas de Santos Reis. A lei que esclarece as normas para declaração de utilidade pública no local é de 2014 (Lei n 2.621, de 09 de maio de 2014). Ademais, o que se mencionou sobre as festas em ambos os locais referiam-se aos planos diretores de turismo que as localizava, mas não necessariamente apresentava suas potencialidades nesse setor, visto que se trata de uma festa que, embora movimente muitas pessoas em Palmital (no Projeto de Lei nº 13/2016 consta um público de 20 mil pessoas), por exemplo, ocorre em um período pontual do ano. Daí também as articulações acerca do Projeto de Lei que pode tornar Palmital a Capital Estadual/Nacional das Folias de Reis, algo que, segundo seu idealizador (que é um folião) na cidade, poderia ser mais um instrumento para angariar verbas à manutenção da tradição.

Nesse aspecto, é interessante observar que as ações que envolvem algum planejamento para preservação dessa considerada tradição no local, ainda que integrando-a ao universo do turismo religioso, parte de sujeitos que pertencem diretamente às Folias de Reis. Havendo conversas e negociações sobre os rumos da festa, entre os representantes das três Companhias de Palmital, nas reuniões feitas na Associação criada em 2017.

Com relação à memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital, percebeu-se já na construção do histórico das Bandeiras/Companhias de Santos Reis que o principal acontecimento que marcou as mudanças empreendidas no festejo foi, como era a hipótese já no projeto de pesquisa, a perda ou o deslocamento de foliões para cidades diversas, sobretudo, a partir da década de 1970. Esses fatos de memória (POLLAK, 1993) estão relacionados à história do agronegócio na região Oeste Paulista (empreendimentos em monoculturas de cana de açúcar, soja, milho), que resultou no êxodo rural e, nesse sentido, nas principais articulações feitas pelos foliões para que dessem continuidade às suas Folias de Reis (a exemplo: mudança da data do festejo em Ourinhos; a organização da festa de *encontro* das bandeiras em Palmital). Nas memórias de ambos os locais, isso foi retratado junto a episódios de enterro de bandeiras, perda de foliões/músicos, ou mesmo pelas dificuldades dos grupos de fazerem a festa de chegada da bandeira para um público maior. No último caso, sobretudo, essa foi a justificativa da reunião dos grupos para fazerem uma única festa em Ourinhos e Palmital.

No caso de Ourinhos, os foliões da Bandeira de Ribeirão Grande juntaram-se com aqueles das Bandeiras de São Pedro do Turvo, Salto Grande e Ribeirão do Sul, reorganizando seus calendários festivos para que o mesmo grupo realizasse as jornadas de todas as bandeiras. A diferença da Bandeira de Ribeirão Grande com relação às outras, no entanto, é que ela construiu um local próprio para a festa: o Centro Comunitário do Bairro Ribeirão Grande que, por sua vez, encontra-se na propriedade da família Palma, aquela que fundou a bandeira. Nesse sentido, a construção da memória e identidade da Bandeira e festa em Ourinhos esteve atrelada tanto a nomes da família Palma, quanto ao próprio lugar da festa. E, apesar de observarem-se aproximações de lideranças com a igreja, o que pode refletir em interpretações e modificações das práticas festivas (como no caso da missa que inaugura o dia da festa final), isso, por enquanto, não afetou a autonomia do grupo com relação aos direcionamentos da sua festa. O comércio de bebidas no local, por exemplo, é algo que o pároco local propôs que os foliões acabassem. Para eles, no entanto, esse comércio é uma das formas de arrecadação do *festeiro* para auxílio das suas despesas na festa, visto que é esse personagem o responsável por fazer um jantar na *saída* da bandeira, e de financiar o transporte dos foliões nas jornadas. Para isso, por sua vez, o festeiro também recorre a patrocínio de representantes políticos e comércios locais.

No caso de Palmital, após a reunião das Companhias para realização de uma única festa, algo que se começa documentar a partir da década de 1980, o que se observou foi que as três Companhias presentes no local continuaram a sua circulação que, somada, dava-lhes condições de manterem o festejo que, por sua vez, era feito em diferentes fazendas (ou Águas) até que, a partir de 2006, passou a ser realizada em duas específicas: Água do Capixingui (família Zanetti) e Água da Espanholada (família Tirolli), nenhuma delas atrelada aos nomes das Companhias. A principal justificativa para isso é que, nesses locais, havia infraestrutura para realização do festejo que, passou a ter um grande público, tornando-se ele um espaço onde relações políticas poderiam ser estabelecidas ou fortalecidas, visto que, desde a década de 1980, a festa já tinha como *festeiros* alguns representantes políticos. Mas o que mudou daquele tempo para este foi que, sobretudo, a partir de 2017, com a criação da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital-SP (AMATRAC), as Companhias puderam ter controle das suas finanças e, com isso, compraram em 2020 a sede onde está sendo construído o Recinto dos Santos Reis. O que, certamente, dará estabilidade aos grupos na manutenção do festejo que, como observam alguns dos seus idealizadores, possui potencial para o turismo religioso.

O que se levantou acima sobre a relevância de lugar próprio à festa e, de preferência, de posse dos grupos, indica uma organização social em função da festa. Não são todos os locais onde se observa isso. Aliás, a literatura levantada sobre a temática das Folias de Reis no estado

de São Paulo demonstra que esse tem sido um problema à manutenção da festa, visto que, a partir disso, os grupos precisam contar com o poder público que, nos casos revisados, não possuem políticas públicas específicas à preservação do patrimônio cultural (com exceção de Campinas). O pouco que se tem está aliado ao setor do folclore e turismo.

Dentro dessa lógica da organização social e administrativa em prol do festejo, é importante observar o papel dos sujeitos (*nós*) da festa que se vinculam a *redes* empresariais locais/regionais, como observado em Palmital.

Ainda sobre Palmital, antes e depois da criação da Associação em 2017, ações acerca da tradição das Folias de Reis no local foram constatadas (em ordem de criação): livretos; o programa de rádio Viva Santos Reis; o projeto Novos Foliões que, inicialmente foi desenvolvido com o suporte da prefeitura municipal (uma outra política local constatada a partir de entrevista com folião, mas que existiu somente no ano de 2013); os CDs com músicas que retratavam as especificidades da festa e que remetiam a memórias de antigos foliões; a reinauguração do programa de rádio e lançamento de *podcasts*; a criação de redes sociais que divulgam as Companhias; e os projetos de tornar Palmital a Capital Estadual/Nacional das Folias de Reis.

No último caso, percebeu-se, então, que eles haviam sido articulados pelo secretário da Associação que, por sua vez, já foi vereador e, em 2020, foi candidato a prefeito de Palmital. No último desses projetos (Projeto de Lei n.º 19-A, de 2020), foi proposto, tanto o reconhecimento das Folias de Reis como “bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro”, quanto o título “Capital Nacional da Folia de Reis” à Palmital, havendo na sua justificativa, basicamente, o histórico da festa em Palmital (o que foi rebatido pelo parecer de uma relatora do projeto, propondo-se lei substitutiva). O desdobramento desse processo permitiu a observação sobre certo desconhecimento acerca do papel do IPHAN e das políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil, apesar da compreensão de que as Folias de Reis deveriam ser reconhecidas, por direito, como patrimônio cultural brasileiro.

Diante das ações movidas para a preservação das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital, percebe-se que, em ambos os locais, a construção da sua memória e identidade se deu no entorno da ideia de tradição. A festa passou a ser concebida como uma tradição do município, possuindo a sua identidade ligada aos bairros rurais onde suas bandeiras nasceram ou onde alguns dos seus líderes habitaram. Esse fator, o lugar de criação das festas (Bairro ou Águas), foi também uma forma com que os grupos passaram a reforçar a característica tradicional do festejo, remetendo-a ao final do século XIX (Ourinhos) e primórdios do século XX (Palmital), o que valoriza a importância da sua preservação.

Além dos acontecimentos, instrumentos e lugares, observaram-se também alguns sujeitos-chave nas ações para a preservação da tradição das Folias de Reis. Algo em comum entre a Bandeira de Ribeirão Grande/Ourinhos e as Companhias de Reis/Palmital, nesse aspecto, é o papel desenvolvido pelos personagens *gerentes*. Se repararmos no histórico dos grupos, foram eles que articularam suas memórias, ainda que baseando-se em antigos foliões que admiram e que acordaram a *missão* de continuar a tradição. Além da sua função no festejo, são eles que mediam os possíveis conflitos entre Companhias, bem como as representam na Associação (caso de Palmital). Eles são os *nós* das redes (CASTELLS, 1999), assim como o foram os idealizadores das distintas “Associ(ações)” em Palmital.

Outro destaque a ser dado é aos personagens *mestres/embaixadores*. No caso de Ourinhos, os entrevistados demonstraram certa desesperança quanto ao futuro dessa função, tendo em vista que não observam uma nova geração interessada em assumi-la. E embora o revezamento nesse cargo, ao longo das jornadas, seja algo que parecia ocorrer há algum tempo, em Ourinhos não foi observada a introdução de jovens foliões nessa função. Daí também as sinalizações nas primeiras entrevistas dessa pesquisa, de que em Palmital a festa era maior, tinha certo apoio político e, assim, um futuro promissor naquela região.

No caso da presença de jovens foliões nas Companhias de Palmital, o que se percebeu, além da explícita presença das mulheres (para além do grupo “Estrelas de Maria”), foi que o que os atrai na celebração é a música e, especialmente, a admiração pela viola caipira que, junto às Folias de Reis, representariam a tradição, o sertanejo raiz. O que ajuda na manutenção da identidade da festa no local. Manutenção e não inovação, pois, as memórias de mestres como Adão Faceiro e Zé do Povo, ou mesmo os ritmos do mestre Zequinha (que canta em Ourinhos), demonstraram que a admiração pela viola e pela música sertaneja também os impulsionou a serem mestres de Folia. Vale dizer que não desconsidero aqui a devoção desses sujeitos todos (os da antiga e da nova geração de foliões), mas isso me fez pensar no papel do rádio e da música sertaneja na continuidade das Folias de Reis pelo interior do Brasil.

Outra consideração a se fazer nessa mesma linha de raciocínio é com relação às *Profecias* criadas pelos mestres. A história contada por Adão Faceiro foi a de que ele viajou até Aparecida do Norte para aprender mais sobre a história dos Reis, o que resultou na criação do seu *Poema do Nascimento de Jesus*, muito famoso entre as Companhias de Palmital. A atitude de Adão, para além de trazer sinais das relações estabelecidas entre sujeitos da festa e da Igreja, demonstra que a busca pelo conhecimento sobre a celebração era algo importante à sua preservação no local naquele período (além de contribuir à própria manutenção do prestígio do mestre em relação aos demais músicos da Folia). Ao contrário do tempo de Adão, por sua vez,

hoje os jovens mestres contam com as facilidades da internet para aprofundarem seu conhecimento sobre a tradição. No entanto, não se observou nenhuma mudança quanto ao teor dos versos que remetem à “história da festa dos Santos Reis”, o que pode demonstrar tanto um desinteresse da nova geração quanto a isso, ou mesmo que as hierarquias no grupo musical já não fazem mais tanto sentido.

Dito tudo isso, atenta-se para relevância dos estudos que utilizam metodologias qualitativas como as aplicadas nessa tese, pois elas dão condições para uma escuta das demandas culturais da população e, no diálogo, revalorizam o bem cultural de muitos sujeitos e populações ainda não lembradas no interior do país, sobretudo, em municípios historicamente recentes, que ainda encontram dificuldades acerca do que se compreender ou não como um patrimônio cultural (ou histórico) e de como elaborar políticas públicas nesse setor. Sobre isso é interessante observar que uma primeira forma de conscientização, digamos assim, sobre esses assuntos no local de pesquisa é através da própria prática da pesquisa (dos contatos estabelecidos com sujeitos do poder público, do empresariado local e, obviamente, com os detentores dos mais variados bens culturais que um município pode ter). Dentro disso, é importante dizer que, em geral, os entrevistados esperam um retorno da pesquisa, no sentido de que o bem cultural a que o sujeito se vincula, torne-se mais conhecido a partir dela. No caso dessa pesquisa de doutorado, lembro aqui do convite feito a mim e a um cineasta (em função dos projetos que desenvolvemos no local com as Folias de Reis) de São Paulo, para dar “boas-vindas” ao programa de rádio “Viva Santos Reis”. Tal convite representa as relações de confiança estabelecidas em nosso trabalho de campo e que os sujeitos da devoção/festa procuram manter conosco (sujeitos da academia/trabalhadores culturais), pois certamente consideram importante para o fortalecimento e preservação da sua tradição.

Por fim, antes da conclusão da tese “tradição como missão” (título que julgamos pertinente pelo fato de apresentar o interesse dos foliões em manter viva a sua Folia de Reis no local de estudo), é preciso revisitar uma reflexão que foi levantada já na sua primeira parte: “As Folias de Reis como patrimônio cultural”. Qual seja a ênfase dada à relevância das políticas de preservação dos bens culturais (sejam eles quais forem), elas não podem se esquecer de outras pautas igualmente importantes à sociedade. Caso de outros direitos e políticas básicas, como as de educação, saúde, alimentação e trabalho, que potencializariam a construção de uma sociedade menos desigual e, portanto, com mais sujeitos com condições para atentarem-se aos seus direitos e deveres, participando das políticas públicas (em setores, lugares diversos, mas visando o bem comum). A depender do nível de desigualdade o qual se encontra uma sociedade, por exemplo, o discurso do direito ao patrimônio cultural faz sentido?

Além disso, cabe dizer que tal discurso pode vir a reforçar disputas identitárias em torno de símbolos de tradição (um fechamento ao local; um sentido reacionário de tradição). Por outro lado, até que ponto essa última colocação seria cabível para quem trabalha com bens culturais que se embasam em valores cristãos e em relações de solidariedade?

Essas são questões que deixo em aberto. São somente reflexões de um estudo que se constituiu no Brasil do tempo presente.

FONTES

1. Atas, legislações, notas técnicas, processos e projetos

Ata da Assembleia geral de Constituição da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – SP (AMTRAC-PSP), 27 jul. 2017.

Ata da Reunião Extraordinária – 26/09/2018.

Ata da Reunião Extraordinária – 21/11/2018.

Ata da Reunião Ordinária – 06/12/2018.

Estatuto da Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital – SP. Palmital – SP, 27 de julho de 2017.

BRASIL. Artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil. *Dispõe sobre o patrimônio cultural do Brasil*. Presidência da República, Brasília-DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso: 22 ago. 2022.

BRASIL. Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. *Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências*. Presidência da República, Brasília-DF, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso: 22 mar. 2022.

BRASÍLIA. Relatório da Comissão de Cultura – Projeto de Lei nº 19, de 2020. *Parecer da Relatora, Dep. Áurea Carolina (PSOL-MG), pela aprovação, com Substitutivo*. Brasília: Congresso Nacional, 2021.

BRASÍLIA. Projeto de lei nº 9866/2018. *Confere ao Município de Palmital, no Estado de São Paulo, o título de "Capital Nacional da Folia de Reis"*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018.

BRASÍLIA. Projeto de lei nº 19/2020. *Reconhece a Folia de Reis, como manifestação cultural nacional, e eleva essa atividade à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2020.

OURINHOS. Lei nº 4.813, de 8 de dezembro de 2003. *Dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos-SP*. Ourinhos: Câmara Municipal, 2003.

OURINHOS. Lei Nº 5196/2007. *Altera dispositivos da Lei nº. 4.813, de 08 de dezembro de 2003 e dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos e dá outras providências*. Ourinhos: Câmara Municipal, 2007.

OURINHOS. Lei Nº 6103/2014. *Altera dispositivo da Lei nº. 4.813, de 8 de dezembro de 2003 e dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos e dá outras providências*. Ourinhos: Câmara Municipal, 2014.

OURINHOS. Lei nº 4.813, de 8 de dezembro de 2003. *Dispõe sobre o processo de Tombamento de Bens Culturais, Ambientais e Paisagísticos do Município de Ourinhos-SP*. Ourinhos: Câmara Municipal, 2003.

OURINHOS. Decreto Nº 5.791, de 3 de fevereiro de 2010. *Institui o Calendário Turístico do Município de Ourinhos para 2010*. Ourinhos: Prefeitura Municipal, 2010.

OURINHOS. Plano Diretor de Turismo – 2016-2020. *Diário Oficial Eletrônico do Município de Ourinhos*, Ourinhos, ano XIII, Edição nº 1129, 28 nov. 2017.

PALMITAL. Projeto de Lei nº 19, de 20 de abril de 2005. *Dispõe sobre o tombamento de bens imóveis no município de Palmital*. Palmital: Câmara Municipal, 2005.

PALMITAL. Projeto de Lei nº 45, de 18 de julho de 2016. *Dispõe sobre o reconhecimento das provas equestres como Patrimônio Histórico e Cultural do município de Palmital e estabelece as normas para a realização das referidas provas e dá outras providências*. Palmital: Câmara Municipal, 2016.

PALMITAL. Lei nº 2.156, de 16 de setembro de 2006. *Dá nova redação a Lei nº 1.250 que dispõe sobre criação do Conselho Municipal da Cultura e dá outras providências*. Palmital: Prefeitura Municipal, 2006.

PALMITAL. Moção nº 20/2010. *Parabenização e agradecimento ao excelentíssimo deputado estadual Mauro Bragato, por ter incluído a festa dos Santos Reis no Calendário Turístico e Folclórico do Estado de São Paulo*. Palmital: Câmara Municipal, 2010.

PALMITAL. Lei nº 2.128, de 13 de fevereiro de 2006. *Dispõe sobre a criação do calendário Folclórico e Turístico do município de Palmital e dá outras providências*. Palmital: Prefeitura Municipal, 2006.

PALMITAL. Lei Nº 2.621, de 09 de maio de 2014. *Estabelece normas para a declaração de utilidade pública*. Palmital: Prefeitura Municipal, 2014.

PALMITAL. Projeto de Lei nº 13/2016. *Aprova o Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico de Palmital/SP e dá outras providências*. Palmital: Prefeitura Municipal, 2016.

PALMITAL. Lei Nº 2.972, de 02 de agosto de 2021. *Declara de Utilidade Pública a Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital-SP (AMATRAC)*. Palmital: Câmara Municipal, 2021.

PALMITAL. Projeto de Lei nº 68, de 7 de dezembro de 2021. *Estima a Receita e fixa a Despesa para o exercício financeiro de 2022*. Palmital: Prefeitura Municipal, 2021.

SÃO PAULO. Projeto de Lei nº 4/2018. *Confere o título de "Capital Estadual da Folia de Reis" ao Município de Palmital*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2018.

SÃO PAULO. Projeto de Lei nº 314/2021. *Declara o Município de Palmital "Capital Estadual da Folia de Reis"*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2021.

SÃO PAULO. Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo – Calendário de Eventos Oficializados. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 106, n. 19, 30 jan. 1996.

SÃO PAULO. Projeto de Lei nº 183, de 31 de março de 2006. *Inclui no Calendário Turístico do Estado a festa dos Santos Reis no Município de Palmital*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2006.

SÃO PAULO. Projeto de Lei nº 207, de 18 de março de 2019. *Classifica Palmital como Município de Interesse Turístico*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2019.

SÃO PAULO. Projeto de Lei nº 594, de 21 de setembro de 2020. *Classifica o Ourinhos como Município de Interesse Turístico*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2020.

2. Entrevistas

ALVES, Adão José. Entrevistado 2 – Companhia dos Faceiros (entrevista conjunta) [24 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (01:43:03).

FILHO, José Teodoro de Araújo. Entrevistado 5 – Bandeira de Ribeirão Grande [17 jun. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. São Pedro do Turvo/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:07:34).

BAPTISTA, Arnaldo Borges. Entrevistado 3 – Bandeira de Ribeirão Grande (entrevista realizada junto a Eva). [26 abr. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Córrego Fundo - Ourinhos/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:02:54).

BIONDI, Clayton. Entrevistado 2 – Companhia da Anhumas [23 ago. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:38:16).

CAMPOS, Maria Rosa Moralez de. Entrevistado 1 – Bandeira de Salto Grande [20 fev. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Salto Grande/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:46:49).

FERESIN, Evandro. Entrevistado 1 - Bandeira de Ribeirão Grande [17 fev. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 2019. 1 arquivo.WMA (01:21:49).

FERNANDES, Antônio. Entrevistado 5 – Companhia da Anhumas [21 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (01:29:04).

FILHO, José Elias. Entrevistado 1 – Companhia das Três Ilhas (entrevista realizada junto a Antônio Anastácio de Andrade e Valter Benedito de Oliveira) [7 out. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:45:21).

GONÇALVES, Kaique. Entrevistado 3 – Companhia dos Faceiros [30 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (02:06:56).

GONÇALVES, Valdeci Alves. Entrevistado 1 – Companhia dos Faceiros [24 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (03:50:24).

JÚNIOR, Mário Gonçalves de Oliveira. Entrevistado 1 – Companhia da Anhumas [7 ago. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:50:58).

LEITE, Ivo Batista. Entrevistado 7 – Bandeira de Ribeirão Grande (entrevista realizada junto a Julieta Pereira Ramos Leite e Mario Batista Leite) [11 set. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Ourinhos/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:56:13).

LEITE, Mario Batista. Entrevistado 4 – Bandeira de Ribeirão Grande (entrevista realizada junto a Creuza) [20 mai. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Ourinhos/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:12:11).

MARQUES FILHO, Homero. Entrevista [18 fev. 2022]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Plataforma Zoom, 2022. Audiovisual (01:01:54).

NOGUEIRA, Francisco José. Entrevistado 2 – Bandeira de Ribeirão Grande [11 abr. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Salto Grande/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:20:29).

OLIVEIRA, Valter Benedito de. Entrevistado 2 – Companhia das Três Ilhas [21 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (02:06:08).

SANTOS, Osvaldo José dos. Entrevistado 6 – Bandeira de Ribeirão Grande [17 jun. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. São Pedro do Turvo/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:30:07).

SILVA, Aparecido Benedito da. Entrevistado 3 – Companhia da Anhumas [6 set. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:13:34).

SILVA, Ariovaldo de Almeida. Entrevistado 1 – poder público de Ourinhos [30 ago. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Ourinhos/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:11:54).

SILVA, Hélder Reis da. Entrevistado 4 – Companhia da Anhumas [9 set. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:32:49).

3. Faixas musicais transcritas

Faixa 1. CD Cia de Reis – Água das Anhumas de Palmital – SP. Produzido por MCK - Comercial e representação fonográfica Ltda, 2009. (Contém 11 faixas musicais).

Faixa 7. CD da Cia de Reis Três Ilhas - Palmital/SP, 2015. (Contém 7 faixas musicais).

Faixa 12. CD da Cia de Santos Reis família Faceiros e Faceiros Jr. – A tradição de geração para geração desde 1949. Produzido por MCK - Comercial e representação fonográfica Ltda, 2019. (Contém 14 faixas musicais).

4. Imagens²⁷¹

Encarte do CD Cia de Reis – Água das Anhumas de Palmital – SP. Produzido por MCK - Comercial e representação fonográfica Ltda, 2009. (Contém 11 faixas musicais).

²⁷¹ Apesar de entendê-las como fontes, optou-se por não se referenciar aqui às fotografias de minha autoria utilizadas ao longo do texto. Entretanto, todas elas apresentaram legendas com suas devidas informações. Fotografias/informações que podem ser buscadas com facilidade no índice de imagens, no início do texto.

Encarte do CD da Cia de Santos Reis família Faceiros e Faceiros Jr. – A tradição de geração para geração desde 1949. Produzido por MCK - Comercial e representação fonográfica Ltda, 2019. (Contém 14 faixas musicais).

Encarte do CD da Cia de Reis Três Ilhas - Palmital/SP, 2015. (Contém 7 faixas musicais).

O registro dos primeiros festeiros, foliões, “cantador” e palhaços de Palmital. Foto: Rafaela Sales Goulart. Palmital (SP), 21/01/20.

5. Livretos

BUENO, Antonio Henrique Cunha. *Festa dos Santos Reis – Palmital 2002*. São Paulo: Nova Página Indústria Gráfica, 2002, 33p.

BIONDI, Clayton. *Festa de Santos Reis*. Palmital-SP. Cultura, Tradição e Fé. Palmital: Construir Loteadora, Secretaria de Educação e Cultura de Palmital, Prefeitura Municipal de Palmital-SP, 2015, 18 p.

GOMES, Neide. *Folia de Reis*. Deputado Cunha Bueno, 1984, 36p.

6. Podcasts e vídeos

2011.10.23 - Adão Faceiro, entrevistado, Programa Viva Santos Reis. Entrevistado: Adão Faceiro. Entrevistadores: Loro Carvalho e Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 05 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2011-10-23---Ado-Faceiro--entrevistado--Programa-Viva-Santos-Reis-epvs0f>. Data de acesso: 03 jun. 2021.

2012.05.26 - Geraldo de Souza falou conosco sobre a tradição da Festa do Divino Espírito Santo. Entrevistador: Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2012-05-26---Geraldo-de-Souza-falou-conosco-sobre-a-tradio-da-Festa-do-Divino-Esprito-Santo-eqmcvl>. Acesso: 15 abr. 2022.

2012.05.26 - Mário Reis, o Juninho, fala da Jornada da Festa do Divino Espírito Santo. Entrevistador: Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2012-05-26---Mrio-Reis--o-Juninho--fala-da-Jornada-da-Festa-do-Divino-Esprito-Santo-eqmcri>. Acesso: 14 jun. 2021.

2012/05/26 - Louvação da Mesa - Mário Reis, Geraldo Souza, Reinaldo C. da Silva e Sr. Alípio. Entrevistador: Tê Biondi. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Trecho: 01:49-03:12. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/20120526---Louvao-da-Mesa---Mrio-Reis--Geraldo-Souza--Reinaldo-C--da-Silva-e-Sr--Alpio-eqmdcl>. Acesso: 15 abr. 2022.

Fonte: 2013.09.13 - Adão Faceiro e José Carlos Tusco falam das tradições! Muito conteúdo! Entrevistados: Adão Faceiro e José Carlos Tusco. Entrevistador: Helder Reis. Palmital: Viva Santos Reis, 20 fev. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2013-09-13---Ado-Faceiro-e-Jos-Carlos-Tusco-falam-das-tradies--Muito-contedo-eqmdvh>. Data de acesso: 07 jun. 2021.

2021.05.09 - Programa Viva Santos Reis - Dia das Mães - Gerente e Capitão. Apresentadores: Tê Biondi e Helder Reis. Palmital: Viva Santos Reis, 9 mai. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2021-05-09---Programa-Viva-Santos-Reis---Dia-das-Mes---Gerente-e-Capito-e10i08k>. Data de acesso: 01 jun. 2021.

2021/05/30 - Depoimentos sobre Contrato (Contralto). Apresentadores: Tê Biondi e Helder Reis. Palmital: Viva Santos Reis, 30 mai. 2021. Podcast. Acesso em: <https://anchor.fm/clayton-biondi/episodes/2021mai30---Depoimentos-sobre-Contrato-Contralto-e11siqa>. Data de acesso: 11 jun. 2021.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ABREU, Regina; MAGNO, Marluce. Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso: o caso das Folias de Reis Fluminenses. *Religião & Sociedade* [online]. 2017, v. 37, n. 3, p. 18-45. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap01>>.

ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: TARDY, Cécile (dir.); DODEBEI, Vera (dir.). *Memória e novos patrimônios*. Nouvelle édition [en ligne]. Marseille: OpenEdition Press, 2015 (généré le 12 février 2015). Disponible sur Internet: <<http://books.openedition.org/oepr/417>>.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

ALMEIDA, Jozimar Paes de. A extinção do arco-íris: a agroindústria e a eco-história. *Dissertação* (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, 1987.

ALENCAR, José de. A noite de Reis – Correio Mercantil. In: COELHO, José Maria Vaz Pinto. *Ao correr da pena – pelo conselheiro José de Alencar*. São Paulo: Typ. Alemã – Travessa do Comércio, 1874.

ANDRADE, Nivaldo. Apresentação – *atentos e fortes* em defesa do patrimônio cultural brasileiro. In: SANT'ANNA, Marcia; QUEIROZ, Hermano (Orgs.). *Em defesa do Patrimônio Cultural: percursos e desafios*. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

ANDRADE, Pedro Paulo de. A devastação da floresta no Vale do Paranapanema: uma leitura dos autos do arquivo do Fórum da Comarca de Assis (1890-1944). *Dissertação* (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2004.

ARANTES, Antonio A. Salva-guarda: um dispositivo chave de gestão patrimonial. In: SANT'ANNA, Marcia; QUEIROZ, Hermano (Orgs.). *Em defesa do Patrimônio Cultural: percursos e desafios*. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

ARAÚJO, Débora Fernandes; CUNHA, Fabiana Lopes da. A ocupação da terra na formação do município de Ourinhos-SP. *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 5, n. 1, p. 39-58, 2011.

BALANDIER, Georges. *As dinâmicas sociais: sentido e poder*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1976.

BERTAZI, Marcio Henrique. Uma história movida a álcool: impactos ambientais no contexto canavieiro paulista (1975 a 2003). *Dissertação* (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2019.

BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. *Tese* (Doutorado em Ciências Humanas). UFRJ/IFCS/Rio de Janeiro, 2008.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRANDÃO, Luiz Gonzaga Meirelles. O imaginário midiático na manifestação popular das Folias de Reis concentradas na região nordeste de São Paulo e no Triângulo Mineiro. 2016. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação e Cultura Midiática). Universidade Paulista, São Paulo-SP, 2016, p. 84.

BRASIL [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. Decreto 5.753, de 12 de abril de 2006. *Promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada em Paris, em 17 de outubro de 2003, e assinada em 3 de novembro de 2003*. Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/decreto/d5753.htm>. Acesso: 28 set. 2022.

BRAY, Sílvio Carlos; FERREIRA, Enéias Rente; RUAS, Davi Guilherme Gaspar. *As políticas da agroindústria canavieira e o Proálcool o Brasil*. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

BUZZI, Priscila Maria Ribeiro. "Acendeu a Estrela Dalva num facho de branca luz": a música da Folia de Reis dos Prudêncio de Cajuru-SP, um legado. *Dissertação* (Mestrado em Música). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2017, p. 400.

CAMARGO, Célia Reis. A construção da memória na sociedade global. Identidades sociais: local x global. *Patrimônio e Memória*. Unesp – FCLAs – CEDAP, v. 2, n. 2, 2006.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. A dimensão política do patrimônio cultural na Constituinte de 1987-1988. 2015. *Tese* (Doutorado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora – MG, 2015.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Edusp, 2017.

CALABRE, Lia. O lugar da cultura popular nas políticas públicas: ações no campo do patrimônio imaterial. In: MAUAD, Ana M.; ALMEIDA, Juniele R. de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

CARIGNATTO, Denilson. Milagre econômico, agricultura e meio ambiente: uma história ambiental da microrregião de Assis (1968-1974). *Dissertação* (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis/Universidade Estadual Paulista. Assis, 2010.

CARSALADE, Flávio. Bem. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

CARVALHO, Mônica de. Folia de Reis não é folia de rádio. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 2, pp. 217-239.

CASARIN, S. T. et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, n. 10 (n. esp.), p. 1-5, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924>>. Acesso: 28 mar. 2022.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.

CASSIANO, Célia Maria. Memórias itinerantes - Um estudo sobre a recriação das folias de reis de Campinas. *Dissertação* (Mestrado em Multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1999, p. 223.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. A pequena produção de café no Paraná. 1991. *Tese* (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. v. 2.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *O poder da identidade: a era da informação*. Vol. 2. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1 – Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CORRÊA, Anna Maria Martinez. Poder político e representatividade partidária no Vale do Paranapanema: (1920-1930). *Tese (Livre Docência)* – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Assis, 1988.
- CORRÊA, Lucas Mariani. A Sorocabana Railway Company: a relação de uma empresa ferroviária e as diretrizes governamentais (1907-1919). *Dissertação (Mestrado em História)* – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2014.
- COSTA, Emília Viotti. *Da monarquia a república: momentos decisivos*. São Paulo: Unesp, 1999.
- COSTA, Maria I. S.; IANNI, Aurea M. Z. O conceito de cidadania. In: *Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica*. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2018, p. 43-73.
- COUTO, Aracy do Prado. Folia de Reis. *Cadernos de Folclore nº 16*. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DEBRET, Jean Baptiste. “Véspera de Reis”. In: _____. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*; Tomo II, Vol. III. Trad.: Sérgio Milliet. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975
- DEL RIOS, Jeferson. *Ourinhos: memórias de uma cidade paulista*. 2ª ed. Cornélio Procópio: UENP, 2015.

DE VARAZZE, Jacopo, Arcebispo de Gênova, ca., 1229-1298. *Legenda áurea: vidas de santos*; tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEWES, João Oswaldo. Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos. *Trabalho de Conclusão de Curso* (Bacharelado em Estatística) – Instituto de Matemática. Departamento de Estatística/UFRGS. Porto Alegre, 2013.

DI CREDDO, Maria do Carmo Sampaio. *Terras e índios: propriedade da terra no Vale do Paranapanema*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

FERNANDES, J. Ricardo Oriá. O direito à memória: análise dos princípios constitucionais da política de patrimônio cultural no Brasil (1988-2010). *Palestra ministrada no II Seminário Internacional de Políticas Culturais*. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/Políticas_Culturais/II_Seminario_Internacional/FCRB_JoseRicardoFernandes_O_direito_a_memoria.pdf. Acesso: 27 jul. 2022.

FIGUEIREDO, William Bezerra. Performance e símbolo: uma análise da Folia de Reis. 2013. *Dissertação* (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2013, p. 129.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De *A Shared Authority* à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana M.; ALMEIDA, Juniele R. de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GIAVARA, Eduardo. O sonho iluminado: A hidrelétrica de Salto Grande: memória e representação. *Dissertação* (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras/Unesp. Assis, 2001.

_____. Viagem ao desconhecido: o olhar científico nas fronteiras do oeste paulista 1886-1905. *Tese* (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva; FUNARI, Pedro Paulo A. Sensibilidade e performances femininas nas Folias de Reis de João Pinheiro (MG). *Revista Mosaico*, v.3, n.1, p.5-21, jan./jun. 2010.

GORZONI, Priscila de Paula. Os mascarados das folias de reis: uma análise das máscaras da companhia Santa Cecília, de São Caetano do Sul, no ABCD, e da Companhia da Serraria, de São Tomé das Letras, no Sul de Minas Gerais (2009 - 2012). 2013. *Dissertação* (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2013, p. 165.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. Bem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. A evaporação das terras devolutas no Vale do Paranapanema. *Tese* (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 1980.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PINTO, Gemyma Dantas Barbosa do Carmo Pinto. Reis em conflito: uma leitura sócio-literária de Mateus 2.1-23. *Dissertação* (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belo Horizonte, 2021. 114 f.

GORZONI, Priscila de Paula. Os mascarados das folias de reis: uma análise das máscaras da companhia Santa Cecília, de São Caetano do Sul, no ABCD, e da Companhia da Serraria, de São Tomé das Letras, no Sul de Minas Gerais (2009 - 2012). 2013. *Dissertação* (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2013, p. 165.

GOULART, Rafaela Sales. *Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP): memória, identidade e patrimônio (1993-2013)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis-SP, 2016, p. 242.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de DP&A, 2001.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HOBSBAWM, Eric J. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric j; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

IANNI, Octavio. Globalização e neoliberalismo. *São Paulo em Perspectiva – Fundação SEADE*, 12 (2), 1998, p. 27-32.

IBGE. *Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. Volume 1. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1990.

_____. Pesquisa de Informações Básicas Municipais – MUNIC – Suplemento de Cultura. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014.

IEPHA. Dossiê: Folia de Minas. *Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais*, 2016.

IPHAN. Análise preliminar das solicitações de Registro das Foliás de Reis Fluminenses e das Foliás de Reis do Estado de São Paulo. *Nota Técnica Nº 36/2021/COREG/CGIR/DPI – SEI/IPHAN – 2839037*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 26 de julho de 2021.

IPHAN. Ata da 39ª reunião da Câmara Setorial de Patrimônio Imaterial. *Ata de Reunião DPI 2917885*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 17 de agosto de 2021.

JOHANSEN, Elizabeth. A devoção ao divino, os devotos e a Casa do Divino: a instituição de um patrimônio cultural em Ponta Grossa, 1882-2019. *Tese* (Doutorado em Geografia – Área de concentração – Dinâmicas Regionais e Urbanas), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2019.

LANDAU, Brent. *Os manuscritos perdidos dos reis magos*. São Paulo: Matrix, 2013.

LIMA, Rossini Tavares de. *Folgedos Populares do Brasil*. São Paulo: Ricordi, 1962.

LOURENÇO, Aliny Cristina. A Folia de Reis de São José do Barreiro: recurso cultural brasileiro São Paulo. *Dissertação* (Mestrado em Estética e História da Arte). 2014. Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2014, p. 127.

LOURENÇO, Fernando Antonio. *Agricultura Ilustrada: liberalismo e escravidão nas origens da questão agrária brasileira*. Campinas: Unicamp, 2001.

KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. *Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas*. Tese (Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2009, p. 299.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MAGNO, Marluce. Culturas populares, políticas públicas e patrimonialização: (des) encontros na Folia de Reis de Valença. *Dissertação* (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARIN, Louis. *Sublime Poussin*. São Paulo: Edusp, 2000.

MARTINS, Fábio. As Companhias de Reis e do Menino Jesus em Carmo do Rio Claro (MG): vivências e memórias, patrimonialização e manutenção do fenômeno. *Dissertação* (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Ponta Grossa, 2020.

MASSEI, Roberto. A construção da Usina Hidrelétrica Barra Bonita e a relação homem natureza: vozes dissonantes, interesses contraditórios – (1940-1970). *Tese* (Doutorado em História). Programa de Estudos Pós-Graduados em História – PUC, São Paulo, 2007.

MASSEY, Dorren. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e Ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Alfa-Omega, 1974, p. 46-48.

MATOS, Ronaldo Aparecido de. Os cantos da Companhia de Reis Fernandes de Olímpia – São Paulo. 2016. *Dissertação* (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo-SP, 2016, p. 323.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. v. 2. São Paulo: Edusp, 1974.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Caminhos da identidade nas políticas de patrimônio imaterial no IPHAN. In: SANT'ANNA, Marcia; QUEIROZ, Hermano (Orgs.). *Em defesa do Patrimônio Cultural: percursos e desafios*. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

_____. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Sistema Nacional do Patrimônio Cultural: Desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão*, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2009. v. 1. p. 25-40.

MILLIET, Sérgio. *O roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: Bipa, 1946. p. 20.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Trad. Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

MORAES FILHO, Mello. A noite de Natal e a Véspera de Reis. In: _____. *Festas e tradições populares no Brasil*. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2002.

MOREYRA, Yara. *De Folias, de Reis e de Folia de Reis*. Goiânia: Revista Goiânia de Artes, 1983.

NASCIMENTO, Rodrigo Modesto. Poder público e patrimônio cultural: estudo sobre a política estadual de preservação no oeste paulista (1969 – 1999). 2006. 185 f. *Dissertação* (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2006.

NEDER, Andiara Barbosa; FRANCO, Gilciana Paulo. Lideranças femininas nas Folias de Reis, nas Umbandas e Candomblé: uma análise de fluxos e refluxos. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 22, n1, jan./jun. 2019, p. 187-204.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, (10), dez. 1993. p. 7-28.

OLIVEIRA, Caroline da Silva. A “geada negra” de 1975 em Londrina-PR: de evento climático a lugar de memória. *Dissertação* (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2017.

PALMITAL. Projeto de Lei nº 27, de 21 de outubro de 2002. *Dá denominação a próprio municipal*. Câmara Municipal: Palmital, 2002.

PELEGRINI, Sandra C. A. Memórias e identidades: a patrimonialização e os usos do passado. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 25, n. 48, p. 87-115, dez. 2018.

PEREIRA, Bruno Ribeiro da Silva; MACHINI, Mariana Luiza Fiocco. A invenção do cotidiano. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/invenção-do-cotidiano>>. Acesso: 10 ago. 2022.

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. *As viagens dos Reis Magos*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PINTO, Gemyma Dantas Barbosa do Carmo Pinto P659r Reis em conflito: uma leitura sócio-literária de Mateus 2.1-23. *Dissertação* (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belo Horizonte, 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-15.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRADO, André P. O patrimônio na encruzilhada do sentido: dispositivos de memória entre a chancela e o afeto. 2017. 290 f. *Tese* (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

_____. Leis e políticas para a preservação da memória e do patrimônio cultural em Ourinhos: um breve inventário. *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 14, n. 1, p. 40-61, 2020.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo. Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Hermano. A matriz constitucional do Registro de bens imateriais no Brasil: a porção humana do patrimônio cultural. In: SANT'ANNA, Marcia; QUEIROZ, Hermano (Orgs.). *Em defesa do Patrimônio Cultural: percursos e desafios*. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

RIBEIRÃO PRETO. Registro como patrimônio imaterial das Companhias de Folias de Reis do município de Ribeirão Preto e região. *Ofício nº 127/2021*. Ribeirão Preto: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 14 de setembro de 2021.

RISSO, Luciene Cristina. Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v.8, n.2, p. 309-319, jul/dez. 2014.

SANTOS, Cláuber Gonçalves dos. Instituições participativas de tutela do patrimônio cultural – os Conselhos de Política Cultural – desafios de implementação e efetividade. In: *Memória & patrimônio: preservação, políticas e acesso*. [recurso eletrônico]. MARCHI, Darlan de Mamann; KNACK, Eduardo Roberto Jordão; POLONI, Rita Juliana Soares (orgs.). Pelotas: Editora UFPel, 2020.

SAMPAIO, Teodoro. *Exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema*. São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica, 1889.

SÃO PAULO. Decreto Nº 57.439, de 17 de outubro de 2011. *Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural do Estado de São Paulo, cria o Programa Estadual do Patrimônio Imaterial e dá providências correlatas*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2011.

SEGATELI, Aline Fabri. Patrimônio cultural imaterial? memória e religiosidade popular expressas nas representações da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, em Cândido Mota/SP (1983-2019). 2021. *Dissertação* (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis-SP, 2021, p. 149.

SELANI, Reinaldo Luiz. A evolução da cana-de-açúcar no Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR) de Ourinhos e o papel das esferas públicas e das agroindústrias do açúcar e do álcool no processo de organização do espaço. *Dissertação* (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2005.

SERRA, Elpídio. Reflexões sobre a origem da crise agrária no norte do Paraná. *Boletim de Geografia*, Maringá, v. 1, p. 45-58, 2001.

SMITH, Roberto. *Propriedade da terra e transição*: estudo da formação da propriedade privada da terra e transição para o capitalismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SILVA, Affonso M. Furtado. *Reis Magos: História – Arte – Tradições: fontes e referências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial: 2006.

SILVA, Zélia Lopes da. *Memória dos catadores de materiais recicláveis de Assis (2001– 2007)* [recurso eletrônico]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SOUZA, Luiz Gustavo M.. As Folias de Reis como festejos religiosos urbanos no Brasil: A mácula da perspectiva folclorista. *PLURA*, Revista de Estudos de Religião, v. 1, p. 39-54, 2020.

STOLCKE, Verena. *Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TANNO, Janete Leiko. *Palmital: memórias de uma cidade do interior*. Prefeitura Municipal de Palmital, 2004.

TEIXEIRA, Ivan Manoel Ribeiro. O Território de Santos Reis: um estudo de caso na cidade de Santa Bárbara d'Oeste – SP. 2006. *Dissertação* (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2008, p. 137.

TSUKADA, Claudia Yuri Pereira de Sousa. Os efeitos da expansão do setor sucroalcooleiro sobre o desenvolvimento de municípios da Região Administrativa de Marília – SP. *Dissertação* (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2011.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris, 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por>. Acesso: 28 set. 2022.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

VICTORASSO, Pedro Henrique. A Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano. *Dissertação* (Mestrado em História). 2015. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis-SP, 2015, p. 169.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

APÊNDICE 1

Id.	Referência completa	Agência de financiamento	Objetivos	Métodos	Observações/Resultados
0	REILY, Suzel Ana. Reunimú's fulião: um estudo etnomusicológico das Companhias de Reis na grande cidade. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. ²⁷²	-	-	-	-
1	CASSIANO, Célia Maria. Memórias itinerantes - Um estudo sobre a recriação das folias de reis de Campinas. 1999. Dissertação (Mestrado em Multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1999, p. 223.	FAPESP	Entender as diferenças socioculturais, a construção de trajetórias e os elementos invariáveis e identitários de quatro grupos de Folias de Reis localizados em Campinas; analisar as relações entre memória transmitida oralmente e memória construída pelas tecnologias audiovisuais e suas implicações na trajetória sociocultural dos grupos; evidenciar o papel da celebração (sua característica itinerante) na reconstituição dos vínculos sociais de populações migrantes e das tecnologias para manutenção e ampliação da memória coletiva	Levantamento de depoimentos individuais e coletivos, participações nos rituais, anotações, registros audiovisuais - em fita cassete e fotografias -, elaboração de transcrições e fichas técnicas. Identifica a metodologia como história oral. Utiliza teóricos, como: Georges Balandier, Eric Hobsbawn, André Leroi-Gourhan, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs	Dissertação dividida em 1: capítulo metodológico; 2: capítulo teórico-conceitual; 3: capítulo descritivo sobre cada grupo. Sua pesquisa também resultou em 13 fitas gravadas - 15 horas de gravação transcritas; organização de arquivo (imagens acompanhadas de ficha técnica e de conteúdo) doado ao Centro de Memória da Unicamp; Exposição fotográfica "Viajantes: Folias de Reis em Campinas", 10 de janeiro de 1998 (junto a um Encontro de Folias de Reis organizado pelos grupos; a ideia foi levada para escolas municipais dos bairros das Folias. A pesquisa indicou a mudança do registro das memórias sobre a festa, mediadas por novas tecnologias que, por sua vez, não promoveram o desaparecimento do passado dos grupos e dos fundamentos da festa, ao contrário, deu um novo sentido de coesão social a eles. Assim, constatou-se que os novos mecanismos contribuem para a valorização da memória e identidade dos grupos e para o desenvolvimento de novas funções e reinvenções da festa
2	TEIXEIRA, Ivan Manoel Ribeiro. O Território de Santos Reis: um estudo de caso na cidade de Santa Bárbara d'Oeste - SP. 2006. Dissertação	CAPES (13 meses)	Demonstrar a re-territorialização de migrantes (do ambiente rural ao urbano) a regiões periféricas de Santa Bárbara d'Oeste, através do processo de re-enraizamento da tradição da Folia de Reis (Companhia de Reis "Estrela de Belém"), e atualizando as pesquisas sociológicas na área da migração dos anos de 1950-80. Trabalhou os conceitos de grupo	Pesquisa exploratória de documentos, entrevistas e observação participante (como músico, tocou instrumento junto ao grupo estudado). Identifica a metodologia como história oral de vida. Utiliza teóricos, como: Jöel Bonnemaïson, Milton Santos, Rogério Haesbaert, Michel Pollak, Pierre Nora	Dissertação dividida em 1: contextualização histórica do território estudado; 2: "descrição horizontal" da celebração; 3: discussão teórica do conceito de território e territorialidade; 4: avaliação dos movimentos da festa junto ao processo de urbanização e seus impactos. Constatou-se que para o processo de re-territorialização houve negociações que, embora conflituosas, possibilitaram a continuidade da celebração. Apresenta, inclusive, que um folião se tornou vereador

²⁷² Essa tese não foi analisada nas Tabelas em função da sua não disponibilização *online*, o que inviabilizou a leitura.

	(Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2008, p. 137.		cultural migrante, espaço, território e identidade		
3	KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis : o avatar das culturas subalternas. 2009. Tese (Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2009, p. 299.	-	Analisar as características estéticas, simbólicas, identitárias e comunicacionais das Folias de Reis de Ribeirão Grande/Ourinhos e de cidades vizinhas, e de pinturas disponibilizadas no Museu de Arte Primitiva de Assis, apresentando as formas de sustentação e de reestruturação das culturas/festas populares	Levantamento bibliográfico e de documentos em campo (fotografias, entrevistas, gravações de áudio). Identifica a metodologia como dialética e interdisciplinar. Utiliza teóricos, como: Antonio Gramsci, Mircea Eliade, Richard Schechner, Victor Turner, Ciro Marcondes Filho	Tese dividida em 1: contextualização histórica da região e cidade de Ourinhos; 2: descrição histórica de festas populares, afunilando-se as Folias de Reis; 3: caracterização das Folias de Reis estudadas na região de Ourinhos; 4: análise das representações iconográficas presentes no Museu de Arte Primitiva de Assis "José Nazareno Mimesi"; 5: discussão e análise do conceito de avatar junto as iconografias e performances das Folias de Reis. Escolheu as festas e região de Ourinhos em função da peculiaridade histórico-cultural da região (integração por rodovias e ferrovias e presença de um forte comércio e indústrias que defendeu como elementos importantes à vinda e convivência de diferentes habitantes - migrantes e imigrantes - no local) e por entender a Folia de Reis como a festa popular de maior relevância nesse local (KODAMA, 2008, p. 25-30), embora não tenha apresentado dados quantitativos para tal afirmação. Aponta que as lideranças locais não possuem "a consciência da necessidade de preservação dos bens materiais e imateriais", apesar de haver nele "uma forte tendência festiva" (Id., Ibid., p. 67-68). Dentro disso, considera que no município de Ourinhos as Folias de Reis e a cultura popular continua a ser subalternizada
4	FIGUEIREDO, William Bezerra. Performance e símbolo : uma análise da Folia de Reis. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2013, p. 129.	CNPq	Estudar a performance das Folias de Reis, refletindo sobre os papéis sociais dela e sobre os impactos da experiência do sagrado, como no caso da cura e diminuição do sofrimento da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2013, p. 8)	Análise fenomenológica do objeto a partir de referenciais teóricos do campo da filosofia (Paul Ricoeur e Mircea Eliade) e da antropologia e teatro (Richard Schechner, Victor Turner, Eugenio Barba, Carlos Rodrigues Brandão) e do trabalho dentro de uma perspectiva conceitual de tríplice mimese (hermenêutica - Ricoeur) como estrutura discursiva (mimese 1: Pefiguração/mundo prévio - catolicismo popular; Mimese 2: Configuração/mundo de ficção - a performance da Folia de Reis; Mimese 3: Refiguração/mundo da vida - símbolos e a sua recepção, também a performance da folia de reis; reconfiguração prática da festa pelo público)	Dissertação dividida em 1: discussão teórica sobre performance, rito, liminaridade, mimese; 2: apresentação da festa; 3: discussão da festa a partir dos conceitos teóricos; 4: análise do objeto a partir dos conceitos; 5: discussão dos conceitos junto aos símbolos da festa e sua recepção, mas não se foca a uma análise dos grupos em si. Entende a Folia de Reis como uma procissão da cultura popular que recria liturgias oficiais transgredindo seus valores (FIGUEIREDO, 2013, p. 8), daí a opção por estudar sua performance e símbolos. Não cita no seu resumo e introdução do trabalho com qual grupo de Folia de Reis irá trabalhar, apesar de sinalizar alguns deles na lista de Figuras e de se focar ao longo do texto a dois grupos de Diadema
5	GORZONI, Priscila de Paula. Os mascarados das folias de reis : uma análise das máscaras da companhia Santa Cecília, de São	CAPES e CNPQ	Analisar as máscaras dos marungos/palhaços/bastião das Folias de Reis (Companhia Santa Cecília - São Caetano do Sul/SP e Companhia Serraria - São Thomé das Letras/MG), observando o processo de confecção e os materiais dos objetos, bem como os rituais e os personagens que eles	Observação em campo, levantamento de entrevistas e outros materiais, e análise bibliográfica da performance e do material das máscaras a partir de Clifford Geertz (antropologia interpretativa), Victor Turner (símbolos, ritual, performance), Stuart Hall (identidade e mediação cultural), Nestor	Dissertação dividida em 1: discussão do referencial teórico-metodológico; 2: contextualização da origem, significados e chegada das Folias de Reis no Brasil; 3: análise do personagem marungo e seus significados junto a máscara; 4: análise das máscaras nas Folias de Reis entre os anos de 2009 e 2012, entendendo-as como objetos de memória. A autora fez trabalho prévio de levantamento documental sobre a temática, visto que é artista plástica e confecciona máscaras há mais de 20 anos. Entende que houve

	Caetano do Sul, no ABCD, e da Companhia da Serraria, de São Tomé das Letras, no Sul de Minas Gerais (2009 - 2012). 2013. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2013, p. 165.		englobam, levando em consideração os impactos da indústria cultural e as formas de preservação desses símbolos (máscaras). O enfoque é dado aos anos de 2009 a 2012	Canclini (hibridismo cultural), Maurice Halbwachs (memória coletiva) e Raymond Willians (cultura e classes sociais). Identifica sua metodologia como história oral	uma assimilação do novo com o tradicional, apesar de apontar problemas similares vivenciados entre os grupos: falta de novos participantes, ausência de estímulos dos poderes municipais, estaduais e federal, e a competição e a resistência com a poderosa indústria cultural. Acredita que a formação colonizada da população brasileira contribui à valorização da cultura externa em detrimento da interna (GORZONI, 2013, p. 40)
6	LOURENÇO, Aliny Cristina. A Folia de Reis de São José do Barreiro : recurso cultural brasileiro São Paulo. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte). 2014. Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2014, p. 127.	-	"Analisar a Folia de Reis de São José do Barreiro, a fim de compreender o seu processo de preparação, organização, realização e a importância para os foliões e membros da comunidade, e também a sua relevância para a cultura popular nacional" (LOURENÇO, 2014, p. 14), e "Contribuir para o reconhecimento dessa manifestação como um bem cultural que deve ser salvaguardado." (Id., Ibid., p. 15)	Observação e participação nas festas e levantamento de entrevistas abertas com seus detentores. Identifica sua metodologia como bibliográfica-exploratória. Utiliza teóricos, como: Peter Burke, Ecléa Bosi, Ulpiano Bezerra de Menezes, René Marc da Costa Silva, Renato Ortiz	Dissertação dividida em 1: discussão teórica sobre conceitos de cultura popular, memória e identidade cultural, e histórico das festas populares; 2: discussão das trajetórias e das problemáticas acerca do patrimônio imaterial brasileiro; 3: descrição das possíveis origens das Foliás de Reis e caracterização do objeto de estudo. É o primeiro trabalho que esclarece o interesse de salvaguarda do bem cultural junto aos detentores do bem cultural e órgãos governamentais. No último caso, aponta que os órgãos responsáveis pelo registro e salvaguarda dos bens imateriais encontram dificuldades em estabelecer metodologias para tal, sendo que em 2014 ainda não havia no IPHAN algum "processo em andamento" em nível nacional (LOURENÇO, 2014, p. 19-20). Entende a festa como recurso cultural. Aponta que iniciou seu trabalho com a temática em aulas na escola pública, as quais objetivavam valorizar a cultura e o sentimento de pertencimento dos jovens e adultos. No entanto, a escolha da Folia de Reis de São José do Barreiro se deu através de pesquisa no Museu do Folclore do Vale do Paraíba, onde a averiguou como a mais antiga do Vale do Paraíba
7	VICTORASSO, Pedro Henrique. A Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014) : entre o sagrado e o profano. Dissertação (Mestrado em História). 2015. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita	CAPES	Analisar as permanências e transformações ocorridas nas práticas e representações culturais da Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes, de Olímpia, entre os anos de 1964 a 2014, levando em consideração as mudanças sociais e econômicas que marcaram a transição do espaço da festa (do ambiente rural ao urbano), observadas à luz do conceito de "cultura como representação", de Roger Chartier	Pesquisa de anuários do Festival de folclore de Olímpia, entrevistas e coleta de canções, fotografias e vídeos, e observação em campo. Identifica a metodologia como história oral. Utiliza teóricos, como: Eric Hobsbawm, Peter Burke, Alessandro Portelli, Martine Joly, Roger Chartier	Dissertação dividida em 1: contextualização do movimento folclórico no município de Olímpia, iniciado em 1965; 2: discussão da prática cultural e folclórica (cultura popular) e da prática religiosa camponesa (catolicismo tradicional e renovado); 3: histórico e caracterização do seu objeto (aponta que a partir da década de 1990, o grupo passa a fazer seu giro de forma interrompida, ampliando o tempo e modificando os horários de seu ritual. Antes disso, no entanto, ele e outros grupos da cidade passaram a participar do Festival do Folclore de Olímpia). Sobre o movimento do folclore em Olímpia, avalia que "De alguma maneira, apesar dos diversos interesses, essas promoções de eventos, como os festivais, acabam gerando um resultado positivo e estimulando uma real preservação. Isso acontece no caso a ser analisado com o Festival de Folclore de Olímpia, pois alguns grupos folclóricos brasileiros só existem para se apresentarem nesse festival, outros por condições precárias não perdurariam nos tempos atuais, devido à dificuldade em manter o vestuário e os instrumentos, por exemplo" (VICTORASSO, 2015, p. 51).

	Filho”, Assis-SP, 2015, p. 169.				Aponta que os foliões da Companhia investigada fazem uma diferenciação entre folclore e religião, mas também veem com bons olhos a prática folclórica, servindo como uma divulgação e manutenção da sua tradição
8	GOULART, Rafaela Sales. Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP): memória, identidade e patrimônio (1993-2013). 2016. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis-SP, 2016, p. 242.	FAPESP	Analisar e registrar os sentidos do ritual e do patrimônio da Folia de Reis da cidade de Florínea/São Paulo, dando ênfase ao período de 1993 a 2013, momento em o grupo de foliões (praticantes do ritual religioso e membros da Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea) identificam as principais ressignificações do bem cultural no contexto da cidade; contribuir com a salvaguarda da memória da festa e da história de Florínea	Levantamento de entrevistas, materiais audiovisuais e textuais e observação em campo. Identifica a metodologia como história oral. Utiliza teóricos, como: Jacques Le Goff, Ecléa Bosi, Michel de Certeau, Eric Hobsbawm, Paulo Freire	Dissertação dividida em 1: histórico local e das Foliás de Reis; 2: descrição e caracterização dos símbolos, personagens e ritual do objeto; 3: discussão das ressignificações da festa na memória e nas ações sociais sobre ela, demonstrando, por exemplo, a construção de um local público para sua realização na cidade, a organização dos grupos em uma Associação, a produção documental sobre o mesmo e, também, os limites das políticas culturais do município em que ela se encontra. O processo de ressignificação foi entendido como uma "introdução a consciência social do patrimônio". Identifica a popularização do personagem festeiro, o qual pareceu ter perdido seu poder simbólico sobre a realização da festa em função da construção da Associação, a qual averiguou como uma estratégia dos grupos para manter-se vivos no contexto urbano da cidade
9	BRANDÃO, Luiz Gonzaga Meirelles. O imaginário midiático na manifestação popular das Foliás de Reis concentradas na região nordeste de São Paulo e no Triângulo Mineiro. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Midiática). Universidade Paulista, São Paulo-SP, 2016, p. 84.	-	Identificar as diferenças entre imagens tradicionais do contexto religioso e elementos advindos de um contexto midiático global nas Foliás de Reis do Triângulo Mineiro e do Nordeste de São Paulo, mediante Teoria da Imagem (Norval Baitello Junior, Mauricio Ribeiro da Silva, Vilém Flusser), Teoria do Imaginário, do Mito e da Cultura (Christoph Wulf, Didi-Huberman, Edgar Morin, Gilbert Durant, Mircea Eliade, Johan Huizinga, Ivan Bystrina, Carlos Rodrigues Brandão, Jorge Miklos), e do conceito de Mediosfera (Malena Segura Contrera)	Produção e coleta de fotografias e informações das Foliás de Reis nas regiões investigadas entre 2007 e 2016. Justifica que a seleção dos grupos foi feita pela proximidade espacial. Identifica a metodologia como pesquisa bibliográfica e coleta de informações em campo	Dissertação dividida em 1: contextualização da Folia de Reis, desde sua chegada ao Brasil até as especificidades das Foliás nas regiões de estudo; 2: analisa "a inclusão de elementos do imaginário midiático no ambiente religioso na contemporaneidade, manifesto, principalmente, nas indumentárias, instrumentos e adereços usados pelas companhias, geralmente com maior apelo entre populações de baixa renda, principalmente pelos trabalhadores rurais" (BRANDÃO, 2016, p. 18). Entende os elementos modernos como profanos, mas diz que a permissão desses elementos nos grupos (sobretudo os mais próximos a centros urbanos) é uma forma de se criar sua própria identidade e de se permitir abertura aos jovens foliões (Id., Ibid., p. 28-50)
10	MATOS, Ronaldo Aparecido de. Os cantos da Companhia de Reis Fernandes de Olímpia – São Paulo. 2016. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de	-	Investigar, descrever e analisar o sistema musical que constitui os cantos da Companhia de Reis Fernandes, de Olímpia, a partir das suas relações com os princípios religiosos e saberes morais de seus praticantes	Observação participante (como músico, foi convidado pelo grupo para tocar junto a ele no período de 2014 a 2016) e pesquisa de campo para levantamento de entrevistas, canções e ritmos transcritos, e de materiais audiovisuais. Identifica a metodologia como etnografia/etnomusicologia. Utiliza teóricos, como: Carlos Rodrigues Brandão, Marcel Mauss, Suzel Ana Reily, Luzimar Pereira, Wagner Chaves, Antony Seeger, Ivan Vilela	Dissertação dividida em 1: apresentação das categorias nativas do objeto e histórico do grupo; 2: descrição do ritual da Folia de Reis; 3: análise dos cantos do grupo e caracterização do fundamento e do seu sistema mineiro junto ao ofício do embaixador. Nesse processo, notou o "diálogo entre três gerações de cantos de reis em uma mesma prática ritualística", o que faz com que os atuais integrantes do grupo adaptem seu canto priorizando algumas características. Outras transformações são apontadas: "a falta de adesão das novas gerações à integrarem a folia e o envelhecimento dos foliões mais experientes; as visitas, antes com caráter de cortejo pelos bairros, agora ocorrendo de modo mais pontual e isolado, já que cada

	Artes, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", São Paulo-SP, 2016, p. 323.				devoto reside em um bairro diferente e sem uma relação direta com sua vizinhança; a execução do ritual de modo mais compacto, devido às rotinas de trabalho e privacidade dos devotos." (MATOS, 2016, p. 48)
11	BUZZI, Priscila Maria Ribeiro. "Acendeu a Estrela Dalva num facho de branca luz" : a música da Folia de Reis dos Prudêncio de Cajuru-SP, um legado. 2017. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2017, p. 400.	CAPES/FAPESP	Estudar a dinâmica da organização do grupo e o funcionamento das toadas da Folia de Reis dos Prudêncio, de Cajuru, bem como a relação dos devotos com tais	Pesquisa bibliográfica e de campo com observação participante (é foliã/música integrante da família que integra a Folia de Reis investigada), levantamento de entrevistas, análise de acervo audiovisual (o qual já havia decupado em pesquisa de iniciação científica) e transcrição de cantos. Identifica a metodologia como etnografia/etnomusicologia. Utiliza teóricos, como: Susel Ana Reily, Welson Alves Tremura, Carlos Rodrigues Brandão, Ivan Vilela, Willian James	Dissertação dividida em 1: apresentação do tema e das suas fontes de pesquisa (identificou 50 tipos de toadas no repertório musical dos Prudêncio); 2: histórico dos estudos e de práticas musicais sobre as Folias de Reis no Brasil e do grupo estudado (elabora uma árvore genealógica de embaixadores e ajudantes da Companhia de Reis dos Prudêncio em seis gerações); 3: aborda o processo de construção dos acervos, defendendo sua importância na preservação da memória do grupo; 4: trabalha com a música da Folia, discutindo cinco sistemas musicais ou toadas (mineiro, paulista, dobrado, de caminhada e de falecidos); 5: discute a função do fazer e do cantar na Folia (musicar), apresentando uma descrição da perspectiva "insider" e "outsider", e aponta as conexões entre o humano e o divino a partir das toadas. Constrói um vocabulário de termos êmios. Aponta o palco da festa como uma das principais mudanças nela observadas, visto que o grupo a realiza anualmente em propriedade rural da família, o que facilita sua organização e continuidade mesmo com a mudança dos seus festeiros
12	SEGATELI, Aline Fabri. Patrimônio cultural imaterial? memória e religiosidade popular expressas nas representações da Companhia de Reis "Estrela do Oriente", em Cândido Mota/SP (1983-2019) . 2021. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis-SP, 2021, p. 149.	Cetec Capacitações - Centro Paula Souza (Bolsa de 50%)	Estudar o ritual festivo da Companhia de Reis Estrela do Oriente, de Cândido Mota, entre os anos de 1983 e 2019, observando as relações de sua memória e identidade com a história da cidade e comunidade; e analisar a natureza do bem imaterial, averiguando as condições que a tornariam ou não um patrimônio imaterial	Levantamento de entrevistas e de fontes impressas e audiovisuais e observações em campo. Identifica a metodologia como história oral. Utiliza teóricos, como: Martine Joly, Roland Barthes, Charles Pierce, Peter Burke, Alessandro Portelli, Jacques Le Goff, Joël Candau	Dissertação dividida em 1: histórico local junto a "tradição" das Folias/Festas de Santos Reis (identifica o líder da Companhia de Reis "Estrela do Oriente" e seu filho como políticos locais - vereadores, além de apontar a força do catolicismo no local, fatores que teriam contribuído com a preservação da festa); 2: analisa a festa como tradição, folclore e patrimônio, apresentando a construção da memória e identidade do grupo em diferentes gerações; 3: explana a dimensão patrimonial do objeto, caracterizando-o e observando sua dinâmica local. Sinaliza que tanto o teor religioso (fê nos santos) e profano (performance folclórica, entretenimento, diversão) são mantenedores da festa na atualidade. Utiliza a decisão do Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais (Conep) junto ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG) como exemplo paradigmático de patrimonialização das Folias, no entanto, não sinaliza os problemas encontrados para a patrimonialização em nível estadual e municipal

APÊNDICE 2

Id.	Município (s) de estudo/Folias de Reis	Folia (s) de Reis identificadas/município (s) paulista (s) e denominação	Local e data de criação	N. de participantes	Periodicidade	Nomes/funções	Instrumentos e demais produções materiais	Local da festa final	Associação (formal ou informal) e data de criação	Participação em eventos
1	Campinas (Parque da Figueira, Jardim Nova Europa e Jardim Yeda)	Enfoque do estudo: Companhia de Reis do Parque da Figueira - grupo de Samuel Bonilha (1), Folia de Reis do 'seu' Dilinho - Parque da Figueira (2), Grupo Folclórico Campinense (3) e Companhia de Reis do Jardim Yeda (4). Outros grupos identificados: Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria (5) e Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco (6)	1: Campinas, 1973; 2: São João da Ponte (região de Montes Claros-MG), aprox. déc. 1970; 3: Campinas, 1974; 4: São Pedro da União-MG, 1963	1: aprox. 15 pessoas; 2: aprox. 17 pessoas; 3: aprox. 30 e 300 associados; 4: aprox. 21	1: Saída em novembro e Chegada em meados de janeiro; 2: saída no segundo sábado de dezembro (com janta oferecida pela dona da bandeira) e chegada em 06/01; 3: Saída: 10/12 (casa do festeiro), giros nos finais de semana de dezembro e janeiro (durante o dia); 4: finais de semana de dezembro e janeiro	Mestre/embaixador (1ª voz), contrarnestre (1ª e 2ª voz), ajudante (2ª voz), contrato (3ª voz) e cordão formado pelo tipi (4ª voz), contratipi (5ª voz) e retipi (6ª voz), palhaços/bastiões (comparados aos "griots", sistema ABC), bandeira (hoje mulheres), festeiro/a, dono/a da folia, gerente, coordenador de gerente, cozinheiras, decoradoras e fotógrafos/as e/ou cinegrafistas amadores	Viola, violão, acordeão (3), caixa, cavaquinho, bandolim, violino, rabeca, pandeiro, bandeira (espaço de ex-votos) e caderno de anotação de arrecadação. 1: Fotografias e fitas cassete; 2: poucas fotografias e vídeos; 3: registros escritos devido a Associação (jornais, registro de versos, listas de participação em reuniões, festas e excursões, Estatuto) e audiovisuais (fotografias e vídeos de momentos do ritual); 4: fotografias e vídeos	1: casa da dona da bandeira; 2: casa da dona da bandeira e de festeiros; 3: a partir de 1995 no terreno da sede (quermesses para arrecadação de fundos à Associação); 4: casa dos festeiros	3: Associação Grupo Folclórico Campinense, 1982	Excursões dos grupos a Aparecida do Norte
2	Santa Bárbara d'Oeste (Bairro Mollon)	Companhia de Reis "Estrela de Belém"	Déc. de 1970		Finais de semana de dezembro e janeiro. Em 2005/2006 ocorreu entre os dias 03/12 a 28/01	Embaixador/mestre, palhaços, porta-bandeira/festeiro do ano e instrumentistas (cada um com um naipe específico de voz)	Cavaquinho, a rabeca ou violino, a viola, o violão, tambores e pandeiro, sanfona em alguns casos, chocalhos, pífanos, caderno de anotação de arrecadação e bandeira.	Escola pública (bairro Mollon)		
3	Ourinhos. Outros municípios onde se identificou Folias de Reis: Palmital, Cândido Mota, Ribeirão do Sul, Tarumã e Nova Fátima/PR	Enfoque do estudo: Folia de Ribeirão Grande - Ourinhos. Outros grupos identificados: Companhia dos Faceiros, Companhia/Folia Anhumas - Palmital, Bandeira Centenária - Cândido Mota, Folia - Tarumã, Folia de José Moraes - Assis, Bandeira - Ribeirão do Sul, Companhia Mensageiros da Paz e Folia - Nova Fátima/PR	-	-	Em Ourinhos ocorre concomitante aos festejos juninos; nos outros locais ocorre, geralmente, entre os dias 25/12 a 06/01 (ou além do dia 06/01)	Embaixadores/mestre (guardião da memória da folia, improvisa versos e faz a 1ª voz), gerentes, festeiros, alferes, músicos/foliões (da 2ª a 7ª voz: contramestre - dueto, contralto/contrato - tenor, tiple - soprano, contratiple - quinteto, tala - sexteto, e talinha - sétima) e palhaços/Bastiões	Viola, violão, rabeca, caixa, bumbo, pandeiro, reco-reco, chocalhos, banjo, zabumba, triângulo, paneiro, maracas, sanfona, cavaquinho, flauta, bandeira, máscaras e bastões, uniforme, lenço, altar, coroa, mastro, arcos e presépios. Terços realizados no ritual	-	-	Encontro de bandeiras em cidades vizinhas

4	Diadema	Enfoque do estudo: Grupo Zé Reis ou Folia de Reis do Sr. José Jacinto da Silva Neto (1) e Grupo de Folia de Reis da Shirley Braz Mosca de Diadema (2). Outros grupos identificados: Folia de Reis do Sr. Joaquim Orlando (3), Folia de Reis do Sr. José Quatorze - Diadema, e Folia de Reis do Bairro Alvarenga - São Bernardo do Campo	1: Mococa, há aprox. 100 anos, e em Diadema existe há aprox. 35 anos (tendo passado por Cajuru, São Bernardo do Paraíso e Aparecida do Norte); 2: mais de 20 anos; 3: 1945	01: aprox. 17; 2: aprox. 18.	24 e 25/12 a 06/01	Mestre-folião/embaixador, 3 ou mais palhaços/bastiões, capitães, bandeireira, cantadores, músicos instrumentistas (cantora/cantor 1ª voz, cantor 2ª voz, embaixador 2ª voz, ajudante, voz tipo) e vídeo câmera	1: cavaquinho, bandeira, banjo, violão, viola, caixa repique, bumba, pandeiro, vídeo camera, bastão e máscaras; 2: viola/violão, cavaquinho, pandeiro, triângulo, violino, caixa repique, bandeira, bastão e máscaras. Terço realizados na festa de encerramento/Chegada e fotografias	Casa da pessoa que fez a promessa	-	Encontro Regional de Folia de Reis do ABC, apresentação no teatro municipal de Diadema e visitas ao Santuário de Aparecida.
5	São Caetano do Sul (1) e São Thomé das Letras (2)	Enfoque do estudo: Companhia Santa Cecília - São Caetano do Sul (1). Outros grupos identificados: Companhia da Serraria - São Thomé das Letras/MG (2)	1: década de 1950 com a migração de famílias do sul de MG e do nordeste de SP à cidade, mas a mencionada bandeira e reformulação do grupo é de 2005; 2: há mais de 30 anos		1: segundo sábado de dezembro ao final de semana próximo do dia 06/01, costumam sair a noite em função do trabalho; 2: saem durante o dia, pois são dispensados do emprego	1: Embaixador/mestre/mestr e-folião/capitão, 2 bastiões, festeiros e bandeireira; 2: 3 marungos e cozinheiras	Bandeira, presépio, máscaras, fardas e viola	1: Festa de chegada no Clube Águias (Vila Gerti)	-	-
6	São José do Barreiro	Enfoque do estudo: Folia Sertão da Onça (1) e Folia Divino Espírito Santo (2)	1: Bairro Sete Espeto - São José do Barreiro, 1920; 2: Bairro Sertão da Onça, 1955.	Aprox. 10	1: jornadas noturnas entre 24/12 e 06/01 (bairros rurais e urbanos), e festa de Reis no último ou penúltimo sábado de janeiro; 2: final de novembro e véspera da festa de Reis em Janeiro. Os grupos da cidade combinam os sábados para não coincidirem suas festas.	Mestre (também chamado e embaixador ou capitão), contrestre, alferes/bandeireiro, músicos, 2 ou 3 palhaços (Bastião, Véio, Marungo etc) e festeiros do ano	Bandeira, 2 violas, 1 violão, 1 cavaquinho, 2 pandeiros, 1 caixa (zabumba), fardas e máscaras, arcos (1º arco aparecem 2 sentinelas representando o anjo Gabriel; no 2º apresentam-se 3 marias, representando a estrela do Oriente; no 3º apresentam-se os festeiros representando o Rei Herodes, havendo uma encenação como se eles não fossem deixar o grupo passar), coroas e presépio	Casa dos festeiros do ano	Associação informal	Encontros de Bandeiras e Revelando São Paulo - edição Vale da Paraíba
7	Olímpia	Enfoque do estudo: Companhia de Reis Fernandes. Outros grupos identificados: 11 grupos de Olímpia	Bairro Jardim Paulista, Olímpia, 1964	Aprox. 15	Antes do dia 25/12 ao 1º sábado após o 06/01 (Chegada da Bandeira)	Dono da Folia/gerente, mestre/embaixador, contramestre, ajudante, contrato, 4ª voz, 5ª voz/tala, requinta, ajudante da requinta, 2	Viola, violão, cavaquinho, pandeiro e bumbo, bandeira, chuchê (um instrumento da família do chocalho), 1 pandeiro em meia-lua (os dois últimos	Salão de festas da Igreja (Bairro Jardim Paulista)	Associação Olimpiense de Folclore	Festival de folclore de Olímpia

						palhaços (um chamado de capitão e outro de coronel), bandeireiro e festeiro	geralmente tocados por mulheres), máscaras, fardas, arcos, coroa, bandeira e presépio. Terço no dia 06/01			
8	Enfoque: Florínea. Outros municípios onde se identificou Folias de Reis: Cruzália, Cândido Mota, Tarumã, Assis e Palmital	Enfoque do estudo: Grupo Flor do Vale de Florínea (Bandeira nº 1 e 2)	Bandeira 1: 1932; Bandeira 2: 1933	Aprox. 14	25/12 a 06/01	1 e 2: 1 capitão, 1 conjunto musical (1 mestre, 1 contramestre, 1 contrato, 1 tala, 1 contratala, 1 contratinho e 1 gritinho/espichado/tipi/fin o), 2 a 4 palhaços/bastiões, 1 bandeireiro(a) e 1 motorista	Bandeiras, lenços, coroas, fardas (máscaras, espadas/facões) e instrumentos musicais (violões, violões, caixas grande e pequena, cavaquinho, pandeiro e chocalho/maraca. Eventualmente, os músicos também utilizam sanfona, violino, bandolim e triângulo). CDs, DVDs, fotografias e terço realizado no dia da festa final	Parque de Tradições Municipal. Missa, comércios variados, terço e apresentações musicais	Comissão informal, 1991 e Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea formalizada em 2013	Encontros de bandeiras (Assis), Festival de folclore (Olímpia), Festival Revelando São Paulo (São Paulo)
9	Nordeste paulista (Cajuru, Santa Cruz da Esperança, Santa Rosa do Viterbo, Cássia dos Coqueiros, São Benedito das Areias, São Joaquim da Barra, Luis Antônio e Santo Antônio da Alegria) e Triângulo mineiro (Sacramento, Conquista, Arceburgo e Monte Santo de Minas)	Enfoque do estudo: Nordeste do Estado de São Paulo: Companhia Estrela Guia - Cajuru (1), Companhia Estrela do Oriente - Cajuru (2), Companhia Estrela de Belém - Cajuru (3), Companhia Os Filhos de Santo Reis - Cajuru (4), Companhia Os Canários de Santo Reis - Cajuru (5), Companhia Os Mensageiros de Santos Reis - Cajuru (6), Companhia de Reis dos Prudêncio - Cajuru (7), Companhia de Reis União - Cajuru (8), Companhia Reis Estrela Guia - Santa Cruz da Esperança (9), Companhia Associação dos Reis Magos do Oriente - Santa Rosa do Viterbo (10), Companhia de Reis Paganini - Altinópolis Companhia de Reis União - Cassia dos Coqueiros (11), Companhia de Reis José Balbino - São Benedito das Areias/Mococa (12), Companhia da Guardinha (comunidade da Guardinha) -	-	-	Normalmente de 24/12 a 06/01. No entanto, atualmente os grupos costumam sair já no início de dezembro (nordeste paulista)	Embaixador (também chamados de mestre, capitão, gerente, chefe), contramestre, ajudante, casseteiro, contrato, tala, contratala, tipe, requinta, bandeireira, alferes (também chamados de palhaços, Bastião, mascarados, Mateus, morongo, marengo, pastorinhos, malungos) e apontador de prendas.	Bandeira, máscaras, instrumentos musicais dependem dos grupos: viola, violão, caixa, pandeiro, chocalho, acordeom, rebecca, cavaquinho, bandolim e violino	-	-	-

		São Benedito das Areias/Mococa (13), Companhia de Reis Unidos de São Joaquim – São Joaquim da Barra (14), Companhia Associação de Reis Irmãos Soares – Luís Antônio (15) e Companhia de Reis do Pinheiros (Comunidade dos Pinheiros) – Santo Antônio da Alegria (16). Triângulo Mineiro: Companhia Estrela do Oriente – Sacramento (1), Companhia de Reis Amanhecer do Oriente – Sacramento (2), Companhia Folia de Reis Benvindo – Conquista (3), Companhia de Reis Arceburguense – Arceburgo (4) e Companhia de Reis Monte Santo de Minas - Monte Santo de Minas (5)								
10	Olímpia	Enfoque do estudo: Companhia de Reis Fernandes	Jardim Paulista, 1964	-	novembro a 6 janeiro, durante as semanas após 18h e nos finais de semana no dia todo. A festa final é realizada posteriormente ao dia 6 em função	Embaixador/mestre/gerente, contramestre, ajudante de contramestre, contrato, quarta voz, quinta voz e requinta (ou tala ou caixeiro) (sistema mineiro de canto), festeiro (custeia o giro, além de fazer a festa), bandeireiro, fardado, 3 reis magos e cozinheiros (churrasqueiros, farofeira)	Viola caipira, violão, cavaquinho, pandeiro e caixa (as vezes incorporam pandeiro meia-lua/queijinho, chocalho, triângulo, sanfona e violino), fardas, bandeira, arcos e altar do presépio (com imagem de Nossa Senhora da Aparecida e a foto do fundador do grupo). Terços realizado no dia da festa final	Salão da Igreja (Jardim Cizoto)	-	Festival de folclore de Olímpia
11	Cajuru	Enfoque do estudo: Folia/Companhia de Reis dos Prudêncio	Tradição de Minas Gerais, instalou-se em Cajuru, aprox. final do século XIX	-	01 a 06 de janeiro. As vezes giram por 13 dias	Embaixador (pode embaixar em 1ª ou 2ª voz - dependendo da extensão vocal da linha melódica que consegue executar) e ajudante, mestre e contramestre, caceteiro, contra-tala, tala, tipe e requinta, 2 alfer/palhaço, bandeireira oficial, folião do ano/festeiro, capitão/encarregado e	Bandeira, cavaquinho, viola caipira, violão, bandolim/arcodeom, violino, caixa, pandeiro, presepio, coroa, 3 arcos, máscaras, fardas e fitinha no bolso. Vídeos, fotografias, terço desenvolvido na saída e na chegada da bandeira	Sítio dos Prudêncio (Cajuru)	-	-

						tesoureiro (aquele que arrecada os donativos)				
12	Cândido Mota. Outros municípios onde se identificou Folias de Reis: Florínea, Palmital, Platina, Assis, Tarumã, Maracaí, Ibirarema e Cruzália	Enfoque do estudo: Companhia de Reis “Estrela do Oriente”/Companhia de Reis do Toninho Leiteiro. Outros grupos identificados: Companhia de Reis da família Godinho	Cândido Mota, criada 1928-58 e refundada em 1961	-	jornada de 25/12 a 04/01, festa final 06/01	Festeiro, bandeireiro, cantores e instrumentistas (sete vezes: Embaixador/mestre, contramestre, tala, contratala, tipe, contra-tipe e fileirinho) e palhaços	Bandeira, presépio, indumentária (fardas, lenço e uniformes), máscaras, viola, cavaquinho, tambor, pandeiro e reco-reco. Livretos, notícias de jornal, fotografias, livreto e páginas nas redes sociais	Água da Pinguela (Cândido Mota)	-	Encontro de Bandeiras de Assis

APÊNDICE 3

Roteiro geral de entrevistas (aprovado pelo Comitê de Ética – UNESP/Assis)

ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADA À COMUNIDADE FESTIVA

Cabeçalho: (fala inicial ao ligar o gravador)

Eu, Rafaela Sales Goulart, entrevistarei [nome do (a) entrevistado (a)] _____, codinome: _____, pessoa com a qual conversarei assuntos relativos à minha pesquisa de doutorado, cujo título é: “As folias de reis nas cidades: história e memórias da celebração popular *de e para além* de Ourinhos e Salto Grande – 1950-2010”. Estamos no (a) [local] _____, que está localizado (a) em [cidade, Estado] _____. Hoje é [dia] _____ de [mês] _____ de [ano] _____. Iniciamos nossa entrevista às [horário] _____.

- História/trajetória de vida:

1. Idade;
2. Local de nascimento (cidade, Estado, origem urbana ou rural?);
3. Locais onde já morou;
4. Local de nascimento da mãe e do pai;
5. Conheceu/conviveu com os avós? De onde eles eram?;
6. Possui irmãos? Quantos?;
7. É ou já foi casado (a)?;
8. Possui filhos (as)? Quantos?;
9. Possui formação escolar? Qual o grau de formação?;
10. Quais foram as profissões ou funções que já exerceu?;

- História na folia de reis e entendimento sobre a celebração:

1. Onde, quando e através de quem conheceu?;
2. Que função (s) exerceu e exerce no grupo?;
3. Já participou de outros grupos de folias de reis? Quais foram as funções exercidas?;
4. Alguém de sua família também participa ou participou? Quem? Em qual (ais) função (ões)?;
5. Conhece e possui alguma relação com outro grupo de folia de reis? Quais?;
6. Conte-me sobre o funcionamento da folia de reis (dias de realização, crenças envolvidas, desenvolvimento da festa etc)?;
7. O que a folia de reis significa para você?;

8. Explique a (s) função (ões) exercida (s) na folia de reis: o que ela (s) significa (m), qual a importância dessa função em uma folia de reis?;
9. Houve alguma interrupção na história da folia de reis em que participa? Por que?;
10. Houve um acontecimento que mais lhe impressionou na história da folia de reis? Qual? Quando e como se deu?
11. Ao longo dos anos em que participou da folia de reis, quais foram as mudanças percebidas nessa festividade ou nas funções exercidas pelos participantes do festejo?;
12. Quem colabora com a realização da folia de reis? Colaborações são importantes? Por que?;
13. Você e o grupo em que pertence participa de alguma outra festividade além da folia de reis (encontros de bandeiras, festivais intermunicipais e estaduais etc)? O que pensa sobre esses eventos?;
14. Há possibilidade de continuidade na folia de reis? Como e através de quem?;
15. Deseja falar algo mais sobre a folia de reis?

Fala final:

Para finalizar, agradeço imensamente sua contribuição à esta pesquisa, tanto através do tempo concedido, quanto das experiências relatadas.

APÊNDICE 4

a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (aprovado pelo Comitê de Ética – UNESP/Assis)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/2012 – Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “As folias de reis nas cidades: memórias e história da celebração popular *de e para além* de Ourinhos e Salto Grande (SP) – 1950 a 2010”, sob a responsabilidade da pesquisadora Rafacla Sales Goulart, RG nº 44695922-4 SSP/SP.

Este termo deverá ser elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em poder do PARTICIPANTE ou de seu representante legal e a outra via em poder da pesquisadora responsável.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidas no telefone (18) 3302-5500 ramal 5607 ou pelo e-mail cep@assis.unesp.br, ou diretamente com a pesquisadora no telefone (41) 99607-5001 ou (18) 3329-3123 ou e-mail rafa_historia@hotmail.com.

I. A pesquisa (objetivos):

A pesquisa possui como objetivo levantar, analisar e registrar as memórias e as políticas públicas referentes às folias de reis de Ourinhos e Salto Grande (SP), analisando os desdobramentos históricos dessas celebrações populares, entre as décadas de 1950 a 2010, bem como verificando as relações (semelhanças, diferenças, rupturas, permanências e/ou paralelos) dessas festas com a própria história das cidades, região e Estado. Para isso, serão estudadas documentações diversas (livros, jornais, entrevistas, legislações e documentos oficiais) associadas a estes importantes patrimônios culturais brasileiros.

II. Procedimentos:

a) Os procedimentos dos quais você participará são os seguintes:

1ª etapa (ambientação entre os envolvidos): Na primeira etapa, a pesquisadora estabelece um contato prévio com o(a) participante (via telefone, e-mail ou pessoalmente) para explicar-lhe todas as fases e procedimentos legais da pesquisa. Nesse momento, será combinado o local (residência, local de trabalho ou lugar público) e o horário de realização da entrevista.

2ª etapa: A pesquisadora apresentará o presente Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) para o(a) participante, documento que deverá ser lido e, se aceito, assinado pelos envolvidos na pesquisa (participante e pesquisadora). Antes do início da entrevista, o(a) participante terá o direito de ler/ouvir o roteiro de questões que serão aplicadas pela pesquisadora, para uma maior familiarização do seu conteúdo, o qual está baseado nos objetivos da pesquisa, descritos acima. Após esse ato de contextualização e aceite da pesquisa, a entrevista será iniciada e, portanto, serão captados/gravados áudio e/ou vídeo (a depender da escolha do(a) participante) que terão a duração aproximada de 2 horas. Essa duração, todavia, poderá ser reduzida ou estendida pelo(a) participante, além do(a) mesmo(a) ter o direito de interromper a entrevista ou escolher um outro momento para dar continuidade a ela.

3ª etapa: Em até 15 dias após a 2ª etapa, as entrevistas serão transcritas pela pesquisadora e devolvidas ao participante em texto impresso, para uma leitura de prova (confirmação e validação das informações compartilhadas com a pesquisadora na entrevista gravada). A leitura de prova do(a) participante poderá ser feita em até 15 dias.

4ª etapa: Transcorridas as etapas acima, a entrevistadora entrará novamente em contato com o(a) participante para conversarem sobre possíveis correções e reedições da transcrição; nesse momento o(a) participante também poderá mostrar para a entrevistadora possíveis trechos que ele(a) não queira que sejam publicados. Após esse combinado, a pesquisadora entregará um Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Entrevista Oral e/ou Audiovisual (TCGDEOA), documento que deverá ser lido e, se aceito, assinado pelos envolvidos (participante e pesquisadora).

III. Riscos/Desconfortos e Benefícios

a) Possíveis riscos ou desconfortos:

As questões feitas pela pesquisadora envolverão assuntos de natureza pública e privada (informações relacionadas à política, economia, cultura etc), referentes à história e percepções de vida do(a) participante. Dessa maneira, os riscos que envolvem sua participação na pesquisa serão mínimos, em função do(a) participante ter o direito de escolher falar ou não sobre determinados assuntos que poderão despertar-lhe desconfortos/constrangimentos como, por exemplo, a lembrança de um conflito vivenciado no passado ou presente.

b) Formas de Acompanhamento e assistência em caso de ocorrência dos riscos ou desconfortos:

O(a) participante poderá:

- escolher responder ou não as questões feitas pela pesquisadora;
- retirar-se da entrevista ou escolher outro momento para dar continuidade à mesma;
- autorizar o anonimato das informações declaradas durante a entrevista, através da escolha de um codinome que permitirá a não ligação dos depoimentos à imagem da pessoa entrevistada;
- ler a transcrição da entrevista, podendo combinar com a pesquisadora os trechos que, porventura, queira omitir nas publicações;
- retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem que isto leve a qualquer penalidade;
- escolher ceder ou não a propriedade e os direitos sobre entrevista oral e/ou audiovisual (vide assinatura do TCGDEOA).

c) Benefícios esperados:

Conforme explicitado nos objetivos, a pesquisa contribuirá com o estudo e registro e, portanto, com o esclarecimento de informações associadas ao patrimônio, as memórias e a história das folias de reis *de a para além* das cidades de Ourinhos e Salto Grande/SP. Nesse sentido, a pesquisa contribui com o direito de todo cidadão de ter acesso à memória, bem como de poder reconhecer-se enquanto parte dessa memória que não só dizem respeito às histórias das folias de reis, mas também às histórias de espaços geográficos e simbólicos relacionados às particularidades históricas do Brasil.

Além da contribuição com a presente pesquisa, o(a) participante poderá concordar em disponibilizar, via Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Entrevista Oral e/ou Audiovisual (TCGDEOA), o áudio/audiovisual captado/gravado, em Centros de Documentação e Memória, para fins culturais e de preservação, podendo o material também servir para posteriores pesquisas.

IV. Liberdades/Garantias

É assegurado ao participante, sem qualquer prejuízo ou penalização, e mediante a leitura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como do Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Entrevista Oral e/ou Audiovisual (página 5 de 5), o direito de conhecimento, ambientação, contextualização de todas as fases da pesquisa, podendo ter a liberdade de aceitá-los ou não, via assinatura das citadas documentações.

Ressalta-se que o(a) participante terá as seguintes liberdades/garantias:

- ler/ouvir informações emitidas em documentos formais relacionados a pesquisa (TCLE e TCGDEOA), obtendo e esclarecendo dúvidas, com a pesquisadora, sobre todas as fases da pesquisa;
- escolher lugares e datas para a realização da(s) entrevista(s);
- escolher responder ou não as questões feitas pela pesquisadora durante o ato da entrevista, bem como retirar-se do ambiente de gravação ou mesmo solicitar um outro momento para dar continuidade a entrevista;
- escolher um codinome de identificação nas publicações (recurso que possibilitará seu anonimato e que, portanto, evitará sua identificação, bem como a ligação de informações à sua pessoa, nas publicações);
- ler a transcrição de sua entrevista, podendo combinar com a pesquisadora os trechos que, por ventura, queira omitir nas publicações;
- escolher ceder ou não a propriedade e direitos sobre entrevista oral e/ou audiovisual;
- retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem que isto leve a qualquer penalidade.

V. Sigilo/Anonimato

Será mantido o sigilo/anonimato do(a) participante em publicações referentes à pesquisa. Para isso, optou-se pela escolha de um codinome, pelo(a) participante, para sua identificação em publicações.

VI. Despesas/indenização

O(a) participante não terá despesas, bem como não receberá indenização nessa pesquisa.

VII. Publicação

A pesquisa poderá ser publicada, preservando-se o anonimato/identidade do(a) participante, via recurso de escolha de codinome. Além disso, caso o(a) participante concorde em disponibilizar o áudio e/ou vídeo de sua entrevista para fins culturais e de pesquisa futuros, em Centros de Documentações e de Memória, será também compartilhado um "Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Entrevista Oral e/ou Audiovisual" (TCGDEOA), o qual deverá ser lido e assinado pelos envolvidos.

CONSENTIMENTO

Eu, _____,

RG: _____, abaixo assinado, concordo em participar, como

PARTICIPANTE, da pesquisa “As folias de reis nas cidades: memórias e história da celebração popular *de e para além* de Ourinhos e Salto Grande (SP) – 1950 a 2010”. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Rafaela Sales Goulart sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido, ainda, que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, ainda, que () concordo / () não concordo com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das minhas informações pessoais e ao meu anonimato.

_____, ____ de _____ de _____.
Local e data

Assinatura do Participante

Eu, _____, pesquisadora responsável pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do PARTICIPANTE para a participação na pesquisa.

Pesquisador Responsável

b) Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Entrevista Oral e/ou Audiovisual
(aprovado pelo Comitê de Ética – UNESP/Assis)

**TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA
ORAL E/OU AUDIOVISUAL (TCGDEOA)**

CEDENTE:

nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____,
_____, RG _____, emitida
pelo _____, e do CPF nº _____, domiciliado
e residente na Rua/Av. _____,
nº _____, Bairro _____,
Cidade/Estado _____,
CEP _____.

CESSIONÁRIO: Rafaela Sales Goulart, estabelecido na Rua/ Av. Bahia, nº 240,
cidade de Tarumã (São Paulo), CEP 19820-000.

OBJETO: Entrevista oral e/ou audiovisual gravada exclusivamente para o projeto “As folias de reis nas cidades: memórias e história da celebração popular *de e para além* de Ourinhos e Salto Grande (SP) – 1950 a 2010”.

DO USO: Declaro ceder ao projeto “As folias de reis nas cidades: memórias e história da celebração popular *de e para além* de Ourinhos e Salto Grande (SP) – 1950 a 2010”, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista oral e/ou audiovisual de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora/entrevistadora Rafaela Sales Goulart, para o projeto acima, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade da Unesp de Assis, entre os anos de 2018 a 2022, num total de _____ minutos/horas gravados. CAAE: 01105318.8.0000.5401.

A pesquisadora Rafaela Sales Goulart, através do projeto “As folias de reis nas cidades: memórias e história da celebração popular *de e para além* de Ourinhos e Salto Grande (SP) – 1950 a 2010”, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, a mencionada entrevista oral e/ou audiovisual, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autora.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) entrevistado(a)/Cedente

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE 5

Relato de campo

Embora no início de 2019 tenha escolhido não mais trabalhar diretamente com a Folia de Reis de Salto Grande, não poderia deixar de lado a experiência obtida com a festeira daquela cidade: Maria Rosa Moralez de Campos²⁷³. O primeiro contato com ela foi possível a partir de indicações feitas por seus parceiros de Bandeiras: Jair (Salto Grande) e Evandro Feresin (Ourinhos). Desse encontro, fui convidada a participar de um jantar e terço realizado na casa de Maria Rosa, no dia 23 de fevereiro de 2019.

Entre os convidados estavam também alguns foliões pertencentes às Bandeiras de Ribeirão Grande/Ourinhos e de Ribeirão do Sul. A fotografia a seguir lustra, da direita para esquerda, a festeira Maria Rosa, o mestre Evandro Ferezin (que canta e toca violão) e o contramestre Francisco José Nogueira (Fiico), os quais cantavam os mistérios que intercalavam o terço.



Terço cantado em jantar de Santos Reis, na residência da festeira de Salto Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Salto Grande – SP, 23/02/19.

²⁷³ Maria Rosa nasceu em 1951, no bairro rural de Ribeirão dos Bugres, município de Salto Grande, e mudou-se para a cidade com vinte e um anos de idade. Estudou até a quinta série e já trabalhou em lavouras rurais, bem como foi empregada doméstica, auxiliar de cozinha, auxiliar de montagem, torradeira na fábrica de farinha Caboclinha, sendo, há dez anos, cozinheira de rodeio na Country Company. Maria Rosa é casada, possui sete filhos e uma neta (CAMPOS, 2019).



Bandeira, mastro e presépio da Folia de Reis de Salto Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Salto Grande – SP, 23/02/19.

Ao finalizar a reza, Maria Rosa agradeceu a vida aos Santos Reis, bem como expressou sua gratidão e respeito aos músicos e demais pessoas presentes em sua “humilde festa”. Os foliões, por seu turno, justificaram a ausência de outros músicos do grupo que, por serem moradores de sítios, tiveram dificuldades para se deslocarem à Salto Grande, devido à chuva que ocorreu naquele dia. Outros convidados, incluindo o prefeito da cidade de Salto Grande, falaram da importância da religiosidade e da tradição dos Santos Reis, algo que considera preservado pelas ações de pessoas como Maria Rosa.

O ritual religioso representado nas imagens acima foi finalizado com o levantamento do mastro e com músicas oferecidas aos Santos Reis, sendo posteriormente servido o jantar aos convidados. Durante a refeição, observou-se as trocas de informações sobre as festas, bem como o estreitamento dos laços sociais que possibilitam a ajuda mútua nelas. Desse último aspecto, é importante dizer que a festeira de Salto Grande estava precisando de músicos que, ao menos, cantassem em suas festas finais, visto que os antigos companheiros da Bandeira haviam falecido (CAMPOS, 2019).

Assim, sobretudo na entrevista posteriormente realizada com Maria Rosa, percebeu-se que a Folia de Reis de Salto Grande sobrevive no local através dos esforços dessa única festeira que, junto ao seu motorista Jair, viajam sozinhos (em kombi e com combustível próprios) com a bandeira, em busca de donativos que são convertidos na Festa de Santos Reis daquele município. Em suas jornadas, por sua vez, a festeira costuma visitar casas de moradores da

Água do Jaú, Água do Taquaral, de Cambará (PR), Ribeirão do Sul (SP), Campos Novos Paulista (SP), a Água do Café de Platina (SP), a Barra (Ribeirão Grande/Ourinhos), a Água da Limeira, a Água dos Paulistas, a Fazenda Velha e Salto Grande (SP), o que a faz iniciar suas viagens com certa antecedência. Nas visitas, ela faz uma oração aos doadores das prendas e os convida para sua festa (CAMPOS, 2019).

No ano de 2020, a celebração de Maria Rosa ocorreu em um salão de festas cedido pela Prefeitura Municipal de Santo Grande, e no dia 25 de janeiro, data que, segundo a festeira, não colidia com as demais festas de Santos Reis da região. A ritualística iniciou-se com uma benção do pároco da cidade e com uma breve fala de agradecimento da festeira. Em seguida, houve toadas cantadas nos três arcos que direcionavam os presentes ao presépio.



Músicos da Companhia dos Faceiros cantam sob arcos da festa de Santos Reis de Salto Grande. Foto: Rafaela Sales Goulart. Salto Grande/SP, 25/01/20.

A fotografia foi integrada à narrativa não só para demonstrar o local e o público que frequentava a festa de Santos Reis de Salto Grande, mas para evidenciar a presença da Companhia dos Faceiros, de Palmital, na ocasião. Observou-se que tais músicos foram fundamentais à Maria Rosa, visto que a Bandeira de Ribeirão Grande/Ourinhos, que acertou cantar para a festeira, atrasou-se naquele dia em função de terem participado da Festa de Santos Reis de Santa Cruz do Rio Pardo (SP).

De todo modo, passado a cantoria sob os arcos e a declamação ao presépio, bem como o almoço ter sido servido ao público presente, os músicos de Ribeirão Grande chegaram ao local e fizeram uma nova apresentação sob os arcos e presépio, o que, nesse caso, fechou o cerimonial que ficou com um aspecto de “festa de Encontro de Bandeiras”, visto a apresentação musical da Companhia dos Faceiros e da Bandeira de Ribeirão Grande, bem como a presença de duas bandeiras de Ribeirão do Sul e, obviamente, da de Salto Grande.

A propósito de uma das bandeiras de Ribeirão do Sul e da observação de que ela não possuía músicos para contribuir com Maria Rosa naquela ocasião, faz-se um outro adendo. Assim como em Salto Grande, estas bandeiras não possuem mais mestre, de modo que seus responsáveis também dependem dos músicos de Ribeirão Grande/Ourinhos. Vale lembrar que o atual mestre de Ourinhos é pertencente à São Pedro do Turvo (SP), cidade onde a bandeira de Santos Reis também está enfrentando dificuldades de circulação em função de falta de dinheiro para o financiamento, por exemplo, do transporte dos foliões (FILHO, 2019; SANTOS, 2019).

Aliás, em 27 de dezembro de 2019 fui convidada por Evandro Ferezin a participar do giro de Bandeira de Ribeirão do Sul, ocasião em que presenciei, mais uma vez, os laços sociais constituídos nesse lugar que começou a se revelar pela convivência e parceria entre festas. Entre essas e outras, concluiu-se que nesse lugar havia um entendimento e uma identificação cultural particular que, inclusive, constituía um território festivo (BONNEMAISON, 2002). No entanto, embora o sentido de pertencimento à região, pelas Folias de Reis, possam ser os mesmos, as celebrações em si revelam algumas particularidades no que diz respeito às ações e negociações estabelecidas entre Bandeiras/Companhias nos municípios, para a manutenção das festas.

Desse modo, ao passo em que se percebeu o enfraquecimento e o possível desaparecimento de algumas festas/Bandeiras/Companhias de Santos Reis na região de pesquisa, compreendeu-se melhor às trajetórias, os encontros e as estratégias de preservação de outras. Fatores que lapidaram minha pesquisa.

APÊNDICE 6

Canto com mestre Zé Batista

“1- Bendito louvado seja, bendito louvado seja, essa é a palavra de Deus oiai (mestre)

Essa é a palavra de Deus oiai (contramestre, contrato)

Oi (contratinho, tala, contrata e grito)

2- Pra cantar pra Santo Reis, pra cantar pra Santo Reis, esta é a ideia de Deus oiai
esta é a ideia de Deus oiai

oi

3- A todos que tão presente, a todos que tão presente, atenção que eu vou falar oiai
atenção que eu vou falar oiai

oi

4- Na casa do Antônio Leiteiro, na casa do Antônio Leiteiro, o andor vamos buscar oiai
o andor vamos buscar oiai

oi

5- A todos que tão presente, a todos que tão presente, a procissão vai acompanhar oiai
a procissão vai acompanhar oiai

oi

6- Pois agora a Dona Creusa, pois agora a Dona Creusa, ela é quem vai comandar oiai
ela é quem vai comandar oiai

oi

7- Peço a minha benção, peço a minha benção, ao povo deste lugar oiai

Ao povo deste lugar oiai

Oi”.

APÊNDICE 7

Canto com mestre Arnaldo Borges e oração da Cleusa para início do terço (Bandeira de Ribeirão Grande – Ourinhos/SP)

“1- Reunimos nesta casa, onde a paz do senhor mora oiai

Que a paz do senhor mora oiai

Oi

2- Na frente destas imagens, da santíssima senhora oiai

da santíssima senhora oiai

Oi

3- Na frente de Santos Reis, este momento tão bonito oiai

Este momento tão bonito oiai

Oi

4- Diante também da imagem, deste nosso São Benedito oiai

Do nosso São Benedito oiai

Oi

5- Hoje é um dia feliz, da nossa festa de reis oiai

da nossa festa de reis oiai

oi

6- Deus está abençoando o festeiro, como os outros que já fez oiai

como os outros que já fez oiai

oi

7- Agora vamos sair, o andor vamos levar oiai

o andor vamos levar oiai

oi

8- [...] aqui, depois que o terço começar oiai

depois que o terço começar oiai

oi

9- Agora eu convido a Cleusa, para o terço iniciar oiai...

[...] Vamos oferecer este terço que vou rezar, contemplando os mistérios de vossa redenção, concedei-me por interseção de vossa mãe Maria Santíssima, a quem eu dirijo as virtudes que são necessárias para bem rezar e a graça de ganhar a indulgência nossa a esta santa devoção [...] este terço. Vamos agradecer o Espírito Santo de Deus, Santos Reis, por todos os lugares que essa bandeira passou, Santo Reis, abençoe, iluminaí, santificai os lares das pessoas que receberam com fé e com amor. Nós te pedimos a graça de aparecer um novo festeiro, que apareça o novo festeiro quando nós rezamos este terço, que venha o Espírito Santo iluminar esse novo festeiro, que seja tu Santos Reis, que seja tu Maria, que seja tu menino Jesus, que seja tu José, que ilumine o novo festeiro, por isso te pedimos Santos Reis, diante de duas bandeiras aqui, encontro de duas bandeiras, ilumine o novo festeiro, ilumine essa romaria, que não deixe essa festa acabar, que os novos festeiros apareça, que nova cozinheira apareça pra nos ajudar, que novos cantador apareça pra nos ajudar, que novas pessoas nos apareçam pra ajudar Santos Reis, Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. Nós entregamos senhor Jesus aqui nesta hora, na tua presença, todos os romeiros. Hoje cedo nós rezamos, que todos que viessem aqui três horas da manhã seja convidado de Santos Reis e seja todos bem-vindos nessa festa de alegria, de adoração, que seja só alegria. Santos Reis abençoe esse casal de festeiros, seja prosperidade a família deles, eles lutaram com suas dificuldades. O festeiro e a festeira, abençoe ele também, abençoe Santos Reis aquele festeiro que há de aparecer hoje, vai iluminando ele, vai tocando o coração dele, por isso te pedimos: (cantam:) em nome do pai, em nome do filho, em nome do Espírito Santo, estamos aqui (2 X). Pra que? Para louvar e agradecer

(mãos para o alto), bendizer e adorar, estamos aqui senhor, ao seu dispor. Para louvar e agradecer, bendizer e adorar, te aclamar (palmas), Deus trino de amor”.

APÊNDICE 8

Canto de encerramento da festa de Santos Reis de Ribeirão Grande (mestre Arnaldo Borges – Bandeira de Ribeirão Grande – Ourinhos/SP)

- “1- Meus amigos aqui presente, boa tarde pra vocês ai
 boa tarde pra vocês oilarai oilarei oilarai
 oi
 2- Sejam muito bem-vindos a nossa festa de reis ai
 a nossa festa de reis ai oilarai oilarei oilarai
 oi
 3- O dia sete de junho esta festa começamos esta festa começamos oilarai oilarei oilarai
 oi
 4- Cantando aos fins de semana, os amigos visitamos
 os amigos visitamos oilarai oilarei oilarai
 oi
 5- Passando de casa em casa, todos eles recebeu ai
 todos eles recebeu oilarai oilarei oilarai
 oi
 6- À bandeira e romaria a sua oferta deu ai
 a sua oferta deu recebeu oilarai oilarei oilarai
 oi
 7- O dia vinte de julho, a bandeira nós fechamos
 a bandeira nós fechamos oilarai oilarei oilarai
 oi
 8- No dia seguinte, o preparativo começamos
 o preparativo começamos oilarai oilarei oilarai
 oi
 9- O festeiro aprontou o que ganhamos de coração ai
 o que ganhou de coração oilarai oilarei oilarai
 oi
 10- Tudo o que arrecadou foi pra mesa de refeição ai
 a mesa de refeição oilarai oilarei oilarai
 oi
 11- Deus abençoa este povo que se encontra aqui presente ai
 que se encontra aqui presente oilarai oilarei oilarai
 oi
 12- Se ele nos der saúde, encontramos novamente
 encontramos novamente oilarai oilarei oilarai
 oi
 13- Pra quem vai me ajudar, um pedido vou pedir ai (uma coisa)
 Uma coisa vou pedir oilarai oilarei oilarai
 oi
 14- Temos aí uma corrente, por favor queira abrir ai
 por favor queira abrir oilarai oilarei oilarai
 oi
 15- Agora nesse momento, Santos Reis vai abençoar ai

Santos Reis vai abençoar oilarai oilarei
oilarai

oi

[...]

o festeiro pode entrar oilarai oilarei oilarai

oi

15- Aí está nosso festeiro e a festeira
também ai

e a festeira também oilarai oilarei oilarai

oi

(palmas)

16- Agora peço que entre o festeiro do ano
que vem ai

o festeiro do ano que vem oilarai oilarei
oilarai

oi

17- Por aparecer o festeiro todos nós ficou
contente ai

todos nós ficou contente oilarai oilarei
oilarai

oi

18- Santo Reis que te abençoe hoje e
eternamente ai

hoje e eternamente oilarai oilarei oilarai

oi

19- Agora o nosso festeiro, a bandeira pode
passar ai (festeiros trocam as bandeiras)

a bandeira pode passar oilarai oilarei oilarai

oi

20- Também a festeira nova, ela pode
coroar ai (festeira repassa a coroa para a
nova festeira)

ela pode coroar oilarai oilarei oilarai

oi

21- Os festeiros desse ano, o seu dever já
cumpru ai

o seu dever já cumpru oilarai oilarei oilarai

oi

22- E o festeiro que pegou, o compromisso
assumiu ai

compromisso assumiu oilarai oilarei oilarai

oi

23- Agora traga o mastro pra bandeira
colocar ai

pra bandeira colocar oilarai oilarei oilarai

oi

24- Agora tá preparado, os instrumentos eu
vou parar ai

os instrumentos eu vou parar oilarai oilarei
oilarai

oi

25- Eu vou passar a palavra para quem
queira falar ai

para quem queira falar oilarai oilarei oilarai
oi”.

APÊNDICE 9

Dados das Bandeiras de Ourinhos

Nome da Companhia/Bandeira - cidade:	Ribeirão Grande/Ourinhos
Ano de (re)fundação da bandeira e fundadores:	Fundação de bandeiras na transição do século XIX e XX, com a vinda das famílias mineiras Palma e Borges; Refundação da bandeira dos Palma em meados da década de 1970, com o mestre Adolfo da Palma, o gerente Evandro Ferezin, o festeiro Acácio Batista Leite e Francisco Borges (união de famílias e bandeiras Palma, Leite e Borges).
Nome das funções no grupo e instrumentos utilizados na romaria:	Bandeireiro (bandeira), 2 palhaços (máscaras, espadas, roupas e chapéus coloridos), maestro/mestre (viola), contramestre/ajudante (violão ou cavaquinho), contrato/contralto/contratão (caixa), contratinho, tala, contratata, talinha/fino/fininho/grito/cigarrinha (pandeiro), festeiros (caderno de prenda), motorista e puxadores de prenda (meios de transporte), triângulo, reco-reco, bolsa para conhaque/cachaça.
Demais instrumentos/objetos utilizados e funções exercidas ao longo da festa:	Andor com imagem de Nossa Senhora da Aparecida e São Benedito (devotos), Mastro com imagem dos Reis e da Sagrada Família (novos festeiros), presépios, cerimonialista/rezadeira, cozinheiros, garçons, ajudantes de limpeza, decoradores do salão de festa, comerciantes do bar.
Número aproximado de pessoas que exercem uma função específica no grupo (giro e festa final):	10 a 15 pessoas (giro); 50 a 70 pessoas (festa)
Número aproximado de pessoas que acompanham o giro e participam da festa final:	15 a 30 pessoas; 1500 a 1800 pessoas
Datas de giro e festa; e quantidade de dias de giro e média de casas visitadas por dia/total:	Sábados e feriados dos meses de maio (geralmente no sábado após dia das mães) a julho (último sábado). Média de 7 a 9 casas/dia, totalizando 90 a 100 casas/jornada.
Locais visitados nos giros/jornadas:	São Pedro do Turno (destacando-se bairros rurais de Piracanjuba, Ribeirão Claro, Figueira, Sapecado e Água Suja), Ribeirão do Sul (destacando-se os bairros rurais de Azoia, Bugre e Santa Tereza), Campos Novos Paulista (casas da cidade), Ibirarema (casas da cidade), Salto Grande (destacando-se os bairros rurais da Água do Sapo e Fazenda Velha) e Ourinhos (destacando-se os bairros rurais do Córrego Fundo e Ribeirão Grande).
Presença de Associação e/ou registro público (municipal/estadual) e datas dos registros:	Possui sede através da Associação dos Produtores Rurais do Bairro de Ribeirão Grande, a qual não foi criada especificamente para a celebração. Na cidade, a festa foi escrita no calendário turístico do município (Decreto Nº. 5.791/2010)
Principais dificuldades reportadas na história da festa e datas aproximadas:	Falta de festeiros e mestres (falecimentos, mudanças e falta de lugar para festa) na década de 1970 (fim das festas dos Palma - Ribeirão Grande, e dos Borges - Córrego Fundo); geadas de 1975; aumento do público festivo, falta de lugar para festa final e início do revezamento de mestres (a partir da década de 1970); jornadas cansativas (andavam a pé, dormiam e comiam mal); falecimento de Adolfo da Palma em 2001 e aumento de uma necessidade de mais mestres e músicos para revezamento nas folias
Principais reconfigurações/ressignificações na história da festa e datas aproximadas:	Refundação da bandeira e da festa em Ribeirão Grande e mudança em seu calendário (meados da década de 1970); jornadas com meios de transporte (maior arrecadação, maior público); construção de barracão a partir da Associação (2002) que fica na propriedade da família Palma; comércio e missa no local da festa (influência do evangelho bíblico na festa; em contrapartida, ideia de que a festa é do povo para o povo. O povo é diferente como os magos e se nem por um bem maior - único Deus); novos mestres e cantores que não necessariamente são da família e aumento do calendário de jornada; ressignificação dos festeiros (não precisam mais ter propriedade que comporte o público da festa e conseguiram mais facilidades de financiamento de grande parte dela, com o comércio e aumento do giro de arrecadações); multiplicação e ressignificação dos mestres (passam a ter a mesma importância que os festeiros, pois são eles os responsáveis pelo giro de arrecadações pela região) (a partir da década de 1970 e, depois, em meados dos anos 2000, com a reunião das bandeiras de cidades vizinhas para encontros de bandeiras e a vinda do pessoal de São Pedro do Turvo para compor a bandeira de Ribeirão Grande); festas finais com encontros de bandeiras.

Ficha de identificação dos entrevistados													
Nome (data da entrevista)	Idade/ano de nascimento	Local de nascimento e atual residência	Profissão	Escolaridade	Estado civil	Nome da Bandeira que pertence	Função atual na Bandeira	Idade/ano em que conheceu/passou a fazer parte da Bandeira	Pessoa que lhe apresentou a Bandeira/primeira identificação com a festa	Funções que já exerceu na Bandeira	Participa de alguma festa ou Bandeira de outra cidade? Qual (quais)?	Famílias ocupam algum cargo na folia, atualmente? Qual?	Fonte
1. Evandro Feresin - Vando (17/02/2019)	68 anos - 1951	Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	Aposentado, ainda trabalha com gado e lavouras agrícolas (soja, milho, feijão)	estudou até a quarta série	viúvo	Bandeira de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	contratinho/ajudante (geralmente toca violão ou cavaquinho)	7 anos/1958	Seus pais e familiares maternos (família Palma). Sua avó que lhe deu uma viola, a qual aprendeu a "tocar de ouvido"	maestro/mestre; contratinho; ajudante (canta no que precisar)	Canta nas bandeiras de Ribeirão do Sul e se apresenta nas festas de Salto Grande e Santa Cruz do Rio Pardo	O irmão é cantor; a filha é cozinheira; o filho e o neto se veste de palhaço no dia da festa final.	FERESIN, Evandro. Entrevistado 1 - Bandeira de Ribeirão Grande [17 fev. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Ribeirão Grande/Ourinhos - SP, 2019. 1 arquivo.WMA (01:21:49).
2. Maria Rosa Moralez de Campos (20/02/19)	68 anos - 20/07/1951	Ribeirão dos Bugres - Salto Grande/SP	Cozinheira, mas já foi trabalhadora rural, empregada doméstica, auxiliar de montagem e torradeira de farinha em uma fábrica	estudou até a quinta série	casada	Bandeira de Salto Grande/SP	Presidente da bandeira, festeira e cozinheira	"Desde que eu me conheço por gente"	Seu pai, os devotos e cozinheiros (pai: Lauriano Moralez)	Decoradora, maquiadora (dos bastiões), rezadeira, cozinheira, presidente da bandeira e organizadora da festa (festeira)	Frequenta as festas das bandeiras de Ribeirão Grande/Ourinhos, Ribeirão do Sul, Caporanga/Santa Cruz do Rio Pardo, Palmital		CAMPOS, Maria Rosa Moralez de. Entrevistado 1 - Bandeira de Salto Grande [20 fev. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Salto Grande/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:46:49).
3. Francisco José Nogueira - Fifico (11/04/19)	71 anos - 1948	Fazenda Velha - Salto Grande/SP	Aposentado, ainda trabalha como pequeno	primário	casado	Bandeira de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	Contramestre e toca bumbo/caixa	13/14 anos	Seus pais	Com excessão da função de mestre, cantou em todas as	Canta nas bandeiras de Ribeirão do Sul e São Pedro do Turvo e se apresenta nas festas de Salto Grande e Santa Cruz do Rio Pardo		NOGUEIRA, Francisco José. Entrevistado 2 - Bandeira de Ribeirão

			produtor rural							posições musicais da bandeira			Grande [11 abr. 2019]. Entrevistadora : Rafaela Sales Goulart. Salto Grande/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:20:29).
4. Arnaldo Borges Baptista - Nardo (26/04/19)	76 anos - 28/08/1943	Córrego Fundo - Ourinhos/SP	Aposentado, ainda trabalha como pequeno produtor rural e vende queijos na cidade	primeiro grau	casado	Bandeira de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	Antigo mestre, as vezes ainda embaixa	7/8 anos, passou a cantar com uns 16 anos	Seus pais	Já passou por todas as funções musicais	As vezes canta na bandeira de Ribeirão Grande e participa das festas de Ribeirão Grande e Palmital	Um irmão e um sobrinho ajudam na cantoria	BAPTISTA, Arnaldo Borges. Entrevistado 3 – Bandeira de Ribeirão Grande. [26 abr. 2019]. Entrevistadora : Rafaela Sales Goulart. Córrego Fundo - Ourinhos/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:02:54).
5. Mario Batista Leite (20/05/19)	63 anos - 02/10/1956	Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	Motorista, mas já foi pequeno produtor rural	estudou até a quinta série	casado	Bandeira de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	Ajuda na organização	desde criança	Seus pais	palhaço e festeiro		Seus irmãos auxiliam na organização da festa e na cozinha	LEITE, Mario Batista. Entrevistado 4 – Bandeira de Ribeirão Grande [20 mai. 2019]. Entrevistadora : Rafaela Sales Goulart. Ourinhos/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:12:11).
6. José Teodoro de Araújo Filho - Zequinha (18/06/19)	66 anos - 05/12/1953	São Pedro do Turvo/SP	Aposentado, mas foi trabalhador rural, balconista e destilador de álcool	estudou até a quinta série	casado	Bandeira de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	maestro	12 anos	Seus pais	caixeiro e tala em antiga bandeira de São Pedro do Turvo	Canta nas bandeiras de Ribeirão do Sul e se apresenta	Seu irmão é contramestre	ARAÚJO FILHO, José Teodoro de. Entrevistado 5 – Bandeira de Ribeirão Grande [17 jun. 2019].

											a nas festas de Salto Grande e Santa Cruz do Rio Pardo		Entrevistadora : Rafaela Sales Goulart. São Pedro do Turvo/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:07:34).
7. Osvaldo José dos Santos (30/08/19)	70 anos - 01/11/1949	Piracanjuba - São Pedro do Turvo/SP	Trabalhador rural (não fixo), também já trabalhou no trecho	estudou até a quarta série	casado	Bandeira de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	palhaço	15 anos	Seus tios	vestia de palhaço na antiga bandeira de Piracanjuba e de São Pedro do Turvo	Participa das bandeiras de Ribeirão Grande e Ribeirão do Sul		SANTOS, Osvaldo José dos. Entrevistado 6 – Bandeira de Ribeirão Grande [17 jun. 2019]. Entrevistadora : Rafaela Sales Goulart. São Pedro do Turvo/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:30:07).
8. Arioaldo de Almeida Silva - Ari (30/08/19)	68 anos - 1951	Fazenda Velha - Ourinhos/SP	Vereador e empresário	superior completo	casado		Costuma frequentar a festa e como dono de autoescola na cidade, ajuda no patrocínio da festa						SILVA, Arioaldo de Almeida. Entrevistado 1 – poder público de Ourinhos [30 ago. 2019]. Entrevistadora : Rafaela Sales Goulart. Ourinhos/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:11:54).
9. Ivo Batista Leite (11/09/19)	57 anos - 1962	Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	Aposentado, mas já foi trabalhador rural, funcionário de indústrias de óleo (Zilo e	Ensino médio/técnico completo	casado	Bandeira de Ribeirão Grande - Ourinhos/SP	Ajuda na organização	Desde criança	Seus pais	Palhaço e festeiro		Tios e irmãos ajudam na organização da festa e na cozinha	LEITE, Ivo Batista. Entrevistado 7 – Bandeira de Ribeirão Grande [11 set. 2019]. Entrevistadora : Rafaela Sales Goulart.

Presença de Associação e/ou registro público (municipal/estadual) e datas dos registros:	Possui Associação de Manutenção das Tradições Culturais de Palmital-SP (2017), a qual foi criada especialmente para organizar a celebração. Na cidade, a festa foi escrita no calendário turístico do município (Lei Nº 2128/06), sendo objeto de projeto para feriado municipal no dia 6 de janeiro (Projeto de Lei Nº 29/2012). No estado de São Paulo, a festa foi inscrita no calendário de eventos oficializados no dia 6 de janeiro (Diário oficial, 30/01/1996) e no calendário turístico em 2009 (lei 13.340, 14 de janeiro de 2009).
Principais dificuldades reportadas na história da festa e datas aproximadas:	Espaço limitado para público da festa (década de 1960); aumento do público festivo, utilização de transportes no giro e aumento de locais visitados (a partir da década de 1970); Falta de festeiros e mestres (falecimentos, mudanças e falta de lugar para festa) a partir da década de 1970; desaparecimento de uma das bandeiras entre 1982 e 1998; sinalização de aspectos místicos (azar e sorte) e sagrados sobre a festa e de pagamento de foliões (1998); ausência de festas em 2001, 2004, 2005 e 2012; necessidade de infraestrutura para a grande festa (2019 e 2020);
Principais reconfigurações/ressignificações na história da festa e datas aproximadas:	União de 2 banderias para uma única festa (1962, 1967, 1976, 1977, 1983, 1988 e 1993); presença de 4 bandeiras no município para festa no dia 6 de janeiro (1982); registros escritos sobre a festa (1996; 1998; 1983; 2002; 2004; 2015) e início de sua divulgação como manifestação de folclore e tradição cultural; doação de alimentos para entidades filantrópicas da cidade e região (1998); exposição sobre a festa e início de sua divulgação, sobretudo, a partir dos festeiros (2001); divulgação da festa realizada por prefeitura municipal em bairro rural; união de 3 bandeiras para uma única festa realizada no dia 6 de janeiro (1998); anúncio da grandeza da festa, sinalização dela a partir de histórico de festeiros, e sua mudança para os sábados (2002); realização das festas somente na Estância Capixingui (proprietários: família Zanetti) e na Fazenda São Joaquim (proprietários: família Tirolli) (a partir de 2006); inclusão da festa no calendário folclórico e turístico da cidade (2006); utilização de uniformes; gravação de CDs (a partir de 2008); projeto de tornar o dia 6 de janeiro como feriado municipal (2012); busca de reconhecimento e financiamento público através de Projetos de Lei de Palmital como Capital Estadual e Nacional da folia de reis (2018-2020-2021); criação da Associação em 2017 e consolidação da ideia de que o coletivo influencia mais na festa do que o próprio festeiro; a festa como tradição cultural e patrimônio imaterial; compra de sede à celebração pela Associação (2021).
Outras informações:	A bandeira ficou parada entre as décadas de 1970 e 1980; criação do Projeto Novos Foliões (2013); criação das "Estrelas de Maria" em 2017; criação do terço de Santos Reis

Nome da Companhia/Bandeira - cidade:	Água dos Faceiros/Família Faceiro/Palmital
Ano de (re)fundação da bandeira e fundadores:	1920 - Chiquinha (avó de Adão Faceiro) (Água Clara); 1949 - Angelino José Alves (pai de Adão Faceiro) (Água do Pau D'Alho; Água dos Faceiros)
Nome das funções no grupo e instrumentos utilizados na romaria:	
Demais instrumentos/objetos utilizados e funções exercidas ao longo da festa:	
Número aproximado de pessoas que exercem uma função específica no grupo (giro e festa final):	

Número aproximado de pessoas que acompanham o giro e participam da festa final:	
Datas de giro e festa; e quantidade de dias de giro e média de casas visitadas por dia/total:	25/12 a 6 a 8/01; média de 15 casas/dia
Locais visitados nos giros/jornadas:	
Presença de Associação e/ou registro público (municipal/estadual) e datas dos registros:	Particular: Companhia de Santos Reis família Faceiros e Faceiros Jr.(2018)
Principais dificuldades reportadas na história da festa e datas aproximadas:	
Principais reconfigurações/ressignificações na história da festa e datas aproximadas:	foliões passaram a cantar em outras bandeiras da região;
Outras informações:	Criaram o terço dos Faceiros e participam do terço de Santos Reis. Costumam participar das festas e dos encontros em Salto Grande, Ribeirão Grande, Ribeirão do Sul, São Paulo.

Nome da Companhia/Bandeira - cidade:	Água das Três Ilhas/Palmital
Ano de (re)fundação da bandeira e fundadores:	Não se sabe a data exata da fundação da bandeira dos Monteiros, no entanto, Zé do Povo passou a frequentá-la em meados da década de 1950.
Nome das funções no grupo e instrumentos utilizados na romaria:	
Demais instrumentos/objetos utilizados e funções exercidas ao longo da festa:	

1. Mario Gonçalves de Oliveira Júnior - Juninho (07/08/19)	36 anos - julho 1983	Palmital/SP	microempreendedor individual (faz aluguel de brinquedos de festas), já foi comerciante e coordenou projetos culturais na cidade e região	superior incompleto	casado	Companhia da Anhumas	embaixador e conselheiro da Associação	13 anos/1996	familiares	todas as posições musicais e palhaço	Ajuda a bandeira de Cruzália	Seu filho veste-se de palhaço	JÚNIOR, Mário Gonçalves de Oliveira. Entrevistado 1 – Companhia da Anhumas [7 ago. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (02:50:58).
2. Clayton Biondi - Tê (23/08/19)	41 anos - 22/08/1978	São Paulo, mora em Palmital/SP	advogado	superior completo	casado	Companhia da Anhumas	contratino, mestre de cerimônias e leiloeiro da festa e 1º secretário e conselheiro da Associação	6/7 anos	seus pais	gritinho, bastião		primos cantores	BIONDI, Clayton. Entrevistado 2 – Companhia da Anhumas [23 ago. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:38:16).
3. Aparecido Benedito da Silva - Ditinho (06/09/19)	61 anos - 05/06/1958	Água da Anhumas - Palmital/SP	comerciante (proprietário de bar), mas já foi trabalhador rural	cursou até o quarto ano	casado	Companhia da Anhumas	2º secretário da Associação	14 anos (escrivão da bandeira de Toninho Leiteiro	Familiares	escrivão e gerente		filhos (palhaços e gerente), netas (cantam), esposa (lembrancinhas) e outros	SILVA, Aparecido Benedito da. Entrevistado 3 – Companhia da Anhumas [6 set. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP,

													2019. 1 arquivo WMA (01:13:34).	
4. Helder Reis da Silva (09/09/19)	35 anos - 03/01/198 4	Água da Anhumas - Palmital/ SP	projetista e vendedor de irrigação	superior incompleto	casado	Companhi a da Anhumas	gerente e conselheir o da Associaçã o	desde a infância	seus pais	palhaço			pai (2º secretário da Associação), filha (canta), primos e sobrinhos (cantores)	SILVA, Hélder Reis da. Entrevistado 4 – Companhia da Anhumas [9 set. 2019]. Entrevistado ra: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:32:49).
5. José Elias Filho - Zé do Povo (07/10/19)	88 anos - 17/01/193 1 (informaç ão passada por Pê)	Água dos Monteiro s - Palmital/ SP	aposentado, já foi trabalhador rural e trabalhou em fábrica de conhaque	cursou até o terceiro ano	viúvo	Companhi a das Três Ilhas	antigo embaixad or	12 anos	Pai e irmãos	todas as posições musicais			FILHO, José Elias. Entrevistado 1 – Companhia das Três Ilhas (entrevista realizada junto a Antônio Anastácio de Andrade e Valter Benedito de Oliveira) [7 out. 2019]. Entrevistado ra: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:45:21).	

6. Antônio Anastácio de Andrade - Tonho do Loro (07/10/19)					casado	Companhia das Três Ilhas	gerente	desde criança	seu pai			FILHO, José Elias. Entrevistado 1 – Companhia das Três Ilhas (entrevista realizada junto a Antônio Anastácio de Andrade e Valter Benedito de Oliveira) [7 out. 2019]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2019. 1 arquivo WMA (01:45:21).	
7. Antônio Fernandes - Toninho (21/01/20)	80 anos - 20/05/1940	Água da Anhumas - Palmital/SP	aposentado, hoje arrenda parte de sua propriedade rural e também já foi trabalhador rural	cursou até o terceiro ano	casado	Companhia da Anhumas	coordenador de cozinha da festa e conselheiro da Associação	desde a adolescência	seu pai e avô	escrivão e festeiro	sua filha ajuda na cozinha e a esposa ajuda na guarda do enxoval dos "Santos Reis"	FERNANDES, Antônio. Entrevistado 5 – Companhia da Anhumas [21 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (01:29:04).	
8. Valter Benedito de Oliveira - Pê Mariano (21/01/20)	71 anos - 21/04/1949	Água da Laje - Cândido Mota/SP - Palmital/SP	trabalhador rural, hoje arrenda parte de sua propriedade rural. Já foi microempresário	primeiro grau	casado	Companhia das Três Ilhas	ajuda na cantoria e na gerência	desde a infância	avô e pai	gerente e festeiro	Ajuda como contrato na bandeira de	sua esposa canta e o neto se veste de palhaço	OLIVEIRA, Valter Benedito de. Entrevistado 2 – Companhia

											Cruzália		das Três Ilhas [21 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (02:06:08).
9. Valdeci Alves Gonçalves - Val (24/01/20)	43 anos - 1977	Água da Corredeira - Palmital/SP	construtor civil, já foi trabalhador rural	ensino médio completo	divorciado	Companhia dos Faceiros	gerente e conselheiro da Associação	desde criança	pais e familiares	palhaço	apresenta sua bandeira nas festas de Ourinhos e Salto Grande	seus tios, primos, sobrinhos e filhos cantam na bandeira	GONÇALVES, Valdeci Alves. Entrevistado 1 – Companhia dos Faceiros [24 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (03:50:24).
10. Adão José Alves - Adão Faceiro (24/01/20)	1939	Água Clara - Palmital/SP	aposentado, já foi trabalhador rural e músico		casado	Companhia dos Faceiros		desde a infância	Seus familiares	gritinho, contramestre		seus primos e sobrinhos cantam na bandeira	ALVES, Adão José. Entrevistado 2 – Companhia dos Faceiros (entrevista conjunta) [24 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (01:43:03).

11. Kaique Gonçalves - Kaique Faceiro (30/01/20)	19 anos - 26/11/2001	Palmital/SP	construtor civil e músico	ensino médio completo	solteiro	Companhia dos Faceiros	embaixador	desde criança	Seus familiares		apresenta sua bandeira a nas festas de Ourinho e Salto Grande	seu pai, tios e primos cantam na bandeira	GONÇALVES, Kaique. Entrevistado 3 – Companhia dos Faceiros [30 jan. 2020]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Palmital/SP, 2020. 1 arquivo WMA (02:06:56).
12. Leonardo de Jesus Monteiro - Léo (22/04/21)	32 anos - 1989	São Paulo - Palmital/SP	auxiliar de escritório, já atuou como músico	ensino médio completo	solteiro	Companhia das Três Ihas	embaixador e conselheiro da Associação	5 anos	Seu pai e familiares	palhaço			Conversa via WhatsApp (22/04/21)
13. Homero Marques Filho – Homerinho vereador	37 anos - 1985	Palmital/SP	Vereador desde 2004. Sua atuação na política se vincula às áreas da cultura e do esporte (foi ligado a bloco de carnaval, uma das festas que considera tradicional em Palmital). Entende as Folias de Reis e as Companhias como tradição do município, desde sua criação, foi passada de pai para filho, de geração a geração.	Superior completo (curso de Administração e Direito)	divorciado	Companhia dos Faceiros	Doação de prendas	Desde a infância					MARQUES FILHO, Homero. Entrevista [18 fev. 2022]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Plataforma Zoom, 2022. Audiovisual (01:01:54).

ANEXO 1

Cópia de parte do livro "Folia de reis", de Neide Rodrigues Gomes (1983, p.6-35), a qual contém transcrições de cantos/declamados feitos por mestres/embaixadores e outras peculiaridades da celebração em Palmital/SP

Na Folia cujo embaixador é o Sr. Aldevi
no Miguel Fernandes a cantoria se processa com es-
tes versos:

1º

Nesse tempo era um anjo
Por nome de Gabriel
Enviado por Deus
Na cidade de Nazaré

2º

Uma virgem desposada
E José assim dizia
Na casa de Davi
E seu nome era Maria

3º

Porém abaixa um anjo
Não tremes assim Maria
Achaste graça diante de Deus
Com certeza um filho um dia

4º

Maria disse ao anjo
 Com isso pode parar
 Eu não conheço o que Varão
 E o anjo se pôs a explicar

5º

O Espírito Santo virá
 Sabe as Virtudes que eu disser
 O Altíssimo te fará em sonho
 Este Santo que é de nascer

6º

E da Casa de Davi
 Reinará assim
 E da Casa de Jacob
 Teu reino não terá fim

7º

Serão chamados filhos de Deus
 Foi o que o anjo explicou
 Foi assim que a Virgem Maria
 Deus menino aceitou

Os versos cantados pelo Folia do Embaixador Antônio Tucci, são os seguintes:

1º

César assinou um decreto
 Para o povo se alistar
 Cada um de sua cidade
 Tinha que se apresentar.
 No tempo as coisas da Lei
 Ninguém podia faltar

2º

Então José e Maria
 Foram se apresentar também
 Só porque esse decreto
 Não escapava ninguém.
 Então José e Maria
 Foram se apresentar em Belém.

3º

O Povo era demais
 Quando em Belém chegaram
 No símbolo da Profecia
 Nem um lugar arranjaram
 Numa simples manjedoura
 Um lugarzinho arrumaram.

4º

Por Nosso Deus Criador
 Foi assim determinado
 Só para nos dar exemplo
 De Jesus, sei Filho amado
 Que bem poderia nascer
 Num palacete dourado.

5º

Vinte e cinco de dezembro
 As portas do céu se abriram
 Louvando o canto divino
 Para Jesus dirigiram
 Que todos os galos cantaram
 Lá no céu se ouviram.

6º

Era meia noite em ponto
 Sem faltar num um segundo
 Soava o canto divino
 Tão sonoro e profundo
 Neste momento é nascido
 Cristo Salvador do mundo.

7º

Havia um pastor no campo
 Seu rebanho vigiando
 Ficaram alegres e contentes
 Por verem os anjos cantando
 Julgaram que grande festa
 Lá no céu está se dando.

09

8º

Já então neste momento
 Uma estrela aparecia
 Cercada de resplendor
 Que esta palavra dizia
 Vamos todos visitar
 O Jesus Santo Messias

9º

Como se viu numa fonte
 Transpassado pela sede
 E ide o mesmo premia
 Hoje mesmo recebe
 Quem não levava uma flor
 Levava um raminho verde

10

Chegaram na manjedoura
 Encontrou Jesus deitado
 Em volta ali uns raminho
 Muito bem agasalhado
 Seus pais cheios de alegria
 Conservava de seu lado.

11

Chegaram e cumprimentaram
 A Jesus, José e Maria
 De flor e raminho verde
 A Jesus todo cobria
 Jesus para os visitantes
 Excelentemente sorria

10

12º

Sõ quem não ficou contente
 Com esta Santa notícia
 Foi no monstro Rei Herodes
 Cheio de inveja e malícia
 Não sabia que Deus eterno
 Era o Rei da justiça.

13º

Herodes naquela noite
 De inveja quase morreu
 Até um galo em seu reinado
 Também a notícia a notícia deu
 Neste momento é nascido
 Jesus o rei dos judeus.

14º

Herodes não dormiu mais
 O resto da madrugada
 Dizendo que esta notícia
 A tempo que era falada
 Mas eu acabo com ela
 Na ponta da minha espada

15º

Neste tempo os três reis santos
 Reinavam no Oriente
 Os anjos deram a notícia
 Marcharam, alegres, contentes
 Foram direitinho a onde
 Estava Jesus, o inocente.

11

16º

A Jesus, José e Maria
 Os três reis cumprimentaram
 Com reverência e respeito
 Ali mesmo ajoelharam
 Hino em silêncio divino
 Quase uma hora cantaram.

17º

Depois abriram seus cofres
 Que tinham grandes tesouros
 A Jesus presentearam
 Com mirra, incenso e ouro
 Dizendo: "Agora voltemos
 Para o nosso Reino Vindouro."

18º

Mas logo que dali saíram
 Foram por Deus avisados
 Que Heródes iria perseguir
 O nosso Jesus amado
 Deixaram aquele caminho
 E voltaram por outro lado.

19º

São José dormiu um soninho
 Acordou muito assustado
 Pensando em ver Herodes
 Com seus carrascos do lado
 Com sua espada na mão
 Seu golpe já estava arrumado.

12

20º

Despertou, porém olhava
Por ali nada se viu
Foi que então neste momento
De viagem eles partiram
Foram, se julga pro Egito
Dali ninguém mais os viram.

21º

Pai, Filho e Espírito Santo
Na hora de Deus, amém
Foi louvado o nascimento
Do menino de Belém
Bendito louvado seja
Seja para sempre, amém.

A Profecia dos Três Reis, é a forma de expressão que a companhia do Embaixador Adão José Alves realiza durante o ciclo Natalino.

1º

Para dar exemplo ao mundo
Como Deus fez a idéia
Da cidade de Judá
E também na Galiléia

2º

Havendo na Galiléia
A cidade de Nazaré
Um homem justo e Honesto
Com o nome de José

3º

Homem temente a Deus
Era pobre e carpinteiro
de Deus foi iluminado
E graças recebeu

4º

Naquela mesma cidade
Ali também existia
Uma virgem abençoada
Com o nome de Maria

5º

No templo em Jerusalém
 Se ajuntaram em casamento
 Receberam o matrimônio
 Do divino Sacramento

6º

Vivendo tão inocente
 Por muitos anos passaram
 Até que a paixão bendita
 Deus a eles realizou

7º

Aquela virgem inocente
 Deus a ela contemplou
 Desceu um anjo do céu
 E para a virgem assim falou

8º

Maria Deus me mandou
 E contigo vim falar
 Se tu queres conceber
 O Divino Rei Celestial

9º

Maria muito assustada
 Vendo o que o anjo falava
 Se me acha suficiente
 Eis aqui a sua escrava

10º

De joelho com a mão posta
Para Deus ela implorava
Entrego até minha vida
Para cumprir sua palavra

11º

Se é mandado por Deus
Em sua presença estou
Desceu o Espírito Santo
E o verbo se encarnou

DECLAMADO

12º

Em vinte e cinco de março
Maria concebeu
No ventre da Virgem Santa
Nove meses se escondeu

13º

Maria estava esperando
E um Rei mandou chamar
Para se recenseada
Os árabes todos em geral

14º

Este Rei era da Síria
E em Síria governava
Para ir se alistar
Todo mundo ele obrigava

16

15º

Saiu de Jerusalém
Virgem Maria e José
Para dar seu nome em rurdo
Na matrícula de Israel

16º

Chegando nesta cidade
Não encontraram hospedagem
Eles ficaram contemplados
De tão cansados da viagem

17º

Os hotéis estavam lotados
Não tinha mais lugar
Saíram então procurando
Jeito de se agasalharem

18º

Logo perto da cidade
Onde as ovelhas pastavam
E os pastores dos rebanhos
Ali perto um deles estavam

19º

Esta virgem amorosa
A um dos pastores perguntava
Onde estava a cabana
Que eles descansavam

20º

O pastor disse para a virgem
Daqui a senhora vê
Mas a choupana é pequena
É capaz de não caber

21º

A Virgem olhou para o Pastor
E sorriu de alegria
Para dar exemplo ao mundo
Qualquer lugar lhe servia

22º

Isto já era de tarde
A noite escura já vinha
Mas ainda chegou em tempo
De limpar sua casinha

23º

Maria lá de um lado
A São José ela disse
Que se encostasse num cantinho
Que se deitasse e adormecesse

24º

Vinte e cinco de Dezembro
Foi o dia de alegria
De nascer o Rei do Mundo
Filho da Virgem Maria

25º

No ponto de Meia-noite
 A hora que o galo cantou
 Jesus menino era nascido
 Quando São José acordou

26º

Desceram milhares de anjos
 Na hora do nascimento
 Mandado do Pai Eterno
 E do divino Sacramento

27º

Na hora que Deus nasceu
 Apareceu no firmamento
 Uma estrela do Oriente
 Anunciando o nascimento

28º

CANTADO

Na média na África e na Arábia
 Havia os Reis Religiosos
 Que acreditavam que iria haver
 O Cristo Rei Poderoso

29º

Os três Reis estavam dormindo
 Tiveram um sonho profundo
 Que na terra já havia
 O Suplente Rei do Mundo

30º

Os três Reis se levantaram
Tiveram uma só idéia
Pegaram os seus camelos
Viajaram para a Galiléia

31º

Saíram de seus países
Cada um saiu sozinho
Depois de viajarem muito
Se encontraram no caminho

32º

Eles eram astrólogos
Todos os astros eles sabiam
Por isso foram avisados
A hora que Deus nascia

33º

Quando chegaram em Herodes
A estrela desapareceu
Por qual motivo que era
Os magos não perceberam

34º

Foram perguntar a Herodes
Se o caso ele sabia
Onde estava o Rei do Mundo
Que o Eterno Rei prometeu

35º

Nós vimos a sua estrela
Com o seu raio anuncia
Sendo esta cidade Santa
Viemos aqui procurar

36º

Com as palavras dos Magos
Herodes se indignou
Respondendo para os três Reis
Rei do Mundo é eu quem sou

37º

Herodes chamou a corte
Sábios e adivinhadores
Se o caso eles sabiam
Onde estava o Redentor

38º

Veio da corte um sábio
Com a sua teoria
Foi em Belém de Judá
Assim os profetas diziam

39º

Herodes disse aos magos

~~Se encontrarem o menino~~ *Belchior, Gaspar e Baltazar*
Voltem aqui para me avisar

40º

Me informem bem do menino
E me traga informação
Eu também quero adorar
Este Rei de Salvação

41º

Os reis magos não sabiam
Da sua má intenção
Saíram todos contentes
Cheio de satisfação

42º

Saíram de Jerusalém
A estrela despontou
No peito da Virgem Santa
Muitos raios de luz brilhou

43º

Desceram Serra abaixo
Quando em Belém chegaram
Foram parando seus camelos
E todos os três apearam

44º

Os três reis se admiraram
Foi de ver tanta pobreza
Não sabendo que ele era
Dono de toda riqueza

45º

A choupana era pequena
 Que nem os reis cabiam
 Para dar os seus presentes
 Que pro menino traziam

46º

Eles não tinham agasalho
 Que nada disso eles tinham
 E o frio era tanto
 Que o coitadinho até tremia

47º

O boi bento bofejava
 Vinha a mula descobria
 Ela foi amaldiçoada por sua mãe intenção
 De ser filha das éguas não aumentado
 produção

48º

Punha os três reis de joelho
 Para fazer adoração
 Beijar os pés do menino
 Pedindo a Santa benção

49º

Na presença de Jesus
 Os três reis do Oriente
 Foram abrindo os seus cofres
 E ofertando os seus presentes

50º

Os presentes que levavam
Eram coisa de valor
Ouro, incenso e mirra
Que ofertaram ao Senhor

51º

Ouro porque era rei
Ouro a ele pertencia
Incenso por ser humano
E mirra porque morria

52º

Os três reis vindo de volta
Por um sonho um anjo avisou
Que não passasse em Herodes
Que ele era um traidor

53º

Os três reis se levantaram
Chorando se despediram
A emoção era tanta
Que choravam de alegria

54º

Despediram de Jesus
De São José e de Maria
E para parar em Herodes
Não sabiam como faziam

55º

O anjo saiu na frente
Fazendo meia lua
Enganando Rei Herodes
Passaram por outras ruas

56º

Herodes vir-se enganado
Muito mais se indignou
Soltou a cavalaria
E a espada entregou

57º

Todas as mães que for Maria
Vocês saiam para informar
Os meninos de dois anos
São obrigados a matar

58º

E as pobres mães que chorava
Os Judeus não temia
Chegava nos seus bercinhos
Os meninos até sorria

59º

Pegava pelos bracinhos
E para cima suspendia
A espada atravessava
Nem viam do que morriam

60º

O anjo São Gabriel
Para José ele dizia
Vocês fogem para o Egito
Que o Herodes perseguia

61º

Para matar menino Deus
É o que eles queriam
José pegou o menino
E com Maria fugiu

62º

Mas era longe a viagem
E a tropa já vinha
Maria virou uma árvore
Que na hora florescia

63º

A árvore cobriu de flor
E os judeus não percebiam
Depois que eles passavam
De novo a Virgem seguia

64º

Chegaram no pé da Serra
De encontro a tropa já vinha
O anjo virou pedra
E a eles escondia

65º

Chegaram lá no Egito
Estavam livres dos judeus
Lá eles ficaram morando
Até que Herodes morreu

66º

Um dia bem de tardinha
O anjo foi avisar
Podem voltar para Belém
Na sua terra natal

67º

Para reunir nossos pecados
Cada um por sua vez
Dê um viva ao menino Deus
E a companhia dos três reis

68º

Por ter, digo, ter significado
Tem a festa dos três reis
A maior festa do mundo
Foi os três Santos quem fez...

Participam das Festas de Santos Reis na cidade de Palmital, 4 Folias, também chamadas de Bandeiras, cujos Embaixadores são Aldevino Miguel Fernandes, Antonio Tuccio, Adão Jose - Alves e Ataliba Nogueira de Souza.

Os folioes não usam uniformes, apenas - um lenço no pescoço, com a cor que identifica a sua Bandeira.

As Bandeiras, saem diariamente a partir do dia de Natal, desde manhã, até as dez ho- ras da noite, percorrendo um roteiro pré-fixa- do para cada Bandeira, podendo esse roteiro ' ser alterado, dependendo da conveniência, ou circunstâncias que se apresentarem.

As Bandeiras depois da andança diária ' partem no dia seguinte do local onde pararam na noite anterior.

No dia 04 de Janeiro, todas as Bandeira interrompem seus trajetos e se reúnem, para organizarem a entrega das prendas que serão ' oferecidas ao Festeiro, para a grande festa do dia 6.

Em entrevista com o Sr. João Batista ' Correa que é Gerente de Bandeira, ele nos in- formou que a Companhia do Embaixador Antonio Tuccio, deverá iniciar a sua peregrinação no

dia 25 de Dezembro a partir das 14:00 horas, saindo da casa do Sr. Jose Emidio, e para identificar a sua Bandeira, eles usarão lenços amarelos.

Em visita à casa de Dona Francisca, que é quem cuida e enfeita essa bandeira, ela nos informou que a mesma tem 25 anos, e que todos os anos muitas pessoas oferecem fotografias, fitas, flores, terços, orações e outros objetos como pagamento de promessas, que são fixados na bandeira por meio de alfinetes, costura, cola etc..

Nessa Bandeira, os cantadores são chamados de Embaixador (solista), Contra-Baixo, contrato, Tala, contra-tala, tipe e contra-tipe.

O Sr. João Batista Correa, que é o responsável pela bandeira, é chamado de Gerente da Bandeira, e tem como função principal, recolher as esmolas e prendas.

Nessa Bandeira, os 2 palhaços são os elementos que pedem as ofertas, além de realizarem diversas brincadeiras com as crianças e com todos os presentes.

Quando a Bandeira é recebida numa residência, os Folioes já entram pedindo licença e também aproveitam a oportunidade para oferecer a bandeira ao dono da casa, que a recebe e muitas

vezes a leva para os quartos e outras dependências da casa, para pedir proteção aos Três Reis Santos.

Como canto de entrada podemos dar os seguintes exemplos:

Com licença de voces, com licença de voces
 Ao festeiro quero saudar, olá, olá, lá
 Ao festeiro quero saudar oi lá....

Dã licença nobre senhor
 Ai que o tempo é chegado
 Tamos trazendo alegria
 E do Jesus anunciado
 Tamos trazendo alegres novas
 E de uma arvore que floreceu
 É o Jesus neto de Ana
 E que Maria concebeu.

Depois dos cantos de licença, homenagem ao dono da casa e louvores ao Menino Jesus, a Bandeira se despede, agradecendo a oferta e convidando a todos os presentes para a grande Festa do Dia de Reis.

Bandeira do Sr. Ataliba Nogueira de Souza
"Água do Prata" saúda o Presepe com os
seguintes versos:

1º

Que encontro tão bonito,
Nã fizemos nesta hora,
Nossa Bandeira encontrou
O Filho de Nossa Senhora

2º

Santos Reis veio da Arabia
Saudar Jesus em Belém
Hoje com sua Bandeira
Saudamos a imagem também

3º

No ponto da meia noite
O galo a asa bateu
Anunciando os 3 Reis Magos
Jesus Menino nasceu.

4º

A 25 de Dezembro
A quem deita no colchão
Acharo Jesus Cristo
Entre as palhinhas no chão.

5º

Nasceu tão pobrezinho
Entre penas e penal
Se pôs numa manjedoura
Bafejado dos animais.

6º

Santa Isabel visitou
Na hora do meio dia
Vem trazendo novas festas
É nascido o Reis Messias.

7º

Bateu asa cantou o galo
Quando o Salvador nasceu
Na capela de Belém
Louvamos menino Deus.

8º

O anjo São Gabriel
Foi a quem anunciou
Nascido pelo o relento
Os 3 Reis encaminhou

9º

Os Tres Reis quando souberam
Que é nascido o Reis Messias
Viajaro de horizonte
Com a estrela em vossa guia.

10

D. Melchior, D. Baltazar
D. Gaspar em companhia
Sairam os tres do oriente
Com a estrela em vossa guia.

11

Chegando a Jerusalem
A estrela desapareceu
entraro numa esquina
Onde estava o Menino Deus.

12

Herodes como perverso
Os tres Reis quis enganar
Se encontrasse o Menino
Que viesse lhe avisar.

13

Dizia ele apanhei
Desejava. ele adorar
O intuïto do Rei Herodes
Era o menino matar

14

Os tres Reis como eram Santos
Seu caminho Deus guiou
Quando pela mesma estrela
Os tres Reis caminhou.

33

15

Na chegada de Belém
A estrela alí parou
Lá dentro de uma lapinha
Avistaram Nosso Senhor

16

A caverna era pequena
Não cabia todos os tres
Adoraram Deus menino
Cada um por sua vês.

17

O primeiro levou ouro
Por ser ouro a Rei se dar
O segundo levou incenso
Para o trono incensar

18

O terceiro levou mirra
Por saber que era mortal
O malvado do Rei Herodes
Queria era matar.

19

Os tres Reis foram avisados
Nosso São Jose também
Que fugisse para o Egito
E se retirasse de Belém

34

20

Os tres Reis quando voltaram
 Por um caminho diverso
 Para não encontrar Herodes
 Para não lhe dar manifesto.

21

Viva o menino Jesus
 Viva Nossa Mãe também
 Seja por todos nós
 Jesus para sempre amém.

Além da homenagem ao Menino Deus, e aos Três Reis Magos, as Folias saem para angariar prendas, que serão oferecidas ao Festeiro, que no dia 6 de Janeiro tratará a todos os presen-tes na festa.

A previsão para este ano é aproximadamente de 15 vacas, 1000 frangos, patos e perus, 100 leitões, 20 carneiros, 4 sacas de arroz, 2 de feijão, macarrão, tomate, além de condimentos como sal, alho, cebola, pimenta e outros.

Para a preparação de toda essa comida, são convidadas pessoas que direta ou indiretamente participam das Folias, e outras que se oferecem para trabalhar como pagamento de promessa por alguma graça recebida.

ANEXO 2

Folheto entregue no encontro das bandeiras de Assis – Palmital Capital Nacional

**Por intermédio de Tê Biondi,
projeto de lei é apresentado na
Câmara dos Deputados.**
PROJETO DE LEI Nº 19.1 DE 2020
(Do Sr. Coronel Tadeu)

Reconhece a Folia de Reis, como manifestação cultural nacional e eleva essa atividade à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º É reconhecida a Folia de Reis, como manifestação cultural nacional e eleva essa atividade à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro.

Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, considera-se Folia de Reis manifestação cultural, que se caracteriza por celebrar a Adoração dos Magos ao nascimento de Jesus Cristo.

Art. 2º É conferido ao Município de Palmital, no Estado de São Paulo, o título de Capital Nacional da Folia de Reis.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Palmital agradece
o Dep. Federal
Coronel Tadeu**

Palmital – SP está buscando o título de Capital Nacional da Folia de Reis! (Projeto de Lei Federal 19/2020).
Nossa região merece essa atenção!
Fale com seu Deputado Federal!
Colabore! Participe!
Informações: (18)99737-1942 – Tê Biondi.
Palmital – SP.

ANEXO 3

Folheto litúrgico distribuído na missa da festa de Santos Reis de Palmital/SP (11/01/2020)

ANO A (BRANCO) ANO LXXXVIII — REMESSA I — 5-1-2020 — Nº 2

O DOMINGO

SEMANÁRIO LITÚRGICO-CATEQUÉTICO



EPIFANIA DO SENHOR

Sugestões: 1. Na abertura, os enfada-
dos, já jovens ou crianças, carregam uma es-
trela, e lê-se o 4.º Salmo da Bíblia. 2.
Vestir os diferentes reis e adorna-
los presentes na celebração. 3. Após o en-
fado, cantar a música/leitura da epi-
fania, se não houver o tempo para cantar,
dadas frases de uma página 4.

Ritos Iniciais

1 CANTO DE ABERTURA
Cf. Livro 9, N.º 10 — Paulo

Ele que veio o Senhor dos senhores,
em suas mãos, o poder e a realeza (bis).

1. Daí ao rei vossas podereis, Senhor
Deus, / vossa justiça ao descendere
da realeza! / Com justiça ele governe o
vosso povo, / com equidade ele julgue
os vossos pobres.

2. Libertará o indigente que suplica / e
o pobre ao qual ninguém quer ajudar,
/ Todos os povos serão nele abençoa-
dos, / todos as gentes cantarão o seu
glória!

3. Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo
Espírito, / como era no princípio, agora
e sempre.

2 ACOLIDA
Sugestões na presidente da celebração

A exemplo dos magos, venho acor-
dar e adorar o Salvador da humani-
dade. A solenidade da Epifania nos
faz conhecer a glória de Cristo, a qual
se manifesta como luz na vida de ho-
mens e mulheres que se abrem aos
planos divinos e se põem em busca

de unidade, justiça e paz. Celebremos
o mistério de Deus, que se revela
na pessoa do Jesus.

3 ATO PENITENCIAL (ver assembleia)

O presidente abençoa a água

PR: O Deus, donamai vossa bênção
☩ sobre esta água, que será asper-
gida sobre nós, para que ela nos pro-
teja neste dia que vos é consagrado.
Renovai em nós a fonte viva do vosso
graça, a fim de que nos livre de todos
os males e possamos nos aproximar
de vos com o coração puro e receber
a vossa salvação. Que esta água nos
lave e nos purifique de nossos pecca-
dos e nos torne novas criaturas. Por
Cristo, nosso Senhor. **AS: Amém!**

Quanto a aspersão, a assembleia canta
Cf. Livro Paulo, 6, N.º 11 — Paulo

Bem-aventurado em Cristo, / somos uma no-
va criatura, / As coisas antigas já se
passaram, / somos nascidos de novo,
/ Aqueles, céuis, aleluia!
(Repetir esta leitura a aspersão.)

FR: Que Deus todo-poderoso nos pu-
rifique dos nossos pecados e, pela ce-
lebração desta Eucaristia, nos torne
dignos do mesa de seu reino.

AS: Amém!

4 GLÓRIA (ver texto)

Cf. Livro Remem. de Corinto, 2, An-
tonio e Diogo e Luciano, N.º 15 — Paulo

1. Glória a Deus nos céus, / paz na
terra a seus amados, / e não houve, no
começo, / as que foram libertadas.

2. Deus e Pai, não vos louvamos, /
adoramos, bendizemos, / damos glória

ao vosso nome, / vós sois dora agrade-
cermos.

3. Senhor nosso, Jesus Cristo, / único-
do Pai, / vós, de Deus Pai e do santo,
/ nossas culpas perdoar.

4. Vós, que estais junto do Pai / como
nosso intercessor, / acolhei nossas pe-
didos, / estendei nosso clamor.

5. Vós, sempre ao Pai, / o Altissi-
mo, o Senhor, / com o Espírito divino,
/ da Deus Pai no esplendor. **Amém!** (10x)

5 ORAÇÃO DO DIA

PR: Ó Deus, que hoje revelastes o
vosso Filho às nações, guardai-as
pela estreta, conceder aos vossos
servos e servas, que já vos confe-
saram pela fé, contemplar vos um dia
face a face no céu. Por nosso Senhor
Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade
do Espírito Santo. **AS: Amém!**

Liturgia da Palavra

6 I LEITURA (Is 60, 1-6)

Leitura do Livro do Profeta Isaías. —
"Levanta-te, acende as luzes, Jerusa-
lém, porque chegou a tua luz, apare-
ceu sobre ti a glória do Senhor. "Eis
que está a terra envolvida em trevas,
e nuvens escuras cobrem os povos,
mas sobre ti apareceu o Senhor e
sua glória já se manifesta sobre ti. "Os
povos caminham à tua luz, e os reis,
ao clarear de tua aurora. "Levanta os
olhos ao redor e vê: todos se reúnem
e vieram a ti: tus filhos vêm chegando
de longe com tuas filhas, carregadas
nos braços. "Ao vê-los, fozes radian-
te, com o coração vibrando e latendo
forte, pois com eles virão as riquezas
de além-mar e mostrarão o poderio
de suas nações. "Vem uma multidão
de camélos e dromedários de Maçã e
Etiópia cobrir, virão todos os de Seta,
trazendo ouro e incenso e proclamando
a glória do Senhor. — Palavra do
Senhor. **AS: Graças a Deus!**

[1]

ORACÃO RESPONSÓRIA 71 (72)
1998 (2 - Paulo)

As nações de toda a terra hão de adorar-vos, ó Senhor!



1. Daí ao rei vossos poderes, Senhor Deus, / vossa justiça ao descendente da realza! / Com justiça ele governa o vosso povo, / com equidade ele julga os vossos pobres.
2. Nos seus dias, a justiça florirá / e grande paz, até que a lua perca o brilho! / De mar a mar estenderá o seu domínio, / e desde o rio até os confins de toda a terra!
3. Os reis de Tarsis e das ilhas hão de vir / e oferecer-lhe seus presentes e seus dons; / e também os reis de Seba e de Sabá / hão de trazer-lhe oferendas e tributos. / Os reis de toda a terra hão de adorá-lo, / e todas as nações hão de servi-lo.
4. Libertará o indigente que suplica / e o pobre ao qual ninguém quer ajudar. / Terá pena do indigente e do infeliz / e a vida dos humildes salvará.

8 LEITURA (Ef 2,2-3a.5-6)

Leitura da Carta de São Paulo aos Efésios. — Irmãos, / se ao menos subestésseis da graça que Deus me concedeu para realizar o seu plano a vosso respeito / e como, por revelação, / tive conhecimento do mistério. / Esse mistério, Deus não o fez conhecer aos homens das gerações passadas, mas ataba de o revelar agora, pelo Espírito, aos seus santos apóstolos e profetas: / os pagãos são admitidos à mesma herança, são membros do mesmo corpo, são associados à mesma promessa em Jesus Cristo por meio do evangelho. — Palavra do Senhor.

AS: Graças a Deus!

9 EVANGELHO (Mateus 2,1-12)

Aleluia, aleluia, aleluia.

Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorar o Senhor.

PR: Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

AS: Glória a vós, Senhor!

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, perguntando: "Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo". Ao saber disso, o rei Herodes ficou perturbado, assim co-

mo toda a cidade de Jerusalém. Reunindo todos os sumos sacerdotes e os mestres da lei, perguntava-lhes onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: "Em Belém, na Judéia, pois assim foi escrito pelo profeta: "E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um chefe que vai ser o pastor de Israel, o meu povo".

Então Herodes chamou em segredo os magos e procurou saber deles cuidadosamente quando a estrela lhe apareceu. Depois os enviou a Belém, dizendo: "Ide e procurai obter informações exatas sobre o menino. E, quando o encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-lo". Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até parar sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os magos sentiram uma alegria muito grande. Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajeitaram-se diante dele e o adoraram. Depois abriram seus cofres e lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, retomaram para a sua terra, seguindo outro caminho. — Palavra da salvação.

AS: Glória a vós, Senhor!

10 PROFISSÃO DE FE (Mateus 28,18-20)

PR: Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra; 1) e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, 2) que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; 1) nasceu da Virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, 2) foi crucificado, morto e sepultado; 1) desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; 2) subiu aos céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, 1) donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. 2) Creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica, 1) na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, 2) na ressurreição da carne, na vida eterna. **AS: Amém!**

11 PRECES DA ASSEMBLEIA

PR: Irmãos e irmãs, com confiança peçamos ao Salvador de todos os povos que acolha nossas preces comunitárias, dizendo:

AS: Ilumina e salva, Senhor, vosso povo!

1. Rei da glória, que atraíste os magos para vos adorar, dai à vossa Igreja nrastrs com espírito de ado-

ração e de generosidade, nós vos pedimos.

2. Rei das nações, que quereis reunir na paz toda a humanidade, fazei que os governantes conduzam vosso povo com justiça e auxiliem os pobres a se libertarem de suas carências, nós vos pedimos.

3. Rei da justiça, que vistes socorrer os esquecidos do mundo, socorrei os que vivem infelizes e aflitos, nós vos pedimos.

4. Príncipe da paz, que estabeleceis a concórdia e a harmonia na terra, tornai-nos instrumentos e defensores da vossa paz, nós vos pedimos.

5. Senhor dos vivos e dos mortos, que sois nosso Deus, concedei a nossos irmãos e irmãs falecidos participar das maravilhas da vossa salvação, nós vos pedimos.

Nota: Haver outras preces da comunidade.

PR: Senhor Jesus Cristo, acolhei as preces que vos dirigimos o fazei que, iluminados pela vossa luz, percorramos os caminhos da verdade, da paz e da justiça. Vós, que viveis e reinais para sempre. **AS: Amém!**

Liturgia Eucarística



Nossa assembleia reune a eplisia da Igreja na sua diversidade e unidade. Damos graças ao Pai por termos recebido o conhecimento do mistério que ele manifestou em Jesus.

12 PREPARAÇÃO DAS OFERENDAS

(Cf. Lucas 11,32-33)

1. Nas terras do Oriente, / surgiu dos céus uma luz / que vem brilhar sobre o mundo / e para Deus nos conduz.

Nasceu Jesus salvador / aleluia, aleluia!

/ E eis o Cristo Senhor / aleluia, aleluia!

2. Nascou nos hoje um menino, / um filho que nos foi dado, / E grande e tão pequenino, / Deus forte é ele chamado.

3. Cantai, com muita alegria, / que grande amor Deus nos tem! / Pequeno, pobre, escondido, / nasceu por nós em Belém.

PR: Ora, irmãos e irmãs...

AS: Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício...

13 SOBRE AS OFERENDAS

PR: Ó Deus, sabei com bondade as oferendas da vossa Igreja, que não mais vos apresenta ouro, incenso e mirra, mas o próprio Jesus Cristo, imolado e recebido em comunhão nos dons que o simbolizam. Por Cristo, nosso Senhor. **AS: Amém!**

14 ORAÇÃO EUCARÍSTICA I

Prefácio: Cristo, luz dos povos (Missal, páginas 413/469)

PR: Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso. Revelastes, hoje, o mistério de vosso Filho como luz para iluminar todos os povos no caminho da salvação. Quando Cristo se manifestou em nossa carne mortal, vós nos recriastes na luz eterna de sua divindade. Por essa razão, agora e sempre, nós nos unimos aos anjos e a todos os santos, cantando (dizendo) a uma só voz:

AS: Santo, santo, santo...

PR: Pai de misericórdia, a quem sobem nossos louvores, nós vos pedimos por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, que abençoeis estas oferendas apresentadas ao vosso altar.

AS: Abençoaí nossa oferenda, ó Senhor!

PR: Nós as oferecemos pela vossa Igreja santa e católica: concedei-lhe paz e proteção, unindo-a num só corpo e governando-a por toda a terra. Nós as oferecemos também pelo vosso servo o papa (...), por nosso bispo (...) e por todos os que guardam a fé que receberam dos apóstolos.

AS: Conservai a vossa Igreja sempre unida!

PR: Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos e filhas (...) e de todos os que circundam este altar, dos quais conhecéis a fidelidade e a dedicação em vos servir. Eles vos oferecem conosco este sacrifício de louvor por si e por todos os seus e elevam a vós as suas preces para alcançar o perdão de suas faltas, a segurança em suas vidas e a salvação que esperam.

AS: Lembrai-vos, ó Pai, de vossos filhos!

PR: Em comunhão com toda a Igreja, celebramos o dia santo em que vosso Filho único, convosco eterno em vossa glória, manifestou-se visivelmente em nossa carne. Veneramos também a Virgem Maria e seu esposo, são José, os santos apóstolos e mártires: Pedro e Paulo, André e todos os vossos santos. Por seus méritos e preces, concedei-nos sem cessar a vossa proteção.

AS: Em comunhão com toda a Igreja, aqui estamos!

PR: Recebei, ó Pai, com bondade, a oferenda dos vossos servos e de toda a vossa família; dai-nos sempre a vossa paz, livrai-nos da condenação e acolhei-nos entre os vossos eleitos.

Estendendo as mãos sobre as oferendas:

PR: Dignai-vos, ó Pai, aceitar e santificar estas oferendas, a fim de que se tornem para nós o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso.

AS: Santificai nossa oferenda, ó Senhor!

PR: Na noite em que ia ser entregue, ele tomou o pão em suas mãos, elevou os olhos a vós, ó Pai, deu graças e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo:

**TOMAI, TODOS, E COMEI:
ISTO É O MEU CORPO,
QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.**

Do mesmo modo, ao fim da ceia, ele tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente e o deu a seus discípulos, dizendo:

**TOMAI, TODOS, E BEBEI:
ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE,
O SANGUE DA NOVA E ETERNA
ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO
POR VÓS E POR TODOS
PARA REMISSÃO DOS PECADOS.
FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.**

Eis o mistério da fé!

**AS: Anunciamos, Senhor,
a vossa morte e proclamamos
a vossa ressurreição.
Vinde, Senhor Jesus!**

PR: Celebrando, pois, a memória da paixão do vosso Filho, da sua ressurreição dentre os mortos e gloriosa ascensão aos céus, nós, vossos servos e também vosso povo santo, vos oferecemos, ó Pai, dentre os bens que nos destes; o sacrifício perfeito e santo, pão da vida eterna e cálice da salvação.

**AS: Recebei, ó Senhor,
a nossa oferta!**

PR: Recebei, ó Pai, esta oferenda, como recebestes a oferta de Abel, o sacrifício de Abraão e os dons de Melquisedeque. Nós vos suplicamos que ela seja levada à vossa presença, para que, ao participarmos deste altar, recebendo o Corpo e o Sangue de vosso Filho, sejamos repletos de todas as graças e bênçãos do céu.

**AS: Recebei, ó Senhor,
a nossa oferta!**

PR: Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos e filhas (...) que partiram desta vida, marcados com o sinal da fé. A eles e a todos os que adormeceram em Cristo concedei a felicidade, a luz e a paz.

**AS: Lembrai-vos, ó Pai,
dos vossos filhos!**

PR: E a todos nós, pecadores, que confiamos na vossa imensa misericórdia,

concedei, não por nossos méritos, mas por vossa bondade, o convívio dos apóstolos e mártires: João Batista e Estêvão, Matias e Barnabé e todos os vossos santos. Por Cristo, Senhor nosso.

AS: Concedei-nos o convívio dos eleitos!

PR: Por ele não cessais de criar e santificar estes bens e distribuí-los entre nós.

Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre.

AS: Amém!

15 PAI-NOSSO (como de costume)

PR: Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje a vossa paz. Ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos, enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a vinda do Cristo salvador.

AS: Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre!

PR: Senhor Jesus Cristo, dissestes aos vossos apóstolos: "Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz". Não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima vossa Igreja; dai-lhe, segundo o vosso desejo, a paz e a unidade. Vós, que sois Deus, com o Pai e o Espírito Santo. **AS: Amém!**

PR: A paz do Senhor esteja sempre convosco!

AS: O amor de Cristo nos uniu!

Se for oportuno, o presidente convida para o abraço da paz.

AS: Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo...

PR: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarà nas trevas, mas terá a luz da vida. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

AS: Senhor, eu não sou digno/a...

16 CANTO DE COMUNHÃO

(CD: CANTOS DO EVANGELHO, VOLUME 1, faixa 15 - Paulus)

Nós vimos a estrela do Senhor no Oriente / e vimos com presentes adorar nosso Senhor!

1. Dai ao rei vossos poderes, Senhor Deus! / Vossa justiça ao descendente da realeza! / Com justiça ele governe o vosso povo, / com equidade ele julgue os vossos pobres.

2. Este rei defenderá os que são pobres, / os filhos dos humildes salvará, / tanto tempo quanto o sol há de viver, / quanto a lua através das gerações!

3. Virá do alto, como o orvalho sobre a relva, / como a chuva que irriga toda a

ANEXO 4

Folheto – Terço de Santos Reis



“Terço de Santos Reis”

No primeiro mistério contemplamos como a Estrela do Oriente apareceu aos Reis Magos e lhes serviu de guia no caminho a Belém, ao encontro do Menino Jesus.

- Reflexão: Que Deus nos dê sabedoria e saúde para sempre seguirmos a estrela da verdade para que nunca desistamos de buscar Jesus Cristo!
- Pai Nosso... Ave Maria...

No segundo mistério contemplamos como a Estrela do Oriente perdeu o seu brilho ao chegar em Jerusalém, e os Reis Magos, confusos, procuraram informações no palácio de Herodes.

- Reflexão: Que Deus nos desvie dos maus caminhos e afaste de nós atitudes e pensamentos ruins para evitarmos o males do inferno que destroem nossa fé!
- Pai Nosso... Ave Maria...

No terceiro mistério contemplamos como a Estrela ressurgiu após os Reis Magos terem passado por Jerusalém, e seguia diante deles, até que chegando parou sobre o lugar onde estava o Menino Jesus.

- Reflexão: Que Deus sempre nos dê uma segunda chance de continuarmos no caminho da verdade em busca da vida, pois, somos falhos e pecadores em nossa essência, mas somos verdadeiramente filhos de Deus!
- Pai Nosso... Ave Maria...

No quarto mistério contemplamos como os Reis Magos entraram na casa onde estava o Menino Jesus com sua Mãe e prostrando-se O adoraram e abrindo seus tesouros ofereceram como presentes ouro, incenso e mirra.

- Reflexão: Que Deus, em sua bondade infinita, pela intercessão da Virgem Maria, nos dê oportunidade de sempre louvar o Menino Jesus oferecendo tudo o que temos de mais importante!
- Pai Nosso... Ave Maria...

No quinto mistério contemplamos como os Reis Magos foram avisados por divinas revelações para que não voltassem a Herodes, seguindo para sua terra por outro caminho.

- Reflexão: Que Deus venha sempre ao nosso encontro nos dar discernimento para que possamos entender sua palavra, mensagem e orientação para nosso próprio bem e de nossa família.
- Pai Nosso... Ave Maria...

**Na última quinta-feira de cada mês em
Palmital - SP! Compareça! Viva Santos Reis!**